



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ARIANE CARDOSO DOS SANTOS-IKEUCHI

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO OESTE DE SÃO
PAULO**

VOLUME I

Londrina
2014

ARIANE CARDOSO DOS SANTOS-IKEUCHI

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO OESTE DE SÃO
PAULO**

VOLUME I

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera.

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S237a	<p>Santos-Ikeuchi, Ariane Cardoso dos. Atlas linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo / Ariane Cardoso dos Santos-Ikeuchi. – Londrina, 2014. 2 v. : il.</p> <p>Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2014. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Língua portuguesa – Dialetos – São Paulo, Oeste (Estado) – Teses. 2. Dialetologia – Teses. 3. Sociolinguística – Teses. 4. Geografia lingüística – Teses. I Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p>CDU 806.90(815.6)-087.9</p>
-------	---

ARIANE CARDOSO DOS SANTOS-IKEUCHI

ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO OESTE DE SÃO PAULO

VOLUME I

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera
UEL – Londrina – PR

Prof.^a Dr.^a Sílvia Figueiredo Brandão
UFRJ – Rio de Janeiro – RJ

Prof.^a Dr.^a Fabiane Cristina Altino
UEL – Londrina – PR

Londrina, 10 de fevereiro de 2014.

Para meu esposo e companheiro Alexandre Haruo. Para as minhas mães, Maria e Iracema. Para minhas irmãs Ariele e Vanessa. Para as amigas Priscila Martinelli, Greize Silva, Eloisa Elena. Todos companheiros de vida, caminhada e do fazer dialetológico. De certa forma, co-autores deste trabalho.

*Quando olhei a terra ardendo
qual fogueira de São João
eu perguntei a Deus do céu
Porque tamanha judiação?*
(Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é resultado apenas de um esforço individual. O ALTOSP nasceu dos conhecimentos que colhi na minha trajetória acadêmica e atuação no Projeto ALiB. Tenho consciência de que não é possível listar todos que contribuíram para este resultado, contudo expressarei minha gratidão aos que contribuíram diretamente.

Agradeço a orientadora desse trabalho, professora Vanderci de Andrade Aguilera, que se dedicou à minha formação desde a iniciação científica. Ensinou-me o fazer científico não apenas pela teoria, mas, sobretudo, por suas atitudes. Aprendi que para se “enveredar” pelo caminho da dialetologia é necessário primeiramente respeito ao ser humano: aos que estão envolvidos no trabalho presente, aos que um dia poderão consultar nosso trabalho, aos que nunca consultarão e a nós mesmos. Aprendi o essencial, que *“ninguém vale pelo que sabe, mas pelo que faz com aquilo que sabe”*.

Agradeço meu marido e companheiro que desde o período da iniciação científica esteve envolvido sendo o maior incentivador dos meus trabalhos. Obrigada, pela ajuda acadêmica, cartografiação, tabulação dos dados, companhia nas viagens, e obrigada principalmente, por acreditar em mim.

Agradeço minha irmã Ariele, que também sempre esteve ao meu lado. Que se esforçou para entender um pouquinho de dialetologia e assim poder me compreender melhor. Obrigada pela ajuda logística com veículo para coleta de dados e pela cumplicidade em todas as etapas deste trabalho.

Agradeço minha mãe Maria, nossa motorista oficial na cidade de Rancharia. Obrigada por ter me mostrado o caminho, não no real sentido da palavra, mas, no sentido essencial do que é “caminho”. A minha mãe Iracema pelos lanchinhos preparados para as viagens. Ao meu tio Francisco e a minha madrinha Albertina, agradeço pela hospedagem na coleta de dados em Rancharia e pelo carinho.

Aos animais de estimação Yuki e Bartolomeu, pelo companheirismo. Afinal de contas, não deve ser muito legal passar oito horas por dia embaixo de uma escrivaninha.

Um agradecimento especial merece ser feito a Greize Silva e Eloisa Elena. Este trabalho não teria sido desenvolvido sem o auxílio dessas amigas.

Inquiridoras e companheiras de viagens, hora de carro, hora de ônibus, rodoviárias por aí, hotéis sem nenhuma estrela, procura de informantes a pé o dia todo. Enfim, verdadeiras amigas e dialetólogas.

Obrigada a Ana Paula Puzzinatto que transcreveu as entrevistas com cuidado que vai além de uma transcritora experiente e ao amigo Ivã Munhoz pela confecção da base para elaboração das cartas linguísticas.

Gratidão ao professor Harald Thun pela orientação cuidadosa e paciente prestada na delimitação do perfil do informante e da rede de pontos.

Agradeço profundamente os amigos: Kika Milani, Rosa de Santana Belli Rodrigues, Priscilla Martinelli, Valter Romano, Anna Chierotti, Daniele Pastorelli, Joyce Lourenço, Lilian Cursino, que de alguma forma contribuíram para este resultado.

Agradeço os intermediadores da coleta de dados, em especial ao professor Lude que em Rancharia nos socorreu de forma imediata.

Meu reconhecimento e profundo agradecimento aos informantes que dividiram conosco suas histórias e tornaram possível este trabalho.

Agradeço a professora Dircel pela contribuição prestada no SEDATA. As professoras Adja Durão e Aparecida Negri Isquerdo que muito contribuíram na qualificação deste trabalho.

A banca examinadora, professoras Fabiane Altino e Silvia Brandão por terem se disposto a examinar e trazer contribuições para nosso estudo.

Agradeço a Universidade Estadual de Londrina e ao Departamento de Pós Graduação em Estudos da Linguagem.

A CAPES, pela contribuição financeira com a concessão de bolsa auxílio à pesquisa científica com vigência de doze meses.

Finalmente, agradeço a Deus por ter me possibilitado encontrar todas as pessoas citadas. Por ter permitido que eu retomasse, em seu tempo, minha trajetória acadêmica.

SANTOS-IKEUCHI Ariane Cardoso dos. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Estado de São Paulo**. 364 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Esta Dissertação tem por objetivo geral registrar aspectos lexicais do português brasileiro, observados na fala de usuários naturais da região Oeste de São Paulo filhos de nordestinos. Especificamente, objetivamos: (i) construir um Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste Paulista que permita verificar as possíveis influências que falantes da região Nordeste do país exerceram durante o processo de migração ocorrido na região Oeste do Estado de São Paulo, sobre a língua portuguesa falada na região; (ii) fazer o cruzamento dos dados obtidos em nossa pesquisa com os Atlas já publicados na região Nordeste, sendo eles respectivamente, Atlas prévio dos falares baianos – APFB, Atlas linguístico da Paraíba – ALPB, Atlas linguístico de Sergipe – Volume I – ALS I e Atlas linguístico de Sergipe – Volume II – ALSII. Este estudo insere-se no campo da Dialetoлогия Pluridimensional, pois descreve a língua tanto em seu eixo horizontal, ou seja, diatópico, levando em conta a variação no espaço geográfico, quanto vertical, isto é, considerando aspectos sociais dos falantes. Sabendo-se da especificidade da região estudada com relação a intensa migração, sobretudo nordestina nos anos de 1950 a 1980, incluímos à dimensão diatópica o parâmetro topodinâmico. Dessa forma, verificamos em nossa pesquisa um baixo índice de conhecimento da linguagem nordestina pelos filhos dos migrantes. Acreditamos que isto possa estar ligado a fatores externos à língua como preconceito social e linguístico sofrido pelo povo nordestino, fato registrado nas entrevistas especificamente nas questões metalinguísticas.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Atlas linguístico. Geolinguística. Sociolinguística. Topodinâmica.

SANTOS-IKEUCHI Ariane Cardoso dos. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Estado de São Paulo**. 364 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

This research has the aim to register some lexical aspects of Brazilian Portuguese spoken by northeastern children who live in west São Paulo. Our goal is to: build a linguistic topodynamic map of west São Paulo that let verify if there is some influences of northeastern native speakers from Brazil, those may happened during the migration process, when some of northeastern population come to west, in this work we search only in São Paulo city; we search the Portuguese used in São Paulo; (ii) we will also do the interlacement obtained in our research into the published Linguistic maps of Northeastern, Atlas prévio dos falares baianos - APFB, Atlas linguístico da Paraíba – ALPB, Atlas linguístico de Sergipe – Volume I – ALS I e Atlas linguístico de Sergipe – Volume II – ALSII. This study is in Dialectology pluridimensional, because describes the language horizontal, consider geographic particulars, and vertical, consider social issues of speakers. Moreover, the migration specificities to west São Paulo, especially the northeast (1950 – 1980), we include the topodynamic parameter to the diatopic dimension. Yet, we verify a low index of northeast language knowledge of the population we study. We believe that may be connected with some outside factors, but the language, as social and linguistic prejudice of northeast native and their language, we notice it during the recording interviews, especially about the metalinguistic issues.

Palavras-chave: Dialectology. Linguistic map. Geolinguistic. Sociolinguistic. Topodynamic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imigração no Brasil (1820 – 1975).....	17
Figura 2 – Unidades geomorfológicas do Estado de São Paulo.....	22
Figura 3 – Biodiversidade paulista.....	24
Figura 4 – Distribuição hidrográfica do Estado de São Paulo.....	25
Figura 5 – Primeira divisão territorial do Estado de São Paulo.....	29
Figura 6 – Divisão territorial em 1920.....	29
Figura 7 – Divisão territorial em 1940.....	30
Figura 8 – Divisão Territorial em 1950.....	30
Figura 9 – Migração interna da década de 1950-60.....	34
Figura 10 – Perda e ganho de migrantes.....	37
Figura 11 – Divisão dos falares brasileiros proposta por Antenor Nascentes.....	42
Figura 12 – Município de Andradina no Estado de São Paulo.....	60
Figura 13 – Município de Adamantina no Estado de São Paulo.....	62
Figura 14 – Município de Rancheira no Estado de São Paulo.....	63
Figura 15 – Município de Presidente Epitácio no Estado de São Paulo.....	65
Figura 16 – Distribuição dos informantes da primeira faixa etária.....	68
Figura 17 – Distribuição dos informantes da segunda faixa etária.....	69
Figura 18 – Procedência geográfica do pai.....	70
Figura 19 – Procedência geográfica da mãe.....	70
Figura 20 – Esquema de apresentação das respostas nas cartas lingüísticas.....	73
Figura 21 – Variantes Coincidentes entre o APFB e o ALTOSP.....	78
Figura 22 – Distribuição por localidade das variantes coincidentes entre o APFB e o ALTOSP.....	78
Figura 23 – Variantes Coincidentes entre o ALPB e o ALTOSP.....	79
Figura 24 – Distribuição por localidade das variantes coincidentes entre o ALPB e o ALTOSP.....	80
Figura 25 – Variantes Coincidentes entre o ALS I e o ALTOSP.....	81
Figura 26 – Distribuição por localidade das variantes coincidentes entre o ALS I e o ALTOSP.....	81
Figura 27 – Variantes Coincidentes entre o ALS II e o ALTOSP.....	82
Figura 28 – Distribuição por localidade das variantes coincidentes entre o ALS II e o ALTOSP.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – População estimada, no século XVI, de grupos indígenas selecionados, já extintos.....	16
Quadro 2 – Coordenadas Geográficas dos pontos extremos do Estado de São Paulo	21
Quadro 3 – Crescimento populacional nos núcleos das regiões metropolitanas: 1970 – 1991	32
Quadro 4 – Evolução da população urbana no Brasil: 1940 – 1980.....	37
Quadro 5 – Dimensões e parâmetros lingüísticos	43
Quadro 6 – Metodologia Adotada pelos Atlas Concluídos no Brasil.....	53
Quadro 7 – Campos do Questionário Semântico-Lexical	66
Quadro 8 – Cartas coincidentes ALTOSP e Atlas da Região Nordeste	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
APFB	Atlas Prévio dos falares Baianos
ALS I	Atlas Linguístico de Sergipe I
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
ADDU	Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai
ALTOSP	Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos
INF	Informante
INQ	Inquiridor

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O ESTADO DE SÃO PAULO	21
2.1	ASPECTOS FÍSICOS E AMBIENTAIS	21
2.1.1	Extensão e Posição Geográfica.....	21
2.1.2	Clima e Relevo.....	21
2.1.3	Fauna e Flora.....	22
2.1.4	Hidrografia	24
2.1.5	Estradas de Ferro	25
2.2	UM BREVE HISTÓRICO DO ESTADO DE SÃO PAULO	27
2.3	DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA ATUAL.....	30
3	O FLUXO MIGRATÓRIO PARA O ESTADO DE SÃO PAULO	32
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	39
4.1	GEOGRAFIA LINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL	39
4.2	DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL: DIMENSÃO TOPODINÂMICA	42
4.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	46
4.3.1	Atlas Concluídos no Brasil	46
4.3.1.1	Atlas prévio dos falares baianos – APFB (ROSSI, 1963).....	46
4.3.1.2	Esboço de um atlas linguístico de minas gerais – EALMG (RIBEIRO et al., 1977)	47
4.3.1.3	Atlas linguístico da paraíba – ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984)	48
4.3.1.4	Atlas linguístico de sergipe – ALSE (FERREIRA et al., 1987, v. 1; CARDOSO, 2005, v. 2)	48
4.3.1.5	Atlas linguístico do paraná – ALPR (AGUILERA, 1994, v. 1; ALTINO, 2007, v. 2)	49
4.3.1.6	Atlas linguístico-etnográfico do sul do brasil – ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002).....	50
4.3.1.7	Atlas linguístico sonoro do pará – ALISPA (RASKY, 2004)	51
4.3.1.8	Atlas linguístico do amazonas – ALAM (CRUZ, 2004).....	51

4.3.1.9	Atlas linguístico do estado do ceará – ALECE (BESSA, 2010).....	52
4.3.2	Atlas linguísticos em andamento	54
4.3.2.1	Atlas linguístico do brasil – ALiB	54
4.3.2.2	Atlas linguístico do estado de são paulo – ALESP – um atlas em andamento?	55
4.3.2.3	Atlas linguístico do rio grande do norte – ALiRN.....	56
4.3.2.4	Atlas linguístico do maranhão – ALiMA.....	56
4.3.2.5	Atlas linguístico do espírito santo.....	56
4.3.2.6	Atlas linguístico de rondônia	56
4.3.2.7	Atlas linguístico de pernambuco	57
4.3.2.8	Atlas linguístico do amapá – ALAP	57
4.3.2.9	Atlas etnolinguístico de alagoas.....	57
5	METODOLOGIA ADOTADA	58
5.1	REDE DE PONTOS.....	58
5.1.1	Andradina.....	59
5.1.2	Adamantina.....	60
5.1.3	Rancharia.....	62
5.1.4	Presidente Epitácio	63
5.2	QUESTIONÁRIO.....	65
5.3	PERFIL DOS INFORMANTES	67
5.4	A COLETA DOS DADOS.....	70
5.5	INFORMATIZAÇÃO, CATALOGAÇÃO, TRANSCRIÇÃO E REVISÃO DOS DADOS.....	72
5.6	CRITÉRIOS PARA A ELABORAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS	73
6	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	75
6.1	CONTRASTE DIACRÔNICO ENTRE OS DADOS LEXICAIS DO ALTOSP E DOS ATLAS PUBLICADOS NA REGIÃO NORDESTE	75
6.1.2	Contraste Diacrônico com Atlas Prévio dos Falares Baianos	77
6.1.3	Contraste Diacrônico com Atlas Linguístico da Paraíba	79
6.1.4	Contraste Diacrônico com Atlas Linguístico de Sergipe I.....	80
6.1.5	Contraste Diacrônico com Atlas Linguístico de Sergipe II.....	81

CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS	91
ANEXO A – Carta das Estradas de Ferro da Província de São Paulo	92
ANEXO B – Planta Geral das Estradas da Ferro das Províncias Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais	93
ANEXO C – Regiões Administrativas e Metropolitanas do Estado de São Paulo	94
ANEXO D – Questionários do Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo	95
ANEXO E – Ficha do Informante	113
ANEXO F – Ficha de Dados Migratórios	115

1 INTRODUÇÃO

É por meio da linguagem que os seres humanos buscam representar o mundo em que vivem, aquilo que sentem e o que pensam. A linguagem, portanto, por meio da língua expressa a cultura de um povo. Nas palavras de Monteiro (2000, p. 16), “a função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado, de transmitir informações sobre o falante constituem uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade.” Deste modo, podemos dizer que, para o estudo de uma língua, é imprescindível considerar fatores culturais e sociais. Dessa forma, para estudar a língua portuguesa falada no Brasil, independentemente do aspecto que será investigado, faz-se necessário considerar seus aspectos culturais e sociais. Sabemos, contudo, que não é possível abordar uma língua em todos seus aspectos, por isso este estudo limita-se a abordá-la no seu nível vernáculo, levando em conta vários fatores de ordem histórico-social como, por exemplo: idade, sexo, escolaridade e, principalmente, origem geográfica dos falantes e de seus pais.

Sobre esses fatores, e no que tange à ocupação de nosso território geográfico, podemos dizer que, durante um vasto período, tivemos um cenário linguístico bastante diversificado, já que o Brasil foi formado a partir de grandes fluxos imigratórios, apresentando, pois, uma grande diversidade cultural, social e, portanto, linguística. Essa “mistura linguística” faz de nossa língua um grande objeto de estudo a ser explorado sob diferentes eixos, ou seja, levando em conta inúmeros fatores externos que contribuem para a variação linguística, sobretudo os fatores históricos.

É importante considerar que o território nacional foi ocupado e povoado inicialmente a partir de pequenos arraiais. Esta ocupação deu-se, principalmente, devido à necessidade europeia de ampliar seu mercado comercial, o que exigiu dos europeus a busca de uma nova fonte de exploração. No século XVI, a ocupação do território brasileiro ocorreu apenas nas faixas litorâneas, onde se desenvolveram, nesse período, várias lavouras de cana-de-açúcar principalmente no Recôncavo Baiano. Foi também, nesse momento inicial de ocupação territorial, que teve início o extermínio indígena, que ocorreu tanto no aspecto físico quanto cultural, e, conseqüentemente, também linguístico.

O quadro seguinte mostra os dezenove grupos indígenas mais relevantes que sofreram tanto genocídio quanto etnocídio no século XVI.

Quadro 1 – População estimada, no século XVI, de grupos indígenas selecionados, já extintos

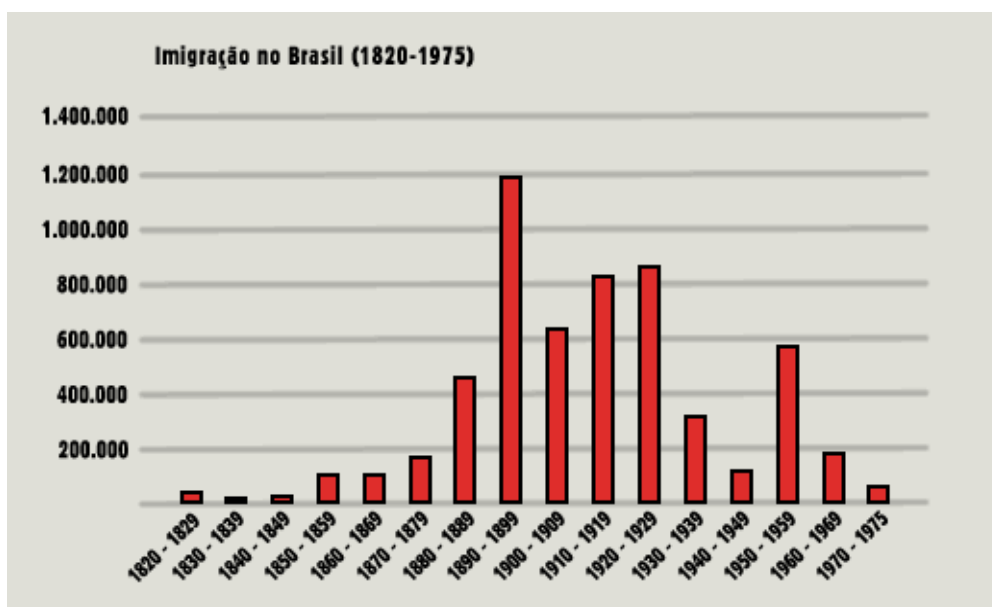
Grupos indígenas extintos	População original
Aimoré (Botocudo) (Ilhéus, Espírito Santo)	30000
Caeté (Costa Nordeste)	50000
Caeté (Minas Gerais)	30000
Canindé, Genipapo	20000
Carijó (São Paulo)	25000
Carijó (Paraná)	6000
Carijó (Rio Grande do Sul)	25000
Cariri, Caratiú, Icó, Panati, etc. (Interior Nordeste)	25000
Charrua (Rio Grande do Sul)	35000
Guarani (Mato Grosso do Sul)	25000
Omágua (rio Solimões)	20000
Potiguar (Costa Nordeste)	90000
Tamoio (Rio de Janeiro)	25000
Tamoio (Cabo Frio)	35000
Tucujú (Amapá)	...
Tupinambá de Cumá (Maranhão)	25000
Tupinambá do Recôncavo	85000
Tupiniquim (Ilhéus, Espírito Santo)	55000
Tupiniquim (São Paulo)	35000

Fonte: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 222.

Já no século XVII tiveram início as primeiras expedições de bandeirantes, as quais povoaram grande parte do território brasileiro principalmente nas extremidades do Rio Amazonas, São Francisco e também do sertão nordestino. Neste período houve a captura de nativos pelos portugueses para que pudessem então dar início às buscas por metais preciosos. Com a descoberta do ouro houve um grande aumento da população de imigrantes interessados na descoberta de riquezas. Somente no século XIX, a ocupação territorial deu-se também nos territórios do sul do país devido principalmente à cultura do algodão e do café. Este

período marca o início da mecanização e também da construção de ferrovias para o escoamento da produção, fator determinante para o fluxo migratório em todo o território. Pelos dados do gráfico seguinte (figura 1) é possível verificar que o fluxo migratório no país teve um salto expressivo entre 1880 e 1899, fato este que pode ser justificado devido ao fim da escravidão no Brasil em 1888, que levou os produtores rurais a buscarem mão de obra barata em diferentes países.

Figura 1 – Imigração no Brasil (1820 – 1975)



Fonte: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de povoamento. p.225

Devido a todos estes fatores de fluxo e movimentação social entre diferentes povos e línguas, entendemos que a língua portuguesa, particularmente, a falada no Brasil é, sem dúvida nenhuma, um grande acervo cultural e linguístico que precisa ser cuidadosamente investigado e descrito pela comunidade científica. Contudo, podemos dizer que sua descrição tem se realizado de forma mais “abrangente” somente nas últimas décadas, já que os estudos dialetológicos, embora tenham sido introduzidos no Brasil no início do século XX por Amadeu Amaral, com a obra *O dialeto caipira* (1920), e por Antenor Nascentes, com *O linguajar carioca* (1922), ganharam força nas universidades somente a partir de 1963 com a publicação do primeiro Atlas regional brasileiro o “Atlas Prévio dos Falares Baianos”, de Nelson Rossi. Outro fator importante e decisivo para este tipo de estudo em nosso país foi a implantação da disciplina de Linguística nos cursos de

Letras na década de 70. Sendo assim, podemos afirmar que o fato de os estudos dialetológicos terem se intensificado no Brasil somente nas últimas décadas, atrelado ao fato de os incentivos financeiros para este tipo de pesquisa ainda serem escassos, nos faz um país com uma descrição linguística ainda “preliminar”.

O fator determinante para a proposta de desenvolvimento de estudos dialetais no Oeste do Estado de São Paulo foi o trabalho realizado junto à equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), tanto na função de documentadora (entrevistadora) como na de transcritora e revisora das entrevistas gravadas *in loco*. Nessas oportunidades, foi possível verificar que a região Oeste trazia aspectos históricos e linguísticos interessantes, uma vez que era grande a dificuldade de encontrar informantes que preenchessem os requisitos essenciais definidos pelo ALiB, tais como serem nascidos e radicados na localidade em estudo, cujos pais fossem também da mesma região. Sabendo-se que foi intensa a migração, sobretudo nordestina, mineira e fluminense, durante os anos de 1950 a 1980, interessava-nos verificar até que ponto um Atlas, ao mesmo tempo topoestático e topodinâmico, pode apontar convergências e divergências quanto aos registros lexicais. Nesse sentido nossos dados que incluem a dimensão topodinâmica podem ser complementares aos dados do Projeto ALiB o qual é topoestático. Assim como foi realizado no ADDU, em que nas localidades onde havia histórico migratório além dos informantes topoestáticos também buscaram informantes topodinâmicos para que se registrasse o falar de grupos com mobilidade geográfica.

Nos primeiros trabalhos desenvolvidos no campo, como inquiridora do Projeto ALiB na referida região, foi possível observar a presença de algumas marcas de traços nordestinos no falar de seus moradores. Dessa observação inicial, vieram os questionamentos que pretendemos responder com o desenvolvimento deste estudo: (i) as marcas nordestinas se registram no nível lexical? (ii) essas marcas dependem de fatores extralinguísticos, como faixa etária, nível de escolaridade e sexo?; (iii) que atitudes os falantes mantêm diante das diferenças dos falares da região em relação às outras regiões linguísticas brasileiras?

Para o registro desses falares, a presente dissertação buscou descrever e tecer reflexões linguísticas associadas aos dados da história social do oeste de São Paulo, na perspectiva da Dialetologia pluridimensional, ou seja, como

definiram Elizaincín e Thun (1992, p. 128-129), contemplando pelo menos três dimensões em que se põe a variação linguística: a diatópica, a diastrática e a diafásica ou diarreferencial.

Em linhas gerais, objetivamos registrar aspectos lexicais do português brasileiro, observados na fala de usuários naturais da região Oeste de São Paulo. Especificamente, buscamos (i) construir um Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste Paulista que permita verificar as possíveis influências que falantes da região Nordeste do país exerceram durante o processo de migração ocorrido na região Oeste do Estado de São Paulo no período de 1940 a 1970, sobre a língua portuguesa falada na região; (ii) fazer o cruzamento dos dados obtidos em nossa pesquisa com os Atlas já publicados na região Nordeste, sendo eles respectivamente, Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB, Atlas Linguístico de Sergipe – Volume I – ALS I e Atlas Linguístico de Sergipe – Volume II – ALSII.

Nosso trabalho constitui-se de dois volumes: o primeiro, de caráter introdutório e o segundo, contendo as cartas lexicais. Por sua vez, o primeiro volume está dividido em 7 capítulos. No capítulo 2, buscamos fornecer dados sobre o Estado de São Paulo desde aspectos físicos ambientais que o constituem, como: posição geográfica; relevo, clima, hidrografia; e estradas de ferro até aspectos históricos e sociais como, por exemplo, sua divisão político-administrativa e população.

No capítulo 3, tratamos do fluxo migratório de nordestinos para o Estado de São Paulo, apresentando dados estatísticos desde o início do processo migratório mais intenso em nosso país até os dias atuais.

O capítulo 4, por sua vez, trata das bases teórico-metodológicas que nortearam a realização deste trabalho. Nele, apresentamos os principais teóricos da área, iniciando pela Dialectologia tradicional até a Dialectologia pluridimensional, e discutimos as bases para a elaboração de um Atlas topodinâmico. Também referimos os Atlas linguísticos já publicados e aqueles em andamento no Brasil; tecemos reflexões sobre os métodos de trabalho desenvolvidos nesses Atlas e o que isso reflete nos estudos atuais e, em particular, em nosso estudo.

No capítulo 5, apresentamos a metodologia adotada para a elaboração desta pesquisa. Nele, são pormenorizados os critérios para a definição

da rede de pontos, a adaptação do questionário, o perfil dos informantes, a coleta, a informatização, a transcrição e a revisão dos dados e, por fim, os critérios para a elaboração das cartas.

O capítulo 6 é dedicado à descrição e a algumas considerações sobre 32 cartas lexicais do ALTOSP, coincidentes com pelo menos um dos Atlas publicados na região Nordeste. Com estas considerações buscamos apresentar uma análise diacrônica dos dados coletados.

Encerrando o primeiro volume, temos as Considerações Finais, nas quais tecemos considerações sobre o trabalho realizado. Este trabalho conta, ainda, com uma seção de anexos.

O segundo volume, por sua vez, apresenta o produto final desta pesquisa: conta com uma breve apresentação de dados sobre as localidades e o perfil dos informantes, assim como três cartas introdutórias, sendo elas respectivamente: Rede de Pontos; Inquiridoras; número de habitantes por localidade de acordo com o censo demográficos de 2008 (IBGE), assim como, 116 cartas lexicais.

Estamos cientes de que esta dissertação representa apenas uma pequena parcela do que pode ser feito pelos estudos dialetais em nosso país. Além disso, entendemos que, por este ser o primeiro Atlas topodinâmico publicado em nosso país, poderá apresentar, como toda obra pioneira, algumas lacunas ou falhas que nossos olhos não puderam constatar neste primeiro momento de estudo.

2 O ESTADO DE SÃO PAULO

2.1 ASPECTOS FÍSICOS E AMBIENTAIS

Neste capítulo apresentamos informações de natureza: física; histórica e geográfica acerca da área investigada, o oeste do Estado de São Paulo, além de apresentarmos sua contextualização no Brasil e, sobretudo, sua relação com a região Nordeste.

2.1.1 Extensão e Posição Geográfica

O Estado de São Paulo está situado na região Sudeste do país, limítrofe com os Estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná e com o oceano Atlântico. Apresenta uma área de 248.808,8 km², sendo o Estado brasileiro com maior densidade demográfica, aproximadamente 135 habitantes por km². Ocupa uma posição geográfica bastante favorável, pois a leste limita-se com o oceano Atlântico, possibilitando, assim, o comércio marítimo, a pesca e o turismo.

O quadro seguinte, extraído do banco de dados do IBGE, expõe as coordenadas geográficas dos pontos extremos do Estado.

Quadro 2 – Coordenadas Geográficas dos pontos extremos do Estado de São Paulo

Pontos Extremos	Latitude	Longitude
Norte	19° 46' 45"	50° 28' 17'
Sul	25° 18' 43'	48° 05' 56"
Leste	22° 40' 40"	44° 09' 38"
Oeste	22° 36' 35"	53° 06' 35"

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE

2.1.2 Clima e Relevo

Segundo dados da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, a maior parte do Estado está localizada sobre a bacia hidrográfica do Rio

Paraná. Com relação ao clima, de acordo com o Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE, 2000), trata-se de uma região com clima tropical e chuvas variadas, com inverno seco e verão bastante quente. A temperatura média do Estado é de 16 a 18 graus e a pluviosidade média entre 1.000 e 1.400 mm.

De acordo com o Instituto Geológico, o relevo do Estado de São Paulo está subdividido em cinco unidades geomorfológicas, sendo elas respectivamente: i) Província Costeira: que inclui as baixadas litorâneas, as Serras do Mar, de Paranapiacaba e Itantins; ii) Planalto Atlântico: que compreende a faixa das rochas cristalinas que abrange a região sul do Estado até a região Nordeste, na divisa com o Estado de Minas Gerais; iii) Depressão Periférica: abrange a região que se estende desde o planalto Atlântico para o Oeste paulista, pelos vales do Médio Tiête, Paranapanema e Mogi-guaçu; iv) Cuestas Basálticas: que são formadas pelos remanescentes erosivos das camadas de rochas vulcânicas basálticas da Bacia do Paraná, na faixa que vai desde Ituverava e Franca a Nordeste, até Botucatu e Avaré a Sudoeste. A figura 2 ilustra a formação e o relevo do espaço paulista:

Figura 2 – Unidades geomorfológicas do Estado de São Paulo



Fonte: Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP

2.1.3 Fauna e Flora

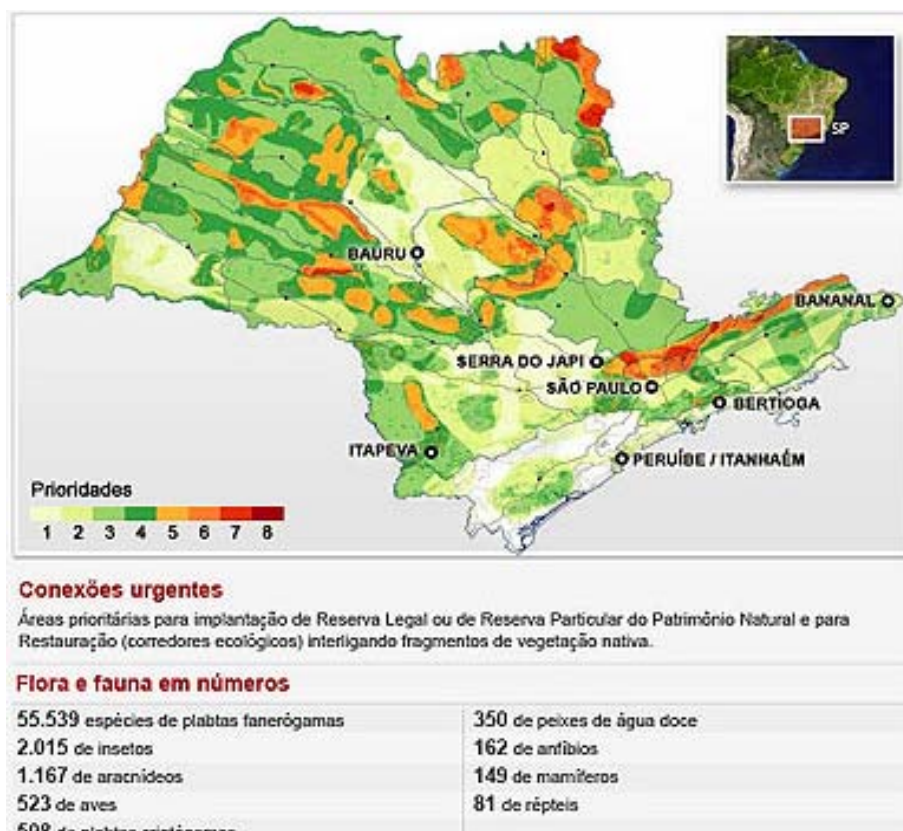
O Estado de São Paulo é formado, sobretudo, pela Mata Atlântica e pelo Cerrado. A importância desses ecossistemas foi reconhecida, recentemente, com suas inclusões na lista de regiões biologicamente mais ricas e ameaçadas do planeta, organizada pela Conservation International.

De acordo com o Inventário Florestal do Estado de São Paulo (KRONKA, MATSUKUMA, NALON, 1993), o Estado possui 13,4% de seu território de mata natural. Deste valor, aproximadamente 85% são classificados como mata e capoeira, já 9% como diferentes fisionomias do cerrado e 4% como várzea, restinga, mangue ou vegetação não classificada. Cerca de 60% da área remanescente de mata natural localiza-se na região litorânea.

Ainda de acordo com o Inventário Florestal (KRONKA, MATSUKUMA, NALON, 1993), houve, no período de 1962 a 1971, um decréscimo de 39,45% da cobertura vegetal natural do Estado; já de 1971 a 1990, este decréscimo foi um pouco menor, 29,20%. Em vista disso, podemos afirmar que a perda de vegetação de 1962 a 1990 foi de 57,13%, um índice bastante grande. Este fato pode estar ligado ao avanço industrial e econômico do Estado neste mesmo período.

No cenário recente, um dos principais problemas enfrentados para a conservação dos remanescentes florestais do Estado é sua extrema fragmentação. No cerrado, por exemplo, os remanescentes estão distribuídos em 8.353 fragmentos. A dificuldade de conservação da fauna paulista e o grande número de animais em perigo de extinção também refletem essa fragmentação do ambiente, pois, cerca de 60 espécies paulistas aparecem na lista de animais ameaçados de extinção do Brasil. A figura 3, do Instituto Florestal Biota, ilustra e traz números sobre a fauna e a flora do Estado de São Paulo.

Figura 3 – Biodiversidade paulista



Fonte: Instituto Florestal Biota

2.1.4 Hidrografia

Grande parte do território paulista está localizada sobre a bacia hidrográfica do Paraná. O Rio Paraná, com aproximadamente 2.940 km, nasce da junção dos rios Paranaíba e Grande, na divisa de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo. O Rio Paraná banha a cidade de Presidente Epitácio, um de nossos pontos de inquérito, sendo de fundamental importância para a economia local, baseada, sobretudo, no turismo de pesca e lazer.

O Estado utiliza seus principais rios como importantes fontes de energia. Estão instaladas no rio Tietê as usinas hidrelétricas de Promissão, Ibitinga, Bariri e Barra Bonita; já no rio Paranapanema temos a usina hidrelétrica de Chavantes, Rosana, Três Irmãos e Jurumirim, e no rio Grande as usinas de Estreito e Camargos. Além disso, os rios também representam um importante meio de transporte de cargas, já que a hidrovia Tietê-Paraná possui 2.400 km de extensão,

dos quais 800 km de vias navegáveis estão em águas paulistas. A figura a seguir mostra a distribuição geográfica desses rios no território paulista:

Figura 4 – Distribuição hidrográfica do Estado de São Paulo



Fonte: IBGE

2.1.5 Estradas de Ferro

De acordo com dados da Fundação SEADE, no século XIX, com o café se tornando um dos produtos mais importantes para a economia brasileira, teve início uma rápida expansão do cultivo em direção ao oeste paulista. As terras, ainda pouco povoadas, levaram o governo de São Paulo a instituir políticas para sua ocupação.

Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, idealizou o projeto de construção da primeira estrada de ferro paulista, propondo a superação da Serra do Mar e a ligação de Santos a Jundiaí. Empresas inglesas iniciaram, então, a construção da estrada de ferro brasileira e, como troca, exigiram do governo brasileiro o monopólio ferroviário da Serra do Mar, fundando-se a Railway Company, que dominava o trecho mais importante para o transporte de café. Por este motivo, a Companhia não tinha interesse em ampliar seus serviços para o interior paulista.

Os Barões do café e os produtores de algodão se uniram, então, para levar a malha ferroviária para o interior do Estado, mais especificamente para o

Oeste paulista. No entanto, devido a algumas divergências, essa união se desmembrou, formando-se dois grupos para atender a mesma região: a Ituana e a Sorocabana.

De acordo com dados do Ministério dos Transportes e da Agência Nacional de Transportes Terrestres, a estrada de ferro Sorocabana foi inaugurada em 1875, mas o alto custo de operação e a má administração levaram a enormes dívidas. Outro fator que contribuiu ainda mais para esta situação foi a crise do algodão, por volta de 1880. Nesse período, o governo do império interveio na administração com o propósito de administrar e fiscalizar as contas da Sorocabana, transferindo, neste período capital do país, a sede da empresa de São Paulo para o Rio de Janeiro.

Em dezembro de 1880, o banqueiro Mayrink assumiu o controle da Sorocabana, tendo como principal propósito a construção da estrada de ferro até o litoral para, assim, acabar com o monopólio da Companhia inglesa. A construção desses trilhos era essencial para a Sorocabana, já que permitia realizar o transporte do oeste paulista até o litoral sem depender da São Paulo Railway Company. No ano de 1892, a Sorocabana absorveu a Ituana, pondo fim, portanto, às rivalidades pelo transporte no interior.

Devido a diversos problemas financeiros, a Sorocabana foi tomada pelo governo em 1901 e, três anos depois, foi levada a leilão e adquirida pelo governo federal que, em seguida, a repassou para o Estado de São Paulo. Assim, em 1919, a Sorocabana voltou a ser do Estado de São Paulo, com o nome de Estrada de Ferro Sorocabana.

Em 1938 foi concluído o trecho que unia Mayrink a Santos, após 14 anos de obras difíceis que exigiram a participação de 41 empresas com 13 mil operários que construíram além dos 262 km de trilhos, 32 túneis, 18 viadutos e 100 muros de arrimo. Ainda hoje este trecho é bastante importante, atuando como um dos corredores de exportação dos produtos siderúrgicos e agrícolas produzidos em São Paulo, Minas Gerais e Goiás. O grande entusiasmo dos investidores pelo desenvolvimento automobilístico, que se instalava no Brasil, levou o governo a optar pelo transporte rodoviário, colocando, assim, o transporte ferroviário em segundo plano.

Em 1971, formou-se a Ferrovia Paulista S. A. (FEPASA) com a junção de todas as empresas estatais paulistas. O empenho na tentativa de reestruturação da empresa, porém, não foi suficiente para reverter o processo de decadência da malha ferroviária paulista. Em 1998, o governo do Estado de São Paulo entregou a FEPASA à União, como forma de acertar o pagamento das dívidas da empresa. Em novembro do mesmo ano as ferrovias federais foram privatizadas, buscando uma modernização dos serviços. A Ferrovia Bandeirantes S. A. (FERROBAN) foi a vencedora do leilão e, como primeira iniciativa, optou pelo encerramento do transporte de passageiros.

Julgamos de extrema importância a construção da estrada de ferro Sorocabana para o povoamento do oeste paulista, assim como para o fluxo migratório de nordestinos, já que grande parte dos operários que trabalhava nas obras de construção da malha ferroviária paulista veio, segundo dados da Fundação SEAD, de Estados da região Nordeste.

Os mapas com as plantas da primeira malha ferroviária do Estado de São Paulo constam dos anexos A e B, e os mapas das malhas ferroviárias atuais do anexo C.

2.2 UM BREVE HISTÓRICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

A colonização de São Paulo começou em 1532, mais precisamente no dia 21 de janeiro, quando Martim Afonso de Souza fundou o povoado que mais tarde se transformaria na Vila de São Vicente.

Dando continuidade à exploração da terra em busca de novas pessoas para evangelizar, chegou ao Brasil um grupo de jesuítas, do qual faziam parte o Padre José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. Este grupo escalou a Serra do Mar e chegou ao planalto de Piratininga, onde encontrou, segundo cartas enviadas a Portugal, “uma terra mui sadia, fresca e de boas águas”.

Durante os três primeiros séculos de colonização, o número de índios e mamelucos superou em muito o de europeus. Até meados do século XVIII predominava, entre a população, uma “língua geral” de base tupi-guarani, sendo essa língua franca a mais falada em toda a região paulista. No período da união das coroas ibéricas, entre 1580 e 1640, estima-se que o espanhol fosse a segunda

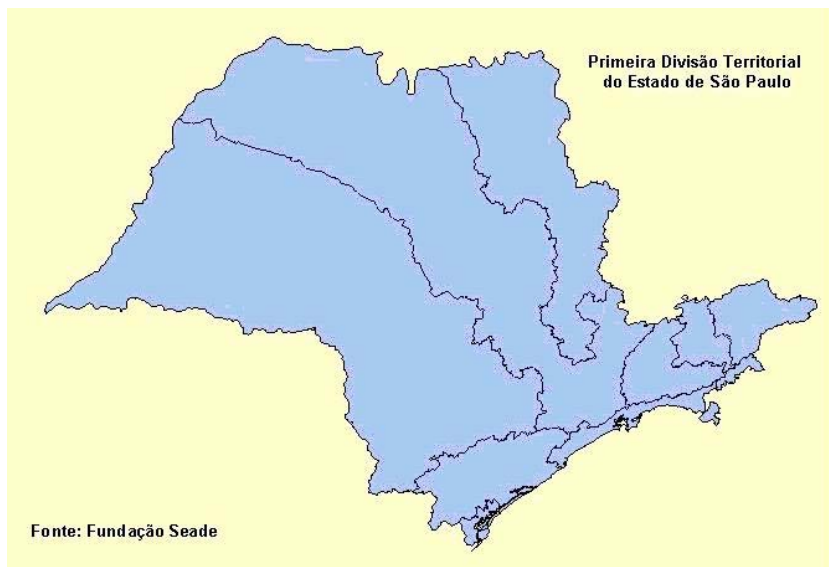
língua da vila de São Paulo. Após a Independência, em 1822, os africanos representavam algo em torno de 25% da população, e os mulatos, mais de 40%. Era já então insignificante a presença de índios nas zonas ocupadas pela colonização, já que foram implantadas lavouras de cana de açúcar na região entre Itu e Sorocaba. A grande virada da economia paulista, porém, só aconteceu na passagem do século XVIII para o XIX, quando as plantações de café começaram a substituir as de cana-de-açúcar e a se preparar para ocupar o primeiro plano na economia nacional.

Com a passagem da colônia para Império, São Paulo passou a assumir uma posição de destaque no cenário nacional, principalmente devido ao avanço dos cafezais pelo Estado. Como já dito, a expansão da cultura do café exigiu a multiplicação das estradas de ferro, iniciando-se, então (1860-1861), em Santos e São Paulo os trabalhos da construção da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, a São Paulo Railway, responsável pelo primeiro trem a ligar as duas cidades. Esse foi um período de grandes transformações, marcado pela crise do sistema escravocrata, que levaria à Abolição em 1888 e que daria lugar, entre outros fatos, à chegada em massa de imigrantes, principal alternativa de solução ao problema da mão-de-obra na lavoura cafeeira.

Até 1930, a República foi controlada pelas oligarquias agrárias do Estado de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A importância econômica do café produzido em São Paulo e do gado de Minas Gerais sustenta a “política do café-com-leite”, em que paulistas e mineiros se alternam na presidência da República. A ferrovia “puxava” a expansão da cafeicultura, atraía imigrantes e permitia a colonização de novas áreas, sobretudo a ocupação do oeste paulista, enquanto nas cidades havia também um avanço da industrialização.

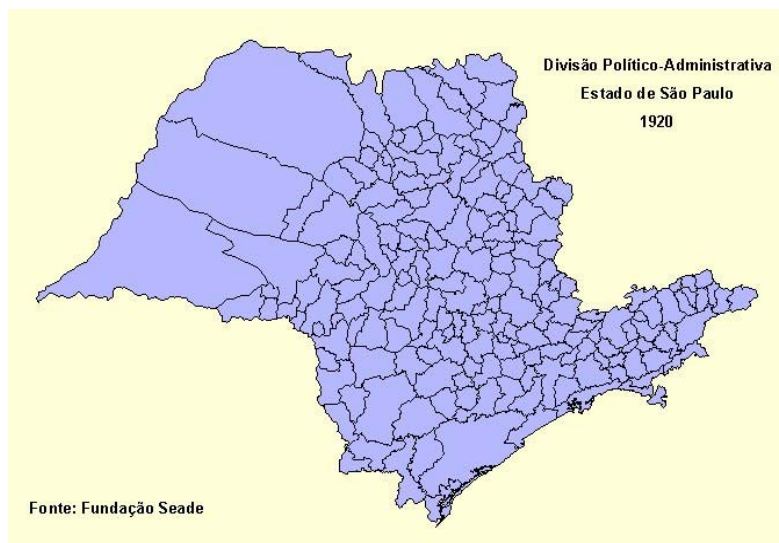
Sobretudo no final do século XIX, aumentou o número de imigrantes vindos de outras regiões do Brasil, intensificando o processo de urbanização. Estes fatos ficam visíveis nos mapas que mostram as divisões político-administrativas do Estado de São Paulo; desde a primeira divisão territorial até 1950, período de fluxo migratório intenso, é possível verificar no mapa um grande avanço rumo ao oeste paulista a partir de 1930.

Figura 5 – Primeira divisão territorial do Estado de São Paulo

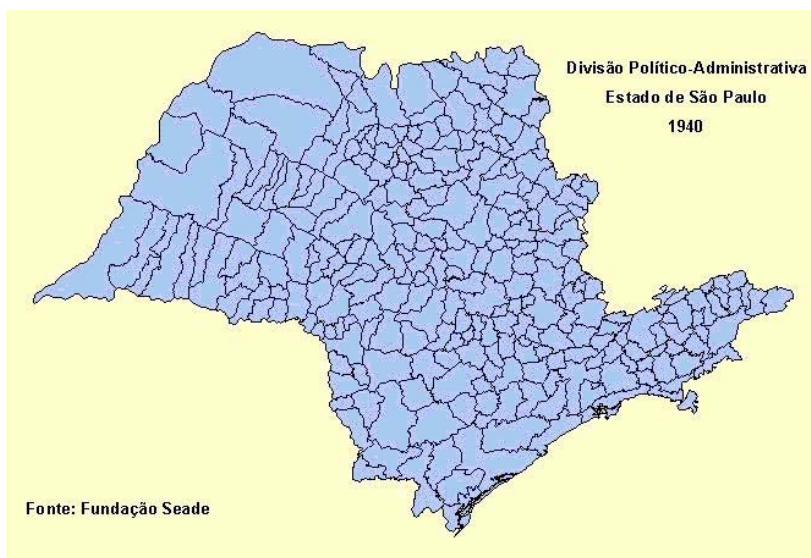


Fonte: Fundação SEADE

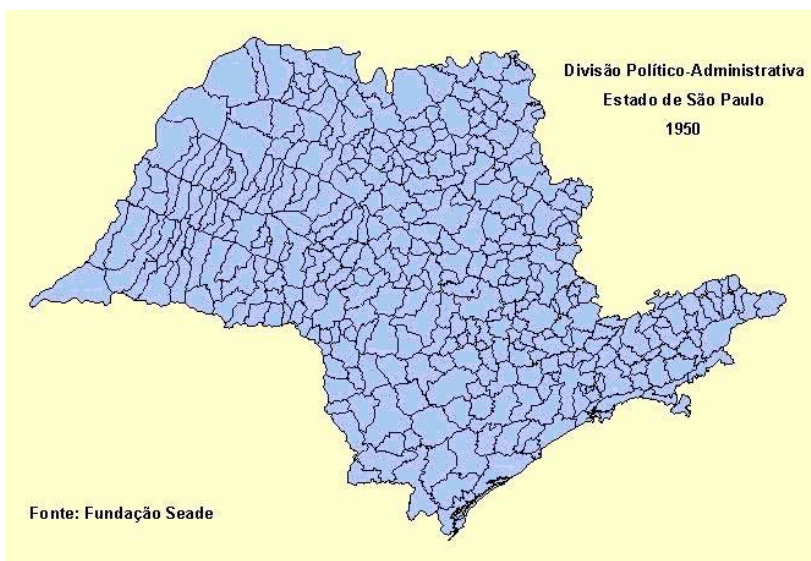
Figura 6 – Divisão territorial em 1920



Fonte: Fundação SEADE

Figura 7 – Divisão territorial em 1940

Fonte: Fundação SEADE

Figura 8 – Divisão Territorial em 1950

Fonte: Fundação SEADE

2.3 DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA ATUAL

De acordo com a divisão territorial do Brasil adotada pela Fundação IBGE, vigente a partir de 1995, o Estado de São Paulo divide-se em 15 regiões administrativas, sendo elas respectivamente: Região Metropolitana; Registro; São José dos Campos; Sorocaba; Campinas; Ribeirão Preto; Bauru; São José do Rio Preto; Araçatuba; Presidente Prudente; Marília; Central; Barretos e Franca. A capital do Estado é a cidade de São Paulo, fundada pelos jesuítas em 1554 e elevada à

categoria de cidade em 1711. Situada ao leste do Estado, é hoje um grande pólo comercial, industrial e cultural do nosso país.

No anexo 3, apresentamos um mapa com as regiões administrativas do Estado e seus respectivos municípios. Os quatro municípios selecionados pelo Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – ALTOSP – encontram-se nas regiões 9 e 10.

3 O FLUXO MIGRATÓRIO PARA O ESTADO DE SÃO PAULO

O Estado de São Paulo se transformou num dos mais importantes pólos de atração de fluxos migratórios, sendo possível encontrar dentro deste espaço pessoas vindas de várias regiões do país. O crescimento populacional da região metropolitana paulistana pode ser comprovado pelos dados do IBGE no censo demográfico do ano de 1970/1980, já que a cidade de São Paulo apresenta o maior crescimento absoluto do país, 10,27%. Os dados estão representados no quadro a seguir.

Quadro 3 – Crescimento populacional nos núcleos das regiões metropolitanas: 1970 - 1991

Crescimento populacional nos núcleos das regiões metropolitanas: 1970-1991

Cidades	População residente			Aumento absoluto		% sobre o aumento do país		% sobre o total		
	1970	1980	1991	70-80	80-91	70-80	80-91	1970	1980	1991
Belém	633 374	933 287	1 246 435	299 913	313 148	1,19	1,15	0,67	0,78	0,85
Fortaleza	857 980	1 367 611	1 758 334	509 631	390 723	2,03	1,44	0,92	1,14	1,20
Recife	1 060 701	1 200 378	1 290 149	139 677	89 771	0,55	0,33	1,13	1,01	0,88
Salvador	1 007 195	1 501 981	2 056 013	494 786	554 032	1,98	2,05	1,08	1,08	1,41
Belo Horizonte	1 235 030	1 784 855	2 048 861	549 825	264 006	2,20	0,98	1,32	1,26	1,40
Rio de Janeiro	4 251 918	5 090 700	5 336 179	838 782	245 479	3,35	0,91	4,56	4,27	3,65
São Paulo	5 924 615	8 493 226	9 480 427	2 568 605	987 207	10,27	3,65	6,35	7,13	6,48
Curitiba	609 026	1 024 975	1 290 142	415 949	265 167	1,66	0,98	0,65	0,86	0,88
Porto Alegre	885 545	1 125 477	1 262 631	239 932	137 154	0,96	0,50	0,95	0,94	0,16
Distrito Federal	537 492	1 176 935	1 596 274	639 443	419 339	2,55	1,55	0,57	0,98	1,09
Total	17 002 876	23 699 419	27 365 445	6 696 543	3 666 086	26,78	13,57	18,25	19,91	18,72
Brasil	93 165 565	119 003 418	146 154 502	25 000 000	27 000 000	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE - Censos Demográficos - 1970/1980
Censo 91 - resultados preliminares

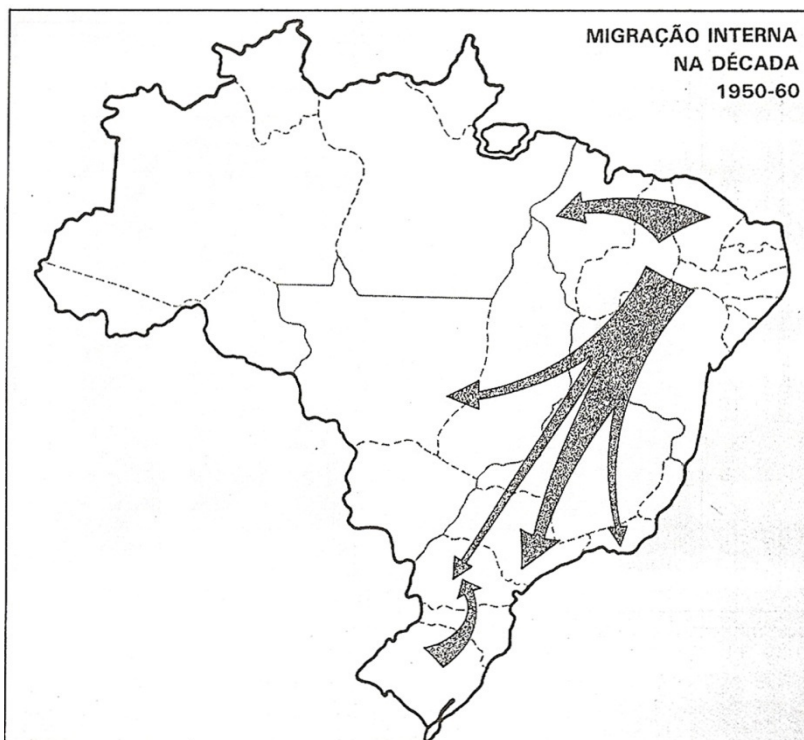
O rápido desenvolvimento da região paulista, a oportunidade de emprego e o sonho de uma vida melhor fizeram de São Paulo um grande pólo econômico do país. Em estatística feita em 1959, segundo dados da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), constatou-se que o processo migratório para São Paulo começou em 1901. Por volta de 1923 iniciou-se com grande intensidade o fluxo de nordestinos, mineiros e fluminenses para o Estado de São Paulo. Sobre este processo migratório, Santos (1994, p. 30) afirma:

Os fluxos migratórios relacionam-se às transformações econômicas, políticas e sociais que acontecem no território e têm como objetivo geral a efetiva ocupação e integração desse território ou ainda a redistribuição geográfica da população, adaptando-a às necessidades de aumentar a oferta de mão-de-obra provocadas pelas mudanças econômicas. A integração do território ocorre com o desenvolvimento de atividades econômicas de vulto que possibilitem a circulação do capital por todo o espaço nacional. Para isso, é necessário muitas vezes desencadear ou mudar a direção dos fluxos migratórios, provocando correntes que permitam o desenvolvimento das atividades planejadas.

De acordo com dados do Portal do governo do Estado de São Paulo, em 1935, o governo de Armando Salles de Oliveira decidiu estimular a migração para São Paulo com o objetivo de suprir a lavoura de mão-de-obra. Foi estipulada então, pelo sistema de contratos com companhias particulares, a introdução de trabalhadores mediante a seguinte subvenção: pagamento de passagem, bagagem e um pequeno salário para a família. As firmas contratadas pelo governo para trazer trabalhadores de outros Estados passaram a operar com afinco no Nordeste do país e no Norte do Estado de Minas Gerais. Em 1939, o Departamento de Imigração e Colonização foi reorganizado e criou-se a Inspetoria de Trabalhadores Migrantes com a finalidade de substituir as firmas particulares no serviço de migração subsidiada.

No período de 1941 a 1949 somente o Departamento de Imigração e Colonização de São Paulo, ainda segundo dados do governo paulista, encaminhou à lavoura do Estado 399.937 trabalhadores procedentes de outros Estados do Brasil. Nesta época, na Europa acontecia a II Guerra Mundial e a imigração de europeus reduziu-se drasticamente. Os 12 municípios que maior número de migrantes receberam (399.927) foram Presidente Prudente, Rancharia, Marília, Martinópolis, Andradina, Presidente Venceslau, Santo Anastácio, Pompéia, Valparaíso, Araçatuba e Presidente Bernardes. Mas, foi nas décadas de 1950 e 1960 que se verificou a efetiva industrialização do Estado e a conseqüente abertura de um mercado de trabalho de dimensões amplas, uma vez que o processo de crescimento industrial, por seus efeitos multiplicadores levou também a uma substancial ampliação do setor terciário. O mapa a seguir ilustra o processo migratório deste período levando em conta o Estado de saída e de destino dos migrantes:

Figura 9 – Migração interna da década de 1950-60



Fonte: São Paulo. Instituto Nacional de Pesquisa Espacial

No mapa acima podemos observar que o fluxo de saída de migrantes da região Nordeste tem como maior destino os estados da região sudeste e sul do país, fato que reforça os dados do IBGE apresentados no quadro 3, em que o crescimento populacional bruto da região Sudeste é o maior do país.

A migração para todas as regiões paulistas apresentava o seguinte quadro: Minas Gerais contribuiu com quase 50% do fluxo migratório. A Bahia foi o Estado que mais contribuiu depois de Minas Gerais, com 17,56% do fluxo. Somente estes dois Estados representavam pouco mais de 65% do total de migrações. Migrantes de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí representavam menos de 15%. Minas Gerais, por ser um Estado vizinho de São Paulo, foi responsável por um grande fluxo migratório. No que tange à chegada de nordestinos, os dados apresentados pelo IBGE no censo demográfico de 1970 nos permite afirmar que o Estado da Bahia foi responsável pela saída do maior número de pessoas em direção a outros Estados:

Tabela 1 – Nordeste Emigração e Imigração 1960/1970

ESTADOS	EMIGRANTES SEGUNDO ESTADOS DE PROCEDÊNCIA		
	Milhares de Pessoas	%	Emigrantes s/ Pop. Res. Estado Proc.
Maranhão	99,9	7,4	3,3
Piauí	55,4	4,1	3,2
Ceará	152,1	11,3	3,4
Rio G. Norte	71,6	5,3	4,4
Paraíba	159,1	11,9	6,5
Pernambuco	246,9	18,4	4,7
Alagoas	82,0	6,1	5,1
Sergipe	61,0	4,5	6,7
Bahia	415,6	31,0	5,5
NORDESTE	1.343,6	100,0	4,7

Fonte: F. IBGE — Censo Demográfico 1970

O aumento do peso da migração vinda do Nordeste deve-se em grande parte às secas que atingiram a região na década de 1950 e também devido ao êxodo rural brasileiro. Outro fator determinante foi a conclusão da Estrada Rio - Bahia em 1949, que facilitou bastante essa migração. Foi por esta rodovia que surgiu o “pau-de-arara”, transporte de migrantes feito por caminhões de carga, precariamente adaptados para o transporte de seres humanos. Os migrantes se espalharam por todo o Estado, mas a Região Metropolitana de São Paulo apresentou-se como a mais importante área de atração populacional do Estado, tendo as migrações contribuído com 56,6% do crescimento da população da região no período 1960-1970. Sobre as transformações e deslocamento da população brasileira neste período, Santos (1994, p. 30-31) esclarece:

As migrações internas, que no Brasil correspondem ao êxodo rural, intensificado a partir de 1930, atingiram o ápice na década de 50, com o adensamento demográfico das primeiras cidades do país. São Paulo e Rio de Janeiro foram as cidades que mais receberam imigrantes, que, em geral, foram expulsos do campo e dirigiram-se para essas metrópoles em busca de trabalho e melhores condições de vida. Essas pessoas não conseguiam ter mais o trabalho garantido no campo, nem as condições mínimas para a sobrevivência, porque perderam a propriedade ou a posse. Outros, ainda, que não possuíam terras para plantar, trabalhando para terceiros, perderam o emprego e, não conseguindo outro, foram obrigados a sair para encontrá-lo em novo lugar, geralmente nas grandes metrópoles. [...] A urbanização da população brasileira começou na década de 30, atingindo seu ápice nos anos 50 e diminuindo na década seguinte, mas sem perder a continuidade. Ela faz parte do processo de redistribuição da população pelo espaço geográfico. Significa que, a partir de 50, o país deixou gradativamente de ter a população concentrada no campo; quer dizer, passou de rural para urbano. Na década de 40, cerca de 69% da população brasileira era rural; 40 anos depois, esse contingente diminuiu para 32%.

O fato descrito por Santos fica bastante evidente nos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) em 1981, nos quais podemos observar o deslocamento da população da zona rural para a zona urbana. Estes dados estão descritos no quadro 4.

Observando os dados do quadro, podemos verificar os números do deslocamento da população rural para os centros urbanos num período de quatro décadas. Quando observamos os dados da região Nordeste, podemos perceber um aumento bastante significativo da população urbana que quadruplicou o número de habitantes. Esse fator de aumento populacional urbano é ainda mais significativo quando comparado com os dados da região sudeste, que, no mesmo período, teve a população aumentada em mais de 80%, fato que, sem dúvida nenhuma, está ligado à saída das famílias nordestinas da zona rural.

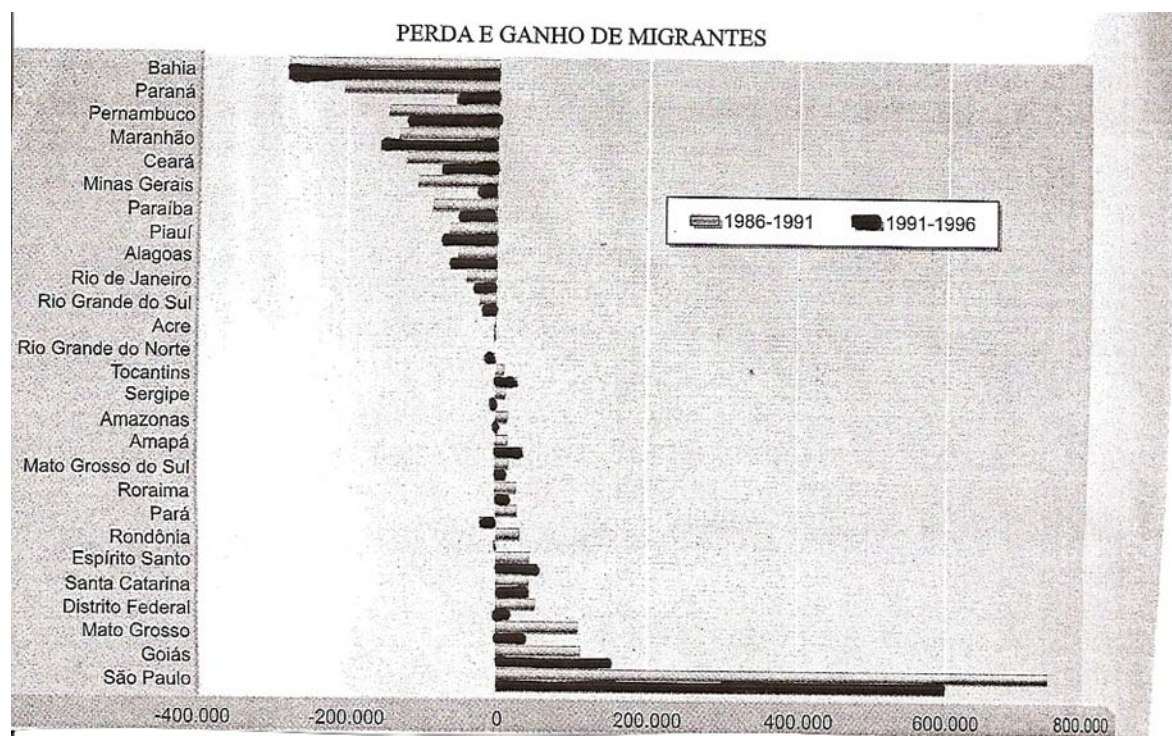
Com o passar dos anos, a migração foi diminuindo. Nos anos 60, chegavam a todo o Estado 128 mil migrantes por ano e, a partir de 1980, a média anual caiu para 68 mil. A figura 10 ilustra a perda e o ganho de migrantes por Estado brasileiro, segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE, no período de 10 anos: 1986 a 1996.

Quadro 4 – Evolução da população urbana no Brasil: 1940 – 1980

Evolução da população urbana no Brasil: 1940-80						
Grandes regiões	Domicílio	População presente				
		1940	1950	1960	1970	1980*
Brasil	urbano	12 880 182 ** (31,24)	18 782 891 (36,16)	31 303 034 (44,67)	52 084 984 (55,92)	80 454 712 (67,57)
	rural	28 356 133 (68,76)	33 161 506 (63,84)	38 767 423 (55,33)	41 054 053 (44,08)	38 616 153 (32,43)
Norte	urbano	405 792 (27,75)	580 867 (31,49)	957 718 (37,38)	1 626 600 (45,13)	3 040 254 (51,66)
	rural	1 056 628 (72,25)	1 263 788 (68,51)	1 604 064 (62,62)	1 977 260 (54,87)	2 845 282 (48,34)
Nordeste	urbano	3 381 173 (23,42)	4 744 808 (26,40)	7 506 500 (33,89)	11 752 977 (41,81)	17 581 828 (50,44)
	rural	11 052 907 (76,58)	13 228 605 (73,60)	14 665 380 (66,11)	16 358 950 (58,19)	17 273 641 (49,56)
Sudeste	urbano	7 231 905 (39,42)	10 720 734 (47,55)	17 460 897 (57,00)	28 964 601 (72,68)	42 841 510 (82,79)
	rural	11 113 926 (60,58)	11 827 760 (52,45)	13 169 831 (43,00)	10 888 897 (27,32)	8 904 808 (17,21)
Sul	urbano	1 590 475 (27,73)	2 312 985 (29,50)	4 360 691 (37,10)	7 303 427 (44,27)	11 881 928 (62,46)
	rural	4 144 830 (72,27)	5 527 885 (70,50)	7 392 384 (62,90)	9 193 066 (55,73)	7 157 007 (37,54)
Centro-Oeste	urbano	270 837 (21,52)	423 497 (24,38)	1 007 228 (34,22)	2 437 379 (48,04)	5 118 092 (67,72)
	rural	987 842 (78,48)	1 313 468 (75,62)	1 935 764 (65,78)	2 635 880 (51,96)	2 435 415 (32,28)

Fonte: IBGE, *Anuário Estatístico do Brasil*, 1981 e *Tabulações Avançadas do Censo Demográfico*, 1981.
* População residente ** Entre parênteses, as porcentagens das populações urbana e rural

Figura 10 – Perda e ganho de migrantes



Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE

Na figura 10 ficam evidentes os dois pólos migratórios de nosso país, já que vemos de um lado o Estado da Bahia, com a maior perda de migrantes do país, e, de outro lado, o Estado de São Paulo como pólo receptivo, ou seja, com os maiores dados de ganho de migrantes.

A partir dos dados expostos neste capítulo, podemos dizer que a região sudeste possui o maior pólo de atração de fluxos migratórios oriundos de outras regiões do país. Contudo, a partir da década de 80, o número de migrantes tem diminuído. Entre 1986 a 1991 a região sudeste recebeu 1.427 mil pessoas de outros Estados; entre 1991 e 1996 este número caiu para 1.220 mil. Em linhas gerais, os dados apresentados pelo censo demográfico de 1996 revelam o aprofundamento de algumas tendências observadas nas últimas décadas, assim como novos padrões de distribuição espacial da população. Ainda que haja no cenário atual uma mobilidade bem menos significativa, a dinâmica migratória dentro de alguns Estados, como o Estado de São Paulo, vem se consolidando como um fenômeno bastante expressivo em diversos espaços regionais, levando, deste modo ao crescimento, sobretudo econômico, dos polos municipais ou sub-regionais de atração.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

4.1 GEOGRAFIA LINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL

Nossa pesquisa insere-se no campo Dialetologia, mais especificamente da Geografia Linguística Pluridimensional. Etendendo-se por Geografia Linguística como o ramo da Dialetologia que busca estudar a variação linguística em seu espaço geográfico. Nas palavras de José Lemos Monteiro:

A Geografia Linguística tem, pois, a tarefa de descrever comparativamente os diversos dialetos nos quais uma língua se diversifica no espaço e estabelecer os seus limites. Ela demarca regiões dialetais de acordo com critérios fonéticos, gramaticais e léxicos, pode também descrever um falar tomado isoladamente, sem referência aos falares vizinhos ou da mesma família. (MONTEIRO, 2000 p. 30).

Desde as primeiras pesquisas geolinguísticas, como as realizadas na França e que se concretizaram com Jules Gilliéron, no *Atlas Linguístico da França*, tem-se verificado a necessidade de registrar os falares de cada povo. Isto ocorre porque, ao retratar a realidade social e histórica da língua em dado momento e espaço, e sendo a língua uma instituição social em constante processo de mudança, os resultados dessas pesquisas servem/servirão como documento único de uma fase da história da língua, no caso desta pesquisa, da língua portuguesa falada no Brasil, em especial no Oeste Paulista.

Sendo assim, entendemos neste estudo a Geografia Linguística como um método de estudo dialetológico em que a variação linguística será apresentada no seu eixo horizontal, ou seja, no espaço geográfico, assim como em seu eixo vertical, isto é, a variação social.

De acordo com Harald Thun (2007), a gênese da idéia de fazer mapas linguísticos surgiu com Leibvez (1768) ao propor que as regiões geográficas fossem divididas em línguas, isto é, que os mapas de língua fossem separados dos mapas de povos. Em seguida, Lorenzo Hervás de Panduro – 1784- propôs um modelo cartográfico em que se inscrevem as formas linguísticas em mapas geográficos, ou seja, mapas de forma linguística.

Podemos dizer que a Geografia Linguística no continente europeu, foi aplicada de forma mais efetiva, aproximadamente ao final do século XIX. A obra de Georg Wenker publicada em 1881 é citada como uma das precursoras deste método, já que se trata da primeira tentativa de elaboração de um Atlas nacional. O primeiro fascículo desta obra continha seis mapas fonéticos sintéticos, que correspondiam aos dados coletados por meio de correspondências em 30.000 pontos da área de fala alemã. A obra de Wenker é fundamental para os estudos dialetológicos já que o seu método de representação cartográfica mostrou-se bastante eficaz para demonstrar a variação linguística no espaço.¹

Outras obras sucederam ao trabalho de Wenker, como por exemplo, o primeiro Atlas regional publicado por Gilliéron em 1880, o *Petit Atlas phonétique du Valais Roman*,² em que os pontos de pesquisa aparecem no mapa indicados por nomes concretos e linhas indicam as formas que estão explicadas na legenda de cada carta.

No entanto, somente em 1902 foi publicado um estudo que realmente representou o marco “inicial” nos estudos geolinguísticos. Jules Gilliéron e Edmond Edmont apresentaram à comunidade científica o Atlas linguístico da França, primeiro Atlas acabado de toda uma nação. A coleta de dados foi realizada por meio da pesquisa direta *in loco*, mais precisamente por meio de questionários escritos que eram levados até os informantes por Edmond Edmont, um viajante da época que não tinha conhecimento científico da língua. Com relação ao informante, trabalharam com apenas um perfil: homem idoso que conhecesse bem as histórias de sua comunidade.

Outros estudos de grande valor, ainda segundo Harald Thun (2007), e já numa perspectiva pluridimensional, são os desenvolvidos por Abbé Jean Rousselot, 1887 – *Introduction à l'étude des patois* e resenha do *Atlas de Wenker*, em 1891 com o trabalho *Les modifications phonétiques du langage étudiées dans les patois d'une famille de Celefrouin*. Neste estudo, o pesquisador analisou a fala da própria família e constatou que as diferentes gerações falavam de maneiras distintas, assim como os homens e as mulheres. Há, portanto, uma tentativa de

¹ Hoje, é possível encontrar este trabalho digitalizado na internet por meio da sigla: DIWA, ou diretamente no endereço eletrônico: <<http://www.diwa.info/main.asp>>.

² Pequeno Atlas Fonético do Valais Roman.

estudo pluridimensional, embora não realizado plenamente já que o foco da pesquisa não era este tipo de variação.

O nascimento da Geografia Linguística Pluridimensional ocorre somente em 1928, com o *Atlas Linguístico Etnográfico da Suíça – ALS* –, de dois estudiosos suíços: K. Jaberg e J. Jud Sprach. Nele, verificam-se não só formas conservadas do dialeto como também a forma como se fala naquele momento no local investigado. Os pesquisadores fazem dois levantamentos: um com a classe baixa e outro com a média, porém não contrastam os dados. Desde modo, os dados da classe média servem apenas como controle dos dados obtidos com a outra classe.

A Europa, além de ter sido o “berço” da Geografia Linguística, mantém-se até hoje como o local de maior desenvolvimento científico desta disciplina. Os primeiros grandes Atlas e os mais elaborados foram produzidos na Europa, citamos como exemplo o *Atlas Linguarum Europae – ALE* – que abrange todo o continente europeu, assim como o *Atlas Linguistique Roman – ALiR* – que abarca a família das línguas românicas.

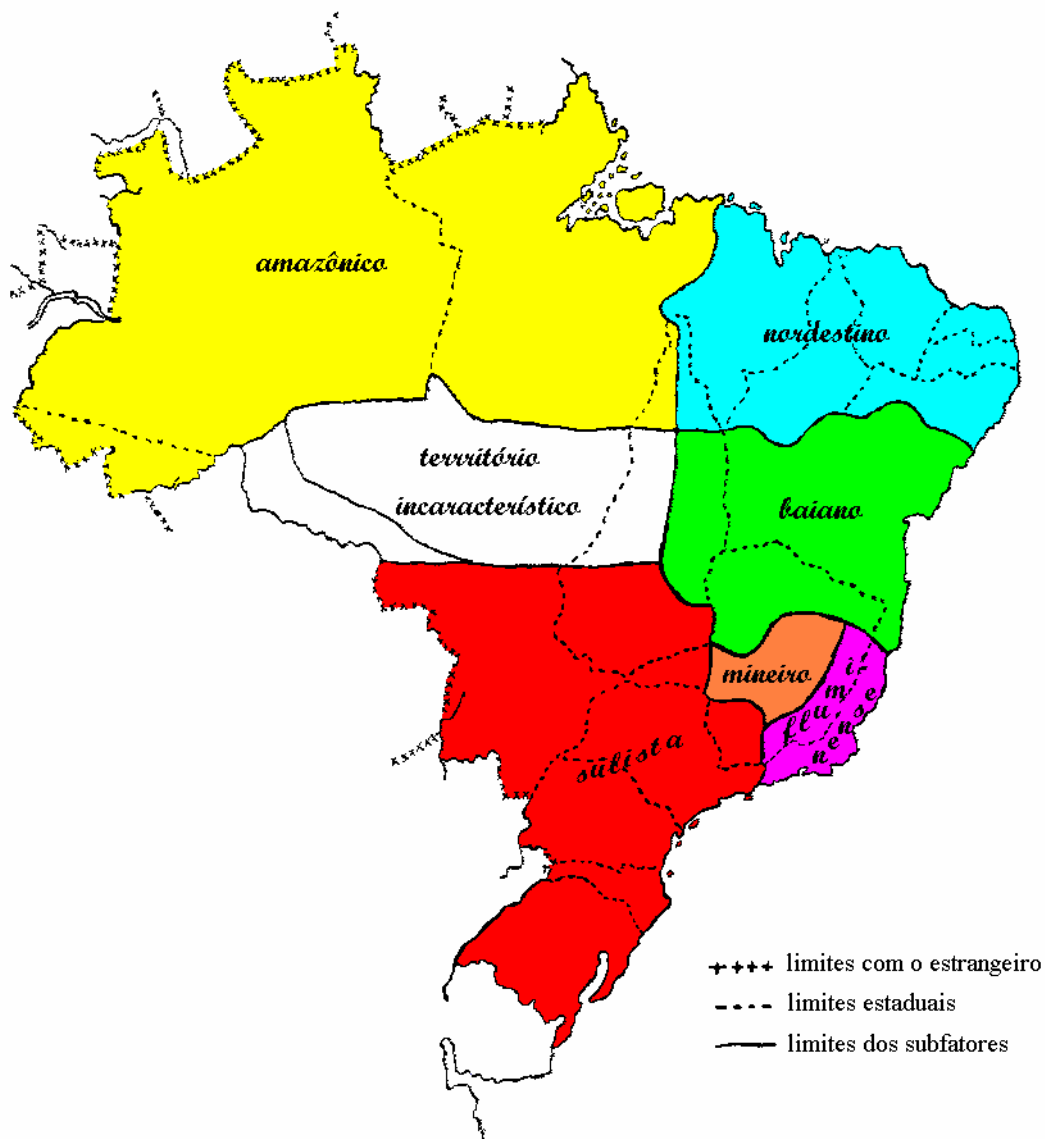
Já em nosso país, e ainda numa perspectiva bidimensional, podemos citar como estudo geo-sociolinguístico contemporâneo o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR* (AGUILERA, 1994), que contemplou tanto a variação diatópica como a diassexual.³

Segundo Harald Thun (2007), quanto aos estudos dialetais no Brasil, há, como pioneiro, um esboço das áreas dialetais do Brasil proposto por Renato Mendonça (1937)⁴ na obra: “A língua brasileira”. No entanto, em seguida, temos o mapa das divisões dialetais proposto por Antenor Nascentes (1953) em *O linguajar carioca*, bastante importante para os estudos linguísticos no Brasil, já que há, neste trabalho, uma tentativa de divisão dialetal dos falares brasileiros. Apresentamos a divisão proposta por Nascentes na figura 11.

³ Trataremos deste Atlas de forma pormenorizada no próximo capítulo.

⁴ Esta obra, contudo, encontra-se esgotada e não conseguimos nenhum exemplar nas bibliotecas a que tivemos acesso. Assim sendo, embora saibamos da existência deste trabalho, não poderemos tecer reflexões ou apresentar o esboço dialetal proposto por Mendonça

Figura 11 – Divisão dos falares brasileiros proposta por Antenor Nascentes



Montagem: Kika Milani (kikamilani@uol.com.br)

Fonte: Antenor Nascentes, *O Linguajar carioca*, 2. ed., 1953

4.2 GEOGRAFIA LINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL: DIMENSÃO TOPODINÂMICA

Os Estudos dialetológicos contemporâneos, em sua grande parte, têm incorporado as variáveis verticais à análise horizontal, ou seja, há uma “fusão” entre o modo tradicional de fazer Dialetologia, em que se abordava, sobretudo, a variação em seu *topos*, com uma Dialetologia Pluridimensional que busca na sociedade o cenário de possíveis variações. Nas palavras de Cardoso (2006, p. 97):

Oferecendo uma visão pluridimensional, que convive com a consagrada abordagem monodimensional, a Dialectologia atual, ao delimitar espaços, do ponto de vista linguístico, caracterizados e definidos, vem buscando estabelecer relações entre as variáveis sociais, sejam elas diageracionais, diagenéricas, diastráticas ou diafásicas, com vistas a entender o processo de variação, tomando na sua plenitude, o que conduz a uma melhor compreensão da realidade e à busca de caminhos de maior embasamento para o aprendizado sistemático da língua.

A pesquisa geolinguística, como toda ciência, apresenta várias “questões” que necessitam de reflexão, como por exemplo, o número de dimensões a serem investigadas por um Atlas Linguístico. Neste sentido, um Atlas pode ter inúmeras dimensões, porém é necessário ter indícios da representatividade dessas dimensões (variantes) para a pesquisa, ou seja, tudo depende da estrutura da sociedade que será pesquisada. Assim sendo, inicialmente é preciso esboçar o perfil demográfico e social da comunidade que será investigada para em seguida buscar quais as dimensões necessárias para atender aos objetivos do pesquisador.

No quadro 5 é possível verificar as várias dimensões que podem ser investigadas pelos estudos geo-linguísticos com seus respectivos parâmetros.

Quadro 5 – Dimensões e parâmetros linguísticos

<u>Dimensão</u>	<u>Parâmetro</u>
1) Dialingual	Língua I e Língua II (que estejam em situação de contato linguístico)
2) Diatópica	Topostático e Topodinâmico
3) Diastrática	Classe econômica alta e baixa
4) Diageracional	Geração II e Geração I
5) Diassexual	Mulheres e Homens
6) Diafásica	Estilos da fala
7) Diarreferencial	Fala objetiva e fala metalinguista

Sobre a importância da pesquisa dialetológica com vistas a outros aspectos, ou dimensões, além do diatópico, Thun (1998, p. 706) destaca:

O espaço variacional da Dialetologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetologia Tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais.

Segundo Thun (1995, p. 12), para produzir um atlas linguístico topodinâmico, é necessário haver um grupo com histórico migratório, este, com período de estabilidade residencial de no mínimo dois anos, além disso, é necessário estar disperso no território, havendo, assim, a probabilidade de variação linguística e, sobretudo, haver grupos estáticos. Neste caso, se faz necessário um estudo anterior topostático.

Num estudo topodinâmico, há a aproximação referente à mobilidade demográfica e social o que torna possível verificar o movimento social e linguístico de determinado grupo dentro do espaço. Como exemplo desse tipo de estudo, temos: (i) Topoestática e topodinâmica “pendular”, em que se busca para pesquisa pessoas que moram numa localidade e estudam ou trabalham em outra e retornam frequentemente; (ii) Topodinâmica não pendular,⁵ em que o grupo estudado sedimenta-se em um espaço geográfico após movimento migratório. Neste tipo de estudo enquadra-se nossa pesquisa.

De acordo com Thun (2007), são várias as implicações de um Atlas topodinâmico pluridimensional, como, por exemplo:

- O grupo investigado ter histórico migratório, isto é, um grupo com mobilidade horizontal identificável;
- A migração ter seguido uma fase razoavelmente longa de sedimentação residencial e linguística;
- O grupo estar disperso sobre um território, havendo a probabilidade de variação (interna e externa);
- Possibilidade de comparação diacrônica e/ou sincrônica entre vários grupos.

⁵ A qual chamaremos somente de Topodinâmica.

Em vista disso, é possível afirmar que um Atlas topodinâmico inclui necessariamente uma parte topostática, devido à necessidade de comparar os dados adquiridos.

Com relação à Dimensão Diatópica do Atlas Linguístico Diafásico e Distrático do Uruguai – ADDU –, tanto no âmbito topostático como topodinâmico, Thun (1991, p. 211) expõe:

Es cosa sabida que el individuo que no haya vivido siempre o casi siempre em su lugar no sirve para lãs finalidades del atlas linguístico tradicional. Mejor aun si es hijo de padres de La misma localidade e encontro alli su esposa, nacida y criada em la vecindad. Tan notória preferêncía dada a lós informantes continuamente sedentarios nos autoriza a calificar este tipo de atlas como topostático. Su único interés y su único parámetro es la variación diatópica que si mide em grupos inmóviles em el espacio. La dimensión diatópica es imprescindible para um atlas linguístico, pero no me parece justificada la reducción del parámetro topostático. Cuando empezamos con la selección de nuestros primeros informantes, buscamos, como ló havíamos aprendido, representantes de esa espécie sedentaria. No lós encontramos em número suficiente. De lós continuamente sedentarios, hijos de tambien sedentários, hay muy pocos em el Uruguay. La mayoría de la gente es móvil. Lo afirman lós censos y tantas autobiografias que esbozaron los informantes y que apuntamos em lãs primeras páginas de nuestro cuestionario. Colocamos a lós relativamente móviles em nuestra categoria topostática e inventé para lós muy móviles el término de “topodinámicos”. Para uma visión realista del Uruguay moderno, nos parecia fundamental registrar y comparar el comportamiento linguístico de ambos grupos, y así nació outro parâmetro de nuestro atlas: el topodinâmico. El parámetro diatópico se dividió em topostático e topodinâmico.

Além disso, ainda de acordo com Thun, para a elaboração de um Atlas topodinâmico, são necessárias pesquisas complementares, principalmente um levantamento demográfico em que se verifique a biografia individual de família do grupo ou da localidade estudada: (i) mobilidade horizontal: residencial, matrimonial, laboral, turística, assim como a (ii) mobilidade vertical: mudança de status ou classe social. Todo esse tratamento pode explicar o porquê de uma variação ou mudança, já que os motivos podem ser extralinguísticos, como por exemplo, o prestígio social.

Por tudo isso, acreditamos que as discussões, teorias e métodos propostos pelos cientistas, no decorrer de vários séculos até os dias atuais, sobre o fazer dialetológico, serviram de base para as nossas decisões, norteando este

trabalho, desde as primeiras definições tomadas, como a área a ser estudada, até as análises sobre os dados coletados em campo.

4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entendemos que, para a melhor execução de uma pesquisa dialetológica, é necessário o conhecimento dos principais Atlas linguísticos publicados em outros países e continentes. Por outro lado, mais importante ainda é conhecer a história e respectivas metodologias dos estudos geolinguísticos em nosso país.

No caso das pesquisas dialetológicas no Brasil, citamos os cinco primeiros Atlas linguísticos publicados por apresentarem as principais características metodológicas seguidas até há pouco tempo: Atlas prévio dos falares baianos (APFB), Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas linguístico de Sergipe (ALSE) e Atlas linguístico do Paraná (ALPR). Além desses, apresentamos também os Atlas concluídos, mas sem publicação: Atlas linguístico sonoro do Pará (ALISPA) e o Atlas linguístico do Amazonas (ALAM). Fazemos referência, também, ao primeiro Atlas regional de nosso país: o Atlas linguístico e etnográfico da região Sul do Brasil (ALERS) e alguns dos Atlas em andamento que envolvem a região estudada, ou seja, São Paulo e a região Nordeste, sendo eles, respectivamente: Atlas linguístico do Estado de São Paulo (ALESP), Atlas linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN) e Atlas linguístico do Maranhão (ALiMA). Ao final, é imprescindível citar o projeto de um Atlas nacional: o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

4.3.1 Atlas Concluídos no Brasil

4.3.1.1 Atlas prévio dos falares baianos – APFB (ROSSI, 1963)

Trata-se do primeiro Atlas Linguístico publicado em nosso país, que apresenta ao todo 154 cartas, das quais 110 são do tipo pontual, ou fonéticas, e 44 são cartas-resumo do tipo misto. Quanto à metodologia adotada pelo APFB, foram entrevistados, na maioria dos pontos, dois informantes por localidade, não tendo

havido, no entanto, preocupação de que fossem, obrigatoriamente, de sexos diferentes ou de que se enquadrassem em determinada faixa etária. Quanto ao questionário, limitou-se a 164 perguntas que resultou de uma exaustiva análise do material obtido em sondagens preliminares realizadas em 1958 e 1959. Como observou Nelson Rossi (apud BRANDÃO, 1991):

A todo instante nos inquietávamos com a pergunta: mas o que nos garante que essas sejam as questões mais indicadas a propor? Uma tranquilidade – ai de nós, relativa – nos vinha ao pensar que a falha seria grave se nos propuséssemos um Atlas exaustivo e não uma sondagem ainda preliminar que ajudasse a chegar a ele.

4.3.1.2 Esboço de um atlas lingüístico de minas gerais – EALMG (RIBEIRO et al., 1977)

Compõe-se de 73 cartas distribuídas por dois campos semânticos: fenômenos da natureza e brinquedos e brincadeiras infantis. Quanto à metodologia, a pesquisa foi feita de forma direta em 116 municípios mineiros por meio de um diálogo semidirigido por um questionário preparado para isso. Sobre a elaboração do questionário, Ribeiro et al., 1977 afirmam:

O questionário foi encarado para que o interrogatório se fizesse como um jogo de sememas sucessivos. Arroladas as esferas semânticas – no caso 8 (oito) – a ordenação foi rigorosa e sistemática. Forneceu-lhe o ponto de partida o opúsculo de Antenor Nascentes, Bases para a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil, além do Guia para estudos dialectológicos de Serafim Silva Neto. [...] Ficamos com um questionário de fácil manejo, parcial, dominando um reduzido grupo semântico, mas capaz de dar uma imagem dos principais aspectos linguísticos da região.

Quanto ao perfil utilizado para a seleção dos informantes, o EALMG seguiu os seguintes critérios da Dialectologia tradicional: pessoa nascida na localidade com pais também originários do local em questão; não houve a divisão entre informantes homens e informantes mulheres em cada localidade. Na realidade, do universo de 116 informantes, apenas duas eram mulheres. Quanto à idade, os informantes poderiam ter entre 30 e 50 anos. Em relação ao número de informantes (RIBEIRO et al, 1977, p. 28), esclarecem:

Dirigimos nossa entrevista sempre que possível, numa conversa, ao mesmo tempo, com vários informantes, sendo um o principal, enquanto os demais confirmam ou enriquecem as informações. Na verdade a possibilidade de um ou de vários informantes foi-nos indiferente. Desde que os informantes estivessem, rigorosamente, dentro dos critérios estipulados, foram incorporados à entrevista.

4.3.1.3 Atlas lingüístico da paraíba – ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984)

Compõe-se de 149 cartas distribuídas por sete campos semânticos: terra, homem, família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais. No que diz respeito à metodologia adotada, foram escolhidos 25 municípios, e para cada um deles mais três pontos-satélite, totalizando assim 100 municípios⁶. Para a escolha do informante, as autoras definiram os seguintes critérios: ter nascido na localidade ou no município; ter entre 30 e 75 anos; em relação à variável sexo não se definiu que fossem obrigatoriamente de sexos diferentes em cada localidade. Definidas essas questões, aplicaram o questionário constituído por 289 questões sendo elas dos seguintes campos semânticos: a terra, o homem, a família, a habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação e atividades sociais.

4.3.1.4 Atlas lingüístico de sergipe – ALS (FERREIRA et al., 1987, v. 1; CARDOSO, 2005, v. 2)

O **Volume I** (FERREIRA et al., 1987) – contém 156 cartas fonéticas, 10 cartas-resumo, do tipo misto, e 12 cartas com os dados da Bahia que não constavam do primeiro volume. No que tange à metodologia, foram selecionadas 15 localidades que, segundo Cardoso (2005), foram escolhidas de acordo com: “antiguidade, grau de isolamento, características culturais e linguísticas, natureza do povoamento, aspectos socioeconômicos e distribuição espacial.” Quanto ao perfil do informante, no que se refere à variável sexo foram entrevistados sistematicamente dois informantes por localidade, sendo um do sexo feminino e um do sexo masculino. Quanto à faixa etária embora não tenha havido uma decisão preliminar

⁶ “Os municípios satélites serviram para controle e convalidação dos dados obtidos nos municípios-base, não aparecendo, portanto, nas cartas.” (ARAGÃO, 2006, p. 41).

de enquadrá-los em grupos específicos, nota-se que se distribuem entre 30 e 65 anos, dos quais segundo Cardoso (2005) “podem ser reunidos em três grandes grupos: o primeiro, com informantes dos 30 aos 39 anos; o segundo dos 40 aos 48 anos e o terceiro a partir dos 50 anos”. O questionário adotado é constituído por um total de 700 questões que contemplam os seguintes campos semânticos: terra, homem, animais, vegetais.

Volume II – O segundo volume do Atlas linguístico de Sergipe foi elaborado como tese de doutorado da Professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2002 e publicada em 2005. Teve como corpus de pesquisa as respostas de 237 questões selecionadas do campo Semântico Homem (144 a 381) do questionário elaborado para o ALS na década de 60. O trabalho constitui-se de duas partes: na primeira, há informações metodológicas e comentários sobre as cartas; já na segunda, a autora traz três cartas introdutórias e 105 cartas semântico-lexicais. Nas cartas há a representação das variantes de acordo com sua distribuição geográfica e também gráficos com os percentuais de ocorrência das variantes. Já os dados fonéticos e as notas foram dispostos no verso de cada carta. Além disso, há um CD com trechos das gravações de cada uma das localidades.

4.3.1.5 Atlas lingüístico do paraná – ALPR (AGUILERA, 1994, v. 1; ALTINO, 2007, v. 2)

Volume I (AGUILERA, 1994) – quinto na ordem cronológica de publicação dos Atlas Estaduais brasileiros, é o resultado da tese de doutorado da professora Vanderci de Andrade Aguilera. Compõe-se de 191 cartas, das quais 92 são lexicais do tipo misto, 70 fonéticas pontuais ou mistas e 29 cartas sintticas de isfonas ou de isolxicas. O ALPR estabeleceu como proposta apresentar um registro dos falares rurais paranaenses e fornecer dados lingüísticos cartografados para estudos comparativos de interesse para a história da língua portuguesa no Brasil. Para isso foi estabelecido um total de 65 localidades, cobrindo todo o estado. Com relação aos informantes foram entrevistadas 130 pessoas sendo duas em cada localidade de sexos distintos. O questionário adotado é uma adaptação do

Questionário elaborado por Caruso (1983) e possui 325 questões que contemplam dois grandes campos semânticos: a terra e o homem.

Volume II (ALTINO, 2007) – o segundo volume do Atlas Linguístico do Paraná foi recentemente apresentado como Tese de Doutorado pela Professora Fabiane Cristina Altino, na Universidade Estadual de Londrina, e orientado pela Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera, autora do primeiro volume. O Atlas constitui-se de 3 cartas introdutórias, 125 cartas léxicas, 50 fonéticas e 2 dialectométricas, que seguem continuamente a numeração do volume I, composto por 191 cartas. Para a construção do trabalho foi utilizado o *corpus* inédito do primeiro volume, que corresponde a 54% do questionário aplicado por Aguilera.

O segundo volume apresenta, ainda, pela primeira vez nos estudos geolinguísticos brasileiros, as cartas dialectométricas, que indicam o Índice Relativo de Distância (IRD) e o Índice Relativo de Identidade (IRI) entre os falares paranaenses com relação aos dados lexicais.

4.3.1.6 Atlas lingüístico-etnográfico do sul do brasil – ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002)

Iniciado em 1980, com o grupo Interdepartamental para o Estudo da Variação Linguística do Rio Grande do Sul, o projeto ALERS foi desenvolvido por uma equipe de pesquisadores coordenada por Walter Koch, Mário Klassman e Cléo Altenhofen. As localidades investigadas foram selecionadas de acordo com as indicadas por Nascentes (1958), assim como de acordo com a importância histórica de cada município. Formam a rede de pontos 275 localidades na zona rural, das quais 100 se encontram no estado do Paraná, 95 no Rio Grande do Sul e 80 em Santa Catarina. As 19 localidades da zona urbana estão assim distribuídas: 6 no Paraná, 6 no Rio Grande do Sul e 7 em Santa Catarina.

O questionário é composto por 700 questões que, desdobradas, chegam a 1000 itens que estão divididos em três outros questionários: Semântico-lexical (800 questões), morfossintático (75 questões) e fonético-fonológico que, por sua vez, está dividido em duas partes: a primeira trata de uma aplicação geral e contém 26 questões e a segunda parte é destinada a regiões de colonização não portuguesa e compõe-se de 24 questões.

Em cada ponto foi entrevistado um informante masculino, entre 28 e 58 anos. Com relação à escolaridade, os informantes das áreas rurais poderiam ter estudado até no máximo a 4ª série do ensino Fundamental, já no caso dos informantes urbanos poderiam ser desde analfabetos até pessoas que cursaram o ensino médio.

4.3.1.7 Atlas lingüístico sonoro do pará – ALISPA (RASKY, 2004)

Coordenado pelo professor Abdelhak Razky, o ALISPA integra o Projeto do Atlas geossociolingüístico do Pará. Iniciado em 1996, foi publicado em 2004 em forma de CD. Trata-se do primeiro Atlas sonoro brasileiro, cujo objetivo principal foi formar a fonoteca do estado do Pará.

A rede de pontos está dividida em 10 localidades, onde foram entrevistados 04 informantes por ponto, sendo um homem e uma mulher, distribuídos por duas faixas etárias, de 18 a 30 anos e de 40 a 70 anos.

O CD-Rom, elaborado a partir das 157 perguntas que constituem o Questionário-Fonético-Fonológico do Projeto ALiB, permite ao leitor ver a transcrição fonética das respostas e ainda ouvir cada uma delas na voz do informante. O CD vem acompanhado por um livro, no qual o autor apresenta alguns resultados das pesquisas elaboradas pelo projeto e que tiveram como escopo a descrição de algumas características de parte dos falares paraenses.

4.3.1.8 Atlas lingüístico do amazonas – ALAM (CRUZ, 2004)

O ALAM foi desenvolvido como tese de doutoramento na Universidade Federal do Rio Janeiro por Maria Luiza de Carvalho Cruz, sob a orientação da Profª Drª Silvia Figueiredo Brandão. O Atlas é composto por dois volumes: no primeiro deles há uma apresentação metodológica e no segundo há a apresentação de 107 cartas fonéticas e 150 cartas-lexicais. A rede de pontos é formada por nove localidades, em cada uma das quais foram entrevistados seis informantes: um homem e uma mulher, distribuídos em três faixas etárias: de 18 a 35 anos; de 36 a 55 e de 56 a 75 anos.

O questionário é formado por 162 questões fonético-fonológicas e 329 questões semântico-lexicais. Além disso, foram gravados discursos livres e semidirigidos de cada informante, para que no futuro possam servir como base para análises morfossintáticas e prosódicas.

O quadro 6 mostra, sinteticamente, a metodologia adotada pelos Atlas concluídos, de que tratamos até aqui.

Uma breve comparação com relação à metodologia adotada pelos Atlas publicados no Brasil nos permite afirmar que os Atlas regionais publicados não seguiram uma metodologia que permita aglutinar os dados para compor um atlas nacional, contudo, é possível observar a partir dos dados expostos no Quadro 05, um “caminho” metodológico que parte de uma Dialetoлогия tradicional e chega a uma Dialetoлогия contemporânea em que são contempladas várias dimensões da variação. Como se pode observar, não há ainda nos Atlas brasileiros a preocupação com a pesquisa orientada para uma visão topodinâmica, ou seja, em que o movimento social e o geográfico são levados em conta.

4.3.1.9 Atlas linguístico do estado do Ceará – ALECE (BESSA, 2010)

O ALECE, também recente, foi lançado 20/05/2010 na Universidade Federal do Ceará. O atlas é resultado de dezessete anos de pesquisas.

A equipe de pesquisadores do Projeto ALECE foi coordenada por José Rogério Fontele Bessa, cujo principal objetivo era a descrição do falar cearense, assim como buscar a reformulação do ensino de língua portuguesa no estado em questão. A rede de pontos compõe-se por 69 localidades e o questionário é formado por 306 questões agrupadas em cinco campos semânticos: Natureza, Tempo, O Homem, Parentesco e Partes do corpo. Os informantes foram divididos entre homens e mulheres com idade entre 30 e 60 anos que tivessem estudado até no máximo a 4ª série do ensino fundamental.

Quadro 6 – Metodologia Adotada pelos Atlas Concluídos no Brasil

Atlas	Nº de Pontos	Nº de cartas	Total de informantes	Informantes por ponto	Idade	Sexo	Dimensões
APFB (1963)	50	199	100	02 a 06	25-84	M e F	Mono
EALMG (1977)	116	73	116	01	30-50	M*	Mono
ALPB (1984)	25	149	100	03 a 10	30-75	M e F	Mono
ALSE I (1987)	15	182	30	02	32-52	M e F	Bi
ALSE II (2005)	15	105	30	02	32-52	M e F	Bi
ALPR I (1994)	65	191	130	02	30-65	M e F	Bi
ALPR II (2007)	65	180	130	02	30-65	M e F	Bi
ALERS (2002)	294		294	01	28-58	M	Mono
ALISPA (2004)	10	159	40	04	19-30 e 40-70	M e F	Pluri
ALAM (2004)	09	257	54	06	18-35 36-55 56-75	M e F	Pluri
ALMS	032	216	128	04	18-35 42-83	M e F	Pluri
ALECE	69	240	265	04	30-60	M e F	Pluri

*Verificamos a existência no EALMG de duas informantes mulheres uma no ponto 43 outra no ponto 57

4.3.2 Atlas Linguísticos em Andamento

4.3.2.1 Atlas linguístico do Brasil – ALiB

Deu-se início ao projeto de um Atlas linguístico do Brasil em novembro de 1996, por ocasião do encontro de Geolinguística desenvolvido em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). O ALiB é um projeto de âmbito nacional que envolve várias universidades em todo país, coordenado por um comitê nacional integrado por: Suzana Alice Cardoso (UFBA), diretora presidente, Jacyra Andrade Mota (UFBA), diretora executiva, e Aparecida Negri Isquierdo (UFMS), Abdelhak Rasky (UFPA) Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Maria do Socorro Aragão (UFC/UFPB), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS) e Walter Koch *in memoriam*, diretores científicos. No que se refere à metodologia seguida pelo projeto, tem-se uma rede de pontos formada por 250 localidades distribuídas por todo o território nacional de acordo com a densidade demográfica, fatores sociais, históricos e processo de povoamento de cada região. O questionário adotado para a realização da pesquisa é resultado de muita experimentação e contou com a colaboração de vários pesquisadores. Está dividido em três grandes partes, sendo elas respectivamente: i) Questionário Fonético Fonológico (QFF) que contém 159 perguntas e questões de prosódia; ii) Questionário Semântico Lexical (QSL) que contém 202 perguntas distribuídas por catorze áreas semânticas; iii) Questionário Morfosintático (QMS) com 49 perguntas além de Temas para discurso semidirigido e Perguntas Metalinguísticas.

Para a seleção dos informantes foram estabelecidos critérios baseados na Dialetologia Pluridimensional, que, ao contrário da Dialetologia tradicional que entrevistava por ponto: um informante masculino, idoso, sedentário e analfabeto, atualmente não se limita a informantes com esse perfil. No caso do ALiB, são quatro informantes por ponto linguístico do interior, e oito para as capitais. No interior buscam-se um homem e uma mulher entre 18 e 30 anos e um homem e uma mulher entre 50 e 65 anos, com escolaridade básica até a 8ª série do Fundamental ou do Supletivo; nas capitais, além desses, acrescentam-se mais quatro com o curso superior completo. Os pais dessas pessoas devem ser nascidos na localidade

ou na mesma região linguística pesquisada. É necessário também que tenham uma profissão definida, denteição completa, principalmente os incisivos, e não apresentem problemas de audição e de dicção. Contudo, de acordo com ata da reunião do workshop do projeto ALiB, realizado em 2007 foi necessária a discussão e adaptação do perfil dos informantes, sobretudo no que tange à origem dos pais. Isto se deu a partir dos relatos da diretora científica da Regional Paraná, Professora Doutora Vanderci de Andrade de Aguilera, sobre as dificuldades detectadas pela equipe Paraná para encontrar informantes que se enquadrassem no perfil definido pelo ALiB em regiões de povoamento recente e alvo de grandes fluxos migratórios. Quanto à origem/naturalidade dos pais, o Brasil tem sido marcado, sobretudo nos últimos cinquenta anos, por uma intensa mobilidade interna, ora na direção norte-sul; ora na direção sul-norte, o que tem dificultado a realização de um Atlas topoestático, como se previa inicialmente pelo ALiB. Em alguns casos, sobretudo em regiões do estado de São Paulo, foi necessário tornar esta exigência mais flexível para viabilizar a coleta dos dados. Foi esta discussão, principalmente as realizadas no decorrer das reuniões mensais do ALiB-regional Paraná, que nos levou a pesquisar a região estudada, sob a ótica da topodinamicidade.

4.3.2.2 Atlas linguístico do estado de são paulo – ALESP – um atlas em andamento?

O projeto ALESP foi planejado pelo professor Dr. Pedro Caruso, da Universidade Estadual Paulista- campus de Assis que publicou um questionário dividido em dois grandes campos semânticos: Terra (com 141 questões) e Homem (com 161 questões), havia ainda 6 questões sobre lendas e superstições e uma seção de relatos de experiência pessoal. A rede de pontos compunha-se de 100 localidades do território paulista. A etapa de coleta dos dados foi concluída em 1988, mas o projeto encontra-se suspenso. Nas palavras de Isquierdo (2006, p. 82), esta suspensão se dá “por questões diversas, relacionadas, sobretudo, a vicissitudes ligadas à equipe de pesquisa”. É importante destacar, no entanto, a importância de Caruso para os estudos geolinguísticos no Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sobretudo no que tange à formação de pesquisadores e da mentalidade dialetológica.

4.3.2.3 Atlas linguístico do rio grande do norte – ALiRN

O projeto é coordenado por Maria da Neves Pereira na Universidade Potiguar (UnP) e segue a proposta metodológica do projeto ALiB, ao qual está engajado desde 1998. A rede de pontos é formada por dez localidades, das quais cinco fazem parte da rede de pontos do projeto ALiB. Consta que a coleta de dados já foi concluída, estando agora na fase de transcrição fonética dos dados coletados.

4.3.2.4 Atlas linguístico do maranhão – ALiMA

Assim como o Projeto ALiRN, o Projeto do Atlas Linguístico do Maranhão segue a metodologia proposta pelo Projeto ALiB. Com relação aos pontos de inquérito, 18 localidades cobrem todas as microrregiões do estado, metade delas coincidentes com a rede de pontos do Projeto ALiB. A pesquisa utiliza, além do Questionário do ALiB, um questionário específico em que são contemplados os temas: Bumba meu - boi; reggae; manifestações culturais de raízes africanas; produtos agroextrativistas; culinária e línguas indígenas. A coleta dos dados está concluída e em fase de transcrição das entrevistas.

4.3.2.5 Atlas linguístico do espírito santo

Compreende 32 localidades, nelas estão sendo inquiridos uma mulher e um homem com idade entre 30 e 55 anos, com pouca escolaridade, nascidos na localidade ou chegados criança. O questionário é dividido em Lexical: 227 questões; Fonético: 25 questões; Questionário morfossintático: 6 questões; e Discurso Semi-dirigido que investiga o uso dos tempos presente, passado, futuro e condicional.

4.3.2.6 Atlas linguístico de rondônia

Segue a metodologia adotada pelo ALiB. Foram selecionados vinte e oito pontos de inquérito, sendo vinte e cinco municípios e três distritos, dentre os cinquenta e dois municípios do estado. A coleta de dados já está concluída

4.3.2.7 Atlas linguístico de pernambuco

O projeto de tese de doutorado foi executado pelo professor da Autarquia de Ensino Superior de Alcoverde (AESA), Edmilson José de Sá, e o curso de doutorado na Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação de Maria do Socorro Silva Aragão, diretora executiva do Atlas Linguístico do Brasil e autora do Atlas Linguístico da Paraíba. Defendido recentemente, 04/12/2013.

4.3.2.8 Atlas linguístico do amapá – ALAP

Trata-se de um projeto de pesquisa coordenado pelo professor Addelhak Rasky. A rede de pontos é constituída por 10 localidades. Número total de quarenta e quatro informantes, sendo oito na capital oito e nas demais quatro informantes que seguem o mesmo perfil do ALiB. A coleta de dados já está concluída, o projeto encontra-se na fase de transcrição dos dados.

4.3.2.9 Atlas etnolinguístico de alagoas

A pesquisa, em fase inicial, será desenvolvida pela aluna de doutorado do Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem, UEL sob orientação da professora Vanderci de Andrade Aguilera.

5 METODOLOGIA ADOTADA

5.1 REDE DE PONTOS

Para a definição da rede de pontos nos amparamos nos princípios da Geografia Linguística Pluridimensional, uma vez que estes visam combinar a Dialetoлогия areal com a Sociolinguística verificando “até que nível se estende um fenômeno linguístico identificando, numa área, entre os locutores de um mesmo grupo social”. (THUN, 2005, p. 68).

No Brasil, os estudos geolinguísticos que vêm sendo desenvolvidos nas últimas décadas, com a produção de trabalhos direcionados para o registro do falar de diferentes áreas geográficas, têm contribuído para a construção de uma metodologia sólida, orientada pela observação *in loco*.

A definição das localidades a serem investigadas num estudo geolinguístico é tarefa primordial e fundamental, já que seus resultados dependem, sobretudo, de uma escolha cuidadosa e criteriosa das localidades a serem investigadas. Sobre isto, Isquierdo (2006, p.06) informa:

Podemos definir rede de pontos como o conjunto de localidades onde será realizada a pesquisa, que são escolhidas segundo diversos critérios e que devem representar todo o território estudado. Por exemplo: a rede inclui mais lugares em terra onde as diferenças dialetais são mais interessantes, em zonas isoladas, em áreas de fronteira e menos onde haja maior uniformidade linguística. Inicialmente evita-se a inclusão de cidades dentre na rede de pontos, uma vez que se buscava o caráter arcaizante da linguagem, fenômeno mais evidenciado em lugares distantes dos centros mais avançados em termos tecnológicos (atlas rurais). Esse critério tem sido revisto e na atualidade os estudos dialetológicos atingiram as cidades, inclusive, os grandes centros, surgindo assim os atlas urbanos.

Dessa forma, e partindo das *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, publicado em 1958 por Antenor Nascentes, foi realizada uma investigação sistemática e detalhada de cada um dos municípios, no que tange, principalmente, às suas características históricas, sociais, geográficas e econômicas. Além disso, para a definição da rede de pontos, no total de quatro localidades, foi levado em consideração o número de imigrantes que cada uma dessas cidades

recebeu no período de grande fluxo migratório. Tivemos como base para a nossa escolha, além da distribuição espacial das localidades no espaço geográfico, os dados da Fundação SEADE. Escolhemos, então, as localidades que estavam entre as dez cidades que mais receberam migrantes nordestinos no período de grande fluxo migratório, sendo elas respectivamente: Andradina, Adamantina, Rancheira e Presidente Epitácio. Este trabalho, em função de seu caráter individual, do tempo que lhe foi imposto e de seu alto custo, não pode abranger uma rede de pontos mais densa.

5.1.1 Andradina

Nas últimas décadas do século XIX, toda a região oeste da então província de São Paulo eram terrenos desconhecidos, habitados por indígenas. Desde 1860, todavia, diversos presidentes da província vinham insistindo na necessidade de um levantamento geográfico minucioso dos terrenos paulistas. Em 1886, durante o governo do Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira foi criada a Comissão Geographica e Geológica da Província de São Paulo, com vistas aos trabalhos de levantamento de cartas geográficas, topográficas, itinerárias e geológicas da província. De acordo com dados da Fundação SEADE, sobre a formação dos municípios no território paulista, a origem de Andradina está ligada, sobretudo, ao espírito empreendedor dos primeiros desbravadores que, na década de 1920, penetraram nessa região enfrentando toda a sorte de revezes, numerosas epidemias, além das dificuldades comuns ao processo de fixação na terra.

Após a ação dos primeiros colonos, um fato marcou definitivamente o destino do então vilarejo - a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 11 de Julho de 1937, data que passou a ser considerada como a de fundação da cidade. A estrada de ferro abriu caminho e ampliou fronteiras, exercendo influência decisiva no desenvolvimento e evolução de toda a região.

Sob a jurisdição do município de Valparaíso, o Distrito de Andradina foi criado por meio da Lei nº. 3.126 de 10/11/1937, apenas cinco meses depois da fundação do povoado, ocorrido em 11 de julho de 1937. Pelo Decreto nº 9.774, de 30/11/1938, o Distrito desmembrou-se de Valparaíso e foi constituído o Município de Andradina, ao mesmo tempo em que era criada a comarca. Foi empossado o

Prefeito nomeado Evandro Brembati Calvoso, que passou a administrar o município na época do "Estado Novo".

Localizada à latitude sul: 20,53° e longitude 51,22° a oeste, atualmente a cidade de Andradina possui, de acordo com o censo demográfico realizado em 2008 pelo IBGE, uma população total de 55.161 moradores, dos quais 50.836 habitam a zona urbana e 4.325, a área rural. Dentre a população total da localidade 27.199 são do sexo masculino e 27.962 do sexo feminino. Sua área total é de 960,1 km², apresentando, portanto, uma densidade demográfica igual a 57,45 hab/km².

O mapa a seguir mostra a localização do município de Andradina no estado de São Paulo:

Figura 12 – Município de Andradina no Estado de São Paulo



Fonte: Fundação SEADE

5.1.2 Adamantina

De acordo com dados fornecidos pelo próprio município, o nome dado à localidade respeitou o critério utilizado pela Companhia Paulista de Estrada de Ferro, pelo qual aos locais de parada deveriam ser atribuídos nomes femininos, de acordo com uma sequência alfabética. A história de Adamantina está associada, sobretudo, à Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização (CAIC) que, em 1937, voltou sua atenção para a região Oeste do Estado de São Paulo, reiniciando a colonização da região em continuidade ao processo que já havia começado no

Estado. A partir de negociação entre a CAIC e a firma Boston Castle Company Limited, ficou estabelecido que, em 1938, seria aberto um caminho na mata, aproveitando-se os trechos mais antigos. Nesse mesmo ano, foi iniciada a abertura das estradas laterais de penetração e, sob a direção do engenheiro Alberto Aldwini, também a venda de terras. O plano de colonização da CAIC dividiu a gleba em pequenos lotes, eliminando o latifúndio e formando propriedades com área média de 10 alqueires, todas servidas por água e estradas. O surto cafeeiro e a chegada da ferrovia como ponto final no município proporcionaram o rápido crescimento de Adamantina e da área que se estendia até o Rio Paraná, fazendo convergir, para a região, passageiros e a produção agrícola.

Em 1937 chegam os primeiros habitantes à região - funcionários da Companhia Agrícola Imigração e Colonização – CAIC. No ano seguinte foi concluída a abertura do caminho que liga a cidade de Tupã a Adamantina e em 1939 deu-se o início dos loteamentos na região. O distrito de Adamantina foi criado em 24 de dezembro de 1948 com território desmembrado do distrito sede de Lucélia e do distrito de Aguapeí do Alto, atual município de Flórida Paulista.

Somente com a chegada da estrada de ferro à cidade houve o desenvolvimento de sua infraestrutura, ou seja, foram construídas nesse período várias edificações como, por exemplo: delegacia de polícia, posto de saúde, ampliação da rede elétrica, ginásio e escola normal, pavimentação entre outros.

Localizada à latitude sul: 21,41° e longitude a oeste: 51,04°, atualmente a cidade de Adamantina possui uma população total de 34.366 habitantes, de acordo com dados do censo demográfico realizado em 2008. Deste total, encontram-se na zona urbana 30.368 moradores, enquanto 3.129 encontram-se na zona rural. Ainda entre a população total 16.321 são do sexo masculino e 17.176 do sexo feminino. A área total do município de Adamantina é de 412 km², com a densidade demográfica de 83,9 hab/km².

O mapa a seguir mostra a localização do município de Adamantina no estado de São Paulo:

Figura 13 – Município de Adamantina no Estado de São Paulo



Fonte: Fundação SEADE

5.1.3 Rancharia

De acordo com dados da Fundação SEADE e da Casa São Paulo, disponibilizados em seus sites, no ano de 1916 foi construído um acampamento de ranchos no local onde nasceu a cidade de Rancharia para que os trabalhadores que construía a Estrada de Ferro Sorocabana pudessem se abrigar. Os executores desse serviço distinguiram o acampamento pela designação de Rancharia que, difundida, tomou corpo, oficializando-se como o nome da localidade.

Logo, muitos sertanistas, entre eles José Silva de Oliveira, Francisco Isidoro, José Custódio Dias de Araújo, Antonio Figueiredo, Antonio Palácio e Júlio Lucant, construíram as primeiras casas e dividiram a gleba de terra, marcando o início da povoação. A inauguração da estação ferroviária, em 10 de setembro de 1916, é também considerada a data de fundação da povoação. Em 30 de julho de 1929, a povoação foi elevada a Distrito Policial. Pelo decreto nº 6.470, de 28 de maio de 1934 foi elevada a Distrito de Paz, pertencendo ao município de Quatá. Em 5 de julho de 1935, pelo decreto nº 7357, o distrito foi elevado a município, constituído dos distritos de Rancharia e Iepê. O decreto nº. 14.334, de 30 de novembro de 1944, desmembrou o distrito de Iepê e criou a Comarca de Rancharia. A instalação da Comarca deu-se em 13 junho de 1945. Hoje, Rancharia possui dois distritos, Agissê e Gardênia.

A cidade de Rancharia está localizada à latitude sul: 22,13° e longitude a oeste: 50,53°. Atualmente possui uma população total de 28.766 habitantes, de acordo com dados do censo demográfico realizado em 2008. Deste total encontram-se na zona urbana 24.985 moradores, enquanto 3.781 encontram-se na zona rural. Ainda entre a população total, 14.268 são do sexo masculino enquanto 14.498 do sexo feminino. A área total do município de Adamantina é de 158.870 km², com uma densidade demográfica de 19 hab/km².

O mapa a seguir mostra a localização do município de Rancharia no estado de São Paulo:

Figura 14 – Município de Rancharia no Estado de São Paulo



Fonte: Fundação SEADE

5.1.4 Presidente Epitácio

Assim como as demais localidades que formam a rede de pontos deste trabalho, a história de Presidente Epitácio, no início do século XX, começou com a necessidade da construção de uma estrada de rodagem que ligasse o trecho compreendido entre o “sertão desconhecido” e desabitado desta parte do Estado de São Paulo, com o sul do Mato Grosso.⁷

Como até 1880 a maioria das terras entre as barrancas dos rios do Peixe e Paranapanema continuava inexplorada, o governo do Estado de São Paulo contratou Teodoro Sampaio para percorrer e descrever a região. Em 1886, este

⁷ Atual Estado de Mato Grosso do Sul.

desbravador iniciou o levantamento de toda a bacia do Paranapanema até sua foz no rio Paraná. Mesmo assim, a maioria das terras entre as barrancas dos rios do Peixe, Paranapanema e Paraná permanecia inexplorada, e o governo paulista se propôs explorá-la.

Em 1890 o engenheiro José Alves de Lima é incumbido de abrir uma estrada entre o ribeirão São Matheus, região de Campos Novos, até o rio Paraná, para posteriormente chegar a Mato Grosso. Entretanto, devido à estrada localizar-se próxima das cabeceiras do rio Feio, desistiu-se do projeto.

Nova tentativa se dá em 1892, com a contratação, pelo Serviço Geográfico e Geológico, do engenheiro Olavo Hummel para concluir o itinerário. Em 1893, ele constrói um caminho entre o povoado de São Matheus, no município de Campos Novos do Paranapanema, pelo Vale do rio Santo Anastácio, até as margens do rio Paraná. Esta estrada, feita apenas para fins estratégicos, em pouco tempo é reabsorvida pela mata. Com o governador paulista Jorge Tibiriçá, em 1904, a região volta a ter atenção sobre ela.

O povoado nasceu como Porto Tibiriçá, em 1907, mas somente no ano de 1921, pelo decreto de lei nº 1.798, é registrada como Distrito pertencente à Presidente Prudente. No ano seguinte é inaugurada a Estação Ferroviária de Presidente Epitácio pertencente à Estrada de Ferro Sorocabana. No ano de 1948, o distrito é elevado à condição de município pelo decreto de lei 233 de 24 de dezembro.

Presidente Epitácio está localizada à latitude sul: 21,45° e longitude 52,06° a oeste. De acordo com dados do censo demográfico realizado em 2008 pelo IBGE, atualmente a localidade possui uma população total de 40.775 moradores, dos quais 36.355 se encontram na zona urbana e 2.943 na área rural. Dentre a população total da localidade 14.564 são do sexo masculino e 14.734 do sexo feminino. Sua área total é 1281.779 km², apresentando, portanto, uma densidade demográfica igual a 30,66 hab/km².

O mapa a seguir mostra a localização do município de Rancharia no estado de São Paulo:

Figura 15 – Município de Presidente Epitácio no Estado de São Paulo



Fonte: Fundação SEADE

5.2 QUESTIONÁRIO

O questionário dialetológico é um dos principais instrumentos do pesquisador em um estudo geolinguístico. É por meio dele que o pesquisador coletará os dados e, por meio desses dados, buscará alcançar seus objetivos. Nas palavras de Aguilera e Kami (2003, p. 3):

O questionário dialetológico é uma das principais ferramentas, senão a principal, das quais o linguista lança mão para coletar os dados de que precisa, dados estes que permitirão ao pesquisador alcançar seu tão almejado objetivo: uma descrição abrangente da língua. É fato que, para que cumpra com excelência todos os seus objetivos, a elaboração do questionário dialetológico deve ser fruto de um trabalho árduo de reflexão e de pesquisas prévias.

Em vista disso, foi necessária uma reflexão sobre um questionário específico adotado, para que a coleta dos dados fosse realizada de acordo com aquilo que pretendemos registrar e de maneira que tornasse nossos dados mais homogêneos. Sobre isso, Brandão (1991, p. 31-32) diz:

Para que, num Atlas, se apresente, simultaneamente, a distribuição espacial de determinadas formas linguísticas em variação, é necessário que se obtenha das entrevistas com informantes um material homogêneo, susceptível de comparação. A técnica normalmente utilizada para assegurar tal homogeneidade é a aplicação de um questionário, que serve de fio condutor da investigação por conter variáveis linguísticas que, numa última etapa, devidamente selecionadas, permitirão que se caracterizem as áreas dialetais. A formulação das perguntas depende, antes de tudo, dos objetivos do projeto. O pesquisador deve ter claro se visa ao estudo de aspectos fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos e, ainda, se quer imprimir ao Atlas um cunho etnográfico. Assim, na elaboração do questionário, mostra-se mais uma vez, de grande importância a etapa aqui denominada de 'levantamento preliminar de dados', pois a tarefa, ao contrário do que possa parecer, não é simples. Ela requer que o pesquisador conheça, em seus múltiplos aspectos, a região em que se desenvolverá o trabalho, e também, que tenha selecionado, previamente, com base em estudos linguísticos já realizados, alguns fenômenos cuja extensão ainda não tenha sido delimitada.

Para a composição desse instrumento, tomamos como base o questionário do ALiB, ao qual fizemos uma seleção para atender melhor os nossos objetivos iniciais. Ao final, o questionário ficou dividido em cinco partes: i) Questionário Fonético Fonológico; ii) Questionário Semântico Lexical; iii) Temas para Discurso Semidirigido, iv) Crenças e Atitudes Linguísticas e v) Texto para leitura.

Embora tenhamos coletado todo este acervo de dados, neste trabalho apresentamos em forma de cartas linguísticas somente os dados referentes ao Questionário Semântico Lexical. Este possui um total de 116 questões onomasiológicas divididas em dois grandes campos semânticos, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 7 – Campos do Questionário Semântico-Lexical

TERRA	HOMEM
1) Acidentes Geográficos	6) Corpo Humano
2) Fenômenos Atmosféricos	7) Ciclos da vida
3) Astros e Tempo	8) Convívio e comportamento Social
4) Atividades Agropastoris	9) Religião e Crenças
5) Fauna	10) Jogos e Diversões Infantis
	11) Habitação
	12) Alimentação
	13) Vestuário e Acessórios
	14) Vida Urbana

Para melhor direcionamento e conduta do inquiridor, as questões do Questionário Semântico-Lexical, que eram coincidentes com cartas apresentadas pelos Atlas Linguísticos da região Nordeste, vinham assinaladas com o título do Atlas em que aquela questão foi cartografada e o número de sua respectiva carta. Acreditamos que essa sinalização tenha possibilitado ao inquiridor um melhor direcionamento do questionário e, desta forma, uma conduta mais bem direcionada para o atendimento dos objetivos iniciais deste trabalho.

Além disso, ao final da aplicação de todos os questionários, selecionamos sete questões coincidentes com os Atlas nordestinos e aplicamos um teste de identificação das variantes, ou seja, a lexia era dita ao informante e lhe perguntávamos se já havia ouvido aquele termo para a designação do referente em questão e se fazia parte de seu vocabulário ativo. É o caso das seguintes questões: 010 – Arco-íris; 014 Meses do ano com nomes especiais; 021 – Parte Terminal da Inflorescência da bananeira; 023 mandioca; 033 galinha de angola; 077 estilingue; 069 – aguardente.

Por sua vez, o questionário de Temas para discurso possui nove questões que buscam narrativas de experiência pessoal, descrição, relato não pessoal, narrativas históricas e sobre crenças e superstições.

Por fim, o questionário de Crenças e Atitudes linguísticas engloba 14 questões que visam constatar a crença e as atitudes dos falantes frente aos diferentes falares que podem coexistir na região⁸.

5.3 PERFIL DOS INFORMANTES

Neste particular, definimos o perfil do informante ideal à luz da Dialetoologia Pluridimensional (THUN, 1998), ou seja, levando em consideração fatores de ordem diafásica, diastrática e diagenérica. Além disso, para a consecução de um Atlas topodinâmico, fez-se necessário acrescentar essa outra característica aos descendentes de nordestinos.

A delimitação do perfil do informante ideal para nossa pesquisa foi realizada com auxílio do Professor Harald Thun, da Universidade de Kiel, na Alemanha, em visita à UEL para ministrar um curso aos alunos da pós-graduação

⁸ O questionário completo consta nos anexos deste trabalho

em Estudos da linguagem. Em primeiro lugar, levamos em conta os períodos de grande fluxo migratório terem ocorrido entre 1930 e 1940, para que assim pudéssemos traçar idades compatíveis que os supostos filhos de migrantes teriam atualmente. Seguindo este raciocínio, buscamos, como primeira faixa etária, pessoas entre 17 e 35 anos.

Consideramos, também, no que tange à escolaridade dos informantes, o alto índice de alfabetização e ensino regular do estado de São Paulo, mais de 80% segundo dados oficiais do próprio governo. Além disso, como em todas as localidades pesquisadas, houve por parte do governo do estado a implantação do ensino supletivo e, por conseguinte, a “massificação” deste nível de instrução. Dessa forma, achamos cabível que a escolaridade básica fosse tomada como variável em comparação ao ensino superior. Para a incorporação da variável escolaridade do grupo de nível superior, tivemos o cuidado de nos certificar com relação à presença de faculdades em todas as localidades pesquisadas.

Dessa forma, buscamos como informantes oito pessoas nascidas nas localidades cujos pais tivessem vindo, com mais de doze anos, da região Nordeste do Brasil. Buscamos, portanto, um homem e uma mulher entre 17 e 35 anos e um homem e uma mulher entre 40 e 60 anos que tivessem estudado, no máximo, até a 3ª série do ensino médio ou supletivo. Além desses, buscamos mais quatro informantes, da mesma faixa etária e do mesmo sexo, porém, com curso superior completo.

O perfil de nossos informantes pode ser sintetizado nos gráficos a seguir, o primeiro com relação à idade dos informantes e o segundo com relação à naturalidade dos pais dos informantes:

Figura 16 – Distribuição dos informantes da primeira faixa etária

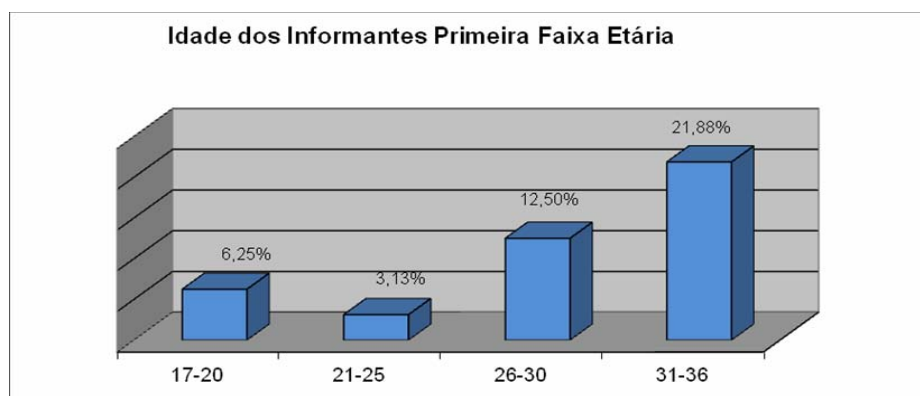
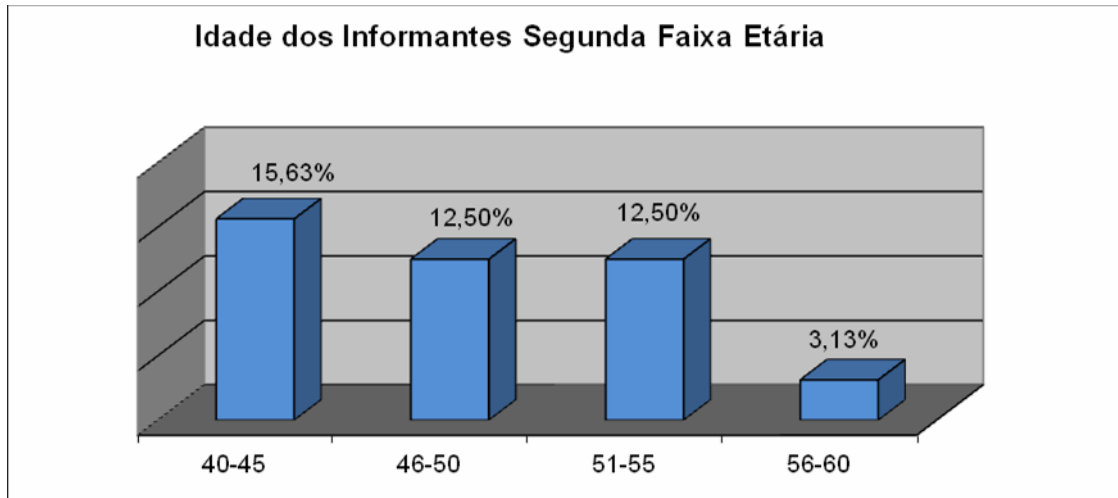


Figura 17 – Distribuição dos informantes da segunda faixa etária

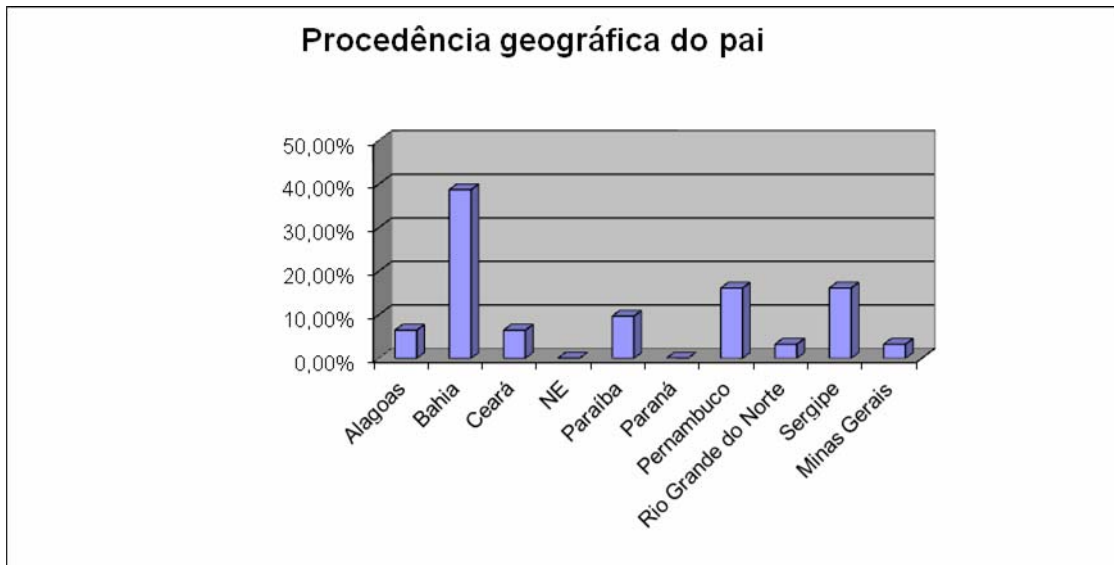
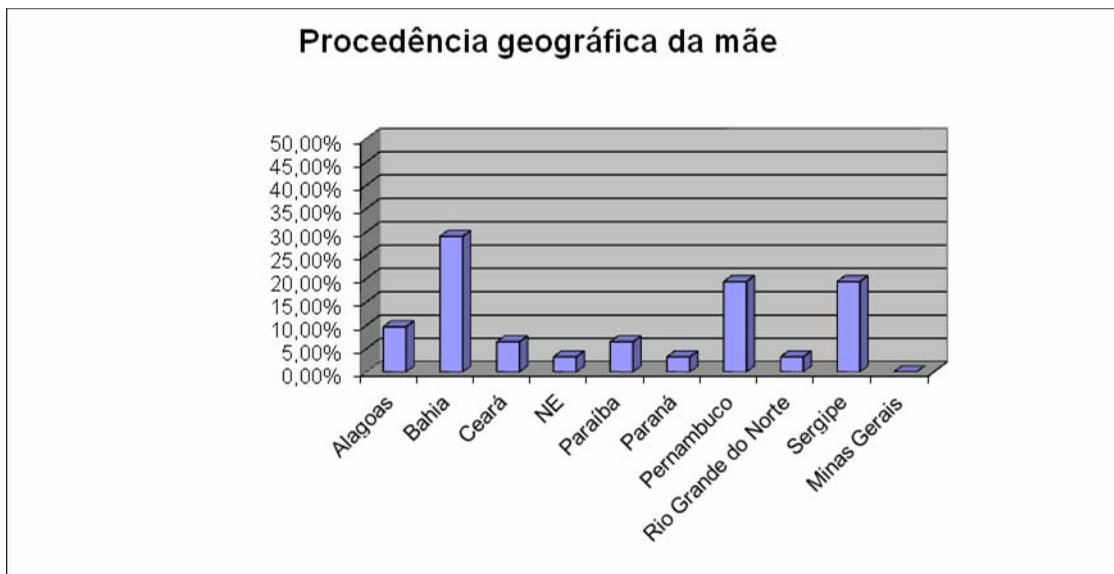


A partir do gráfico da figura 16, é possível dizer que, para a primeira faixa etária estabelecida como perfil dos informantes, predominam os informantes entre 26 e 36 anos, ou seja, pessoas que, nessa etapa da vida, normalmente se mostram mais estabilizadas, tanto na vida familiar como profissional.

Com relação à segunda faixa etária (figura 17), podemos dizer que a distribuição dos informantes é bastante homogênea, já que esta se mantém concentrada entre informantes de 40 a 55 anos, e diminui somente com relação aos informantes com mais de 56 anos.

Quanto à procedência dos pais de nossos informantes, tanto com relação à naturalidade do pai (figura 18) quanto da mãe (figura 19), o estado da Bahia manteve-se com maior índice, seguido de Pernambuco e Sergipe. Uma das mães dos informantes é nascida no Paraná, porém voltou, com os pais, ainda recém-nascida para o Nordeste onde ficou com a família até a idade adulta.

Os dados dos informantes foram registrados em fichas individuais, cujo modelo segue o padrão adotado pelo projeto ALiB. Além dessa ficha com dados pessoais, elaboramos uma ficha de dados migratórios que contém informações de procedência e motivo de saída da zona de origem, assim como ano de saída e chegada dos pais à localidade, entre outros. Tanto a ficha de dados pessoais, quanto a ficha de dados migratórios seguem anexadas a este trabalho.

Figura 18 – Procedência geográfica do pai**Figura 19 – Procedência geográfica da mãe**

5.4 A COLETA DOS DADOS

Para a localização dos informantes, fizemos primeiro um contato com as secretarias de educação de cada uma das localidades, para, desta forma, termos um intermediador ou facilitador que pudesse nos apresentar à comunidade pesquisada. Essas pessoas, porém, nem sempre dispunham de tempo livre para nos ajudar, como foi o caso de Andradina, onde, embora nossa intermediadora fosse uma pessoa bastante ativa e interessada, seus afazeres em sala de aula e na secretaria de educação dificultaram essa ajuda em boa parte da coleta.

A falta de um intermediador nos trouxe, em alguns casos, a recusa do provável informante em participar da entrevista, devido ao receio e ao medo que os moradores têm de falar com estranhos ou lhes dar entrevistas. No caso de Andradina, em particular, essa dificuldade foi maior pelo fato de sediar um presídio de segurança máxima, aliado também ao fato de que havia ocorrido na cidade, recentemente, um surto de telefonemas enganosos por parte dos presidiários que extorquiram dinheiro de vários moradores. Este “medo”, atrelado ao fato de estarmos sem condução própria ou oficial, tornou a pesquisa nessa localidade um tanto lenta e desgastante, o que não impediu, entretanto, que a coleta fosse concluída com sucesso em todas as entrevistas.

Já no caso de Adamantina, apesar de também não dispormos de transporte próprio, nosso intermediador colocou à nossa disposição, em horário comercial, o veículo da secretaria de educação. Além disso, em boa parte da pesquisa, estivemos acompanhadas por nosso intermediador. Assim, procuramos e selecionamos os informantes durante o período diurno em que dispúnhamos de transporte e realizamos as entrevistas durante a noite já em local e horário determinados por eles. No entanto, embora tenhamos tido todo apoio da secretaria de educação nessa localidade, mesmo realizando três viagens para Adamantina, não conseguimos localizar um informante que atendesse ao perfil do informante 5, ou seja, homem, da primeira faixa etária e com nível superior. Durante nossa busca chegamos a encontrar uma pessoa que morava na cidade vizinha e possuía as características adequadas, no entanto esta pessoa possuía um grave problema de dicção e disfluência da fala que nos levou a descartar o inquérito.

Para a cidade de Rancharia foram realizadas três viagens, onde tivemos condução e motoristas próprios da pesquisadora, o que facilitou bastante a execução do trabalho.

Por fim, a coleta na cidade de Presidente Epitácio foi bastante atípica, com relação à jornada dos dialetólogos, já que, em apenas um dia e meio e sem exaustão, nossa intermediadora, uma pessoa com bastante prestígio na localidade, nos localizou os oito informantes. Outro fator importante na rapidez e eficiência do trabalho neste ponto específico foi a presença de três inquiridoras, o que possibilitou a realização simultânea de vários inquéritos.

Em todos os casos, os informantes eram abordados pela pesquisadora que dizia estar fazendo um trabalho na faculdade cujo objetivo era encontrar pessoas com determinadas características para uma “conversa” sobre as coisas da localidade e os costumes e histórias contados pelos pais migrantes. Somente após o término do inquérito dávamos aos informantes uma pequena lembrança pela cooperação com o nosso trabalho. Houve somente um caso, em Andradina, em que pagamos a quantia de vinte reais a um informante que se dispôs a ir ao hotel depois de sua aula, por volta das onze da noite, e nos concedeu a entrevista até uma hora da madrugada. Além disso, o informante intermediou a busca de informantes no dia seguinte no bairro em que morava.

Em nossa primeira viagem de pesquisa, as gravações foram realizadas em mini-discs por meio de um aparelho de MD Sony e de um microfone externo marca Clone – Multimídia System. No entanto, das seis entrevistas realizadas quatro apresentaram perda de dados, e em uma delas houve a perda total da gravação. Em vista disso, nos outros pontos e nas refacções destes inquéritos, optamos por utilizar gravadores de fita k7 Panasonic RQ-L31 e VAS – voice activated system TCM-85, principalmente devido à maior segurança para gravação e armazenamento. Em boa parte das entrevistas, fizemos também uma gravação de segurança utilizando um aparelho MP3 marca Foston , modelo digital Life, sem saída externa para microfone.

5.5 INFORMATIZAÇÃO, CATALOGAÇÃO, TRANSCRIÇÃO E REVISÃO DOS DADOS

Para facilitar o acesso aos dados, os inquéritos foram digitalizados a partir do programa computacional Sound Forge 7.0 e copiados em DVD. Procedemos ainda à conservação das entrevistas no disco rígido do computador, assim como na catalogação de todas as fitas cassetes e MDs utilizados.

A transcrição dos dados foi realizada por três transcritoras distintas com vasta experiência em transcrição de dados e pautada nas normas estabelecidas em 2007 pelo Comitê Nacional do projeto ALiB. Todas as entrevistas foram revisadas pela pesquisadora. Depois de transcritas, as respostas do Questionário Semântico-Lexical foram tabuladas em planilhas, sintetizadas e organizadas. A partir disso, foi utilizado o programa Gimp para a cartografia das

respostas que foi feita de forma manual em cada carta e depois impressa. Sabemos que já existem programas que, quando alimentados adequadamente, geram automaticamente cartas linguísticas, contudo, devido ao tempo limitado, não consideramos cabível o uso de uma ferramenta que ainda não dominávamos perfeitamente.

5.6 CRITÉRIOS PARA A ELABORAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

Os mapas lexicais gerados a partir de nossa base de dados constituem o segundo volume deste trabalho, sendo 116 cartas lexicais e 3 cartas introdutórias. Organizamos a distribuição dos dados nas cartas de modo que o leitor possa interpretar os dados mais rapidamente. Dessa forma, colocamos no início da página o número da carta e o nome do referente em questão. No canto direito em ordem decrescente, situa-se a legenda e logo em seguida um gráfico com a distribuição geral das variantes. Além disso, ao final da página, transcrevemos a questão como foi formulada.

Há que acrescentar que as 32 questões presentes no QSL do ALTOSP que são coincidentes com cartas apresentadas nos Atlas publicados no Nordeste até o ano de 2011 (APFB, ALPB e ALS) apresentam-se seguidas de gráficos que sintetizam os dados pertencentes a estes Atlas. Com isto, buscamos permitir ao leitor uma análise comparativa com os dados coletados na região de origem dos pais de nossos informantes.

O esquema seguinte mostra a forma de apresentação das respostas nas cartas linguísticas:

Figura 20 – Esquema de apresentação das respostas nas cartas linguísticas

INF.- 1	INF.- 2
INF.- 3	INF.- 4
INF.- 5	INF.- 6
INF.- 7	INF.- 8

A primeira cruz apresenta os dados dos informantes de escolaridade básica, sendo os informantes masculinos designados pelos números ímpares e as informantes designadas pelos números pares. Os dois primeiros informantes correspondem à primeira faixa etária e os demais à segunda. Para a segunda cruz, que diz respeito aos registros obtidos dos informantes de nível superior, seguimos a mesma classificação. Deste modo, o informante pode ser identificado no mapa tanto pela posição que ocupa na cruz, como também pela sua representação pelo símbolo geométrico. Acreditamos que, didaticamente a junção destes dois critérios para representação dos informantes facilita e torna menos exaustiva a leitura e interpretação das cartas.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

6.1 CONTRASTE DIACRÔNICO ENTRE OS DADOS LEXICAIS DO ALTOSP E DOS ATLAS PUBLICADOS NA REGIÃO NORDESTE

Neste capítulo nos dedicamos a uma breve descrição e análise contrastiva dos dados coletados com relação às 32 cartas do QSL coincidentes entre o ALTOSP e os Atlas já publicados na região Nordeste do país, sendo eles respectivamente: APFB; ALPB; ALS I e ALS II. Entendemos que, para um Atlas ser verdadeiramente topodinâmico, é necessário que haja um movimento de contraste com outros trabalhos já publicados anteriormente, e, neste caso, procedemos a uma verificação diacrônica com relação aos dados coincidentes entre estes Atlas.

Em vista disso, julgamos cabível ao nosso trabalho um olhar contrastivo entre as variantes registradas por nós e as que foram registradas pelos Atlas nordestinos anteriormente. É claro que, levamos em consideração que cada Atlas possui uma metodologia⁹ distinta, adotada de acordo com o momento histórico a que pertence. Essas diferentes metodologias adotadas pelos Atlas brasileiros, neste caso os da região Nordeste, evidenciam as mudanças ocorridas na sociedade brasileira, e, portanto, a necessidade de mudanças metodológicas para a pesquisa geo-sociolinguística, já que toda pesquisa desta natureza parte de uma análise prévia da sociedade a ser investigada. O que propomos aqui é somente um olhar dinâmico sobre a língua portuguesa falada no espaço brasileiro, em especial a falada no Nordeste do país e na região oeste de São Paulo.

Com o intuito de tornar a análise sistemática, optamos por contrastar esses dados separando-os por Atlas Linguístico e seguindo a ordem cronológica de publicação. Primeiramente, fazemos uma comparação com os dados registrados em 1963, no Atlas Prévio dos Falares baianos, seguido pelos dados do Atlas Linguístico da Paraíba (1984); de Sergipe I (1987) e, por fim, de Sergipe II (2004). Iniciamos com um Quadro (n. 8) em que colocamos lado a lado as 32 cartas coincidentes, isto é, as que abordam temas comuns ao ALTOSP e aos demais Atlas do Nordeste. Para facilitar a leitura, dispomos os dados dos Atlas nesta sequência: APFB, ALS I,

⁹ Já apresentada por nós no Capítulo 5 – Fundamentação Metodológica

ALS II, por terem sido elaborados pela mesma equipe de Nelson Rossi e na última coluna os dados do ALPB.

No quadro a seguir organizamos as cartas do ALTOSP que coincidem com cartas dos Atlas mencionados:

Quadro 8 – Cartas Coincidentes ALTOSP e Atlas da Região Nordeste

Carta ALTOSP	APFB (nº da carta)	ALPB (nº da carta)	ALS I (nº da carta)	ALS II (nº da carta)
001 – Córrego		(01)		
005- Onda de rio	(16)			
006- Redemoinho de Vento		12		
010 Arco-íris	(3,4,5,6)	(030)	(3 e 4)	
011 Estrela Cadente	(02)	(034)		
017- Trás-ante-ontem	(08)	16	6	
021 Parte terminal da Inflorescência bananeira	(032)		(032)	
025- Trabalhador de enxada	(23)		24	
033- Galinha d'angola	(114 –r)		(116)	
039 Terçol	(91r)	(071)	(98)	
040 - Conjuntivite	(92)		99	
041- Dente canino	(54)		56	
042- Dentes do siso	(55)		(55)	
043 –Dente Queiro				42
047- Seios	(59)	(49)		09
048 Útero	(61)	(57)	(62)	
049 Menstruação	(87)	(94)	(92)	
050 Menopausa			(96)	
052 Dar a luz		(96)		
056 Filho mais moço				078
061 Sovina	(103;104 e105)	(83)	109	
064 Marido enganado		(091)		
065 Prostituta	(106)		(110 e 112)	
068 Cigarro de palha	(51)			
069 Toco do cigarro/Bituca				74
075 Cambalhota	(109r)	(102)	113	
076 Bolinha de gude		(105)		97
082 Pega-pega				98
Carta ALTOSP	APFB (nº da carta)	ALPB (nº da carta)	ALS I (nº da carta)	ALS II (nº da carta)
091 Café da manha				48
096 Aguardente		(89)		
102 Sutiã	(68)	(51 e 52)	69	
115 Ônibus				102

Sobre a distribuição das cartas coincidentes entre nosso trabalho e os demais Atlas já publicados na região Nordeste (APFB; ALS I; ALS II e ALPB) podemos observar que:

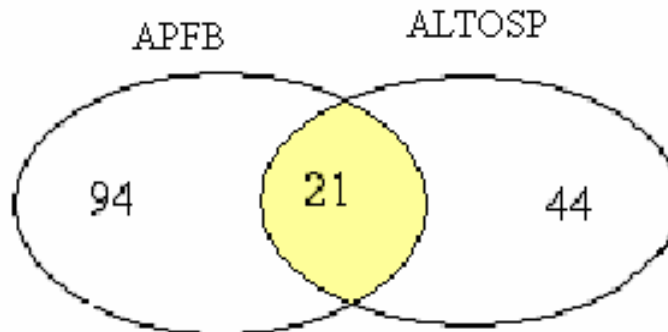
- Nove questões são coincidentes em três Atlas (APFB; ALS I e ALPB): 010 – *arco-íris*; 017 – *Trás-ante-ontem*; 039 *Terço!*; 047 *Seio*; 048 – *útero*, 049 *menstruação* e 061 – *sovina*; 075 *cambalhota*; 102 *Sutiã*.
- Nove questões coincidem entre dois Atlas 011 – *estrela cadente* (APFB e ALPB); 021 – *Parte terminal da inflorescência da bananeira*; 025 – *Trabalhador de enxada*; 033 – *galinha d'angola*; 040 – *Conjuntivite*; 041 – *Dente Canino*; 042 – *dentes do siso*; 065 – *prostituta* (APFB e ALS I); e 076 – *bolinha de gude* (ALPB e ALS II) e 102 *sutien* (APFB e ALPB e ALS I);
- Catorze coincidem com apenas um Atlas: 001 – *Córrego* (ALPB); 005 – *Onda de rio* (APFB); 006 – *Redemoinho de vento* (ALPB); 043 – *Dentes molares* (ALS II); 050 – *Menopausa* (ALS I); 052 – *Dar à luz* (ALPB); 056 – *Filho mais moço* (ALS II); 064 – *Marido enganado* (ALPB); 068 – *Cigarro de palha* (APFB); 069 – *Toco de cigarro/bituca* (ALS II); 082 – *Pega-pega* (ALS II); 091 – *Café da manhã* (ALS II); 096 – *Aguardente* (ALPB) e 115 *Ônibus* (ALS II).

6.1.2 Contraste Diacrônico com Atlas Prévio dos Falares Baianos

A partir da tabela apresentada, é possível observar que 19 cartas do APFB são coincidentes com nosso trabalho. Para a designação desses 19 referentes foram registradas no APFB 115 variantes, já no ALTOSP para a designação destes mesmos referentes, registramos apenas 65 variantes. Deste número total de variantes registradas 21 são coincidentes nos dois Atlas, tendo sido registradas em 15 das 19 cartas. Tais variantes chamamos de variantes coincidentes. São elas respectivamente: Carta 005- *onda*; Carta 010: *arco-íris* e *arco-da-velha*; Carta 017: *trasanteontem*; Carta 021: *coração da banana*; Carta 025: *lavrador* e *diarista*; Carta 033: *galinha de angola* e *guiné*; Carta 039: *terço!*; Carta 040: *conjuntivite*; Carta 041: *presa*; Carta 043: *queixa!*; Carta 048: *paquete*; Carta

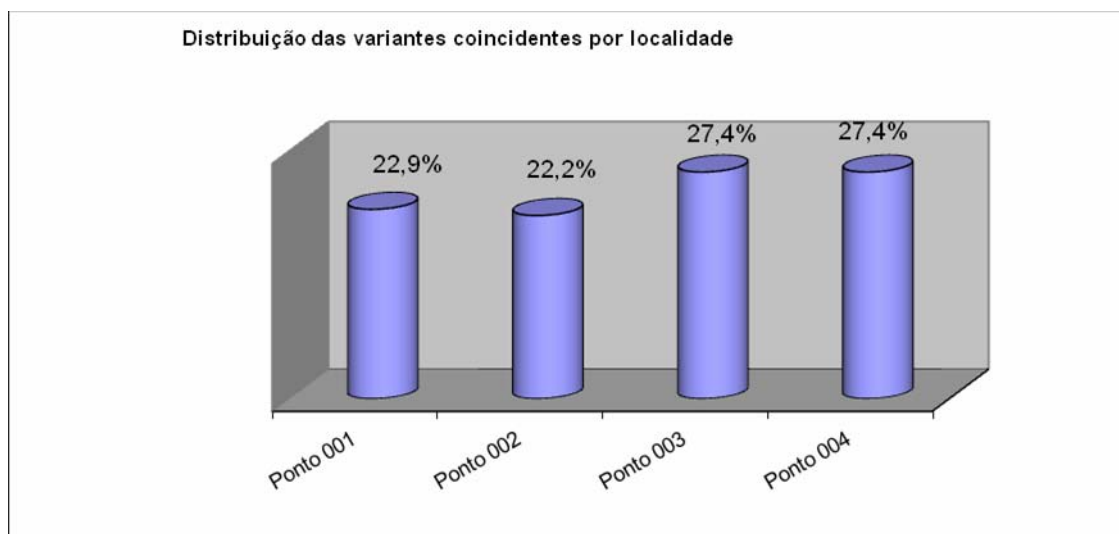
061: *pão- duro*; Carta 061: *canguinha, econômico e avarento*; Carta 075: *cambota* e Carta 102: *sutiã*. A imagem abaixo ilustra este índice de coincidência entre os dois Atlas, as 21 variantes coincidentes a que o gráfico se refere trata-se das listadas acima.

Figura 21 – Variantes Coincidentes entre APFB e ALTOSP



Com relação à distribuição das 21 variantes coincidentes citadas, por localidade temos que, em todas as localidades, os índices se mantiveram entre 20 e 30%, contudo, há uma proximidade maior de valores entre os pontos 1 e 2 (respectivamente: Andradina e Adamantina), assim como entre os pontos 3 e 4 (respectivamente: Rancharia e Presidente Epitácio). Fato evidente no gráfico que segue:

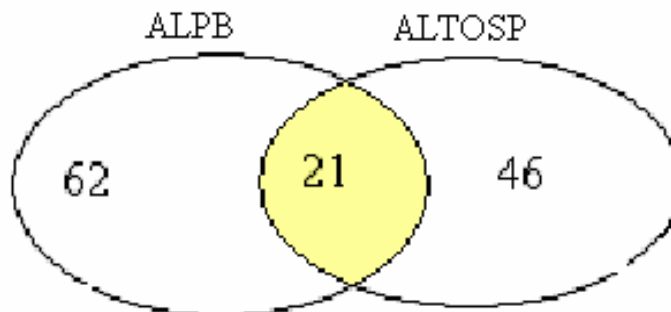
Figura 22 – Distribuição por localidade das variantes coincidentes entre o APFB e o ALTOSP



6.1.3 Contraste Diacrônico com o Atlas Linguístico da Paraíba

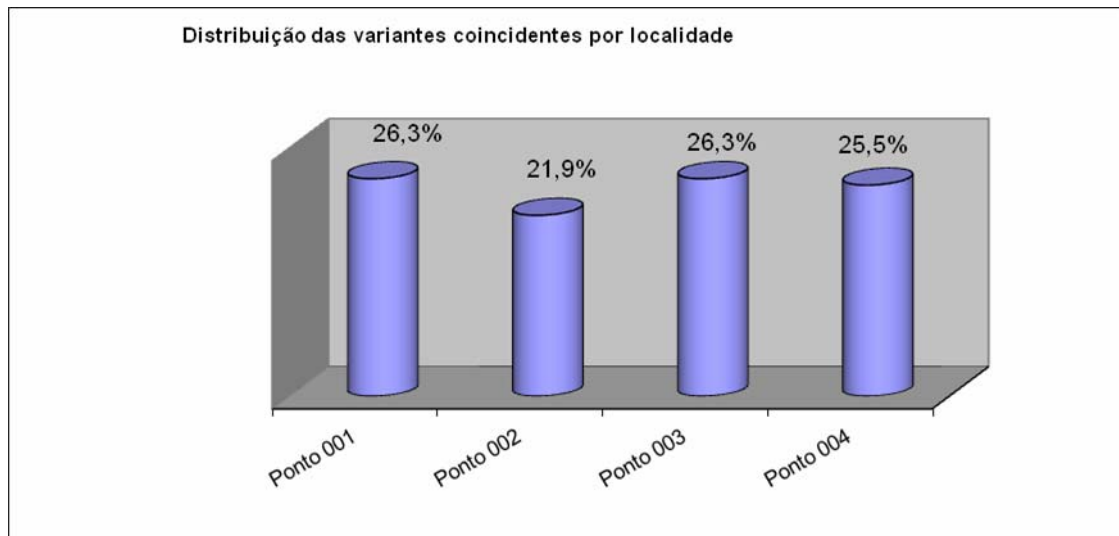
Para o contraste dos dados com o Atlas linguístico da Paraíba, seguimos o mesmo critério de análise e disposição dos dados que seguimos para a análise do APFB. Sendo assim, com relação aos dados apresentados pelo ALPB, temos um total de 15 cartas de possível contraste, ou seja, que coincidem com as cartas do ALTOSP. Para designar estes 15 referentes, foram registradas no ALPB 83 variantes; já no ALTOSP, temos para a mesma 67 variantes, um valor mais aproximado entre os dois Atlas. Desse total geral 21 variantes foram coincidentes entre os dois Atlas, sendo elas respectivamente: Carta 001: *Córrego* e *Riacho*; Carta 006: *redemoinho* e *ventania*; Carta 010: *arco-íris*; carta 039: *terço*; Carta 048: *útero*; Carta 049: *menstruação* e *Chico*; Carta 052: *ganhar nenê*, *parir* e *dar á luz*; Carta 061: *econômico*; Carta 064: *chifrudo* e *cornu*; Carta 076: *bolinha de gude*; Carta 096: *cachaça* e *pinga* e Carta 102: *sutiã*. Tal dado representamos na imagem a seguir:

Figura 23 – Variantes Coincidentes entre ALPB e ALTOSP



Com relação à distribuição destas mesmas 21 variantes coincidentes entre o ALPB e o ALTOSP, de acordo com o ponto linguístico, podemos observar valores bem aproximados: nos pontos 001; 003 estes são iguais, tal fato está representado no gráfico a seguir:

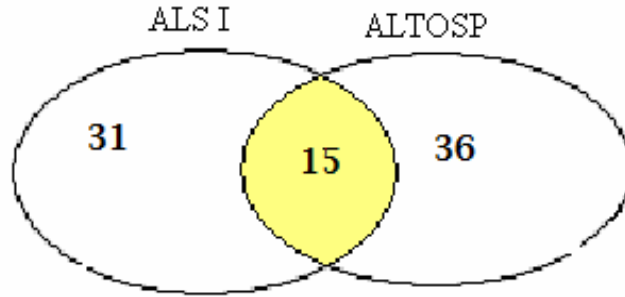
Figura 24 – Distribuição por localidade das variantes coincidentes entre o ALPB e o ALTOSP:



6.1.4 Contraste Diacrônico com Atlas Linguístico de Sergipe I

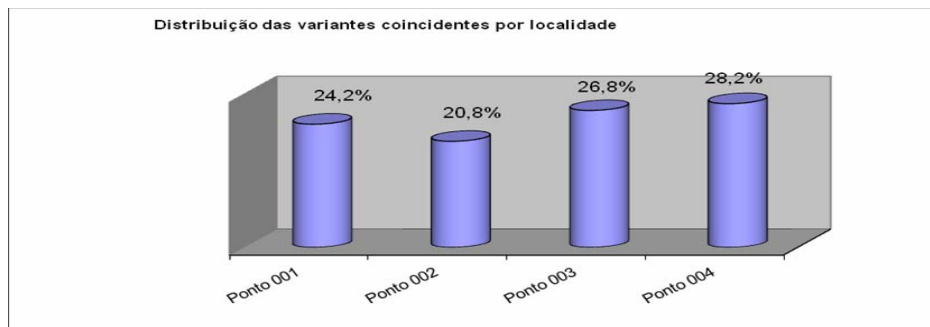
A partir dos dados disponíveis nas cartas do Atlas Linguístico de Sergipe I pudemos fazer uma breve análise contrastiva com os coletados em nossa pesquisa. O Atlas Linguístico de Sergipe I possui um número total de 17 cartas para possível análise. Para a designação desses 17 referentes, foram registradas no ALS I um número total de 46 variantes enquanto, no ALTOSP, para a designação dos mesmos referentes, registramos 51 variantes, até então o primeiro caso em que o número de variantes do ALTOSP é maior que do Atlas contrastado. Deste total, apenas 15 variantes foram coincidentes entre os dois Atlas, são elas: Carta 010: *arco-da-velha*; Carta 17: *treisantonte*; Carta 033: *galinha de angola e guiné*; Carta 039: *terçol e dor d'ólho*; Carta 040: *dor d'ólho*, carta 056: *presa*; carta 061: *pão duro e canguinha* e Carta 065: *prostituta*; Carta 068: *cigarro de palha, cigarro de fumo e cigarro de fumo de corda*; 102: *sutiã*. Representamos essa coincidência entre os dois Atlas na imagem a seguir:

Figura 25 – Variantes Coincidentes entre ALS I e ALTOSP



Por fim, com relação à distribuição das variantes pela rede de pontos, registramos valores com uma distância um pouco mais significativa, sendo o ponto 002 responsável pelo menor índice de variantes coincidentes enquanto os demais mantiveram somas maiores e mais aproximadas:

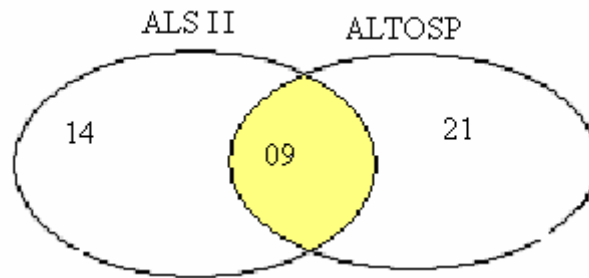
Figura 26 – Distribuição por localidade das variantes coincidentes entre ALS I e o ALTOSP:



6.1.5 Contraste Diacrônico com Atlas Linguístico de Sergipe II

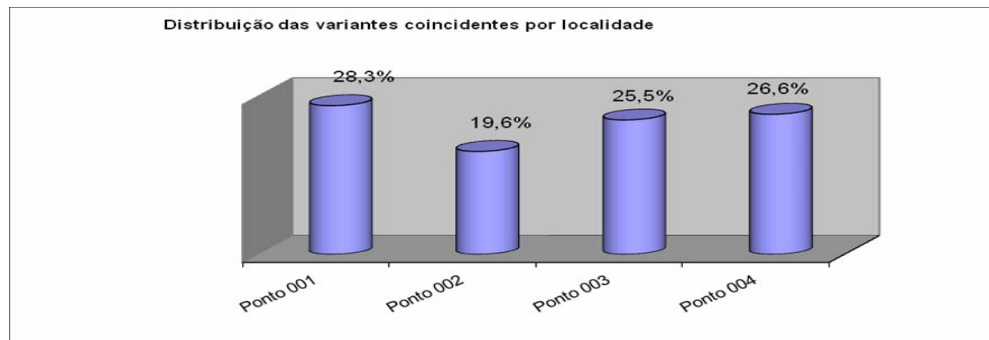
Para finalizar este capítulo, apresentamos os dados do ALS II publicado em 2004. O Atlas linguístico de Sergipe II apresentou um total de oito cartas coincidentes com nosso trabalho, sendo registradas para a designação dos oito referentes buscados 23 variantes enquanto no ALTOSP tivemos um número total de 30 variantes para as mesmas designações. Desse total, somente nove foram coincidentes entre os dois Atlas, sendo elas respectivamente: Carta 043: *queixa!*; Carta 047: *seio e peito*; Carta 049: *menstruação e regra*; Carta 056: *caçula*; Carta 076: *Bola de gude*; Carta 091: *café da manhã* e Carta 115: *Ônibus*. Demonstramos os números de coincidência na imagem a seguir:

Figura 27 – Variantes Coincidentes entre ALS II e ALTOSP



Com relação à distribuição das variantes coincidentes por informante os dados de Sergipe II mostraram-se bastante parecidos com a dos demais Atlas, mantendo percentuais próximos e entre 10 e 14%. O gráfico a seguir dispõe os dados exatos de cada informante:

Figura 28 – Distribuição por localidade das variantes coincidentes entre o ALS II e o ALTOSP



Buscamos nesta breve descrição apresentada propor uma forma dinâmica de uso dos dados geolinguísticos, esperando que o leitor, ao ter nosso trabalho em mãos, possa fazer contrastes e buscar fatores de mudança ou de manutenção para os dados de cada carta. Um olhar dinâmico sobre as cartas apresentadas poderá, sem dúvida nenhuma, nos levar a uma série de reflexões e principalmente relacionar os fatores de ordem social com os fatores de ordem linguística. Apresentamos aqui um breve contraste entre as formas coincidentes registradas no ALTOSP e nos quatro Atlas já publicados na região Nordeste do país, e, a partir destes dados, pudemos constatar índices considerados por nós como baixos, já que apenas uma geração distancia nossos informantes de seu local de procedência. Além disso, entendemos que muitas das variantes que foram coincidentes entre os Atlas estão ligadas muito mais à forma padrão da língua

portuguesa do que a formas regionais, como é caso de: arco-íris; seio, bola de gude, café da manhã, galinha de angola, lavrador, conjuntivite. Contudo, foram registradas como variantes coincidentes algumas designações que podem ser consideradas termos regionais ou rurais é o caso de: coração da banana; queixal; pacote; canguinha, cambota; riacho e ventania.

Embora os dados tenham se mostrado relativamente homogêneos, observamos que os informantes de nível superior manifestavam um interesse maior pela cultura de seus pais. Por outro lado, a grande maioria desses informantes expressou sua insatisfação pela falta de interesse dos pais com a própria cultura nordestina e, por consequência, pela sua fala.

Com respeito à distribuição dos dados por localidade, havíamos notado, em Presidente Epitácio, entre as pessoas com as quais tivemos contato fora das entrevistas, uma receptividade maior pela cultura e a fala nordestina. Essa visão impressionista se confirmou nos dados coletados e analisados em que, o índice de frequência das variantes coincidentes foi maior que nos outros pontos com relação aos três dos quatro Atlas contrastados.

O índice de coincidência entre o ALTOSP e os Atlas já publicados na região Nordeste foi considerado por nós como baixo, já que a maioria das variantes coincidentes entre os Atlas está muito mais ligada à forma culta da Língua Portuguesa, sobretudo da região Sudeste e Sul, do que propriamente às formas regionais. É o caso de *bola de gude* e *galinha d'angola*. Por outro lado, registramos um número menor de variantes que podem ser consideradas regionalistas, por exemplo: *coração da banana*, *pacote* (FERREIRA, bras.), *canguinha* (FERREIRA, bras.).

Acreditamos que o não conhecimento da linguagem nordestina registrado pelos filhos dos migrantes está, sobretudo, ligado a fatores externos à língua. Pudemos observar em nossa caminhada pela região oeste de São Paulo que há um preconceito social e linguístico bastante evidente com relação ao povo nordestino, já que estes vieram para a região assumir o trabalho “braçal” e, na maioria das localidades, se mantiveram à margem da sociedade. Notamos que há uma grande negação da cultura nordestina por parte de seus próprios descendentes, pois, em muitos casos as pessoas negavam o fato de serem descendentes de nordestinos, fato que acreditamos estar ligado ao grande

preconceito sofrido por essas famílias na região. Durante nossa caminhada o comentário que mais nos “chocou” com relação ao povo nordestino foi tecido por um intermediário de nossa pesquisa, que disse: *“Há duas maneiras de reconhecer um nordestino, a primeira é quando ele tira o chapéu e a segunda é quando ele abre a boca”*. Pode parecer um simples comentário isolado, porém o que observamos na região é a conduta de não de ser identificado como nordestino por meio da linguagem, em vista disso, acreditamos que a negação da cultura e, por conseguinte, das marcas linguísticas que caracterizam o falar nordestino é um dos meios que essas pessoas encontram para serem aceitas socialmente.

Grande parte de nossos informantes relatou que o uso da linguagem nordestina está restrita ao contexto familiar. Por outro lado, essa linguagem regional preservada pelos pais é tida pelos filhos (nossos informantes) como errada, já que muitos deles relataram que tentam corrigir os pais para falarem corretamente, fato que pode ser ilustrado pela fala do informante masculino da segunda faixa etária e de escolaridade básica da cidade de Andradina (informante 3) e pela informante feminina também da segunda faixa etária de nível básico da mesma localidade (informante 4) :

1) INF.- Até própria minha família fala meio, meio diferente... Falava. Acho que costumô tanto falá a língua daqui... Antigamente falava, falava rasgado... Baiano fala mei' cumprido, num é? fala mei' cumpridão. Minha mãe memo falava, até um certo tempo falava bem cumpridão, hoje não, já fala mais o português bem pronunciado, né. Que os baiano sempre fala... largado. A finada minha vó falava... até em certo, até uma certa idade minha ela falava mei' diferente. Como que ela falava? Num tô se lembrano agora. Porque cê corrigia ela: “Num é assim não vó, é assim”, “Ah, num assim o quê, minino!”, aí até briga com a gente, né, esse povo antigo. “Num é assim não sô, qué me ensiná a falá agora?” Fica brava! (001-3)

2) INF.- Ainda mais a gente que trabalha numa escola, às vezes tem que falá mais ô meno eu num... né? Aí mai' chega em casa meu pai, minha mãe começa falá diferente, aí 'cê vai querê... “num é assim que fala”. Óh 'ocê entendeu como que é, né? Então...” Mai' num dá pra lembrá assim, né (inint) é sempre né. E eu só vô lá tamém nos domingo num dá pra... (001-4)

Outro fator extralinguístico registrado e bastante representativo para nossos dados foram as respostas dadas à questão 015 do questionário de Crenças e atitudes linguísticas, em que perguntávamos aos informantes: *“Você acredita que as pessoas que vieram da região Nordeste passaram aos filhos sua cultura*

(nordestina)? Você acredita que há interesse por parte dos filhos na cultura dos pais? Porque?” Essa questão demonstrou que os informantes de nível fundamental de escolaridade quase que unanimemente assumem a falta de interesse pela cultura dos pais enquanto os informantes de escolaridade superior mostram um interesse maior. Tal fato pode ser verificado na fala dos informantes abaixo, o primeiro de escolaridade básica e o segundo de nível superior:

3) INQ.- Você acredita que as pessoas que vieram da região Nordeste passaram aos seus filhos a sua cultura?

INF.-... Acho que não. Que nem... ele vem de lá pra cá, já perde a cultura.

INQ.- Você acha que eles não passam pra os filhos?

INF.- Se passá (inint) pra lá agora, quando mora lá num passa não. Que nem nós mora aqui, né, eles num passa a cultura, eles fala mas... não passa a cultura, só conta história como que é.

INQ.- Você acha que os filhos se interessam pela cultura dos pais?

INF.- Acho que não. (002-1)

3) INQ.- Da forma que o senhor está falando, o senhor acredita que as pessoas que vieram da região do Nordeste, por exemplo, o seu pai ou o pai de outros amigos, passam a cultura deles pra os filhos? O senhor acha que tá sendo passado? Que eles conseguem passar?

INF.- ...Olha, eu num sei se eles conseguem passá não, mas sempre alguma coisa passa, viu! Mesmo, mesmo inconsciente, talvez eles não tenham consciência, né, disso, da importância, mas mesmo inconsciente passa, tem algumas coisa que passa.

INQ.- O senhor acha que tem o interesse por parte dos filhos em saber da cultura dos pais?

INF.- Bom, na minha parte eu tive interesse, tem... Tem um primo meu que ele tava até fazendo uma pesquisa pra vê a origem da família, é uma família muito grande, qual que era a descendência... porque meu pai é baiano, minha mãe é baiana, minha vó era baiana, meu avô era baiano, meu bisavô era baiano, minha bisavó era baiana, todos do mesmo lugar lá, meio assim. (001-7)

É importante destacar que, além disso, o *corpus* coletado pode servir de objeto de estudo para trabalhos de diversas naturezas. Apesar de não ter sido nosso objetivo verificar a etimologia das variantes, há pistas de italianismos como: *capucheta* e *bigato*; de formas inovadoras ao lado de conservadoras como: *conjuntivite* e *d'ordolho*; *dente canino* e *presa*; *dente molar* e *dente queiro*; *vomitare* e *golpar*; *útero* e *ventre*; *menstruação* e *paquete*; *dar a luz* e *ganhar nenê*; *cambalhota* e *cambota*; *estilingue* e *bodoque*, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho expõe a minha trajetória acadêmica, desde as inquietações como inquiridora do projeto ALiB, que surgiram ao fazer a coleta de dados da região pesquisada, até a consolidação dessas inquietudes no projeto de pesquisa que por fim resultou no ALTOSP.

Nosso objetivo principal, com o respaldo teórico e metodológico na Dialetologia e na Geolinguística contemporânea, foi construir um Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste Paulista que permitisse verificar as possíveis influências que falantes da região Nordeste do país exerceram durante o processo de migração ocorrido na região Oeste do estado de São Paulo no período de 1940 a 1970, sobre a língua portuguesa falada na região. Propusemos, igualmente, fazer um contraste dos dados obtidos em nossa pesquisa com os Atlas já publicados na região Nordeste, sendo eles respectivamente, *Atlas prévio dos falares baianos* - APFB, *Atlas linguístico da Paraíba* – ALPB, *Atlas linguístico de Sergipe* – Volume I - ALS I e *Atlas linguístico de Sergipe* – Volume II – ALSII.

Com relação ao primeiro objetivo, podemos afirmar que foi possível a construção de um Atlas Linguístico Topodinâmico e, a partir dos dados do *corpus* da pesquisa, verificar as influências linguísticas deixadas pelo fluxo migratório de nordestinos na região Oeste Paulista. Foi a partir do segundo objetivo que pudemos responder as questões implícitas no primeiro já que, com o cruzamento dos nossos dados com os dos Atlas da região Nordeste do país, foi possível chegar ao que chamamos de índice de coincidência entre os Atlas, apresentado no capítulo 07 deste trabalho.

Entendemos que esta pesquisa representa apenas uma modesta contribuição para os estudos da Geolinguística e da Sociolinguística brasileira. Temos consciência de que sozinho o ALTOSP não é capaz de propiciar uma visão profunda da língua portuguesa falada na região oeste de São Paulo. No entanto, se aliado aos trabalhos já desenvolvidos pelos dialetólogos brasileiros, como o APFB, ALPB, ALS I e II, assim como aliado sincronicamente ao ALiB essa visão pode tornar-se satisfatória.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Apresentação. Londrina: Editora da UEL, 1996.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; KAMI Janaína G. S. Para um Atlas linguístico do Brasil: a construção dos questionários. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2003.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005.
- ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Lingüístico do Paraná II**. 2007. 223p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2v.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1982 [1920].
- ARAGÃO, Maria do S. Silva; MENEZES, Cleusa P. Bezerra de. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios)
- BRASIL. Ministério dos Transportes. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br>>. Acesso em: 27 maio 2008.
- BRASIL. Ministério dos Transportes. Agência Nacional de Transportes Terrestres. Disponível em: <<http://www.antt.gov.br/>>. Acesso em: 27 maio 2008.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Lingüístico de Sergipe – II**. Salvador: Edufba, 2005. 2v.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 97-108.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolingüística: tradição e modernidade**. São Paulo. Parábola Editorial, 2010.
- CARUSO, Pedro. **Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo**. Questionário. Assis: UNESP; Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

CASTRO, Vandersi Sant'Ana. Os estudos dialetológicos no Estado de São Paulo. In: OLIVEIRA, Marilza de (Org.). **Língua portuguesa em São Paulo: 450 anos**. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil**. Questionários 2001. Londrina: Eduel, 2001.

CONSERVATION INTERNATIONAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.conservation.org.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2008.

COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Lingüístico do Amazonas**. 2004. 159p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2v.

CUNHA, Celso. **Língua Portuguesa e realidade brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

ELIA, Silvio. **A unidade lingüística do Brasil: condicionamentos geoeconômicos**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FERREIRA, Carlota da Silveira et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA; Instituto de Letras; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Vários acessos.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS – SEADE. **O novo retrato de São Paulo: avaliação dos primeiros resultados do Censo Demográfico de 1991**. São Paulo, 1992. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Vários acessos.

GRUPO PET GEOLOGIA. Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Rio Claro. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/pet/index.php>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-94.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson (Orgs.). **ALERS – Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - Vol. 1 – Introdução**. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC; Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

KRONKA, Francisco J. N.; MATSUKUMA, Ciro Koiti; NALON, Marco Aurélio. **Inventário florestal do estado de São Paulo**. São Paulo: IF; SMA, 1993.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

MOURA, Hélio Augusto. **Nordeste: migrações inter e intra-regionais no período 1960/1970**. Recife: SUDENE; DRH; DM, 1975.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. compl. refund. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração de um atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Ruy Barbosa, 1958.

PERILLO, Sônia; PERDIGÃO, Magaly. **Cenários migratórios recentes**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 11., São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2000. 1 CD-Rom.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/>>. Vários acessos.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. **Cadernos de Tradução**, UFRGS, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, 1999.

RAZKY, Abdelhak (Org.). **Atlas lingüístico sonoro do Pará**. Belém: PA; CAPES; UTM, 2004. CD-Rom.

RIBEIRO, José et al. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Casa de Ruy Barbosa; Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RODRIGUES, Ada Natal. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: MEC; INL, 1963.

SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil**. São Paulo: Scipione, 1994.

SÃO PAULO. Departamento de Água e Energia Elétrica do Estado de São Paulo: <<http://www.daee.sp.gov.br/cgi-bin/Carrega.exe?arq=/acervoepesquisa/index.htm>>. Acesso em: 3 jun. 2008.

SÃO PAULO. Instituto de Botânica do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.ibot.sp.gov.br/>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

SÃO PAULO. Instituto Geológico do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.igeologico.sp.gov.br/>>. Acesso em: 23 maio 2008.

SÃO PAULO. Instituto Nacional de Pesquisa Espacial. Disponível em: <<http://www.inpe.br>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

SÃO PAULO. Secretaria do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/>>. Acesso em: 9 ago. 2008.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1955.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. 6. ed. Tradução Celso Cunha. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1994.

THUN, Harald. **Geolingüística Pluridimensional**. Seminário de Estudos Avançados ministrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

THUN, Harald; FORTE, Carlos; ELIZAINCIN, Adolfo. El Atlas lingüístico Ditópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un proyecto. **Iberoromania**, n. 30, p. 28-62, 1983.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/>>. Acesso em: 13 jul. 2008.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da Lingüística**. 3. ed. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

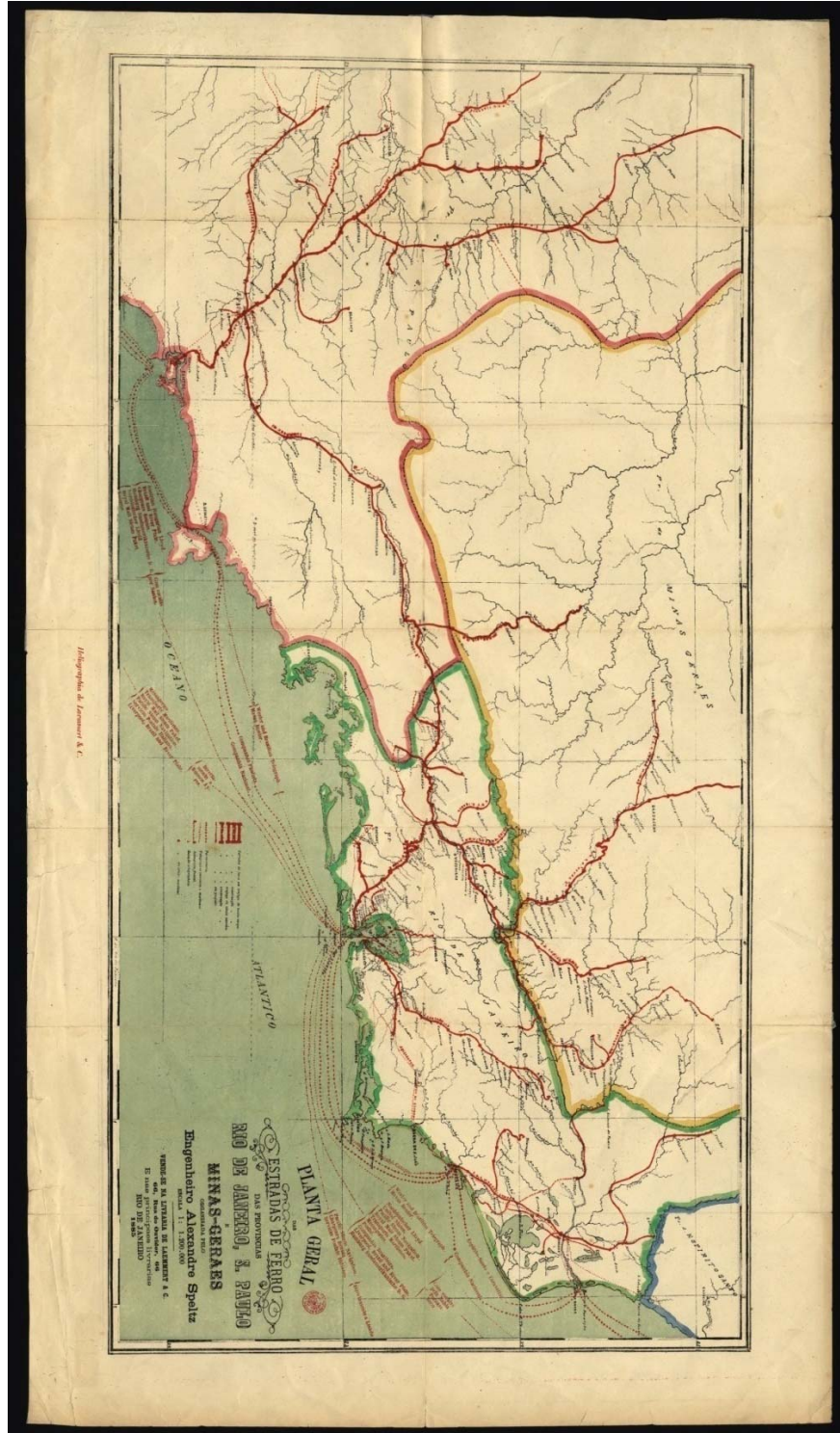
Carta das Estradas de Ferro da Província de São Paulo



Col. Marcelo Almirante

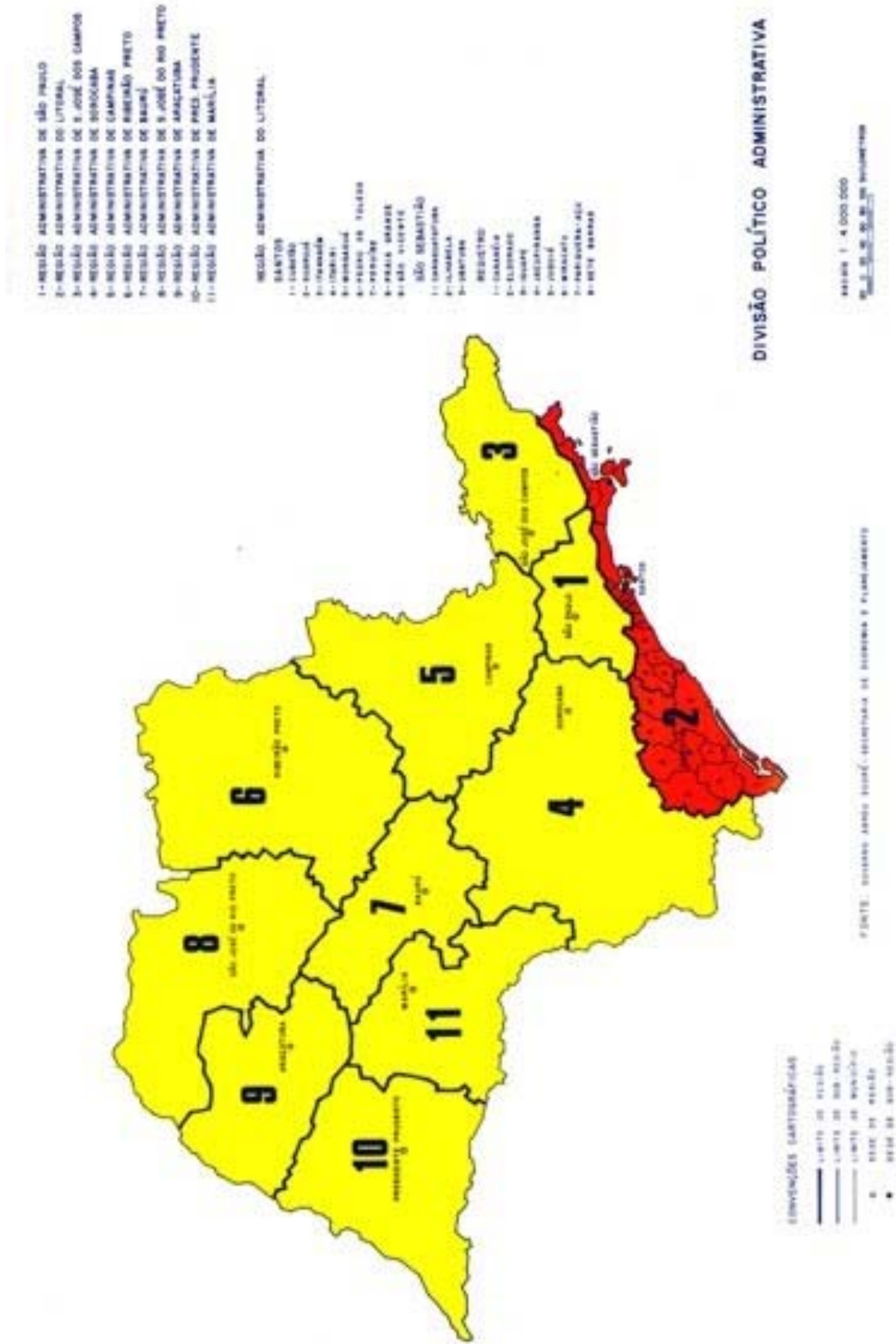
ANEXO B

Planta Geral das Estradas da Ferro



ANEXO C

Regiões Administrativas e Metropolitanas



ANEXO D

Questionários do Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo

ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO OESTE DE SÃO PAULO



QUESTIONÁRIOS

Hoje é dia _____ de _____ de _____ eu estou aqui
em____(Localidade)____ponto número _____ do projeto ALTOSP e vou conversar
com_____.

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – QFF

(001) CASA

Qual é o tipo de moradia mais comum aqui da região? A

[As pessoas moram mais em que? Em apartamentos....]

(Obter a forma inserida em contextos mais amplos)

(002) TERRENO

Onde se constrói uma casa?

[O que é preciso ter primeiro para construir uma casa]

(003) PORTA

... Aquilo, normalmente de madeira, que a gente abre para entrar em casa.

[Nós trancamos para ficar seguros]

(004) TELEVISÃO

... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, filme...

(005) TESOURA

... o objeto com que se corta tecido?

(006) ELÉTRICO

Antigamente, para passar roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje qual tipo de ferro que se usa?

(007) TORNEIRA

... aquilo que se abre quando se quer lavar a mão numa pia?

(008) FECHA

Para que a porta não fique aberta, se diz: “Fulano, _____ a porta”.

(009) GORDURA

A carne de porco não é magra porque tem...

(010) GRELHA

... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar a carne, o frango, etc.?

(011) FERVENDO

Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?

(012) TOMATE

.... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa pra preparar o molho do macarrão?

(013) CASCA

Para comer uma banana, o que é que se tira?

(014) BOTAR

Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai _____ ovo].
Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai _____ (*mímica*) água dentro.

(015) BONITO

Qual é o contrário de feio?
[O que não é feio é_____].

(016) ÁRVORE

O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para os gados nos pastos.
(Obter a forma em contextos mais amplos)

(017) QUVELHA

... a fêmea do carneiro.
... aquele animal que tem lã.
Foi clonado, há algum tempo, um animal que se chamava Dolly, ela é uma...

(018) BORBOLETA

... um bichinho que voa que tem as asas bonitas e coloridas?

(019) ELEFANTE

... um animal grande que se vê em circo, tem uma tromba assim (*mímica*)?

(020) FAZENDA

.... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta café, algodão, cana de açúcar...

(021) AFTOSA

... uma doença que dá no gado, em geral na boca, nos cascos? Dá uma febre . Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.

(022) NOITE

Quando fica tudo e escuro e as pessoas vão dormir é a...

(023) DIA

É depois da noite, o que é que vem?

(024) TARDE

Qual é o contrário de cedo?

(025) CATORZE/ QATORZE

O que é que vem depois do treze?

(026) POÇA

... aquela água da chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?
[que as crianças gostam de brincar]

(027) VIDRO

De que material são feitas as janelas, os pára-brisas dos carros?
[se a gente jogar uma pedra quebra....]

(028) PREFEITO

Quem se elege para dirigir uma cidade?

(029) COLEGAS

O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?

(030) RASGAR

Fazer assim (*mímica*) em um papel é_____

(031) PERNAMBUCANO

Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

(032) SOLDADO

... a pessoa que usa farda, que vive em quartel?
[Aquele que vai para guerra]

(033) DEFESA

No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam?

[Numa luta, quem não está no ataque está na_____]

[Às vezes quando uma pessoa é atacada por um bandido, ela para não morrer ou para proteger sua família pode acabar matando o bandido. Quando isso acontece a gente diz que o crime foi em legítima....]

(034) COMPANHEIRO

Na escola, em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são umas das outras?

[Quando aquela pessoa sempre te acompanha no futebol, no jogo de carta... você fala: "este é o meu.... de futebol / jogo"].

[Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o que da outra?]

(035) QUESTÃO

Quando duas pessoas têm um desentendimento uma briga, um problema elas procuram um juiz para resolver a _____

[Quando você / o (a) senhor(a) não quer muito uma coisa, você / o (a) senhor(a) diz: "eu não faço_____]

[Em uma prova de matemática, cada um dos problemas que eu tenho que resolver é uma...]

(036) PEGO

Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o (a) senhor(a) diz que: "O ladrão foi_____ pela polícia".

[Ele ainda não foi preso. A polícia só conseguiu pegar. Então você / o (a) senhor(a) diz que o ladrão foi_____]

(037) INOCENTE

Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o que?

(038) CERTO

Qual é o contrário de errado?

(039) MENTIRA

Uma pessoa lhe conta um fato que você / o (a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o (a) senhor(a) diz que é uma...

(040) PECADO

Deixar de obedecer as leis de Deus é cometer o quê?

(041) PERDÃO

Quando se comete uma falta grave, o queé que se pede a Deus?

(042) ORELHA

... esta parte? (*Apontar*)

(043) OUVIDO

E esta paret aqui dentro, (*apontar*) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou com um cotonete?

[Quando você fica com dor, voce fala que está com dor de_____]

(044) DENTE

E isto? (*Apontar*)

(045) PEITO

Onde a criança mama na mãe?

[Onde o bezerro mama na mãe?]

[A carne branca da galinha se chama carne do....]

(046) CORAÇÃO

Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?

[O que bate aqui dentro?]

(047) FERIDA

Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?

(048) DESMAIO

Quando uma pessoa se sente mal a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que ela teve?

[As vezes a pessoa, quando sente uma emoção muito grande, a morte de alguém por exemplo, ela cai sem sentidos no chão, aó a gentye diz que ela sofreu um....]

(049) TIO

O que o irmão do seu pai ou de sua mãe é seu?

(050) DOIDO

Que nome que se dá a uma pessoa que às vezes fuca furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?

[A gente fala que no hospício tem muita gente.... o que?]

[Se um amigo seu quer fazer algo que você o(a) senhor(a) acha muitoarriscado, pular de pára-quedas por eexemplo, então você o(a) senhor(a) diz; "Você está_____ em fazer isso.]

(051) PERGUNTAR

Quando não se sabe uma coisa se vai....

(052) MESMA

Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa_____ roupa.

[Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra.]

[Quando uma pessoa, derepente, muda de comportamento, você o(a) senhor(a) dia a ele: "Nossa fulano, você já não é mais o_____"]

(053) HÓSPEDE

Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

(054) ESQUERDO

Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

(055) VACA

Como se chama a fêmea do boi?

(056) JACA

Como se chama essa fruta grande que dá em uma árvore bem alta? (*mostrar figura*)

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL – QSL

Acidentes geográficos

(001) CÓRREGO/RIACHO

ALPR (2), ALPB (1) Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

(002) PINGUELA

ALPR (3)

Como se chama aqui um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um (item 1)?

(003) REDEMOINHO

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?

(004) ONDA DO MAR

Como se chama aqui o movimento da água do mar?

(005) ONDA DO RIO

Como se chama aqui o movimento da água do rio?

Fenômenos Atmosféricos

(006) REDEMOINHO DE VENTO

ALPR (12)

Como se chama aqui o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves? A sua mãe contava alguma história, que tinha alguma coisa lá dentro?

(007) RELÂMPAGO / FUZILHO / CALMARIO/ FAÍSCA

ALPR (30), EALMG (18) Como se chama aqui um clarão que surge no céu em dias de chuva?

(008) RAIOS

ALPR (31)

Como se chama aqui uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

(009) TROVÃO

ALPR (27), EALMG (16) Como se chama aqui o barulho forte que se escuta logo depois de um (item 9)?

(010) ARCO-ÍRIS/ARCO-DA-VELHA/ ARCO-DA-ALIANÇA/ ARCO DO TRIUNFO

ALPR (18), ALPB (30), EALMG (1), APFB (3, 4, 5 e 6), ALS (3) Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?

Astros e Tempo

(011) ESTRELA CADENTE / ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO

ALPR (13), ALPB (34), EALMG (22), APFB (2) De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco. Como chamam isso?

(012) MUDAR/ CORRER UMA ESTRELA

E quando se vê uma (item 31), como é que se diz?

(013) MESES DO ANO

Quais são os meses do ano?

(014) MESES COM NOMES ESPECIAIS (SANT'ANA)

Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?

(015) ONTEM

Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

(016) ANTEONTEM

Como se chama aqui o dia que foi antes desse dia?

(017) TRASANTEONTEM

Como se chama aqui o dia que foi antes de (item 16)?

Atividades Agropastoris

(018) TANGERINA/MEXERICA

Como se chama aqui as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

(019) PENCA

Como se chama aqui cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer?

(020) BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS

ALPR (49)

Como se chama aqui duas bananas que nascem grudadas?

(021) PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANA/UMBIGO/CORAÇÃO

Como se chama aqui a ponta roxa no cacho da banana?

(022) VAGEM DO FEIJÃO/ BAINHA

Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?

(023) MANDIOCA/ AIPIM

Como se chama aqui aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

(024) MANDIOCA/ MANDIOCA BRABA

Como se chama uma raiz parecida com (item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

(025) TRABALHADOR DE ENXADA DA ROÇA ALHEIA

Como se chama aqui o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?

(026) ABÓBORA/ JERIMUM

... aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha pra comer, para fazer doce?

(Obter a forma em contextos mais amplos. Pedir uma receita)

(027) TRANSPORTE UTILIZADO PELOS MIGRANTES/ PAU-DE-ARARA

.... aquele meio de transporte que foi muito utilizado para trazer as pessoas do nordeste, em que são colocadas várias tábuas na carroceria de um caminhão, para que as pessoas possam se sentar?

(028) ABANAR/ LIMPAR/ SEPARAR/ PENEIRAR O CAFÉ

Quando o café é colhido, antes de colocá-lo pra secar no terreiro, eu pego uma peneira ou um tecido e vou _____

(029) BAGACEIRA / BAGAÇILHO / BAGAÇO

.... aquilo que sobra da cana quando a gente moe para fazer o caldo de cana? Aquilo que fica na peneira.

Fauna

(030) URUBU

Como se chama aqui a ave preta que come animal morto, podre?

(031) COLIBRI/ BEIJA-FLOR

Como se chama aqui passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

(032) JOÃO DE BARRO

Como se chama aqui a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

(033) GALINHA-D'ANGOLA/ GUINÉ

Como se chama aqui uma ave, parecida com agalinha, preta com pintinhas brancas?

(034) PAPAGAIO

Como se chama aqui ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

(035) LIBÉLULA

Como se chama aqui o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

(036) CORÓ

Como se chama aqui aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

(037) PERNILONGO / CARAPANÃ

Como se chama aqui aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido da gente, de noite?

Corpo Humano

(038) PÁLPEBRAS / CAPELA / CAPA

Como se chama aqui esta parte que cobre o olho?

(039) TERÇOL/ VIÚVA

Como se chama aqui a bolinha que nasce na (item 38), fica vermelha e incha?

(040) CONJUNTIVITE

Como se chama aqui a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

(041) DENTES CANINOS/ PRESAS

Como se chama aqui esses dois dentes pontudos?

(042) DENTES DO SISO

Como se chama aqui os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

(043) DENTES MOLARES/ DENTE QUEIRO

Como se chama aqui esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos (item 42)?

(044) DESDENTADO/ BANGUELA

Como se chama aqui a pessoa que não tem dentes?

(045) VOMITAR / LANÇAR

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr / botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?

(046) POMO-DE-ADÃO/ GOGÓ

Como se chama aqui esta parte alta do pescoço do homem?

(047) SEIOS/ PEITO

Como se chama aqui a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

(048) ÚTERO / MÃE DO CORPO / VENTRE

Como se chama aqui parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?

Ciclos da vida

(049) MENSTRUUAÇÃO / REGRA

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

(050) ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba o/ a (item 049). Quando isso acontece, se diz que a mulher...

(051) PARTEIRA

Como se chama aqui a mulher que ajuda a criança a nascer?

(052) DAR À LUZ / PARIR

Chama-se a (item 051) quando a mulher está para...

(053) AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

(054) IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da (item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?

(055) FILHO ADOTIVO

Como se chama aqui a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

(056) FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA

Como se chama aqui o filho que nasceu por último?

(057) MENINO/ GURÍ / PIÁ

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

(058) MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

Convívio e Comportamento Social

(059) PESSOA TAGARELA

Como se chama aqui a pessoa que fala sem parar? Quando ela chega, ninguém mais consegue falar.

(060) PESSOA POUCO INTELIGENTE

Como se chama aqui a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

(061) PESSOA SOVINA / PÃO DURO

Como se chama aqui a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

(062) MAU PAGADOR / NÓ CEGO / CALOTEIRO

Como se chama aqui a pessoa que deixa suas contas penduradas?

(063) ASSASSINO PAGO

Como se chama aqui a pessoa que é paga para matar alguém?

(064) MARIDO ENGANADO

Como se chama aqui o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

(065) PROSTITUTA

Como se chama aqui a mulher que se vende para qualquer homem?

(066) XARÁ

Como se chama aqui a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

(067) BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

(068) CIGARRO DE PALHA

Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

(069) TOCO DO CIGARRO / BITUCA

Como chama aqui o resto do cigarro que se joga fora?

Religião e Crenças

(070) DIABO

Deus está no céu e no inferno está...

(071) FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

(072) FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

(073) BENZEDEIRA

Como se chama aqui uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

(074) CURANDEIRO

Como se chama aqui a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

Jogos e Diversões

(075) CAMBALHOTA

Como se chama aqui a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?

(076) BOLINHA DE GUDE

Como se chama aqui as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

(077) ESTILINGUE/ SETRA/ BODOQUE/ATIRADEIRA

Como se chama aqui o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?

(078) PAPAGAIO DE PAPEL/ PIPA

Como se chama aqui o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

(079) PIPA/ ARRAIA

Como se chama aqui o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

(080) ESCONDE-ESCONDE

Como se chama aqui a brincadeira em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

(081) CABRA-CEGA

Como se chama aqui a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

(082) PEGA-PEGA

Como se chama aqui uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

(083) FERROLHO/ PIQUE / SALVA/ PICULA

Como se chama aqui esse ponto combinado?

(084) CHICOTE-QUEIMADO/ LENÇO ATRÁS

Como se chama aqui uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? Você se lembra da música que as crianças cantam?

(085) GANGORRA

Como se chama aqui uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe outra desce?

(086) BALANÇO

Como se chama aqui uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?

(087) AMARELINHA

Como se chama aqui a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?

Habitação

(088) VASO SANITÁRIO/ PATENTE

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

(089) ISQUEIRO/ BINGA

Para acender um cigarro, eu uso fósforo ou ... ?

(090) LANTERNA / FAROLETE

Como se chama aqui aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim?

Alimentação e Cozinha

(091) CAFÉ DA MANHÃ

Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

(092) CARNE MOÍDA

Como se chama aqui a carne depois de triturada na máquina?

(093) CURAU/ CANJICA

Como se chama uma papa cremosa, feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?

(094) CURAU

E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?

(095) MUGUNZÁ/ CANJICA

Como chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?

(096) AGUARDENTE / PINGA / CACHAÇA

Que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?

(097) EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou...

(098) GLUTÃO

Como se chama aqui uma pessoa que normalmente come demais?

(099) BALA/ CONFEITO/ BOMBOM

Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa ou come?

(100) PÃO FRANCÊS
Como se chama aqui isto? (*mostrar figura*)

(101) PÃO BENGALA
Como se chama aqui isto? (*mostrar figura*)

Vestuário e Acessórios

(102) SUTIÃ
Como chama a peça do vestuário serve para segurar os seios?

(103) CUECA
Como chama a roupa que o homem usa debaixo da calça?

(104) CALCINHA
Como chama a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

(105) ROUGE
Como se chama aqui aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

(106) GRAMPO (COM PRESSÃO)/ RAMONA/ MISSE
Como se chama aqui um objeto fino de metal, para prender o cabelo?

(107) DIADEMA/ ARCO/ TIARA
Como chama aqui o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?

Vida urbana

(108) SINALEIRO/ SEMÁFORO/ SINAL
Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

(109) LOMBADA/ QUEBRA-MOLAS
Como se chama aqui aqueles morrinhos atravessados no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade?

(110) CALÇADA/ PASSEIO
Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

(111) MEIO-FIO
Como se chama aqui o que separa o (item 196) da rua?

(112) ROTATÓRIA / RÓTULA
Como se chama aqui aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

(113) LOTE/ TERRENO /DATA

Como se chama aqui a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

(114) ÔNIBUS URBANO

Como se chama aqui a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

(115) ÔNIBUS INTERURBANO

Como chama aqui a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

(116) BODEGA/ BAR/ BOTEÇO

Como chama aqui um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber (item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

TEMAS PARA DISCURSO SEMIDIRIGIDOS

(001)

Relato pessoal ((partir sempre de um exemplo: contar uma pequena narrativa ao informante)). Você / o(a) senhor(a) poderia relatar algumas situações que tenham acontecido em sua vida?

- a) Um fato engraçado ou feliz;
- b) Um fato triste;
- c) Algo sobrenatural.

(002)

Comentário

De que programas de televisão você / o(a) senhor(a) gosta mais? Por quê?

(003)

Descrição

Você / o(a) senhor(a) trabalha em que? Fale um pouco do seu trabalho.

(004)

Relato não pessoal

Conte alguns casos/ fatos do seu conhecimento que tenham acontecido com amigos, vizinho, parentes ou algo de que tenha ouvido falar.

- a) Narrativa engraçada ou feliz;
- b) Narrativa triste;
- c) Narrativa sobre algo sobrenatural;

(005)

Narrativas Históricas

Você poderia falar um pouco sobre como a sua família veio de _____ aqui para _____ . O que motivou a vinda? Como foi?

Como era esta cidade no tempo em que a estrada de ferro (Sorocabana) era bastante ativa?

(006)

Crenças e Superstições

Você já ouviu falar no caipora/capora? Já ouviu alguma história sobre ele?

(007)

Você já ouviu falar no lobisomem? Já ouviu alguma história sobre ele?

(008)

Você já ouviu falar no boitatá/baitatá? Já ouviu alguma história sobre ele?

(009)

Você já ouviu falar na moça de branco? Já ouviu alguma história sobre ela?

CRENÇA E ATITUDES LINGÜÍSTICAS

(001)

Como chama a língua que você/ o(a) senhor(a) fala?

(002)

Como você acredita falam as pessoas aqui em _____?

(003)

Tem gente que fala diferente aqui em _____?

(004)

Poderia dar um exemplo de como falam essas pessoas (que falam diferente)?

(005)

Como você acredita que falem as pessoas de _____ (com relação às cidades próximas: Três Lagoas; Andradina)?

(006)

E em outros lugares do Brasil fala-se diferente daqui de _____?

(007)

Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?

(008)

No passado falavam diferente aqui em _____?

(009)

Os jovens e os idosos falam da mesma forma? (Dê alguns exemplos).

(010)

Você acha que as pessoas que vieram de outros lugares do Brasil e moram aqui em _____ falam da mesma forma das pessoas que sempre viveram aqui? Poderia dar exemplos?

(011)

Você acha que as pessoas cujos pais nasceram aqui em _____ falam da mesma das pessoas que nasceram aqui, mas cujos pais são de outras regiões do Brasil?

(012)

Os homens e as mulheres falam igual?

(013)

Falam melhor as pessoas aqui de _____ ou as pessoas vindas de outros lugares?

(014)

Se você tivesse que classificar a fala dos migrantes. Quem você diria que fala melhor e quem você diria que fala pior?

(015) *(Esta questão foi inserida ao questionário durante o andamento dos inquéritos, portanto, não conta em todas as entrevistas)*

Você acredita que as pessoas que vieram da região nordeste passaram aos filhos sua cultura (nordestina)? Você acredita que há interesse por parte dos filhos na cultura dos pais? Por quê?

- **RETOMADA DAS QUESTÕES**

- **QUESTÕES DE IDENTIFICAÇÃO** *(rever formulação e variantes no questionário):*

- QSL: 010 (arco-íris);
- 014 (meses do ano com nomes especiais – sant'ana);
- 021 (parte terminal da inflorescência da banana, umbigo, buzina);
- 023 (mandioca, aipim);
- 033 (galinha de angola, guiné);
- 077 (estiligue, setra, bodoque, atiradeira);
- 096 (aguardente, pinga)

- **TEXTO PARA LEITURA**

- **FOTOGRAFIA**

- **AUTORIZAÇÃO**

ANEXO E

Ficha do Informante

Projeto Atlas Lingüístico do Oeste de São Paulo
Ficha do Informante

No. do ponto:

No. informante:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
1. NOME:		2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	5. IDADE:
6. ENDEREÇO e TELEFONE:		
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro		
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NAO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMICILIOS E TEMPO DE PERMANENCIA FORA DA LOCALIDADE:		
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PROPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:		
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSAO (CARACTERISTICAS SOCIO-ECONOMICAS SUMARIAS DO BAIRRO, CIDADE):		
17. OUTRAS PROFISSOES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSAO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	
RENDA		
19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar		
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO		
20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. auditório F. <input type="checkbox"/> filmes	
22. TIPO DE TRANSMISSAO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura	23. OUVI RADIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro C. <input type="checkbox"/> nunca F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja	
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral D. <input type="checkbox"/> noticiário policial G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> Desportes E. <input type="checkbox"/> música C. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte		25. LE JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> semanalmente B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> raramente C. <input type="checkbox"/> nunca

26. NOME DO JORNAL: A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial D. <input type="checkbox"/> pr. cultural G. <input type="checkbox"/> classificados B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> política H. <input type="checkbox"/> outra C. <input type="checkbox"/> variedades F. <input type="checkbox"/> página policial
28. LE REVISTA? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca	
29. NOME/ TIPO DE REVISTA:	

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	AS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
46. OBSERVAÇÕES:		
47. NOME DO ENTREVISTADOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:	49. DATA DA ENTREVISTA: 50. DURAÇÃO:

ANEXO F

Ficha de dados Migratórios

Ficha de dados migratórios**Ponto: Informante:** _____**Pais:**

1) Naturalidade -

Pai: Cidade _____ Estado: _____

Mãe: Cidade _____ Estado: _____

2) Ano de saída da zona de origem:

Pai: _____

Mãe: _____

3) Idade com que chegou à localidade atual

Pai: _____

Mãe: _____

4) Motivo de saída da zona de origem:

Pai: _____

Mãe: _____

Rede social:

5) Há familiares na zona de origem?

6) O contato com estes familiares é feita com que freqüência?

 semanalmente mensalmente semestralmente anualmente outros

7) Por quais meios são feitos os contatos?

 carta telefone visitas internet outros



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ARIANE CARDOSO DOS SANTOS-IKEUCHI

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO OESTE DE SÃO
PAULO**

VOLUME II

Londrina
2014

ARIANE CARDOSO DOS SANTOS-IKEUCHI

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO OESTE DE SÃO
PAULO**

VOLUME II

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera.

Londrina
2014

ARIANE CARDOSO DOS SANTOS-IKEUCHI

ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO DO OESTE DE SÃO PAULO

VOLUME II

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera
UEL – Londrina – PR

Prof.^a Dr.^a Sílvia Figueiredo Brandão
UFRJ – Rio de Janeiro – RJ

Prof.^a Dr.^a Fabiane Cristina Altino
UEL – Londrina – PR

Londrina, 10 de fevereiro de 2014.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
APFB	Atlas Prévio dos falares Baianos
ALS I	Atlas Linguístico de Sergipe I
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
ALTOSP	Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo
INF	Informante
INQ	Inquiridor

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	120
2	REDE DE PONTOS	122
2.1	ANDRADINA	122
2.2	ADAMANTINA	122
2.3	RANCHARIA	122
2.4	PRESIDENTE EPITÁCIO	122
3	ÍNDICE DAS CARTAS LINGUÍSTICAS	123
4	CARTAS INTRODUTÓRIAS	127
4.1	CARTA I – REDE DE PONTOS	127
4.2	CARTA II - NÚMERO DE HABITANTES POR LOCALIDADE.....	128
4.3	CARTA III – INQUIRIDORAS	129
5	CARTAS LINGUÍSTICAS: 001 A 116	130

1 APRESENTAÇÃO

Neste segundo volume apresentamos as cartas linguísticas que compõem o Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo. São respectivamente: três cartas introdutórias e 116 cartas linguísticas.

Organizamos a distribuição dos dados nas cartas de modo que o leitor possa interpretar os dados sem grandes dificuldades. Dessa forma, colocamos no início da página o número da carta e o nome do referente em questão. No canto direito em ordem decrescente, situa-se a legenda e logo em seguida um gráfico com a distribuição geral das variantes. Além disso, ao final da página, transcrevemos a questão como foi formulada.

As 32 questões presentes no QSL do ALTOSP que são coincidentes com cartas apresentadas nos Atlas publicados no Nordeste até o ano de 2011 (APFB, ALPB e ALSI e ALSII) apresentam-se seguidas de gráficos que sintetizam os dados pertencentes a este Atlas. Com isto, buscamos permitir ao leitor uma análise comparativa com os dados coletados na região de origem dos pais de nossos informantes.

O esquema abaixo, figura 20 já apresentada Volume I, capítulo 5 na descrição metodológica, mostra a forma de apresentação das respostas nas cartas linguísticas:

Figura 20 – Esquema de apresentação das respostas nas cartas linguísticas

INF. - 1	INF. - 2
INF. - 3	INF. - 4
INF. - 5	INF. - 6
INF. - 7	INF. - 8

A primeira cruz apresenta os dados dos informantes de escolaridade básica, sendo os informantes masculinos designados pelos números ímpares e as informantes designadas pelos números pares. Os dois primeiros informantes correspondem à primeira faixa etária e os demais à segunda. Para a segunda cruz, que diz respeito aos registros obtidos dos informantes de nível superior, seguimos a

mesma classificação. Deste modo, o informante pode ser identificado no mapa tanto pela posição que ocupa na cruz, como também pela sua representação pelo símbolo geométrico. Acreditamos que, didaticamente a junção destes dois critérios para representação dos informantes facilita e torna menos exaustiva a leitura e interpretação das cartas.

2 REDE DE PONTOS

2.1 ANDRADINA

Latitude Sul: 20,53 °

Longitude Oeste: 51,22 °

Data Povoamento: 11/07/1937

Emancipação Política: 30/11/1938

Número de habitantes: 55.161

2.2 ADAMANTINA

Latitude Sul: 21:41 °

Longitude Oeste: 51,04 °

Data Povoamento: 1937

Emancipação Política: 24/12/1948

Número de Habitantes: 34.366

2.3 RANCHARIA

Latitude Sul: 22,13°

Longitude Oeste: 50,53°

Data Povoamento: 10/09/1916

Emancipação Política: 05/07/1935

Número de Habitantes: 28.766

2.4 PRESIDENTE EPITÁCIO

Latitude Sul: 21:45 °

Longitude Oeste: 52,06 °

Data Povoamento: 1907

Emancipação Política: 24/12/1948

Número de Habitantes:40.775

3 ÍNDICE DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

N. da Carta	Título da Carta
001	Rio pequeno
002	Pinguela
003	Redemoinho
004	Onda do mar
005	Onda de rio
006	Redemoinho de vento
007	Relâmpago
008	Raio
009	Trovão
010	Arco-íris
011	Estrela Cadente
012	Mudar/correr uma estrela
013	Meses do ano
014	Meses com nomes especiais
015	Ontem
016	Anteontem
017	Trás-ante-ontem
018	Tangerina/Mexerica
019	Penca
020	Banana dupla
021	Parte terminal da inflorescência da bananeira
022	Vagem de feijão
023	Mandioca
024	Mandioca braba
025	Trabalhador de enxada da roça alheia
026	Abóbora
027	Pau-de-arara
028	Abanar o café
029	Bagaço
030	Urubu

031	Beija-flor
032	João de barro
033	Galinha de Angola
034	Papagaio
035	Libélula
036	Coró
037	Pernilongo
038	Pálpebras
039	Terçol
040	Conjuntivite
041	Dentes caninos
042	Dentes do Siso
043	Dentes Molares
044	Desdentado
045	Vomitar
046	Pomo-de-Adão
047	Seios
048	Útero
049	Menstruação
050	Menopausa
051	Parteira
052	Dar à luz
053	Ama-de-leite
054	Irmão-de-leite
055	Filho adotivo
056	Caçula
057	Menino
058	Menina
059	Pessoa tagarela
060	Pessoa pouco inteligente
061	Sovina
062	Mal pagador
063	Assassino pago
064	Marido enganado

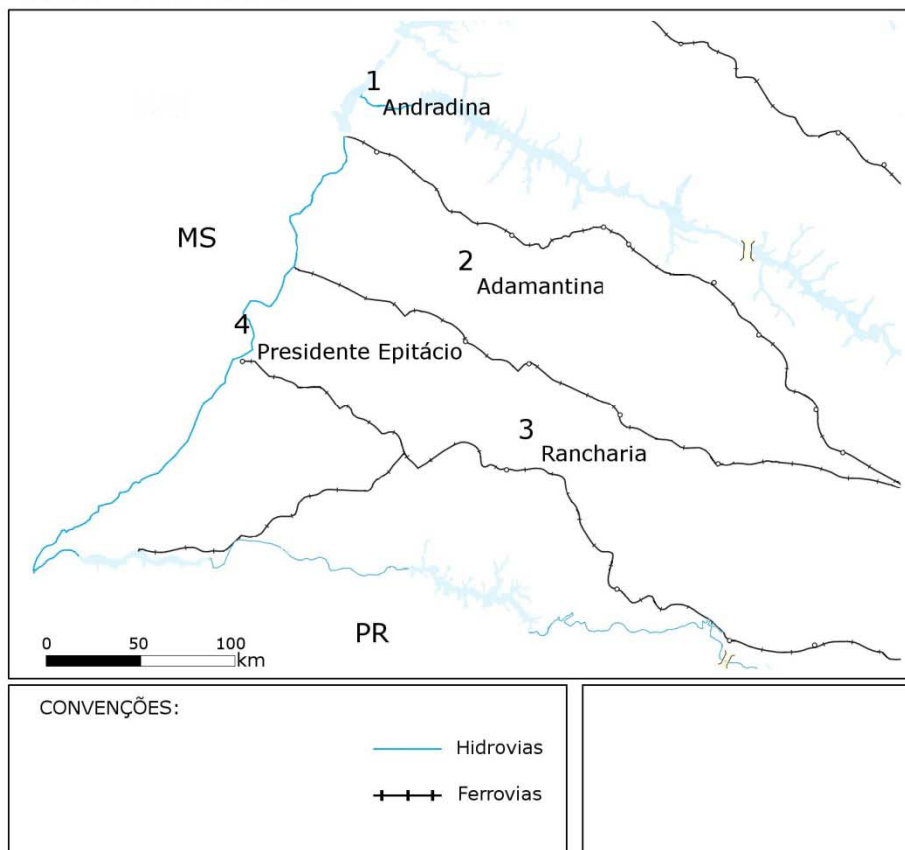
065	Prostituta
066	Xará
067	Bêbado
068	Cigarro de palha
069	Toco de cigarro
070	Diabo
071	Fantasma
072	Feitiço
073	Benedeira
074	Curandeiro
075	Cambalhota
076	Bolinha de gude
077	Estilingue
078	Papagaio de papel
079	Pipa/arraia
080	Esconde-esconde
081	Cabra-cega
082	Pega-pega
083	Ferrolho/Pique
084	Chicote Queimado
085	Gangorra
086	Balanço
087	Amarelinha
088	Vaso sanitário
089	Isqueiro
090	Lanterna
091	Café da manhã
092	Carne moída
093	Curau/canjica
094	Curau
095	Mugunzá/canjica
096	Aguardente
097	Empanturrado
098	Glutão

099	Bala
100	Pão francês
101	Pão bengala
102	Sutiã
103	Cueca
104	Calcinha
105	Rouge
106	Grampo
107	Tiara
108	Semáforo
109	Lombada
110	Calçada
111	Meio-fio
112	Rotatória
113	Terreno
114	Ônibus urbano
115	Ônibus
116	Bar/boteco

4 CARTAS INTRODUTÓRIAS

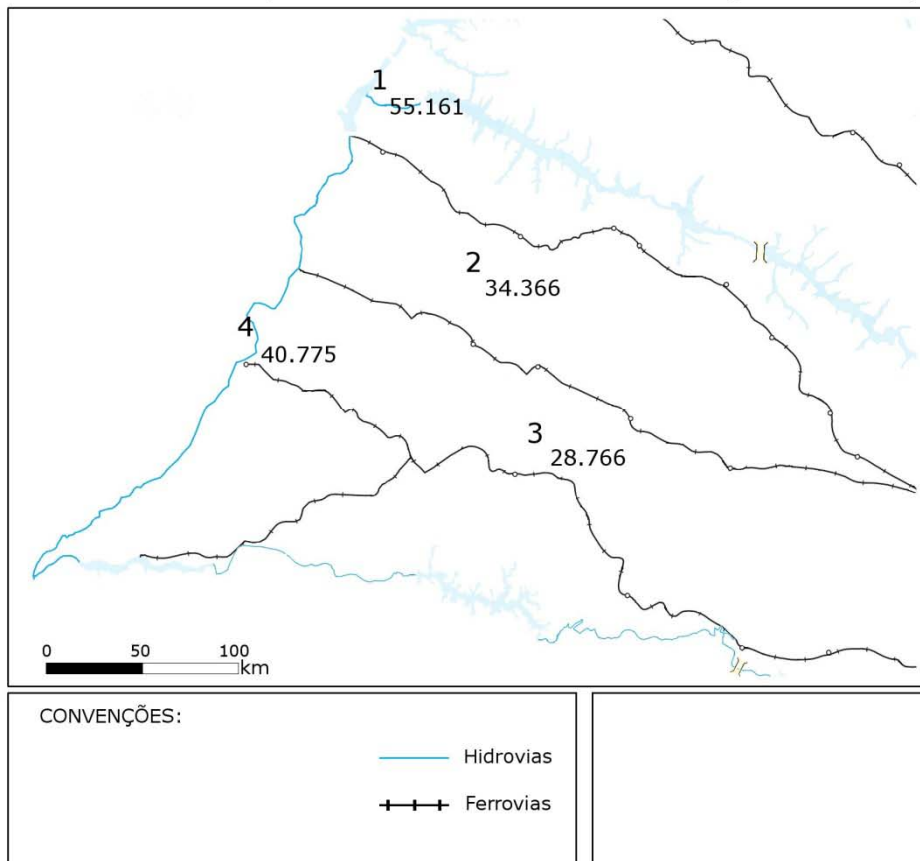
4.1 CARTA I – REDE DE PONTOS

ALTOSP - REDE DE PONTOS

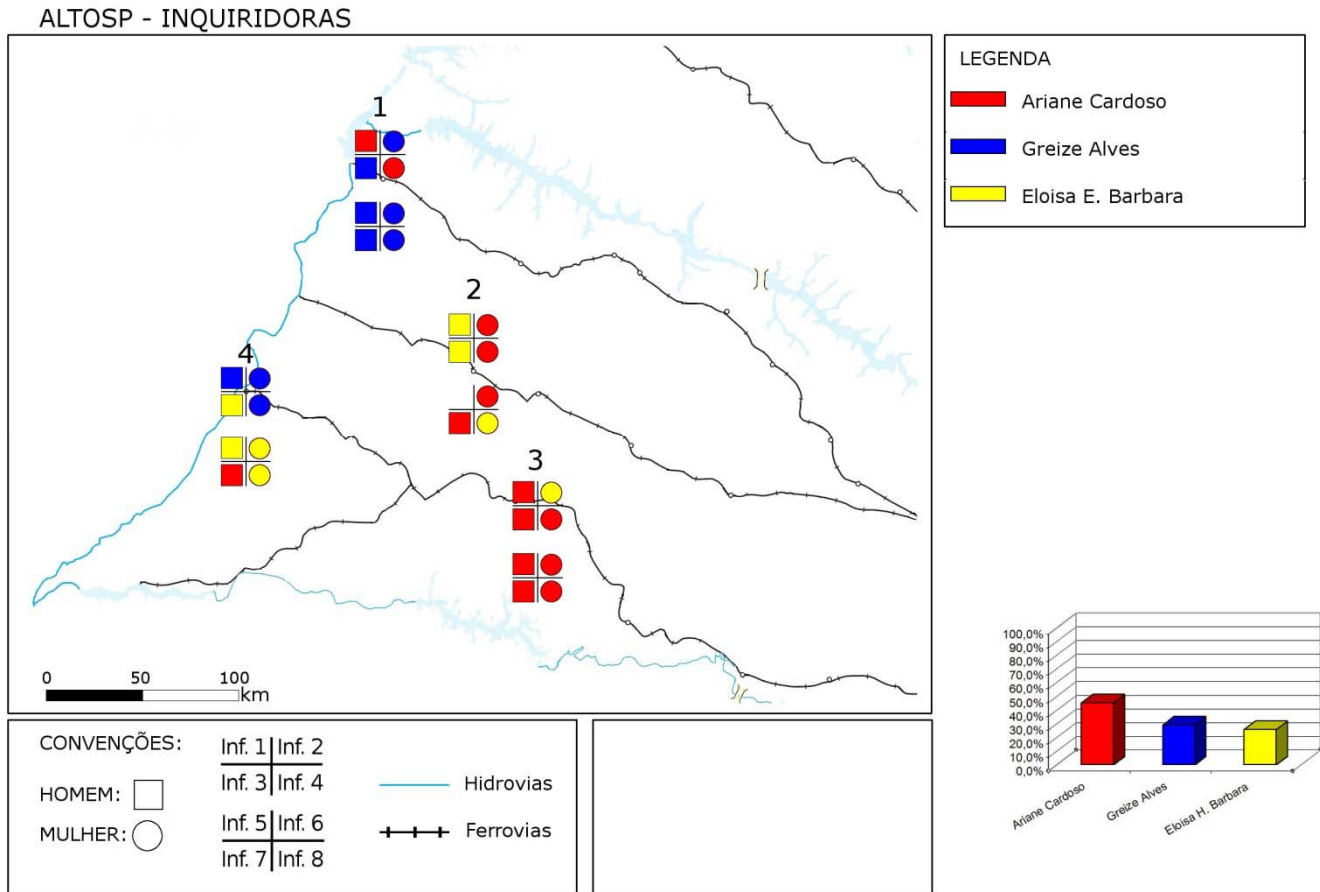


4.2 CARTA II - NÚMERO DE HABITANTES POR LOCALIDADE

Número de habitantes por localidade de acordo com censo demográfico de 2008 (IBGE)



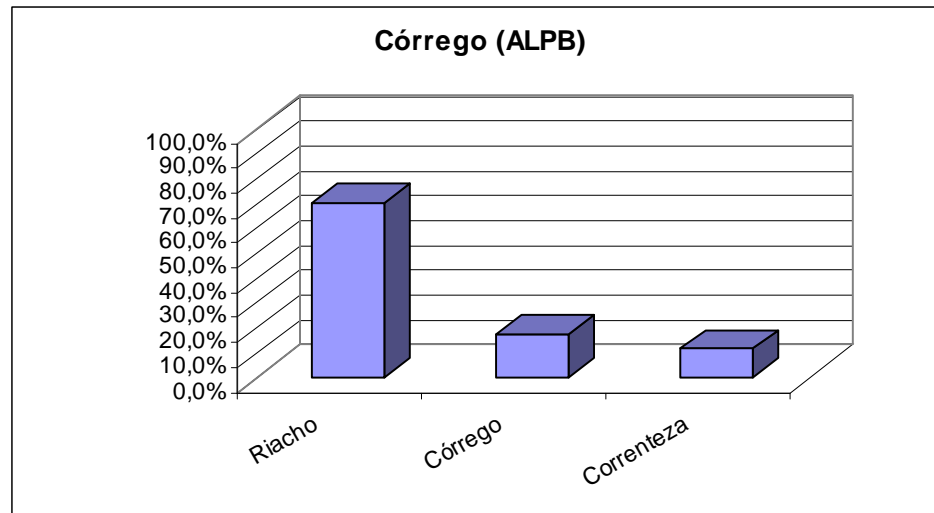
4.3 CARTA III – INQUIRIDORAS



5 CARTAS LINGUÍSTICAS: 001 A 116

ALTOSP – CARTA 001

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste



Contexto frasal e comentários relevantes

001-3 Uns fala açude.

002-2 INF.- Córgo, represa. INQ.- É igual, é do mesmo tamanho?

INF.- É.

002-7 INF.- Alguns lugares fala riachinho , mai' aqui é córrego

002-8 INF.-Córrego, Riacho. INQ.- Qual é mais comum aqui? INF.- Aqui é córrego.

003-4 INF.- É quando é rio, né, que eles falam que é riacho. Eu acho que só é isso. O que eu vê, o que eu ouç

o, que eu ouvia.

003-7 INF.- Córrego, tem riacho mas aqui é mais córrego, né.

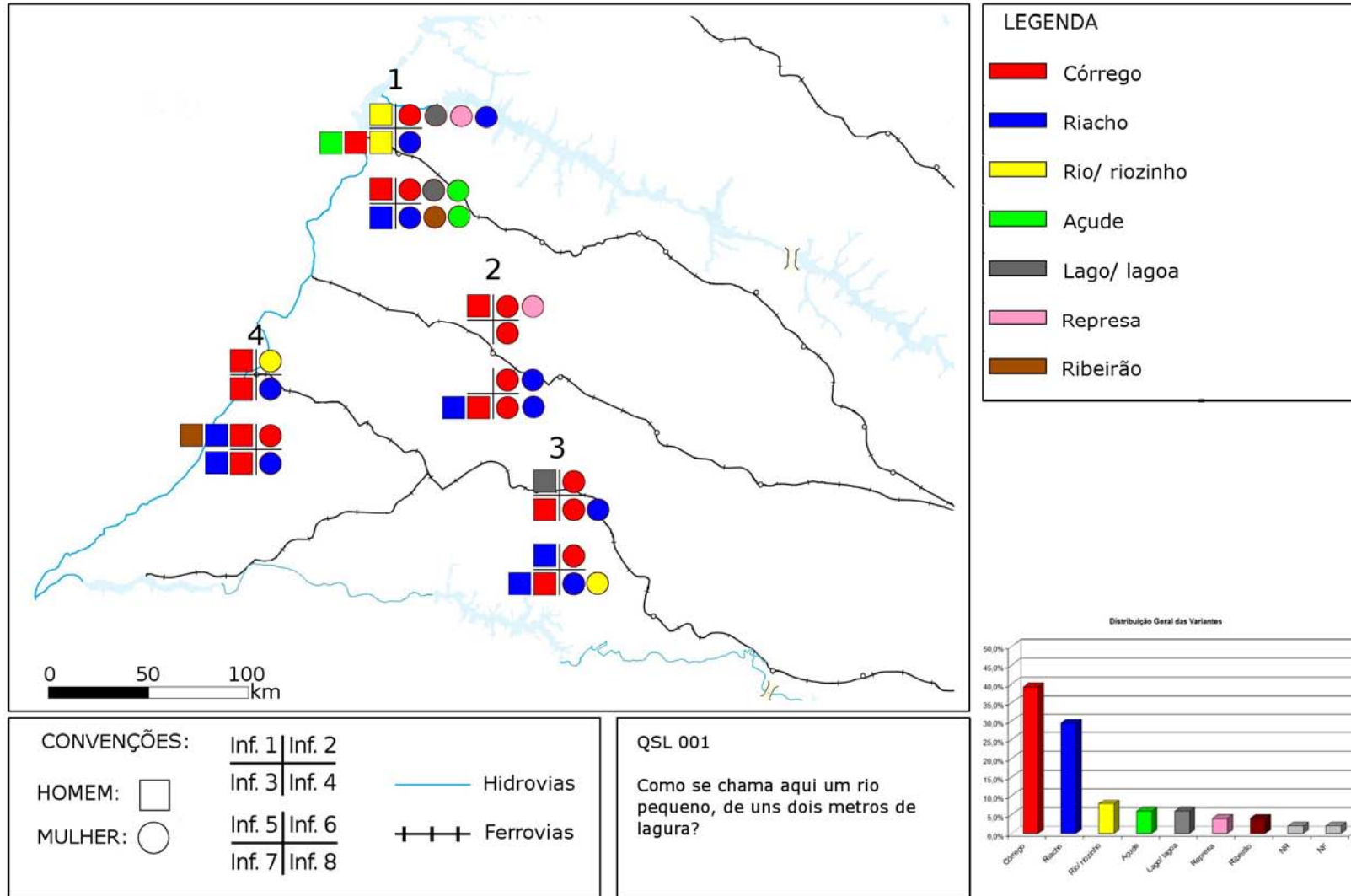
003-8 INF.- O pessoal as vezes chama de riozinho.

004-7 INF.- Córrego, riacho e no nordeste chama-se riacho, mais riacho do que córrigo. Agora aqui é mais o córrigo, né. Mas no nordeste geralmente é riacho.

- **Questão não formulada:** 002-5.

- Resposta não obtida: 002-3.

ALTOSP - CARTA 001 - RIO PEQUENO (Coincidente com: ALPB-01)



ALTOSP – CARTA 002

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

002-3 INF.- ... agora 'cê mei perto eu... colocamo pa bo... pa passá uma pinguela. Certo? Principalmente os nordestino chamava: "Passa naquela pinguela lá." Que é um sistema de... de colocá um pedaço de pau pa passa.

002-8 NF.- Passarela, o pessoal fala passarela. Lá no norte que é pinguela.

003-2 INF.- (risos) Pinguela? CIRC 2.- Pinguela. INF.- Na época da senhora era pinguela. INQ.- Ah você não conhece por esse nome? INF.- Esse eu num conheço, pinguela. INQ.- Pra você seria o quê? INF.- Pra mim seria o quê? Um pedaço de pau, uma ponte? INQ.- Você chamaria de ponte? INF.- Ponte ou... a travessia de um pau. INQ.- Mas isso que a tua mãe falou você não conhece? INF.- Não, eu não conheço. Não, pinguela não, primera vez que eu tô sabeno.

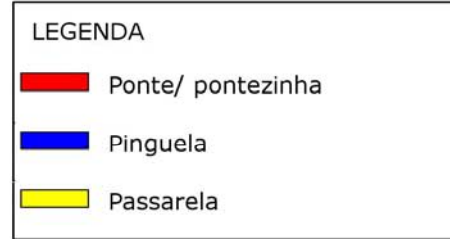
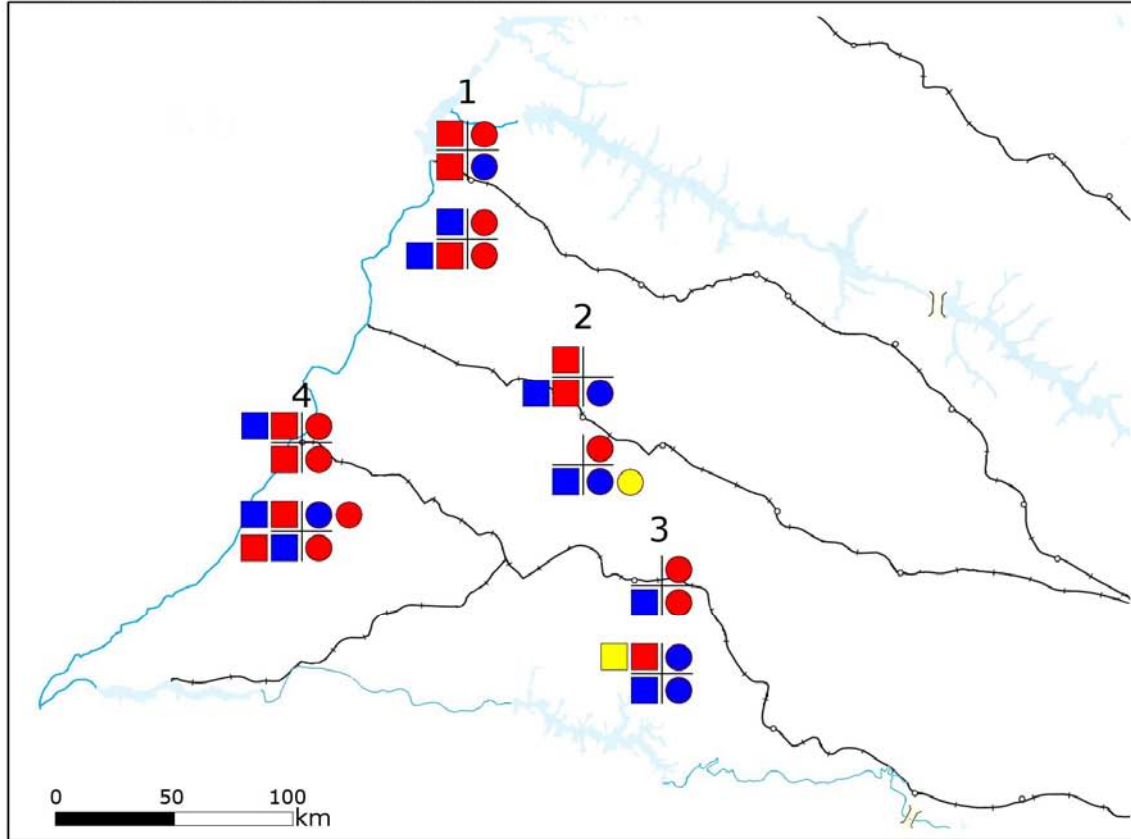
003-6 INF.- Na realidade, eu não sei como se chama, mas eu acho que é uma pinguela

004-1 INQ.- E ponte tem outro nome que seu pai falava. Quando é só uma tábua assim colocada pra atravessar. INF.- Ele falava pinguela, na época, né? Pinguelinha.

004-6 Pinguela, sei lá, eu num s(?=sei) INQ.- Vocês usam falar pinguela? INF.- Usa, às vezes usa. INQ.- Seus pais falam? INF.- Pinguela geralmente é a... uma pontezinha não muito assim... como que eu posso dizer... muito segura, "naquela pinguela", entendeu?

- **Ocorrências Únicas:** 002-6 Baliza; 003-1 Atalho; 004-8 Tronco e Passadeira.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-2

ALTOSP - CARTA 002 - PINGUELA

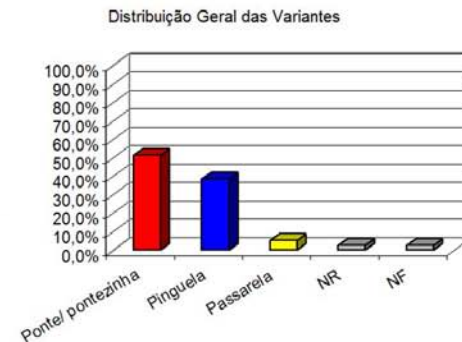


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 002

Como se chama aqui um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um (item 1)?



ALTOSP – CARTA 003

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTE

001-8 INF.- Eles falam rodamuinho

003-1 INQ.- Sua mãe falava que tinha alguma coisa lá dentro do redimunho? INF.- Falava que tinha saci, né. (inint) essa inventava que tinha saci.

003-2 INQ.- Seus pais falavam que tinha alguma coisa ali dentro?

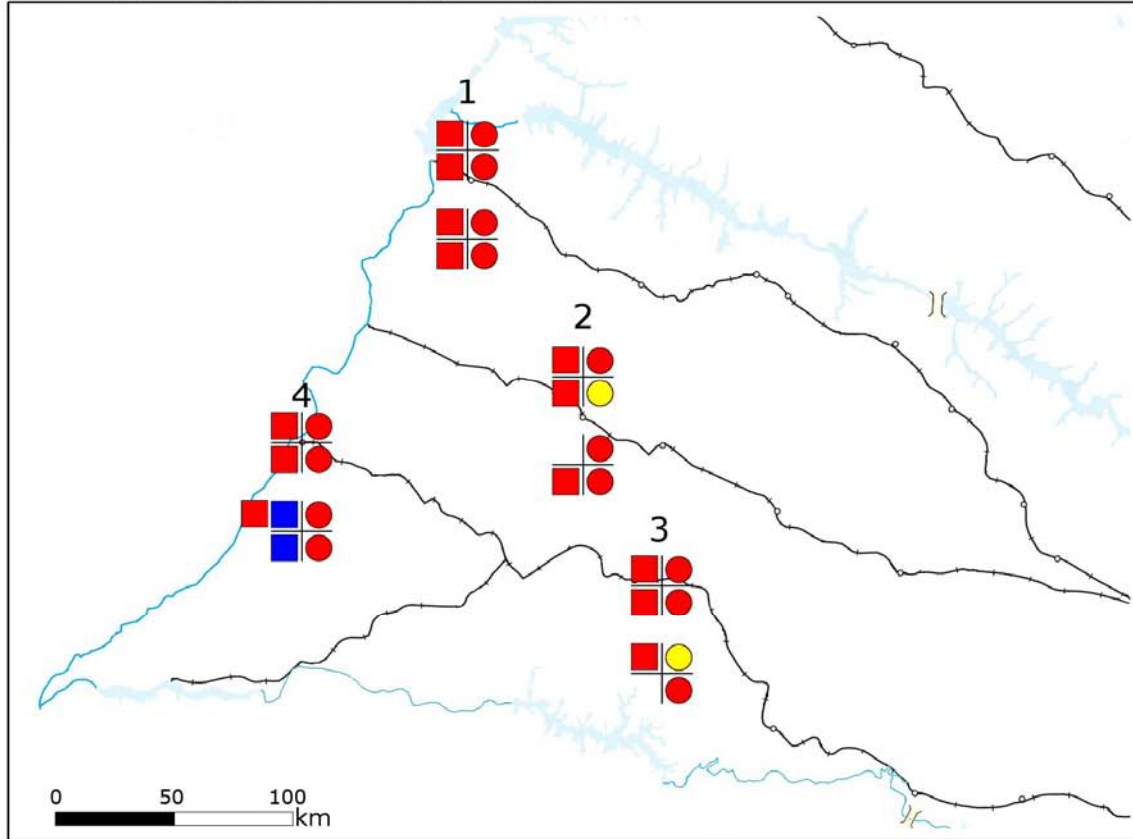
INF.- Ai ele falava que tinha. (risos) INQ.- O quê que é? INF.- Ah sei lá o saci tá ali... sai senão ele vai te levá.

003-5 INQ.- Conhece alguma história que as pessoas falam? INF.- Ah, eu j... (=já?), eu conheço... histórias que eu já... vivenciei né, então f... (=fui), praticamente fui criado den' (=dentro) do rio aqui né, e... eu já perdi alguns amigos porque... com a força da, esse rebojo ele faiz em função do... agora nem tanto né, que agora represô, mais quando era... água corrente, nas encostas, fazia esse rebojo, em função dos... dos navios que atracavam, das dragas que tiravam areia do rio, os motores, a hélices, conforme ela... faziam um buraco na terra né, então ficava aquele, aquele... afundava ali, e fazia uma, um poço, dentro do rio. E ali, conforme a água corria, ele fazia um redemuinho, a pessoa que se ti... se num subesse, num tivesse muita habilidade pa nadá ela... sugava (inint) ali. E... já morreram muita gente afogada assim dessa maneira. Principalmente nos córregos aqui também, nos córregos menores... Mais o rebojo era... temido assim, o pessoal tinha medo, quando via um rebojo assim já falava: "Tem rebojo ali", já num chegava perto.

004-7 INF.- Isso aí chama eh... tipo de um rebojo, rebojo, mais ou menos isso. Rebojo e aí ele desce, a pessoa desce.

- **Ocorrências Únicas:** 003-4 Funil
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 003 - REDEMOINHO



LEGENDA

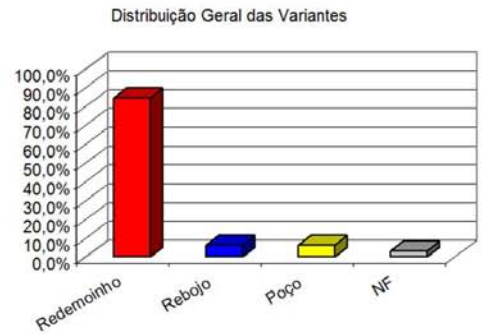
- Redemoinho
- Rebojo
- Poço

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 003

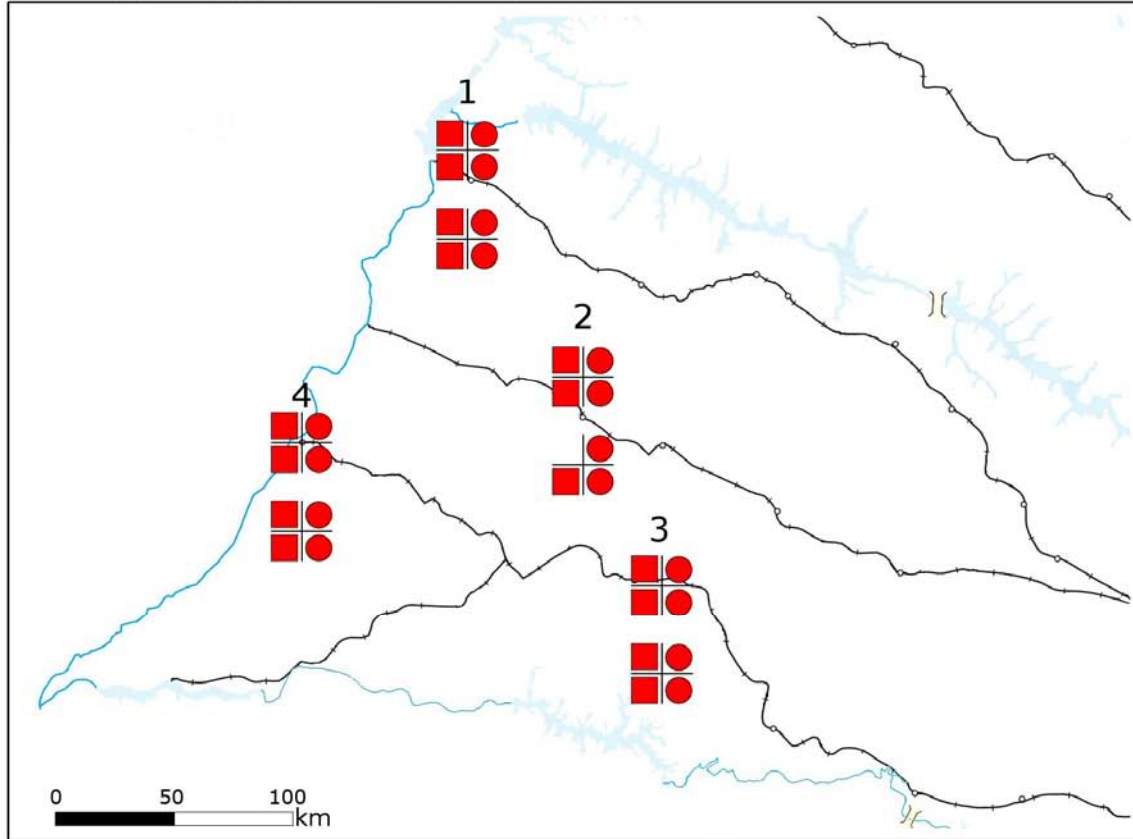
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?



ALTOSP – CARTA 004

- **Ocorrências Únicas:** 004-8 Maré
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 004 - ONDA DO MAR

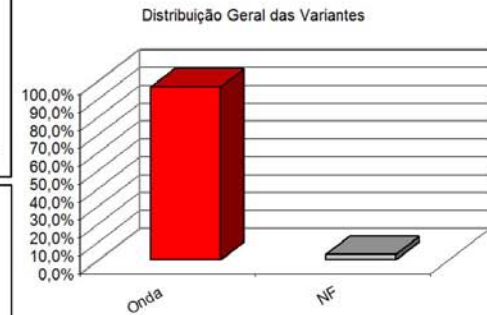


CONVENÇÕES:

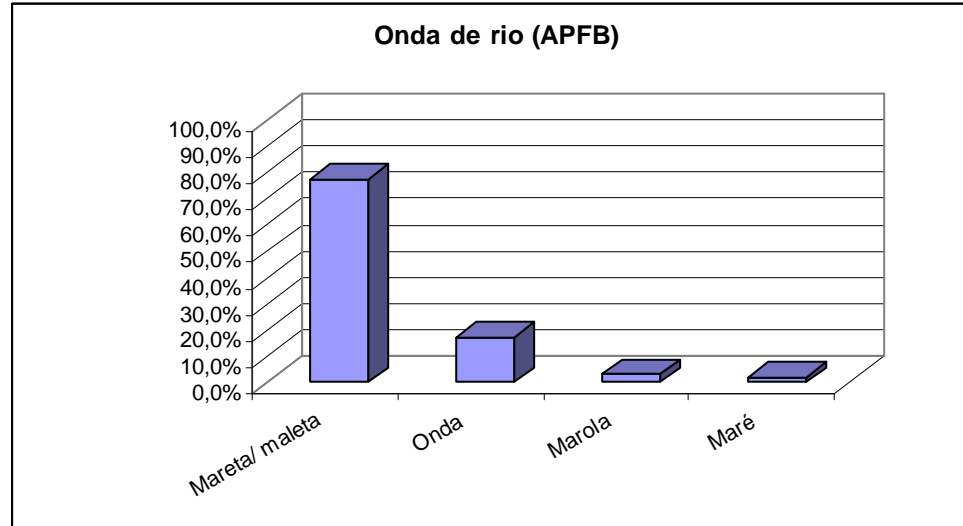
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 004

Como se chama aqui o movimento da água do mar?



ALTOSP – CARTA 005

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes:**

001-7 INF.- Olha, pra mim é onda também.

002-3 INF.- Do rio... onda cumé que é... a maré, maré é do rio, do mar tamém, né.

002-4 INF.- Ai a gente costuma chamá assim de correnteza, né?

002-8 INF.- Ondas também, num é?

003-2 INF.- No caso seria tudo ondas?

003-4 INF.- Ah da água do rio num chega sê onda né, a gente fala a água né, tá desceno, tá correno, a correnteza né.

003-6 INF.- Num sei a gente fala onda, ondas.

003-7 INF.- Da água do rio, acho que é ondas também.

004-1 INF.- Do rio? Que eu sei é onda aqui é quando passa um barco assim, quando passa um barco assim aí 'cê, aí vem aquelas ondinha. Porque a nossa aqui ela é meia parada, né.

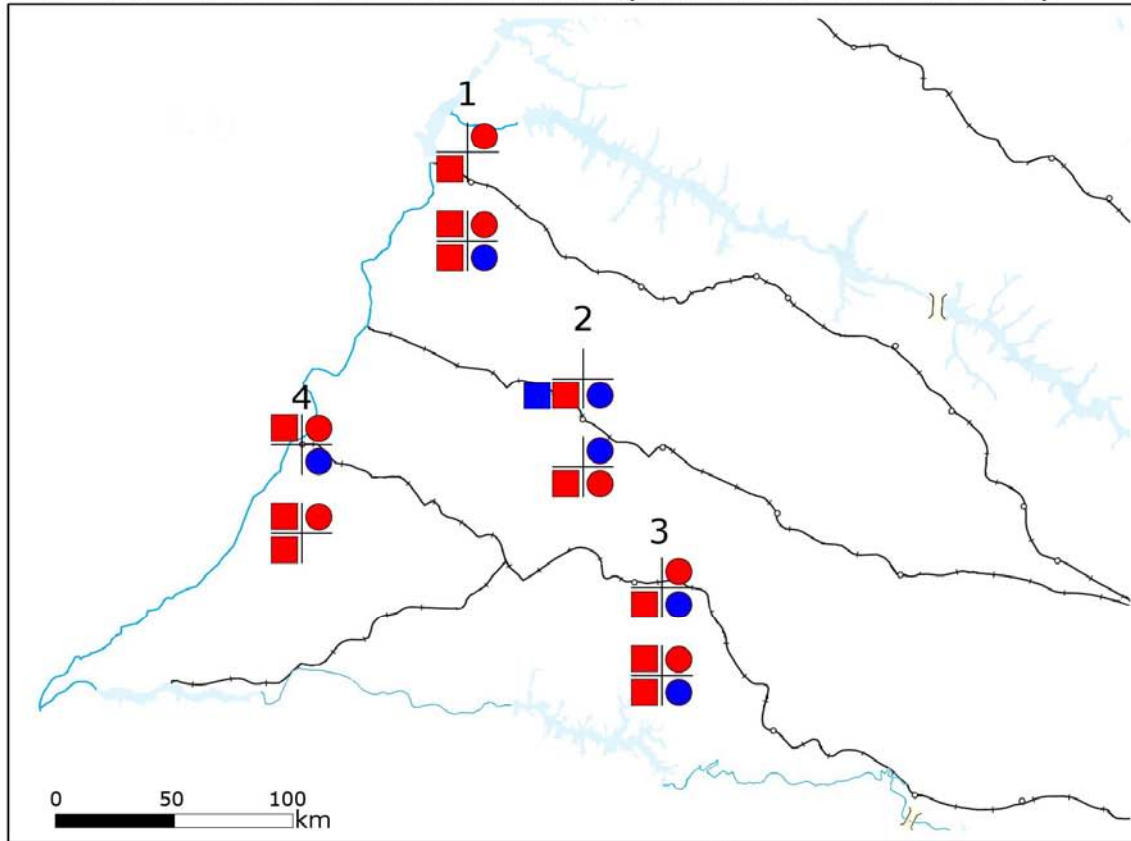
004-5 INF.- Aqui é... chama onda tamém, mais é... num é onda, tinha um outro termo que a gente usava quando 'tava... o rio... Mais é ondulado mesmo, é... é onda mais não.

004-6 INF.- A gente fala onda também.

004-7 INF.- Ah, do rio? Ela tem otro nome, mas acaba aqui tamém chamano de ondas também, o movimento das água, né. Geralmente fala que a água de rio está brabo (risos).

- **Ocorrências Únicas:** 002-3 Maré, balanço.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-1; 001-4; 002-1; 002-2; 003-1; 004-8
- **Resposta Ininteligível:** 004-3.

ALTOSP - CARTA 005 - ONDA DE RIO (Coincidente com: APFB-16)



LEGENDA

■ Onda/ ondinha

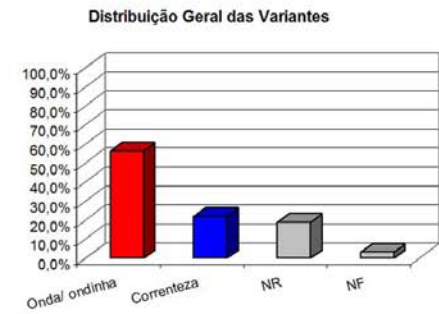
■ Correnteza

CONVENÇÕES:

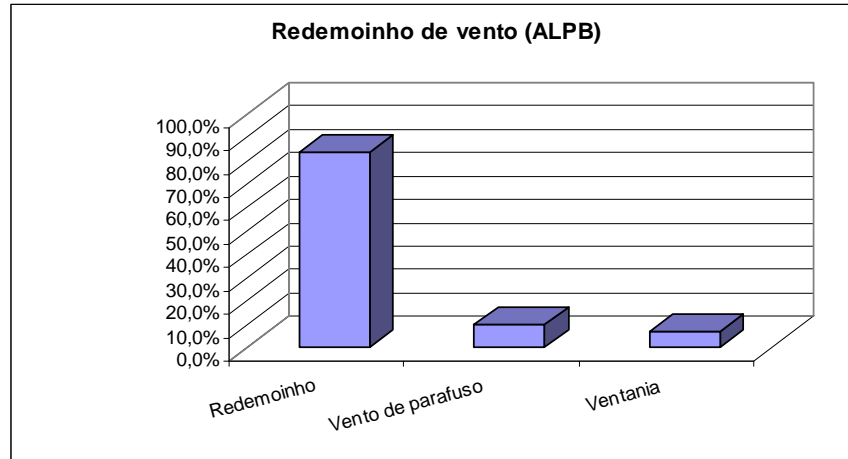
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 005

Como se chama aqui o movimento da água do rio?



ALTOSP – CARTA 006

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes:**

001-2 A propósito do QSL 003: INQ.- Tua mãe falava que tinha alguma coisa lá dentro? INF.- Ah, um buraco se caí, né. INQ.- Mas não falava que tinha ninguém lá dentro que puxava o pé? INF.- Saci-pererê (risos). Não, num é o saci não, é o diabo. INQ.- Que puxava? INF.- É. INQ.- Como eles colocavam medo na gente. INF.- É, (risos). Até hoje porque quando eu vejo assim... Tem às vezes num tem? Que faz assim? Igual agora na seca, esses dias mesmo fez um aqui, eu fiz em nome do pai (risos), porque é lenda, né, assim fala que é o bicho ruim, vai te carregá.

001-3 INQ.- Como que você falou aquele da água? INF.- Redemuinho. INQ.- Será que eu posso falar pra o vento também? Ou num usa aqui? INF.- Não, redemuinho também. Nô! fala redemuinho tamém quando o vento começa a girá assim, faz um puerona, vai rodano assim. Chama redemuinho tamém.

001-4 INQ.- E nesse a sua mãe acostumava falar que tinha alguma coisa lá dentro? INF.- Falava. Tinha o saci. (risos) INQ.- E tinha alguma história de que não podia relar, alguma coisa assim? INF.- É num podia chegá perto, né? INQ.- Senão... o que acontecia? INF.- Nada. Só falava que num podia chegá perto, né?

001-8 INF.- Redemuinho INQ.- E o redemuinho, será que pode usar também? INF.- Eu acho que sim, se não me engano é pros dois, né, porque existe dois tipos, eu já ouvi muito o pessoal falá "ah, deu um redemuinho, a poera levanto". Entendeu? INQ.- Sua mãe contava que tinha alguma coisa no redemuinho? INF.- Costumava. INQ.- O que ela falava que tinha? INF.- Ela falava que era o demo (?=demônio) que 'tava ali.

002-4 INF.- Ah... quando era criança a gente ouvia muito, né. Diz que se jogasse a pedra, diz que aparecia o saci. (risos) Tinha muito isso. INQ.- Você já jogou? INF.- Tinha. Eu joguei foi muitas vezes, nunca apareceu nada. (risos).

002-6 INF.- Ah, também chama redemunho. INQ.- Você já ouviu, a sua mãe, a sua avó, contavarem alguma coisa? INF.- Sobre? INQ.- Redemuinho, se tinha alguma coisa lá dentro. INF.- Ah, saci. INQ.- Ah, o que elas falavam? INF.- Ah, falava que quando tinha redemuinho, tinha o saci lá dentro. INQ.- Podia mexer? INF.- Não sei.

002-7 INF.- Num é o que fala redemum que a gente fala aqui, também, faz na água e faz no vento.

003-3 INF.- Fala aqui, fala redemunho

003-4 É o rodemuinho, né, que vai levantano aquela poera.

003-5 INF.- Eu também chamo redemuinho.. Eu num, num sei, eu... INQ.- É o mesmo nome né? INF.- Eu acredito que sim. Eu... eu chamo assim.

004-3 INF.- Redemunho ? INQ.- Pode ser os dois? Da água e do vento? INF.- Não. INQ.- Mas é o mesmo nome? INF.- Aqui a gente usa como o mesmo nome né. Redemunho do vento né, e...

redemunho (inint). A gente usa aqui, pelo meno o que eu conheço é a mesma, a gente usa a mesma dos dois lado né.

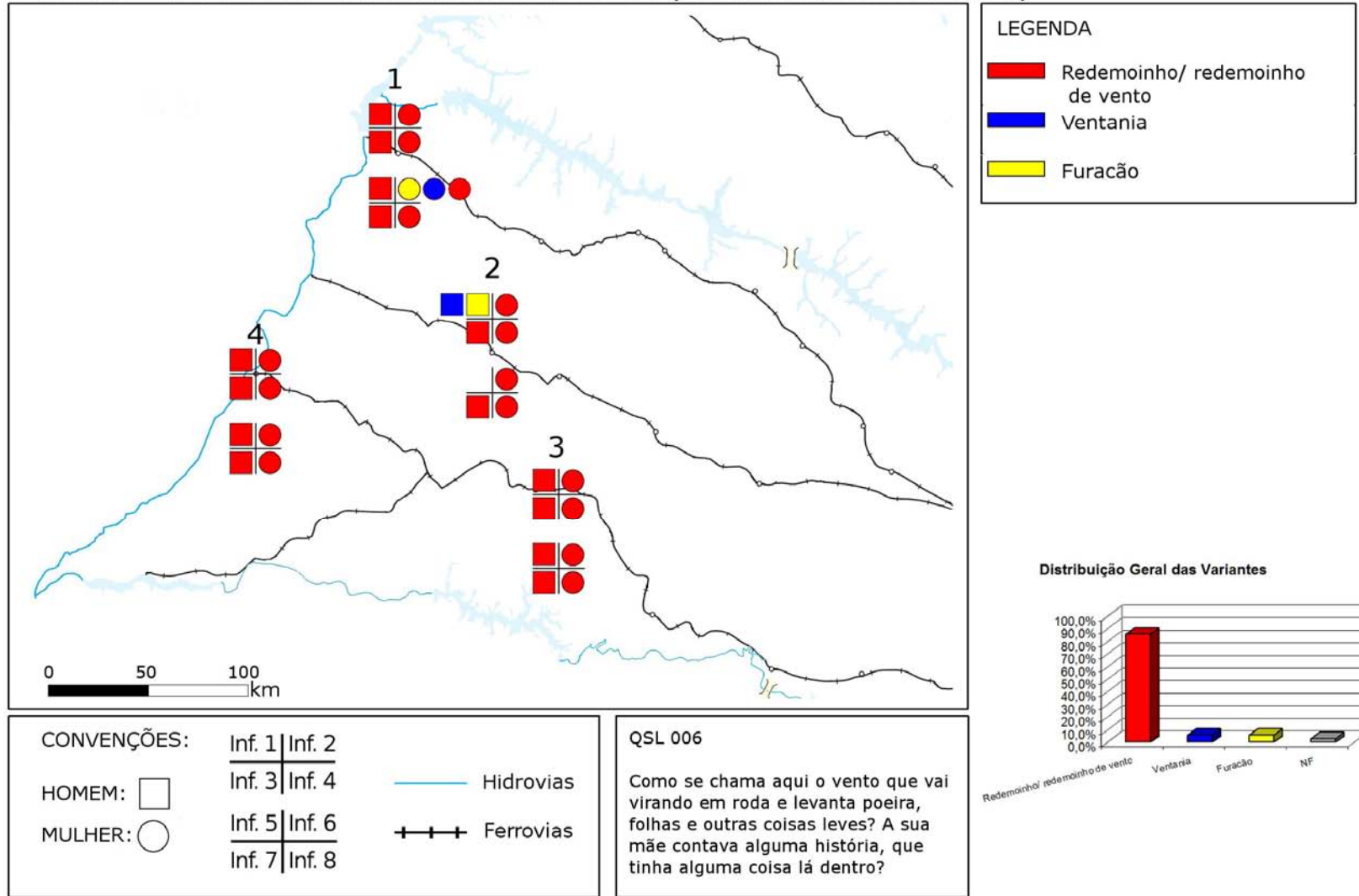
004-5 INF.- É um rodemuinho. INQ.- Tem alguma história também? INF.- Só as lendas mesmo... (risos) do rodemuinho. INQ.- Seus pais falavam bastante coisa? INF.- Falavam, falavam. INQ.- Você sabe, pode contar alguma história? INF.- Peneira, que jogá uma peneira pra trás pra pegá o saci... histórias né (risos). Eu confesso que eu já fiz isso! (risos) AUX.- Alguém já não fez isso? INF.- Não, e a gente brincava na rua, quando ouvia um barulhinho eu saía correndo atrás pra entrá no meio do redemuinho. INQ.- (risos) Pelo menos a gente já tem alguém que fez isso. INF.- Éh, eu já fiz, quando era muleque, passava jogando pó, de repente cruzava um vento assim aí virava redemuinho... jo... (=jogava), levava as folhas pra cima assim, nô! saía correndo pra entrá no meio do redemuinho. Aí tinha aqueles que falava: "Num vai, que tem um saci no meio do redemuinho" (risos). INQ.- Você nunca viu nada? INF.- Nunca (risos).

004-7 INF.- Esse é o famoso... Tem vários, né? Esse que você tá perguntano é um, aí eu tô lembrano só do outro: furação. Esse daí é redimuinho, redemuinho que chama.

004-8 INF.- Redimuinho também, a gente fala. INQ.- A sua mãe fala alguma história que tinha no redemuinho? INF.- Ah, sei que a do Saci-Pererê (risos). Lenda (risos). Ela também conta.

- **Questão não formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 006 - REDEMOINHO DE VENTO (Coincidente com: ALPB-12)



ALTOSP – CARTA 007

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INQ.- E quando é só aquele claro assim? Às vezes a gente tá dormindo, acorda assim... INF.- Raio. ((A propósito do QSL 008: INQ.- E o raio pode ser tanto esse que queima a árvore como o clarão? INF.- Pode.))

002-2 INQ.- Como que é o raio, só o clarão? INF.- É, o raio, isso.

002-3 INF.- Relâmpago. Sempre nós trata aqui de relâmpo, né. INQ.- É o clarão? O relâmpago? INF.- É tá relampiano, né, então é onde dá aquele clarão.

002-6 ((A propósito do QSL 008: INQ.- E o raio e o relâmpago, são iguais? INF.- Num sei, acho que é.))

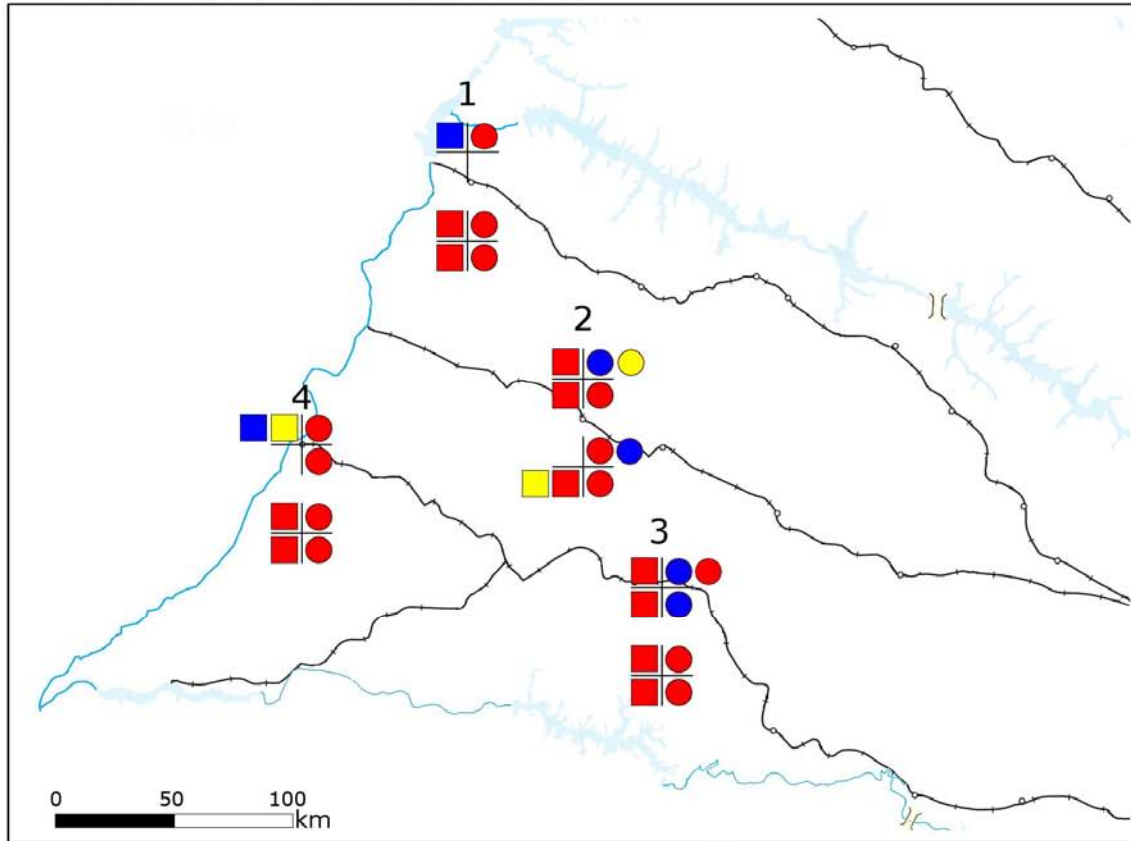
002-7 ((A propósito do QSL 008: Ah, antes você ia falá do trovão, eu invertei, agora é o relâmpago. É trovoadas. É quando tem trovoadas, surge o relâmpagos e o relâmpago é o que sai a faísca, né.))

003-2 ((A propósito do QSL 008: INQ.- ... o que cai... CIRC 2.- Relâmpago. INF.- Relâmpago. CIRC 2.- O raio é aquele que cai e que racha árvuris. INF.- Um é raio é otro é relâmpago. INQ.- E qual é qual? O raio... INF.- O raio é o que mata as pessoas, que queima. Relâmpago é aquilo que só... clareia.))

002-3 INF.- Ah, esse, o cara fala assim, quando de vez em quando, o cara fala: “cuidado com o relâmpago.

- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-3 e 4
- **Resposta Ininteligível:** 004-3

ALTOSP - CARTA 007 - RELÂMPAGO

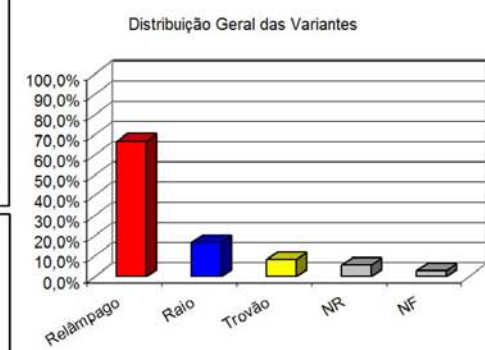


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 007

Como se chama aqui um clarão que surge no céu em dias de chuva?



ALTOSP – CARTA 008

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INQ.- E o raio pode ser tanto esse que queima a árvore como o clarão?

INF.- Pode.

001-8 Raio, costumam falá, né. INQ.- O raio e o relâmpago é a mesma coisa? INF.- É. Na verdade eu acho que é quase a mesma coisa, né, só que o raio já caiu, né, segundo o que eu entendo é isso, né. Porque às vezes quando a gente ouve aquele estalo, a gente fica com medo do estalo, mas o pior já aconteceu. INQ.- E qual que mata a pessoa se cair? INF.- O raio, né.

002-2 INF.- É o raio. Não, o que dá o clarão é conforme o trovão, é, não...é conforme dá o trovão aí daquelas aí, quando mata os gado é o raio.

002-3 INF.- É o raio. ((A propósito do QSL 007: Um raio. Um raio é... bom o trovão, que tráis o ralho, né.

002-6 INF.- Ah, o raio mesmo, corrente elétrica. INQ.- E o raio e o relâmpago, são iguais? INF.- Num sei, acho que é.

002-7 INF.- Ah, antes você ia falá do trovão, eu inverti, agora é o relâmpago. É trovoadas. É quando tem trovoadas, surge o relâmpagos e o relâmpago é o que sai a faísca, né.

003-2 INQ.- Também é raio? INF.- Também é raio. INQ.- Tanto faz o clarão...

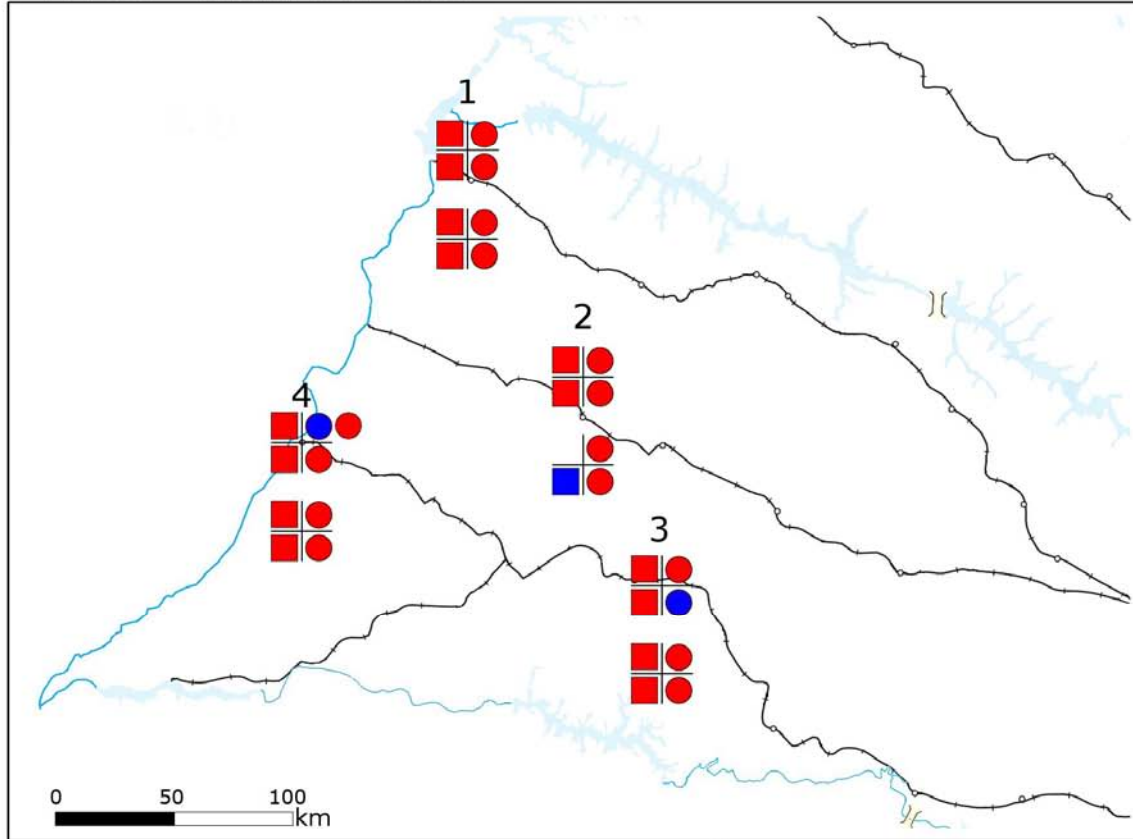
INF.- O clarão como... que... INQ.- ... o que cai... CIRC 2.- Relâmpago.

INF.- Relâmpago. CIRC 2.- O raio é aquele que cai e que racha árvuris.

INF.- Um é raio é otro é relâmpago. INQ.- E qual é qual? O raio... INF.- O raio é o que mata as pessoas, que queima. Relâmpago é aquilo que só... clareia.

- **Questão Não Formulada:** 002-5

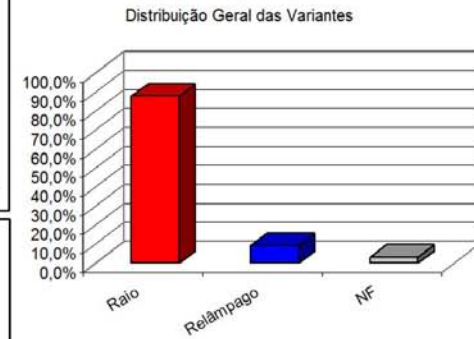
ALTOSP - CARTA 008 - RAI0



LEGENDA

■ Raio

● Relâmpago



CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 008

Como se chama aqui uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

ALTOSP – CARTA 009

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INF.- Trovão. Minha mãe já chamava de trovão: “Oh, o trovão”. CIRC.- Relâmpago. INQ.- Também quando faz barulho?

CIRC.- É, quando ele fala relâmpago. Quando tá ventano, eh... aí pega... no Domingo de Ramos vai na missa, o padre benze a folha, aí moe a folha na mão, joga no quintal ou se não você coloca o ovo em cima de um toco que daí pára de ventá.

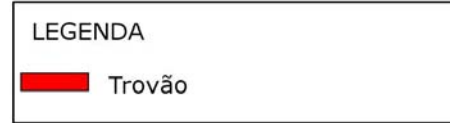
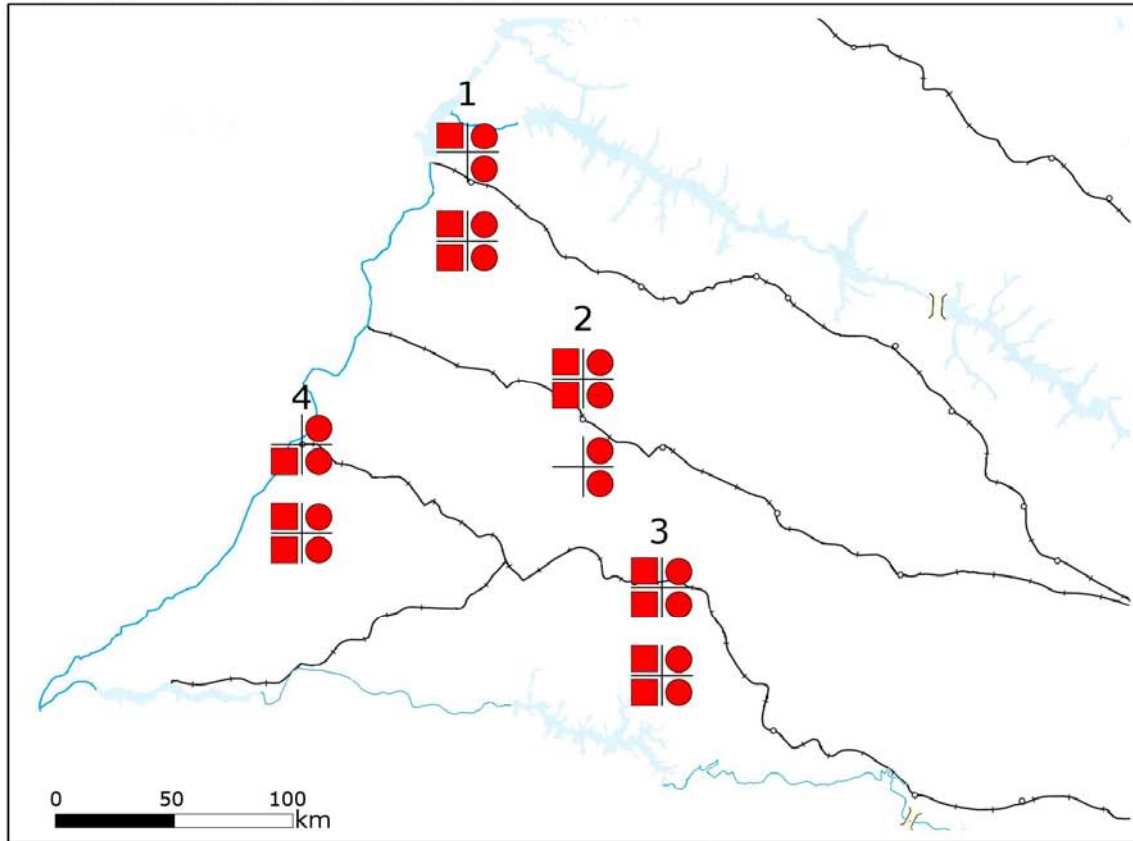
001-8 INQ.- E o barulho forte que vem depois do raio? INF.- É justamente o relâmpago, né, o estalo que dá. INQ.- Mas não dá aquele barulhão? “Tummmm” INF.- Trovão, trovoadada?

002-2 A propósito do QSL 008: INF.- Não, o que dá o clarão é conforme o trovão, é, não...é conforme dá o trovão aí daquelas aí, quando mata os gado é o raio. INQ.- E o trovão faz barulho? INF.- Faz.

004-8 A propósito do QSL 008: INF.- Trovão não, raio né, o trovão é o barulho né.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Trovoadada e Relâmpago. 004-1 Raio e Descarga Eétrica.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-3; 002-7

ALTOSP - CARTA 009 - TROVÃO

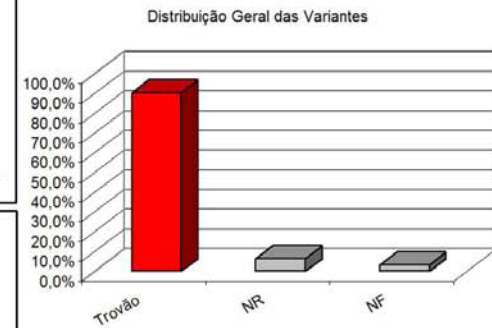


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 009

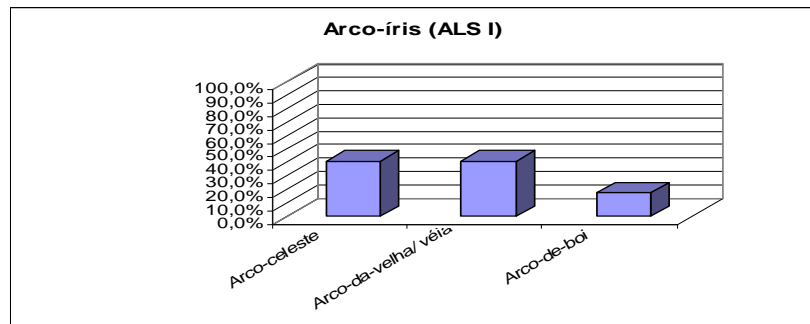
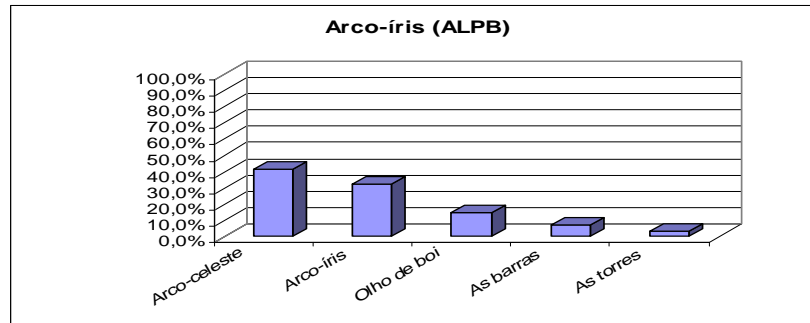
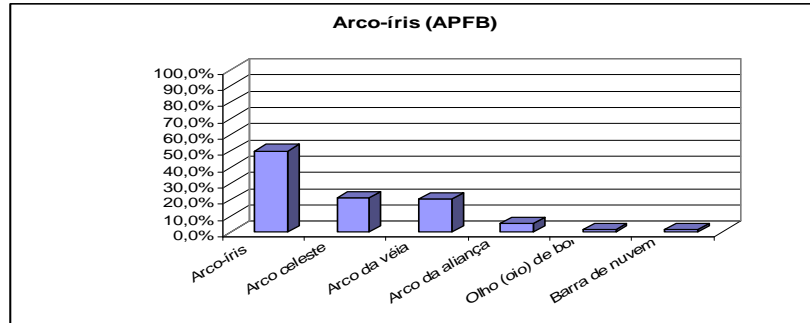
Como se chama aqui o barulho forte que se escuta logo depois de um (item 9)?



ALTOSP – CARTA 010

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste

Contexto frasal e comentários relevantes:



001-4 INQ.- Você já ouviu assim, seus pais, seus avós darem outro nome pra arco-íris? Que não fosse arco-íris? Tinha um nome mais antigo... INF.- Não, conheço só por... só ovi falá como arco-íris mesmo... arco, arco-da-velha, né? INQ.- E quem que falava arco-da-velha? INF.- Minha mãe. INQ.- Falava: "olha lá o arco-da-velha." INF.- Ai a gente até falava: mãe, mai' num é arco-da-velha é arco-íris. Porque a gente ovia os daqui falá, né, então?

001-5 INQ.- Nunca ouviu arco da velha? INF.- Não, sempre ouvi histórias (inint) se é do sexo masculino, passa a sê do sexo feminino, mas outro nome não.

001-8 INF.- Arco íris. INQ.- Conhece por outro nome? INF.- Tem gente que fala que é...poderia dizê assim pra você...eh, os sete raios, né, de Cristo, né, são os sete raios do espírito santo, são as cores dos sete raios, né. Agora esse aí num se vem ao caso aí, é uma coisa mística mesmo, né. INQ.- E eles dão um nome, outro nome além de arco íris? INF.- ...não, é arco íris mesmo.

002-1 INF.- Que nem o arco-íris tem até uma história, né, uma história que eles fala assim: quem pegá a ponta do aco-íris diz que vão encontrá um pote de oro, aí se voltá, passá por diboxo do aco-íris vira home ou muié, se é muié vira home, se é home vira muié. Ai o povo conta, né

002-3 Ah lá o... então é isso aí, é arco-íris nós trata muito aqui, né? INQ.- Os pais do senhor falavam assim? INF.- Ah sempre foi falado assim que... "Ah lá o arco-íris lá puxano água lá do otro

lugar, que é a água que reflete no... o sol que reflete na água, então. Arco-da-veia. INQ.- O senhor falou arco-da-velha, né? É uma expressão mais aqui da região ou é mais do nordeste... INF.- Ah acho que é mais do nordeste, né. Que a gente quando era criança, a gente falava muito isso aí, né?

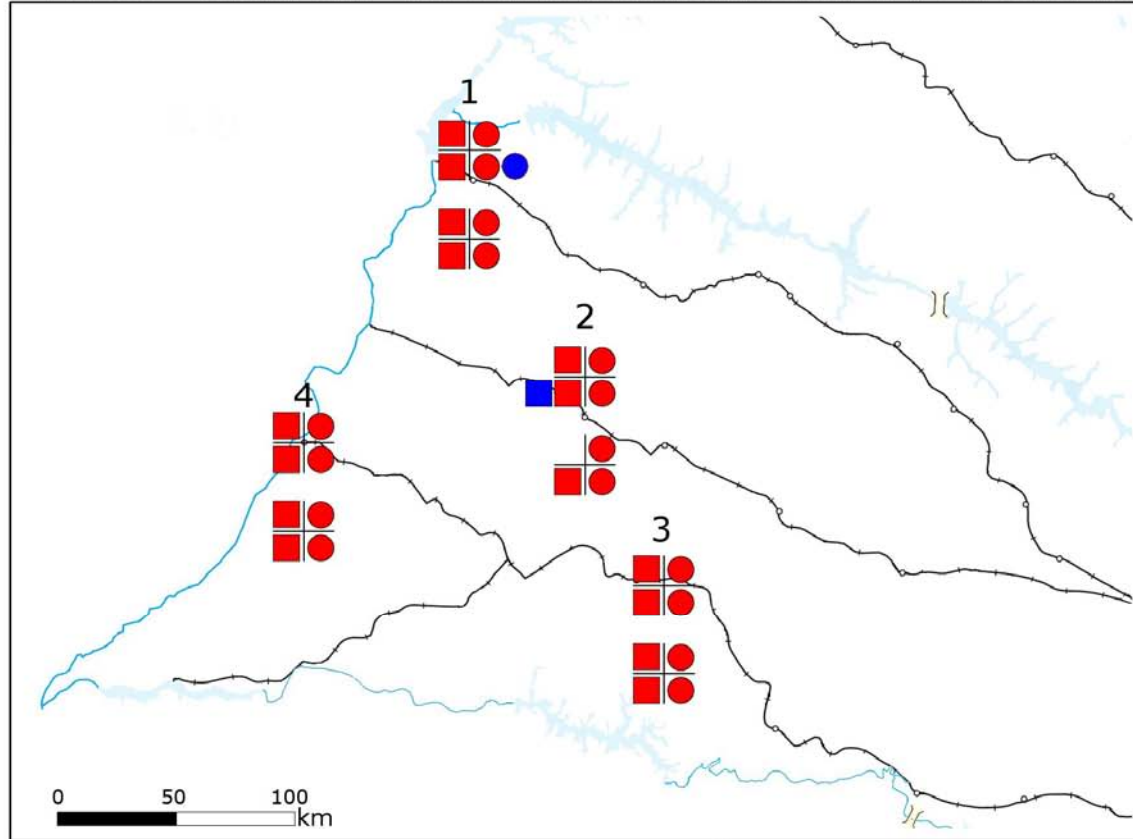
003-5 INF.- É o arco-íris né. Tem um... baú de ouro né, lá no fundo (risos).

INQ.- Já tentou achar o fim do arco-íris? INF.- Ah, mais fica tão longe, quanto mais a gente anda assim... (risos). INQ.- É (inint) (risos). INF.- Quando é criança sim né. Vou tentá agora quando é adulto né, quem sabe né. INQ.- Eu acho que o problema é a gente parar de procurar, agora que a gente tem mais força pra correr né. INF.- É, ué.

004-5 INQ.- Conhece por outro nome? INF.- Arco-íris eu conheço com arco-de-Deus né Na Teologia a gente... faz uma referência ao arco-íris como o arco-de-Deus, porque teologicamente falando tem uma simbologia, que é um sinal que Deus deixou ao homem... prometendo a ele que não destruiria mais a terra com água, biblicamente falando significa isso, o arco-íris. Teologicamente falando. Mas o nome que nós temos, o popular, é arco-íris. Mas biblicamente é um arco-de-Deus. INQ.- Depois do dilúvio né? INF.- Foi, então, porque o, o... o dilúvio foi quando Deus destruiu a terra com água, e esse foi o sinal que Deus deixou pra Noé e sua família de que nunca mais iria destruir a terra com água.

- **Questão não formulada:** 002-5
- **Ocorrências Únicas:** 004-5 Arco-de-Deus.

ALTOSP - CARTA 010 - ARCO-ÍRIS (Coincidente com: APFB-3,4,5,6; ALPB-030; ALS I-03)



LEGENDA

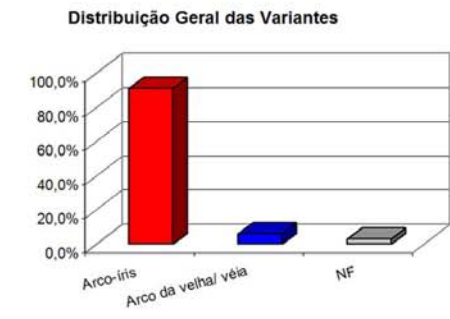
- Arco-íris
- Arco da velha/ véia

CONVENÇÕES:

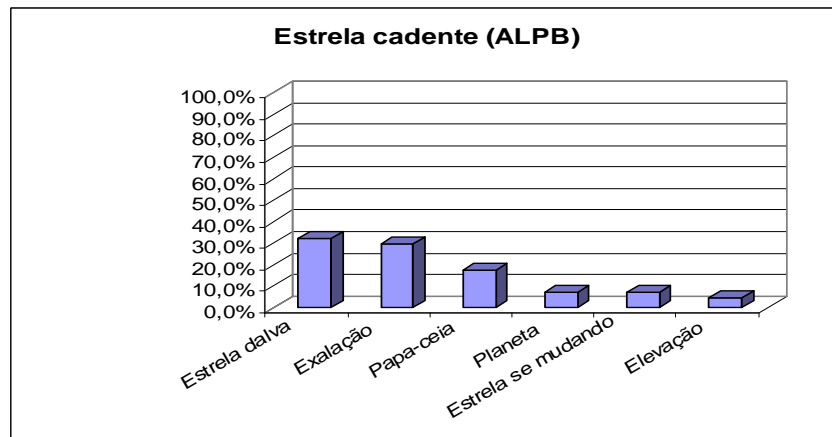
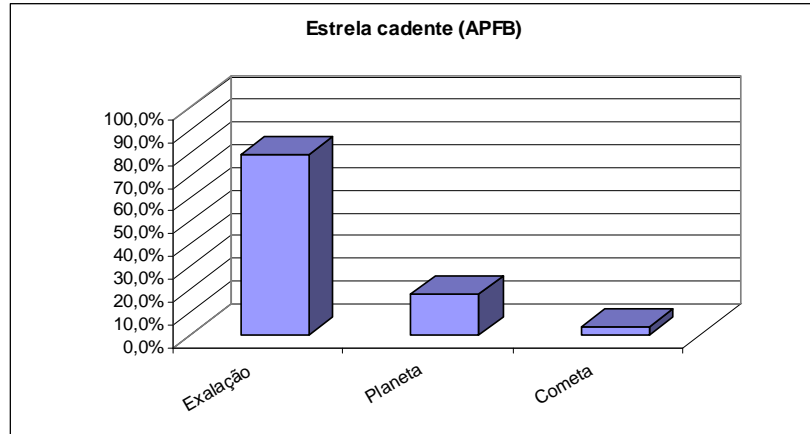
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 010

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?



ALTOSP – CARTA 011

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes:**

001-1 A propósito da Retomada: CIRC.2- Estrela cadente ((sussurrando)) INF.- Estrela cadente.

001-2 INF.- Estrela cadente, aí 'cê faiz um pedido.

001-3 INF.- Uns fala que é estrela cadente.

001-6 INQ.- O que os antigos falavam? INF.- Faz um pedido. "Ou num pode contar pra ninguê, heim, faiz um pedido, assim, de coração, que vai sê realizado.

002-4 INF.- Ai costuma assim dizê... estrela cadente (risos).

002-7 INF.- Tem gente que não gosta, tem superição de vê ela. INQ.- Não gosta de ver? INF.- É, aquela que se desloca. INQ.- E conta alguma história assim, quando vê? INF.- Ah, na época que eu era menino, ouvia histórias, né, mas historinhas que era falta de sorte e tal.

002-8 INF.- Estrela-Guia. Num sei, vô ficá devendo.

003-3 Aqui eles fala que é estrela cadente né. INQ.- E tem alguma história? INF.- Eh, os cara fala que quando ela...tá, vê ela mudano, o cara tem que fazê pedido pa...(inint) e podê subi, né.

INQ.- Você já fez? INF.- Eu não.

003-5 INF.- Estrela cadente? (risos) INQ.- Você já viu assim alguma história de que tem que fazer um pedido, (inint) ser feito? INF.- Já, eu escutei. INQ.- Não pode contar? INF.- O quê, o pedido? INQ.- O pedido. INF.- É, diz que num pode né. Eu nunca... eu num lembro de algum pedido que eu tenha (inint.) (risos).

003-6 INQ.- E você já ouviu alguma história? INF.- Que tem que fazê um pedido que (inint) estrela cadente. INQ.- E pode contar pra alguém.. INF.- Não pode contá.

003-8 INF.- Já. (?=En)candescente uma coisa assim. INQ.- E contam alguma história? Falam alguma coisa? INF.- É dizem que a gente tem que fazê um pedido né. Quando ce vê a estrela aí faz um pedido. INQ.- Será que dá certo? INF.- Nunca fiz (risos).

004-1 INF.- Estrela cadente. As pessoa fala isso.

004-2 INQ.- O que o povo fala que precisa fazer, Joana? INF.- Um pedido, três pedido. (risos)

004-3 A propósito da Retomada: INF.- A estrela d'alva. INQ.- Como é que é a estrela d'alva? É

essa mesma? INF.- É, diz que é né. Que ela... faiz o... INQ.- É essa que eu faço o pedido?

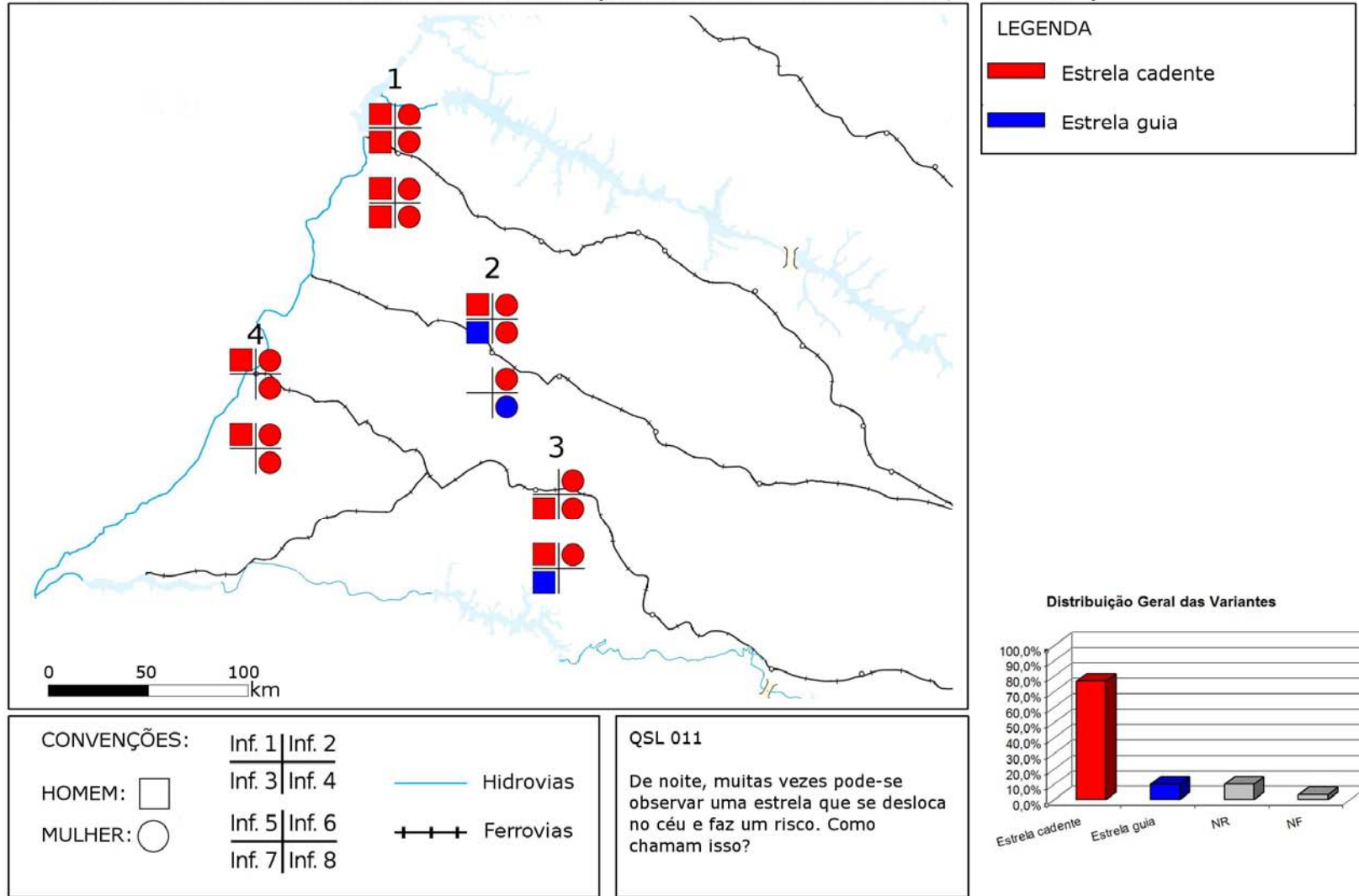
INF.- Eu já, do oto sentido eu num sei.

004-8 A propósito do QSL 014: INF.- Óh, da estrela cadente eu lembrei, que a gente fala que faz um desejo né, pra fazer um desejo, que ela (inint). INQ.- Você chegou a fazer algum desejo?

INF.- Humhum. Com certeza! (risos) INQ.- Foi atendido? INF.- (Não?) (risos)

- **Ocorrências Únicas:** 003-5 Cometa; 003-8 Incandescente; 004-3 Estrela D"alva;
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-7; 003-1; 004-7.

ALTOSP - CARTA 011 - ESTRELA CADENTE (Coincidente com: APFB-02; ALPB-034)



ALTOSP – CARTA 012

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-2 INF.- A gente fala que tá mudano de lugar, né.

001-4 INF.- Ah... ah num sei. A gente custuma pidi uma... alguma coisa, né, diz que tráiz sorte num sei, né?

001-8 INF.- Ah, costuma falá que ela tá mudano de lugar ou que eh...povo supersticioso fala que é sinal de sorte, né, é costumam falá que é sinal de sorte. Mudô é sinal de sorte, mas é... ((corte na gravação)) é o que eu ouço falá, pra falá verdade já até fiz essas coisa antigamente, hoje em dia a gente acha supersticioso essas coisa, né.

002-3 INF.- Ai isso aí... cumé que falava... quando ela caía né, vamo supor, Às vezes a gente fazia um pidido, né, cumé que chamava lá... estrela guia. Eu acho que é esse sim mais ô meno porque... às vezes ela... vamo supor saía lá d'um, d'um lado e ía lá po otro bem ligero, né? INQ.- Vocês tinham o costume de fazer pedidos? INF.- É tinha o costume de fazê “ô lá, vai lá” a gente via, a gente fazia um pidido.

002-8 INF.- Ah, de criança, as pessoas falavam que a gente tinha que fazê um pedido que era estrela que dá sorte, assim ficô.

003-4 INF.- Ai a gente faiz um pidido, né. Geralmente faiz um pidido “ai caiu estrela cadente vamo fazê um pidido”. INQ.- E não pode contar?

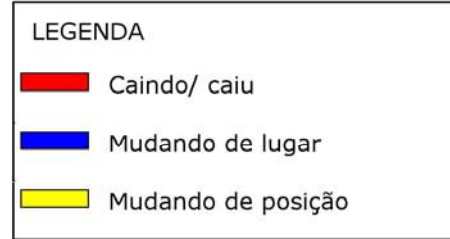
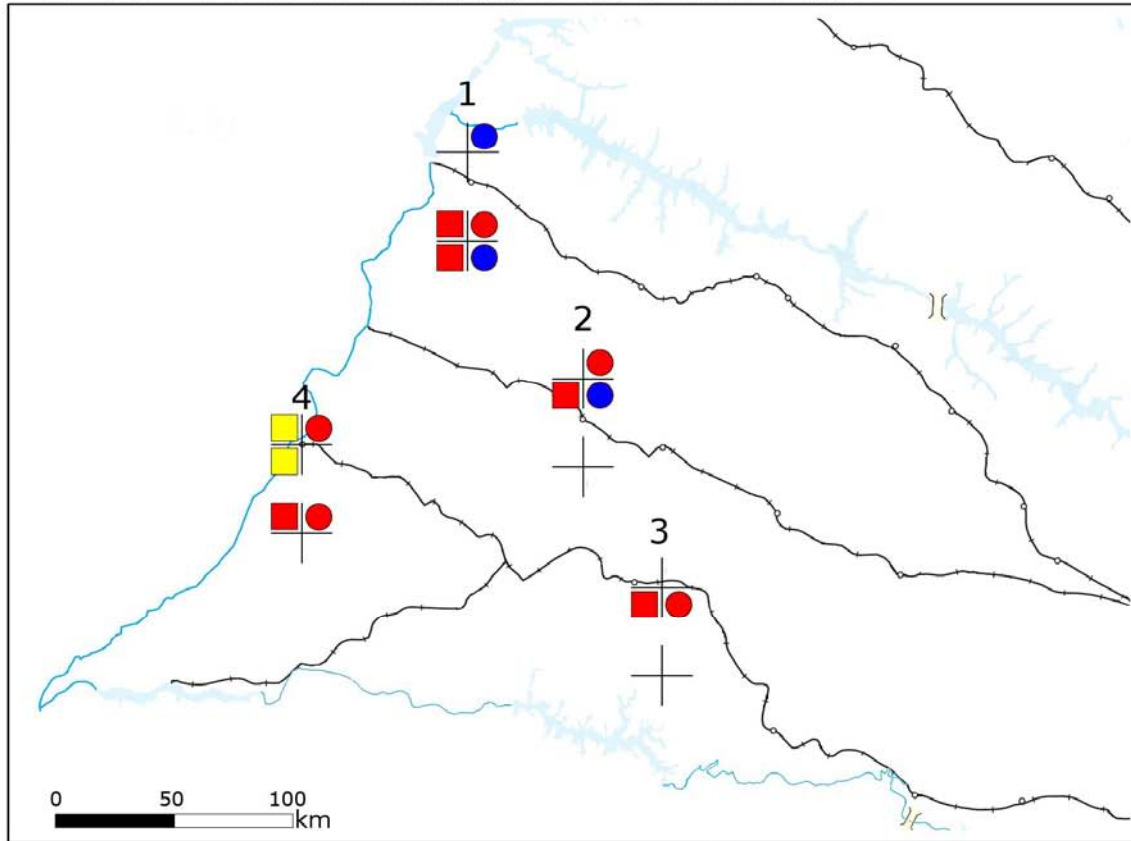
INF.- Não pode contar. Segredo! Pra dar certo.

003-5 INQ.- Você já viu assim alguma história de que tem que fazer um pedido, (inint.) ser feito? INF.- Já, eu escutei. INQ.- Não pode contar? INF.- O quê, o pedido? INQ.- O pedido. INF.- É, diz que num pode né. Eu nunca... eu num lembro de algum pedido que eu tenha (inint) (risos).

004-6 INF.- Faz tempo que eu não olho estrela (risos)... A estrela... não sei... eu não sei... A gente fala: “Ah, a estrela caiu” ou alguma coisa assim.

- **Ocorrências Únicas:** 003-2 Se locomovendo; 003-6 Uma queda; 003-7 Em movimento; 004-4 Deslocando
- **Questão Não Formulada:** 002-5 e 7; 003-1; 004- 7
- **Resposta não obtida:** 001-1, 3 e 4; 002-1 e 8; 003-5 e 8; 004-8
002-6: Corte na gravação no momento da fala

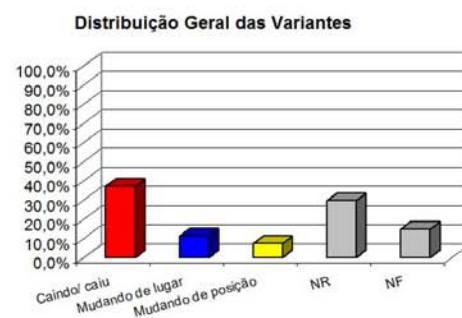
ALTOSP - CARTA 012 - MUDAR/ CORRER UMA ESTRELA



CONVENÇÕES:	Inf. 1 Inf. 2	
HOMEM: □	Inf. 3 Inf. 4	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 012

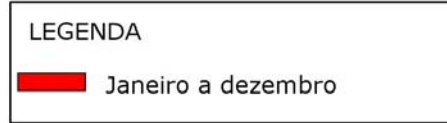
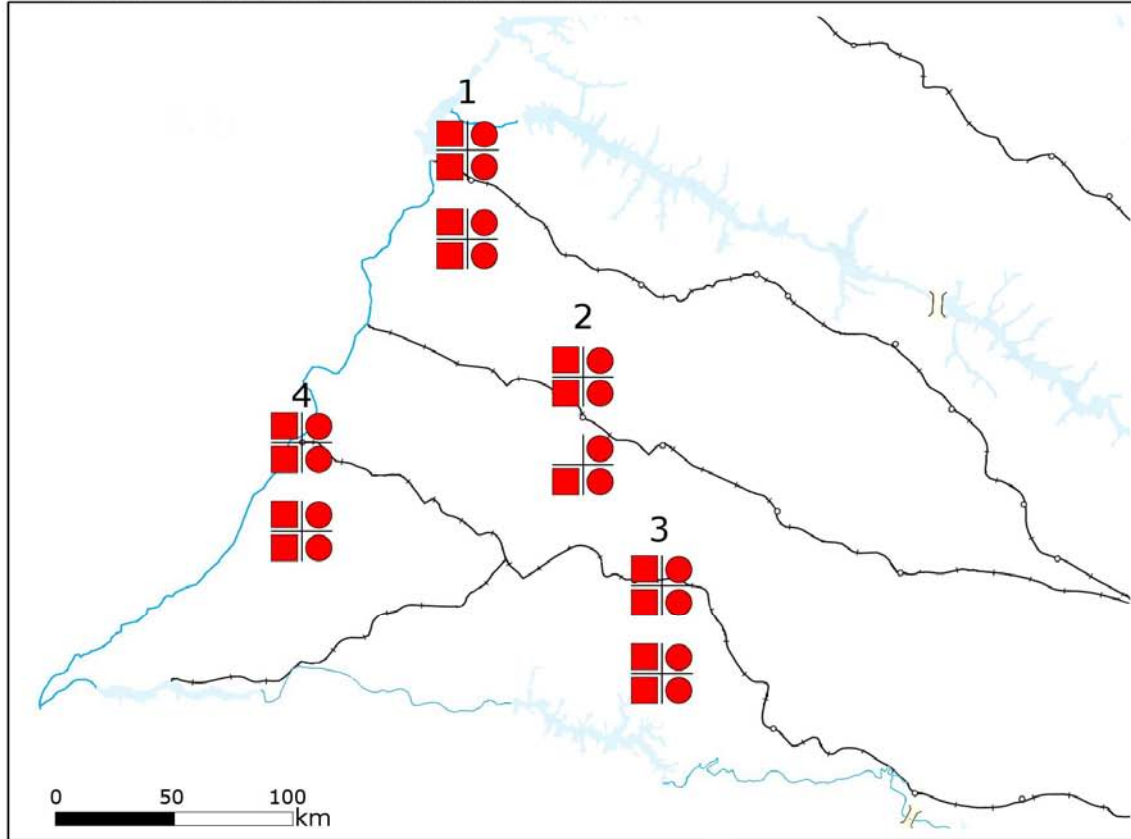
E quando se vê uma (item 31), como é que se diz?



ALTOSP – CARTA 013

- **Questão Não Formulada: 002-5**

ALTOSP - CARTA 013 - MESES DO ANO

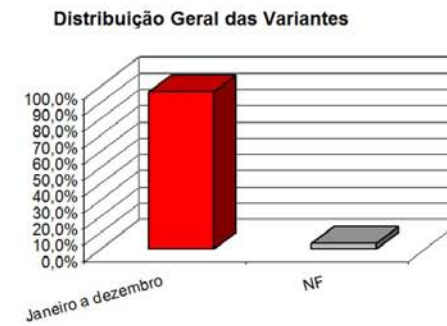


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 013

Quais são os meses do ano?



ALTOSP – CARTA 014

Contexto frasal e comentários relevantes:

001-6 INQ.- Tem um mês que eles falam que é mês de santana. INF.- Ah, sim, porque tamém eles eram muito devotos, né, são devotos, né. INQ.- Mas sua família não fala. INF.- Então, vai fazê mais de vinte anos que minha mãe veio de lá, ela perdeu um pouco dessa cultura, ela num...tá mais aqui.

003-3 INQ.- Você já ouviu por exemplo, às vezes seu pai ou sua mãe, ao invés de falar julho, falar sant'ana? INF.- Já. INQ.- Eles falavam? INF.- Fala. INQ.- E agora não ouve mais? INF.- Agora não ouve mais, é difícil. INQ.- Mas antigamente você ouvia. INF.- Antigamente ouvia. INQ.- E ainda hoje sua mãe fala ou... INF.- Minha mãe é falecida, tamém. INQ.- O seu pai também? INF.- Também, os dois. INQ.- Mas eles falavam? INF.- Falava.

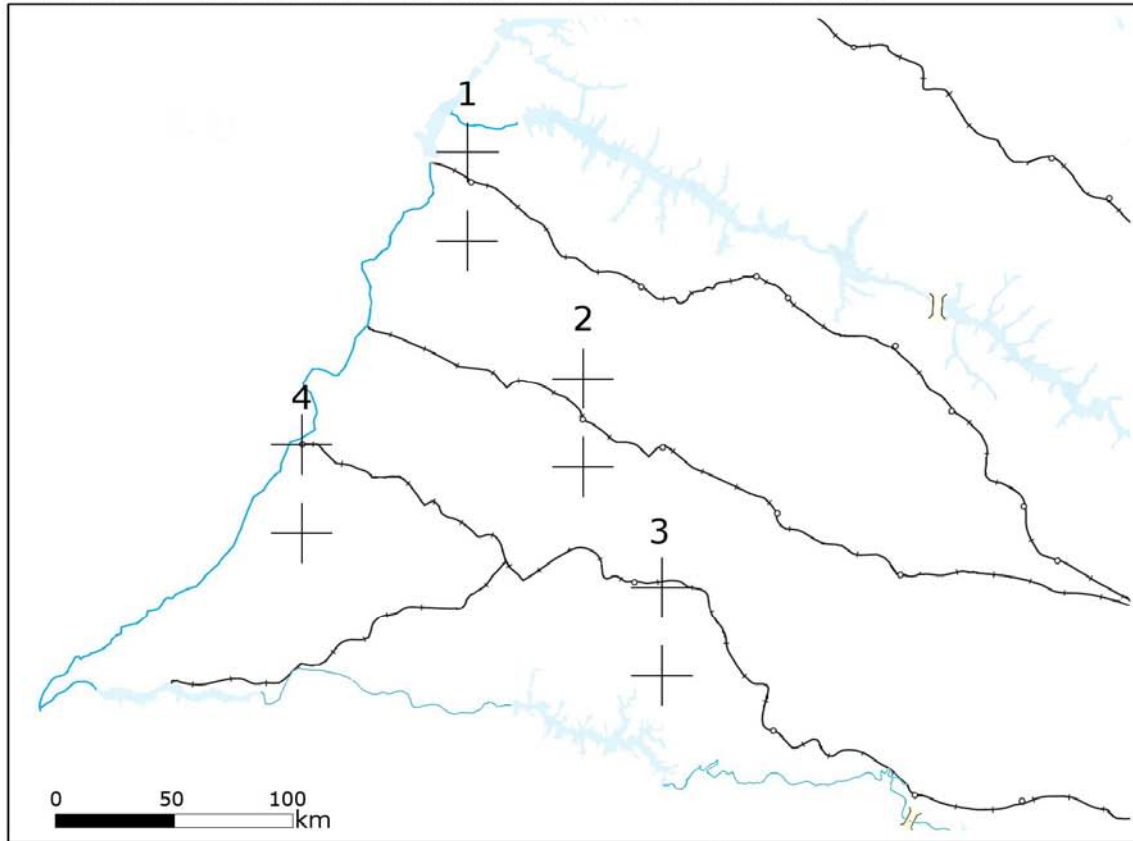
003-5 INQ.- Você nunca ouviu eles falarem sant'ana? INF.- Já, já escutei já. Eu acho que é o mês de junho... INQ.- É, porque em algumas regiões do nordeste eles falam maio, santana, aí depois julho já é (inint), daí volta pra agosto, setembro, outubro... INF.- É. Tem assim, sabe, mais eu já aqui... como... aca... acabô crescendo assim num outro meio...

003-6 INQ.- Você já ouviu falar Santana pra julho? INF.- Já, minha mãe, meu pai. INQ.- E eles falam ou às vezes se você pedir pra eles dizerem os meses, eles vão dizer junho, santana, agosto. INF.- Com certeza, a minha mãe vai.

003-7 INQ.- Você já ouviu falar Santana? INF.- Já. INQ.- Pra que mês do ano? INF.- Se eu não me engano é mês de julho. INQ.- E são os mais velhos que falam? INQ.- Eh, por aqui num, é mais no nordeste que o pessoal tem essa cultura.

- **Questão Não Formulada:** 002-5
- A Resposta esperada não foi obtida em nenhum dos inquiridos

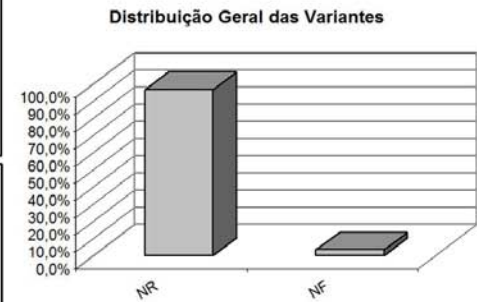
ALTOSP - CARTA 014 - MESES COM NOMES ESPECIAIS



CONVENÇÕES:	Inf. 1 Inf. 2	
HOMEM: □	Inf. 3 Inf. 4	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 014

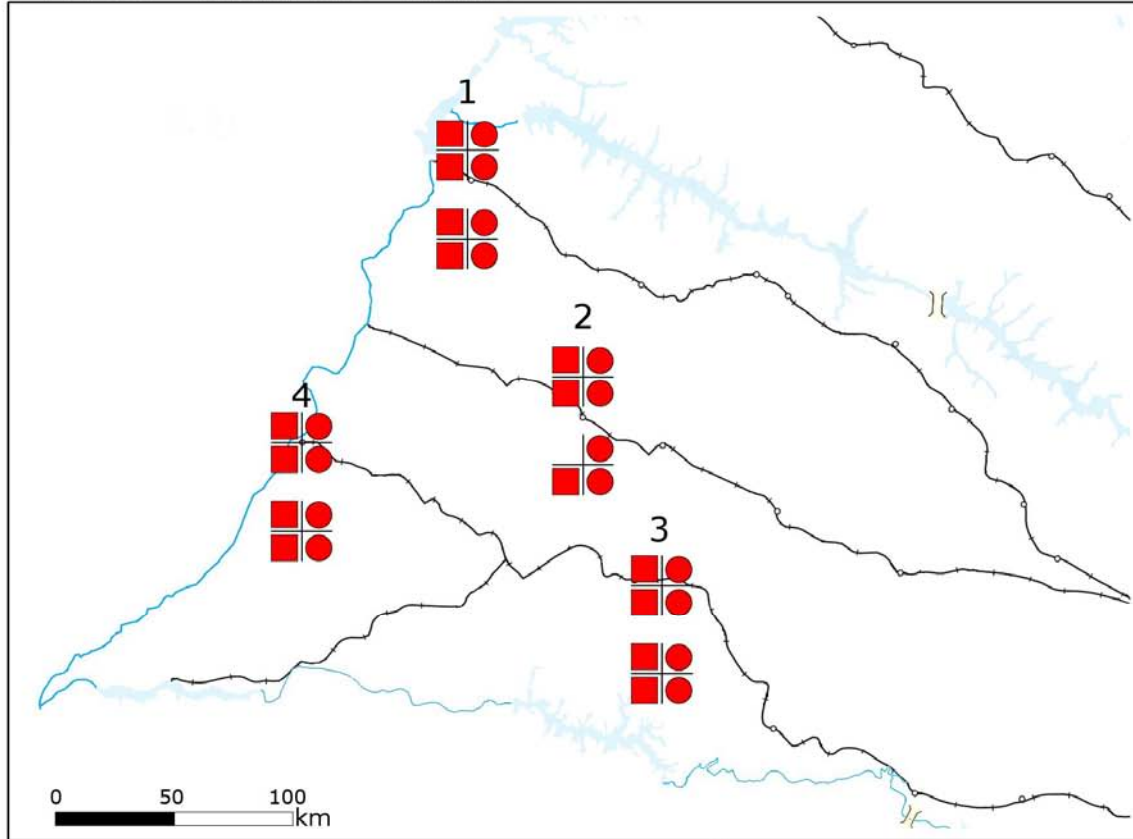
Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?



ALTOSP – CARTA 015

- **Questão Não Formulada: 002-5**

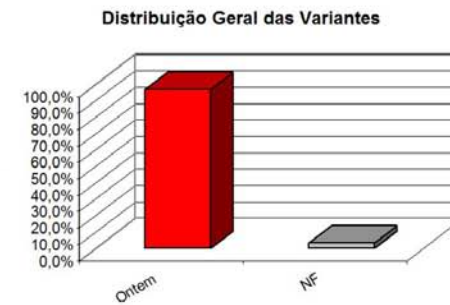
ALTOSP - CARTA 015 - ONTEM



CONVENÇÕES:	Inf. 1 Inf. 2	
	Inf. 3 Inf. 4	— Hidrovias
HOMEM: □	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
MULHER: ○	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 015

Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?



ALTOSP – CARTA 016

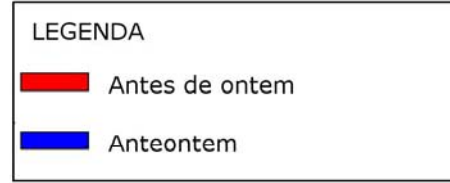
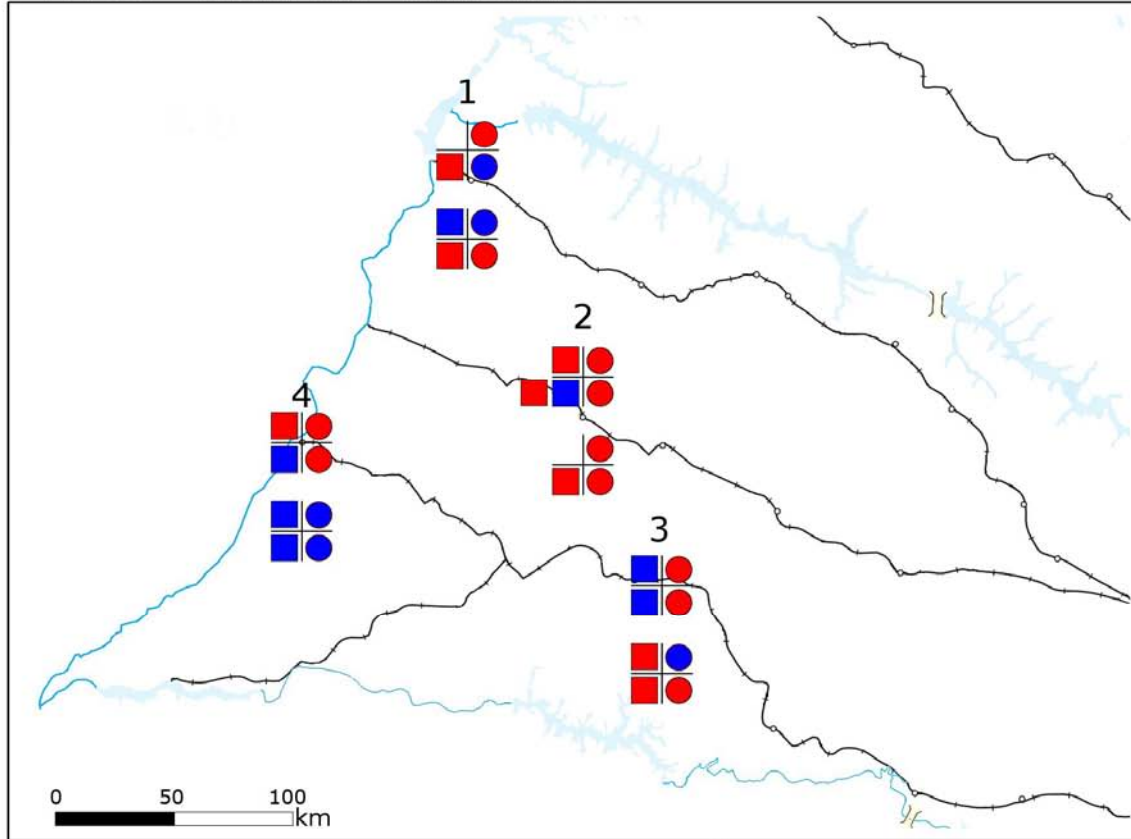
Contexto frasal e comentários relevantes:

001-1 CIRC.- Minha sogra que ontonte, ela fala até... “Cê foi lá ontonte?”

003-8 INF.- Ontes de ontem o pessoal fala aqui né.

- **Ocorrências Únicas:** 001-1 Antonte
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 016 - ANTEONTEM

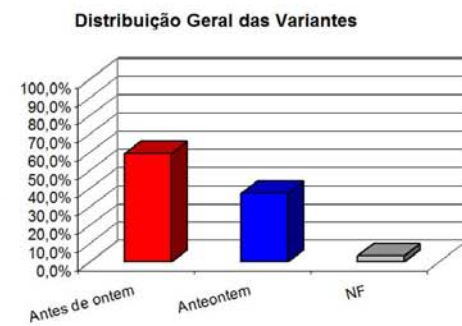


CONVENÇÕES:

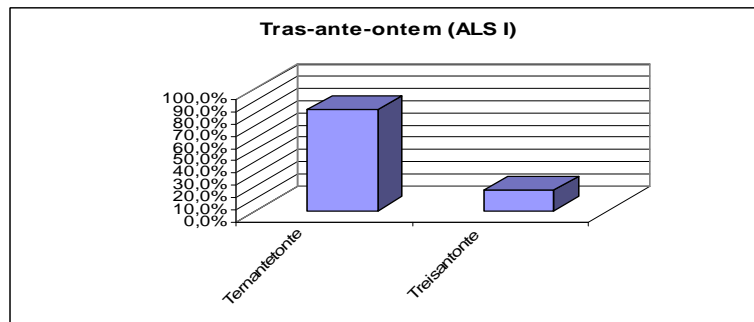
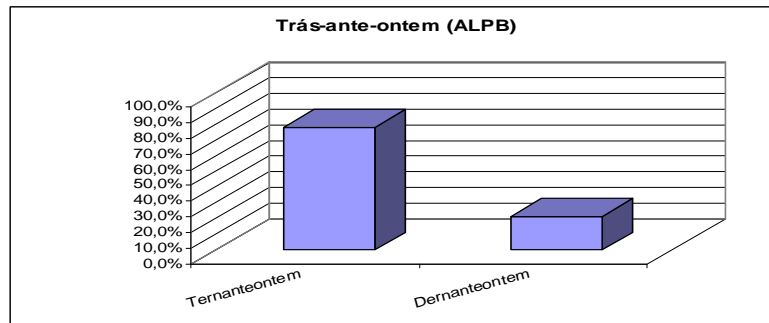
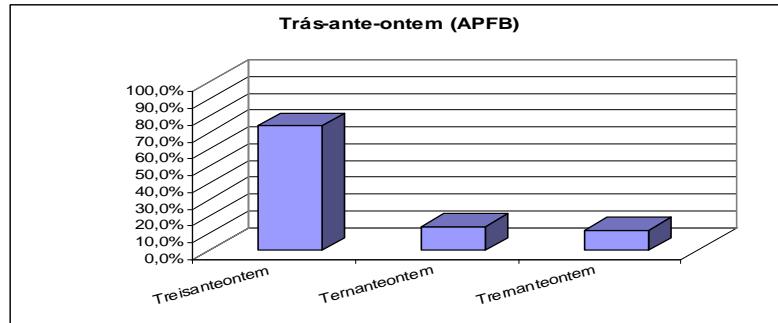
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 016

Como se chama aqui o dia que foi antes desse dia?



ALTOSP – CARTA 017

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes:**

001-1 CIRC.- Minha sogra que ontonte, ela fala até... “Cê foi lá ontonte?”

001-6 INF.- Foi nove, agora... onte-onte-onte , sei lá.

002-3 INF.- (risos) Aí ‘cê... foi o último dia sei lá, agora ‘cê me pertô agora. Ontem de onte de onte? Será que existe isso aí? INQ.- Como que o senhor costuma falar aqui? INF.- Ah... no sábado né, há dois, três dias atrás, acho que deve sê isso aí, né.

003-2 CIRC 1.- Tresantonte. Três (inint). INF.- Treisantonte ? Não, né? Ontesdeonte, ontonte .

03-5 INF.- Ah, se... segunda-feira? (risos) Antes de, antes... anteontem, é alguma coisa assim? Ah, eu num sei, eu num sei dizê.

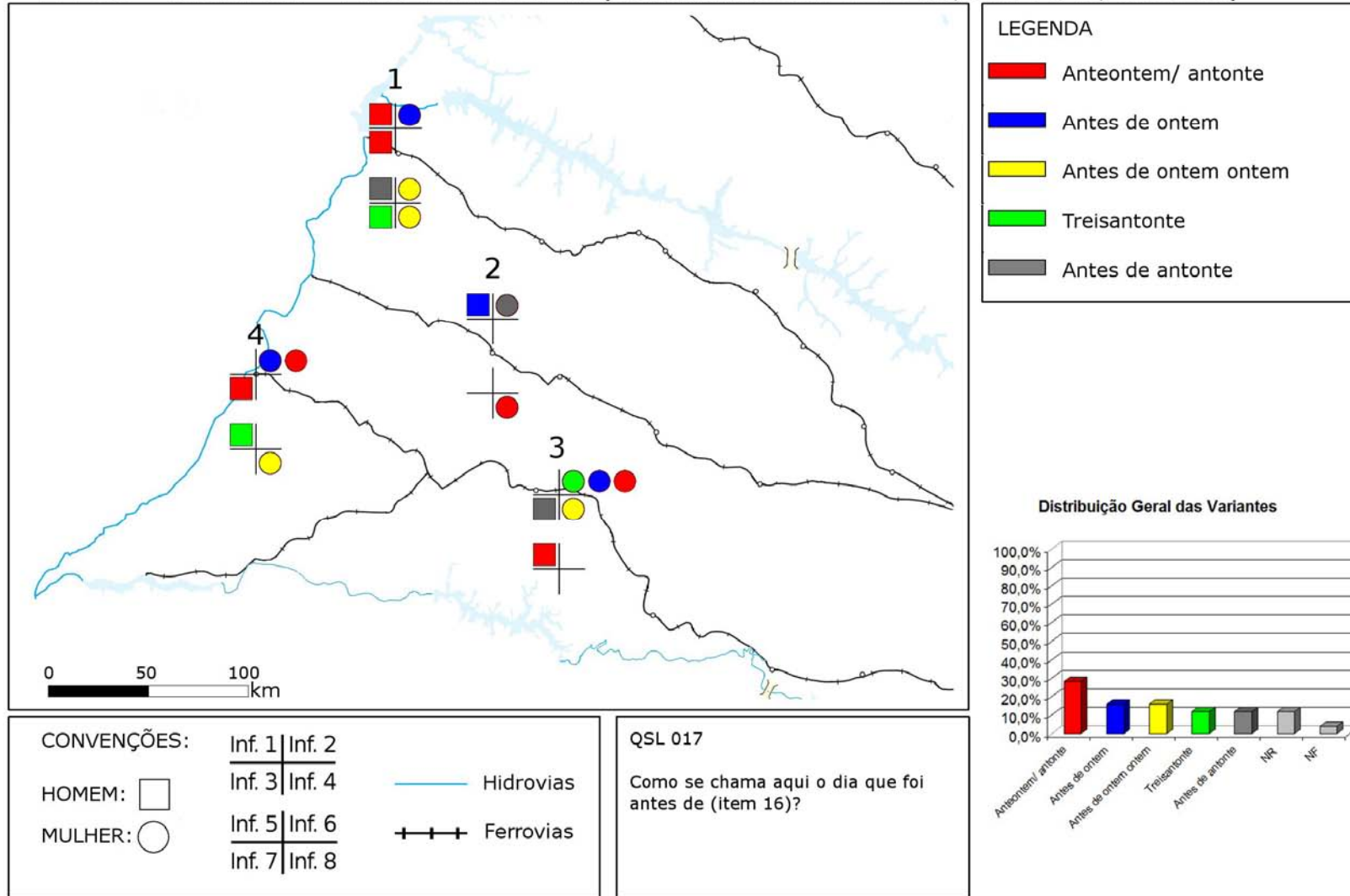
004-3 INF.- Antonte, como diz o véiã (?=velhã) (risos).

004-5 INF.- Treisantonte, como dizia minha vó (risos).

004-6 INF.- Anteontem ontem? Num sei (risos).

- **Ocorrências Únicas:** 004-6 Anteontem ontem; 004-8 Antototonte
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-4; 002-4; 004-7
- Houve corte na gravação no inquérito: 004-1

ALTOSP - CARTA 017 - TRÁS-ANTE-ONTEM (Coincidente com: APFB-08; ALPB-043; ALS I-06)



ALTOSP – CARTA 018

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INQ.- Elas são iguais? INF.- Não, são diferente. INQ.- Qual que é a diferença? INF.- A diferença é no sabor. INQ.- É mais doce? Qual que é mais doce? INF.- A poucã é mais doce do que a tangirina. INQ.- E a casca é igual? INF.- As cascas são diferente, da polcã é mais grossa. INQ.- É aquela que solta? INF.- Isso.

001-2 INQ.- Tem diferença, Nice? INF.- Ah, a pocã é um jeito. Tem a mixirica bode, tem a... tangirina, tem difença sim. A bode é azeda, um limão, tem um chero de bode mesmo. A pocã ela é mais grandona. A mixirica já é menorzinha.

001-3 INQ.- Tem diferença, Jean? INF.- Ah, das três tem, né? Tem. INQ.- Você sabe qual é? Assim, pra você. INF.- A poucã já é mais saborosa, né. A mixirica... o sabor (inint.). A tangirina já mei' azedinha, né. INQ.- E qual que deixa aquele cheiro ruim na mão? INF.- É a tangirina. INQ.- Todo mundo sabe, né? INF.- É a tangirina, vem aquele chero forte na mão. A poucã não, a poucã já é (inint.), discasca ela, num sorta muito sumo. Agora, a tangirina é terrível.

001-4 INQ.- E elas são iguais? INF.- Não. INQ.- Tem diferença? INF.- Tem. INQ.- Como que é a tangerina? INF.- São é... é menor, né... tangirina. INQ.- E a poncã? INF.- Maior. INQ.- E a casca é... INQ.- A da poncã é mais grossa. Da tangirina é fininha. INQ.- E de qual você gosta mais? INF.- Das duas. (risos)

001-5 INF.- ... E vergamota ,que o pessoal chama no sul, só que aqui o pessoal não conhece. Se você falar assim: Vou chupar vergamota eles num...(inint) Tangerina, mixirica, pocã. INQ.- E tem diferença? INF.- A tangerina, ela tem a casquinha bem fininha e é menor, a pocã normalmente é maior e tem a casca solta e fofa. INQ.- Qual que deixa aquele cheiro na mão? INF.- Ambas deixam,mas a pocã deixa bem mais, tem mais...

001-6 INQ.- Tem diferença? INF.- Ah, tem, só que eu ainda não sei a diferença entre as três. Tangirina, poucã, mixirica. Sei que uma é meio grande, uma é mai', menorzinha e a outra acho que é um poquinho maior, mas. INQ.- Qual que é a maior? INF.- Maior deve ser a poucã.Tangirina deve ficá no meio e a mixirica acho que é a menorzinha. INQ.- Qual que é aquela fedidinha que deixa um cheiro ruim na mão, você sabe? INF.- Deve sê a mixirica.

001-7 INQ.- Qual a diferença delas? INF.- A diferença... A mixirica ela é um poco menos. Tangirina é uma poco maior. Depois ainda falam poucã, que é uma espécie de... tangirina, aqui tem a poucã. INQ.- Qual que deixa aquele cheiro ruim na mão? INF.- Ah, é a mixirica, é memorzinha e dexa um chero bem forte.

001-8 INQ.- Tem diferença? INF.- Minha mãe diz que tem, mai' pra mim é tudo a mesma coisa. Não vejo diferença não. INQ.- E ela fala que tem qual diferença? INF.- Ah, ela fala que uma é mai azeda, uma costuma sê mais doce, umas têm mais semente, outas num tem, entendeu? Coisas dela mesmo, qué dizê dela e acho que do povo mais antigo, né.

002-1 INQ.- E como que elas... INF.- São redondas e tipo que nem laranja. INQ.- Elas são iguais? INF.- Iguazinhas, mais ou meno', de se cascã a poncã, que você cortã que nem a laranja, cê discasca. INQ.- E a poncã deixa um cheiro forte na mão? INF.- É, dexa um chero forte, não tão forte.

INQ.- Qual que deixa um cheiro forte na mão? INF.- ... Mixirica? INQ.- A casca delas são iguais? INF.- São (meio) diferente. A mixirica é meio piquena. A poncã é mais grande.

002-3 INQ.- Tem diferença entre a mexerica e a tangerina? INF.- Tem a... a mixirica ela é mais piquina, a tangirina já é maior, né. Tem a diferença sim, né a tangirina e a mixirica. INQ.- A casca delas são diferentes, o cheiro... INF.- A cas... o chero, o chero principalmente, né? INQ.- Tem mais alguma outra, além dessas duas? INF.- A que se discasca co'a mão? INF.- Tem uma maior... que tem uma casca que se solta mais fácil? INF.- A moricota. INQ.- Moricota? INF.- É tem uma que ela é casca fina. Ela é companheira acho da, da, da... poncã. A poncã, tem a moricota, tem a...tangerina, tem a mixiriquinha bode que eles fala que é essa que cherosa, é a mais cherosa que tem, a mais piquina. INQ.- Tem dois tipos de mexerica, então? Atem uma pequena... INF.- Tem a piquena e tem a... a maior, a maior já é a tangerina, né, tá? A mixirica é essa memo, cherosa. Ai tem a tangerina que é outra... que é quase... mas só que ela num dá o ardor que dá a outra, tem a poncã, né, a moricota, que é tudo da mema família que é de discascã.

002-4 INF.- ... A mixirica também que ela é piquinininha, né. INQ.- A tangerina é maior? INF.- É um poquinho maior. INQ.- E a casca é igual? INF.- É igual.

002-6 INQ.- E elas são iguais? INF.- Não, a poncã é uma a tangerina é outra. INQ.- Qual que é a diferença de uma pra outra? INF.- Ah, eu acho que a poncã é maior, tangerina é melhor, mais puxado pra laranja, não sei. INQ.- E a casca é igual? INF.- Não, a poncã é mais grossa. Tangerina tem a casca mais fina. INQ.- A poncã é aquela que solta a casca na mão? INF.- É.

002-8 INQ.- Qual que é a diferença entre elas? INF.- A pocã ela tem os gomos mais, mais...maiores,mais fofinho,a casca mais fofa. A tangerina, a casca mais fininha...ela muito saborosa, a mixirica tem um chero super forte, é uma delicia. E a moricota é uma mistura de laranja com mexirica, não sou muito fã. **003-2** INQ.- Qual é a diferença entre elas? INF.- São piquenas? A poncã e a mixirica 'cê fala? INQ.- Humhum. INF.- A mixirica ela é piquinininha né, azeda. INQ.- E a poncã? INF.- A poncã já é mais doce e é maior.

003-3 INQ.- Mas elas são iguais? INF.- Uma é sabor diferente da ota. INQ.- Como que a poncã? INF.- Poucã, eh, tem o...sabor mais gostoso do que a... moricota. INQ.- Ela é doce? INF.- É doce. INQ.- E o tamanho, é igual? INF.- Pocã é maió. É maió pó fora, porque a...maisi é casa, né, a casca dela é mais grossa. INQ.- Ah, e é mais solta, né? INF.- Mais solta. INQ.- E a mixirica a casca é mais grudada? INF.- A casca é mais grudada, casca mai' fina. INQ.- E a moricota... INF.- A moricota a casca é dura discascã. INQ.- Quase num sai, né. INF.- Quase num sai.

003-4 INQ.- São iguais? INF.- Não. A pocã, a pocã tem a casca mais fofa, né e a mixirica tem a casca mais... grudadinha. INQ.- Você já ouviu outro nome? INF.- Ah tem uma outra tamém que eles fala de muricota né, num sei. Tema casca mais grudadinha ainda. INQ.- E ela é menor? IN menorzinha. Ah tem várias né, mixirica bode que eles falam, mixirica cravo , que são aquelas que tem o chero mais forte ainda. Eu num conheço outros nome não, mixiricas mesmo. INQ.- A mixirica cravo é normal aqui? INF.- Não é bem poquinho.

003-5 INF.- Ah, tem várias forma. Mixirica, pocã... é uma coisa assim. Pocã é pouco maior, eu é que, eu tento diferenciã. INQ.- A mexerica é m INF.- É. Meus, meu pai, meus pais chamam de pocã, sabe. INQ.- Aquela grandona, que tem a casca bem solta né? INF.- É, mixirica né? Eu at observã né. (risos) INQ.- Lá é comum né? INF.- É comum. INQ.- Tem bastante. INF.- Em casa tem pé. Eu falo... (inint.) pocã né (risos).

003-6 INQ.- O tamanho é igual? INF.- Não, o tamanho é diferente. INQ.- Qual que é a maior? INF.- A pocã é maior que a mexirica, e na tangirina, eu não sei, acho que ela é a mesma da mexirica, porque a gente que fala um outro nome. INQ.- Mas são a mesma? INF.- Eu dedu INQ.- E aquela que a casca solta na mão, é pocã? INF.- É. É mais fácil.

003-7 INQ.- Quais as variedades que vocês têm? INF.- Pra se falar a verdade, aqui tinha muito, só que cortó muito, só que tem muita poncã igual a mixirica? INQ.- Eh,todas elas são tangerinas, que eles falam, né, tem poncã, tem murgote, mas tem diferença entre elas? INQ.- Tem, no INQ.- A poncã é como? INQ.- A pocã é melhor, mais fácil de discascã, né, tem (inint) murcote, que eles fala, a casca é mais grudada na fruta mais solta, né. INQ.- E a mixirica? INQ.- Mixirica é tangerina, né, la casca é poco solta também, né, cada um tem um sabor diferente, né. INQ.- ela é maior que as outras? INQ.- Maior, maior.

003-8 INQ.- E tem diferença? INF.- Tem. INQ.- Qual que é a diferença? INF.- A mixirica tem um chero forte, né e ela é menorzinha e a pocã é maior, ela é maior. ((interrupção por circunstante)) INQ.- Então, alguma tem a casca mais grossa... INF.- Tem, tem a pocã tem a casca mais gr E a mexerica é mais fininha. INF.- Mais fina e tem um cheiro mais forte. né. INQ.- E qual que é mais comum aqui? INF.- Eu acho que é a pocã.

004-1 INF.- Pocã? INQ.- Tem aqui? INF.- Tem. INQ.- Que tipo que tem Florismar? INF.- Tem mais a pocã. Ela tipo da mixirica. INQ.- Tem diferença? INF.- É que a pocã... a pocã ela já é mais cascuda, agora a mixirica ela já é mais... mais docinha do que a pocã.

004-2 INF.- Pocã? INQ.- Tem bastante aqui? INF.- Tem. INQ.- Tem outro nome pra ela? INF.- Não a gente chama pocã mesmo. Tem a mixirica que você discasca. INQ.- É a mesma coisa? INF.- Não é diferente, né, o gosto delas. INQ.- E a casca dela? INF.- A casca da mixirica é fininha, né e da pocã ela é bem mais grossa. INQ.- você gosta mais? INF.- Ah dos dois.

004-3 INQ.- Elas são iguais, seu Bido? INF.- A forma é, mais ou meno assim, o gosto é diferente né.

004-4 INQ.- E a casca? INF.- A casca eu acho que são iguais, não, a, a poucã a casca é mais grossa, né, essa tangirina a casca dela é mais fina.

004-4 INF.- Tem a pocã, tem a mixirica, tem a tangerina, tem a... (inint) né, que é aquele outra da casca mais grudada, que eles fala. INQ.- Então diferença? INF.- Tem. INQ.- Qual que a senhora mais gosta? INF.- A poucã. INQ.- Como é que é a pocã? INF.- Que tem aquela casca mais m fácil de tirã né. INQ.- E qual que é a mais fedida? INF.- A mixirica, que é mais forte. INQ.- Todo mundo sente. INF.- É.

004-5 INQ.- E elas são iguais, a pocã, a mexerica... INF.- Não. INQ.- Qual a diferença? INF.- No tamanho... né, no sabor... na, na casca né, a uma casca mais grossa, a mixirica tem uma casca mais fina e grudada na fruta né. INQ.- E a tangerina? INF.- E a tangirina é mais azedinha...

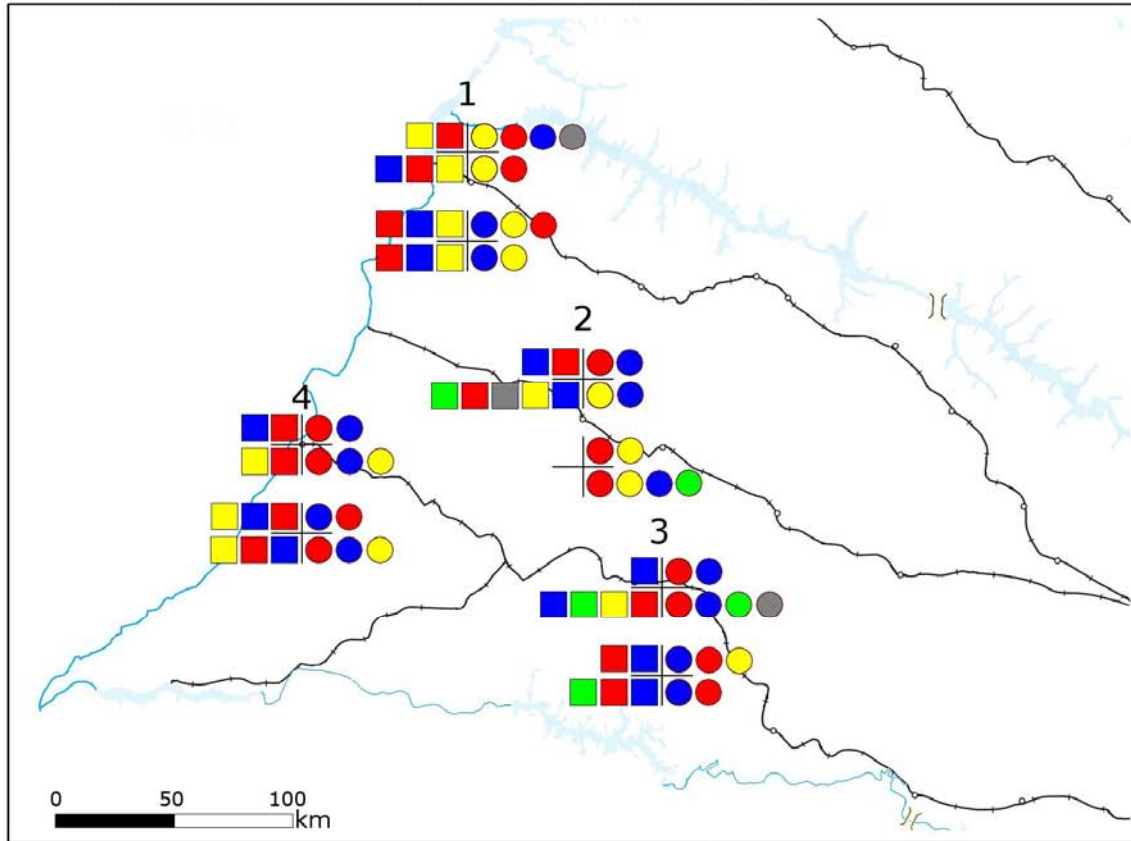
004-6 INQ.- Só tem a mexerica? Tem mais alguma que se discasca com a mão aqui na região? INF.- Não, não conheço. INQ.- Como que é a INF.- Poucã vai ser aquela grande, maior que a laranja, e a mixirica vai ser aquela da casquinha fina, menorzinha, que você... tira com a, a...

004-7 INQ.- Elas têm diferença? INF.- Tem, tem diferença. O chero, o gosto é diferente. A tangerina é diferente da mixirica, e ambas o gosto é a pocã. INQ.- E a tangirina ela é maior? INF.- Não, ela é mema igual a mixirica mesmo, tem umas um poco menor, mas.... mais ou meno igual a tangerina. INQ.- E a poncã é aquela maiorzinha? INF.- É maior, cascuda (risos), né. INQ.- Aquela que sai mais fácil é a poncã? INF.- É, isso, ess

004-8 INQ.- Tem diferença entre elas? INF.- Eu creio que sim. Pela... a casca, a textura da casca né. Acho que só. INQ.- O sabor é parecido sabor também, mais... mais ácido, mais... azedo né. INQ.- Qual que é mais... INF.- A... mexerica . Mixirica, tangirina... Então elas são diferentes. Elas maiores ou menores que (inint.)? INF.- Menores.

- **Ocorrências Únicas:** 001-5 Vergamota; 003-4 Mexerica cravo.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-

ALTOSP - CARTA 018 - TANGERINA/ MEXERICA

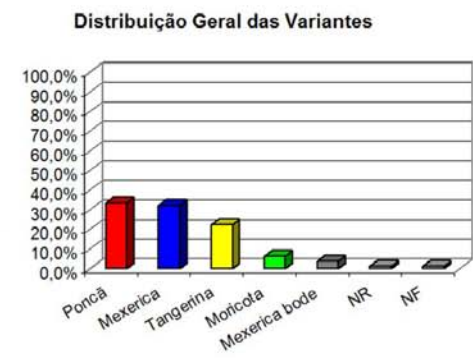


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 018

Como se chama aqui as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?



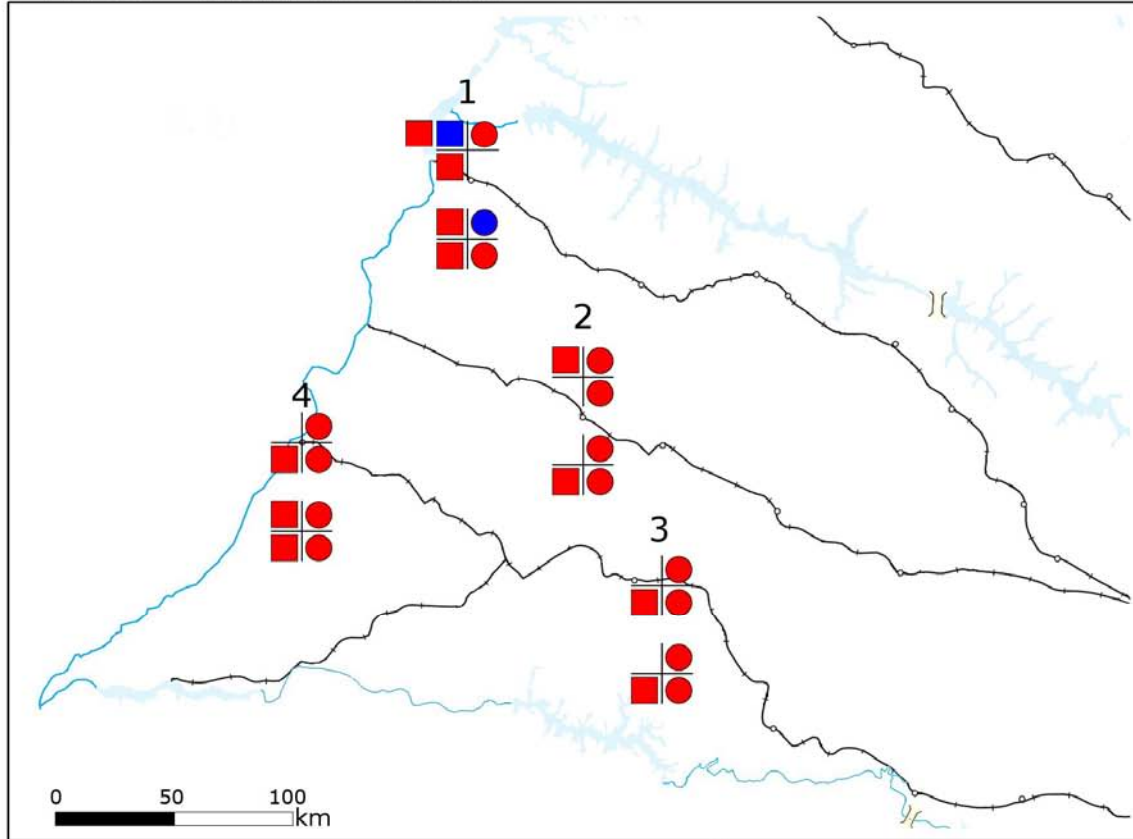
ALTOSP – CARTA 019

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

004-2 INF.- Ah... eu vejo sempre falá ah dá aquela penca de banana lá.

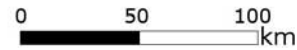
- **Ocorrências Únicas:** 002-3 Palma.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-4; 003-1 e 5; 004-1

ALTOSP - CARTA 019 - PENCA



LEGENDA

- Penca/ penca da banana
- Cacho/ cacho da banana



CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 019

Como se chama aqui cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer?



ALTOSP – CARTA 020

Contexto frasal e comentários relevantes:

001-1 INQ.- E você já ouviu sua mãe assim falar que dava outro nome? INF.- Não. INQ.- Ela chamava de gêmeas... INF.- Gêmiás tamém. CIRC.- Não, ela falava banana filipe.

001-2 INQ.- O que o povo antigo falava? INF.- Passa o filipe, aí cê ganha presente. Você num sabe disso? INQ.- Essa eu não sabia do presente. INF.- Passa o filipe. Cê pega assim a banana que tem duas assim, aí cê embrulha no papéizinho de presente, né, aí tipo assim, eu vô lá e falo: "Oh, Lila, tô de dando um presente". Aí hora que ele pega cê fala: "Paga meu filipe". INQ.- E podia comer? INF.- Pode... Ah, eu ouvi falá se comê, aí quando você casá cê ia tê filhos gêmeos.

002-2 INF.- Geralmente minha mãe fala que não pode comê as duas grudada, geralmente tem que parti e dividi, e dá uma come o outro pedaço. INQ.- Por que não pode comer? INF.- Bom, minha mãe que fala, que não pode porque geralmente quando a mulher fica grávida, a criança pode nascê ou com se', nasce com um dedinho a mais ou então pode nascê com oto' probleminha,num sei.

003-1 INF.- Felipe que eles fala. É essa aqui, ôh. Eu 'tava falano ontem, cara.

INQ.- ((falha na gravação)) ...tória(?=história) assim? INF.- A história que conta é que se a mulher comer nasce filho gêmeos (rindo). INQ.- Gêmeos né. INF.- Sei que (inint) (rindo), mai'... tirando isso eu num sei mai' nenhuma história não.

003-3 INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Não, mai' é filipe quando dá assim uma laranja imendada cu'ota é um filipe, ota... INQ.- A banana também. INF.- A banana é um filipe. INQ.- E pode comer? INF.- Ah, tem gente que come. INQ.- Não tem nenhuma história assim? INF.- Não, tem, os cara fala que, diz que quando casá tem fio fêmea.

003-4 INF.- Gêmeas. São gêmeas e filipe que eles falam. INQ.- Tem alguma história que contam de que não pode comer? INF.- Ah sempre fala né, que quem come banana Filipe, é... maçã. Filipe diz que depois vai tê filho gêmeos, né. Mai' eu acho que é mintira se fosse assim né? (riso) Eu teria, eu comi tanto!

INQ.- Ía tá cheio de gêmeos. INF.- Nossa! Quando eu era criança nos pé de café, aqueles cafezinho junto, mixirica, os gomo tudo história do povo.

003-5 INF.- Ah, eu sei como que é. Ai, minha mãe chama, eu nunca esque(?=esqueço), eu nunca lembro (risos), nunca lembro. Ah, eu sei que, que quando nascia grudada, tipo assim, minha mãe falava que tinha que dá de presente p'o... pra, pro, p'o... pro, pra algum tio, pra alguma tia, madrinha, num sei o quê, que a gente acabava ganhano um presente por causa disso, porque isso dava sorte. Entendeu? Isso é da cultura.. do, do, dos meus pais, sabe. INQ.- Ah, esse eu não sabia. Eu já sabia algumas pessoas falare que não pode comer... porque nasce filhos gêmeos, como se fosse (inint) (risos) INF.- (risos) Ah, esse num tem, mais assim né, minha mãe... miha mãe diz que... que ela, quando era jovem assim, dava de presente pra madrinha dela e ganhava presente. Num sei por quê né, assim... INQ.- Olha, que interessante. Esse eu nunca tinha ouvido. INF.- Porque a mãe dela dizia, num sei, era da sorte, alguma coisa assim. INQ.- Legal. Melhor do que associar (inint).

003-6 INF.- São felipe INQ.- Tem outro nome? INF.- Num sei, pra mim elas são germinada. Porque elas são gêmias, é como se fossem gêmias. Eu sei assim porque a minha mãe fala assim, que elas são felipe.

004-1 INF.- Falam que é banana gêmias.

004-2 INF.- Ai... o meu pai sempre falava fi, (filipia?), né? INQ.- Seu pai falava filipe? INF.- Falava assim. É filipe. INQ.- Falava que não podia comer? INF.- Falava que não podia comê que os filho ia nasce gêmeos. Tem essas coisa. (risos) INQ.- Você também comia? INF.- Não, tsc-tsc, ficava com medo, mas agora... acho que num tem

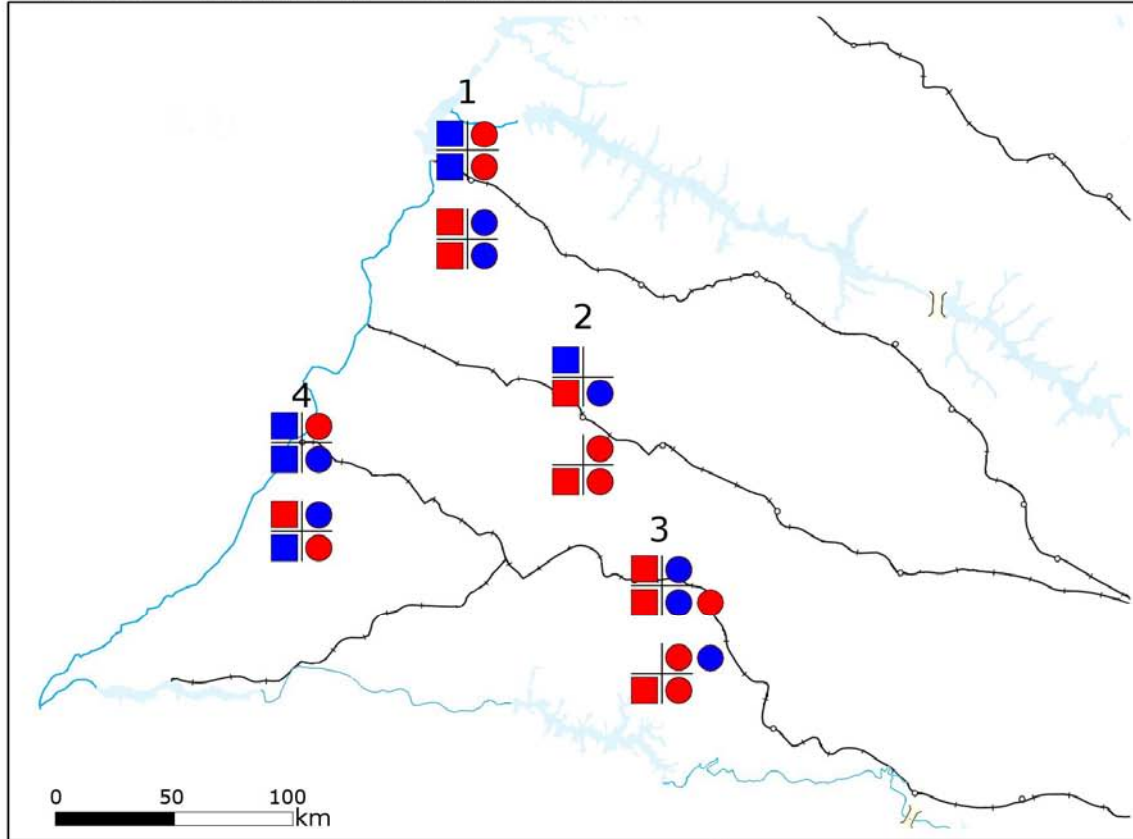
004-4 INQ.- O povo conta alguma coisa que não pode fazer? INF.- Num pode comê né.

004-5 INF.- Felipe. INQ.- Sabe alguma história aqui é... que meus pais faziam, minhas irmãs faziam, eh, quando se achava uma... uma banana felipe embrulhava né, e dava de presente e cobrava dos outros: "Paga meu filipe", tipo assim, tinha que pagá um presente pr'aquela pessoa. Então chegá c'uma banana e dé pra você e (falô?): "Paga meu filipe". Tipo assim, você tinha que me dá um presente por cas(?=causa) disso. INQ.- Na minha região a gente fazia isso com os grãos de café.

004-6 INF.- Eu conheço como gêmeas, porque eu não sei (rindo). Gêmeas.

- **Ocorrências Únicas:** 003-6: Germinada. 001-6: Iguais
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:**002-2; 003-5

ALTOSP - CARTA 020 - BANANA DUPLA



LEGENDA

■ Filipe

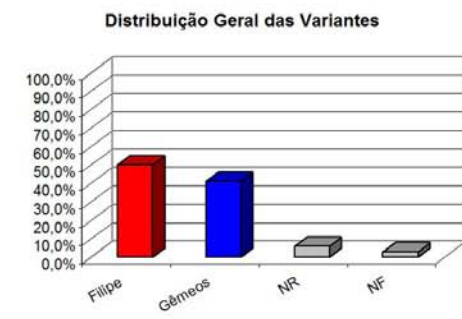
■ Gêmeos

CONVENÇÕES:

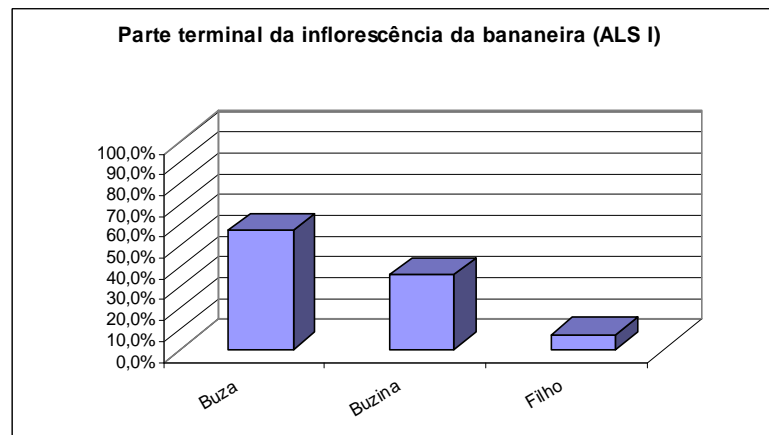
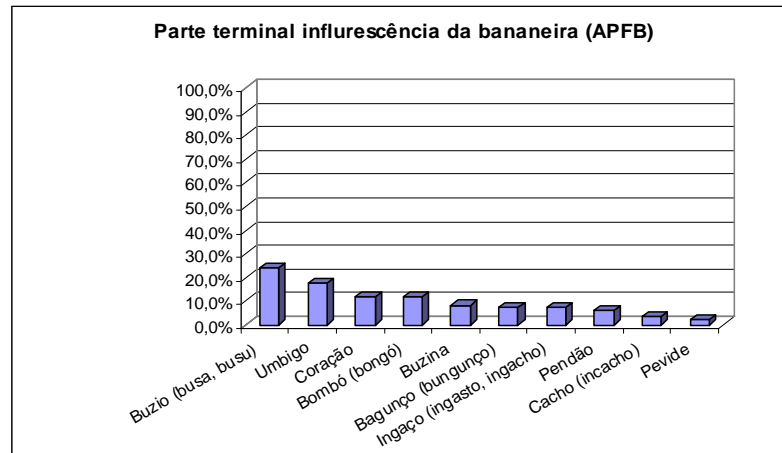
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 020

Como se chama aqui duas bananas que nascem grudadas?



ALTOSP – CARTA 021

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-2 INF.- É o coração da banana, né. Meu pai fala que é o coração.

001-3 INF.- Ah, uns fala tá no coração, tá vingano, né. Tá assim no coração, diz que tá vingano. INQ.- Então pode chamar também de coração? INF.- É, uns fala que tá mojano, né, que eles fala, né. Fala mojano, otos fala tá coração, tá vingano, né, é isso.

001-5 INQ.- Faz alguma coisa com o coração? INF.- Eu já ouvi falá que tem muitas pessoas que chegam a...usá na cozinha, culinária, mais, eu mesmo nunca provei.

002-4 INF.- Ai a gente usa sempre falá coração, né? (risos).

003-2 INF.- Coração que fala? Da banana? CIRC 2.- ... imbigio. INF.- Imbigio? Essa eu num sabia tamém.

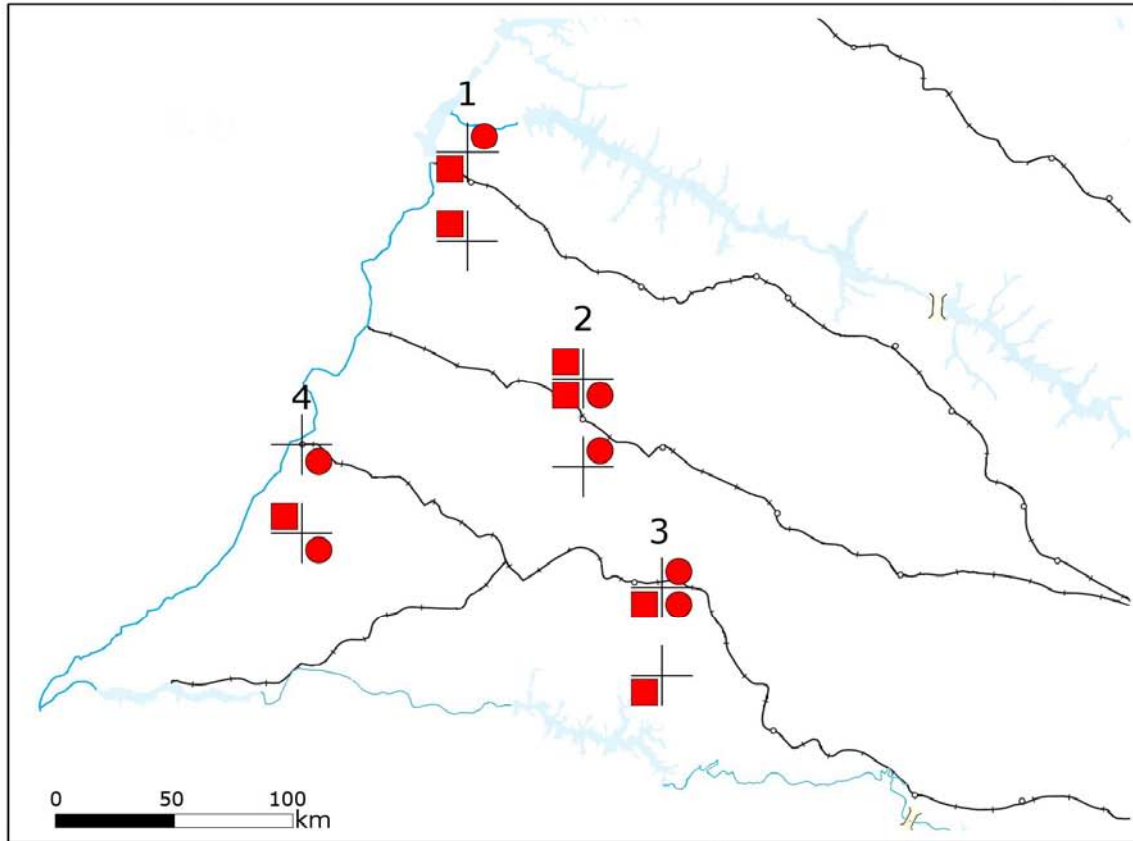
003-3 A propósito do QSL 019: INF.- Tem...aquele primero debaixo que a gente tira, fala coração.

004-4 INF.- É a flor dela, num é?

004-8 INF.- O coração, a gente fala. INQ.- Sabe alguma coisa que a gente utiliza? Se utiliza pra fazer algum prato, alguma coisa? INF.- Ah, eu lembro que pra... pra, minha falava que pra remédio, mais eu também num lembro pra que que era. Acho que pra bronquite, alguma coisa assim.

- **Ocorrências Únicas:** 004-4 Flor.
- **Questão Não Formulada:** 002-5.
- **Resposta não obtida:** 001-1; 001-4; 001-6; 001-7; 001-8; 002-2; 002-7; 002-8; 003-1; 003-5; 003-6; 003-8; 004-1; 004-2; 004-3; 004-6; 004-7.

ALTOSP - CARTA 021 - PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA (Coincidente com: APFB-032)



LEGENDA

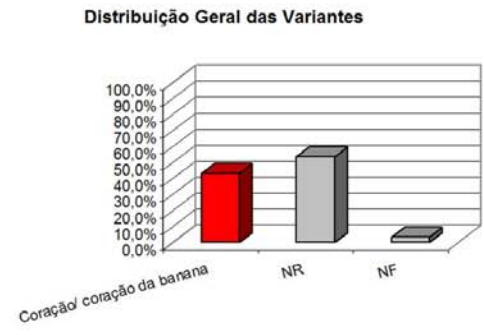
■ Coração/ coração da banana

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 021

Como se chama aqui a ponta roxa no cacho da banana?



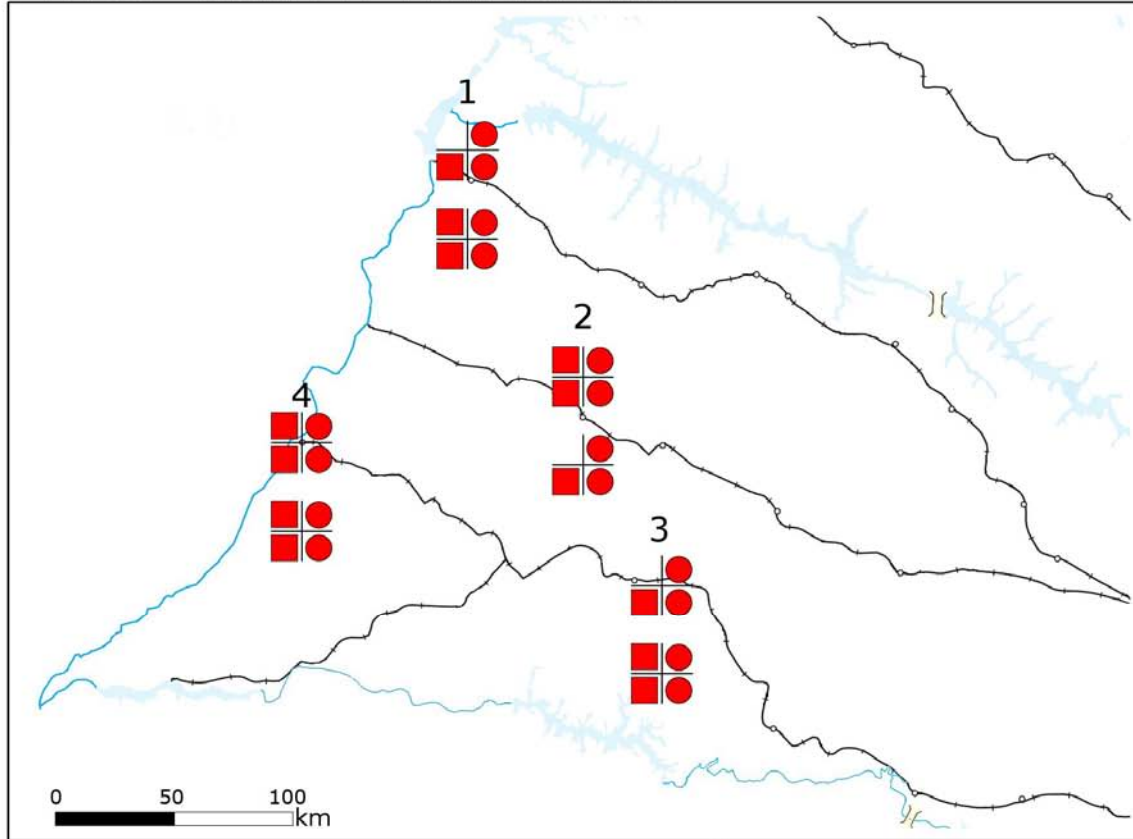
ALTOSP - CARTA 022

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

002-6 INF.- Na vage. Bage, sei lá, tem gente que fala bage, vage...

- **Ocorrências Únicas:** 001-1: Tendão e Cordão. 001-3: Rama.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 003-1

ALTOSP - CARTA 022 - VAGEM DE FEIJÃO



LEGENDA

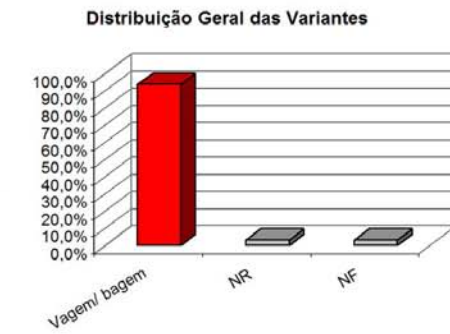
■ Vagem/ bagem

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 022

Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?



ALTOSP – CARTA 023

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INQ.- E você já ouviu sua mãe, seu pai chamar de outro nome? INF.- Tem gente que chama de macaxera.

001-2 INQ.- Qual que é o mais comum aqui? INF.- Ah, uns fala mandioca, otos fala aipim.

001-4 INF.- Aqui a gente chama de mandioca. É isso? Mai'... meus pai fala macaxera. INQ.- Você também fala macaxera ou você... INF.- Não, mandioca. INQ.- E quando você tá em casa assim, se você tiver que pedir pra sua mãe por exemplo, aí você pede macaxeira ou mandioca? INF.- Mandioca. INQ.- E ela já sabe o quê que é? INF.- Já sabe, né. INQ.- Mas pra você ela pede a macaxeira? INF.- É. INQ.- E todo mundo entende, né? INF.- É, entende.

001-6 INF.- Ai, tem os otos nomes, minha mãe falava, mai' num lembro. Mandioca...e meu 'vô ele trabalhava em farinha, ele fazia mandioca.

001-7 INF.- Na Bahia fala-se muito em macaxera.

002-1 INF.-Macaxeira. INQ.- Quem falava macaxera? INF.- Minha família na Bahia.

002-3 INF.- Mas o aipim já é language do carioca, né, mas aqui a gente... no nordeste já trata de macaxera, né, então a nossa language aqui é mandioca.

002-4 INF.- Ai no norte né, costuma falá macaxera, né?

002-6 INQ.- Quem você ouviu falar aipim? INF.- Ah, sei lá (rindo) já ouvi colegas falando. INQ.- E você fala mandioca ou aipim? INF.- Eu falo mandioca. INQ.- É mais comum falar o quê? INF.- Mandioca.

002-7 INF.- Lá no nordeste eles fala ma...maxe... CIRC.- Macaxera. INF.- Macaxera.

002-8 INF.- Lá no meu estado lá, chama macaxera, aipim.

003-2 INF.- Mandioca. Eu só vi dizê macaxera. Mandioca e macaxera. CIRC 2.- Mandioca, macaxera e o aipim. INF.- Mais o aipim num é. INQ.- Vocês falam todos esses nomes aqui? CIRC 2.- Tudo mandioca. INF.- Não, só mandioca. Só utiliza a mandioca. INQ.- Aí quem fala macaxera, aipim... CIRC 2.- É mais nordestino. INF.- É povo...

003-3 INQ.- Quem que fala macaxeira? INF.- Meu pai... eh...eu coiso, vejo falá na televisão (inint). INQ.- E o pessoal daqui fala macaxeira? INF.- Ah, aqui fala mais do que mandioca, né. Pessoal acostumado aí mais é mandioca. INQ.- Seus pais falavam macaxeira? INF.- De vez em quando falavam, mais aí...pegô o costume daqui que só falava mandioca, né.

003-4 INF.- (...) Macaxera, aipim, eu conheço. INQ.- Eram seus pais que falavam? INF.- É, Isso já veio de lá mesmo, né? Cada no lugar na Bahia, tá iscrito falá macaxera, lá pro mais, lá po lado do Piauí, Maranhão, essas coisa, parece que eles fala aipim. Cada canto é um... INQ.- E até hoje seus pais ainda falam macaxera ou eles já... INF.- Não meus pais são falecido, mas até assim... quando eu convivia com eles, nós falava mandioca porque a gente já tava aqui né, agora eles como acostumados, né, dava risada e a gente também ria deles também, né. Engraçado. INQ.- Mas eles ainda falavam? INF.- Falavam. É o costume né, ficô. É igual eu tô aqui cunversano com você, mas se vim um povo de lá e começa cunversá no instantin' eu me ra, sabe assim a minha language muda? Iqualzin' eles também assim (inint) arrastá a língua como se eu tivesse há muitos ano lá. INQ.- Eu acho que quando tá com a família assim, eu acho que muda. INF.- É muda a manera d'ocê falá muda. INQ.- E se forem pessoas de lá que você não conhecem tanto? INF.- Não, o que eu quero dizê é assim, os parente ou as pessoas de lá que fala arrastado igual eles fala lá. INQ.- (inint). INF.- Você começa cunversá parece que... num sei parece que influência você fala.

003-5 INF.- Eu chamo de mandioca. Eu sei que aqui em... tem outras formas que, que... E em casa chama de outra forma. Eu sei... o que é, quando fala. Dex'eu vê se... eu consigo lembrá... Não, num consigo. INQ.- Aipim? INF.- É, aipim (risos). INQ.- Macaxeira? INF.- É, também. É esse daí. Mais essa (risos).

003-6 INF.- Mandioca. INF.- Aipim, que acho que é um e a minha mãe tem um outro nomezinho que ela fala, mas eu não to lembrada agora não.

003-7 ((A propósito do QSL 024)) INF.- Lá no nordeste tem, fala macaxera, chama aipim . INQ.- E aqui? INQ.- Pessoal conhece por mandioca, né.

003-8 INF.- Tem gente que chama de tapioca também, aqui, mas a gente costume nosso é mandioca mesmo. INQ.- E quem que você ouviu falar macaxeira assim? INF.- Macaxera, o pessoal, eu tenho assim às vezes uns parentes meus que moram no Rio então eles falam, né. INQ.- Mas aqui quando a gente vai comprar... INF.- Ah é mandioca mesmo.

004-1 INF.- O povo usa, usa o nome como macaxera, né. O povo da Bahia, do nordeste. INQ.- É a mesma coisa? INF.- É a mema coisa. Nós aqui chama por mandioca, mas o povo lá chama de macaxera, essas coisa.

004-2 INQ.- A sua família falava como? INF.- De mandioca mesmo.

004-3 INF.- Então, tem... eles, eles fala, mais pra gente memo é, que a gente usa mais como mandioca né. INQ.- Sua (mãe?) ainda fala mandioca? INF.- Fala.

004-4 INF.- Ah, tem gente que chama macaxera né. INQ.- Quem é que chama, dona Tereza? INF.- O nordestino geralmente chama de macaxera.

004-5 INQ.- E todos esses nomes são usados aqui ou (inint)... INF.- Não, tem mandioca. Só mandioca. INQ.- E onde você ouviu? INF.- Ah, ouvi em casa né, meu pai... fa... (=falava), chamava macaxera... e... e eu, eu tenho parentes no Paraná tamém, e quando eu cheguei pela primeira vez no Paraná... que falaram aipim né, meu cunhado que mora em Curitiba, eu tenho uma irmã que mora em Curitiba, e... ele falô: ("Oh, vamo vê?")... eles têm um sítio em Colombo e eu fui até o sítio. Ele falô: "Oh, vamo ali, tem um... roça de, de aipim". Eu fiquei, fui vê a roça de aipim, cheguei lá era mandioca. Falei: "Ah, isso aqui é mandioca", "Não, é aipim". Falei: "É mandioca". Ficô (inint.). "Eu conheço por mandioca", "Não, mai' aqui é aipim". Aipim frito.

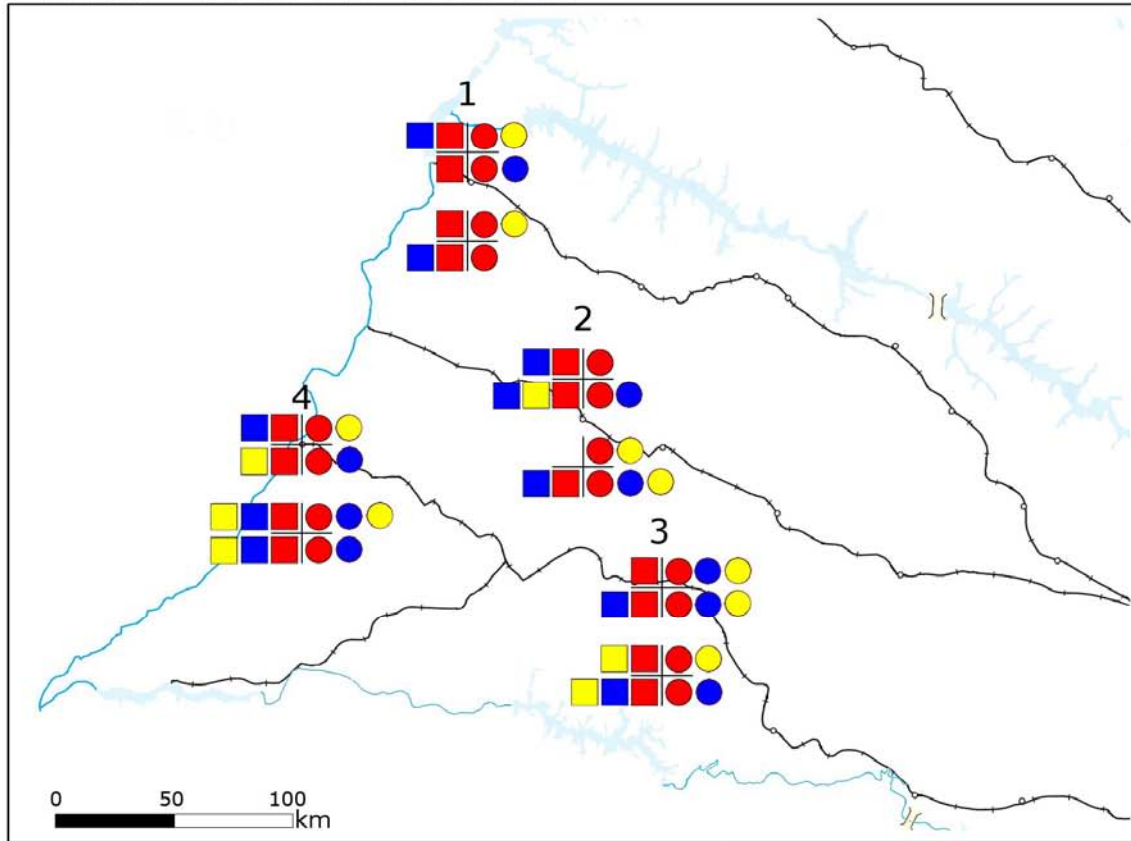
004-6 INQ.- Seus pais falam assim, vocês usam falar macaxera, aipim? INF.- Os meus pais falam mandioca, porém o meu marido, que faz... eh... quinze anos que ele veio de lá, ele us(=?=usa), ele fala macaxera. INQ.- Ah, rá. INF.- Porque ele veio de Campina Grande.

004-7 INF.- (...) Mandioca aqui, né? No nordeste: macaxera. INQ.- A mãe do senhor falava macaxera? INF.- Macaxera. O pessoal antigo num chama de mandioca nem... (risos) nem matano. Agora no sul parece que é ai(=?=aipim), num sei se é no sul que é aipim, já tem outro nome. Mandioca, macaxera, aipim e assim vai. Tem um nome, uma nome, mais indígena que eles chama, num sei se é aipim ou outro nome. 004-8 INF.- ... Eu num sei se é a mesma. Macaxera? Que eu num sei se é, se é a mesma coisa. Que meu (inint.), que lá no nordeste, lá que eles usam né, outros termos. Eu acho que mandioca só.

- **Ocorrências Únicas:** 001-3: Manaíba. 003-8 Tapioca
- **Questão Não Formulada:** 002-5

OBS: Foram cartografadas as variantes pertencentes ao vocabulário "passivo" dos informantes, visto que, as entendemos como formas que evidenciam o movimento social e lingüístico sofrido pela comunidade investigada.

ALTOSP - CARTA 023 - MANDIOCA

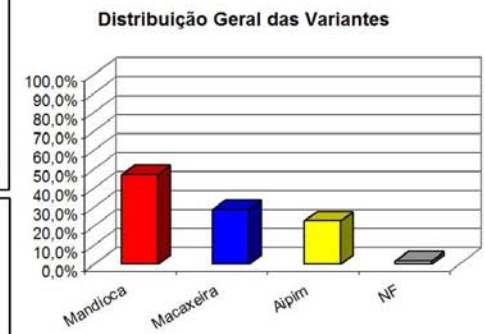


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 023

Como se chama aqui aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?



ALTOSP – CARTA 024

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-3 INF.- (...) Tem uma mandioca também que cê num come ela porque diz que ela tem veneno, ela só serve pra fazê... fazê... com'ê que fala? Tirá... num sei com'ê que se diz? tira um negócio da mandioca pra fazê... com'que é? eu esqueço o nome, que minha vô fazia mandioca lá. INQ.- Polvilho? INF.- Pra fazê polvilho, e tira dela só pa tirá o polvi' dela, num pode cume ela, diz que ela tem veneno. INQ.- Ela tem nome ou só chama de mandioca? INF.- Só tem o nome mandioca memo, num vi falá oto nome não. INQ.- Na nossa região chama de mandioca brava. INF.- Não, acho que tem sim. 'Cê fala o nome dela? Da mandioca? Não, eu vi falá que é mandioca brava memo também, então é isso memo.

001-5 Porque aqui tem a mandioca mansa que o pessoal fala que é da culinária, cozinha e tem a brava que é só pra comida, pra comida não, pra... no caso farinha e... trata de animal, mas num...outro nome num, e o pessoal fala mandioca mansa e a brava.

INQ.- A brava eu posso dar pra animal também?

INF.- Se você deixá ela um tempo, tipo assim, eh, cortá ela e deixa ela secá, cê pode utilizá pra isso.

001-6 INF.- Pra mim a mandioca que ele plantava era mandioca de comê. Porque a gente sempre ele plantava tamém na casa dele, e eu lembro que aquela mandioca, ele levava pa' farinha, né. Que chamava e era a mesma que comia, que cozinjava, a gente comia frita.

002-3 INF.- É aqui a macaxera, né eu já... é a mandioca brava que eis fala, né. Igual (inint) chamava macaxera, aí tinha da brava e da outra, né, tinha dois tipo, né, tamém, só que é mais essa aí memo que é a brava que eis fala, né, que serve mais pra farinha.

002-7 INF.- Aqui eles fala mandioca brava...

002-8 ((A propósito do QSL 023)) INF.- Porque se o gado comê morre, né, macaxera, um negócio assim. Num tem muito claro, porque eu vim muito pequena, então você aprende muita coisa, mas outras também, você... INQ.- Essa mandioca brava é a que usam pra fazer farinha? INF.- ... Ai, eu num sei... num sei assim, esclarece, eu sei que tem umas, eu acredito que não, plantando a mandioca que o meu pai planta aqui, ele faz farinha, agora não sei se essa outra brava que eles falam, serve pra outra coisa além de farinha. INQ.- Porque a brava o gado não pode comer, né, as pessoas também não. INF.- É, então, eles usam, costuma falá isso, né, que se comê, principalmente se tivé cortada e mucha. "E se a vaca comê vai pro brejo", eles fala.

003-2 CIRC.- É a mesma. INQ.- É a mesma? INF.- É fala... CIRC 2.- Trata mandioca brava. porque ela num pode cuzinhá, só pa fazê farinha.

003-3 INF.- Eles trata mandioca brava né.

003-4 INF.- Tem a mandioca brava que eles fala. INQ.- E é comum aqui? INF.- Não, pra cá num é muito não.

003-5 INF.- Ah... eu já escutei, sabe. Já... eu já... já fiz farinha também, sabe (risos). INQ.- Com a mandioca? INF.- É, já, já, já ralei a... eh... eu num, eu num lembro, eu chamo de mandioca, sabe (risos), mandioca pra farinha, sabe.

003-6 INQ.- Mas o pessoal chama... INF.- De mandioca brava, que não pode comê, só pra fazê farinha.

003-7 INF.- Mandioca, só que é mandioca brava, que eles fala.

003-8 INF.- Mandioca brava que eles falam, né.

004-1 INF.- É a... mandioca... mandioca brava que eis fala, né? INQ.- Aqui tem?

INF.- Tem. Tem muito plantio tamém. Se a pessoa comê a pessoa morre, né?

004-5 INF.- Ah, minha mãe fez essa semana, bolo de puba. INQ.- É? (inint.)...

INF.- Minha mãe ainda faz. Eh... ela, até eu num gosto de vê fazendo, porque é horrível o chero,

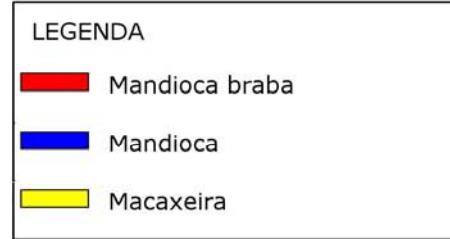
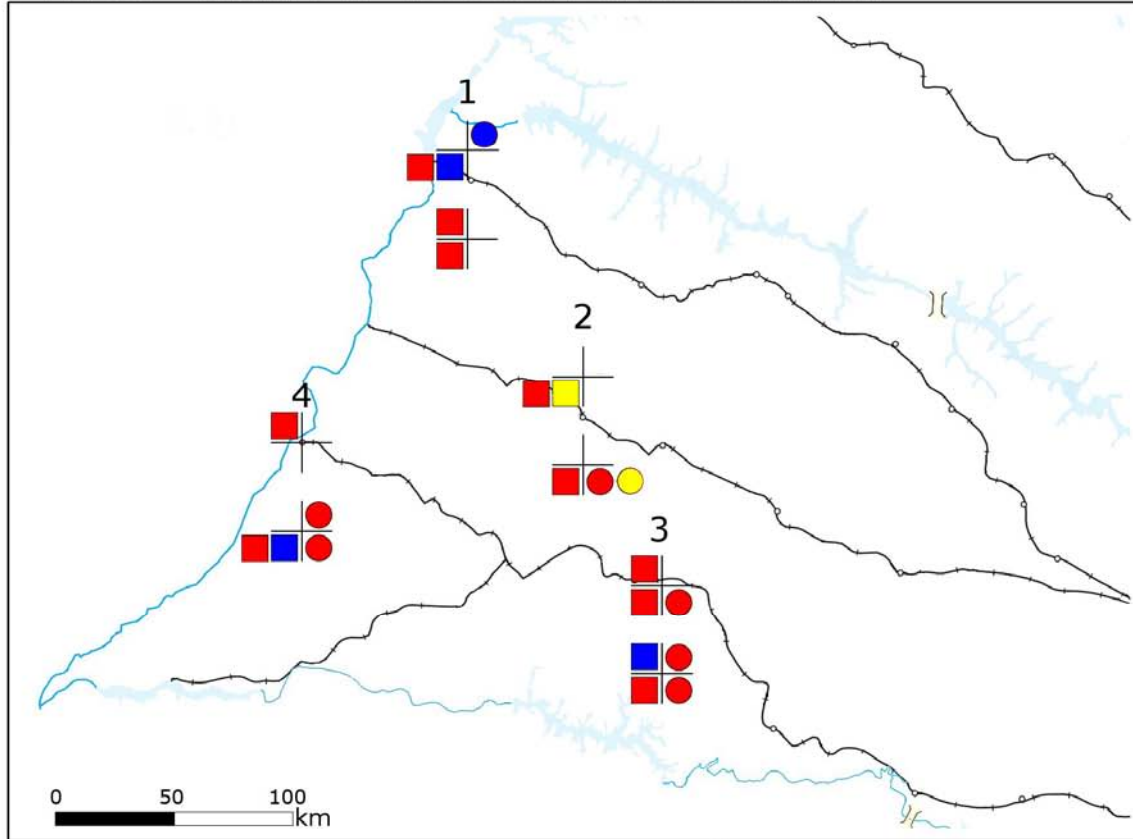
ele num, horrível. Dixa ela, a mandioca apodrecê, aí tira aquele fermento né, e ela faiz um bolo com aquela... eh... com'ê que fala... espécula de mandioca, aquele polvilho... e ela, ela faiz bolo. Bolo de puba que fala né. INQ.- Interessante. INF.- Cresci comendo isso! (risos) E é gostoso. Só que se você vê fazendo é meio nojento. Fede demais. Horrível.

004-7 INF.- Então, é assim oh: no nordeste tem os dois nome, quê que é? A macaxera lá serve pra cumê, lá, e a mandioca lá é a venenosa, tem veneno.

INQ.- Ah, a mandioca lá é a que num pode... INF.- Se cumê morre. (...) INQ.- Chegar lá e a gente pedir uma mandioca... INF.- Mandioca lá só serve pra fazê farinha. Agora aqui não, aqui ela é mansa. Lá tem a brava e tem a mansa. Então a brava lá chama mandioca, a mansa chama macaxera. Agora aqui num se usa esse negócio de macaxera, tudo mandioca. Aqui faiz farinha de tudo, nem sê vê falá venenosa, nem mansa, mai' lá tem as duas. Eu memo visitei, agora que eu fui lá, duas lavora, ele é diferente, a folha, tudo diferente uma da otra.

- **Ocorrências Únicas:** 002-2 Mandioca-magra. 004-5 Puba
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-1,4,6 e 8; 002-1,4 e 6; 003-2; 004-2,3,4 e 8

ALTOSP - CARTA 024 - MANDIOCA/ MANDIOCA BRABA

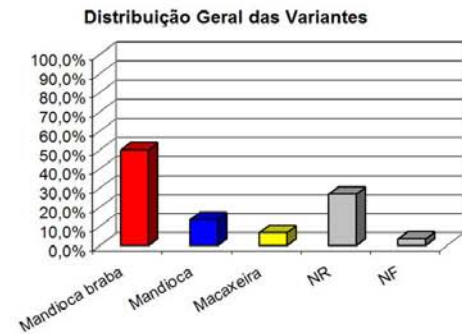


CONVENÇÕES:

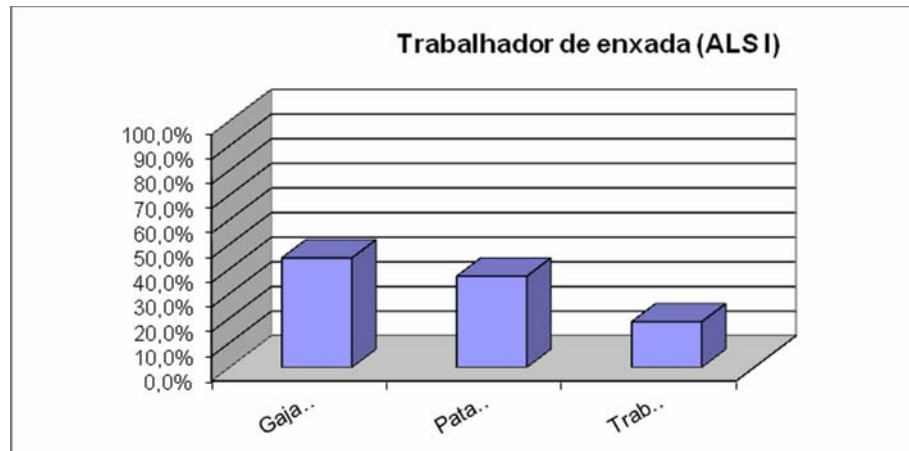
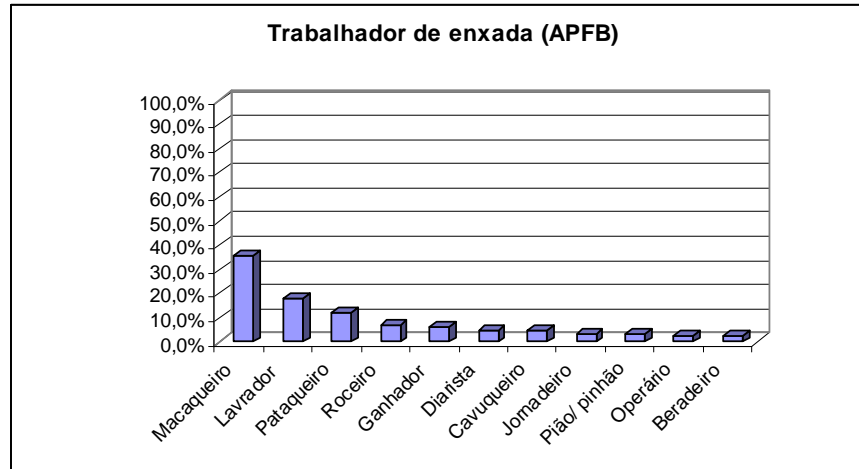
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	— Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 024

Como se chama uma raiz parecida com (item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?



ALTOSP – CARTA 025

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes:**

001-7 INF.- Se fala muito bóia-fria.

002-1 INQ.- É comum aqui em Adamantina falar de bóia-fria?

INF.- A maioria tá descostumano. A maioria fala que agora é
trabaiador das cana.

003-2 CIRC 2.- Bóia-fria.

003-3 INF.- Aqui nós...fala assim: "oh, o fulano de tal vai trabaiá por
dia pra nós." É desse jeito.

003-5 INF.- Sei lá, lavrador, alguma coisa assim, eu, eu, eu... sei lá.

003-7 INF.- Diarista. Mas é, mais na lavoura de cana.

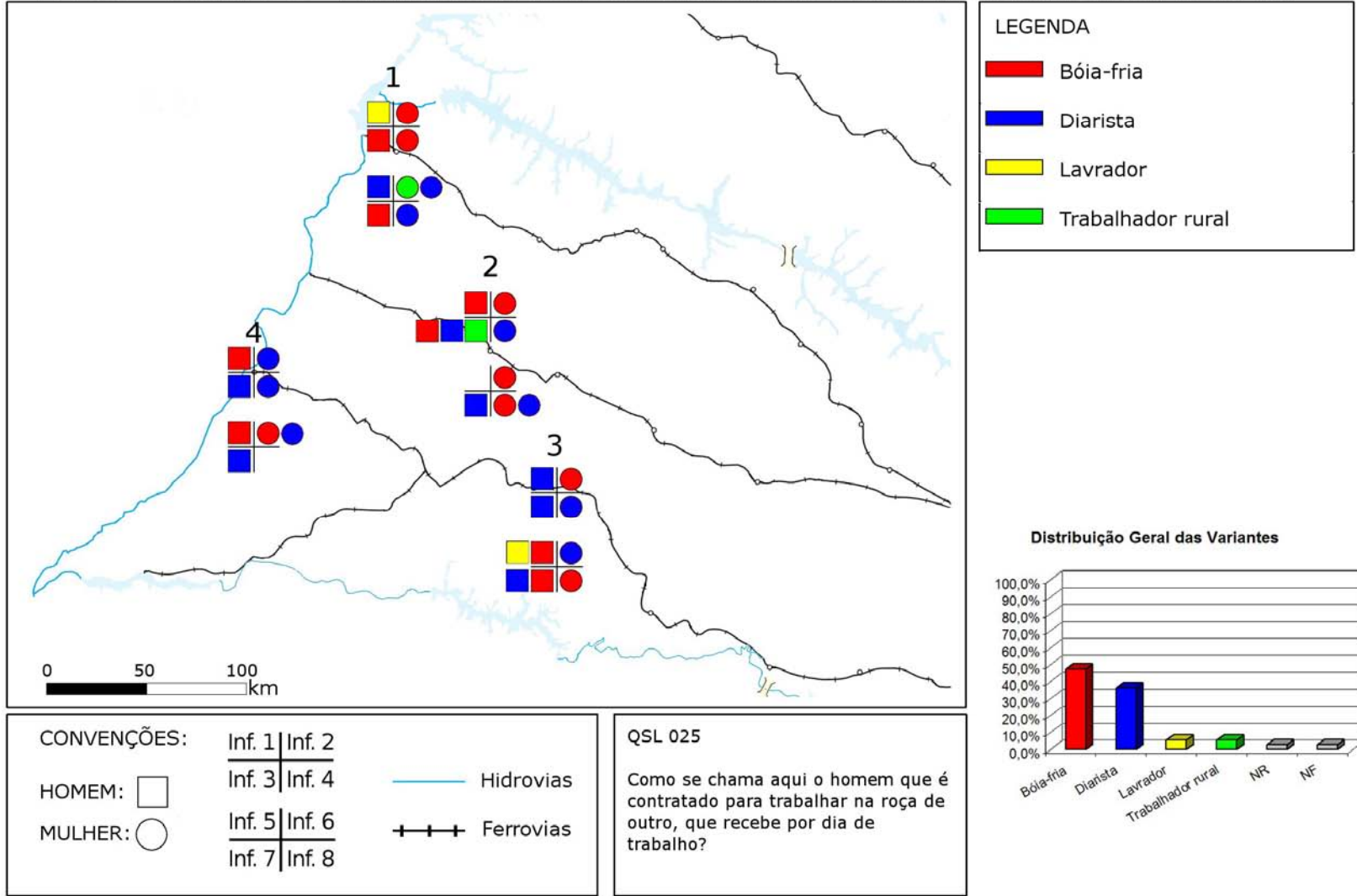
004-5 INF.- Eh... é mai', é mais bóia-fria mesmo né. Mão-de-obra
contratada assim pra trabalhá em roça é bóia-fria.

004-6 INF.- As vezes quando é um... um serviço assim pecuário a
gente fala pião, também recebe né, diária.

004-7 INF.- Otos tem outro nome que éh... bóia-fria, assim vai por
diante aí à fora.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Prestador de Serviço, Roceiro; 002-1 Trabalhador das cana; 003-3 Trabalhar por dia; 003-7 Volante;
- **Questão Não Formulada:** 001-5
- **Resposta não obtida:** 001-4;004-8.

ALTOSP - CARTA 025 - TRABALHADOR DE ENXADA DA ROÇA ALHEIA (Coincidente com: APFB-23)



ALTOSP – CARTA 026

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-8 INQ.- Qual que é o mais comum?

INF.- É abóbara mesmo, né. Tem aliás, outros nomes, abóbara, jerimum, tem otros nomes que agora eu num tô me recordando.

002-3 INF.- Ah tem abóbura tamém, né que serve pra, pa doce. Abóbora usa muito aqui tamém. INQ.- Usa pra pra comer cozida também, né? INF.- Pra doce. Cozida tamém, isso. As pessoa, principalmente os nordestino, esse povo nordestino, eles têm muito sistema... de fazê comida, né. Uma coisa eis faiz diversidade, né. INQ.- Eles usam bastante? INF.- Usam. A... principalmente abóbura, né. Abóbura ela verde serve c'um, c'um negócio, madura serve pra doce, essas coisa tudo. INQ.- E tem algum outro nome que o senhor conhece pra abóbora? (...) Os pais do senhor chamavam abóbora por um outro nome? INF.- Jerimum.

002-4 INQ.- Você já ouviu outro nome pra abóbora? INF.- Abóbora... ai minha mãe costumava dizê otro nome agora no momento eu não me lembro também.

002-7 INQ.- É comum aqui? INF.- No nordeste fala jerimum. INQ.- Seus pais falavam. INF.- Jerimum.

002-8 INQ.- A senhora conhece por outro nome? INF.- (...) abóbara num sei das quanta. INQ.- Lá no nordeste, chamam abóbora por um outro nome, ou só abóbora mesmo? INF.- Geralmente abóbora é aquela que eles eh, dá muito pros animais e a...moranga é aquelas que eles comem.

003-1 INQ.- Pra abóbora você já ouviu jerimum? INF.- Jerimum. INQ.- Eles falavam? INF.- Eles fala, é. Jerimum.

003-4 INQ.- Você já viu falar outro nome? INF.- Tem a moranga... que eu conheço que faiz doce é a abóbura, a moranga né? Mais se tem otro nome assim... de lá assim eu num lembro não.

003-5 Eu chamo de abóbora. Não sei se tem outro nome. INQ.- Você nunca ouviu sua mãe falar que ia fazer um doce de outra coisa? INF.- A minha mãe fala abóbora agora, mais num sei se, eh, se eu já escutei algum outro nome assim. Num... não me vem à cabeça. ((A propósito da Retomada INQ.- Jerimum para abóbora você já ouviu? INF.- Já.))

003-8 INQ.- A abóbora você já ouviu chamar de jerimum? INF.- Já, já, meus pais mesmo chamam. E eles falam que jerimum é um tipo de abóbora e essa abóbora amarela, eles dão um outro nome. Pra eles é um outro tipo, um outro tipo.

004-4 INF.- 'Bóbra? INQ.- Oi? INF.- Abóbra? INQ.- A senhora já ouviu outro nome? INF.- Não. Tem a moranga né. Tem a abóbra, tem a moranga, tem a cabotiã, que é aquela abóbra japonesa. INQ.- Qual que é a mais comum aqui,

dona Tereza? INF.- A cabotiã e a abóbra... 'bóbra paulistinha, 'bóbra de doce.

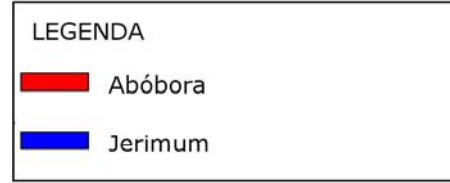
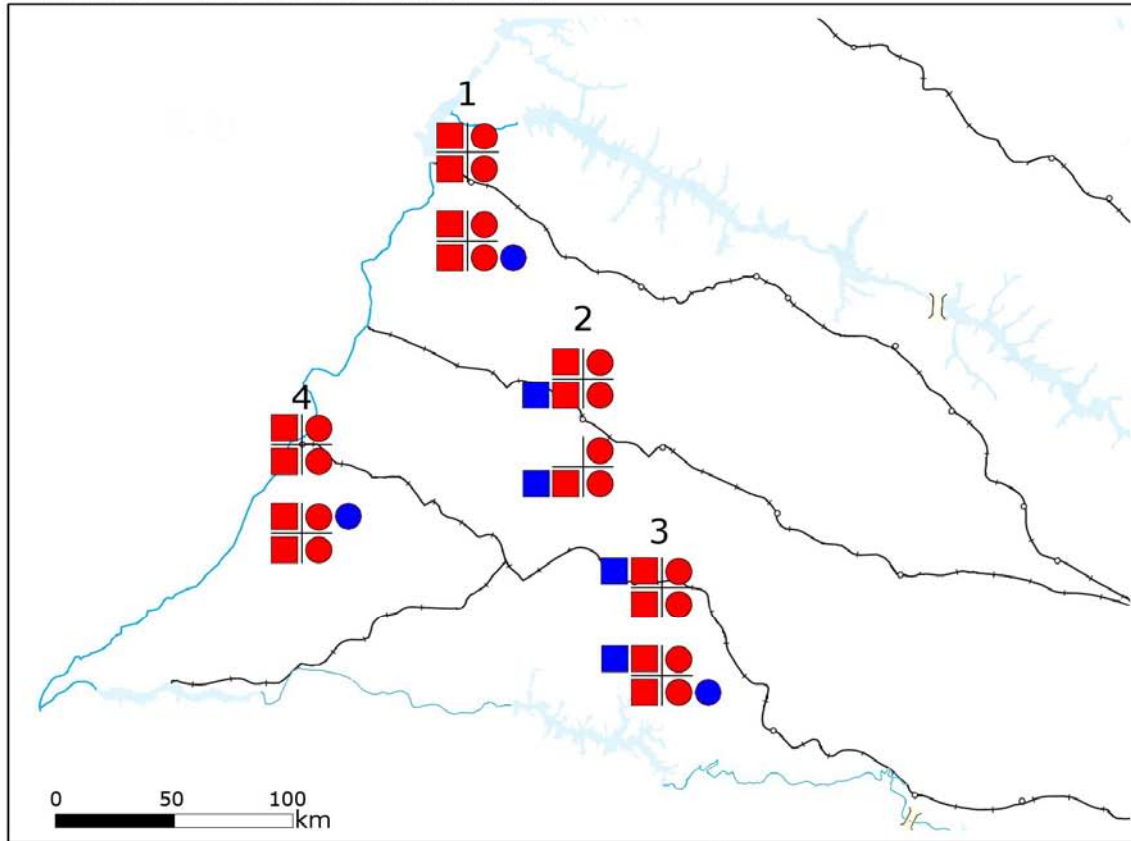
004-6 INF.- Tem vá(?=várias), tem outros tipos né. Tem moranga, que a gente fala que a moranga, que ela é aquela redonda que a gente tira, tira a tampa pra fazer ((*corte*)) com carne seca né... tá? E tem outras né, a cabotiã, que daí já num é... nossa, eu acho que... é origem japonesa né, e... Jerimum. INQ.- Ah, jerimum. INF.- Jerimum. Lá no nordeste eles chamam jerimum, aí tem o jerimum caboclo, que é uma abóbora bem enxuta, que a gente fala que pouca água assim ela é, cozinha bem, bem gostosa... São as que eu conheço.

004-7 INQ.- Já ouviu outros nomes pra abóbora? INF.- Tem vários nome, né? Tem abóbra, tem a... abóbrinha quando ela é verdes, tem a... tem oto nome interessante pra abóbra que éh... faiz um doce no nordeste... Tem a cabotiã, abóbra cabotiã, mas tem outro nome que eu (inint).

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Naipo.
- **Questão Não Formulada:** 002-5

OBS: Foram cartografadas as variantes pertencentes ao vocabulário "passivo" dos informantes, visto que, as entendemos como formas que evidenciam o movimento social e lingüístico sofrido pela comunidade investigada.

ALTOSP - CARTA 026 - ABÓBORA

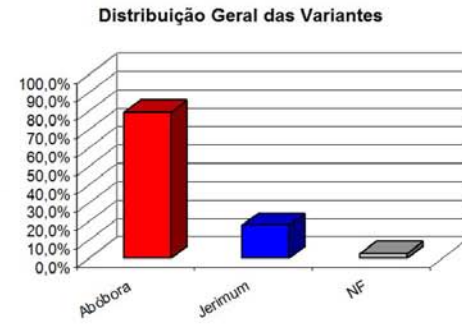


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 026

... aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha pra comer, para fazer doce?



ALTOSP – CARTA 027

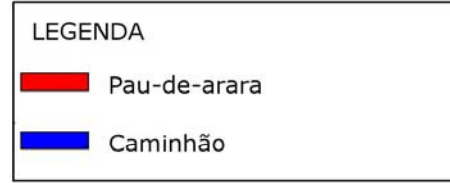
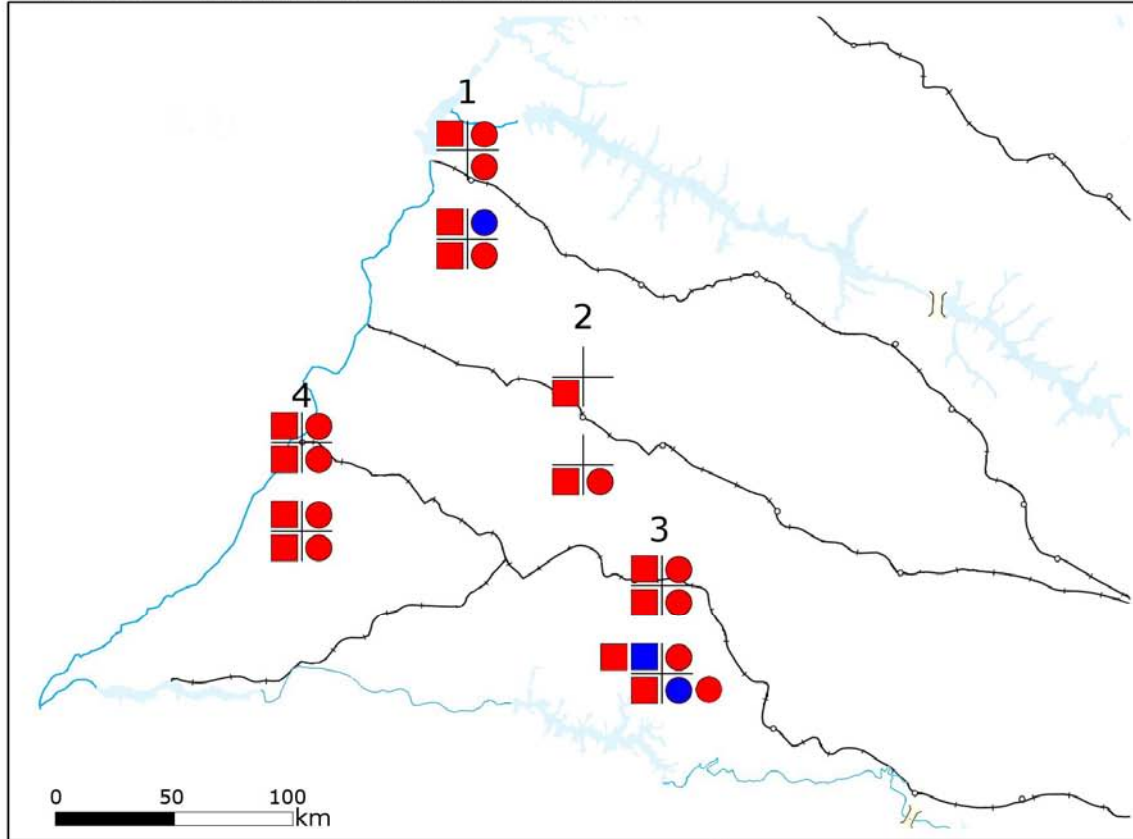
CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-3 INF.- Naquela época eles vieram de ônibus com tudo, né, tinha ônibus. INQ.- Porque muita gente veio com aquele caminhão, né, que tem umas madeiras... Tem gente que chama de pau-de-arara, não sei se você já conhecia ou é outra coisa? INF.- Aqui eu já vi alguns falá pau-de-arara, mas (inint.) num esse nome, todo mundo fala, cê entendeu? Eu já ouvi falá memo isso aí, mai' num é... Aqui em Andradina ninguém... fala assim, todo mundo fala pau-de-arara. INQ.- Não é muito usado? INF.- Num é muito usado. Geralmente fala: "Ah, vai naquele caminhão do boia-fria lá, os boia-fria vai naquele caminhão lá", então num fala pau-de arara. ((A propósito da Retomada: INQ.- Vocês usavam falar pau-de-arara? INF.- Usa. Nós falava caminhão de boia-fria eu respondi po cê, né.))

003-5 INF.- Eh, e, eu... eu falo que caminhão, mais eles chama de pau-de-arara né (risos). Caminhão, sei lá o quê. INQ.- E seus pais vieram de pau-de-arara ou... INF.- Olha, eu não sei te dizer, mais é bem provável que tenha sim, porque se perguntá pr'os meus pais eles falam que foram de ônibus né, mais... Num sei porquê também escondê se foi ou não foi né. INQ.- E você já ouviu alguém contar alguma história assim de que veio de pau-de-arara, quanto tempo demoraram? INF.- Ah, já. Já. É como se fosse uma pessoa ilegal, sabe (risos). Dá essa impressão.

- **Ocorrências Únicas:** 001-3 Caminhão do bóia-fria
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1,4,e 6.

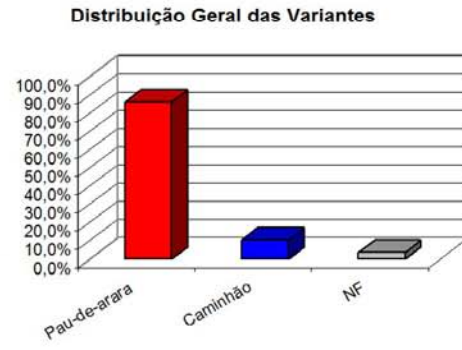
ALTOSP - CARTA 027 - PAU-DE-ARARA



CONVENÇÕES:

HOMEM: 	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: 	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 027
aquele meio de transporte que foi muito utilizado para trazer as pessoas do nordeste, em que são colocadas várias tábuas na carroceria de um caminhão, para que as pessoas possam se sentar?



ALTOSP – CARTA 028

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

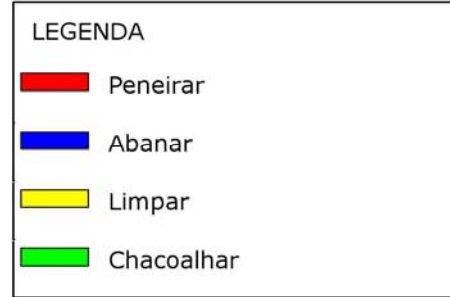
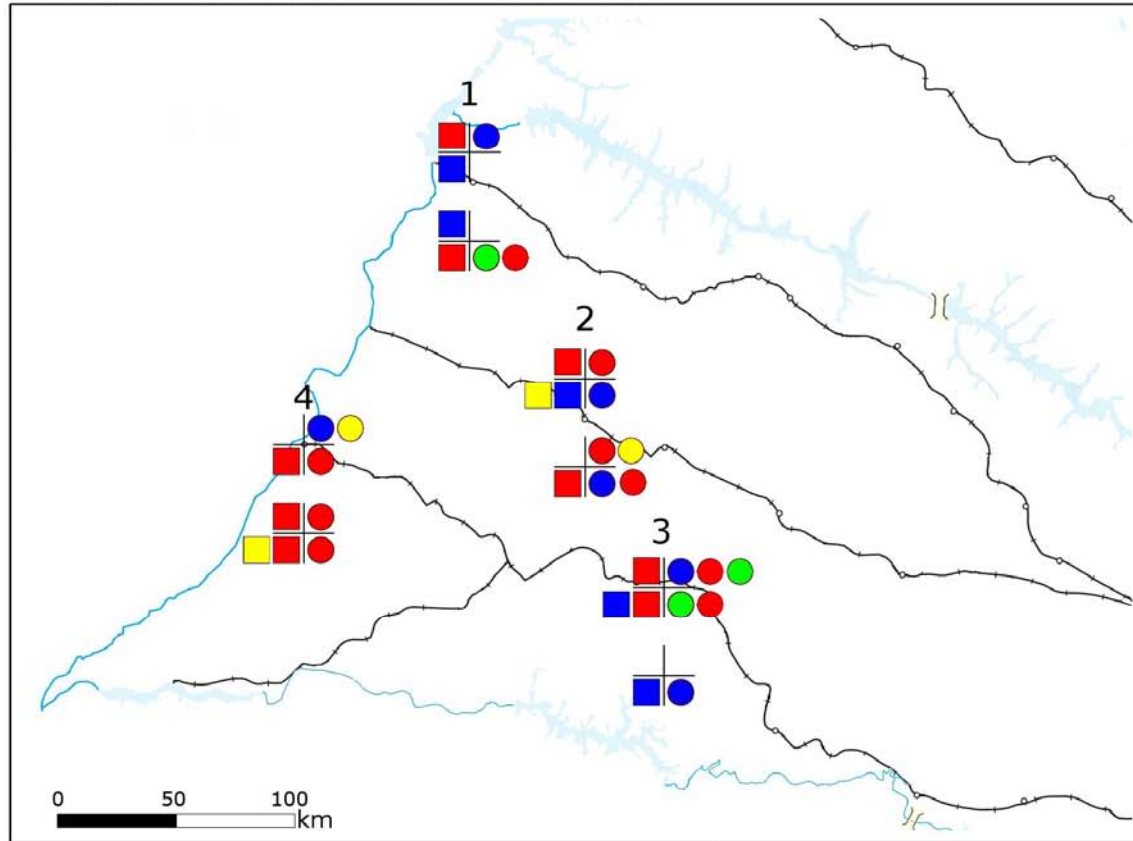
001-3 INF.- Abana ele, né. Finada minha 'vó que abaná, ela contava muita história que ela abanava café. Diz que abana o café.

003-2 CIRC 1.- Penerá. INF.- Penerá

003-8 INQ.- E é comum aqui? INF.- É. Quando tinha café aqui, já teve bastante que agora tá em extinção mesmo. INQ.- O gado que tomou conta. INF.- Que tomô conta, mas já teve muita plantação de café.

- **Questão Não Formulada:** 002-5 e 004-1
- **Resposta não obtida:** 001-4 e 6. 003-5

ALTOSP - CARTA 028 - ABANAR O CAFÉ

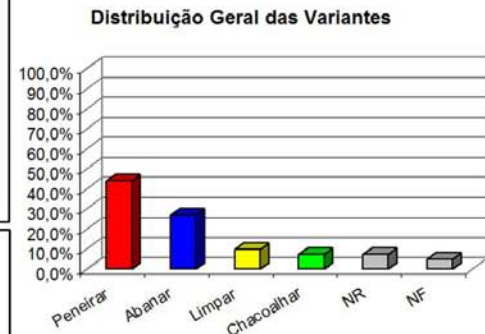


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 028

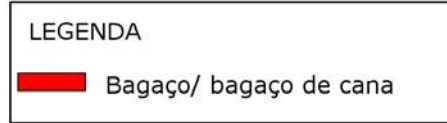
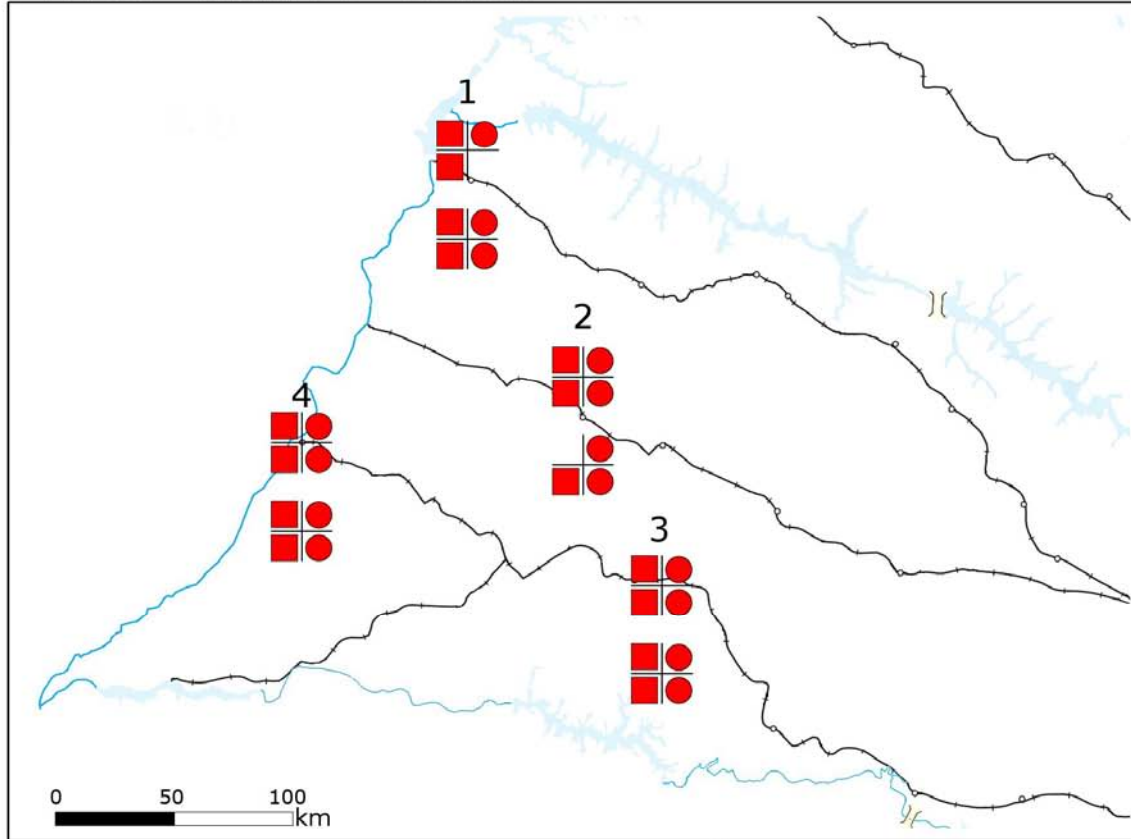
Quando o café é colhido, antes de colocá-lo pra secar no terreiro, eu pego uma peneira ou um tecido e vou _____



ALTOSP – CARTA 029

- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 029 - BAGAÇO

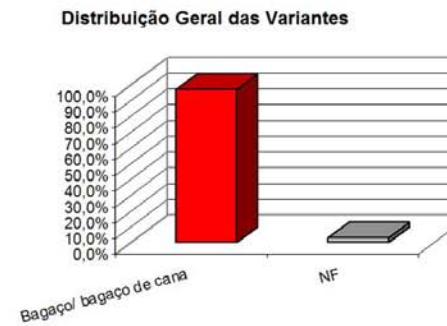


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 029

.... aquilo que sobra da cana quando a gente moe para fazer o caldo de cana? Aquilo que fica na peneira.



ALTOSP – CARTA 030

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

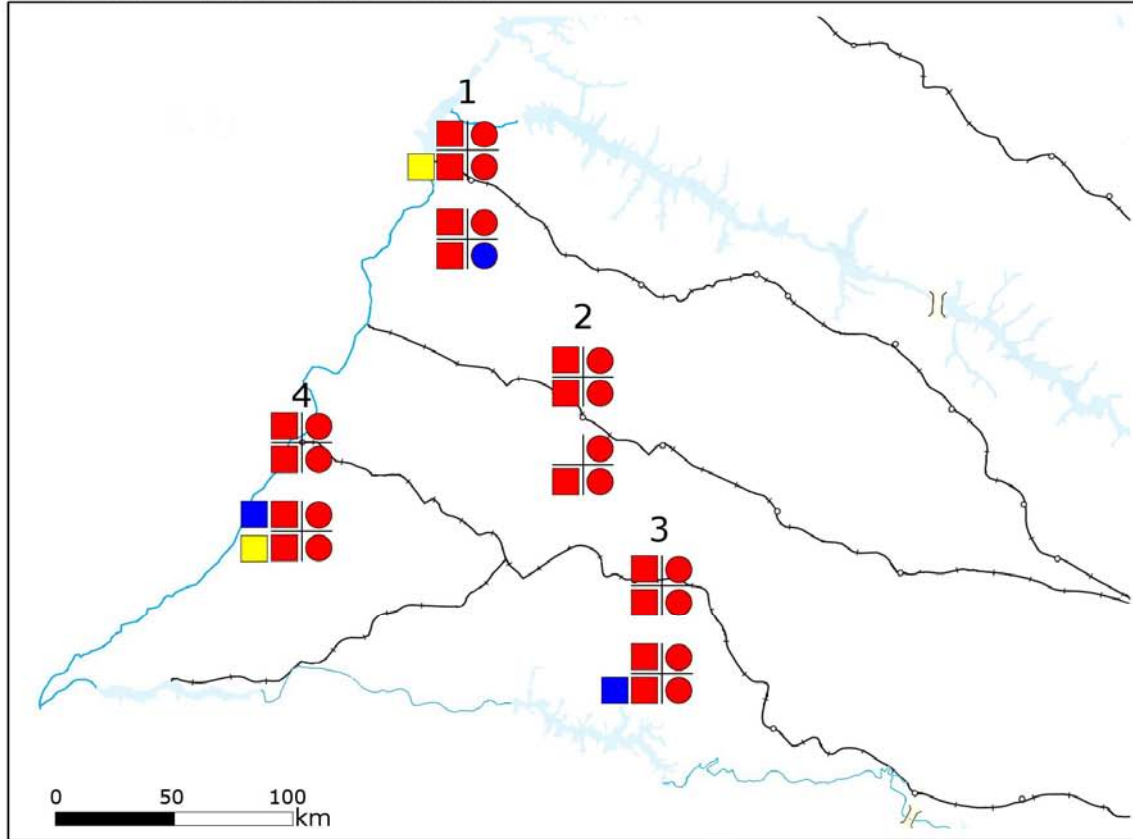
001-2 INF.- Uns fala carcará tamém, né. Carcará. (...) Urubu, né, uns fala carnicero

004-5 INF.- Mais é mais urubu mesmo, corvo... Mais o nome mais popular é urubu.

004-7 INF.- Famoso urubu, otos gavião, otos chama carcará e assim vai embora. Nordeste tem muito carcará, né. INQ.- É o mesmo que o urubu? INF.- Não, eles tem otros diferente, mas são parecidos, carcará, gavião. INQ.- Comem animal morto? INF.- Gavião, otos chama gavião. Aqui é urubu, chama-se urubu. Tem um gavião que é diferente um pouco. Lá no nordeste a maioria chama carcará.

- **Ocorrências Únicas:** 001-3 Carniceiro. 004-5 Galinha do céu
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 030 - URUBU

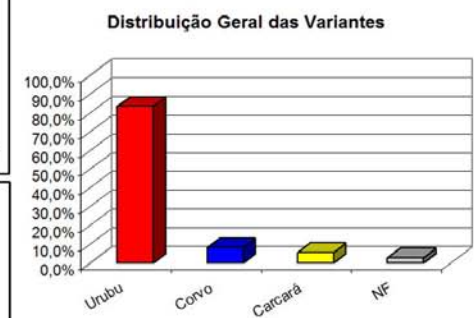


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 030

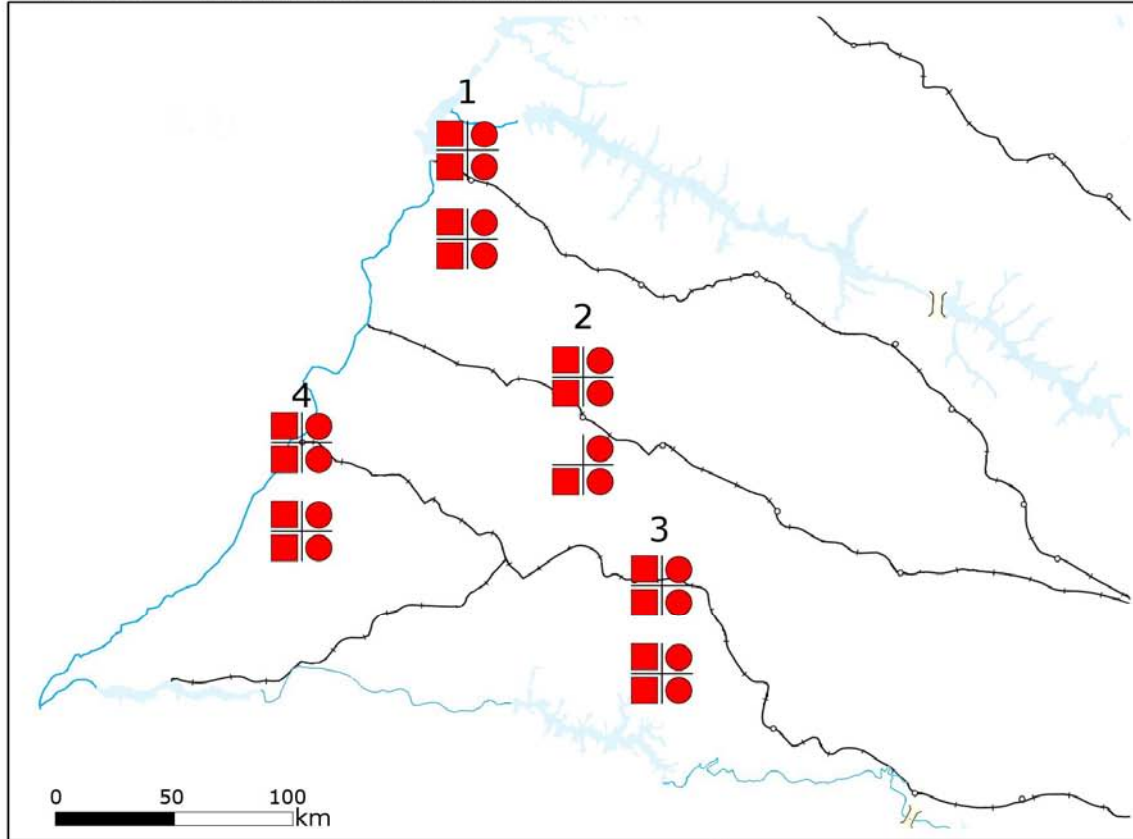
Como se chama aqui a ave preta que come animal morto, podre?



ALTOSP – CARTA 031

- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 031 - BEIJA-FLOR



LEGENDA

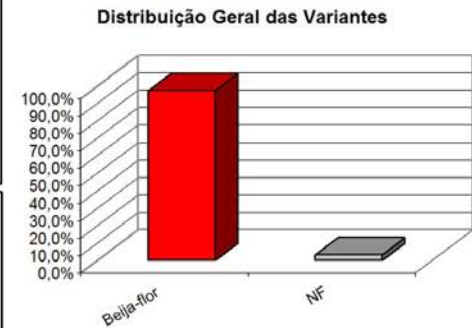
■ Beija-flor

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 031

Como se chama aqui passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?



ALTOSP – CARTA 032

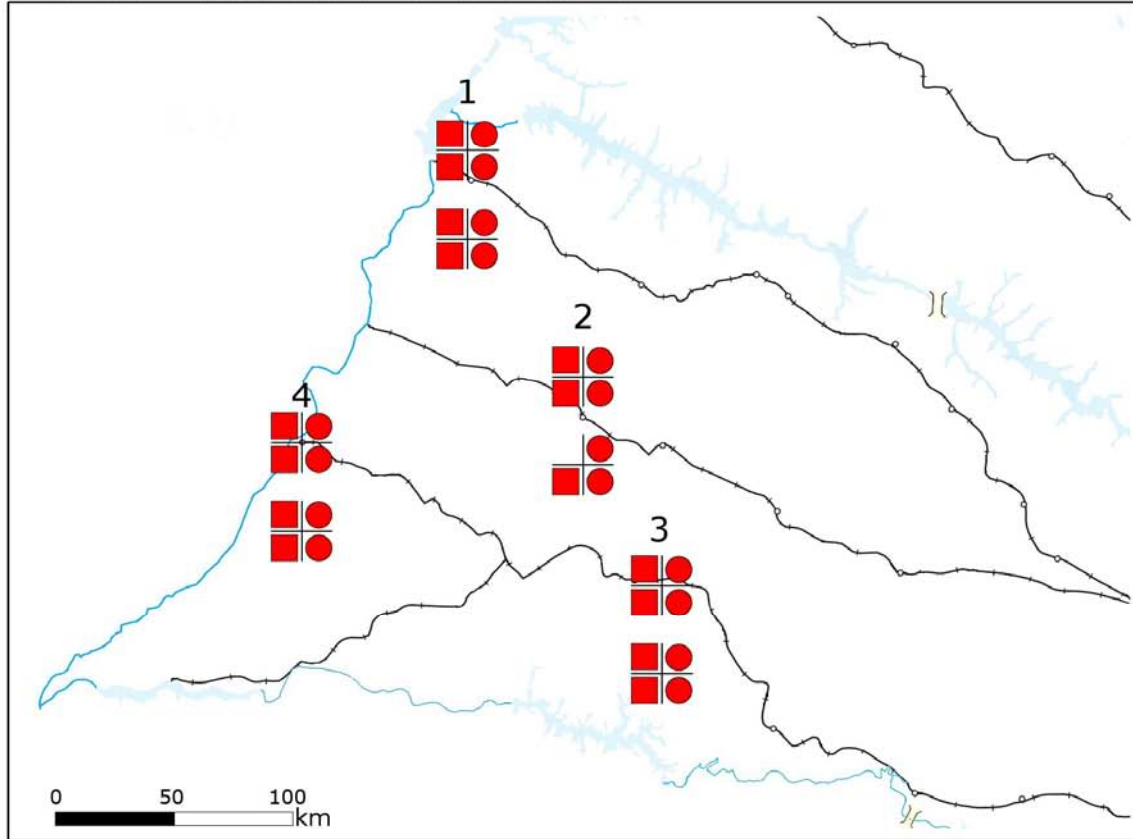
CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

002-1 INF.- Fazedor de barro. INQ.- É comum falarem aqui? INF.- Não.

INQ.- Quem que fala assim fazedor-de-barro? INF.- O povo do nordeste.

- **Ocorrências Únicas:** 002-1 Fazedor de Barro.
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 032 - JOÃO DE BARRO



LEGENDA

■ João de barro

CONVENÇÕES:

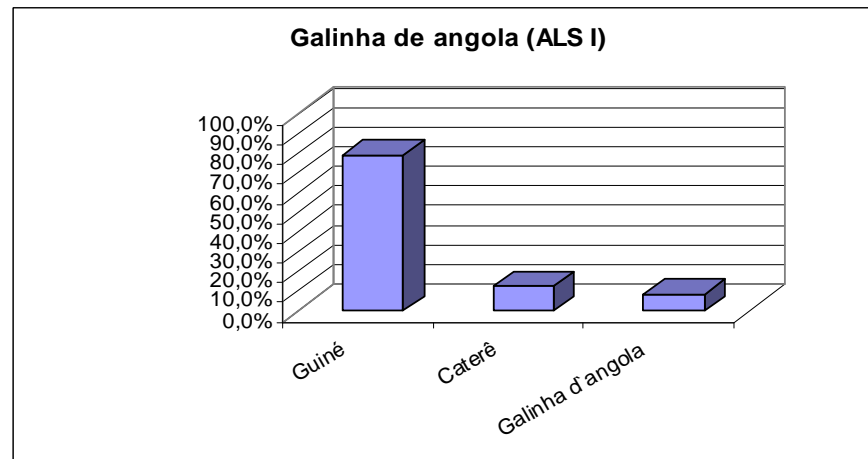
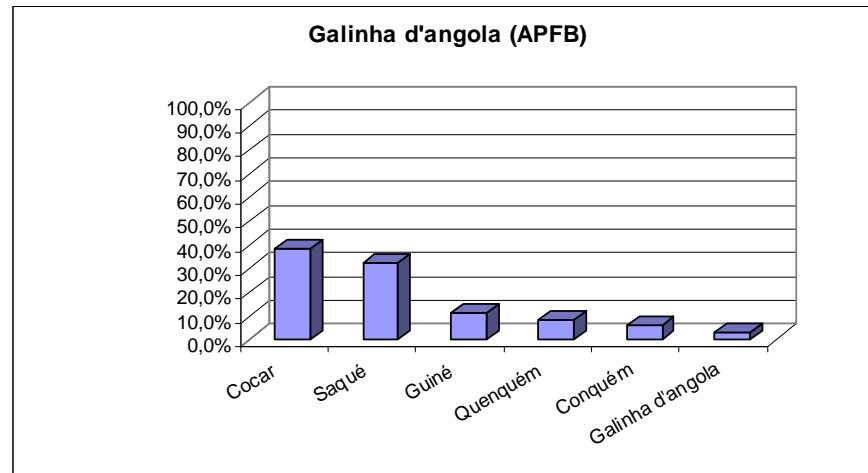
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 032

Como se chama aqui a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?



ALTOSP – CARTA 033

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes:**

001-5 INF.- Normal, igual da galinha mesmo. Ou como o pessoal fala, cabidela, né.

INQ.- Que é isso? INF.- Que a galinha cozida ... a gente, pelo menos a minha vó tem o costume, quando vai prepará a galinha, ela sangra. Aproveita o sangue pra fazê o...o molho. INQ.- Sua vó faz bastante comida assim... INF.- Sempre. Principalmente por parte de mãe, minha vó. Ela gosta muito de...das comida baiana que nós fazia lá, né, hoje ela faz, mas não com tanta freqüência (inint) mas ela faz muito, só tê a oportunidade, ela faiz.

002-2 INF.- Bom, uns fala que é o...como fala? Galinha cocá.

002-3 INF.- Ah essa é angola, né. A capote. Então tem... mais o nome mais popular dela é angola, né?

002-8 INQ.- Senhora conhece por outro nome? INF.- Capote. (risos). INQ.- É comum usar esse nome aqui? INF.- Capote não, só no Ceará. Aqui é galinha de angola

003-2 INQ.- Essa aqui. CIRC 2.- Guiné. NF.- Não, mais num é guiné . CIRC2.- Angola. INF.- Angola. INQ.- Você conhece por... INF.- Eu conheço

por angola, mais tem gente que chama de guiné.

003-7 INQ.- Você já ouviu outro nome? INF.- No nordeste o pessoal fala guiné. INQ.- E aqui não usa? INQ.- Não,aqui é mais angola, galinha angola.

004-6 INQ.- Tem outro nome? INF.- Guiné... eu conheço guiné, por causa dos costumes mesmo do nordeste né, fala guiné, e aqui a gente chama galinha da angola.

004-7 INQ.- O senhor já ouviu outro nome? INF.- No nordeste, isso aí chama-se guiné, guiné ou tô-fraco . Guiné, tô-fraco e aqui mais galinha de angola, aqui no sudeste.

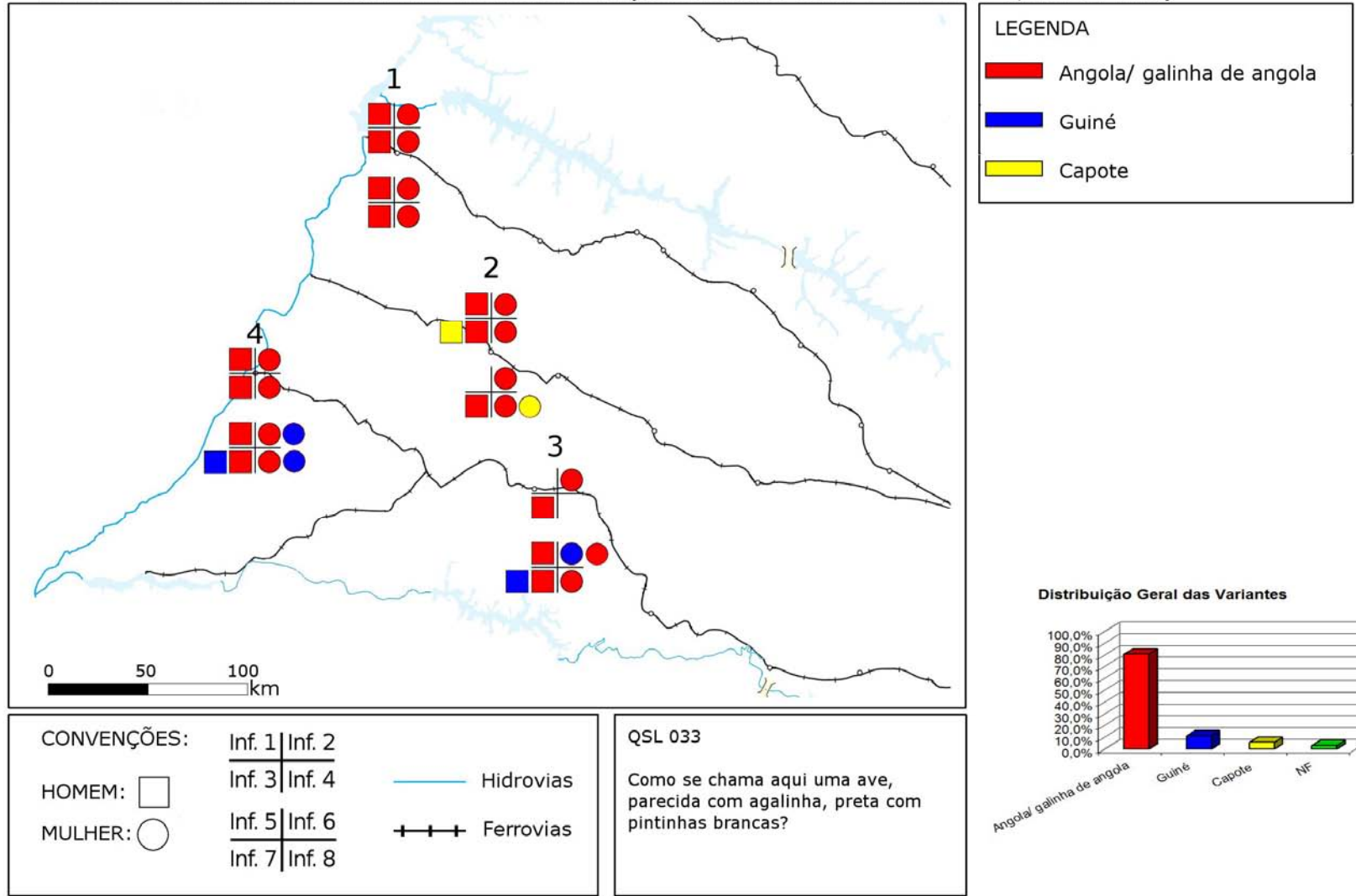
004-8 INQ.- Conhece por outro nome? INF.- Guiné. INQ.- Vocês falam guiné aqui? Os dois nomes? INF.- Aqui, aqui... se fala mais galinha da angola né, guiné minha mãe que... (risos) que falava.

- **Ocorrências Únicas:** 002-2 Galinha Cocar; 002-6 Gangola; 04-7 Tô-fraco

- **Questão Não Formulada:** 002-5

- **Resposta não obtida:** 003-1; 003-4;

ALTOSP - CARTA 033 - GALINHA DE ANGOLA (Coincidente com: APFB-114-r; ALS I-116)



ALTOSP – CARTA 034

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-2 INF.- Uns fala louro.

001-3 INF.- Uns fala loro, fala papagaio.

001-7 INF.- Eles falam muito loro, mas o mais comum é papagaio.

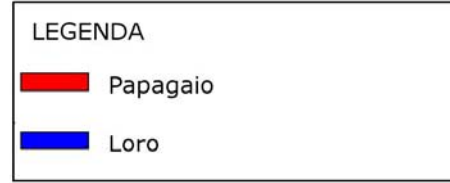
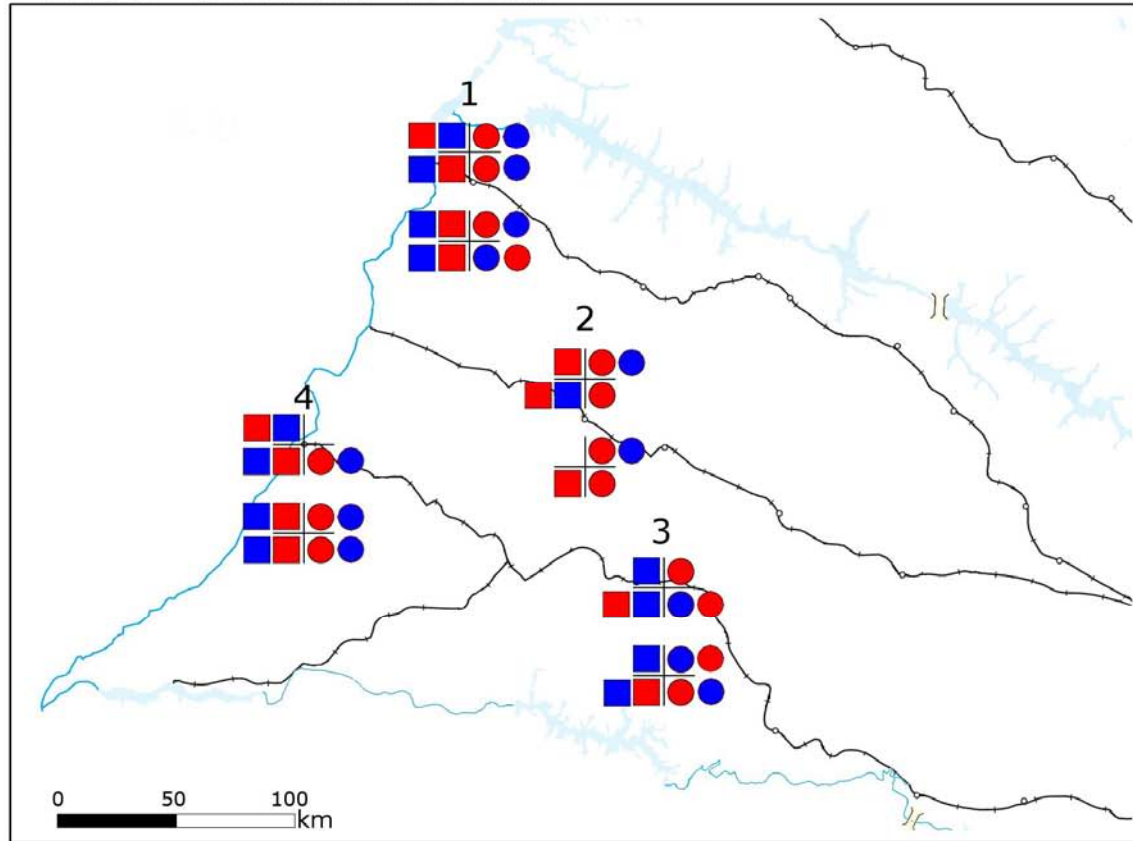
003-3 INQ.- Quem que fala mais loro? INF.- Ah, o povo fala loro, né.

003-7 INF.- Pessoal chama de louro, né.

004-3 INF.- Ué, a gente, conheço mai' o loro, loro né. É loro né.

- **Ocorrências Únicas:** 002-2 Maritaca.
- **Questão Não Formulada:** 002-5 e 004-2

ALTOSP - CARTA 034 - PAPAGAIO

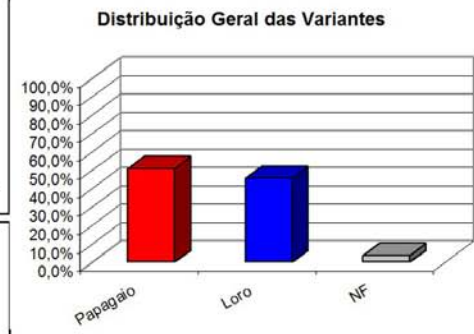


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 034

Como se chama aqui ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?



ALTOSP – CARTA 035

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 CIRC.- Libélula, num é?

001-3 ((A propósito da Retomada: INQ.- Já ouviu helicóptero, avião. INF.- Não, mulecada já fala que parece com 'licóptero já, eles falava. Fala nisso aí, mai' ele num tem nome, tem?))

003-2 INQ.- Usa bastante aqui? INF.- Lava-bunda. Mais fala é lava-bunda. Libélula muita poca gente conhece.

003-4 INF.- Quando a gente brincava, quando era criança brincava, falava que era helicóptero, né? Ce catava: “esse é meu”.

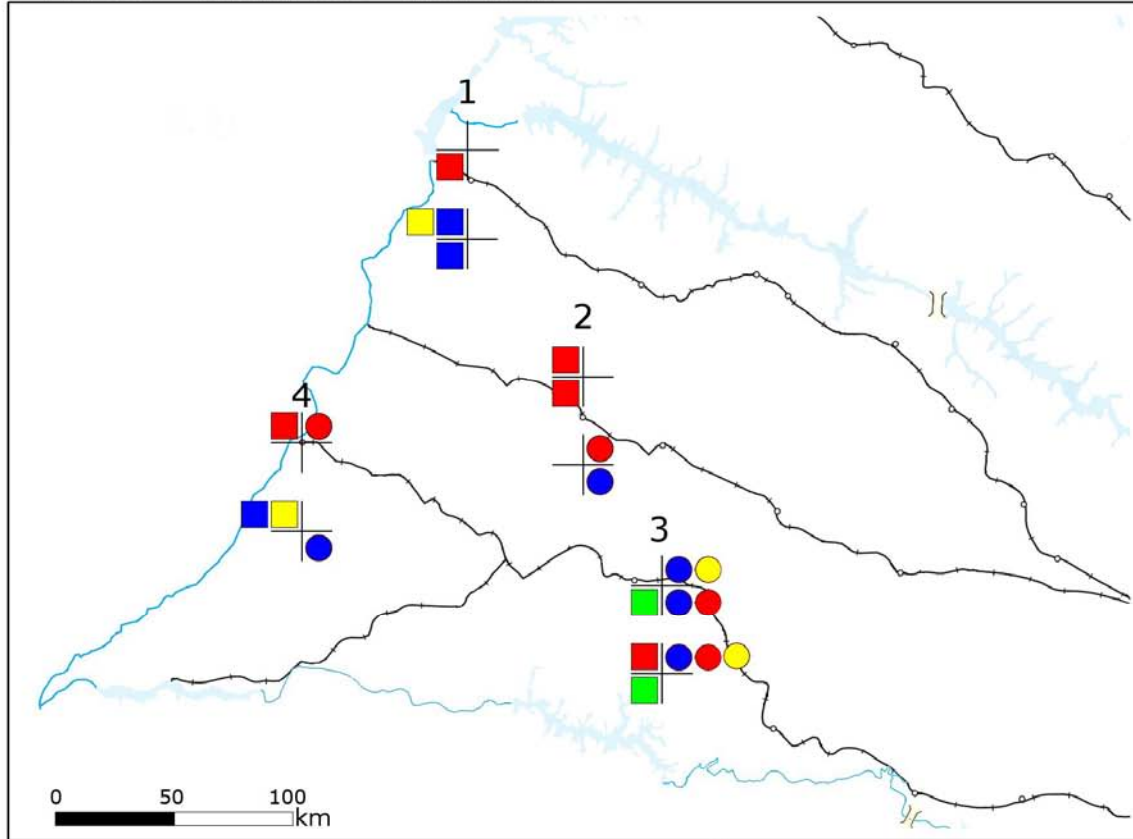
003-5 INF.- Eh, eu, eu chamo de helicóptero porque eu num sei o nome dele certo.

003-6 INF.- Que quando eu era pequena só chamava de helicóptero.

004-5 INF.- Aqui o nome popular é lava-bunda (risos). (...) Eh, o nome científico é libélula né. Mais aqui é lava-bunda, todo mundo conhece por lava-bunda (risos).

- **Ocorrências Únicas:** 001-2 Lava-cu e Cheira-cu; 001-8 Nadadeira; 002-4 Molha-bunda
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-1,4 e 6; 002-2 e7; 003- 1 e 8; 004-3,4,6 e 7

ALTOSP - CARTA 035 - LIBÉLULA



0 50 100 km

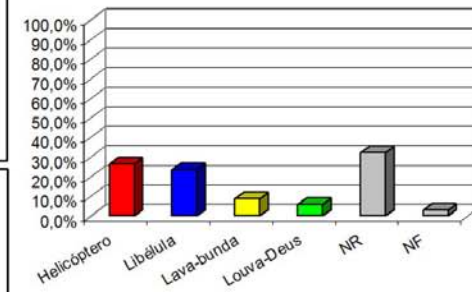
CONVENÇÕES:	Inf. 1 Inf. 2	
HOMEM: □	Inf. 3 Inf. 4	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 5 Inf. 6	—+—+— Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 035
 Como se chama aqui o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

LEGENDA

■	Helicóptero
■	Libélula
■	Lava-bunda
■	Louva-Deus

Distribuição Geral das Variantes



ALTOSP – CARTA 036

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-3 INF.- Diz que ele dá em pau. Uns fala verme, otos fala... bigato.

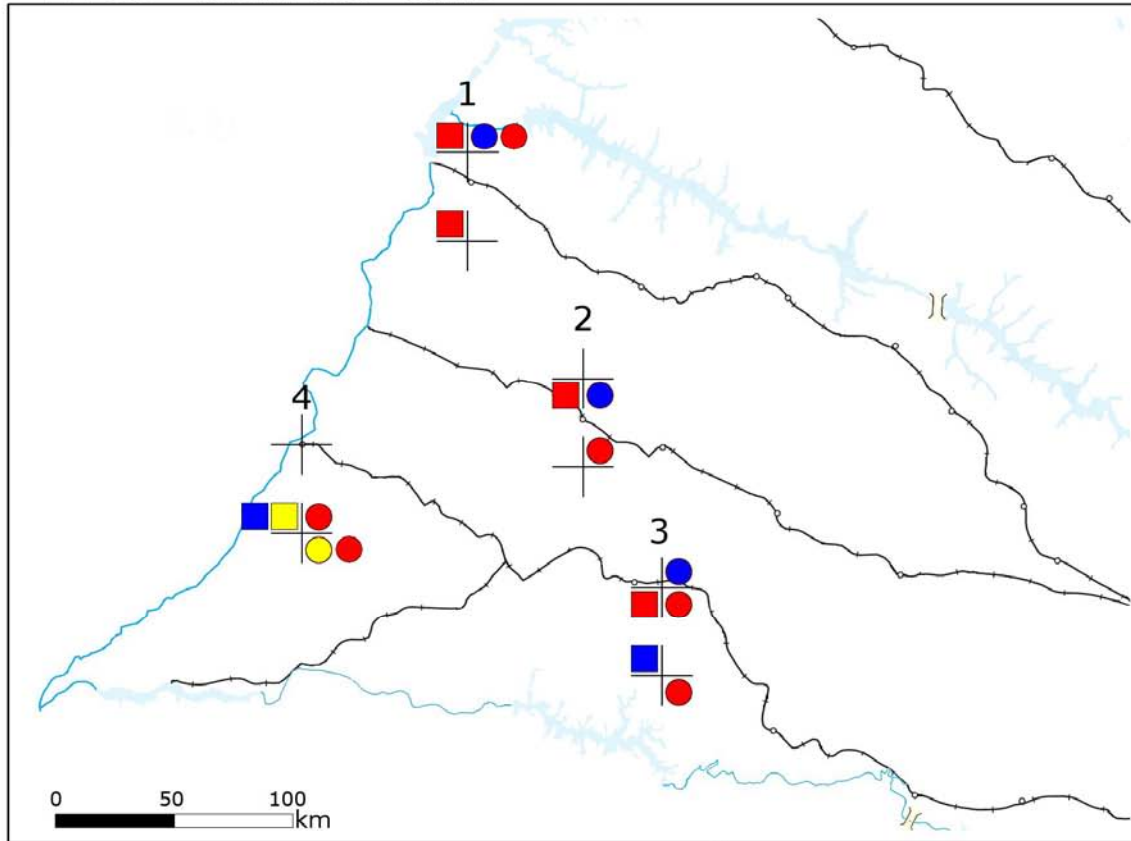
001-5 INQ.- É esse que as pessoas comem, às vezes? INF.- Tem ...tem um pessoal que come aqueles que dá em coco, né. Um bigato maior, diz que é o sabor do coco, não vô saber te falá, mas que... tem uns grande que o pessoal chama de morotó.

002-4 INF.- É então... acho que é larvas né, aquilo lá?

003-2 INQ.- Um branco assim? CIRC 2.- Larva.

- **Ocorrências Únicas:** 001-5 Morotó; 003-5 Germe
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-4,6,7 e 8; 002-1,2,7 e 8; 003-1; 004-1,2,3,4 e 7

ALTOSP - CARTA 036 - CORÓ

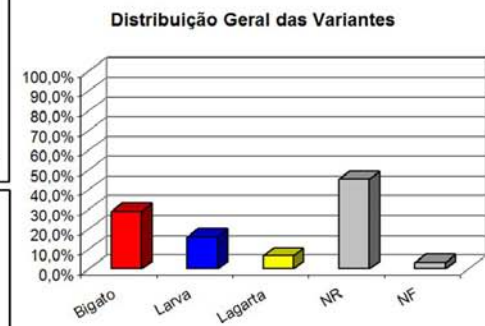


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 036

Como se chama aqui aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?



ALTOSP – CARTA 037

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 CIRC.- Muruanha. INF.- Tem a muruanha, meu pai falava muruanha, muriçoca.

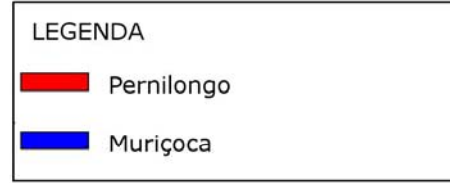
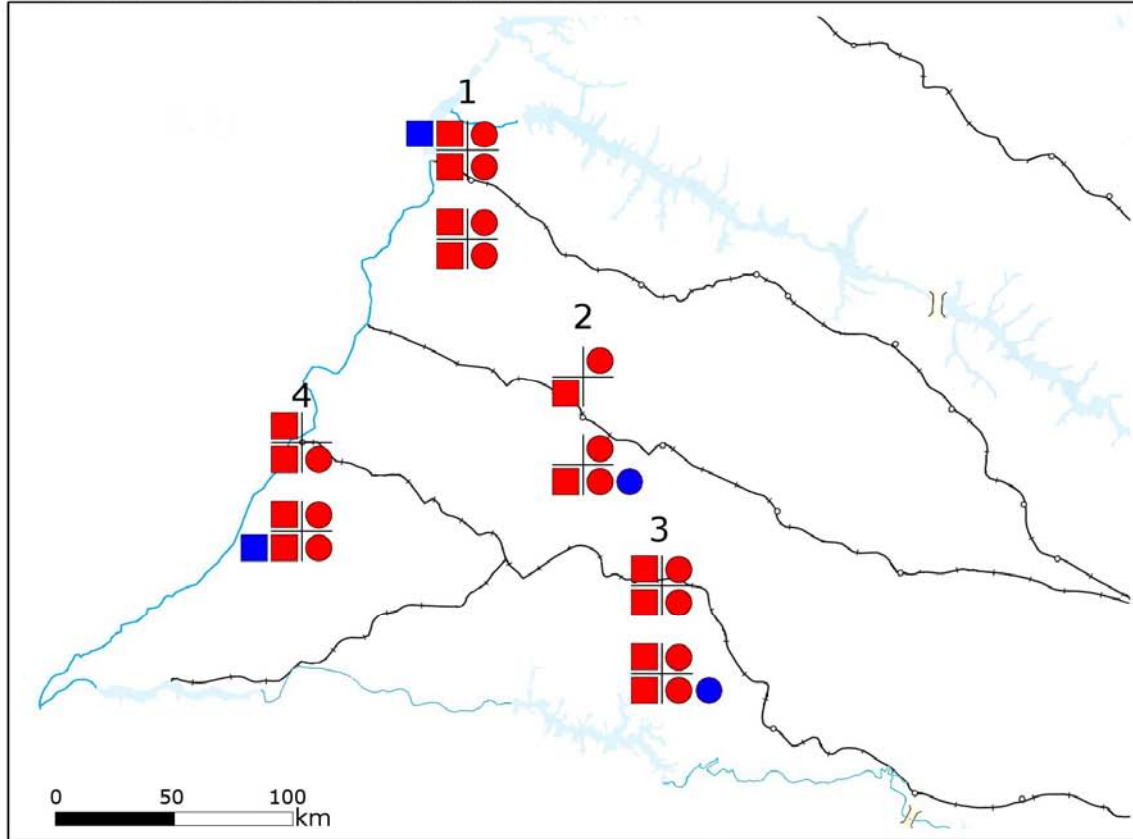
003-7 INQ.- Você já ouviu outro nome? INF.- Lá no nordeste o pessoal fala muriçoca. INQ.- E aqui já ouviu alguém falar? INQ.- Pessoal nordestino normalmente fala. INQ.- Jovem já não conhece. INQ.- Não conhece, mais o pernilongo mesmo.

004-7 Esse é o pernelongo. Pernelongo. Agora ele tem vários nomes tamém, né? Aqui prelongo, agora... eu tenho um dicionário aqui do Amazonas, ele dá outro nome, eu quero lembrá, é engraçado o outro nome. Outro lugar chama muriçoca tamém, muriçoca, pernelongo, muriçoca. Lá no amazonas tem um nome interessante, um nome engraçado. Com'ê que ele usava que ele falô aqui, meu Deus? Ca', com'ê que é? Capanã, quase assim, uma coisa assim. Capanã. INQ.- Carapanã. INF.- Carapanã, isso, carapanã. INQ.- Ele veio pra cá? INF.- Ele vem aqui todo ano, ele vem aqui na festa aqui nossa aqui da igreja em outubro. Ele é de lá mehmo, nasceu lá no Amazonhas mesmo.

- **Ocorrências Únicas:** 001-1 Muruanha. 004-7 Carapanã
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1; 002-4

OBS: Foram cartografadas as variantes pertencentes ao vocabulário “passivo” dos informantes, visto que, as entendemos como formas que evidenciam o movimento social e lingüístico sofrido pela comunidade investigada.

ALTOSP - CARTA 037 - PERNILONGO

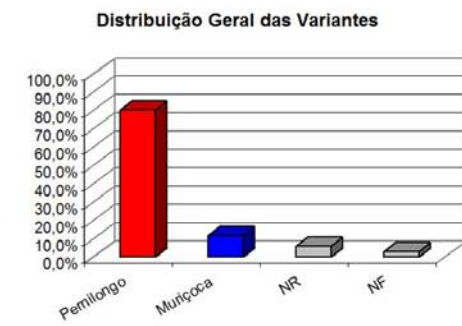


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 037

Como se chama aqui aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido da gente, de noite?



ALTOSP – CARTA 038

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

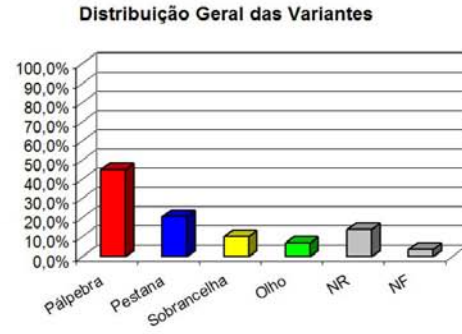
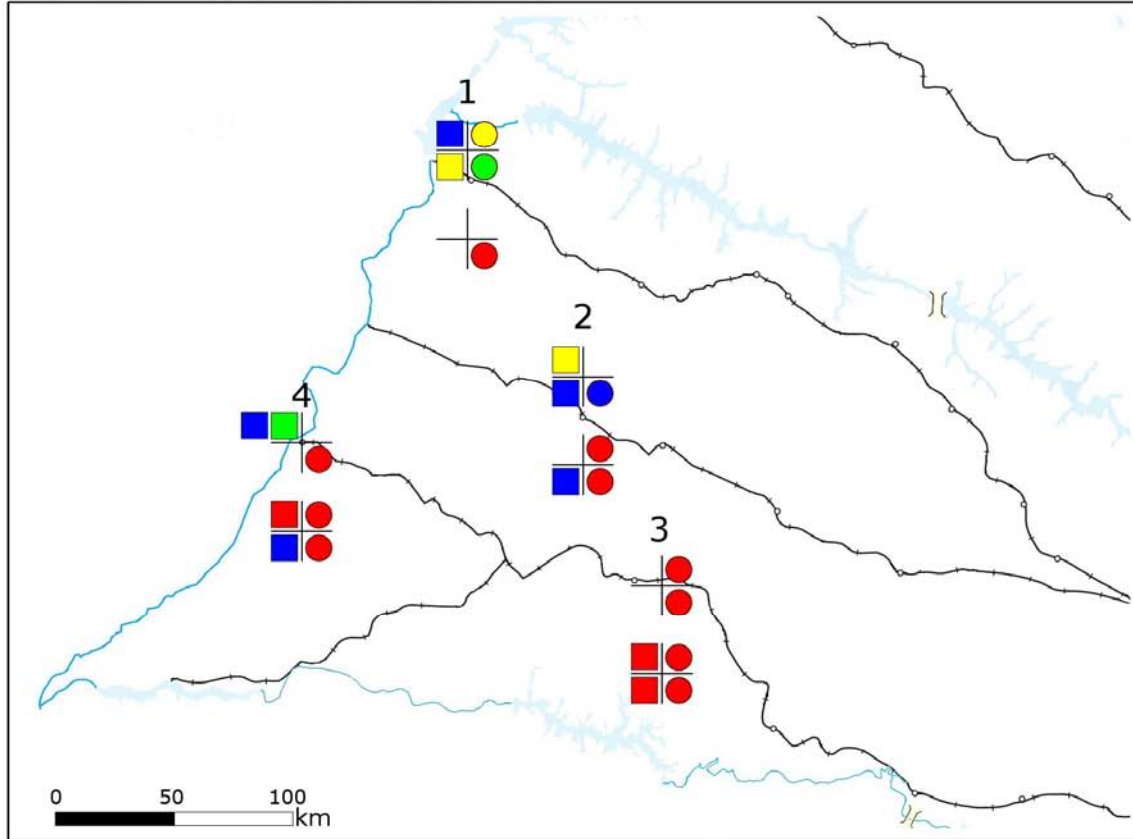
001-5 INQ.- Quem que fala, Hugo? INF.- Em casa mesmo o pessoal fala isso, né, a minha 'vó, minha mãe.

002-8 INQ.- Os pais da senhora falavam... INF.- Meu pai falava pestana, agora num sei o que é pestana, acho que pestana é os cílios. Isso é pálpebra mesmo.

004-1 INF.- Pestana, não? INQ.- Pode ser? Se machuca aqui? INF.- Pestanha que fala, pestana.

- **Ocorrências Únicas:**001-5 Capela do olho. 001-6 Membrana. 003-1 Supercílio. 004-2 Pápidas
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-7; 002-2; 003-3; 004-3

ALTOSP - CARTA 038 - PÁLPEBRAS



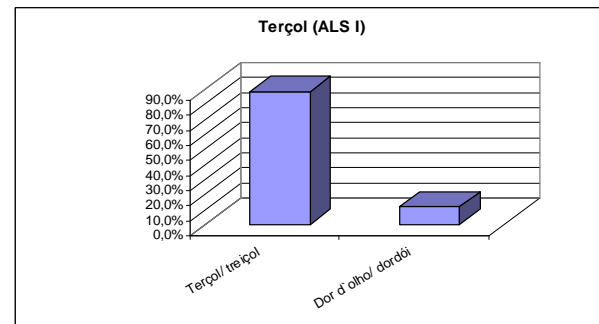
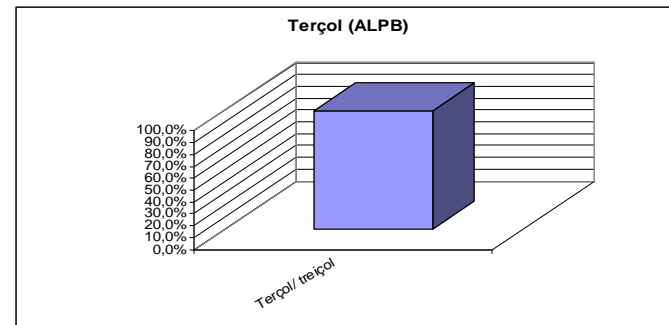
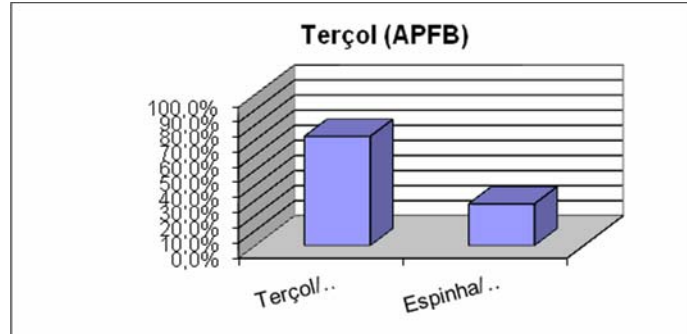
CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 038

Como se chama aqui esta parte que cobre o olho?

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste



ALTOSP – CARTA 039

Contexto frasal e comentários relevantes

001-1 INF.-Terçol. INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Tem uns que fala terçol, tem gente que fala trêissol, tem gente. INQ.- Tem alguma simpatia? INF.- Ah, tem gente que fala que se passá aliança, anél na mão, esfregá em cima pára. Tem gente que fala que esfregá chave de porta e coloca em cima diz que mata... mas o que matô foi os dedo da minha mulher.

001-2 INF.- Eh, treissol, dor d'o... não. Treissol é uma coisa, do d'olho é outra, né. INQ.- O que é o dor d'olho? INF.- Ah, acho que é a mesma, treissol, né, ca bolinha inflama tudo. Minha vó falava treissol. INQ.- Ele amanhece grudado? INF.- É.

001-3 INF.- Treissol a gente chama aqui.

001-5 INF.- Dordólho. INQ.- Como é que cura o dordólho? INF.- Normalmente o pessoal esfrega o dedo indicador na mão, na ponta da outra mão e coloca em cima, né. Esquenta.

001-6 INF.- Dordólho já começa a...eh...ele cria, aqui ele fica igual essa bolinha, só que parece que vai criando pus, sei lá, entendeu? O olho não pára de criar aquela secreção assim. INQ.- É esse que o olho fica grudado? INF.- Sim, é, porque conjuntivite ele só vai trapalhá, o olho fica vermelho, vai dá irritação, eh, vai ficá assim, mais ele num fica igual ao dordólho, cê entendeu? Tem que tá...cê vai tê que usa um corfílo e tudo mais, mas não igual ao dordólho. Dordólho é mais.

002-1 INF.- Ah, é conjuntivite. INQ.- Como que é? INF.- É os zóio fica vermelho (inint). INQ.- Você conhece alguma simpatia? INF.- Diz que esfregá o dedo na mão e por no olho, diz que sara. INQ.- Mas ela fica uma bolinha no olho, sim ou não? INF.- Fica. INQ.- Uma bolinha vermelha, incha? INF.- Isso e tem que lavá com água gelada.

002-4 Terçol? INQ.- E você conhece alguma simpatia, alguma coisa que as pessoas antigas falavam... INQ.- Ai a minha mãe mandava passá o rabo do gado. (risos) Mulhé tinha que passá o rabinho do gado, né, se fosse minino era o rabo da gata. INQ.- Ai não sabia que tinha era diferença. INF.- E outra ela mandava tamém a gente esfregá o... o dedo assim na palma da mão até esquentá e ia colocando.

003-1 A propósito da retomada: INQ.- Terçol você já ouviu, treissol? INF.- Ah... tô, trei, treçoil (inint). Mais isso aí dá, eh... geralmente a pessoa fala, fala (inint) mulher grávida, pega alguma coisa, num... num dá, mais é... eh... isso aí eu acho que é ditado né. Terçol. INQ.- Vocês falam da que fica assim vermelhinho, tem que passar aliança nela? INF.- É. INQ.- E viúva para o terçol, vocês já ouviram? INF.- Não, já sim. Minha, minha mãe que fala. Eu, eu num lembrava, mai' minha mãe falava, entendeu?

003-3 INF.- Fala que nasceu treissol.

003-4 INF.- Terçol. INQ.- Tem alguma simpatia assim que você conhece? INF.- Tem gente que fala que pega a barra do lençol e passa de manhã no olho, né ((corte na gravação)) "Nunca vi nascê terçol na barra do lençol" três vezes. INQ.- Essa aí eu te perguntei só pra ficar gravado. Você tinha me ensinado da outra vez estava começando (inint) que eu te falei? INF.- 'Cê feiz? INF.- E eu fiz sumiu. INF.- É então todas às vezes, essa minina minha mais velha tinha direto. Já te nem sei quem foi que insinô, mas nunca mais, nunca mais saiu.

003-5 INF.- Eh... em casa chama terçol né. Num s... num sei se é a forma adequada, nunca procurei sabê se é terçol mesmo. (inint), você, é terçol? INQ.- Não, é assim mesmo, é. E você já ouviu alguma simpatia do terçol? INF.- Ixi, eu já escutei tanta coisa lá em casa, sabe assim, essas coisas? Meus pais acreditam que terçol só dá quando a gente nega

alguma coisa pra alguma mulher grávida. INQ.- Olha! INF.- Entendeu? É... pra minha família assim. Eu acho que, num sei, deve tê vindo lá do nordeste (risos). INQ.- Já (inint). INF.- É, tipo... aí, ti... (=tipo), aí eles tenta descobrí quem tá grávida (risos). É sério! Gente, 'cês tem que só vê (risos). É tão estranho, sabe (risos).

003-6 INF.- Terçol. INQ.- Você já ouviu alguma simpatia? INF.- Já, cê esfrega o dedo na palma da mão, coloca, quando esquentá, coloca em cima três vezes.

003-7 INQ.- Às vezes fica uns três dias. INF.- Terçol.

004-1 INF.- Ah treissol? INQ.- E como que faz pra curar ela? INF.- Ah nós passava é... gelo ou então 'cê isquentava o... pano na água quente e ia colocano assim até a bolinha istorá.

004-2 INF.- Terçol. INQ.- Como é que você faz pra curar? INF.- Ai... minha mãe falava que tinha que colocá... leite de... peito pra sará.

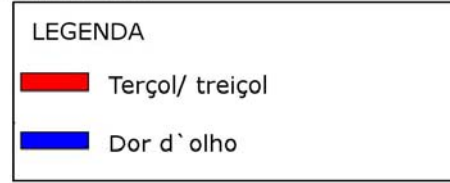
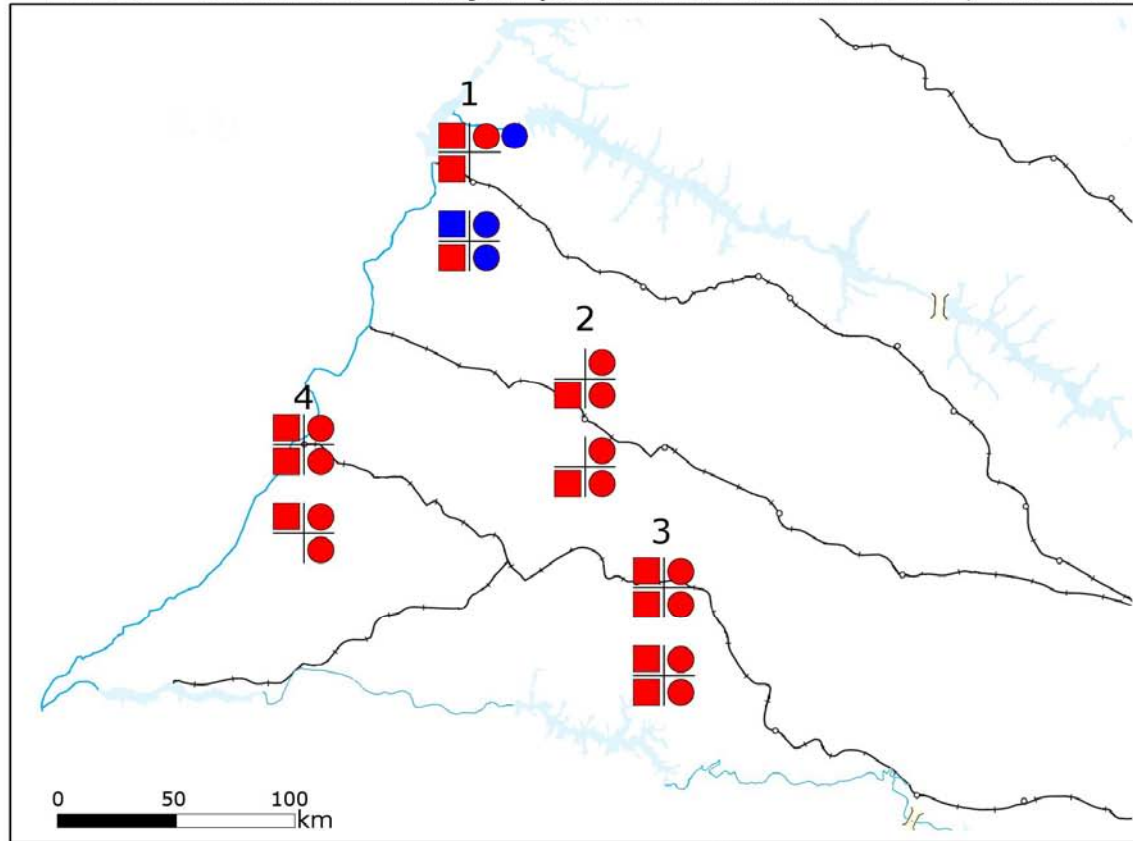
004-5 INF.- Terçol... eh... é, terçol, a bolinha. INQ.- Você conhece alguma simpatia, alguma coisa que as pessoas falam. INF.- Eu já... já ouvi algumas simpatias de... eh, passá, colocá uma moeda, virá de cos' (=costas), jogá a moeda pra trás... é... esses tipo de coisa.

004-8 INQ.- É bem comum. CIRC.- Terçol. AUX.- Que faz simpatia né.

INF.- É terçol? INQ.- Conhece como terçol? INF.- Terçol.

- **Ocorrências Únicas:** 002-1 Conjuntivite.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-4; 004-7

ALTOSP - CARTA 039 - TERÇOL (Coincidente com: APFB-91r; ALPB-071; ALS I-98)

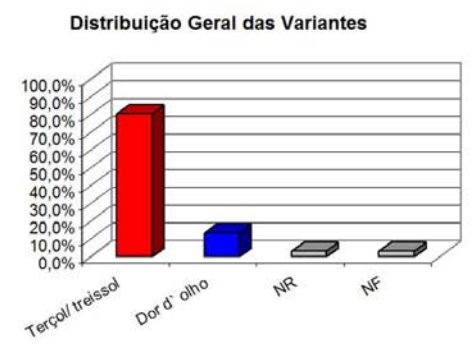


CONVENÇÕES:

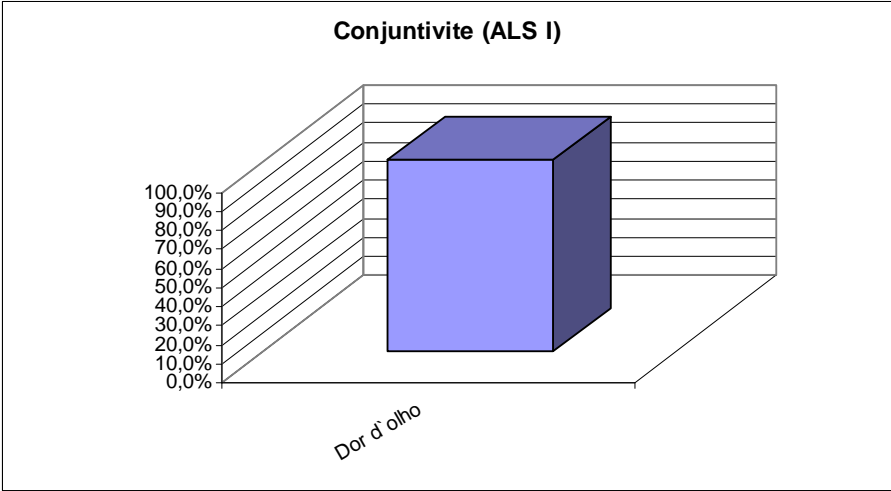
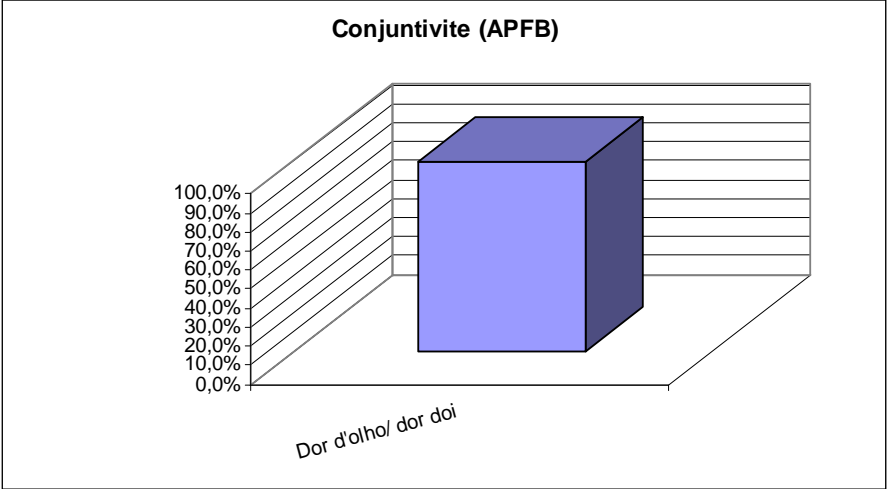
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 039

Como se chama aqui a bolinha que nasce na (item 38), fica vermelha e incha?

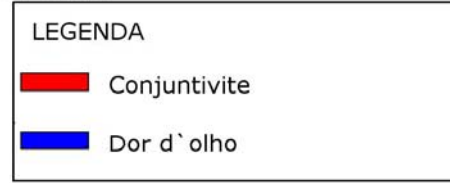
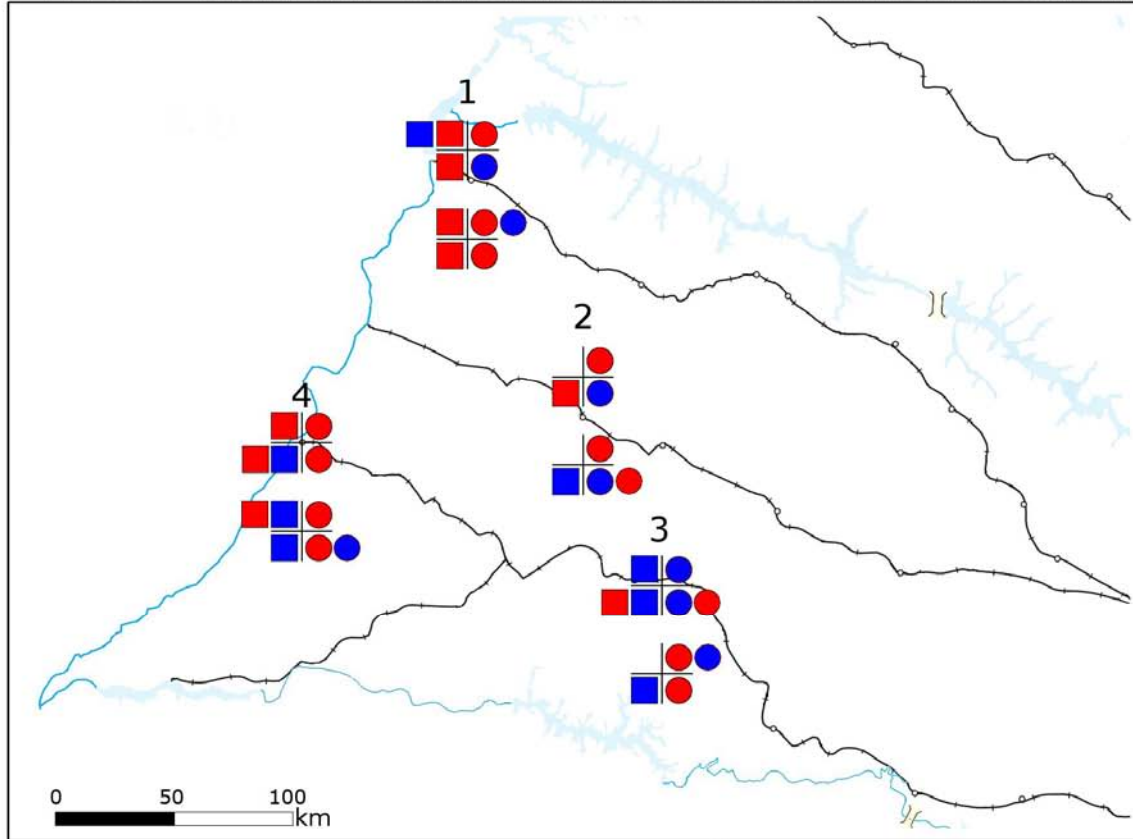


Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste



- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1

ALTOSP - CARTA 040 - CONJUNTIVITE (Coincidente com: APFB-092; ALS I-099)

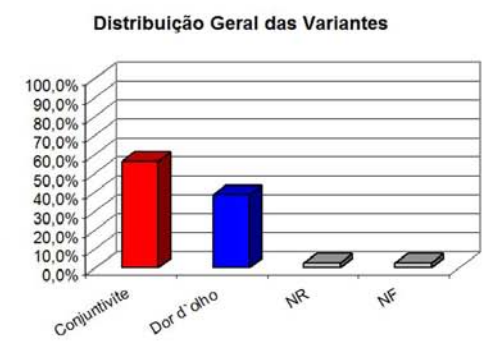


CONVENÇÕES:

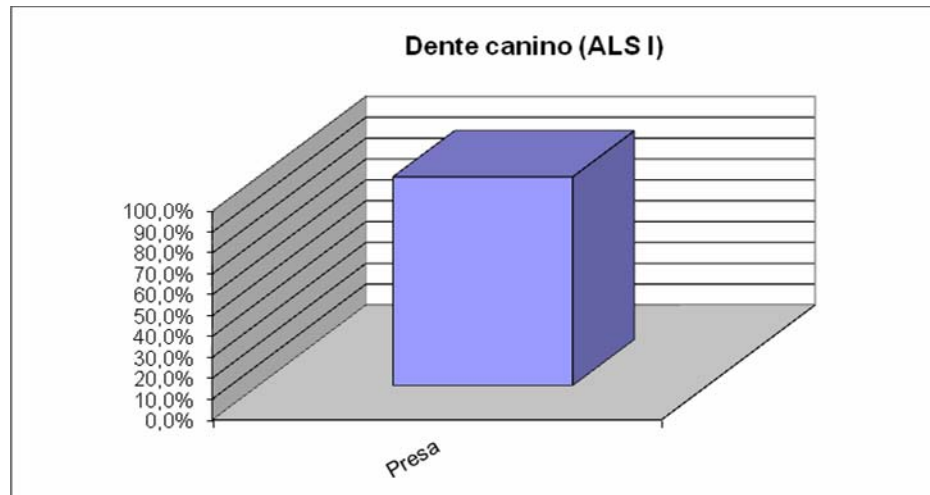
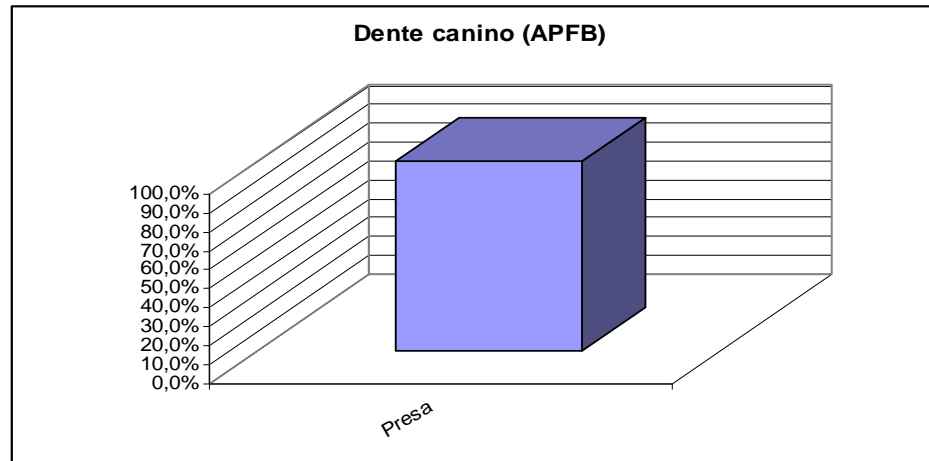
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	+ + + Ferrovias
	Inf. 5 Inf. 6	
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 040

Como se chama aqui a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?



ALTOSP – CARTA 041

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região NordesteContexto frasal e comentários relevantes

001-6 INQ.- Que o cachorro tem... INF.- É, canino.

001-7 INF.- Eles falam presa, mas o nome técnico do dentista eu não sei.

002-1 INQ.- Tem outro nome? INF.- Não, mas a maioria chama de vampiro.

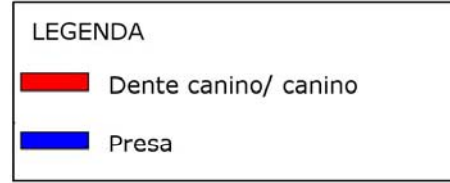
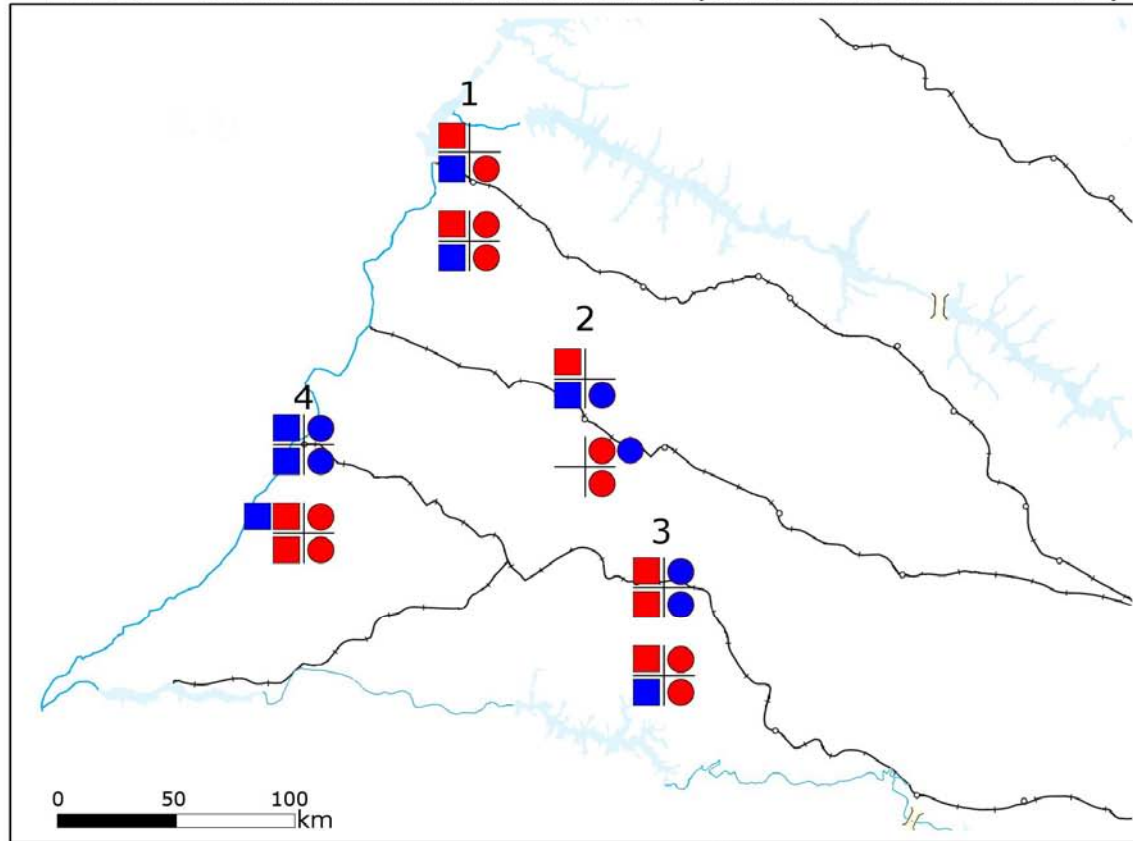
002-7 INF.- Ah, os pais falavam esse dentão grande.

003-5 INF.- Eu chamo de caninos.

003-7 A propósito do QSL 043 : INF.- Num é presa não, né? Presa os dois daqui... INQ.- Da frente.

- **Ocorrências Únicas:** 002-7 Dentão grande; 002-1 Vampiro; 002-2 Dente de leite; 003-7 Pontagudo;
- **Questão Não Formulada:** 002-5.
- **Resposta não obtida:** 001-2.

ALTOSP - CARTA 041 - DENTES CANINOS (Coincidente com: APFB-54)



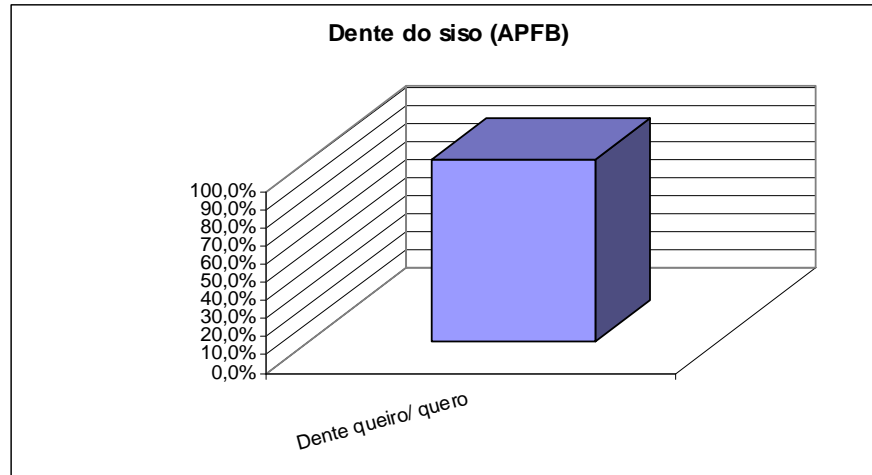
CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 041

Como se chama aqui esses dois dentes pontudos?



Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-7 INF.- Eles falam eh... dente do juízo ou siso. Mais o comum eles fala dente do juízo.

002-3 INF.- Num é o do juízo não, né? Que eis fala.

002-6 INQ.- Do juízo, do siso. INQ.- Qual que é mais comum?

INF.- Tanto faz. Os dentista é o siso, popularmente acho que é do juízo.

003-5 INQ.- Já ouviu um nome mais comum assim?

INF.- Ah, eu... chamo ele de molar né, terceiro? molar tamém, mais eu... mais comum... INQ.- Não é siso? INF.- Do ju... ah, do dente do juízo. É. Em casa é isso que fa(=fala), é assim que fala (risos).

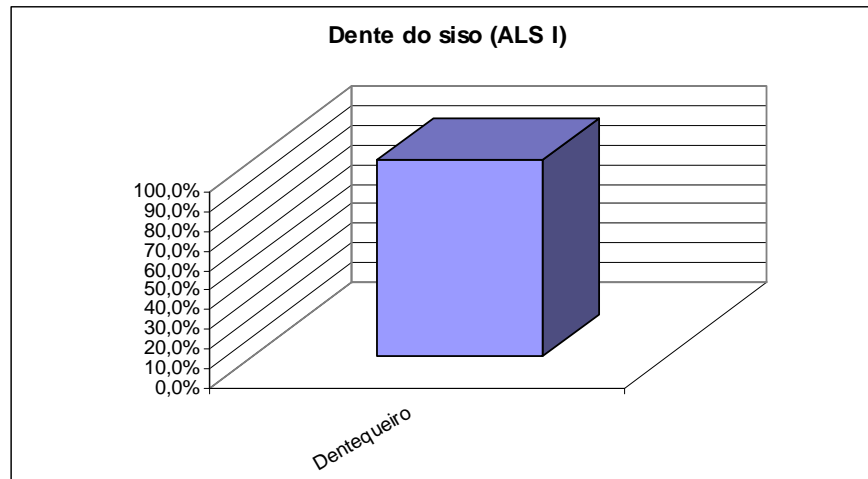
003-7 A propósito do Tema para discurso semidirigido 003: INF.- Se você quiser, lembrei do nome do dente que você falou, é siso, né?

004-2 INF.- Ai minha mãe falava dente, dente quero, sei lá uma coisa assim.

INQ.- Mas esse é aquele que nasce quando a gente já está adulto mesmo?

INF.- É.

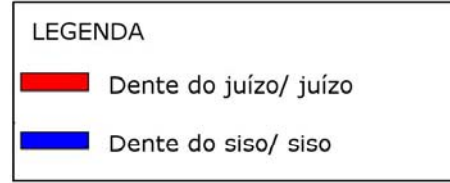
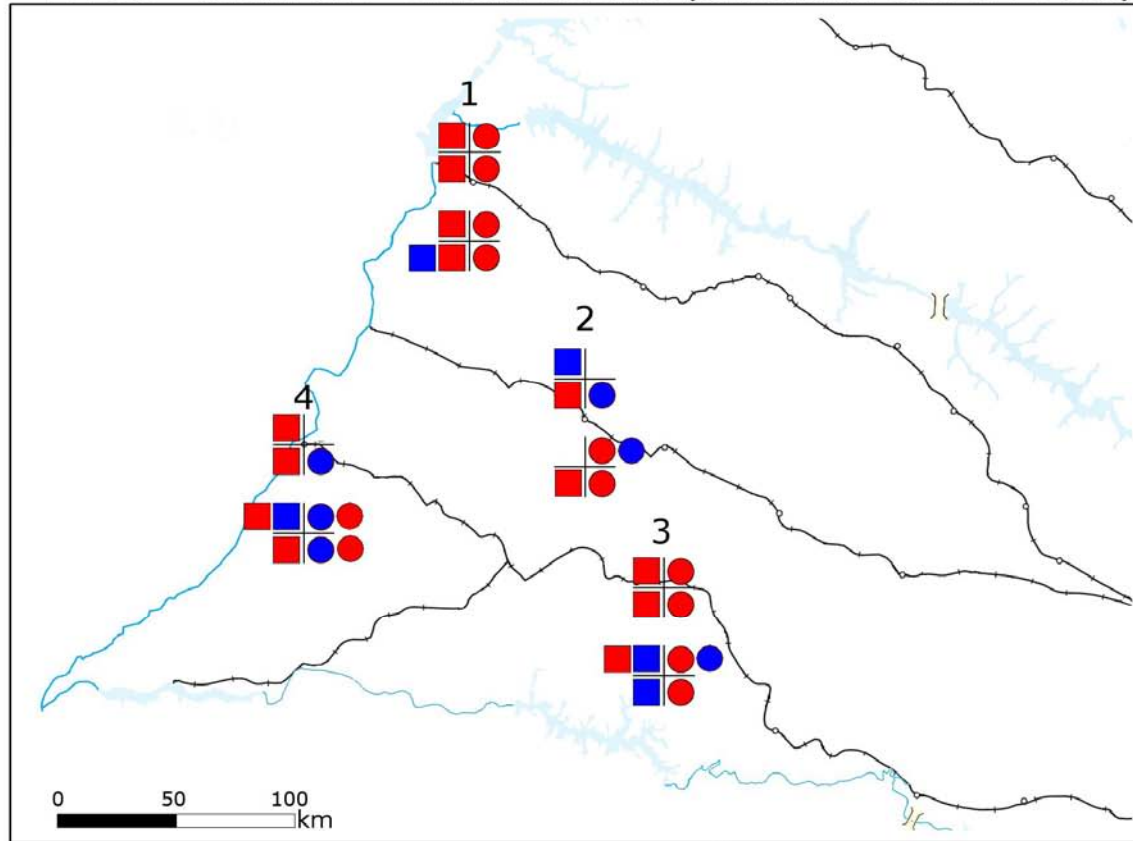
004-5 INF.- Aqui a gente fala... é o siso. INF.- o den' (=dente) do juízo.



INQ.- Sabe por que que falam dente do juízo. INF.- É porque geralmente nasce na fase adulta né. Dá uma mão-de-obra ali.
004-7 INF.- O famoso den' do juízo.

- **Ocorrências Únicas:** 003-5 Terceiro molar; 004-2 Dente Queiro.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-2;

ALTOSP - CARTA 042 - DENTES DO SISO (Coincidente com: APFB-055)



CONVENÇÕES:

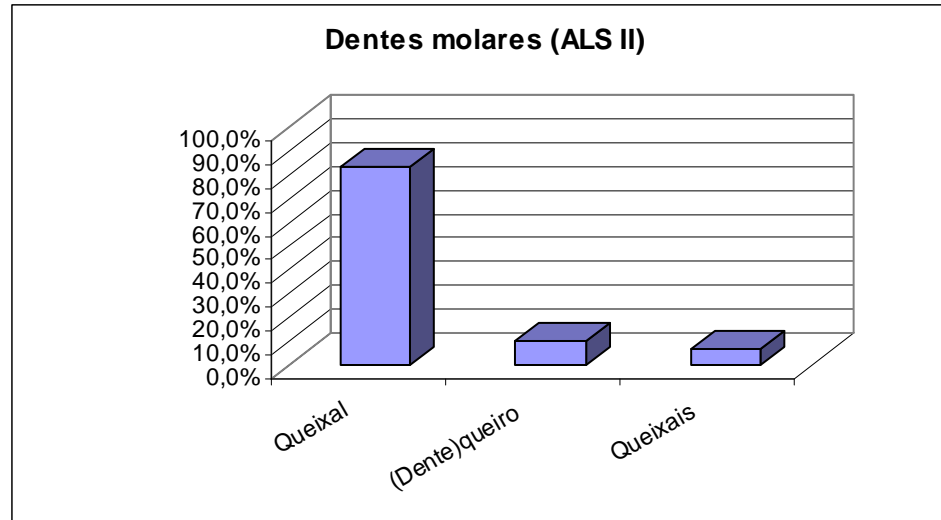
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 042

Como se chama aqui os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?



ALTOSP – CARTA 043

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-3 INQ.- Às vezes quando tá doendo, aí você vai no dentista, você fala que tá doendo qual? INF.- Se é o último eu falo que é o den'do juízo, se é o penúltimo, fala que é o penúltimo dente, a gente chama.

001-5 INQ.- Está doendo um dente seu, lá, vizinho do juízo, você vai no dentista, como é que você fala pro dentista? INF.- Eu falo que tá doendo um dente lá no fundo. e indico pra ele mais ou menos pra ele onde é.

001-6 INQ.- Se está doendo você vai no dentista, Cleonice, como é que você fala pra ele que está doendo? INF.- Doutor, meu dente tá doendo...eh lá no fundo . Aí mostra assim.

001-8 A propósito da retomada: Dente chato

002-4 Ai uns fala o dente chato né?

003-2 CIRC 2.- Nós trata por dente chato. INF.- Dente chato.

003-3 INF.- As presa. INQ.- Mas presas...esses grandes aqui ou é da frente? INF.- É os grandes.

003-4 INF.- Ai minha mãe falava: “Ai tá nasceno, né, os dente queixa” ((corte na gravação)) tá doeno que fala, né, que incha muito, tem uns quadradão, né?

003-5 Eu chamo ele de molar. Segundo molar. É o segundo molar.

004-3 INQ.- Faz de conta que tá doendo, o senhor vai no dentista, o senhor

fala que tá doendo qual? INF.- Os do fundo.

004-6 Quando tá doendo, você vai no dentista e fala: “Olha, tá doendo...” Como que você fala para o dentista? INF.- O dente lá atrás. Eu num sei o nome.

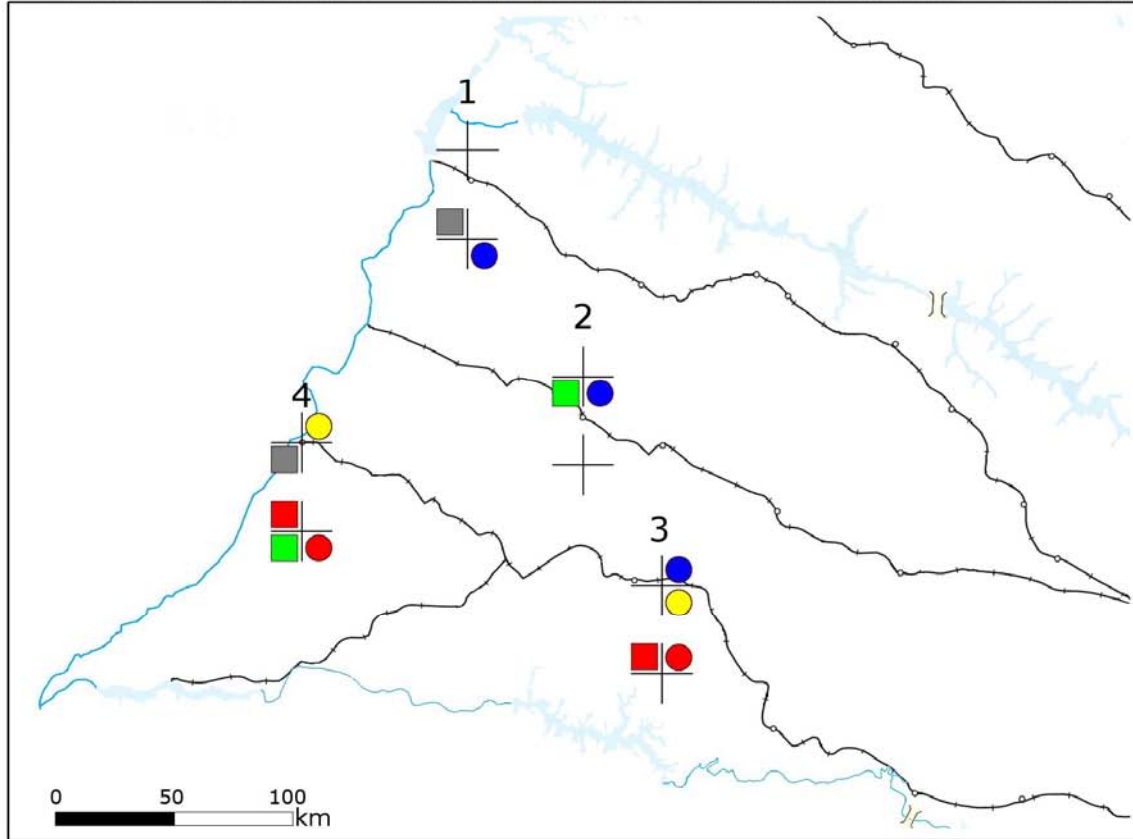
004-7 INF.- Maxilar? Tem o superior e o maxilar inferior.

004-8 INF.- Molar? Molar né? Molar.

- **Ocorrências Únicas:** 003-3 Presa; 004-3 Os dentes lá atrás; 001-3 Penúltimo dente.
- **Questão Não Formulada:** 002-5

- **Resposta não obtida:** 001-1; 001-2; 001-4; 001-6; 001-7; 002-1; 002-2; 002-6; 002-7; 002-8; 003-1; 003-7; 003-8; 004-1; 004-4

ALTOSP - CARTA 043 - DENTES MOLARES (Coincidente com: ALS II-042)



LEGENDA

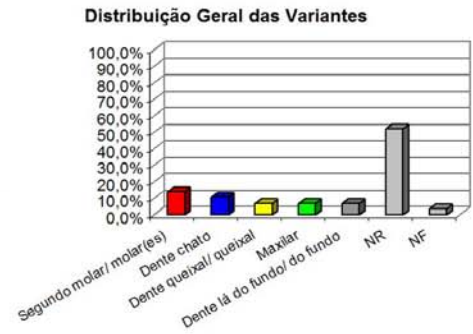
- Segundo molar/ molar(es)
- Dente chato
- Dente queixal/ queixal
- Maxilar
- Dente lá do fundo/ do fundo

CONVENÇÕES:

	Inf. 1 Inf. 2	
HOMEM: □	Inf. 3 Inf. 4	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 043

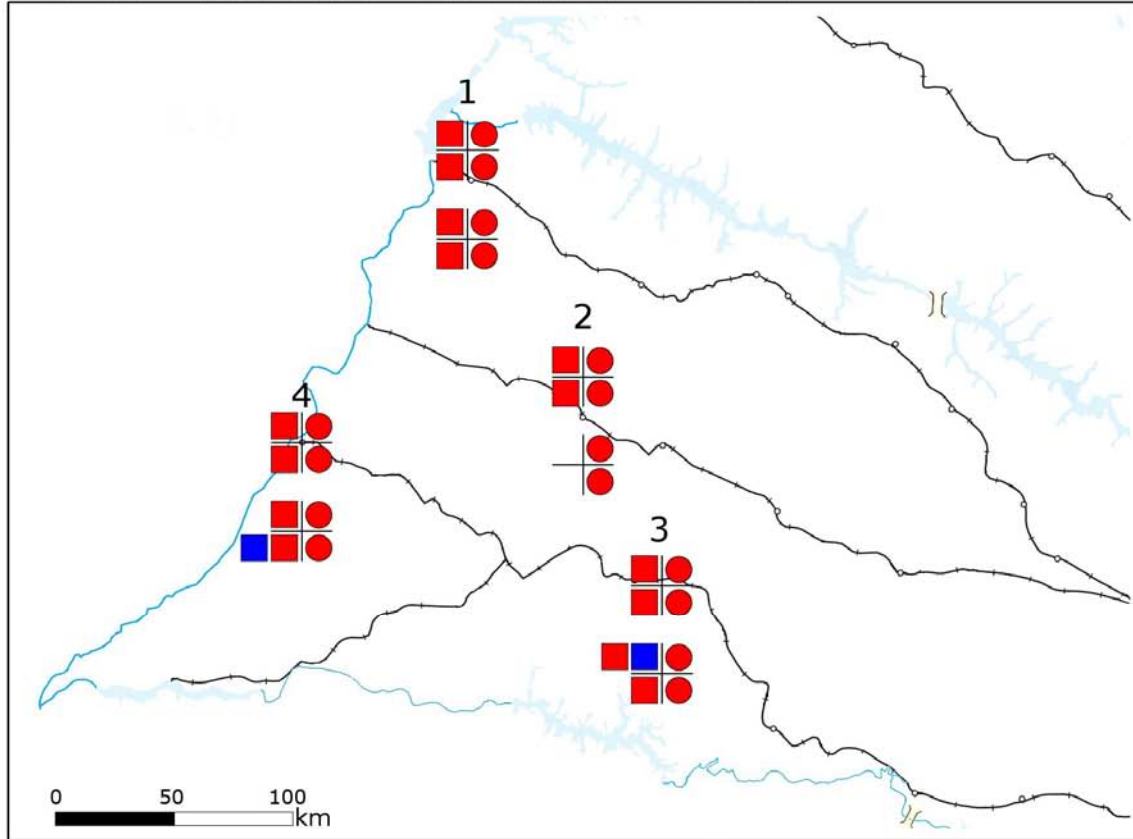
Como se chama aqui esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos (item 42)?



ALTOSP – CARTA 044

- **Ocorrências Únicas:** 004-7 Boca- murcha
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-7

ALTOSP - CARTA 044 - DESDENTADO/ BANGUELA



LEGENDA

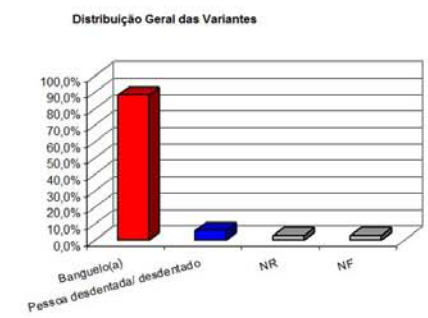
- Banguelo(a)
- Pessoa desdentada/ desdentado

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 044

Como se chama aqui a pessoa que não tem dentes?



ALTOSP – CARTA 045

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

002-3 INF.- Vumitar, né. Gumitar, vumitar. Num sei o português correto.

003-5 INF.- ... Ah, sei lá, eh... é vomitar né, que fala. E, eu, eu também já, já usei a palavra regu... é regugitar, num sei, é uma coisa assim.

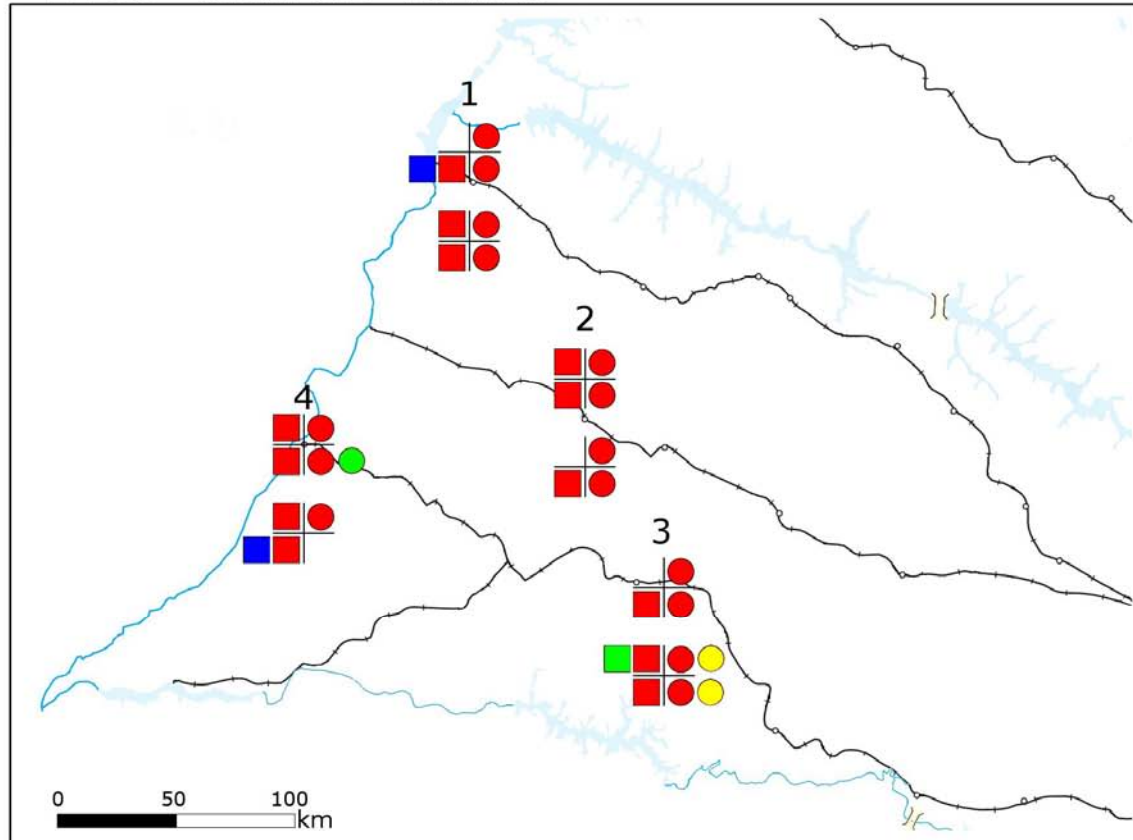
003-8 INF.- A gente ouve muito aqui, o pessoal fala “golpar”.

004-1 INF.- Vumitá ou gumitá? Bom o pessoal fala que é imbuiá né, lá na Bahia. Imbuiá. “Rapaiz”, cara ali fala: rapaiz o home tá imbuiano a (goiaba?)”

004-7 INF.- Tem outro nome também, é um nome popular. Num sei se é enguiá, anguiar, parece que fala enguiar, tá enguiano, tá vumitano (risos), esse é nome mais popular assim, mas tem outro nome também além do vomitar. Por pra fora, essas coisa assim. Popularmente é chamada o juca, essa é uma credice popular, né, alguém olha assim: “Oh, tá chamamo o juca ali”.

- **Ocorrências Únicas:** 004-1 Embuiar. 004-7 Enguiar e Pôr para fora.
- **Questão Não Formulada:** 001-1; 002-5
- **Resposta não obtida:** 003-1004-8

ALTOSP - CARTA 045 - VOMITAR

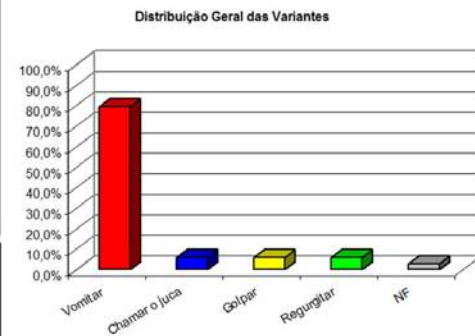


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 045

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr / botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?



ALTOSP – CARTA 046

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-5 INF.- Pessoal fala gargalo né, uns fala que pedaço de maçã... mas é mais gar(?=gargalo)

001-6 ((A propósito da Retomada: INQ.- Já ouviu falar em caroço de adão, gogó? INF.- Gogó já.))

002-6 INF.- Bom, aqui chama gargalo, já ouvi falar gargalo

002-8 INF.- Gogó. O que aprendi, mas não é esse o nome correto.

003-2 INF.- O gar, gar(?=gargalo), gogó?

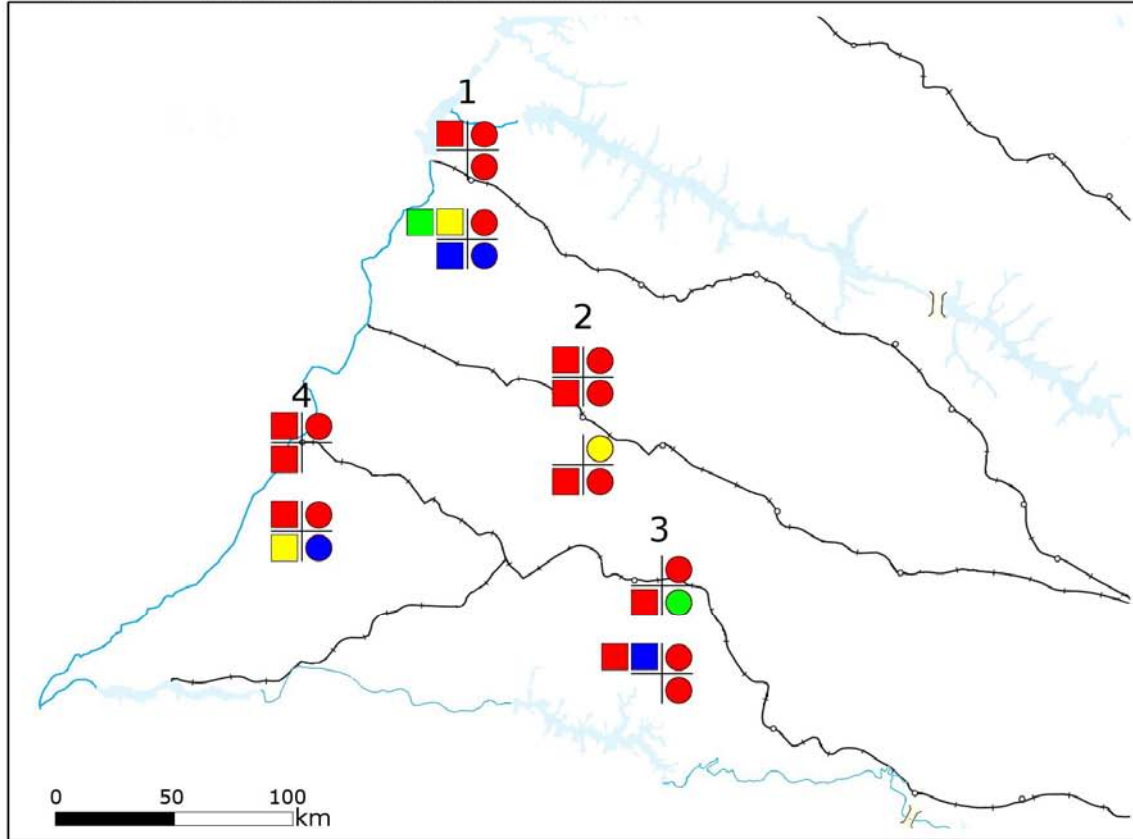
003-3 INF.- Eles trata de gogó.

003-4 INF.- Eles fala que é a maçã que ele num conseguiu ingulí. (risos)
Num sei se é verdade, né, que eles fala. INQ.- Fala que Adão... INF.- É o Adão tentô ingulí a maçã, quebro né... e num conseguiu ingulí a maçã. (risos)

004-2 ((A propósito da Retomada: INQ.- Aqui não chama de gogó? INF.- Ah é... o gogó dele tá grande, cresceu, (risos) tá falano grosso.))

- **Ocorrências Únicas:** 001-6 Traquéia
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-3; 003-1 e 7; 004-4

ALTOSP - CARTA 046 - POMO-DE-ADÃO

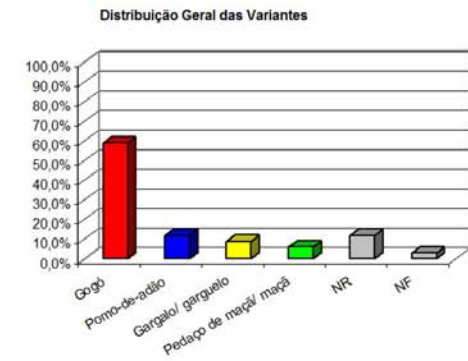


CONVENÇÕES:

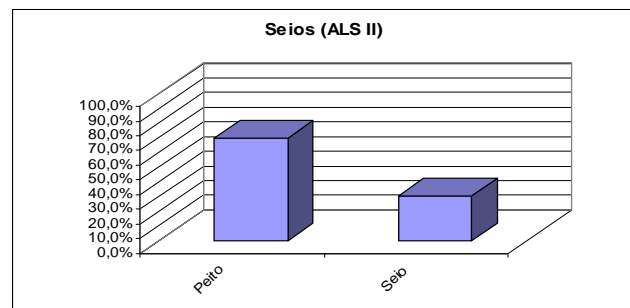
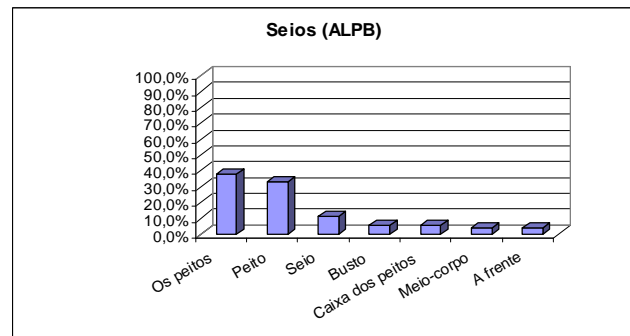
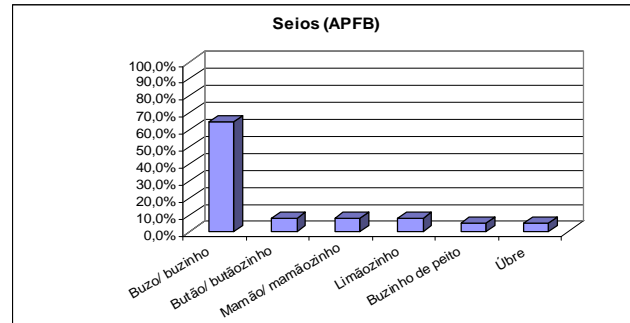
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 046

Como se chama aqui esta parte alta do pescoço do homem?



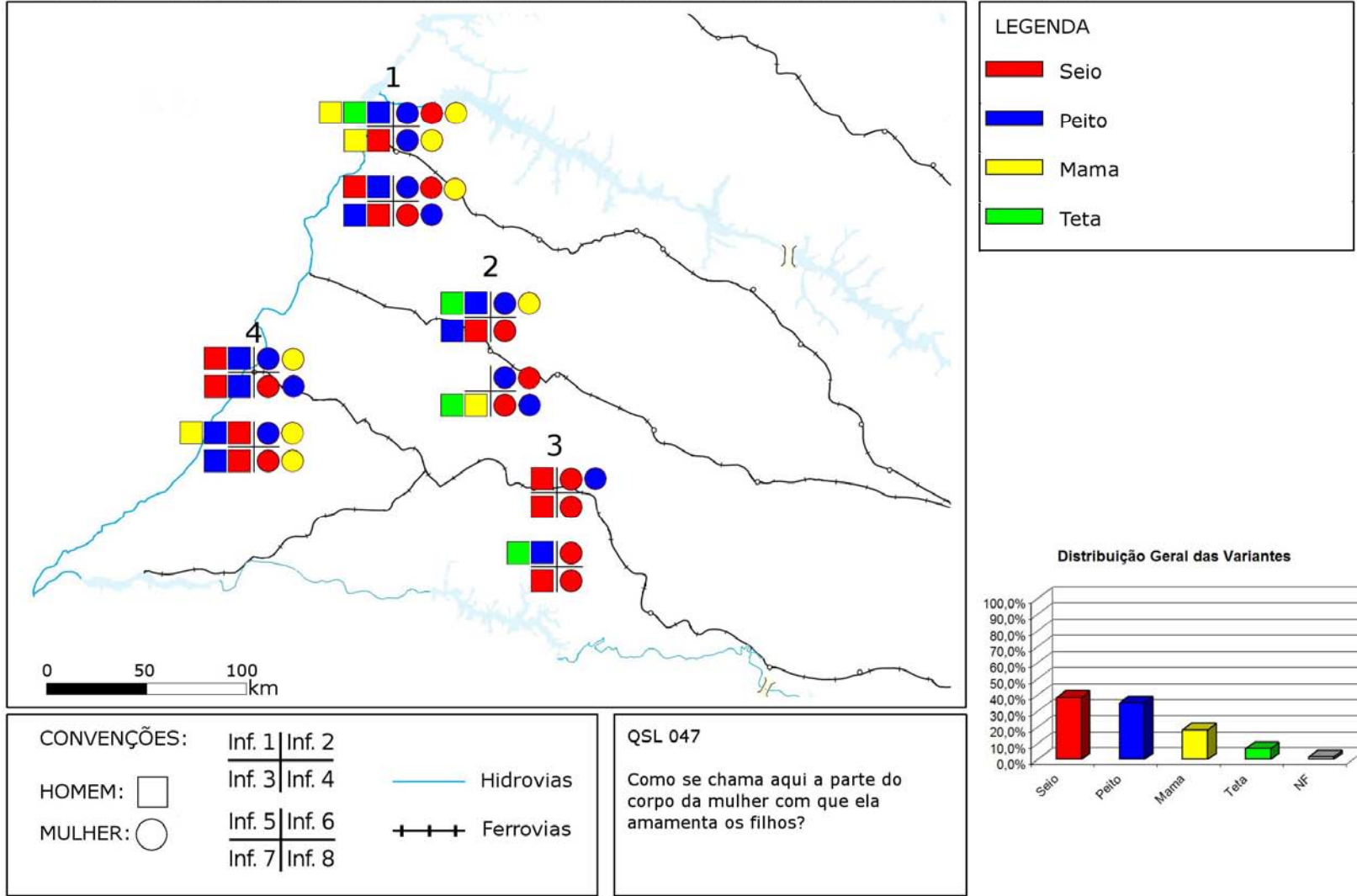
ALTOSP – CARTA 047

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

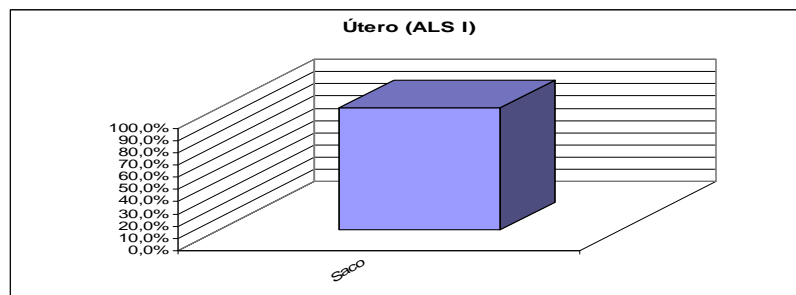
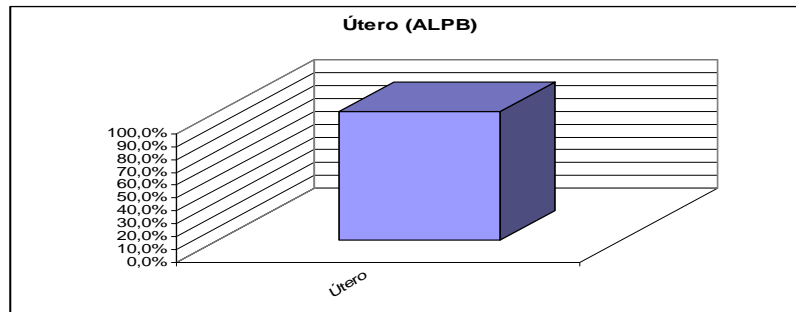
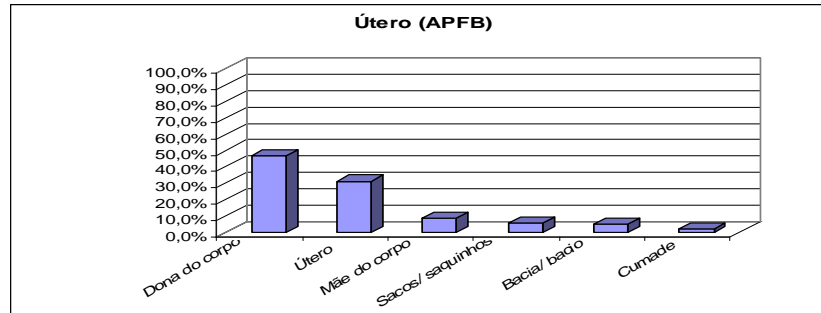
003-5 INQ.- Tem algum outro nome? INF.- Ah, eu acho não muito... assim, não muito... acho um pouco vulgar né. Teta, alguma coisa assim (risos).

• **Questão Não Formulada: 002-5**

ALTOSP - CARTA 047 - SEIOS (Coincidente com: APFB-059; ALPB-049; ALS II-09)



ALTOSP – CARTA 048

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-2 INQ.- Conhece por outro nome? Sua mãe e sua vó... INF.- Ixi, minha mãe e minha vó nem falava em filho, fia. Sabe o que minha mãe falava? Que filho... eu tinha deiz ano, que o nenêm ia vim pela cegonha, não, pelo avião. Aí o avião passava, e falava: “Aí avião traz um nenêm pra mim”, cê vê, cê vai tirano. Minha mãe num fala muito essas... INQ.- Ela nunca falou em mãe-do-corpo? INF.- Já. Não da criança, ela fala assim que mãe-do-corpo é uma doença, né. INQ.- Mas o que dá? INF.- Diz que é um bolo que dá, acho que era cisto que dá hoje, que diz que mexe igual muié, eles falava mãe-do-corpo, minha vó e minha mãe falava muito.

001-3 INQ.- E os mais antigos, falavam qual? INF.- Eles falava ventre.

001-7 INQ.- Chamam de outro nome? INF.- Comum é falá que tá na barriga, né, bem popular, né.

001-8 INQ.- Sua mãe não chama de outra coisa? INF.- Já vi minha mãe falá

assim: no ventre da mulher, já vi minha mãe falá muito esse termo. É o ventre, né, que eles costumam falar, é o ventre, a barriga. Útero.

002-1 INQ.- Algum nome que tua mãe falava? INF.- A minha mãe falava... o bucho.

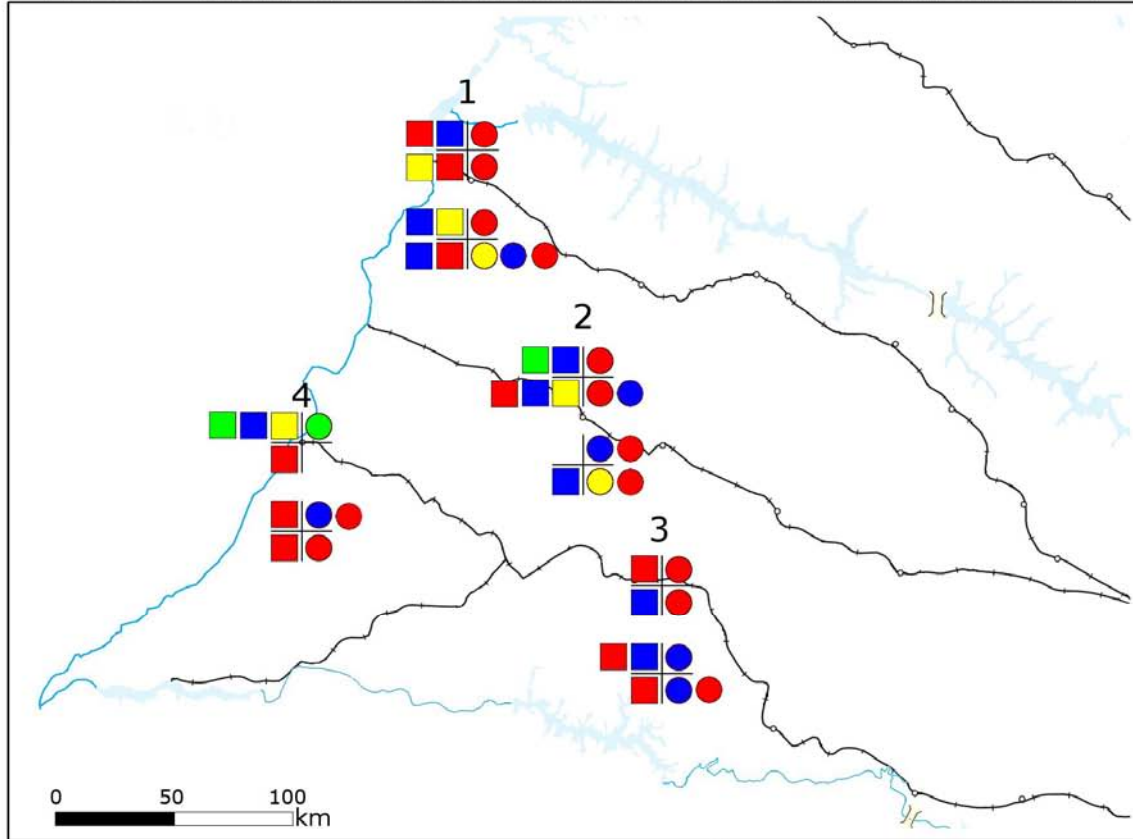
002-4 INQ.- Você já ouviu algum outro nome mais antigo, mais comum assim, que as pessoas falavam... INF.- Ai antigamente falava assim, falava barriga, né, não falava assim.

003-5 INF.- É a... interno ou... externo? A barriga ou... útero.

004-2 INF.- Antigamente o povo falava tá no bucho.

- **Ocorrências Únicas:** 003-2 Ovários; 004-4 Placenta.
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 048 - ÚTERO (Coincidente com: APFB-61; ALPB-57)

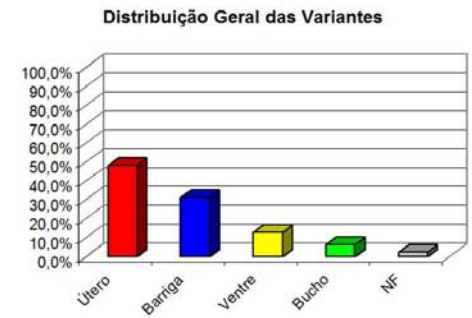


CONVENÇÕES:

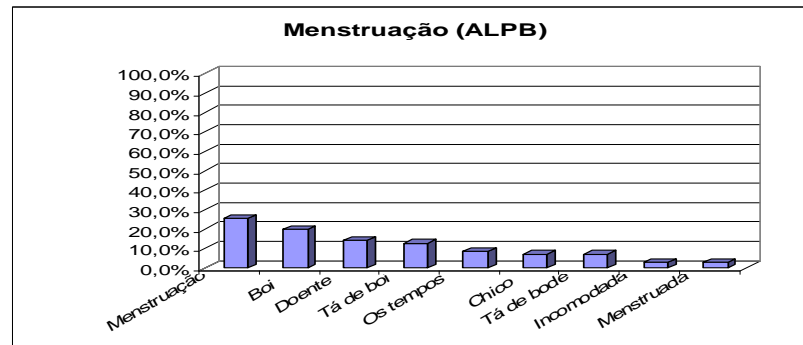
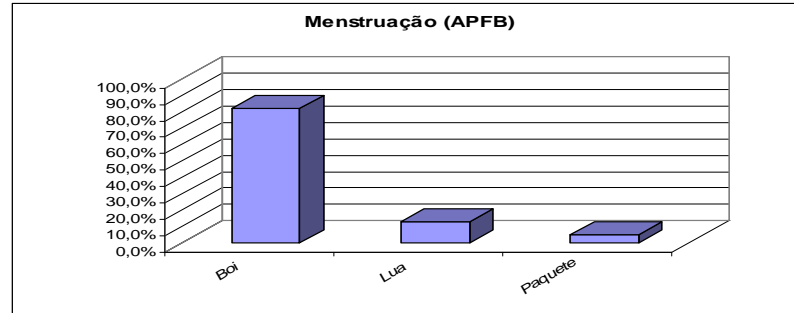
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 048

Como se chama aqui parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?



ALTOSP – CARTA 049

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-1 CIRC.1- O seu pai falava chico. INF.- Que a muié tava de Chico. INF.- Tinha um amigo meu que falava que a irmã dele baxô. A irmã dele: “Ah, a minha irmã eh... baxô pra ela hoje”.

001-3 INQ.- E um nome mais comum, tem aqui? INF.- Ah, uns fala paqueta, tá com paqueta. INQ.- Aqui fala assim também? INF.- Paquete, não... no tempo dos antigo falava paqueta, né, hoje não. Hoje as coisa tá bem morderna, num tá. Antigamente, os home praticamente num sabia dessas coisa. Hoje é federal, né, quando a muié tá mei’ nervosa, já fala: “Hoje cê tá”, né, já sabe dizeno, então fala isso aí.

001-7 INQ.- Tem um nome mais comum? INF.- Oh, eu vô falá o que os homens sempre falam: mulher tá de paqueta. INQ.- Aqui fala? INF.- Fala. Moço, os moço comentava: a mulher tá de paqueta. É um termo assim... num sei se as mulheres... usavam esses termos também. INF.- Eu sei até de Portugal, tá! INQ.- Oi? INF.- Lá em Portugal eu também sei quando a mulher tá assim. INQ.- Como é que é? INF.- Estais de período.

002-2 INF.- Ah, geralmente fala: “ah, choveu pra você?”

002-4 INQ.- E você já ouviu algum outro nome assim, que às vezes fala entre as amigas ou o pessoal mais antigo falava... INF.- Ai como que a minha mãe falava... ai tinha pessoas que falava

chico. (risos) INQ.- Chico ainda fala aqui?

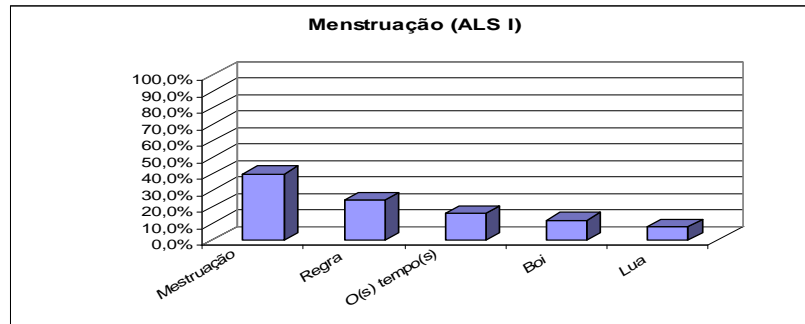
INF.- Não, a gente não se ove mais falá isso. INQ.- (inint) antigo? INF.- É as pessoa mais antiga, né.

003-4 INQ.- Você já ouviu sua mãe falar um nome mais antigo? INF.- Chico, falava paqueta. INQ.- Ah é? INF.- “Ai fulano tá c’um paqueta.” Mas isso é os mais, bem mais antigo (inint) uma vez eu fui passia por lá eu ouvi. Mas pra nós aqui é mestruação mesmo.

003-5 INQ.- E você já ouviu chamarem de outro nome assim? Às vezes as meninas entre elas (inint.) pra tentar esconder dos meninos. INF.- Ah, já, eu escutei já várias coisas. “Tá de chico... vamo’ vê... ah, vamos vê o que mais... Óh, eu já escutei algumas outras assim só que... num...”

003-8 INQ.- Você já ouviu outro nome mais comum? Que os antigos falam, assim...que as pessoas mais antigas... INF.- Incômodo, não sei como é que eles falavam, né. Tem alguma coisa.

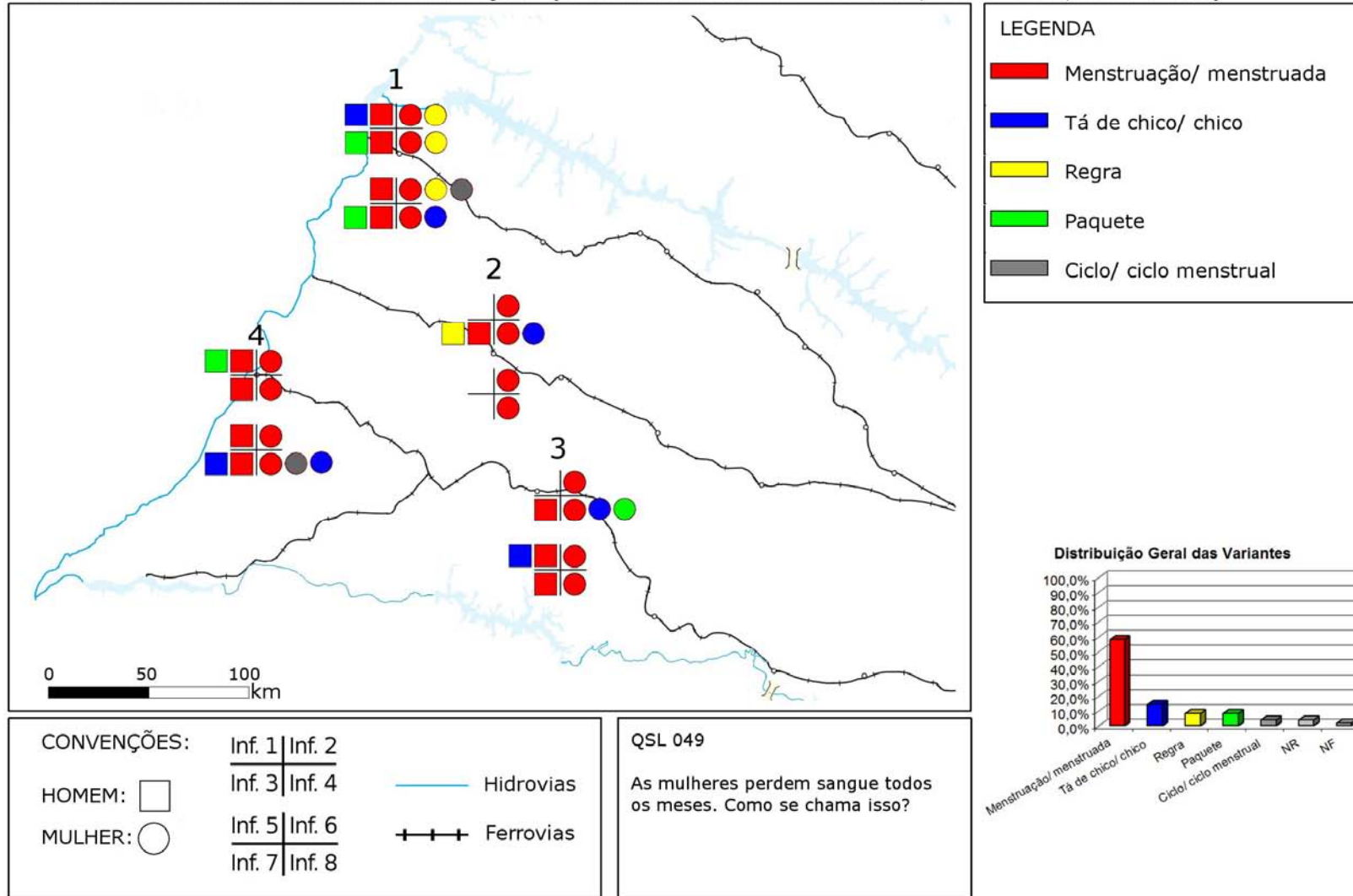
004-1 INF.- Aqui nós falava paqueta, porque uma vez quando a minha vó veio lá da Bahia... inclusive eu fiquei até sem graça porque aqui na época, aqui no, no... os bote lá na Bahia chamava paqueta e aqui tinha um pessoal que tinha uns bote aqui no, na, no Damasceno no rio, agora como encheu acabou. E tinha os botero, aí quando minha vó (inint) “eh meu filho me leva lá que eu quero dá uma volta de paqueta.” Falô po rapaiz: Oh moço quanto é que tá pá dá uma volta de paqueta? O cara falô: paqueta? Aí falô assim: não, mas paqueta é o barco, barco num



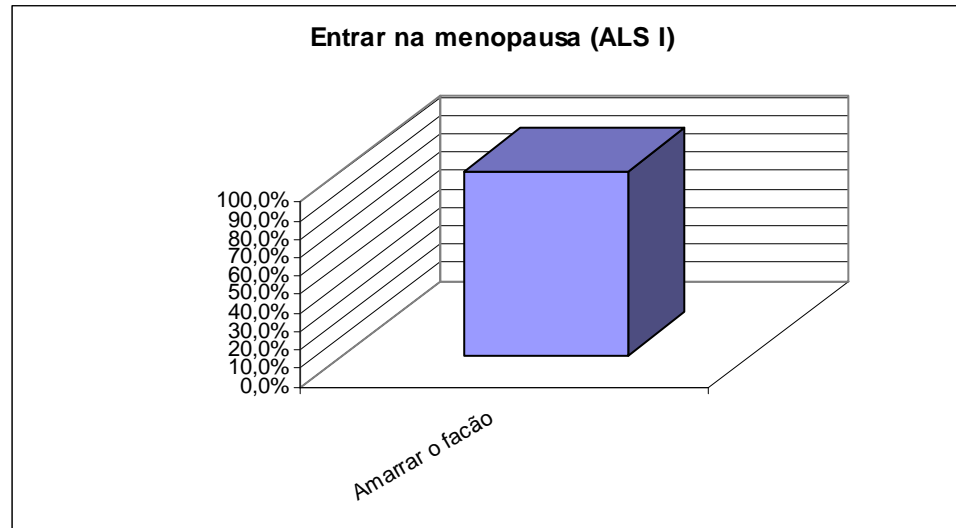
sei o quê. Não vó nós tem aqui pacote por outra coisa, né. Pacote é uma (inint). Porque lá na Bahia chama os bote, as barco de pacote. INQ.- Mas hoje em dia ainda fala, Florismar? INF.- Agora num se fala mais não porque muita gente lá no, do, do norte lá de Remanço, eles viero muito p'os interior, né, po estado de São Paulo, aí já é uma palavra mais... certa daqui pra lá. Então, quase num usa muito mais. Só os antigo lá que usa muito elas palavra.

- **Ocorrências Únicas:** 001-1 Baixou; 001-8 Bandeira vermelha; 001-7 Estais de período; 002-2 Choveu; 003-1 Estou naqueles dias; 003-8 Incômodo.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1;002-7.

ALTOSP - CARTA 049 - MENSTRUÇÃO (Coincidente com: APFB-087; ALPB-094; ALS I-092)



ALTOSP – CARTA 050

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

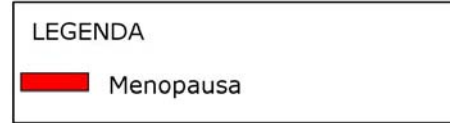
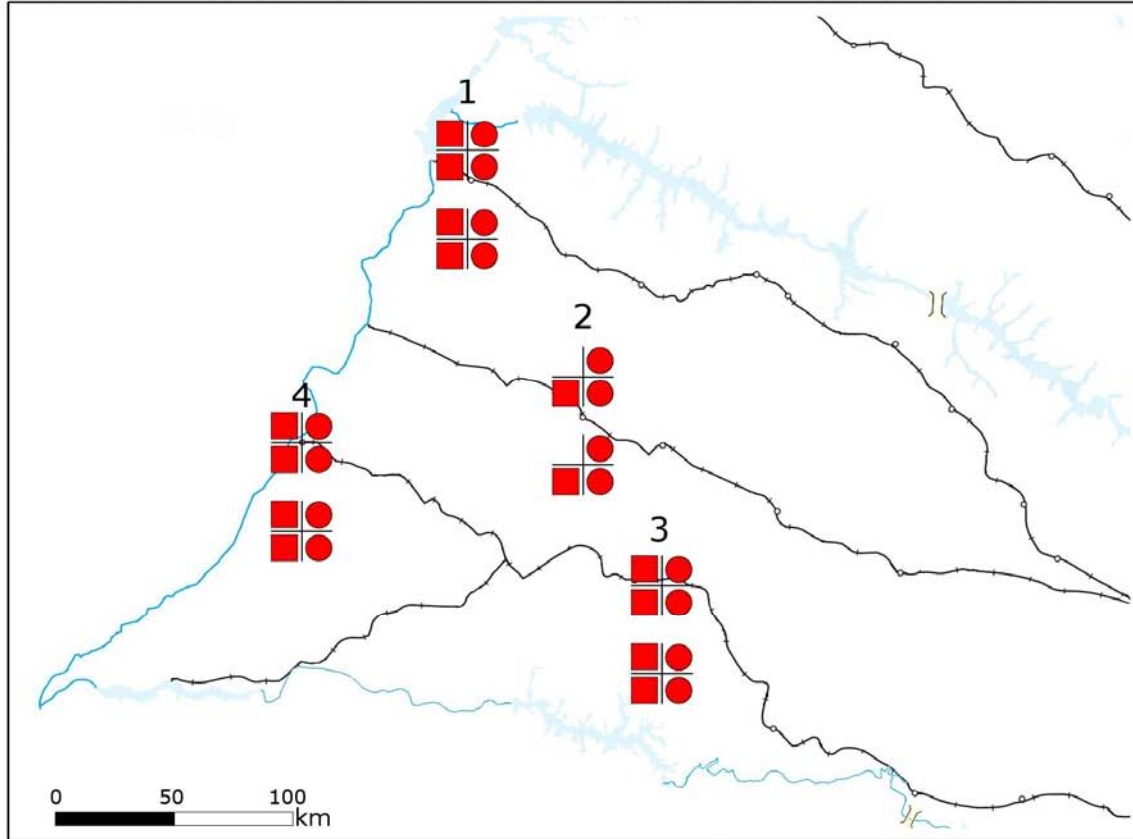
001-1 CIRC. 1- Entrô na... INF.- Menopausa.

004-1 INF.- Na menopausa, né?

004-2 INF.- Tá na menopausa, né?

- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1

ALTOSP - CARTA 050 - MENOPAUSA (Coincidente com: ALS I-096)

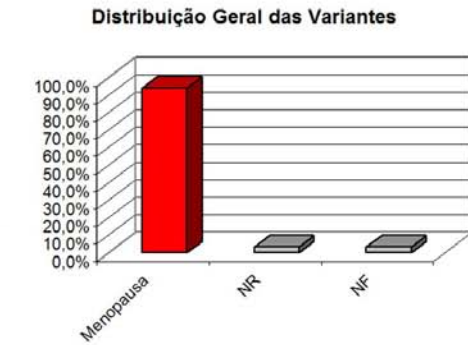


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 050

Numa certa idade acaba o/ a (item 049). Quando isso acontece, se diz que a mulher...



ALTOSP – CARTA 051

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

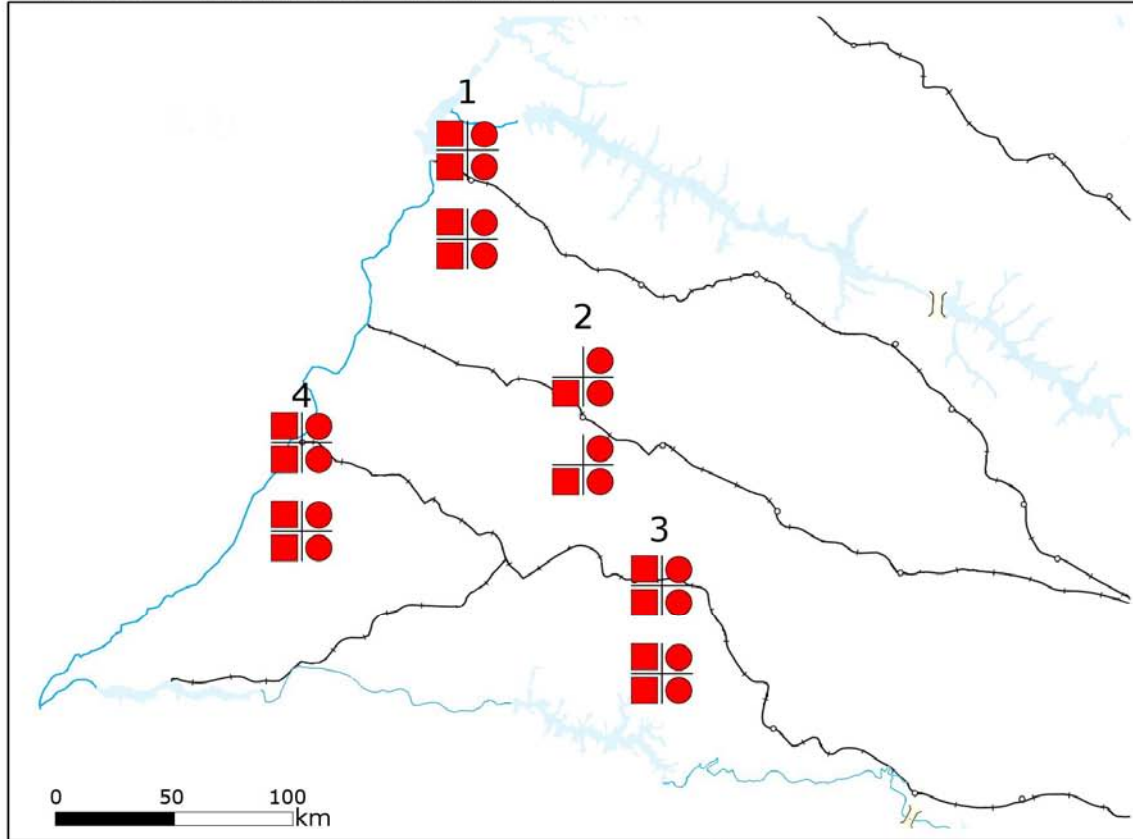
001-8 INF.- Antigamente chamava de partera.

002-8 INF.- Eu conheci como partera. Desde muitos, antigamente as que não eram enfermeira, né, padronizada, estudada, era partera.

003-1 INF.- Eh... antigamente era partera, agora... (risos).

- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1

ALTOSP - CARTA 051 - PARTEIRA

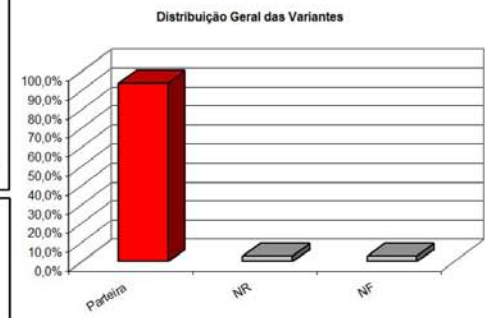


CONVENÇÕES:

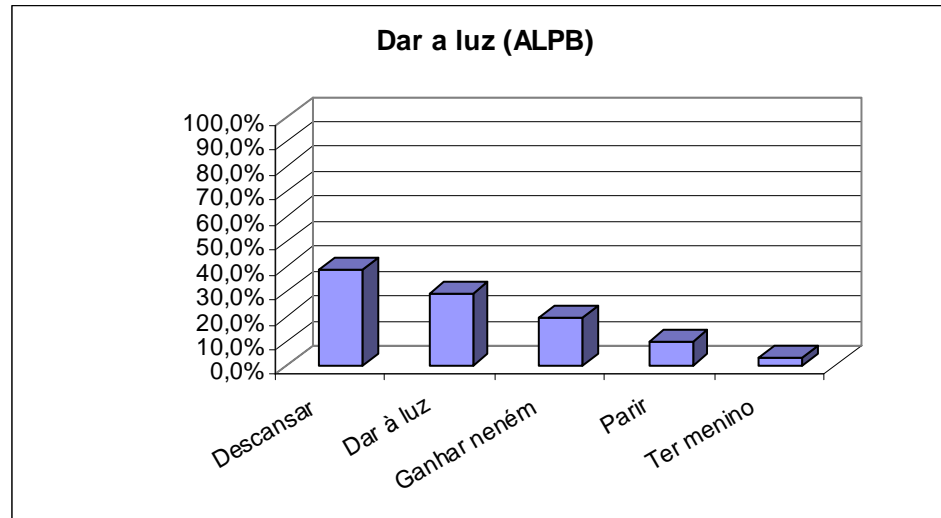
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 051

Como se chama aqui a mulher que ajuda a criança a nascer?



ALTOSP – CARTA 052

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região NordesteContexto frasal e comentários relevantes

001-5 INQ.- Tem outra maneira de dizer? INF.- Pessoal fala que é criá, né (rindo). “Fulana tá criano.”

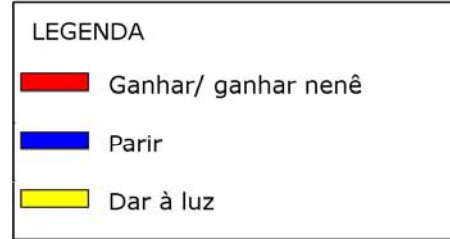
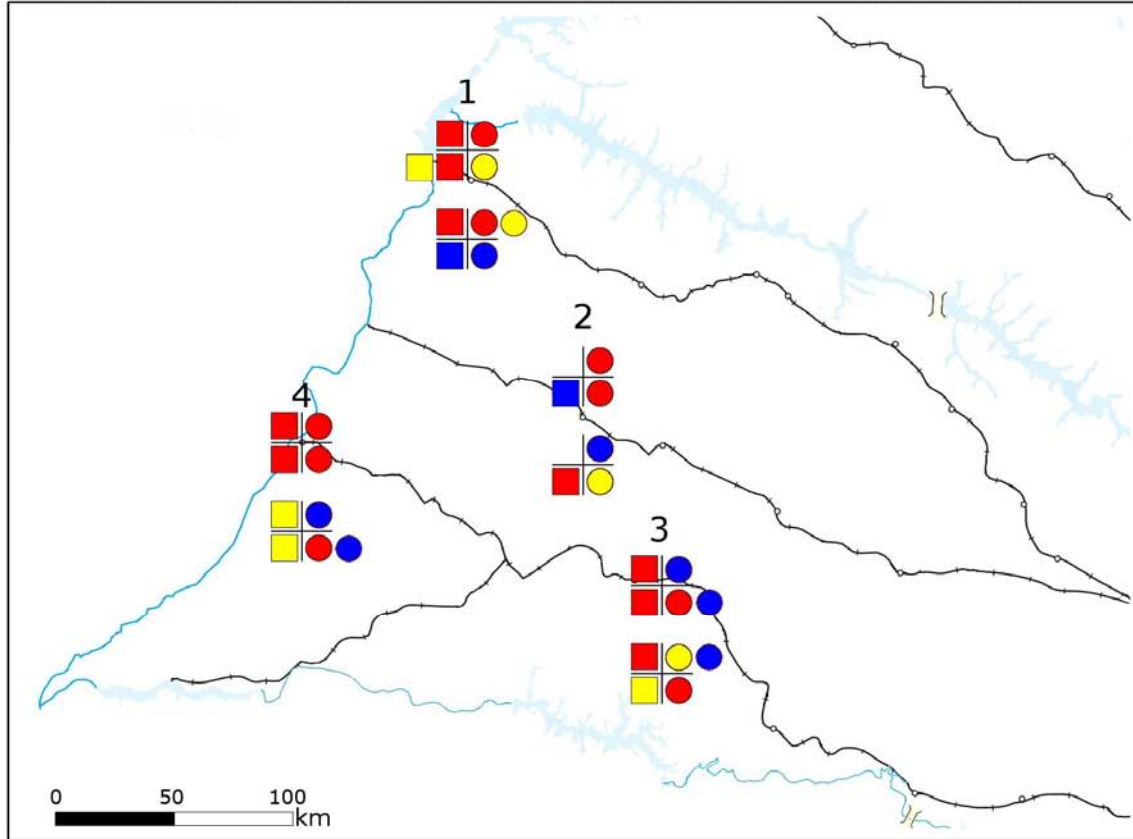
003-4 INQ.- Já ouviu outro nome pra ganhá nenem? Fala: Ai, fulana vai...

INF.- Ai eles falava vai pari né? Tá pa pari, né? Mas é muito a gente, hoje em dia a gente ove muito falá mais quando é animal, né? Que a gente fala. Mas antigamente era, “fulano tá pa pari”, né? Tá perto, né?

004-8 INF.- Pra parí. Parí é bicho, num é?

- **Ocorrências Únicas:** 001-5 Criar; 004-1 Ganhar a luz.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1

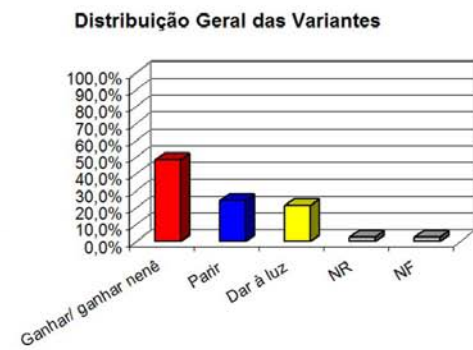
ALTOSP - CARTA 052 - DAR À LUZ (Coincidente com: ALPB-096)



CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 052
 Chama-se a (item 051) quando a mulher está para...



ALTOSP – CARTA 053

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

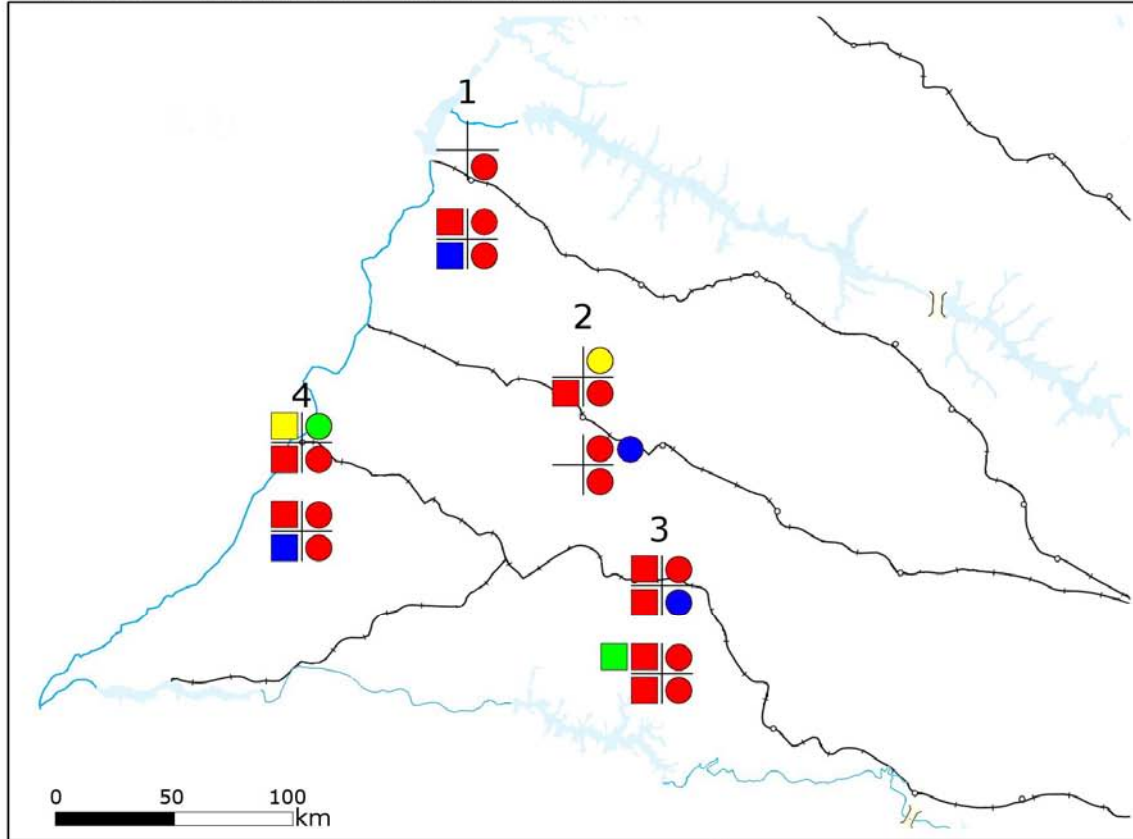
001-6 INF.- Ela mãe-de... geralmente acontecia no tempo da escravidão, né, mãe-de-mama.

002-2 INF.- Bom, geralmente essa, essa mulher que mamenta a outra criança, geralmente a mulher que amamentô ele, de mãe, aí passa a chamá a verdadeira mãe dele de mãe e que amamentô também de mãe.

002-4 INQ.- É comum aqui? INF.- É num se fala assim muito assim, né? Mais... quando eu era criança eu me lembro muito que falava né, mãe-de-leite, tinha que tê aquele respeito, né?

- **Ocorrências Únicas:** 001-1 Segunda-mãe. 001-2 Madrinha de Peito. 001-6 Mãe de mama
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-3; 002-1 e 7;

ALTOSP - CARTA 053 - AMA-DE-LEITE

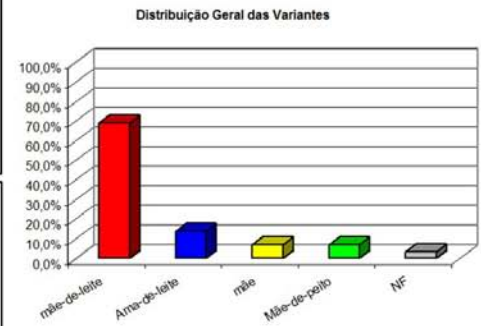


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 053

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?



ALTOSP – CARTA 054

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

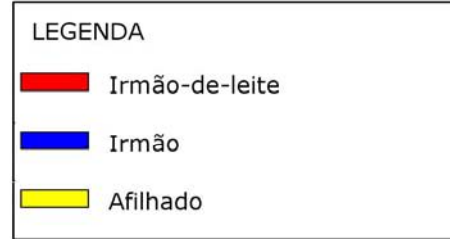
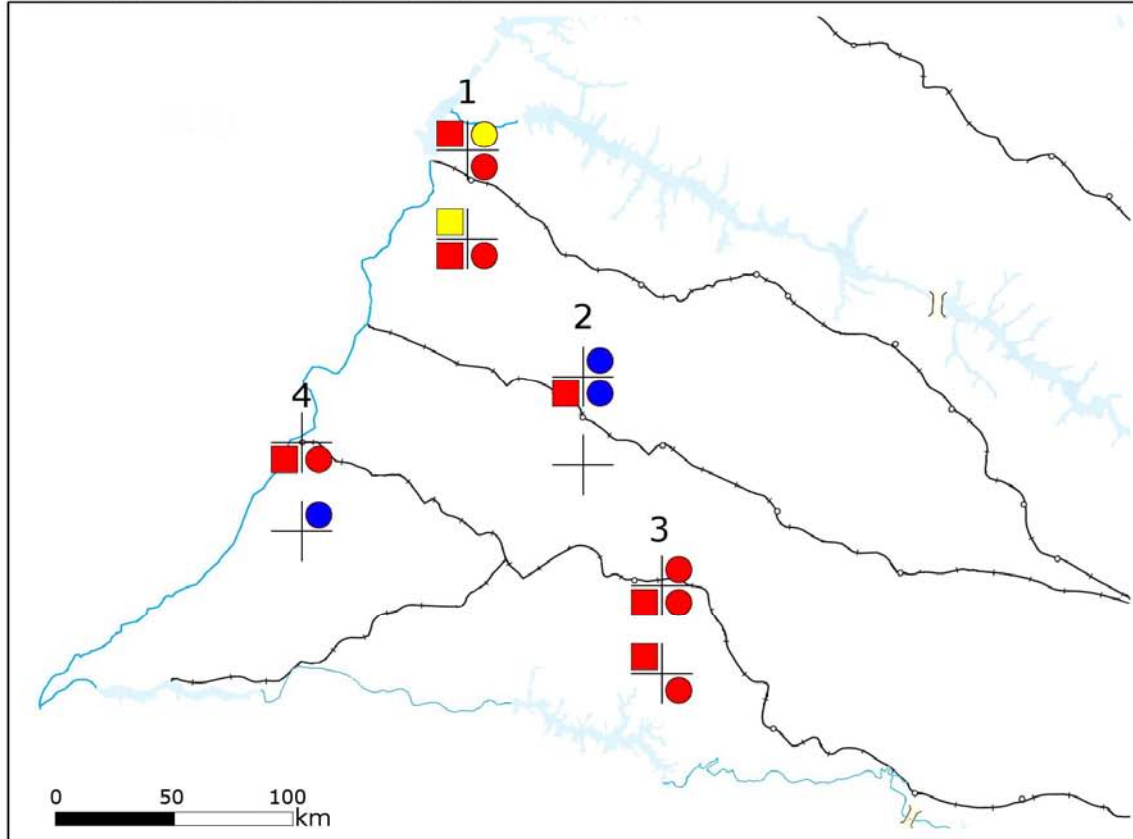
003-5 INF.- Irmãos assim de, de... de leite, de peito, eu num sei, eu tô assim, acreditando que seja isso né.

004-3 INF.- ... Ah, aí acho... no nosso tempo já aconteceu muito isso, (inint.) a gente... que a gente tem aquela consideração como se fosse irmão né.

INQ.- Ah, é? INF.- É, ué. A gente tinha, tem a consideração, considera ele é irmão-de-leite né, entendeu, os dois mamava tudo num peito só.

- **Ocorrências Únicas:** 003-5 Irmão-de-peito
- **Questão Não Formulada:** 002-5 e 004-1
- **Resposta não obtida:** 001-3 e 6; 002-1,6,7 e 8; 003-16, e 7; 004-2,7 e 8

ALTOSP - CARTA 054 - IRMÃO-DE-LEITE

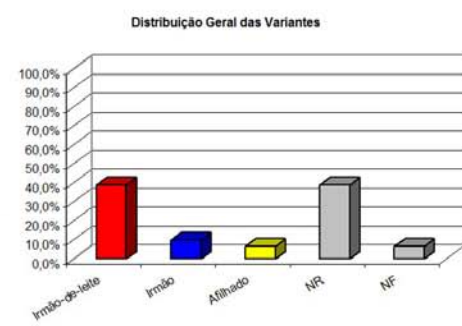


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 054

O próprio filho da (item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?



ALTOSP – CARTA 055

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

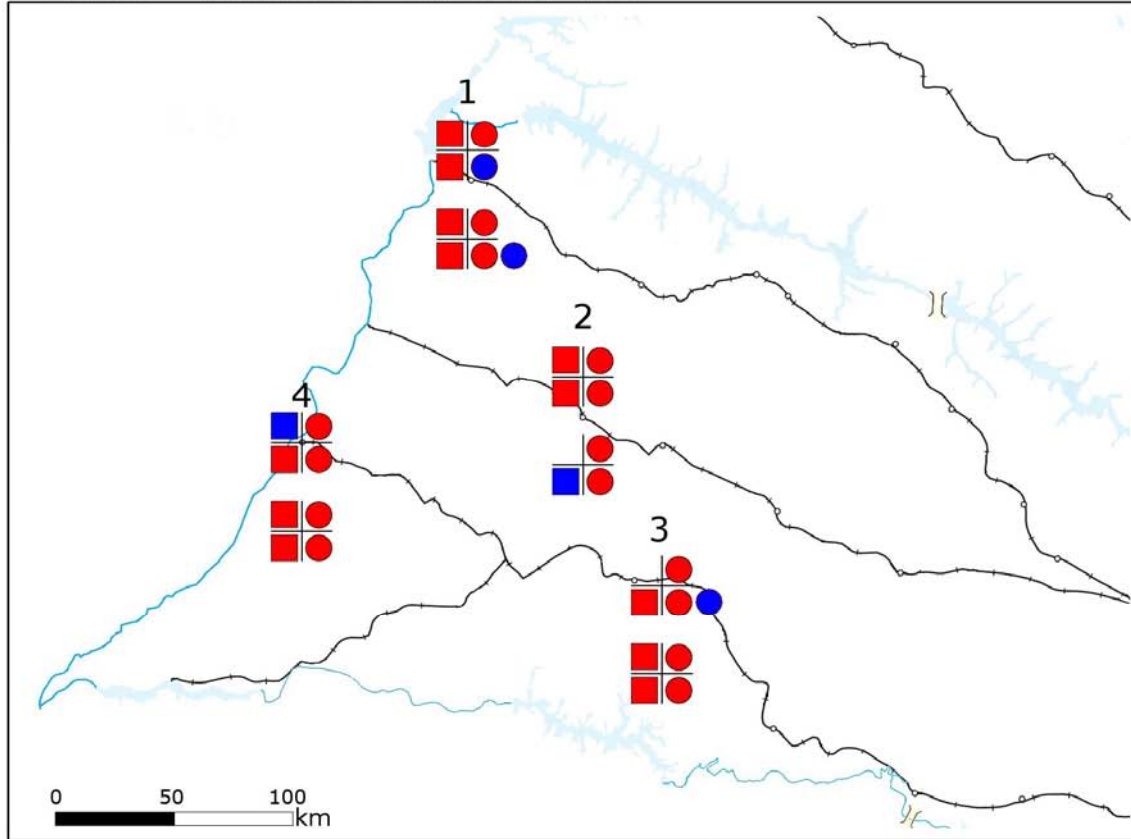
002-8 INQ.- Quem fala filho do coração? INF.- As pessoas mais esclarecidas, né, que têm conhecimentos de dificuldade, adolescência, revolta da criança, então desde de pequeninho, já conta, já fala “você não é o filho da barriga”, né, você é o filho de coração, você nasceu de outra barriga, mas a mãe pegô você e você é do coração.

003-4 INF.- Otro nome assim que... as pessoas fala pra disfazê, né, que chama de bastardo, né? Já é disfazeno, né?

004-7 INQ.- Já ouviu outro nome pra adotivo? INF.- Adotivo... Deve tê sim nome popular, mas o nome comum que eles chama aqui é adotivo, filho adotado. Também no nordeste chamado... já é oto nome já, num sei se cabe, mas é o filho injetado, injetado dos pais, muitas veiz é criado por otros.

- **Ocorrências Únicas:** 002-1 Filho verdadeiro; 002-8 Filho do coração; 003-4 Bastardo
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 003-1

ALTOSP - CARTA 055 - FILHO ADOTIVO



LEGENDA

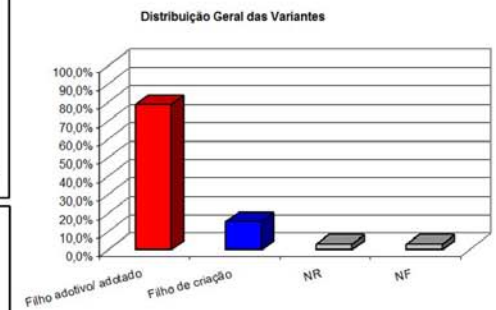
- Filho adotivo/ adotado
- Filho de criação

CONVENÇÕES:

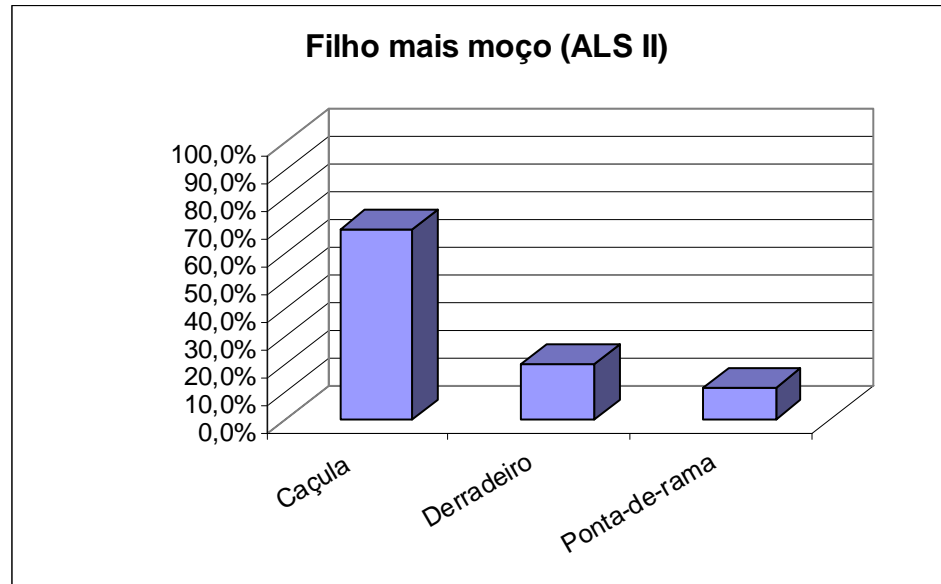
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 055

Como se chama aqui a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?



ALTOSP – CARTA 056

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

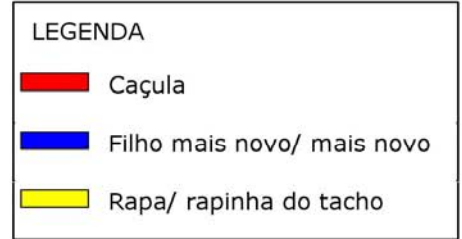
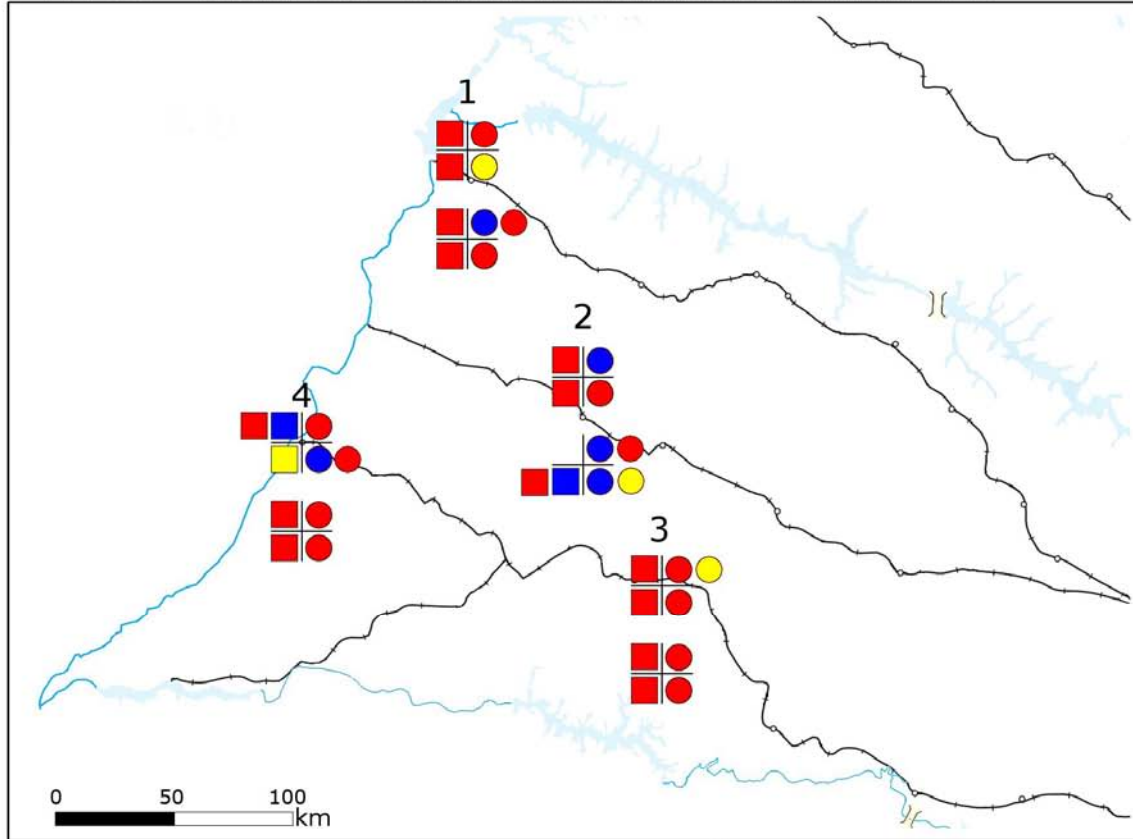
001-1 CIRC.1- Caçula. INF.- Eu mesmo sô o filho caçula.

001-8 INF.- Às vezes fala temporão né, que é o último, né.

003-6 INF.- A minha mãe fala que eu sou o resto do tacho.

- **Ocorrências Únicas:** 001-1 Derradeiro; 001-8 Temporão; 002-8 O último; 003-6 Resto do Tacho
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 056 - CAÇULA (Coincidente com: ALS II-078)

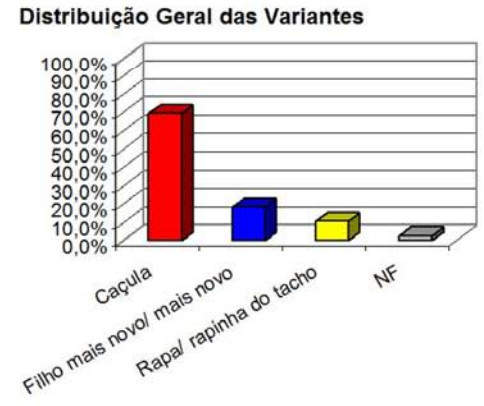


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 056

Como se chama aqui o filho que nasceu por último?



ALTOSP – CARTA 057

Contexto frasal e comentários relevantes:

001-4 A propósito do QSL 077: INF.- É faiz bastante tem criança que parece um muleque. Nossa, minina principalmente.

001-7 INF.- Aqui a gente usa muito o termo muleque, diferente do sul, né, que eles falam guri. Aqui não, é mais muleque.

002-1 INQ.- Se você tem uma criança que você não sabe o nome, como que você faz pra chamar ela? INF.- Bichim. INQ.- Quem fala assim bichinho? INF.- Minha família do nordeste.

002-2 INF.- Bom, nessas cidade aí pode chamá de guri. INQ.- Que cidade que chama de guri? INF.- Pro lado do Mato Grosso e Campo Grande. INQ.- Aqui é menino? INF.- É.

002-3 INF.- Ah, conforme a região, guri, né? Aqui mais é minino. INQ.- E guri fala mais aonde? INF.- Fala no sul, né, “ah esse guri”, então é mais do sul. ((A propósito dos Temas para Discurso Semidirigidos 001: INF.- ... A gente é pobre né, mulecão gostava de jogá bola, então...)). ((A propósito das Crenças e Atitudes Lingüísticas 010: INF.- É igual lá no nordeste se ‘ocê chamá uma criança de muleque eis briga.))

004-2 INQ.- E menino tem outro nome? Você já ouviu falar?

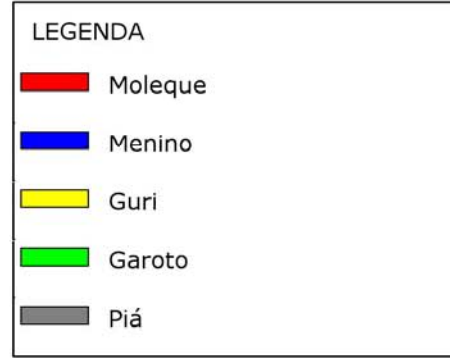
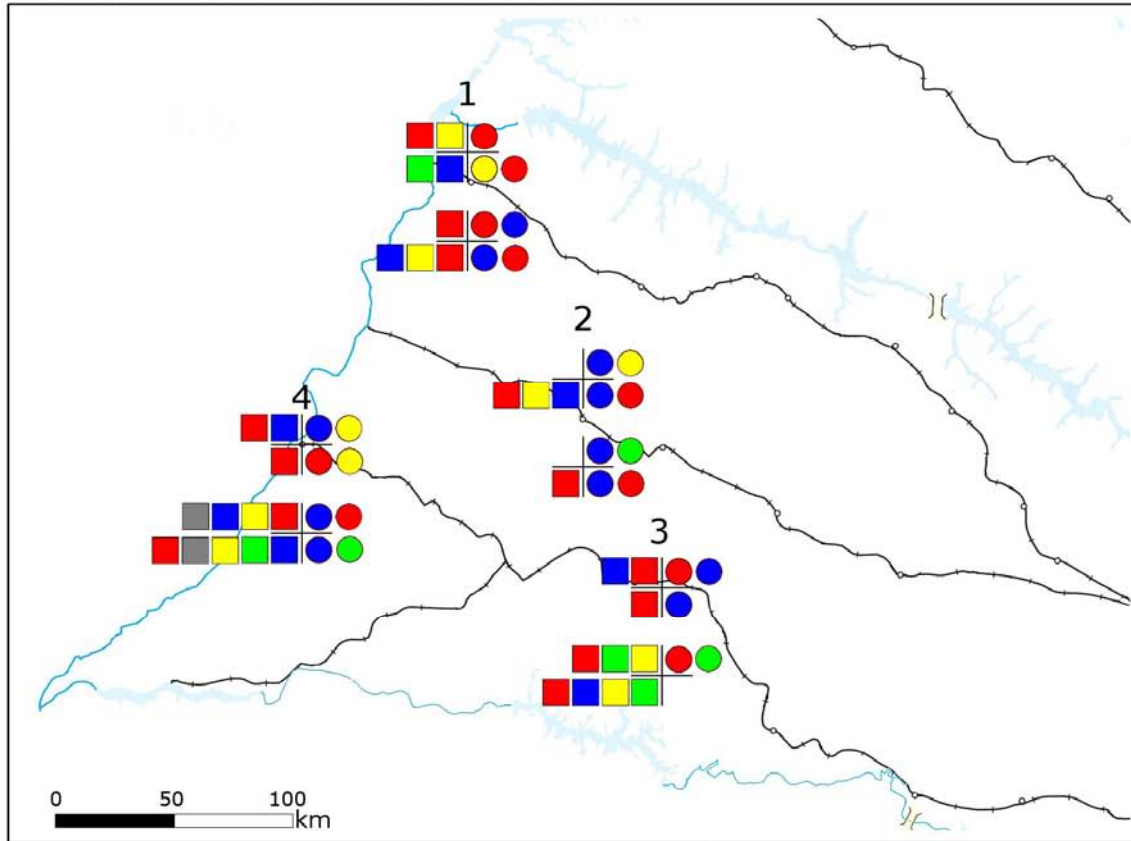
INF.- Ah lá... pro lado de Mato Grosso o povo chama: a lá guri, vem cá guri. (risos)

004-5 A propósito do QSL 058: INF.- No Paraná é piá.

004-7 A propósito do QSL 057: INF.- Chama, depende do lugá aí. Chama de criança, otro lugá chama garoto, garota, otros lugá chama gurí, guria. INQ.- Aqui fala gurí? INF.- Fala um pouco. Agora no sul, lá no Rio Grande do Sul, a irmã tava esses dia na igreja, tava chamamo alguém de... num sei se é piá, piá, uma coisa assim, achei estranho... “É o minino”. Parece que no sul, no Rio Grande so Sul parece que chama piá, num sei se é esse nome, mas tem vários nome. No nordeste mesmo é isso: é garoto, é guri, né. ((A propósito do QSL 077: INF.- Muleque num tem o que fazê usava isso aí, bodoque.))

- **Ocorrências Únicas:** 001-6 Criança. 002-1 Bichinho. 003-1 Hominho. 003-4 menino-homem.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 003-8

ALTOSP - CARTA 057 - MENINO/ GURI

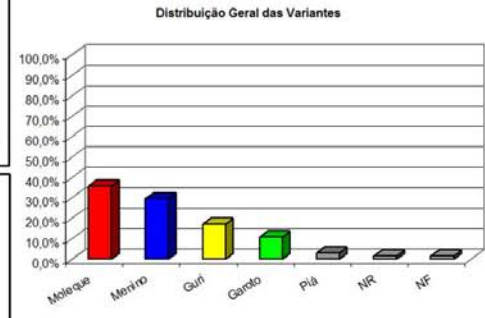


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 057

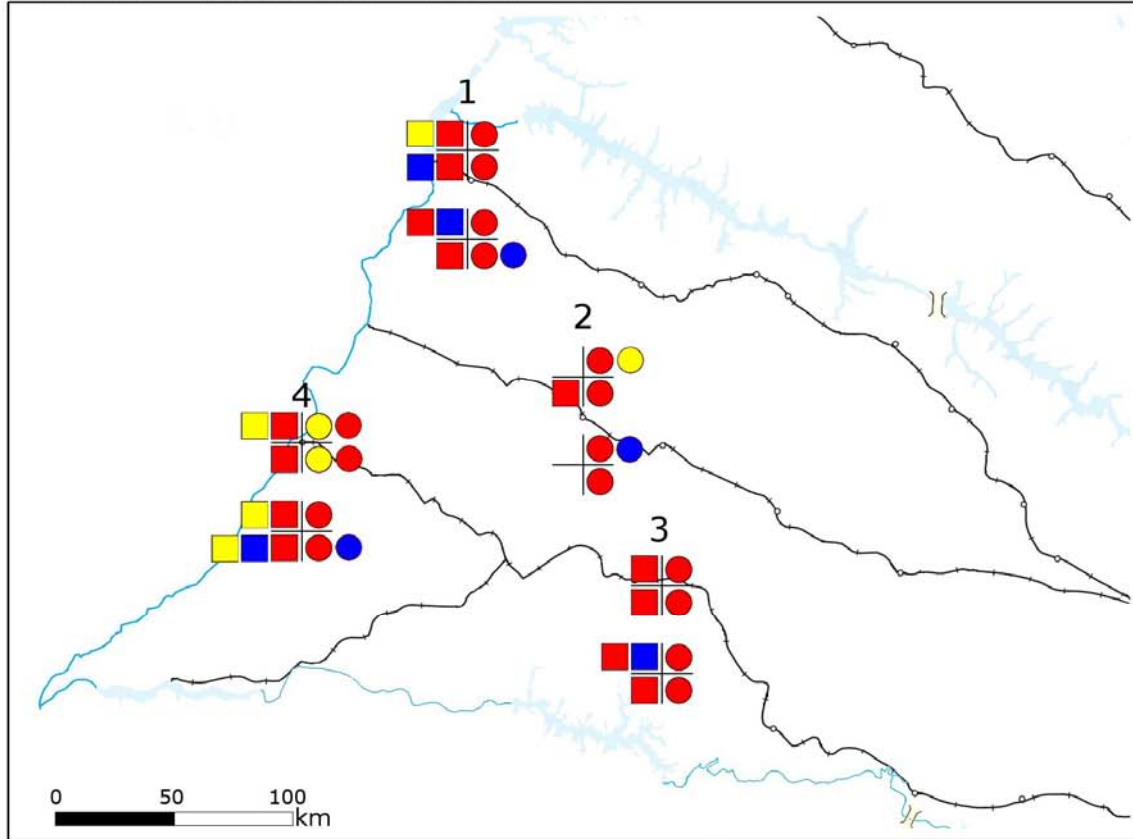
Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?



ALTOSP – CARTA 058

- **Ocorrências Únicas:** 001-6 Criança; 002-7 Moleca; 003-4 Menina-muié
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1

ALTOSP - CARTA 058 - MENINA



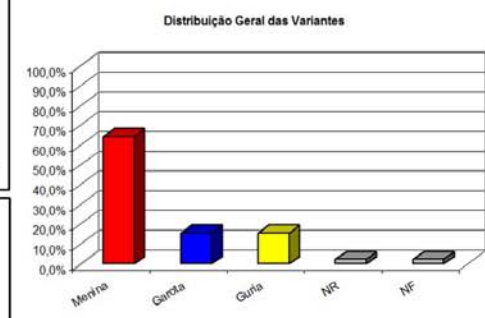
LEGENDA

- Menina
- Garota
- Guria

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 058
 E se for do sexo feminino, como se chama?



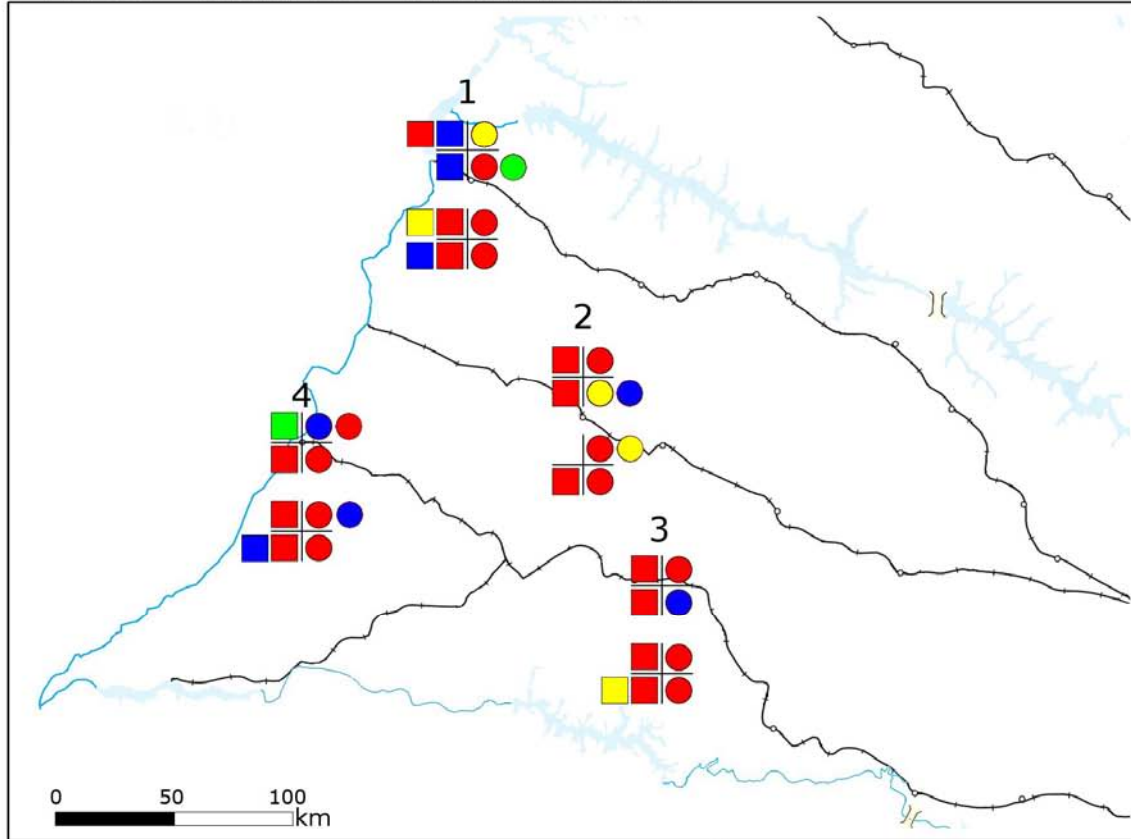
ALTOSP – CARTA 059

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-3 INF.- Uns fala que parece que enguliu um papagaio.

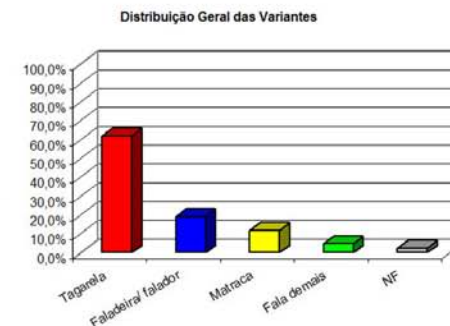
- **Ocorrências Únicas:** 001-3 Papagaio. 001-8 Língua de Trapo. 002-2 Maritaca. 001-6 Fofqueira. 002-3 Fala muito. 003-3 Conversador. 003-4 Conversa demais
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 059 - PESSOA TAGARELA



CONVENÇÕES:	Inf. 1 Inf. 2	
HOMEM: □	Inf. 3 Inf. 4	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 059
 Como se chama aqui a pessoa que fala sem parar? Quando ela chega, ninguém mais consegue falar.



ALTOSP – CARTA 060

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

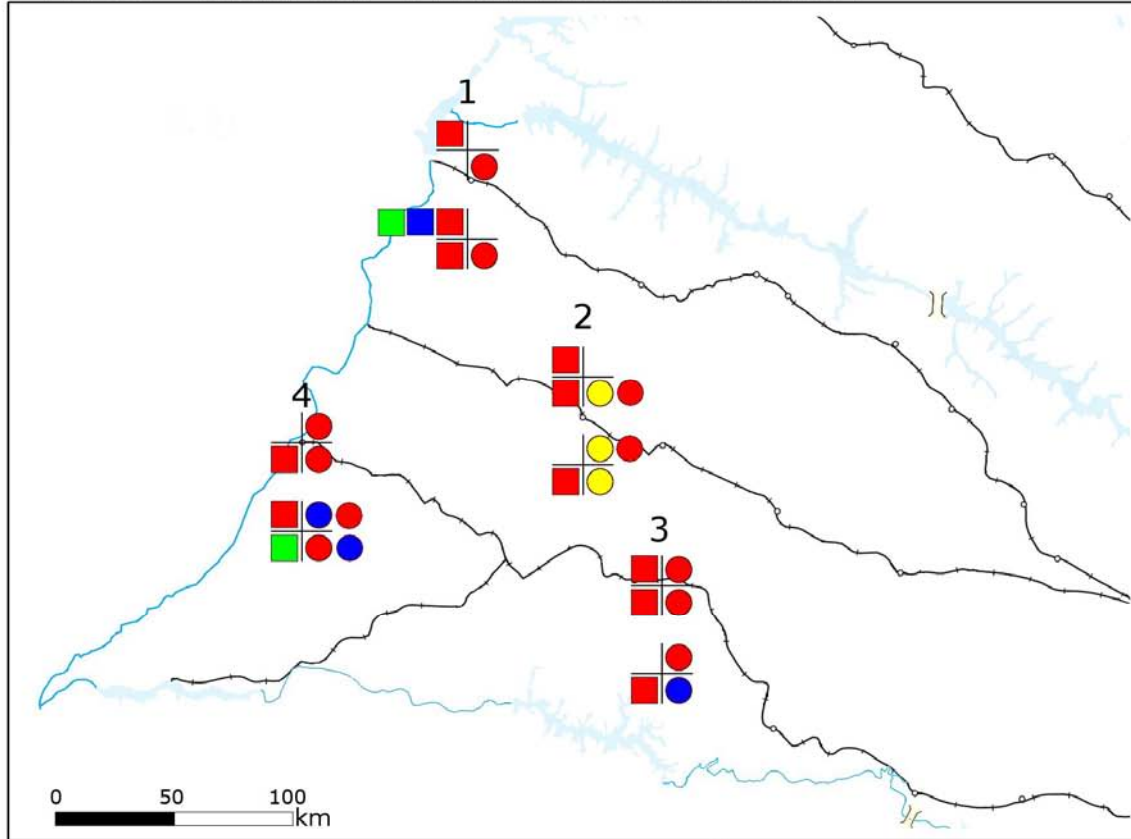
003-5 INQ.- Ou então assim, só aquela pessoa que ensina e não aprende.

INF.- Ah, eu num costu... (=costumo), ah, eu num, num, num... num chamo assim, comumente, como as pessoas falam né, mais... INQ.- O que que você ouviu as pessoas falarem assim? INF.- O que que eu ouviu? Ah, num, eu num acho legal nem de falá... (risos).

003-8 INF.- Na verdade, na educação, a gente dá como déficit, né, mas aqui, o popular aqui, o nome, o pessoal fala que a pessoa é lerda, né.

- **Ocorrências Únicas:** 001-1 Jumento. 001-3 001-2 Atrasado. Rude. 002-2 Sonso e Tímido. 002-8 Devagarzinho. 004-5 Cabeçudo.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-6; 003-5; 004-1

ALTOSP - CARTA 060 - PESSOA POUCO INTELIGENTE

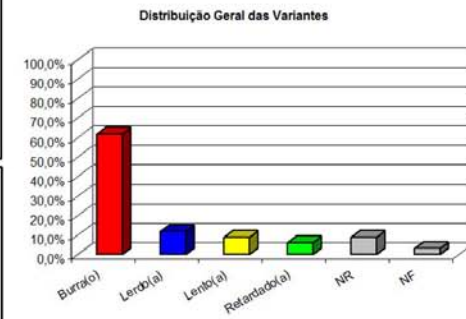


CONVENÇÕES:

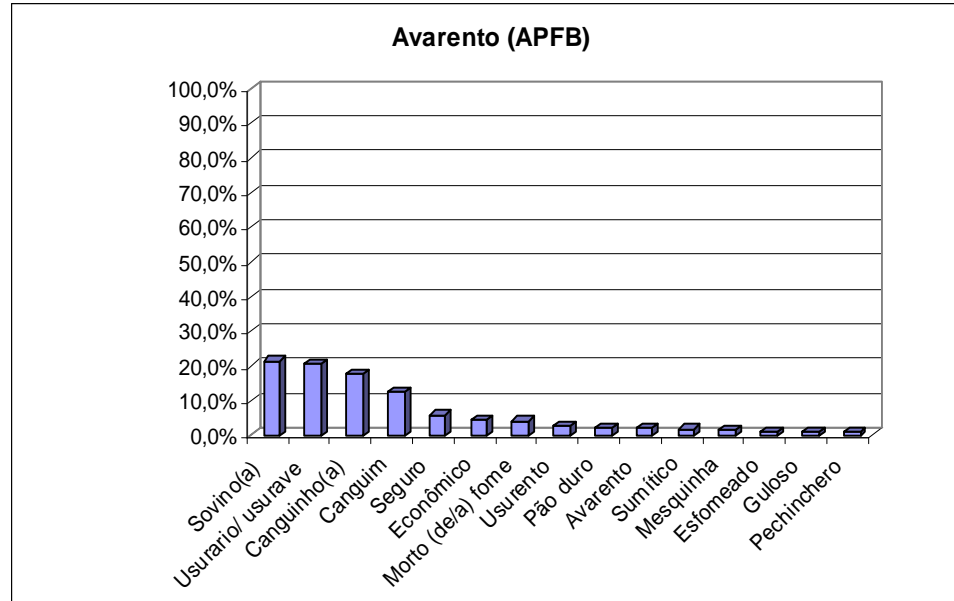
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 060

Como se chama aqui a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?



Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste



Contexto frasal e comentários relevantes

001-2 INF.- Seu Nonô Correia INQ.- Ah, é? INF.- Aquela novela que passava.

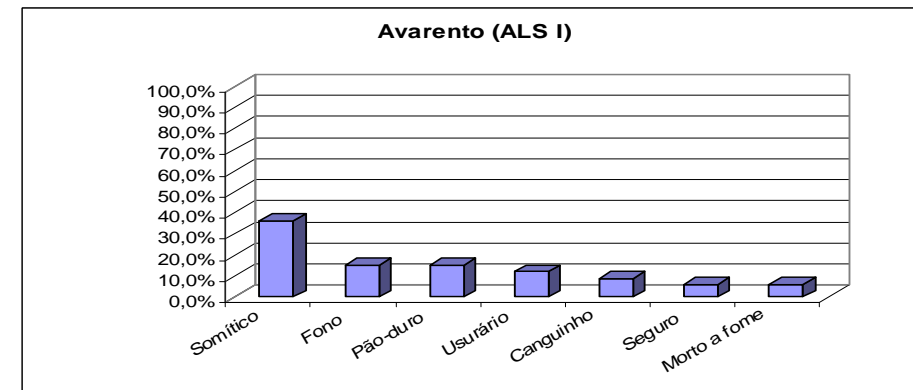
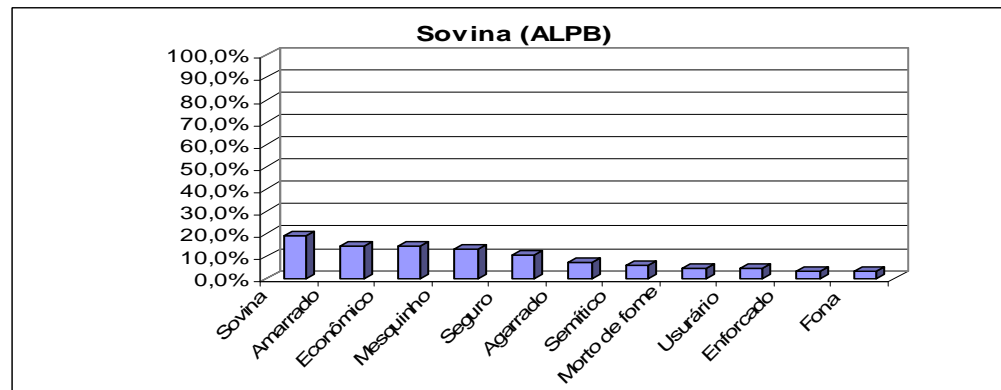
003-1 INF.- (risos) Ah, pão duro né, mão-de-vaca (risos). Tem tanto nome.

003-3 INF.- Num gasta. Outra hora o cara fala: tá cos' escorpião no borso, heim.

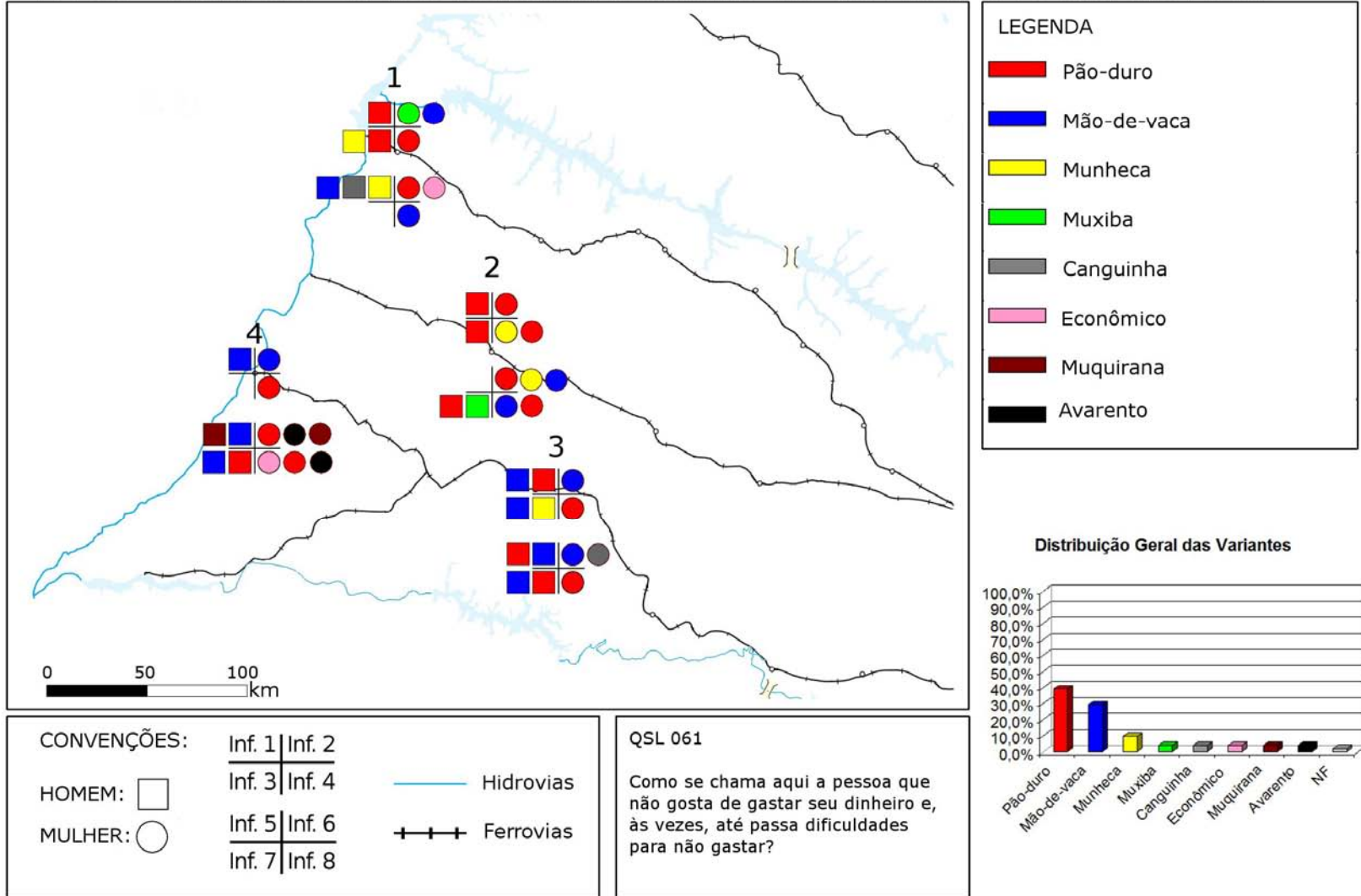
004-2 INF.- Ah... meu pai é assim é bem... mas gasta é... ele é bem econômico, viu. INQ.- Você fala que ele é o quê, às vezes? INF.- Ah é mão de vaca (risos).

004-8 Econômico, pão duro ... Avarento? INQ.- Vocês falam assim aqui? INF.- Não, fala pão duro.

- **Ocorrências Únicas:** 001-7 Sovina; 001-4 Unha de Vaca; 001-6 Seguro; 001-2 Seu Nono Correia; 002-3 Miserável; 003-2 Mão-fechada; 003-5 Tá com escorpião no bolso; 003-5 Turco; 003-5 Mesquinho; 004-3 Fominha;
- **Questão Não Formulada:** 002-5



ALTOSP - CARTA 061 - SOVINA (Coincidente com: APFB-103-104 e 105; ALPB-083; ALS I-109)



ALTOSP – CARTA 062

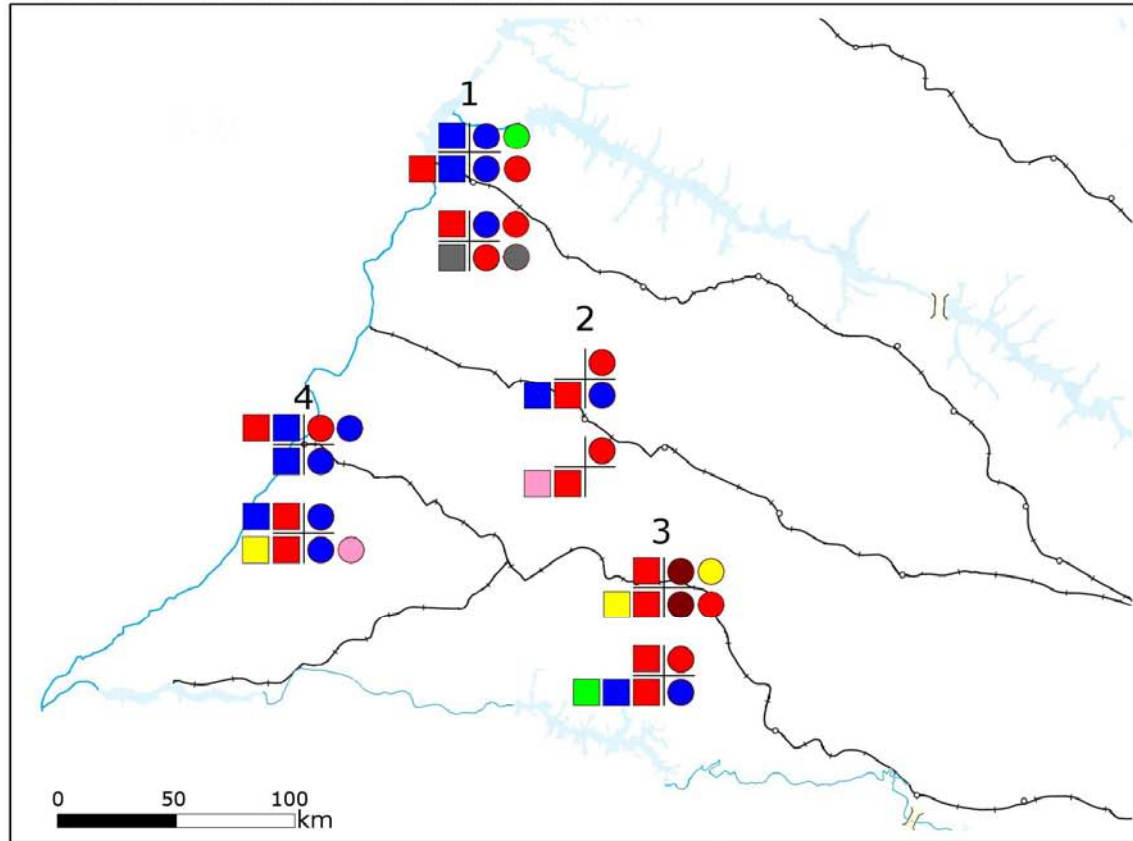
CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-7 INF.- Aqui eles falam muito: é um mal pagador.

002-8 INF.- (...) Tem, as pessoas, inadimplência, as pessoa inadimplente que não paga as suas conta em dia. Mas na nossa cultura, é homem safado, sem vergonha (risos).

- **Ocorrências Únicas:** 002-4 Trambiqueiro; 002-8 Inadimplente; Sem vergonha; Safado; 003-1 Enrolado.
- **Questão Não Formulada:** 002-1 e 5

ALTOSP - CARTA 062 - MAL PAGADOR

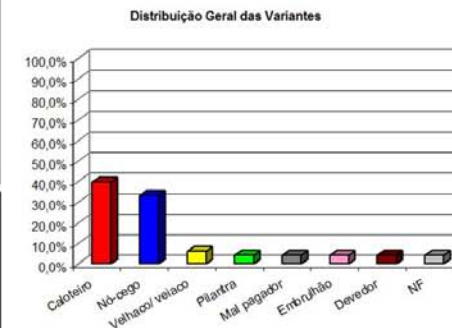


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	Hidrovias Ferrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 062

Como se chama aqui a pessoa que deixa suas contas penduradas?



ALTOSP – CARTA 063

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-3 INQ.- Tem aqui ainda, Jean? INF.- Ah, aqui em Andradina num tem não, teve já acabô. Onde tem que ainda você sabe que tem é em Três lagoa. Tem, tem cara que fica den' da cidade ali só... tem muitos que vevi só disso aí. Eu sei porque eu tenho muito amigo lá em Três Lagoa e eles sabe, né, eles conta, só que num fala que é, né, mas sabe que tem uma pesso. Eles anda na cidade numa boa, igual todo mundo, mas aquela pessoa tá ali pa... INQ.- Pra ser contratado. INF.- Ah, num ganha poco não, num ganha muito poco não, ganha bastante. É triste, né?

002-7 INF.- Nordeste tinha muito isso, meu pai contava.

002-8 INF.- Eu conheço como capanga, mas capanga, o mal capanga, bom capanga. Tem capanga bom que presta determinado tipo de serviço, o mal é aquele que faz tudo que você manda.

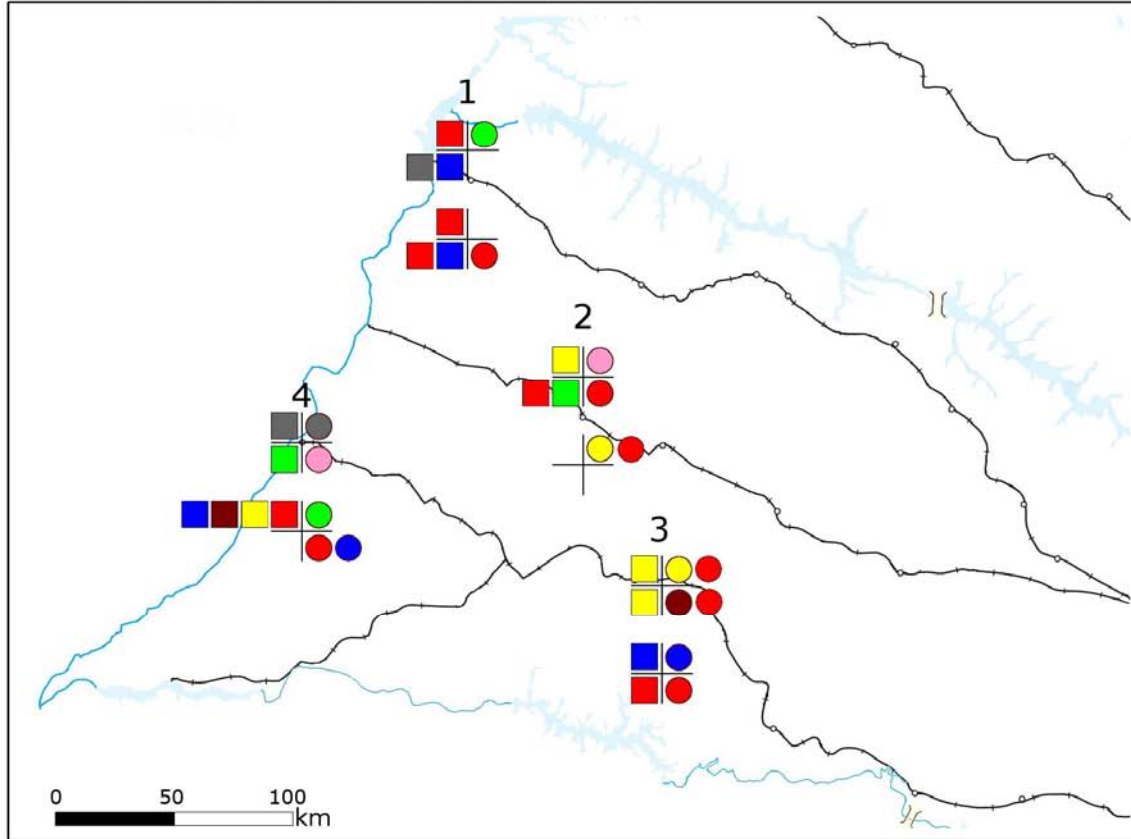
003-1 INF.- Rapaiz, antigamente a gente chamava de... ai, meu pai tinha um dizer... Num é mata(=?matador), eh... assassino... Assassino né?

003-4 INF.- Ai... antigamente falava cangacero, num é cangacero é... cumé que fala... num vem agora, olha que gozado.

004-1 INF.- É ele... jagunço, num sei se é jagunço? Acho que é jagunço. É jagunço, jagunço.

- **Ocorrências Únicas:** 002-8 Homem de aluguel
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-4 e 6

ALTOSP - CARTA 063 - ASSASSINO PAGO

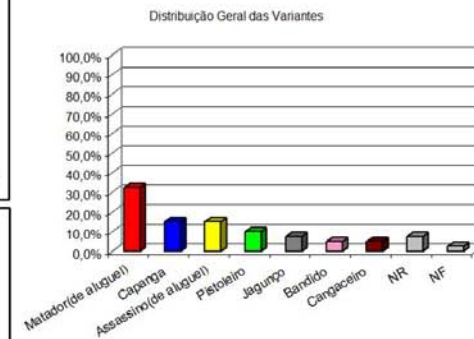


CONVENÇÕES:

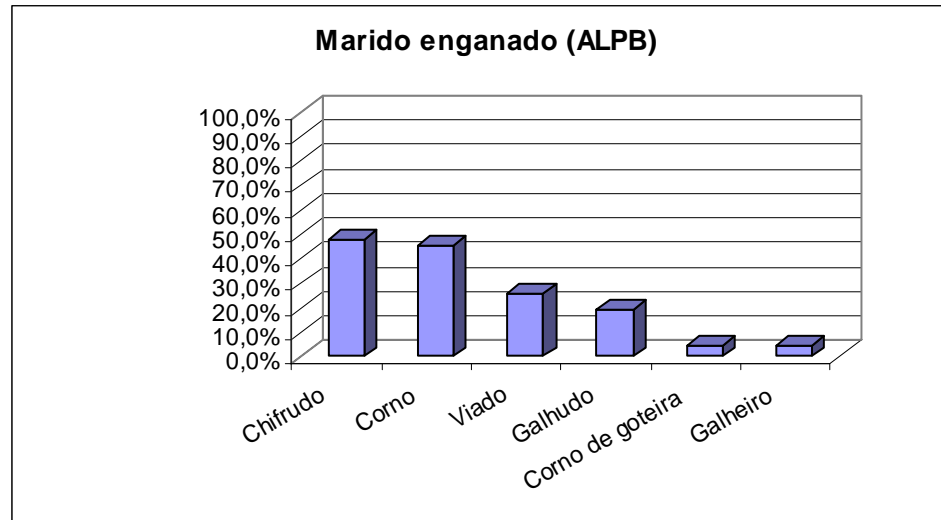
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	+ + + Ferrovias
	Inf. 5 Inf. 6	
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 063

Como se chama aqui a pessoa que é paga para matar alguém?



ALTOSP – CARTA 064

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-2 INF.- O chifrudo (risos).

002-3 INF.- É corno é... esses negócio, né, corno, fala mais corno, né? “Óh o corno lá”.

002-4 INF.- O chifrudo (risos).

002-8 Chifrudo (risos).

003-3 INF.- Aí o cara fala assim: “seu corno!”

003-4 INF.- Os outros fala corno, né?

003-5 INF.- Ah, entendi! Gente do céu! (risos) desculpa. É que ela pergunta assim, daí a gente fala: “Putz, deve sê uma coisa bem difícil”. Corno, chifrudo.

003-8 INF.- Num sei como é que eles falam, né, chifrudo

004-4 INF.- Chifrudo , num sei (risos).

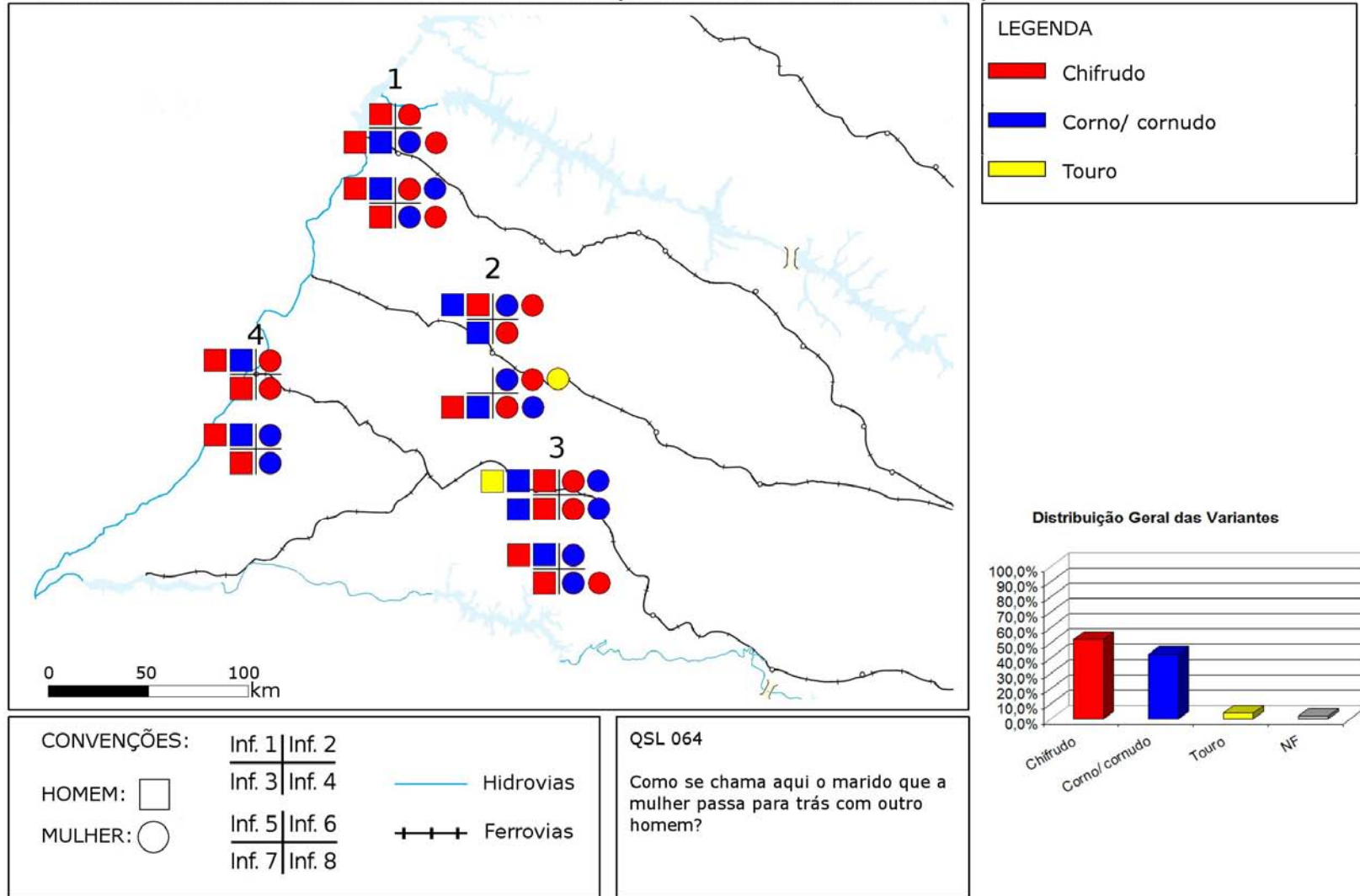
004-5 INF.-Corno (risos). Acho que esse é... esse é... universal (risos).

004-6 INF.- Corno (risos).

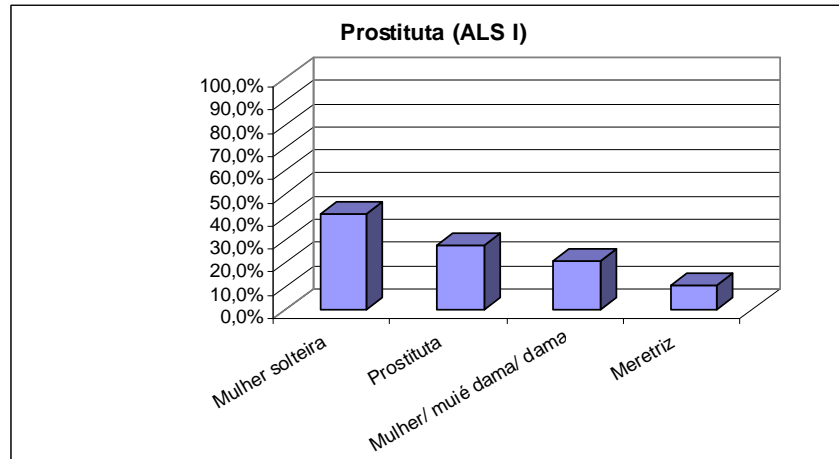
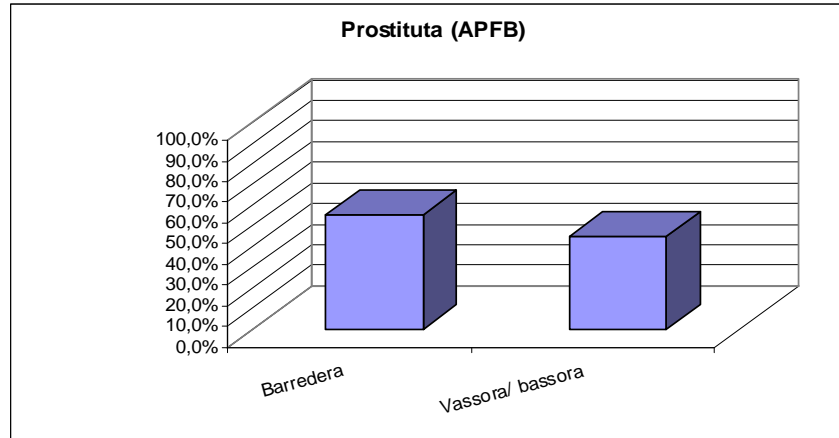
004-8 INF.- Corno (risos).

- **Ocorrências Únicas:** 001-1 Gaiudo; 001-2 Gaiero; 004-8 Marido Traído
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 064 - MARIDO ENGANADO (Coincidente com: ALPB-091)



ALTOSP – CARTA 065

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

01-1 INF.- Ah, tem uns que fala biscate , ota vagabunda, piranha.

001-3 INF.- Oia, antigamente falava meretriz, né, hoje fala é biscate memo, a realidade é essa. INQ.- Tem outros nomes Jean? Pode falar. INF.- Fala mulher de programa, né. INQ.- Mais chique, né? INF.- Hoje fala muié de pograma . qui em Andradina tem, hoje fala muié de pograma, mas antigamente o nome memo que eu lembro, que eu era muleque, que eu sabia que per'de... Antigamente era quase tudo mato, entendeu, eu era muleque, falava: "Ela vai lá na zona", a zona eu sabia onde que era tamém, é zona, lá é zona. Então falava biscate antigamente. Hoje não, hoje fala mulher de programa, mas o nome é biscate, mas é muié de programa, pa num falá o nome feio.

001-4 INF.- (risos) Ai, ai... aquilo ali é o quê? Uma biscate? Vixe, Maria!

001-8 INF.- Prostituta, né...mais conhecida é prostituta, mas tem outros nomes sim.

002-2INF.- (risos) tem outro que chama aqui, biscate.

002-3 INF.- Mais esse aí galinha , mais esse negócio aí.

002-8 INQ.- Tem mais nomes? INF.- Atualmente mudô as coisa, né, são garotas de programa , ultimamente vem falando assim, há um tempo atrás era prostituta, né. Tinha, num sei se você conhece, mas quando eu mudei aqui em Adamantina zona. Era um...um lugar reservado, onde elas morava, depois acabô também.

003-1 INF.- biscate ... seria biscate? INQ.- (risos) INF.- (risos) Profissional do sexo, aquela lá dizem, dizem é por aí.

003-3 INF.- Mulher tranquera . Aquilo lá num vale nada.

003-8 INF.- Aqui a gente, o pessoal usa muito o termo biscate, né.

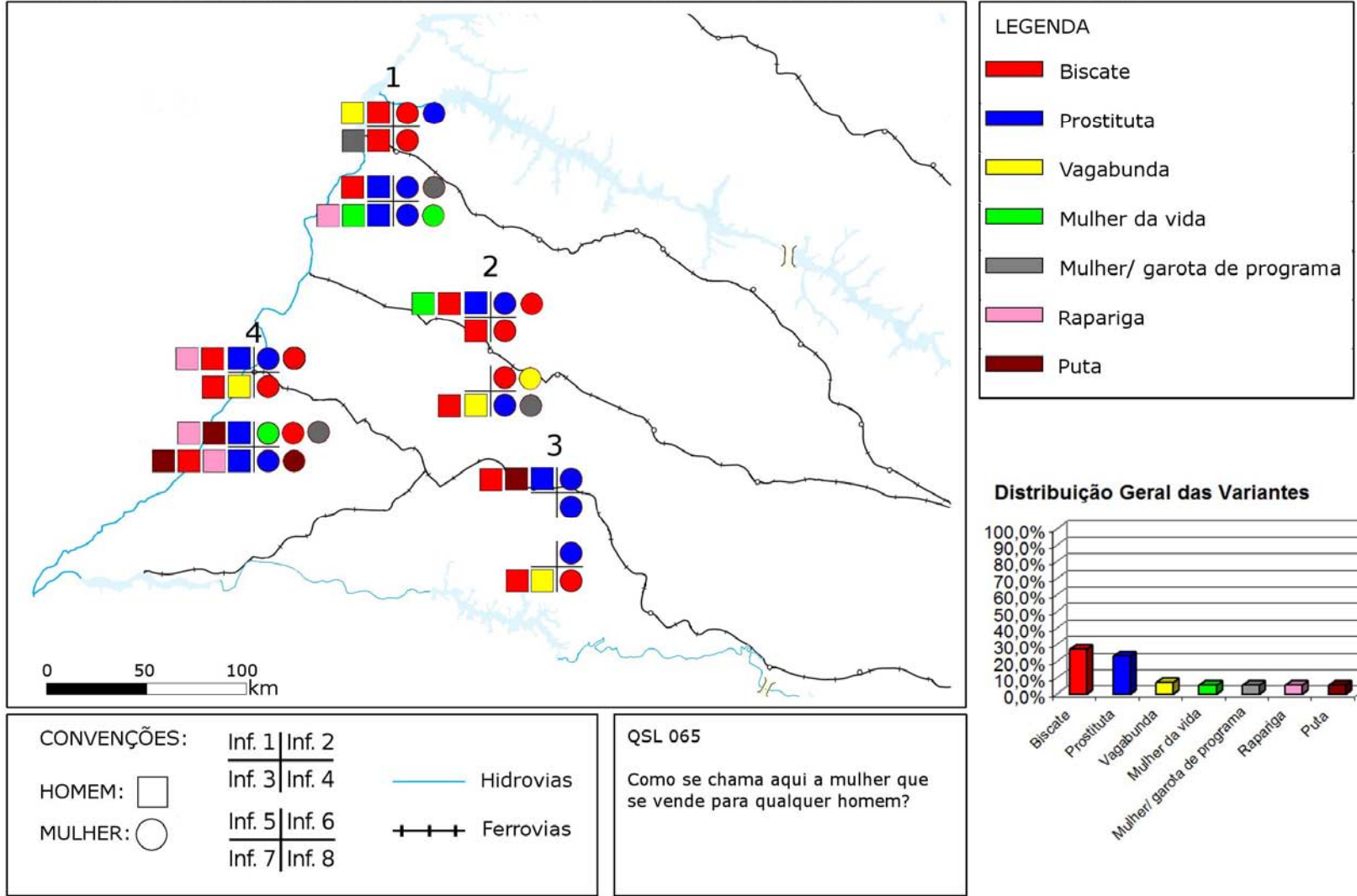
004-5 INF.- Rampera... rapariga... Apesar que o termo rapariga num tem nada a vê né. INQ.- Não. INF.- Uma... designação que eles... dão pra isso.

004-7 INF.- Bom, mulher que vende por dinheiro... num sei se seria o caso, prostituta?Ai já é o nome popular já. E vai por aí. Tem vários nome. O nordeste tem otos nome, tem... o nordeste tem... porque no nordeste tem uma coisa, em outro lugar, né, por exemplo, rapariga lá é isso, é biscate. Biscate, rapariga no nordeste é isso. Aqui já... traidora, aqui já é diferente, ai vem puta e vai por aí à fora.

- **Demais Ocorrências:** 001-5, 001-6, 003-3: Mulher de vida fácil; 2-3 e 004-7: Galinha; 001-8 e 004-3: Sem vergonha; 001-1, 002-3 e 002-6 Piranha; 001-2, 002-7 e 004-5: Rampeira.
- **Ocorrências Únicas:** 001-8: Mulher da rua; 003-1: Profissional do sexo; 004-5: Vadia; 004-4: Mulher da lida; 004-7: Traidora.
- **Questão Não Formulada:** 002-5

- Resposta não obtida: 003-5

ALTOSP - CARTA 065 A- PROSTITUTA (Coincidente com: APFB-106; ALS I-110 e 112)



ALTOSP – CARTA 066

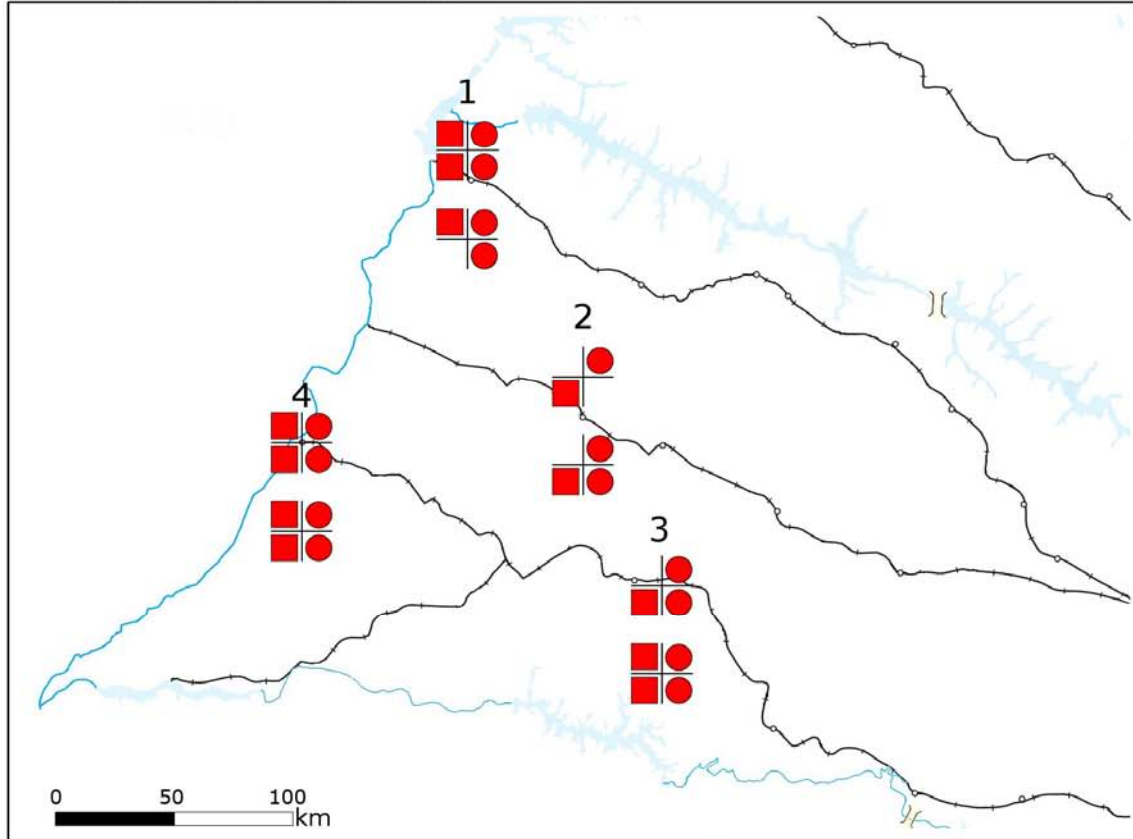
CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-8 INF.- O termo mais vulgar é xará.

004-6 INF.- A gente lá conhece como xará.

- **Questão Não Formulada:** 002-1 e 5
- **Resposta não obtida:** 001-6; 002-4; 003-1


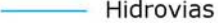


ALTOSP - CARTA 066 - XARÁ



LEGENDA

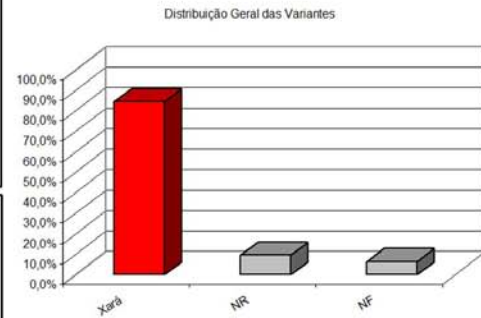
 Xará

CONVENÇÕES:

HOMEM: 	Inf. 1 Inf. 2	 Hidrovias
MULHER: 	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	 Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 066

Como se chama aqui a pessoa que tem o mesmo nome da gente?



ALTOSP – CARTA 067

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

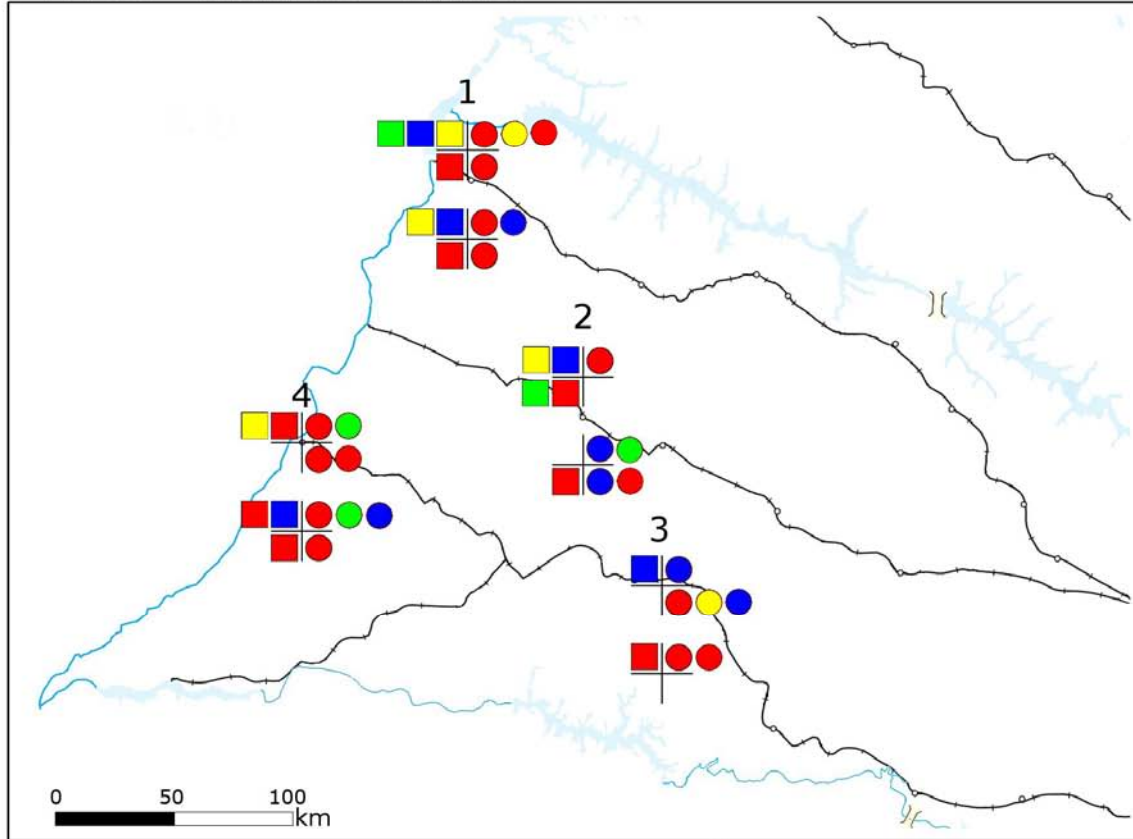
001-3 ((A propósito das Crenças e Supertições: INF.- Caipora é o cara... aqui? Pra mim é como da minha família falava é o cara que bebe demais’, “Oh o caipora lá, oh o caipora”, esses ele fala que é o caipora.))

001-7 INF.- Aqui eles tem vários: pra bêbado eles gostam bebum, pé inchado, eles falam isso. É que normalmente a pessoa bebe muito atualmente, ele incha e não desincha.

004-2 INF.- Ah, meu pai chama pau d’água

- **Demais Ocorrências:** Bebum: 001-5 e 6; Tomou um porre: 001-3 e 002-8; Pudim de Pinga: 001-5 e 002-6; Beberrão: 002-4 e 004-7; Embriagado: 002-7 e 004-3; Tomou todas: 003-7 e 002-8
- **Ocorrências Únicas:** 001-2 Fogueira; 001-3 Encheu a cara, caipora 001-5 Pé-de-cana 001-7 Pé-inchado 001-8 Pileque 002-6 Cana brava 003-6 Tudo de bom 004-5 mamado, chapado 004-8 Travado
- **Questão Não Formulada:** 002-5 e 003-3

ALTOSP - CARTA 067 - BÊBADO

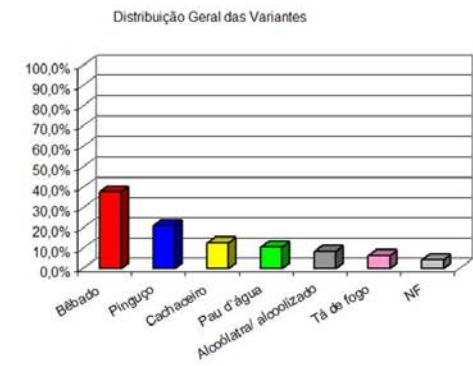


CONVENÇÕES:

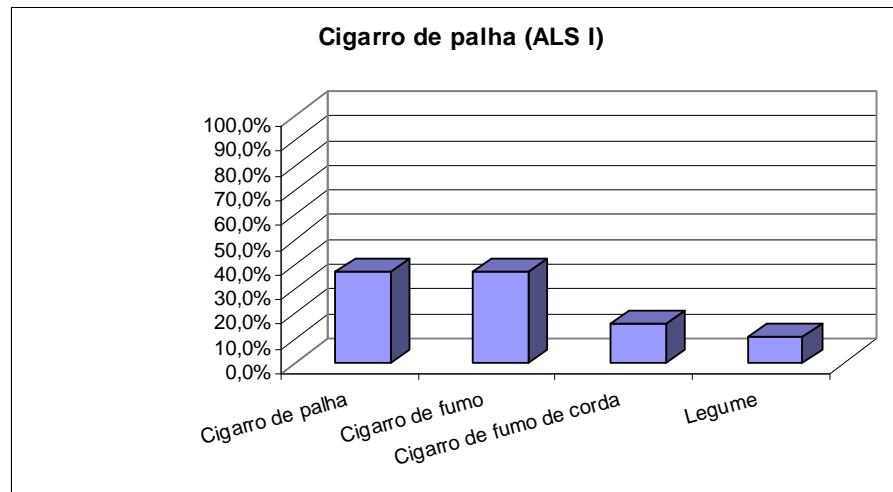
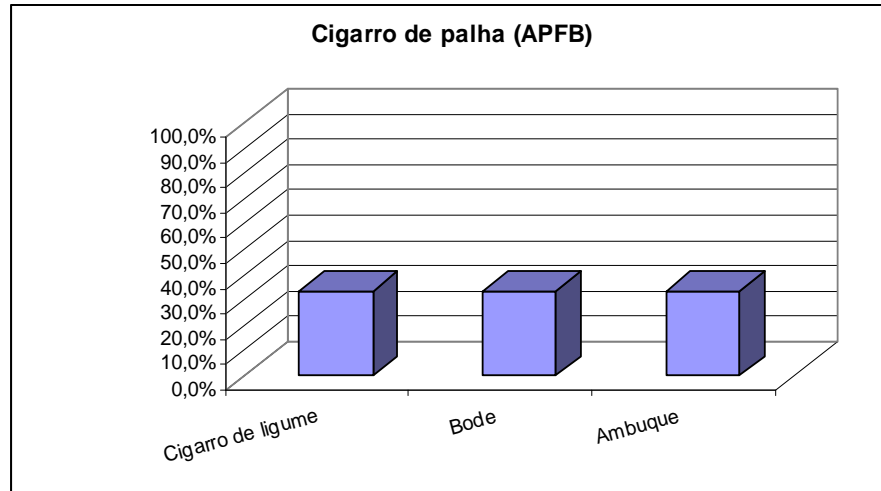
	Inf. 1	Inf. 2	
HOMEM: □	Inf. 3	Inf. 4	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 5	Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7	Inf. 8	

QSL 067

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?



ALTOSP – CARTA 068

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

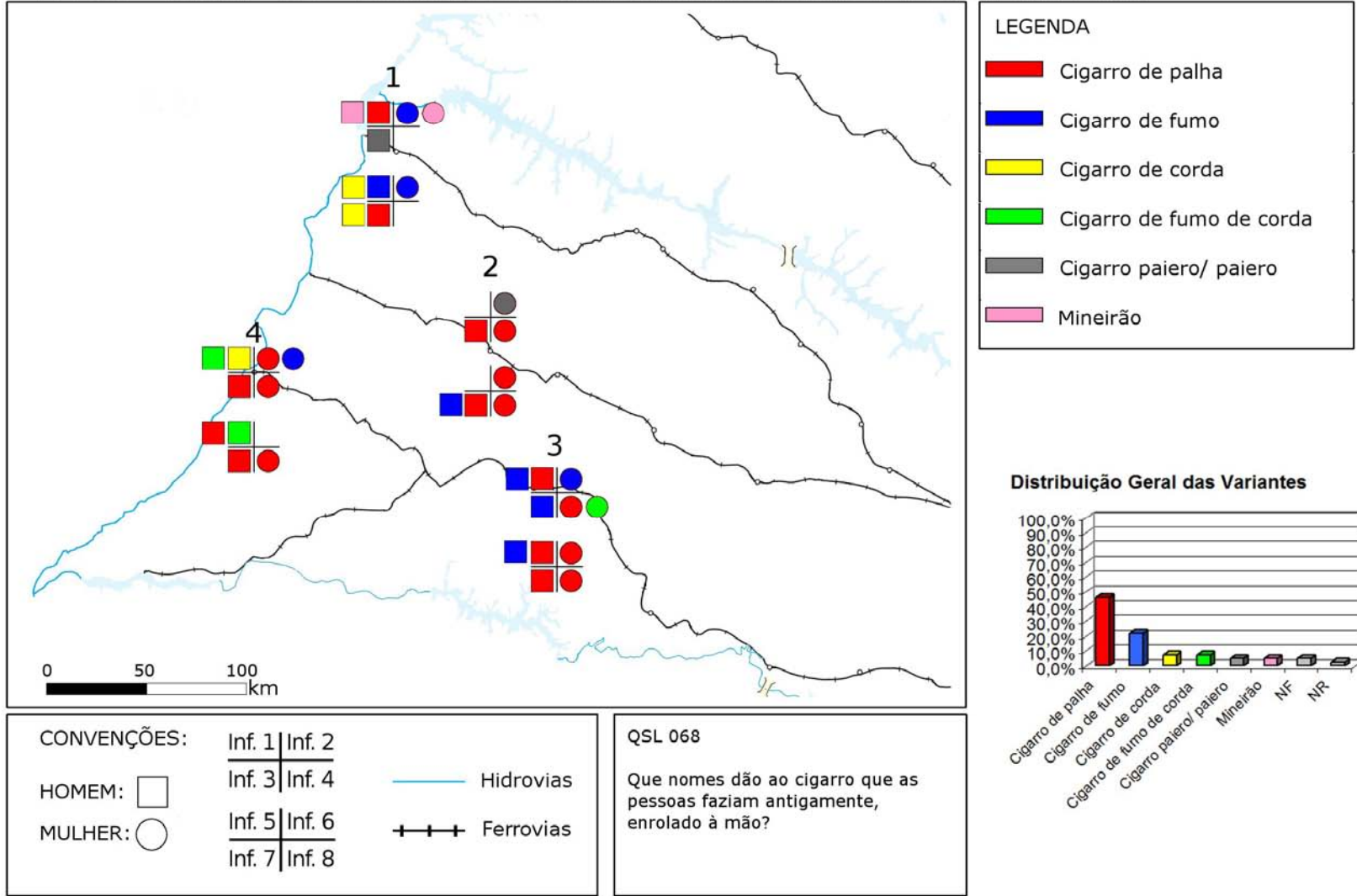
001-6 INF.- Minha mãe faiz até hoje. Eh, aquele ciga', um fumo, um fumo que usam. Cigarro de fumo.

001-7 INF.- Eu sei porque meu vô fazia e ele costumava usá muito assim aquela palha do milho, né, ele plantava milho, tirava a plaha, cortava o fumo... aí fazia um coisinho enrolado e fumava.

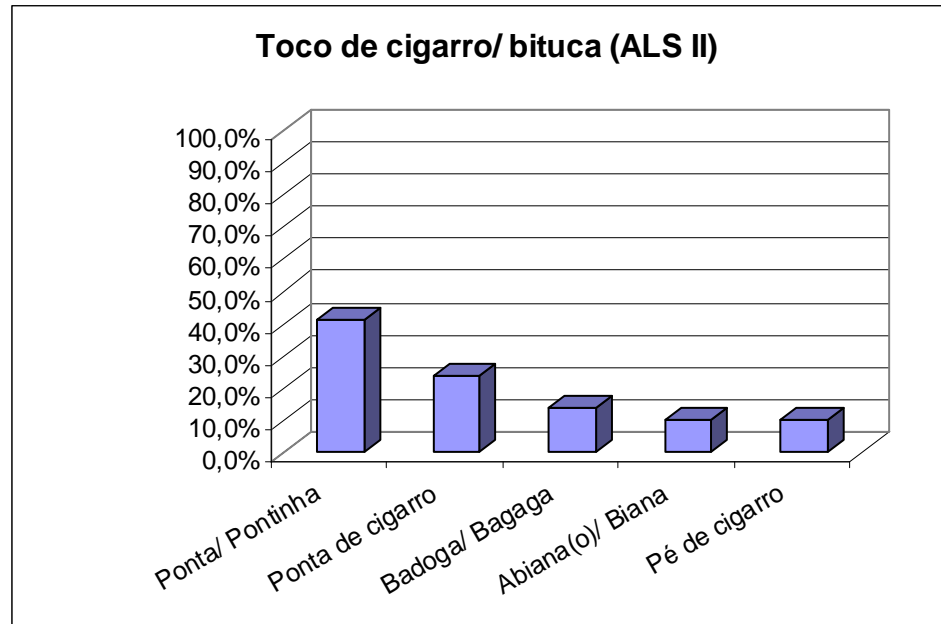
002-8 INQ.- Tem outro nome? INF.- Fala charuto, mas não é, né, porque na verdade o charuto é aquele que só os ricão pode comprá, que é industrializado com o nome de charuto e eles falam charuto porque, de acordo como tamanho do cigarro de palha dava-se "oh, o charuto dele", mas na verdade não é, né.

- **Ocorrências Únicas:** 002-8 Charuto; 004-6 Pé-de-burro
- **Questão Não Formulada:** 001-8; 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-4

ALTOSP - CARTA - 068 - CIGARRO DE PALHA (Coincidente com: APFB-051; ALS I-051)



ALTOSP – CARTA 069

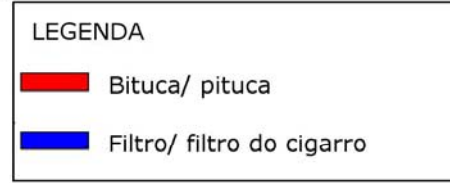
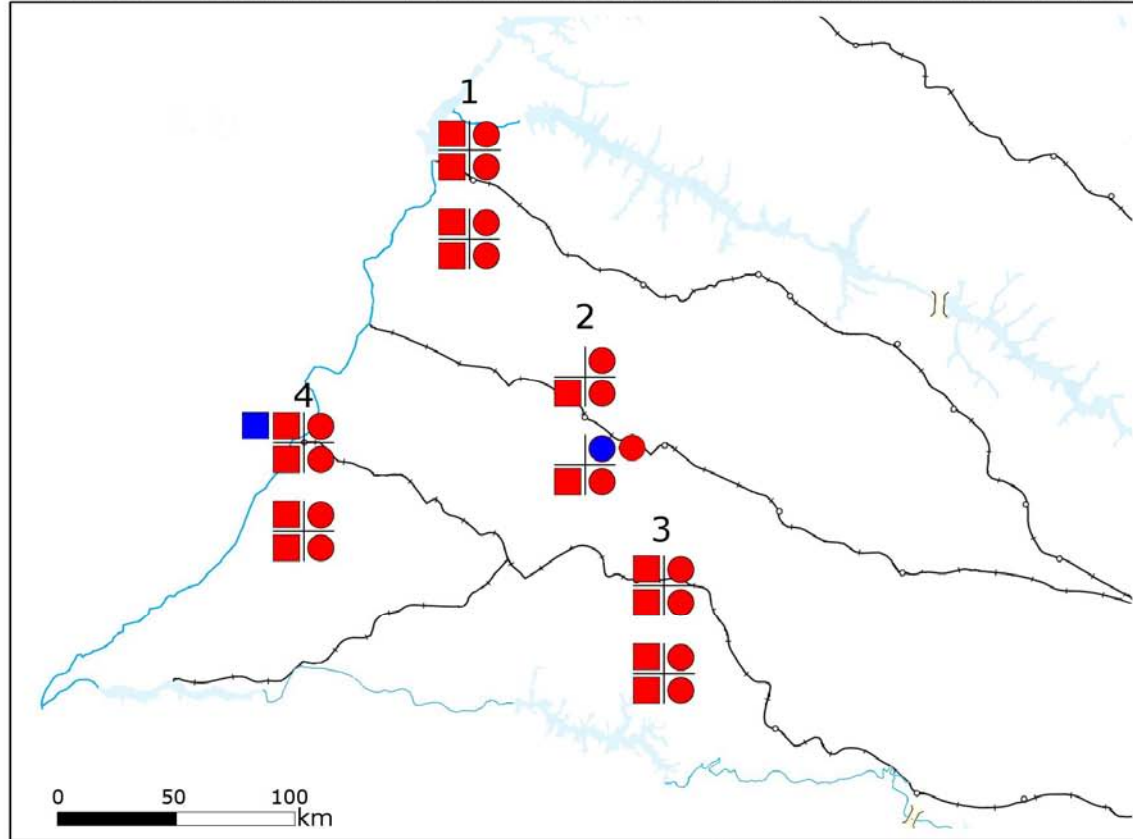
Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-8 INF.- É toco, né, que eles costuma falá, né.

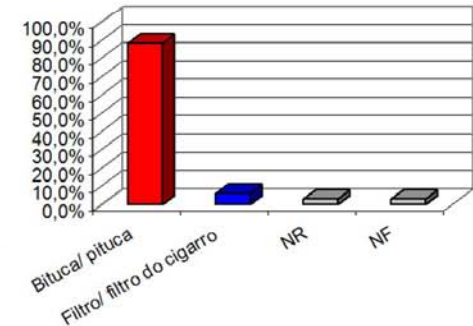
003-5 INF.- Bituca? Eu conheço por bituca.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Toco.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-1

ALTOSP - CARTA 069 - TOCO DE CIGARRO (Coincidente com: ALS II-074)



Distribuição Geral das Variantes



CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

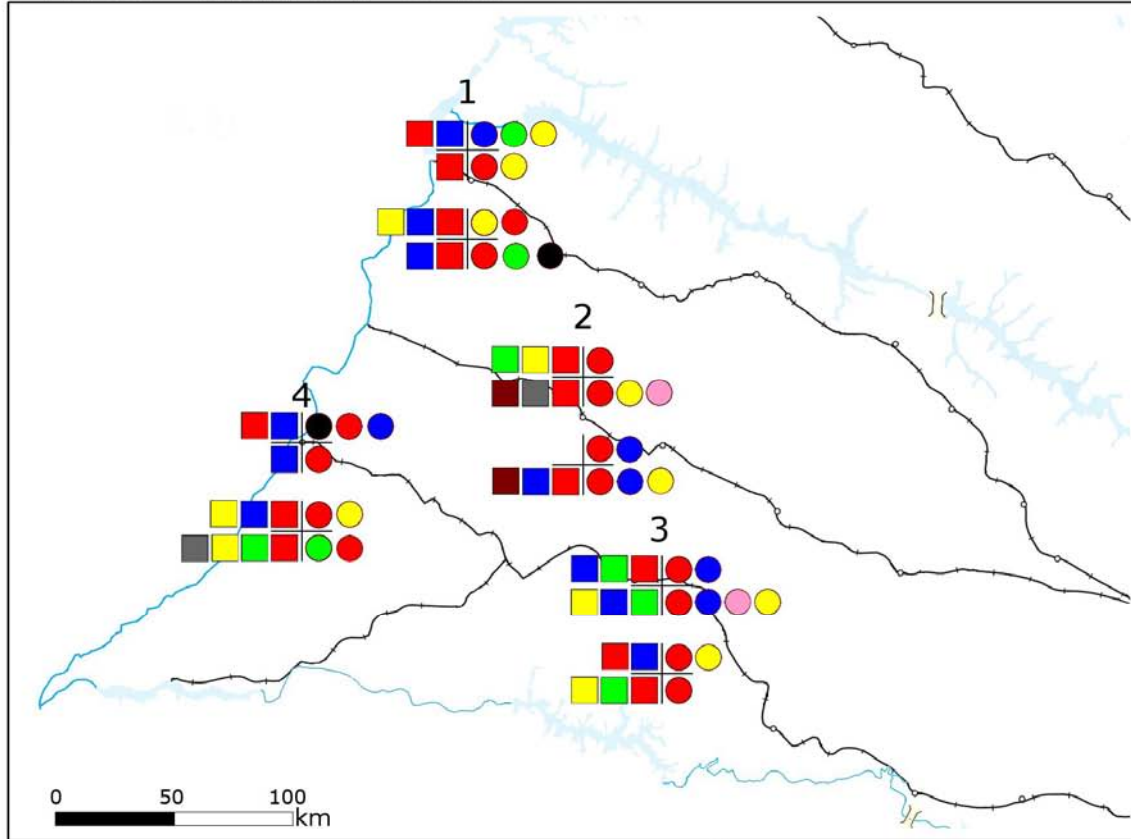
QSL 069

Como chama aqui o resto do cigarro que se joga fora?

ALTOSP – CARTA 070

- **Ocorrências Únicas:** 001-6 Coisa-ruim; 001-8 Eixú
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 070 - DIABO

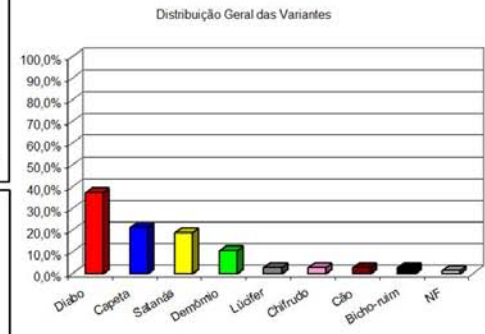


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 070

Deus está no céu e no inferno está...



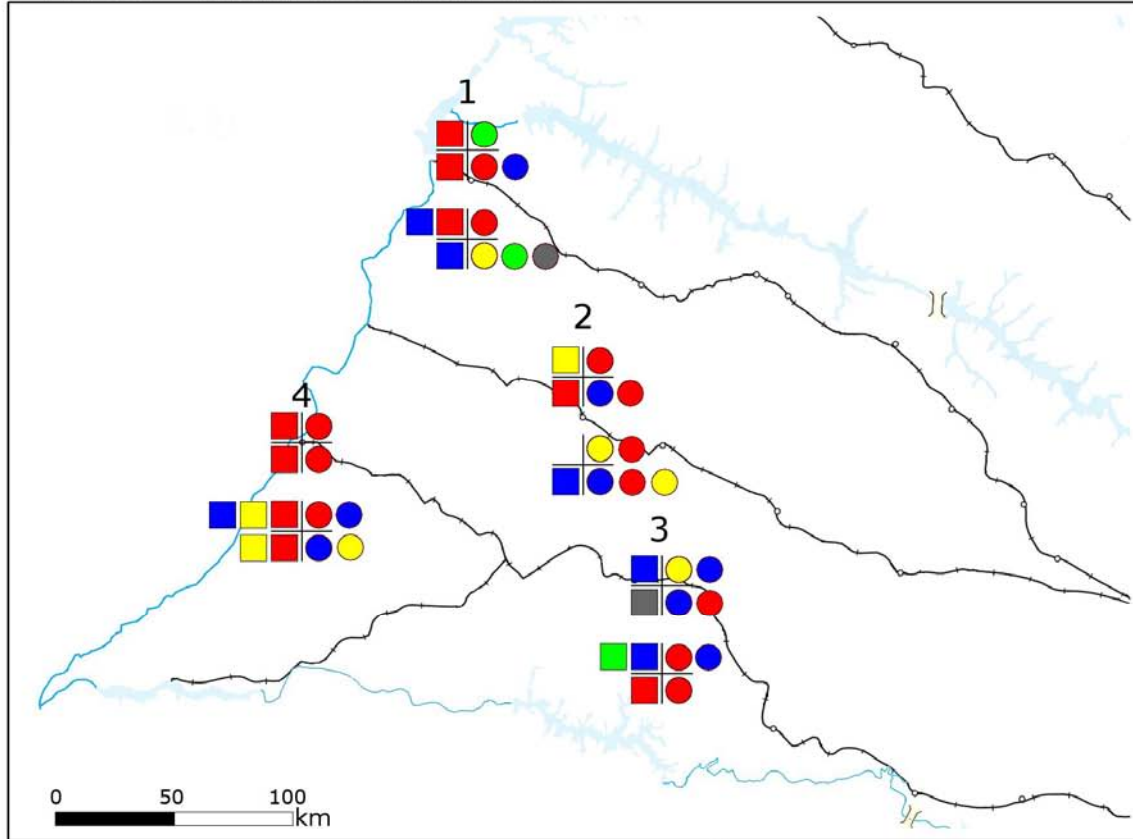
ALTOSP – CARTA 071

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-7 INF.- Eles fala alma, alma penada.

- **Demais Ocorrências:** Lobisomem: 002-1 e 004-3 e 5
- **Questão Não Formulada:** 002-5

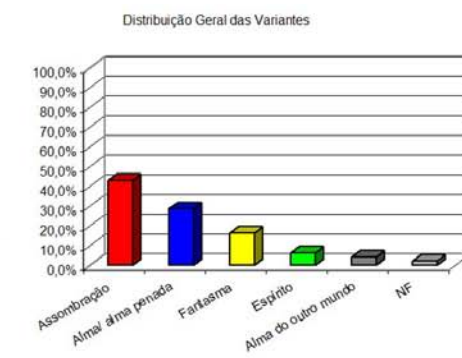
ALTOSP - CARTA 071 - FANTASMA



CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+— Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 071
 O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?



ALTOSP – CARTA 072

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-6 INF.- O mais pesado mesmo é macumba mesmo.

001-8 INF.- Tem um outro nome que eles também falam muito, eh, despacho, né.

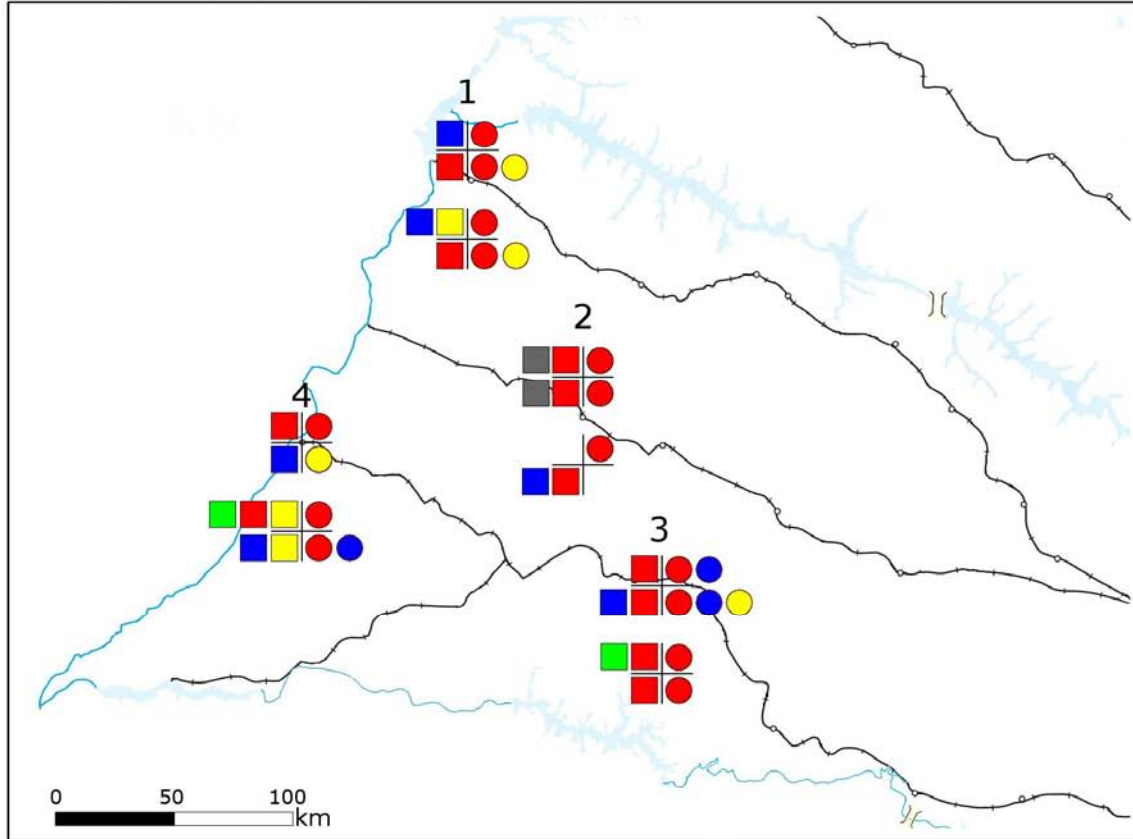
002-7 INQ.- E as pessoas costumam mexer ou deixam... INF.- Tem medo. Quando ia pa escola me lembro, a minha mãe falava “não pula, não passa por cima, desvia”.

003-4 INF.- Macumba que eles falam. Uns fala feitiço, otros fala macumba, otos fala despacho, né? Então, são vários nome.

004-1 INF.- Ah, eis fala macumba, né, tá na macumba.

- **Ocorrências Únicas:** 001-6 Simpatia; 001-8 Catibó; 002-6 Orucubaca; 004-7 Bruxaria.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-8

ALTOSP - CARTA 072 - FEITIÇO

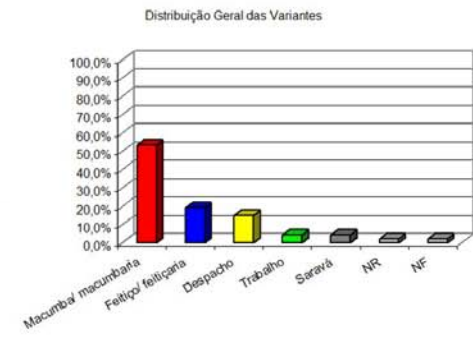


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 072

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?



ALTOSP – CARTA 073

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

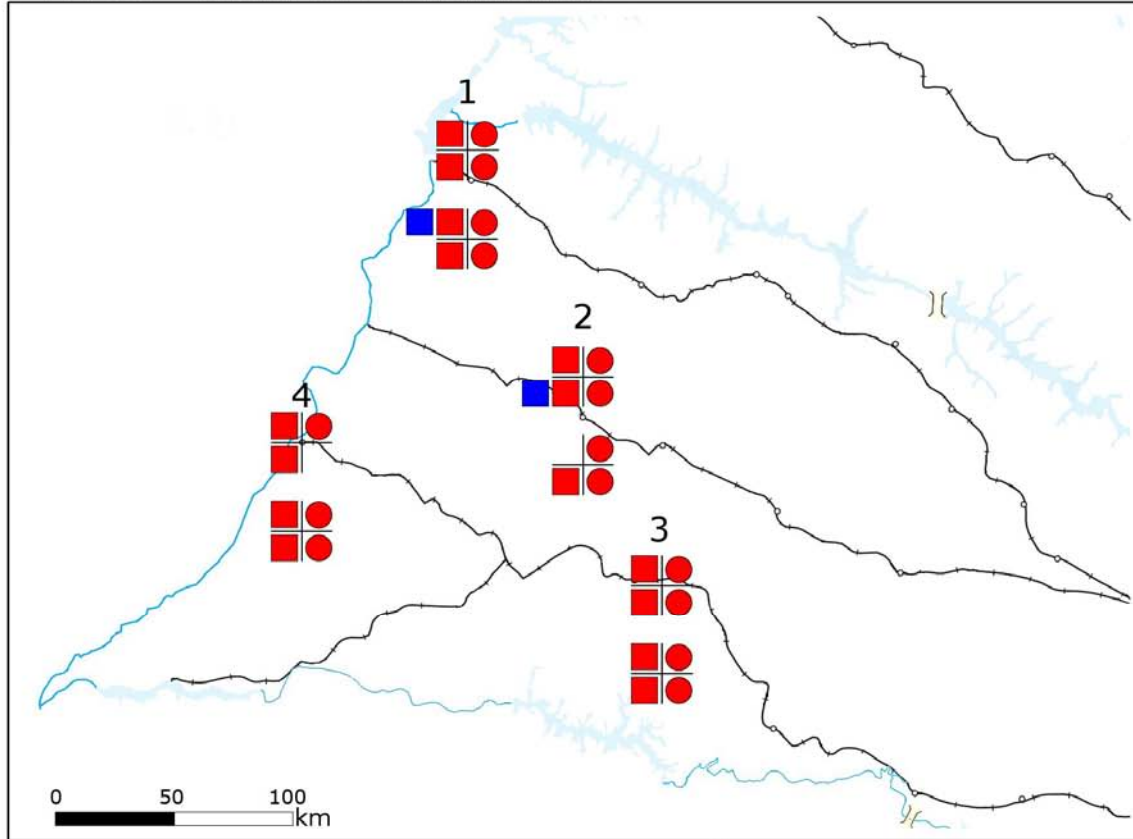
001-5 INQ.- Tem aqui? INF.- Tem. E o pessoal tem muito disso, quando tem uma criança, principalmente nova, recém nascida, 'cê leva muito pra benzê, pra tirá mal olhado, né. Inda tem, tá cada veiz mais raro, mais tem.

002-3 INQ.- Tem algum outro nome? INF.- Benzedera, mais é... fala: "vô atrás de uma benzera, né," curadera, que é o... a diversificação aqui do, do, do coisa, né. Fala ali tem uma benzedera, então vamo benzê né, benze uma ropa, benze (inint), né.

004-7 INF.- Tem outro nome, mas o mais é benzedera, nome comum que se chama, noventa por cento é benzedera, né.

- **Ocorrências Únicas:** 002-1 Pai de Santo; 004-7 Rezadeira
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 004-4

ALTOSP - CARTA 073 - BENZEDEIRA

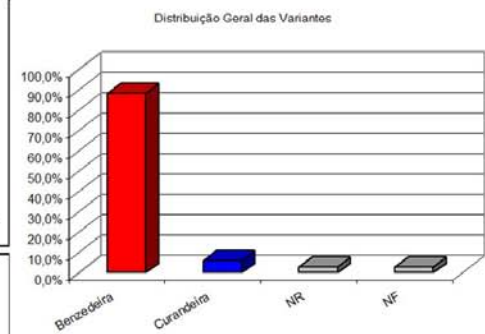


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 073

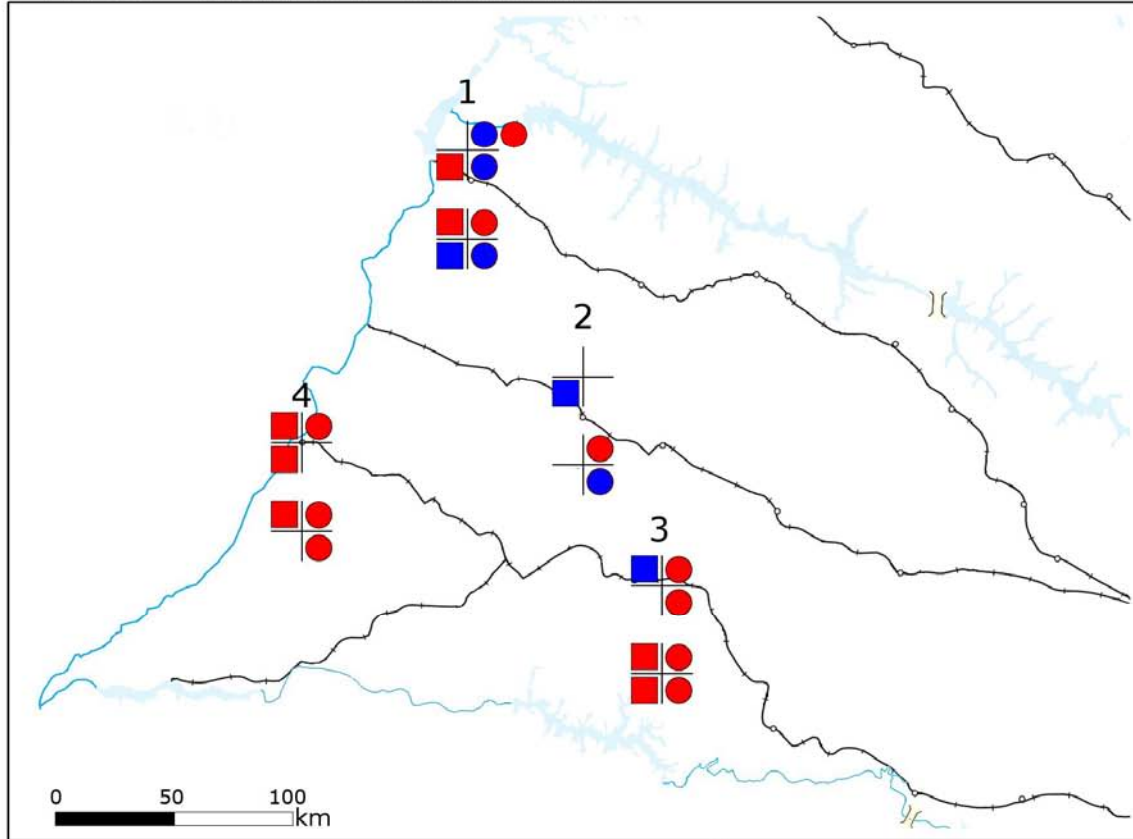
Como se chama aqui uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?



ALTOSP – CARTA 074

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Raizeiro e 003-3 Macumbeiro
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-1; 002-1,2,4 e 7; 004-4 e 7

ALTOSP - CARTA 074 - CURANDEIRO



LEGENDA

■ Curador/ curandeira(o)

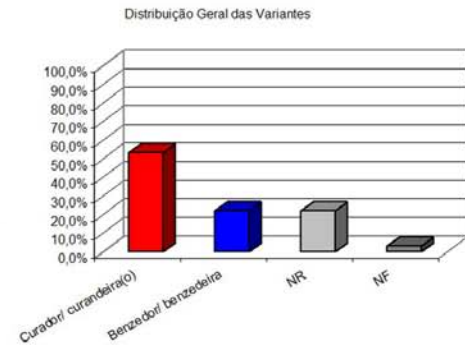
■ Benzedor/ benzedeira

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

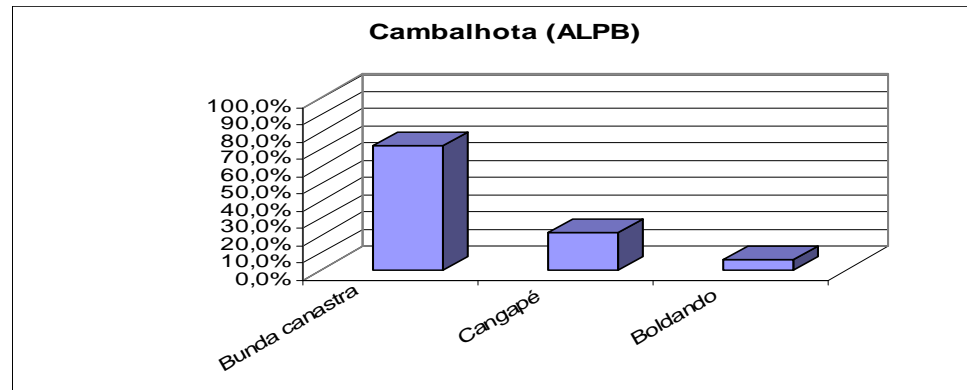
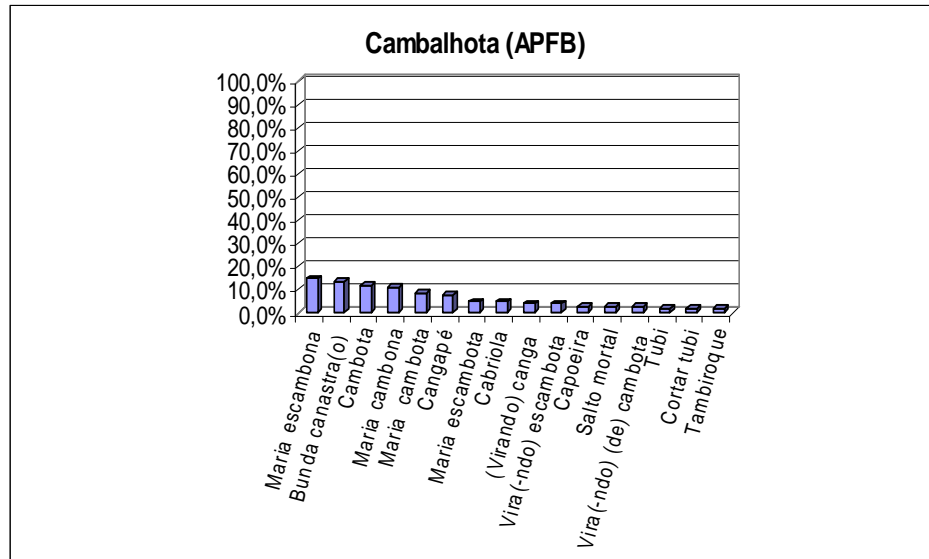
QSL 074

Como se chama aqui a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?



ALTOSP – CARTA 075

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste



Contexto frasal e comentários relevantes

001-5 INF.- Meu minino chama de mortal, cambalhota. De vez em quando ele vira lá na cama: “oh, pai, vô dá um mortal.”

001-6 A propósito da retomada: Cambalhota.

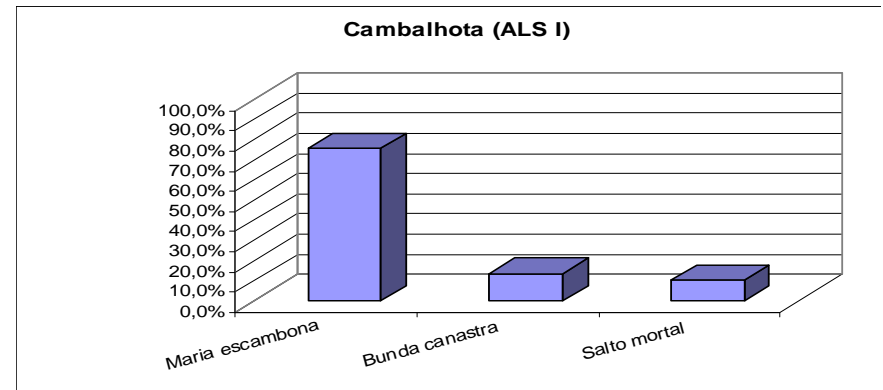
002-4 INF.- Cambota ‘cê fala? Cambalhota.

002-8 INF.- Pirueta que não é isso, mas pirueta é rodano, né,mas lá no Ceará falavam : ‘vô dá uma pirueta’.

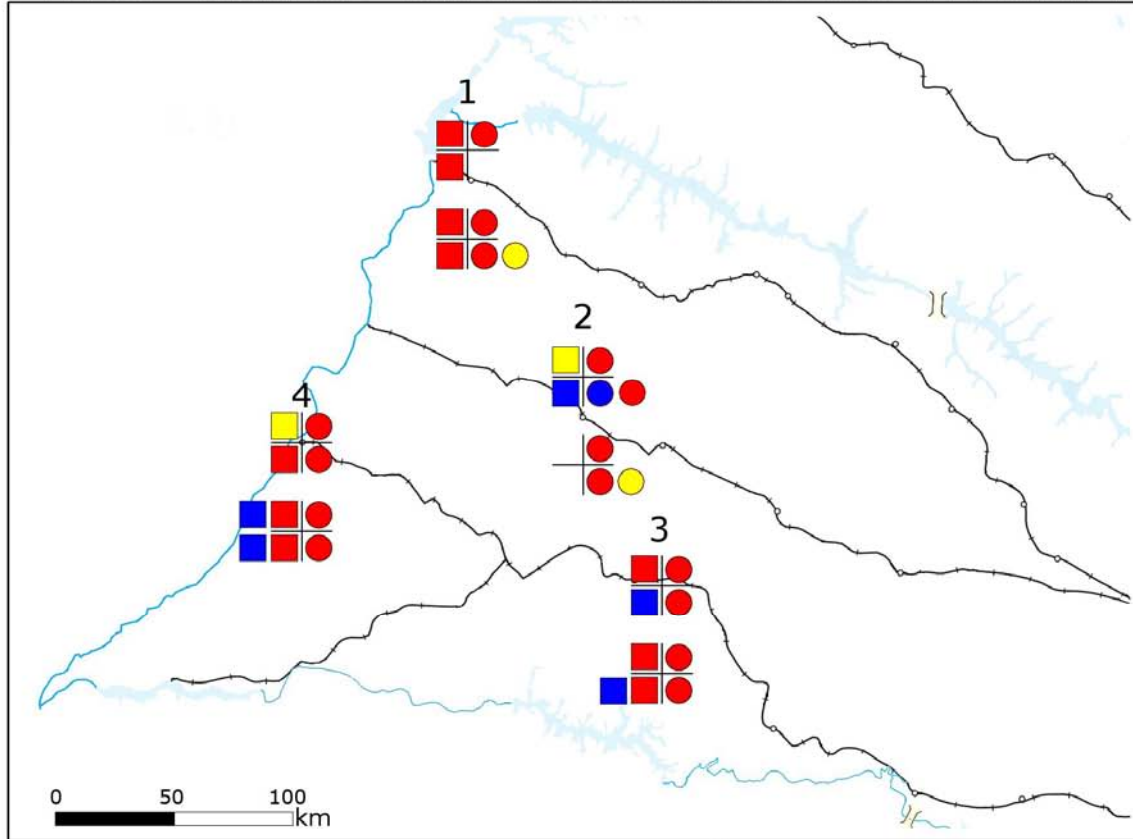
003-3 INF.- Isso? Aqui eis trata de Maria com, Maria cambona, combota , é.

004-7 INQ.- O senhor já ouviu outro nome? INF.- Cambalhota, pulo de macaco, é mais ou menos aí (risos). As mãe: “Sigura macaco minino”, dá bronca, né, “Tá virano macaco agora?”, virano cambalhota aí. Tem outro nome, virando... virano alguma coisa que eles falava. Mas... virano cambota, no nordeste é mais virando cambota (risos). Num é cambalhota, é cambota.

- **Ocorrências Únicas:** 001-4 Carambota; 001-5 Mortal; 002-3 Plantar bananeira, catatumba; 003-3 Maria Cabona; 004-7 Pulo de macaco.
- **Questão Não Formulada:** 002-5



ALTOSP - CARTA 075 - CAMBALHOTA (Coincidente com: APFB-109r; ALPB-102; ALS I-113, 113r)



LEGENDA

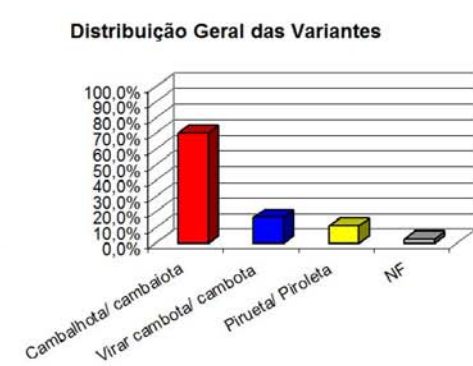
- Cambalhota/ cambaiota
- Virar cambota/ cambota
- Pirueta/ Piroleta

CONVENÇÕES:

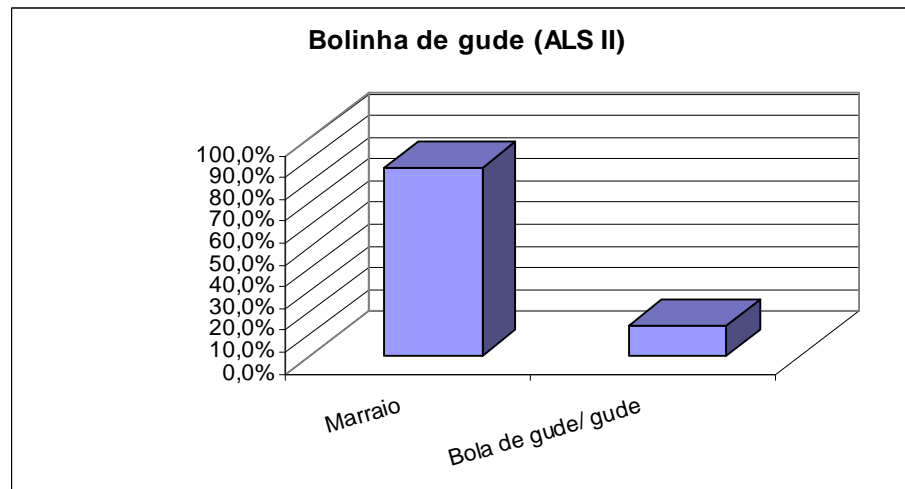
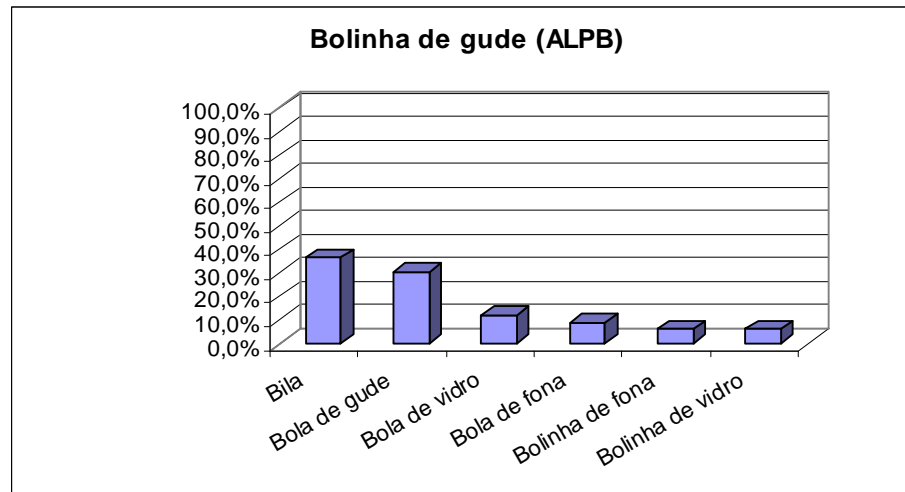
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 075

Como se chama aqui a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?



ALTOSP – CARTA 076

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-2 INF.- Bolinha-de-gude ? Brinca aqui bastante ainda. Nas férias de dezembro eles gosta de burquinha.

001-3 INF.- Hoje fala bolinha, né, jogá bolinha, mas antigamente era burquinha que chamava. INQ.- Tem outro nome? INF.- Não, é burquinha memo. Bom, pelo meno na minha época era brinca de bolinha, né, uns fala bolinha, brincá de burquinha. Hoje fala bolinha, né, jogá bolinha, mas antigamente era burquinha que chamava.

001-4 INQ.- E ainda vê eles brincarem aqui? INF.- É difícil né, antigamente que tinha essas coisa assim, agora... vai cabano tudo.

002-3 INQ.- Tem algum outro nome? INF.- É, bola de gude, mas otros fala burica , né.

003-3 INF.- Aqui eis fala bur(=?=burca/burquinha), bolinha, burquinha.

003-5 INF.- ((*corde na gravação*)) bola de gude, mais eu acho tão estranho falá

bola de gude, sabe. Eu acho bur(=?=burca/burquinha).

003-6 INQ.- O que você ouve mais? INF.- Aqui ? Aqui eu acho que é os dois, se você falar as pessoas vão saber o que é, mas acho que o mais comum... depende um pouco da cultura. Se for umas pessoas mais pobres com certeza

vai ser burquinha. Na minha época era burquinha. INQ.- Na minha também. INF.- Então, até eu aprender que era bolinha de gude, eu já era meio grande já. Mas hoje os meninos falam bastante bolinha de gude.

003-8 INF.- Aqui a a criançada também fala burca.

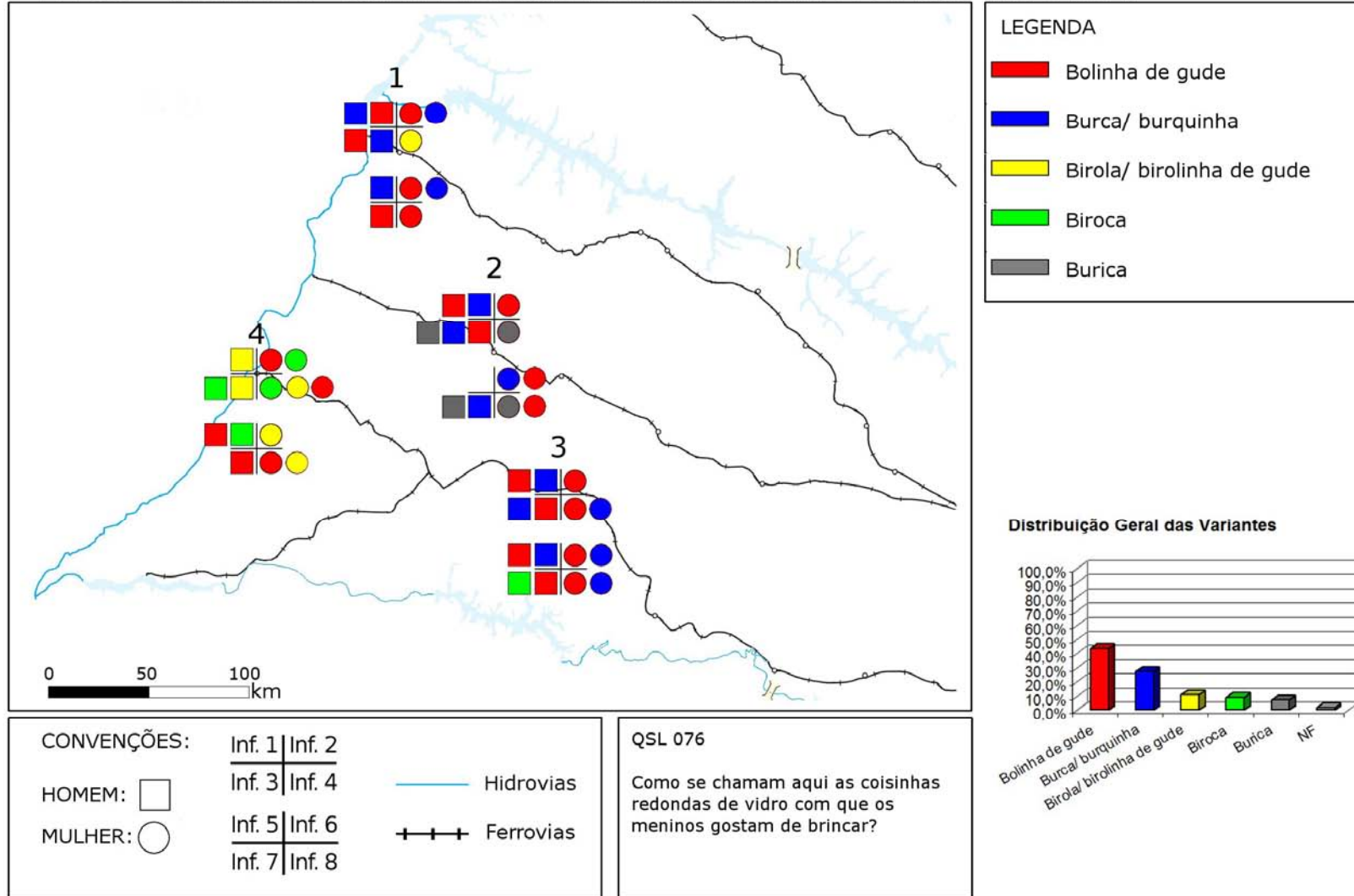
004-2 INF.- Tem gente que chama biroca, né. INQ.- Qual que é mais comum dos dois? INF.- Ah bolinha de gude, né. Mas assim lá na meu pai, meu pai falava biroca. Lá po lado da Paraíba.

004-3 INF.- Uns fala birola, otos fala biroca né, então... (inint) usava mais birola né. Birolinha. Jogá birola.

- **Ocorrências Únicas:** 001-5 Biloca; 004-5 Fubeca; 004-7 Bola de vidro;

• Questão Não Formulada: 002-5

ALTOSP - CARTA 076 - BOLINHA DE GUDE (Coincidente com: ALPB 105; ALS II-097)



ALTOSP – CARTA 077

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INQ.- Você já ouviu outro nome? INF.- Ah, a gente chama de estilingue aqui. Tinha outro nome que o pessoal falava, agora eu num lembro... pra estilingue. INQ.- Se você lembrar... INF.- Matadera.

001-4 Istilingue. INQ.- Você já ouviu outro nome pra estilingue? INF.- Badoque num é porque é diferente. INQ.- Ai, como que é o badoque? INF.- Ah é tipo... um arco assim, é arco que fala? Aí tem um negócio assim tipo flecha né. Í meu pai fazia muito. INQ.- Aí atira a pedra li também? INF.- É a pedra. INQ.- Pra matar passarinho? INF.- É. INQ.- Só que não é a forquilha? INF.- Não é o istilingue, não.

001-5 INQ.- Nunca ouviu falar em badoque? INF.- É diferente, né. O badoque é diferente, o badoque é igual um arco de arco e flecha na verdade. Só que o arco ele tem a malha também e você lança a pedra ou qualquer coisa desse tipo. Não o estilingue que é uma forquilha.

001-7 INQ.- Nunca ouviu setra? INF.- Não. INQ.- Badoque? INF.- Ah, badoque sim, mas o badoque era um poco diferente. INQ.- Como é que é o badoque?

INF.- O badoque era... um pedaço de pau e uma... Porque o estilingue era uma furquilha com duas borrachas que você tinha que pegá uma... uma, por exemplo, a gente usava muito... ou de sapato pega parte do coro e fazê atrás e amarrava, aí cê atirava com aquilo lá, com a furquilha. Esse badoque já era espécie dum pau que você pegava um... um cordão assim, amarrava nas duas ponta, no (inint.) e colocava e atirava também, e dali a gente chamava de badoque. Era diferente do estilingue que era um pedaço de pau com uma furquilha.

003-2 INQ.- Conhece por outro nome? INF.- Numnum. INQ.- Lá no nordeste eles não falavam outro nome? CIRC 2.- Badoque. INF.- Badoque? Num sabia

003-7 INQ.- Você já ouviu outros nomes para estilingue? INF.- Tem outro nome sim só que eu não tô lembrado, no nordeste tem outro nome mas aqui chama mais estilingue só que eu não tô lembrado.

004-5 INF.- Bom, da minha época já era estilingue né. Falava muito de badoque, de... mais eu já conheci como estilingue, fiz muito estilingue (risos).

INQ.- Mas badoque vocês falam só aqui ou vem do nordeste (inint)? INF.- Não, esse badoque já é um termo mais... meus pais falavam né. Badoque.

004-7 INF.- Famoso estilingue, estilingue. Tem também no nordeste além do

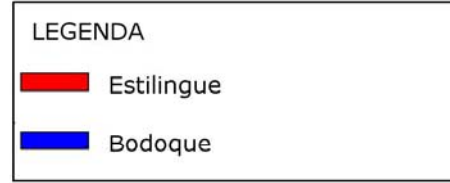
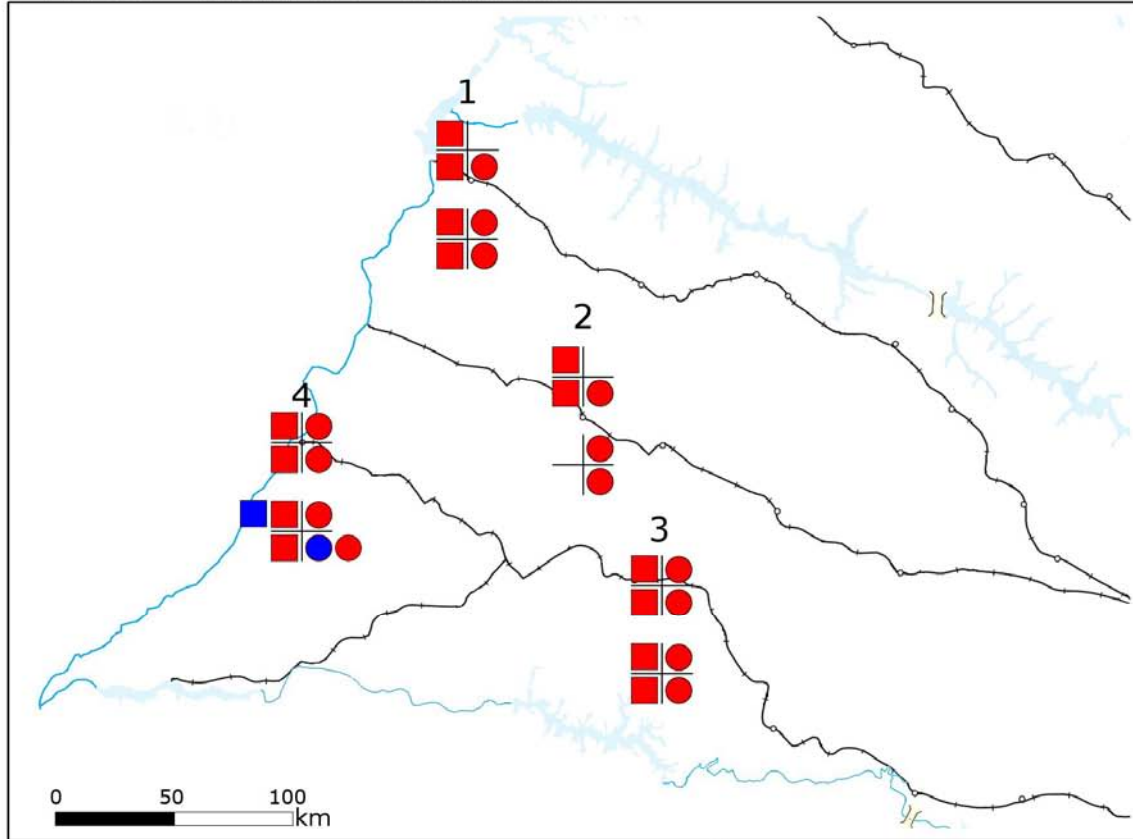
INF.- Num é igual, ele é parecido porque ele puxa também, só que ele é que nem um tipo, como se fosse um... num é uma flexa, um arco. Se tem o arco e a flexa, né? Então o badoque não tem flexa, ele tem um lugar no meio, no centro que sobe uma, uma bolota de barro.

INQ.- Ah, e puxa também?

- **Ocorrências Únicas:** 001-1: Matadeira e Atiradeira; 004-6: Balieira
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-2; 002-2 e 7

estilingue o bodoque, bodoque num sei se tá aí na sua...
INQ.- Ele é igual o estilingue?

ALTOSP - CARTA 077 - ESTILINGUE

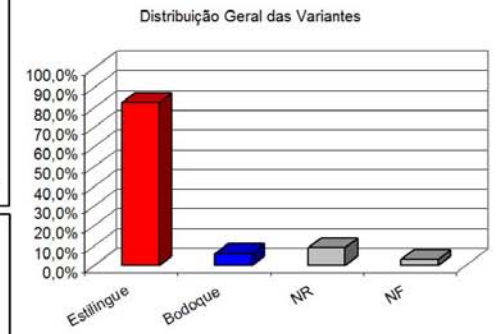


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 077

Como se chama aqui o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?



ALTOSP – CARTA 078

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-7 Então, quando eu era criança a gente falava muito papagaio. Hoje eles chamam muito pipa , eles falam muito pipa por aqui.

003-5 INF.- Ah, pipa! (...) Eu, eu falo “o pipa”, eu não falo “a pipa” como as pessoas falam. INQ.- Fala “o”? INF.- É, “o pipa”. Eu acho mais... adequado. INQ.- Mas desde criança você fala pipa? INF.- É, “o pipa”. INQ.- (inint) pipa. INF.- É. Daí eu achava estranho quando falava “a pipa”, sabe. INQ.- E você já ouviu outro nome? INF.- Papagaio ... eu acho é estranho chamá de papagaio.

003-8 INF.- Eles chamam de pipa né ... e tem criança aqui que chama de papagaio.

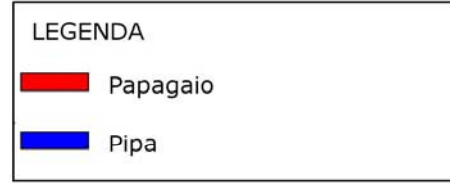
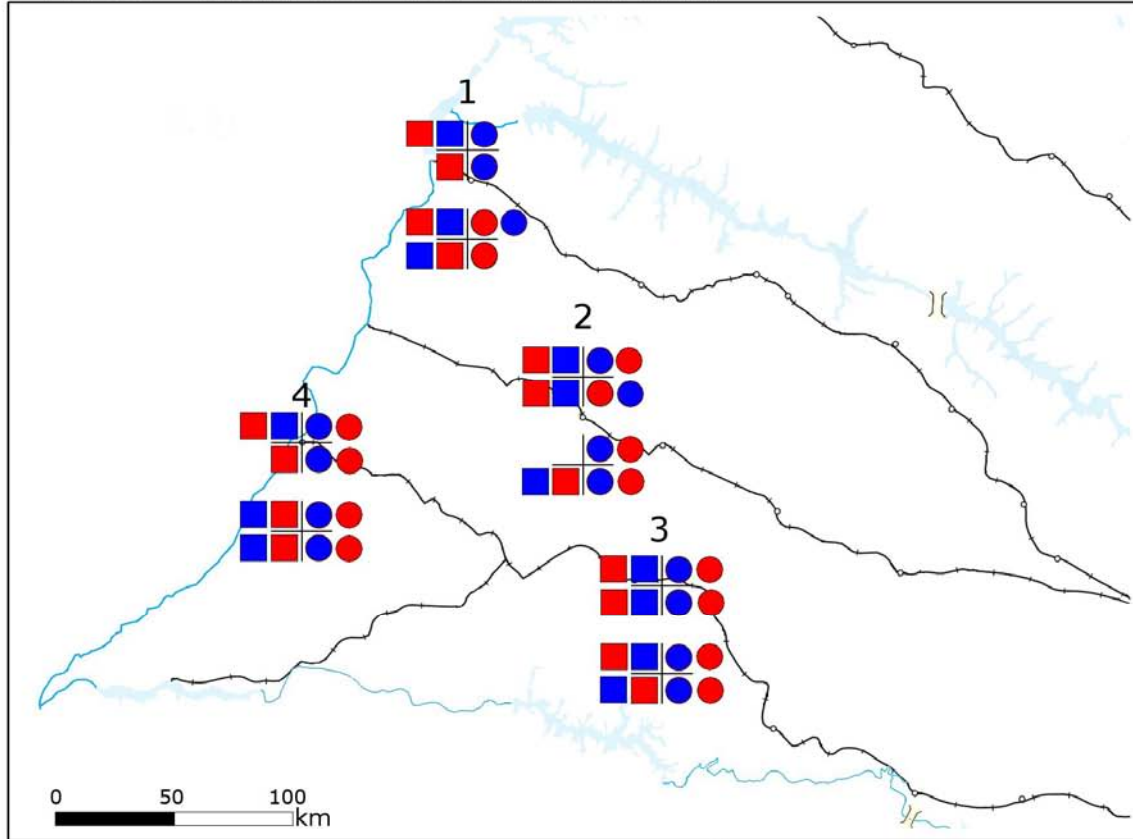
INQ.- Isso. INF.- É tem os dois nomes.

004-4 INF.- Ai, o nome eu num sei, só chama de pipa, papagaio.

004-5 INF.- Na mi(?=minha), no meu tempo era papagaio. Aí depois conforme o tempo virô pipa ... né. Mais a gente... eu, eu conheci como papagaio, soltá papagaio. Agora é soltá pipá né, empiná pipa.

- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 078 - PAPAGAIO DE PAPEL

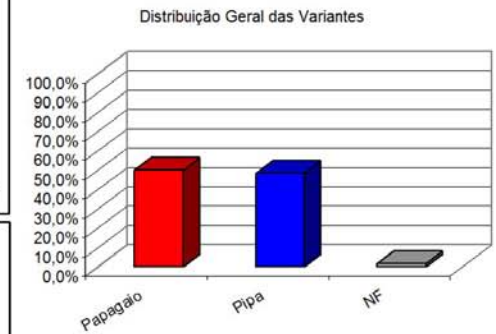


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 078

Como se chama aqui o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?



ALTOSP – CARTA 079

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

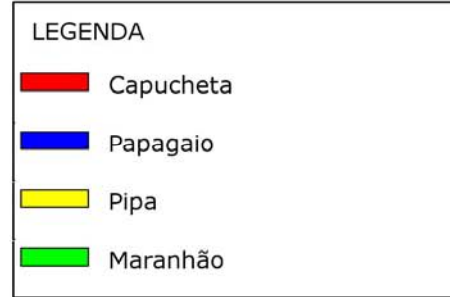
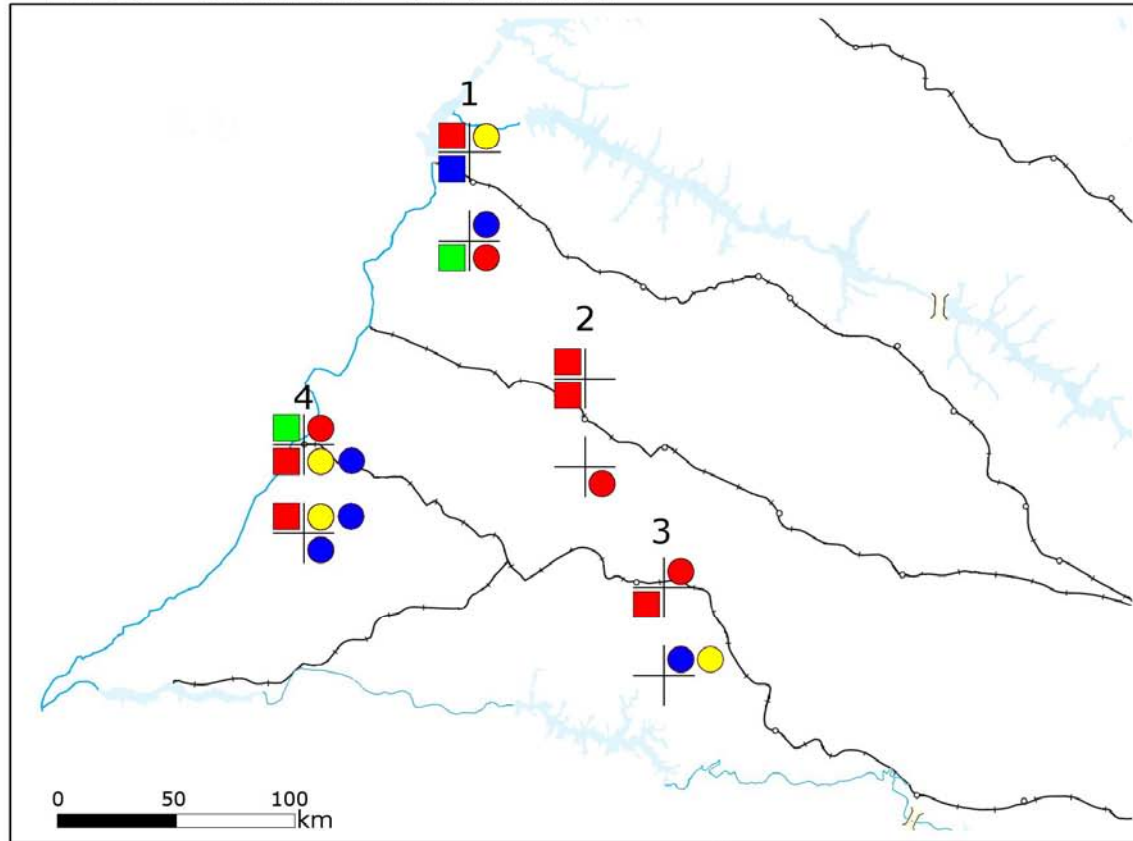
001-7 INF.- A gente chamava de maranhão, era quase que mesma coisa só que diaferenciava o modelo dele. A gente chamava esse de maranhão, num sei porque, qual era a origem desse daí?

001-8 ((A propósito do QSL 078: INF.- Tinha também aquela cabucheca. Num sei se já ouviu falá, feita só de papel. INQ.- Qual a diferença delas? INF.- O papagaio ele costuma tê a vareta, né, a vareta fica como uma armação, uma haste e a cabucheca não, ela é só mesmo o ...o ... o papel, né.))

004-1 INF.- Ah é o... eu falo como maranhão, né. INQ.- E ele é maior? Como é que ele é? INF.- Ele é maior, ele é o... o pipa maior que tem é ele, né, só que ele num tem rabo, num nada. Só tem as... (inint) o pessoal chama de maranhão.

- **Ocorrências Únicas:** 002-2 Piriquitinho; 003-1 Pochete; 003-4 Rabiola; 004-7 Aviãozinho
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 079 - PIPA/ ARRAIA

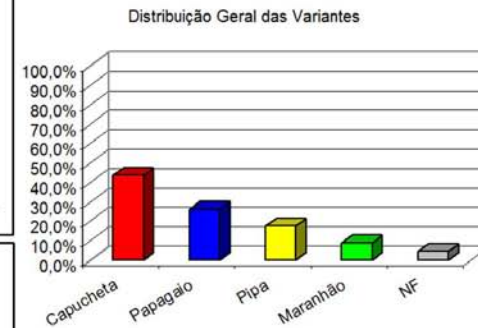


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 079

Como se chama aqui o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?



ALTOSP – CARTA 080

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-2 ((A propósito do QSL 075: INF.- Não, num é, os menino sempre brinca, esconde-esconde? INQ.- Como é que é? INF.- Num é que 'cê tampa o olho um corre e esconde?))

001-3 INQ.- Como que é? INF.- (inint.) na parede, conta a até deiz. Esconde-esconde, né.

001-5 INQ.- Como que é? INF.- Balança caxão eh, tem uma pessoa que fica sentada, uma criança, a outra vem, deita, encosta a cabeça no colo dela, né, e as otras, simultaneamente atrás, encosta e vai...aí uma canta "balança caxão", lá a última fala "balança você" (? = outra lá) "dá um tapa na bunda e vai se escondê". Aí cê dá um tapa na bunda e vai se escondê. Aquele primero (inint) as outras estão escondido, o que tem sentado ordena o oto a buscá os que estão escondido lá no (inint) traz fulano pelo braço, traz pela orelha, aí vai.

001-7 INQ.- Que a criança depois ia procurar? INF.- Ia procurar. Ela conta até deiz assim, as otras escondem, aí ela vai procurar os outras, ela não... Se alguém vier então ela pega, se ela vê alguma criança aí ela pára: "um, dois, três", o nome da pessoa, vai lá e bate três vezes naquele local.

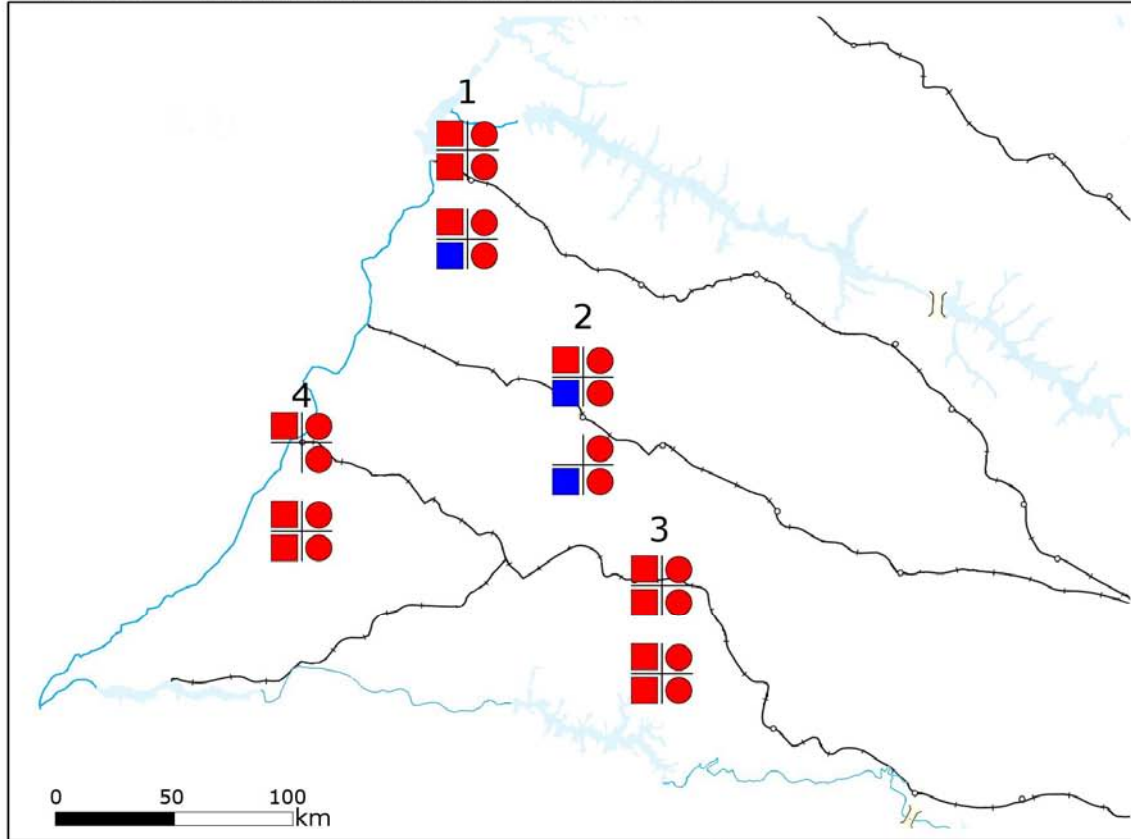
002-4 INQ.- A Letícia tá soprando, né? Como que é o esconde-esconde? (risos)

CIRC.- É assim: fica bateno na parede, aí você vai iscondê, aí depois o otro sai pa procurá. INQ.- Essa você conhece? INF.- Conheço. Ixe! Ei brincava muito. (...) INQ.- E o pique esconde é o que... coloca na parede (inint) e sai? INF.- Sai né, pa procurá a pessoa.

002-7 INF.- Tinha a brincadera, nego' de pique. INQ.- Ah, como que era o pique? INF.- Você, você ficava assim, contava, todo mundo se escondia. Aquele que chegava no lugar que 'cê 'tava, falava "pique", 'tava salvo. Oto você, quando você via já perdia, 'tava fora.

003-3 INQ.- Que a gente tá contando, né... INF.- Que põe a cara esconde, aí o cara vai iscondê. É isconde-isconde.

ALTOSP - CARTA 080 - ESCONDE-ESCONDE



LEGENDA

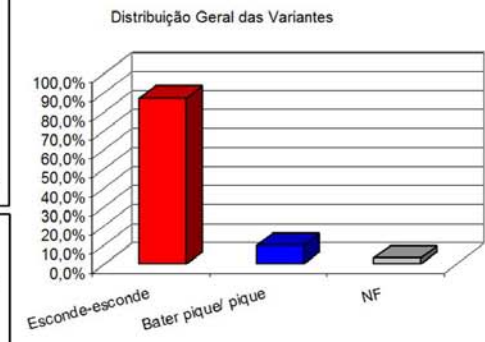
- Esconde-esconde
- Bater pique/ pique

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 080

Como se chama aqui a brincadeira em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?



ALTOSP – CARTA 081

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 CIRC.2- Ah, eu sei. Cobra-cega (cochichando). INF.- Cobra-cega.

001-3 INF.- Pega-pegas? Pega-pegas, né. INQ.- A pega-pegas a criança tá com o olho vendado ou não? INF.- Tá com o oio vendado, é pega-pegas sim.

001-6 INQ.- Qual que é mais comum, cobra ou cabra? INF.- Eu conhecia com cobra-cega, né, desde pequena, aí foi estudando, num lembro e tudo mais, é cabra-cega.

003-1 INF.- Cobra-cega né, que eles fala.

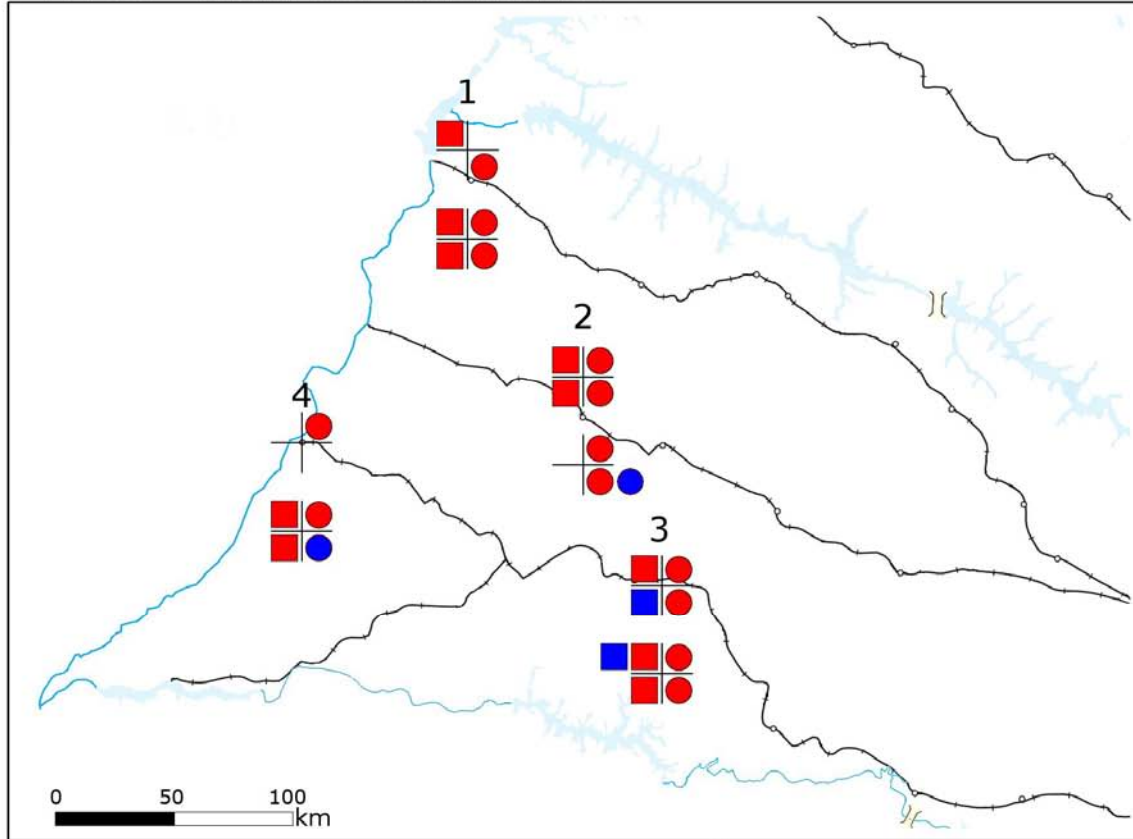
003-5 INF.- Eu nunca soube direito o que que é.

003-8 ((A propósito do QSL 098: INQ.- E essa cobra-cega é como? INF.- O pessoal amarra os o(?=olhos) a venda né os olhos e daí você sai procurando também. INQ.- Mas aí é amarrado, né. INF.- Amarrado, é.))

004-7 ((A propósito do QSL 080: INF.- Cobra-cega. É cobra-cega? INQ.- Como que é a cobra-cega? INF.- A cobra-cega é essa, ela sai... Bom, acho que eu falei o contrário então. A pessoa amarra a venda na criança, ela sai procurano achano os outro, achá alguém, saí a procura, os outro fica escondeno dela e ela fica procurano. INQ.- Ela tem que ir relando. INF.- Essa é a cobra-cega.))

- **Ocorrências Únicas:** 001-3 pega-pegas; 004-1 Cego
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-2; 002-7; 004-3 e 4

ALTOSP - CARTA 081 - CABRA-CEGA

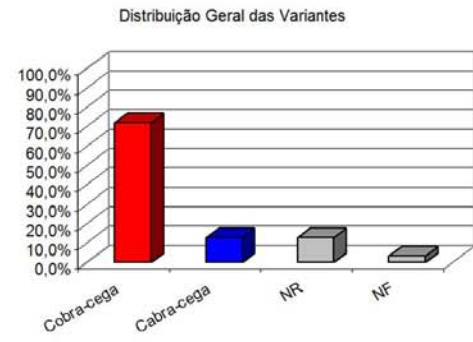


CONVENÇÕES:

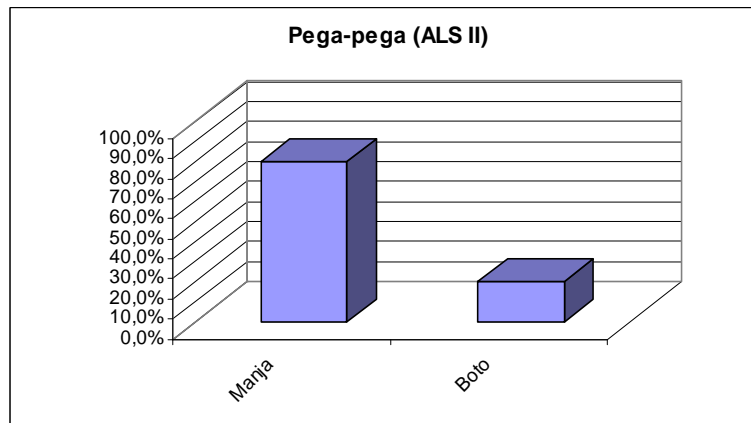
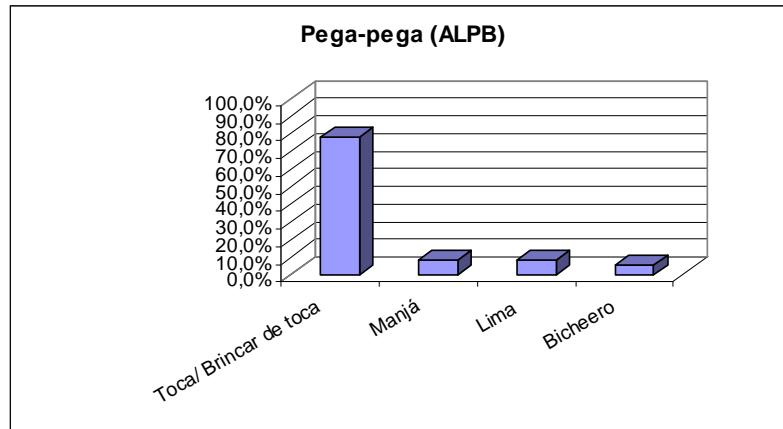
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 081

Como se chama aqui a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?



ALTOSP – CARTA 082

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-1 INQ.- Tem outro nome? INF.- A gente brin(?)... bom, era brincadeira nossa. Antigamente era salva, né.

001-5 INQ.- Como é que é o pique? INF.- O pique é eles....ah, como pode falá? Um local que cê você tivê relado, ce tá salvo. Você saiu dali, se aquele que tá pegando te pegá, tá com você e...e assim continua a brincadeira, até... INQ.- Então o lugar o mesmo... INF.- Eh, tipo, vamo supor, aqui nessa mesa é o pique, quem tivesse relado nela, tava salvo, na hora que eu saísse nela, a pessoa que tava no...que iria pegá, podia pegá normal. Ou então uma pessoa fica, eh, vamo supor, na brincadeira uma pessoa fica pra pega os otros e rela numa pessoa, aquela pessoa que ela relô vai ajudá a pegá o restante e assim sucessivamente até num tê mais ninguém. INQ.- Então a brincadeira mesmo pode chamar de pique? INF.- É.

001-7 INF.- Nós brincávamos, a gente chamava de salva, era quase igual o pique, só que assim... você, você ficava, a gente usava... Onde eu morei, era Itapura, uma cidade bem piquininha, então a gente tinha total liberdade pra bincá na rua, a gente... ficava uma pessoa assim num poste de energia, esticava a mão, aí vinha o outro pra tê salvá, tinha aquele outro que ia... se o outro conseguisse pegá você ele ficava pego tamém, ia lá pra... ia formano uma espécie de uma fila, até a... Porque assim, dividia em duas equipe: um e que ia pra salvá e o outro que ia tentá defendê, não dexá o outro salvá, a gente chamava eles de salva.

001-8 INQ.- Era dessa forma? INF.- Tinha dessas duas formas que eu tô falano, né, essa uma que você rela na pessoa, que tinha a mania de falá duro mole, que inclusive até hoje a criançada ainda brinca, né, e aí vem um outro coleguinha, toca, e ela pode corrê e essa que você tá falando aí, né, cê tocô, ela fica nela, e né, você fica livre, então tem dois tipos, né.

002-3 INQ.- Como que era esse pega-pega? INF.- Ah, esse sistema aí que você falô... esse aí que corrê bate na pessoa, aí liquídava, falava: "Não, peguei" tal. Aí se a pessoa chegasse lá no ponto lá se livrava também. Então era meio misturado as coisa, mei'... Que é muitos anos tamém, que a gente passa pela idéia com'é que era, a gente foge muito da memória.

002-6 INQ.- Como que é ? INF.- Ah, você corre atrás dela, aí você « tá co » aí tá com ela, aí tá com ela, aí ela que tem que corrê atrás das otras. Pega pega pode ser também. INQ.- Se eu relar ali você não pode me pe(?=pegar)... INF.- Não, é assim, eu corro atrás de você, aí eu relei ni você, tá com você, aí você que tem que corrê atrás dos outro pra passá pra alguém, aí eu corro também, senão você pode passá pra mim de novo.

003-1 INF.- Pega-pega que eles fala.

003-4 INF.- Eu acho que é o pique bandera que eles fala? INQ.- Como que é?

INF.- Ah eles tem um lugar antes de chegá lá ou pega-pega. Acho que esse é o pega-pega né, que marcam um (tempo?) por exemplo ali perto da televisão se ele chegá, antes de chegá lá ele

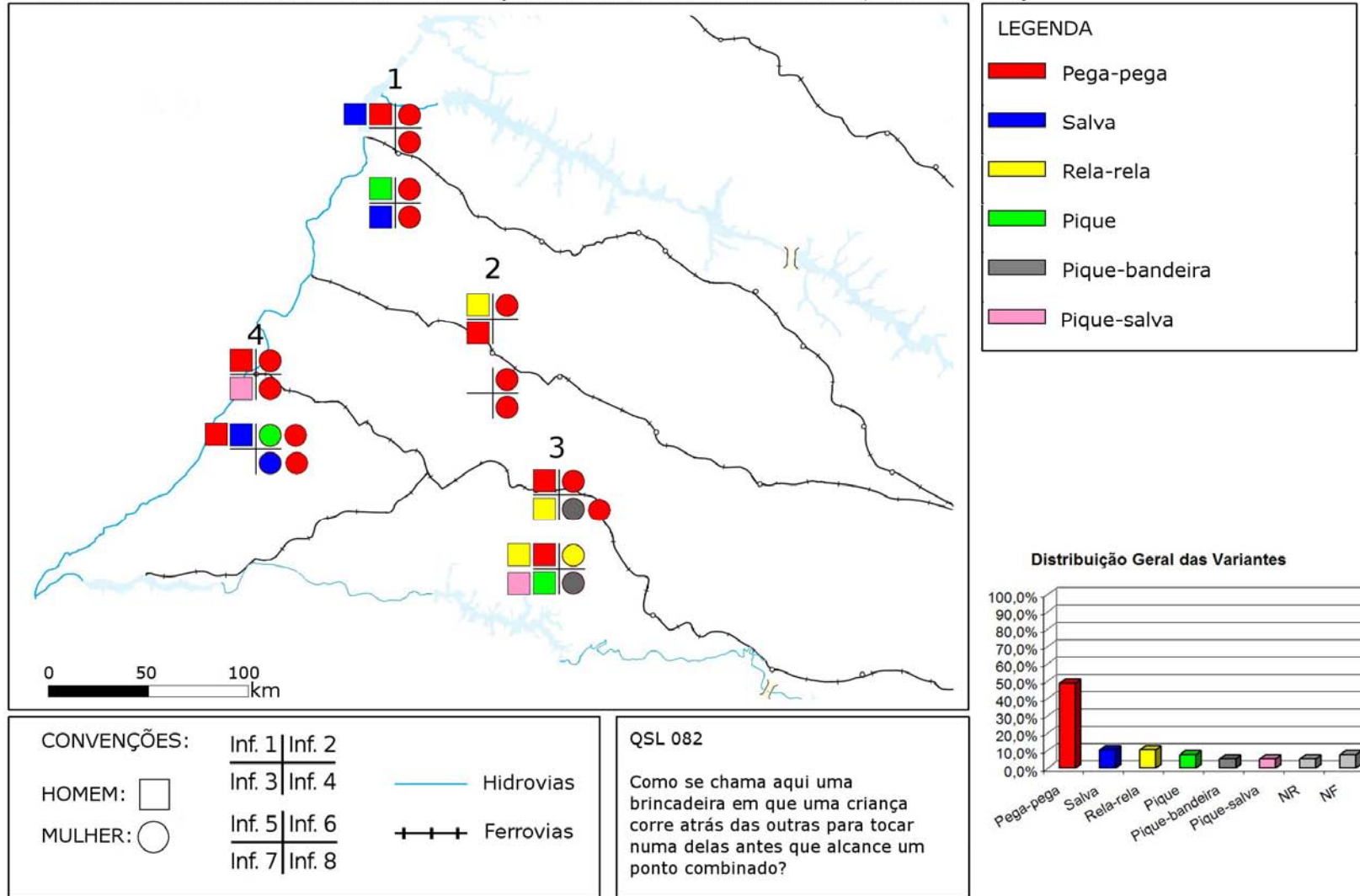
te quem sê pego, né? Sê pegá antes tá pego.

003-8 INF.- Pique bandera. Uma coisa assim acho que é.

004-3 INF.- INF.- É pique-salva né?

- **Ocorrências Únicas:** 002-3 Mãe-da-rua; 002-6 Taco.
- **Questão Não Formulada:** 002-5; 002-7
- **Resposta não obtida:** 001-3; 002-4; 004-7

ALTOSP - CARTA 082 - PEGA-PEGA (Coincidente com: ALPB 104; ALS II-098)



ALTOSP – CARTA 083

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INQ.- Aí esse lugar chama salva. INF.- Isso, 'cê salvava. CIRC.2- Tem outro nome ainda. Pique.

001-5 ((A propósito do QSL 082: INF.- Pique. INQ.- Como é que é o pique? INF.- O pique é eles....ah, como pode falá? Um local que cê você tivé relado, ce tá salvo. Você saiu dali, se aqule que tá pegando te pegá, tá com você e...e assim continua a brincadeira, até...))

001-8 INF.- É um pique, né, como se fosse um pique. Se você estiver ali, num pode te relá, né.

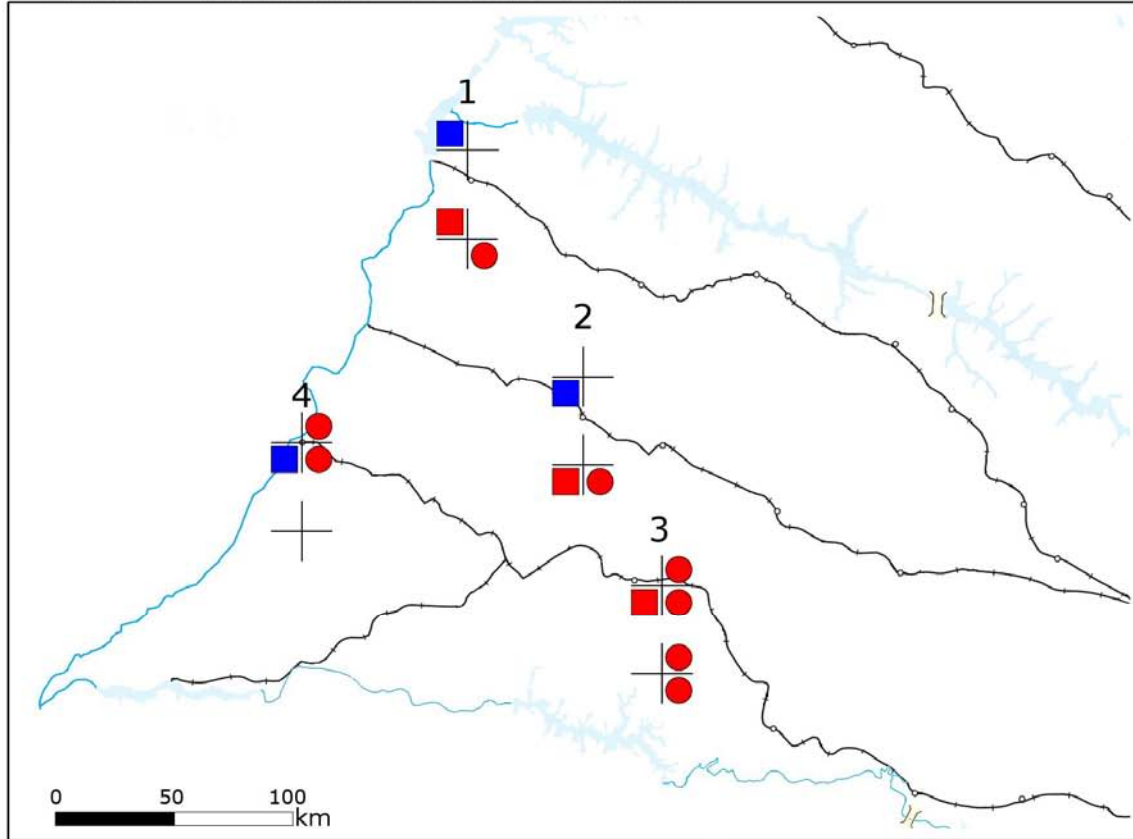
002-3 INF.- Ah, às vezes se você enconstava no... Era salva, né.

003-6 CIRC.- Pique. INF.- Ah, é o pique, é verdade!

004-2 INF.- Ah, tem o pique, né. Onde 'cê fica. "Ah, aqui é o pique, aqui 'cê num pode pegá."

- **Questão Não Formulada:** 002-4 e 5
- **Resposta não obtida:** 001-2,3,4,6 e 7; 002-2 e 6; 003-1,5 e 7; 004-1,5,6 e 7

ALTOSP - CARTA 083 - FERROLHO/ PIQUE



LEGENDA

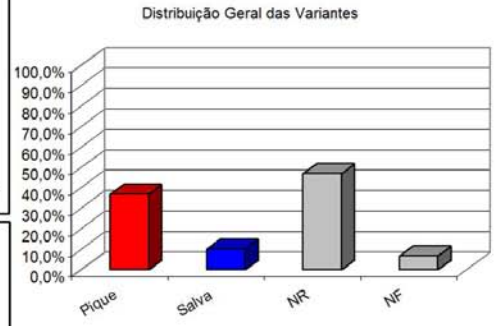
- Pique
- Salva

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 083

Como se chama aqui esse ponto combinado?



ALTOSP – CARTA 084

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

002-2 INQ.- Você lembra da musiquinha? INF.- Lembro. INQ.- Como que é ? INF.- Lencinho na mão, caiu no chão, moça bonita do meu coração. Aí depois fala : pode ninguém vai olhar ? Sim ou não...aí depois coloca e sai correndo. INQ.- Essa tem aqui, ou você brincava em São Paulo? INF.- Na escola em São Paulo.

002-4 INQ.- E ainda brinca Letícia? Como vocês chamam? CIRC.- Lencinho branco. INQ.- Tem alguma musiquinha que canta? INF.- Tem... eu me lembro que tinha uma musiquinha que a gente cantava na escola... ,as eu não me lembro agora no momento. INQ.- Como vocês cantam hoje, Letícia?

INF.- Lencinho branco, caiu no chão, moça bonita do meu coração... tô com vergonha agora...

003-1 ((A propósito da Retomada: INQ.- Aquela brincadeira que eu te perguntei lá, que as crianças ficam em círculo, você já ouviu chicote queimado? INF.- Não. INQ.- Lenço atrás? INF.- Lenço... lenço atrás. INQ.- E lenço que corra? INF.- Não, eu pensei que era esse memo: “Lenço que corra, pode corrê? Pode...” ((cantando a musiquinha)) INQ.- É! “Pode correr? Pode. (inint.)” ((cantando a musiquinha)) né? INF.- É.))

003-6 INF.- Eu já brinquei antes mas eu não sei como chama. INQ.- E ia cantando uma musiquinha não é ? Você sabe, Lucas? INF.- O que que é ? CIR.- Lenço que corra. INQ.- Lenço que corra ! É? INF.- Corra já ! ((cantando)) Não é esse ? É, eu me lembro. Eu já brinquei muito. Só que eu não lembro mais como era...

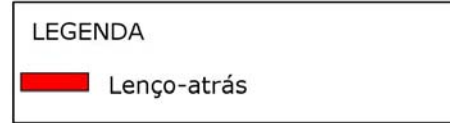
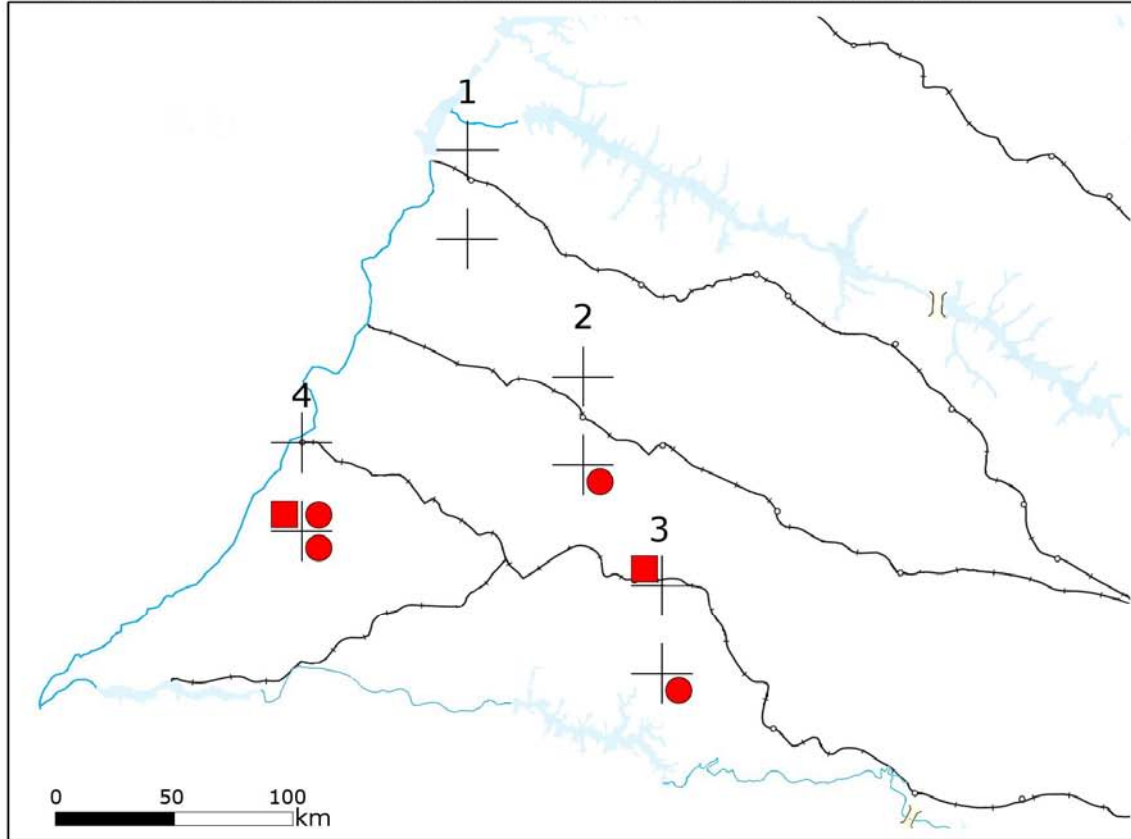
004-5 ((A propósito da Retomada: INQ.- Você conhece por lenço atrás? INF.- Lenço atrás! Lenço atrás. É. É lenço atrás, isso mesmo.))

004-6 ((A propósito da Retomada: INF.- Como que é? INQ.- Não sei se vocês conhecem aqui por lenço-atrás... INF.- Lenço-atrás, isso mesmo. Lenço-atrás. É.))

004-8 ((A propósito da Retomada: INQ.- Você já ouviu falar em lenço atrás? INF.- Eh, acho que é isso mesmo (risos), lenço atrás. AUX.- Lenço que corra você já ouviu? INF.- Não. Era lenço atrás né. Mais num era lenço, era alguma outra coisa atrás. Mão atrás...? Não, acho que... não, acho que era o lenço atrás mesmo.))

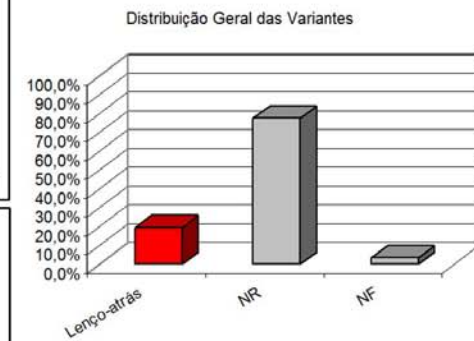
- **Ocorrências Únicas:** 002-2 Lencinho na mão; 002-8 Lencinho Branco
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001- 1 ao 8; 002-1,3,4,6 e 7; 003-2 ao 7; 004-1,2,3,4 e 7

ALTOSP - CARTA 084 - CHICOTE-QUEIMADO (LENÇO-ATRÁS)



CONVENÇÕES:	Inf. 1 Inf. 2	
HOMEM: □	Inf. 3 Inf. 4	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 084 - Como se chama aqui uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? Você se lembra da música que as crianças cantam?



ALTOSP – CARTA 085

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-7 INF.- Aqui chama de gangorra.

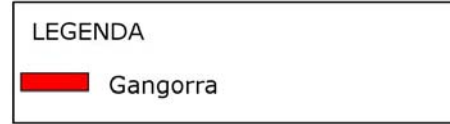
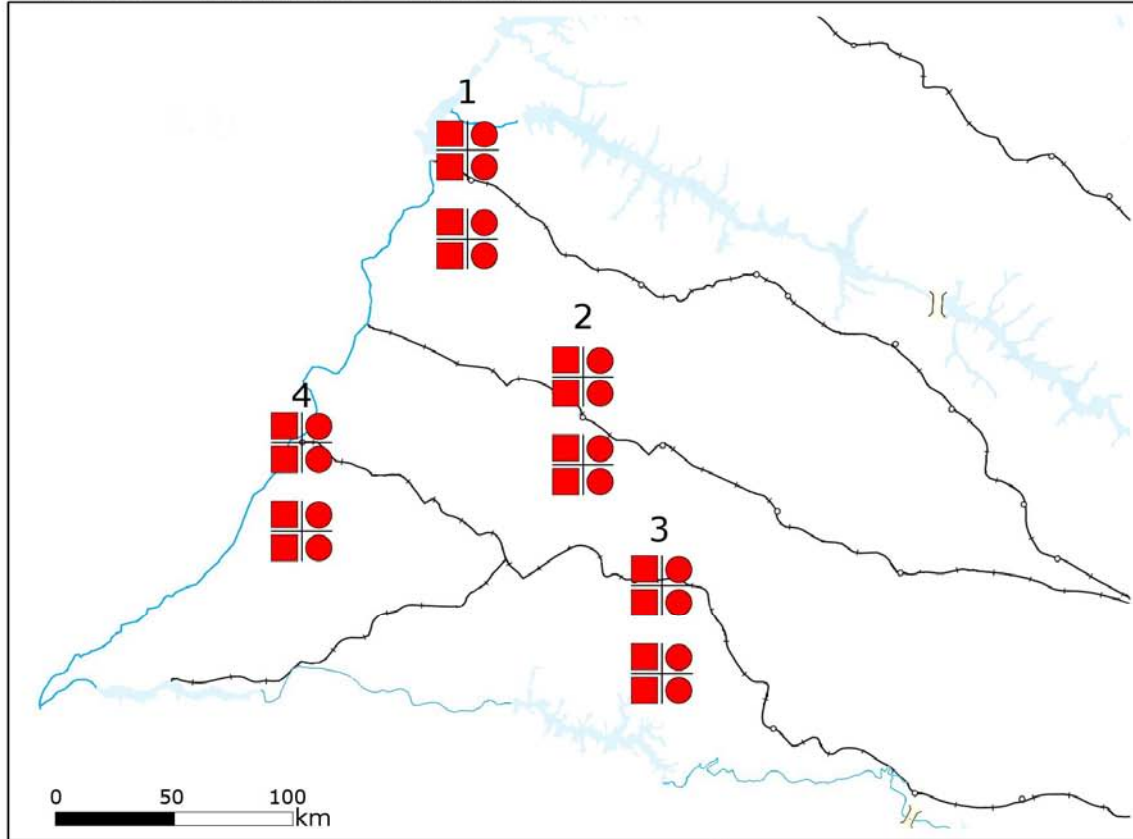
001-8 INF.- O nome disso aí é sobe desce, num é?

003-3 INF.- Eis trata de bangüê.

003-5 INF.- Eu... eu chamo de gangorra.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8: Sobe-desce e Balanço; 003-3 Bangüê
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 085 - GANGORRA

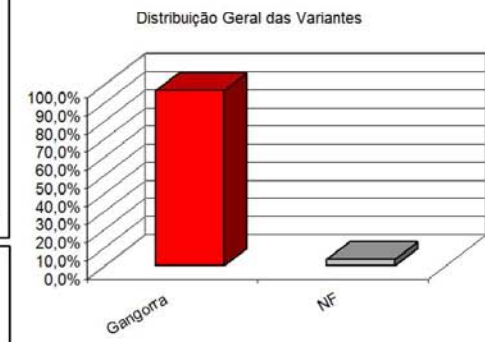


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 085

Como se chama aqui uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe outra desce?



ALTOSP – CARTA 086

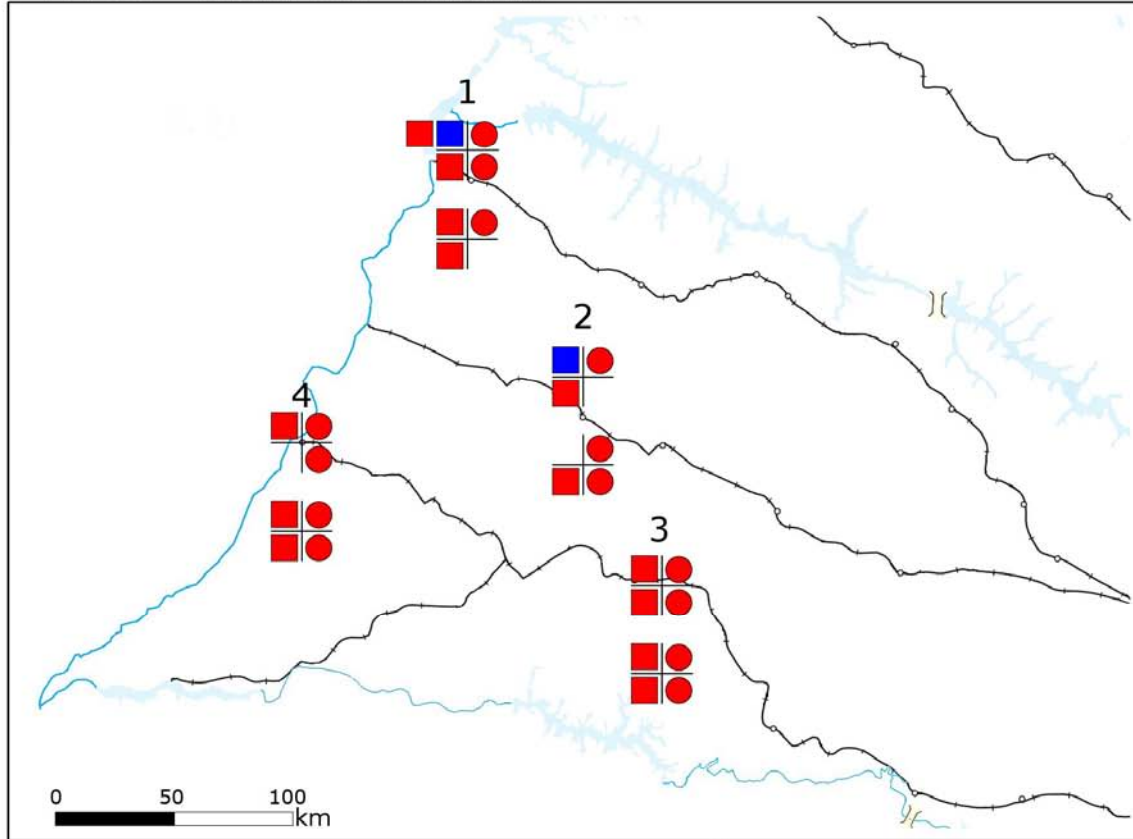
CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-2 ((A propósito do QSL 085: INQ.- Como é que é o balanço? INF.- Ah, balanga... caderinha. INQ.- Que tem as cordas? INF.- É.))

001-8 INQ.- Onde que eles fazem a gangorra? INF.- Ah, na maioria das vezes ela tem um suporte de ferro, agora às vezes eles fazem em árvore mesmo, já vi em árvore. Depende da criatividade, lá na vila mesmo quando eu fui pra lá, eu era criança ainda, lá eram feita tudo em haste de madeira. INQ.- Aí pendura com corda? Como que é, Regina? INF.- Não, era com corrente, com madeira e corrente.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Gangorra
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-4 e 004-3

ALTOSP - CARTA 086 - BALANÇO

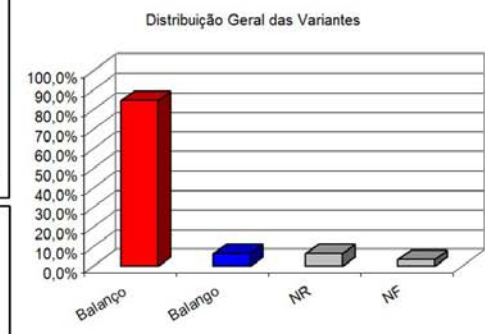


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 086

Como se chama aqui uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?



ALTOSP – CARTA 087

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-4 INQ.- E como que é a amarelinha aqui? Você pode explicar pra mim como que elas jogam? INF.- Ela joga a pedrinha, pula aquela casa e continua. INQ.- Aí não pode relar na... INF.- Onde tá a pedrinha. INQ.- Aí vai mudando até chegar no final? INF.- É. INQ.- E tem o céu e inferno? INF.- Tem. INQ.- E você pode me falar assim, como foi sua infância, se você brincava... o quê que você acha de diferente de hoje em dia. INF.- Ai era muito diferente, né? INQ.- E que brincadeira que tinha assim e que você acha que não tem hoje. O quê que vocês faziam assim. INF.- Na minha infância a brincadeira foi pouca. Num tive muita infância não. INQ.- É? Por quê? INF.- Meu pai bebia muito num dexava a gente brincá. INQ.- Era diferente também, né? INF.- Era diferente. INQ.- E hoje em dia, você acha assim que as crianças estão brincando... o quê que você acha? INF.- Ah elas tão brincano mais, mais solta. Faiz mais o que que, né (inint) ai. INF.- Tem mais liberdade.

002-2 INQ.- E tem que jogar pedrinha? Como que é, pode pisar... INF.- Logo no começo, cê pisa, mas que nem, tem os número, depois finalzinho tá escrito céu, aí logo no começo cê num pode pisá, aí cê joga a pedrinha e vai pulano nos quadradinho.

002-4 INF.- Faiz aqueles quadradinho assim, jogava uma pedrinha e vai pulano só num pé só... 'marelinha.

002-7 ((A propósito do QSL 084: INF.- Não. Ah, sabe o que brincavas muito, você fazia no risco assim,oh, jogava com pé só, com um pé só cê pulava. INQ.- E jogava pedrinha? INF.- Isso. INQ.- E como vocês chamavam essa brincadeira? INF.- Ai,meu Deus, eu brincava muito disso, não sei se era trilha.))

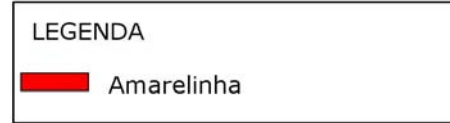
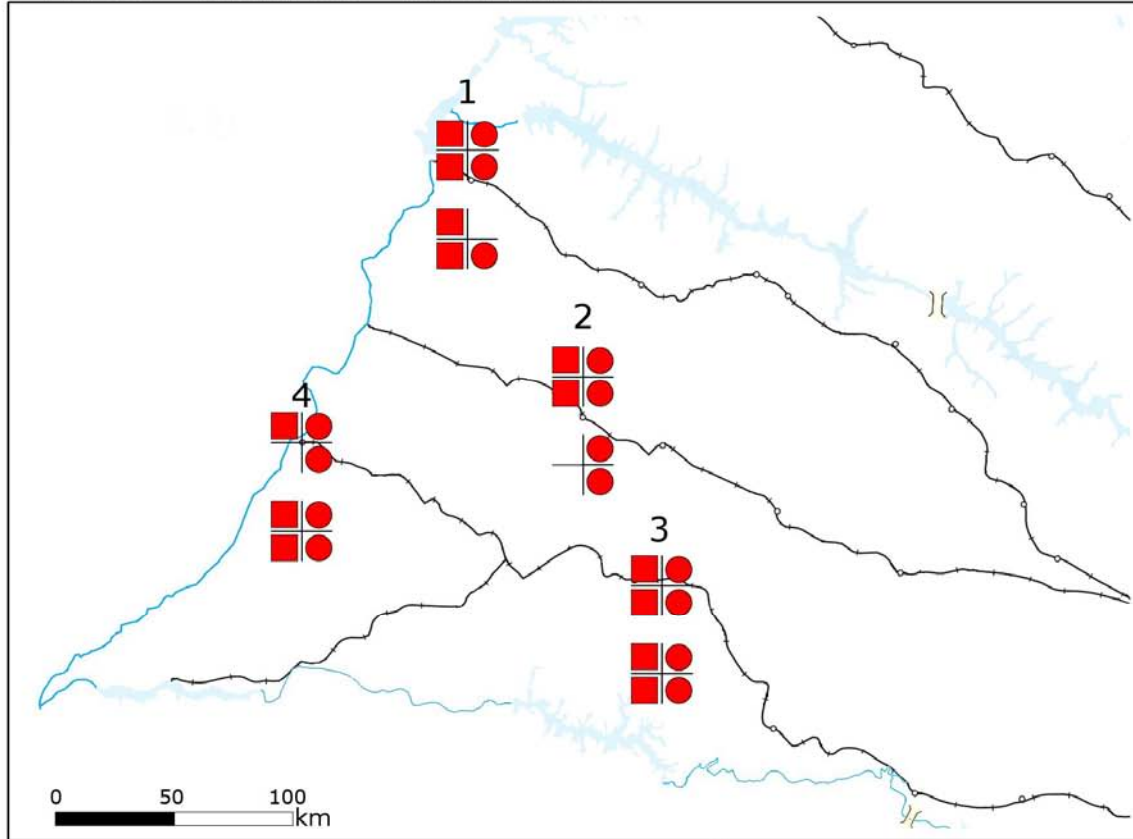
003-3 INF.- Pulá amarelinha, né? Aqui eis trata de amarelinha.

003-7 INQ.- Como é que é a amarelinha aqui? Risca os quadrados... INF.- Risca os quadrado taca... pulando assim. INQ.- Aí joga a pedrinha... INF.- É.

003-8 INQ.- E como que é a amarelinha aqui? Como que é a brincadeira? INF.- A criança joga a pedrinha no chão, né e naquele número ela não pode pisá aí ela vai saltando de uma perna só até... quando tem no caso... INQ.- Dois, né. INF.- Dois ela bate os dois pesinhos. INQ.- Aí vai e volta. INF.- É, vai e volta é. O céu e o inferno (risos). INQ.- É (risos). Aí não pode pisar... INF.- É no inferno, né. INQ.- No inferno não pode. INF.- É, é.

- **Ocorrências Únicas:** 002-7 Trilha
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-6 e 004-3

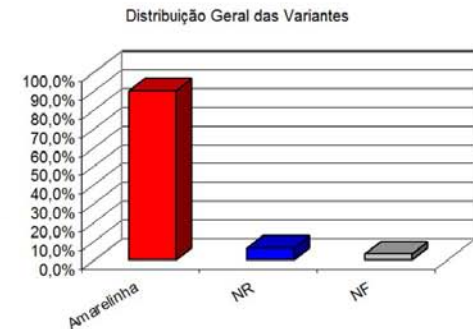
ALTOSP - CARTA 087 - AMARELINHA



CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 087
 Como se chama aqui a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?



ALTOSP – CARTA 088

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-4 INF.- A gente brinca e fala de trono.

001-5 INF.- Pessoal aqui chama de priva', o pessoal fala privada. INQ.- Tem diferença? INF.- Privada no caso seria a...a... que hoje em dia o vaso é ligado ao esgoto, né, e a privada é montada em cima de uma fossa.

002-1 INQ.- Quem falava privada? INF.- No nordeste.

002-3 INQ.- Os pais do senhor falavam um outro nome mais antigo? INF.- Ah, mas naquela época num tinha, tinha privada, né, que nem num tinha bacia, num tinha nada, era o buraco e o...

003-3 INQ.- Tem alguma diferença entre vaso e mitório ou é tudo a mesma coisa? INF.- Tudo a me, praticamente tudo a mesma coisa.

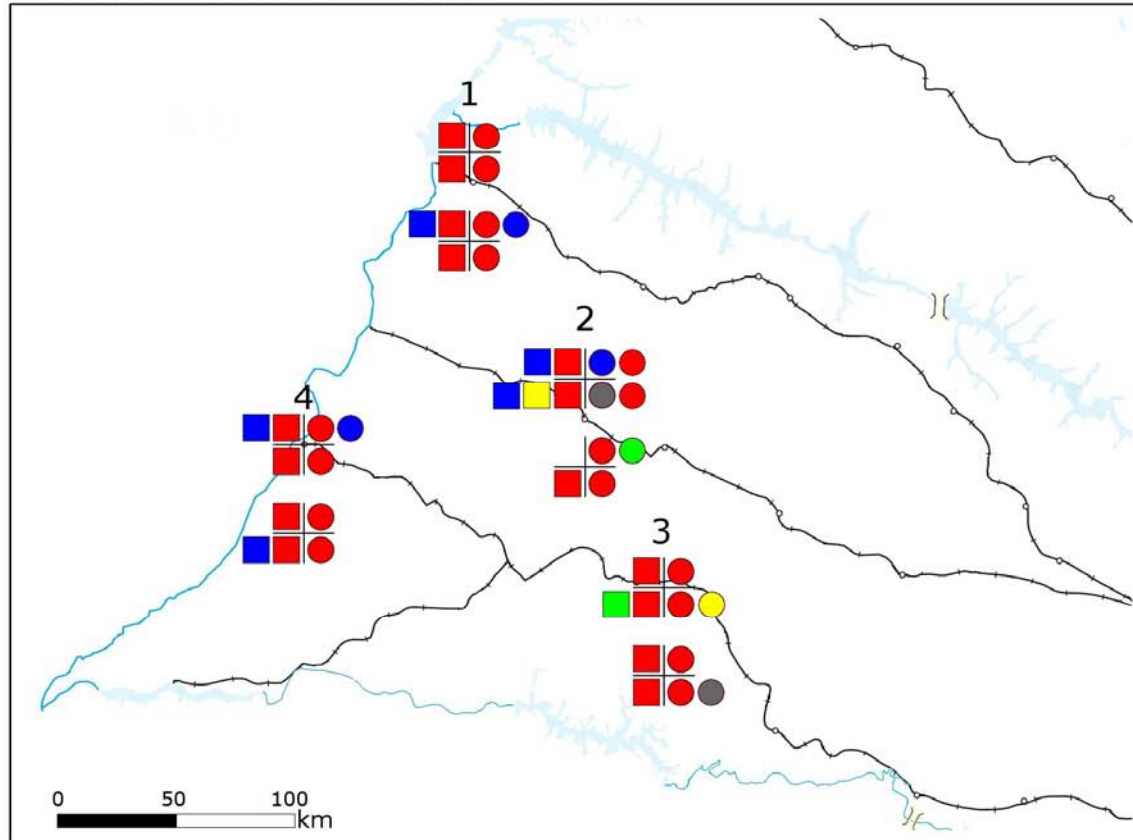
003-4 INF.- ... Uns fala bacia, né? Os mais antigo falava: "senta na bacia", né? Mais na bacia do vaso, né? Mais é... é vaso que eu conheço, né, vaso sanitário

003-8 INF.- Olha, aqui a gente chama de vaso sanitário, né, mai' tem gente que fala patente né. Pessoal mais antigo fala, né. INQ.- Pessoal mais antigo. INF.- É, é. Mais assim, as nossas criança aqui não, a gente já. INQ.- Já fala vaso. INF.- É, vaso mesmo.

004-2 INF.- Antigamente, né, num era vaso, né, privada, né?

- **Ocorrências Únicas:** 001-4 Trono
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 088 - VASO SANITÁRIO

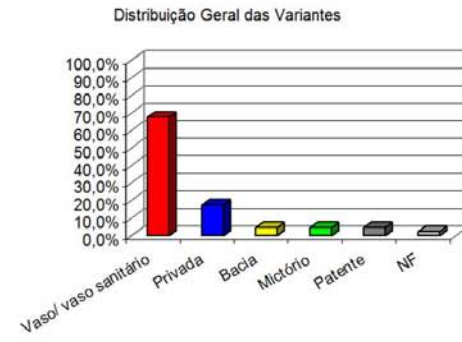


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 088

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?



ALTOSP – CARTA 089

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-5 INQ.- Quem fala binga? INF.- Binga? Bom, o pe' (?=o pessoal), bom, os mais novo, né.

001-6 INQ.- Quem chamava? INF.- Eh, os meus pais.

001-7 INQ.- Quem chama binga? INF.- Binga antigamente, meu avô mesmo falava que era binga (risos). Isso eu acho que é mais os baianos.

001-8 INQ.- Quem fala binga? INF.- É, justamente isso é do lado do meu avô, né. Do meu avô que é pai da minha mãe, que é pernambucano, falá de binga.

002-4 Ah, antigamente tinha, falava binga.

002-6 INQ.- E você costuma falar mais o quê? INF.- Isqueiro.

002-7 INF.- A turma antigamente falava binga, que é o isqueiro.

003-3 INF.- Aqui eis trata de binga, né.

003-4 INQ.- Vocês usam os dois aqui? INF.- Não, aqui pra nós é só isquero mesmo e o fósforo. INQ.- Quem que falava binga? INF.- Ai só os mais antigo que falava binga, que falava binha. “Pega o binga lá pa mim acendê o cigarro, acendê a vela... lamparina essas coisa.”

003-7 INQ.- Os antigos falava binga, né, não sei. INQ.- Hoje é mais comum isqueiro? INQ.- Mais isqueiro.

003-8 INQ.- E quem que você já ouviu falando binga? INF.- As pessoas mais antiga mesmo.

004-1 INQ.- É a mesma coisa? INF.- A mema coisa. Isquero, binga. É que o binga ele a... ele é a gáis, não, o isquero é a gáis e o binga é no... querosene. O povo usava muito querosene, tem um pavilzão assim, põe o querosene, moia ele e bate a pedrinha, ele acende.

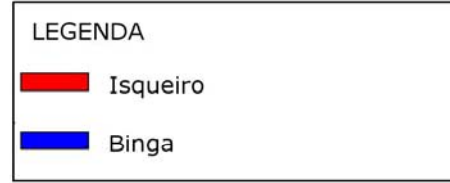
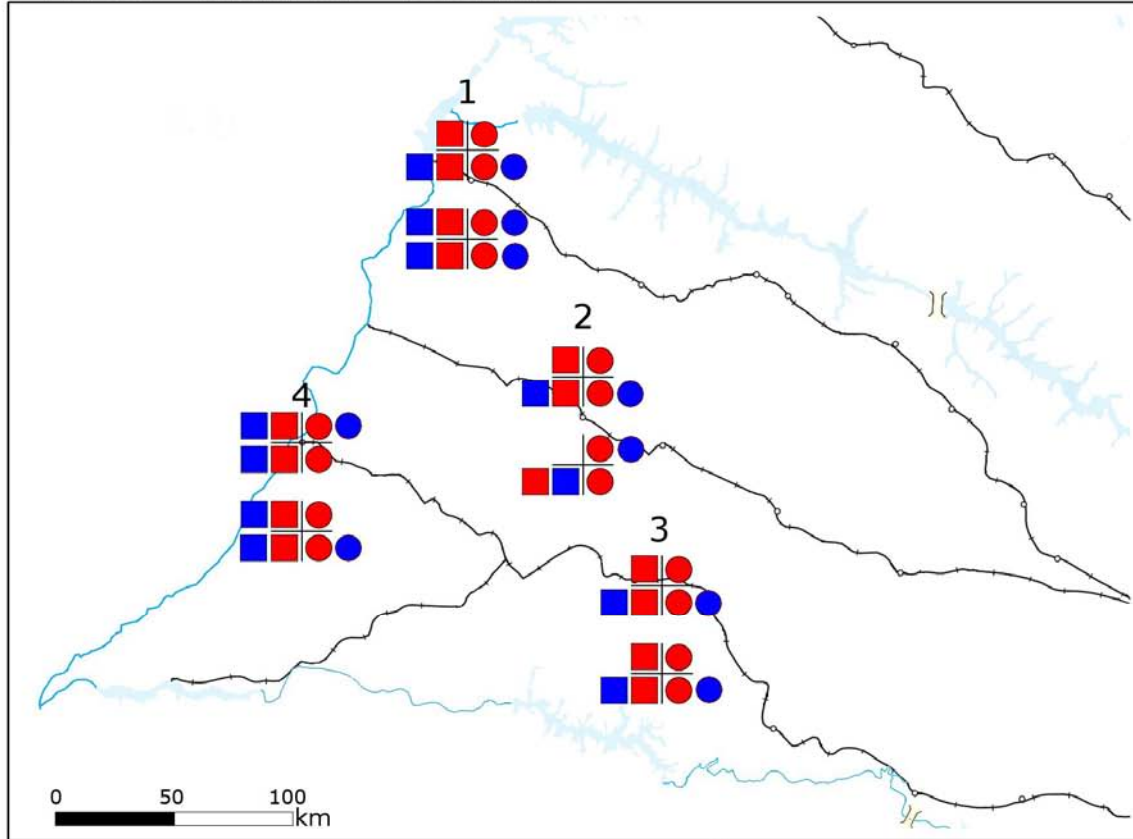
004-2 INF.- (...) Meu pai chamava binga. O isquero dele chama binga. Acho que até hoje ele fala binga. INQ.- E era igual? INF.- Não, era diferente, né. Era tipo inox antigamente, ‘cê tinha que apertá assim pra...

004-5 INF.- Ah, antigamente falavam, falava-se muito binga na... lá na minha infância, depois foi perdendo né, essa... essa linguagem foi entrando em desuso, mais... na minha infância era binga mesmo. Quando a gen... (=gente), via uma pe... uma pessoa pequena, um homem pequeno, falava: “Ah, seu tampa de binga!” (risos).

004-7 INQ.- Binga aqui ou no nordeste? INF.- Eh... tanto aqui como no nordeste. Tem muita nordestino que chama binga: “Dá o binga, empresta o binga aí”, fala assim, fala isquero. Lá no nordeste usa muito no nordeste, lá não fala isquero, mais é binga. Ou chama-se acendedô de cigarro, acendedô de cigarro, esse é o outro nome.

- **Ocorrências Únicas:** 004-7 Acendedor de cigarro
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 089 - ISQUEIRO

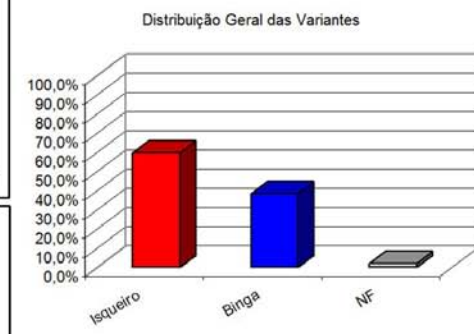


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 089

Para acender um cigarro, eu uso fósforo ou ... ?



ALTOSP – CARTA 090

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

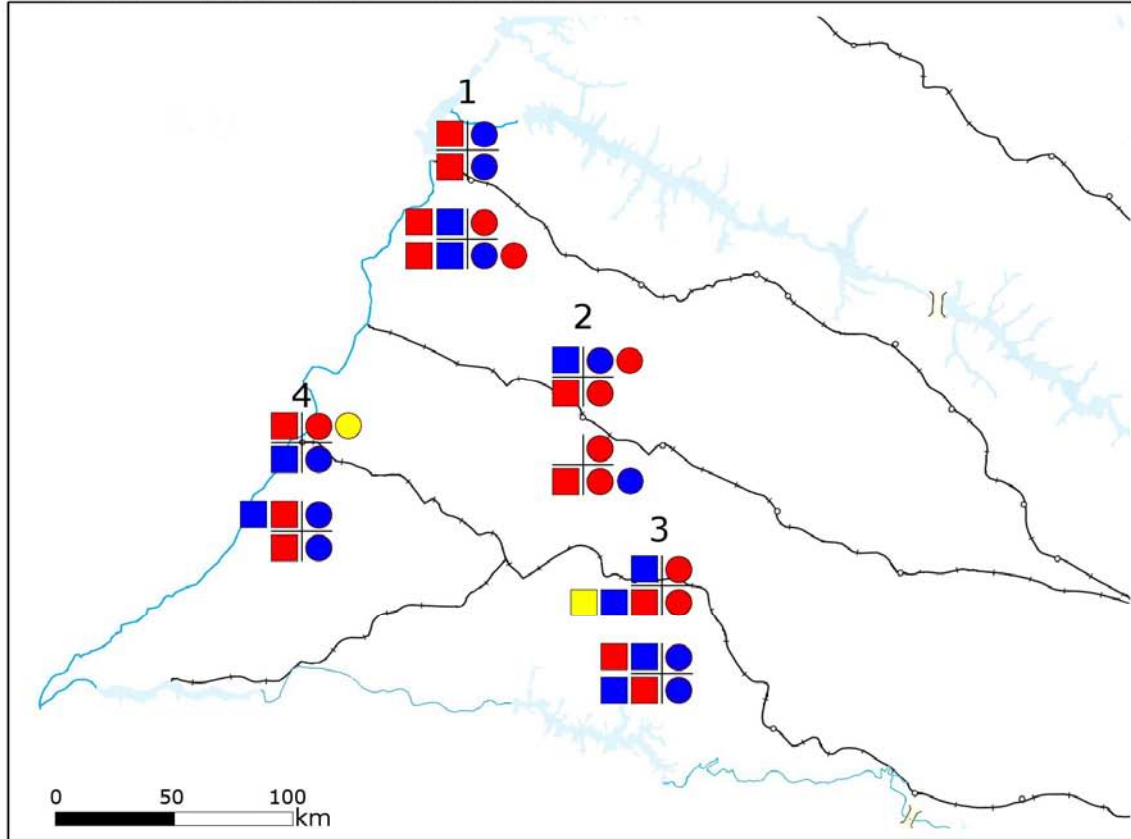
001-7 INF.- Meu avô chama de lanterna ou farolete. INQ.- E é o mesmo?

INF.- É a mesma coisa.

001-8 INF.- Farolete meu pai falava muito.

- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 090 - LANTERNA

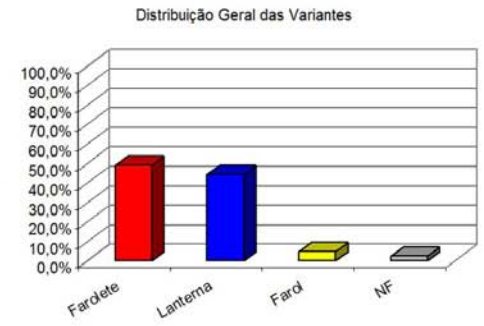


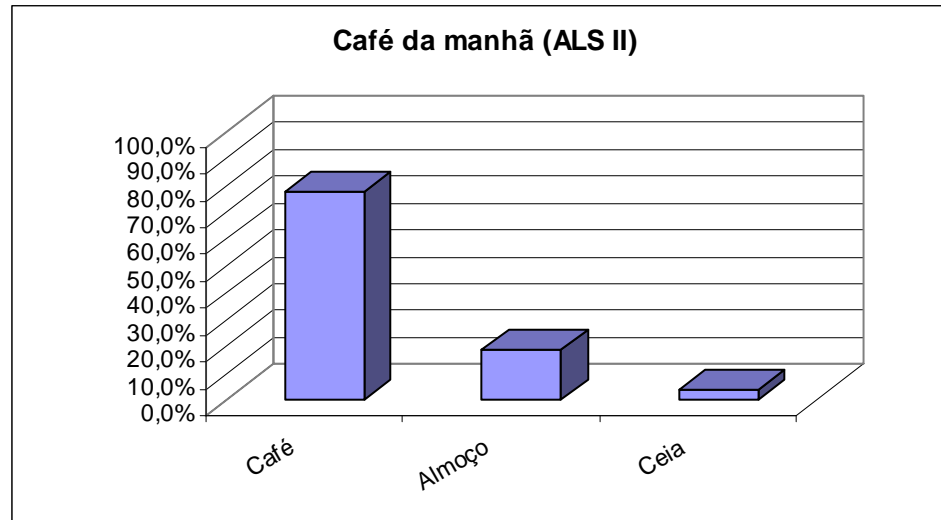
CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+—+— Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 090

Como se chama aqui aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim?

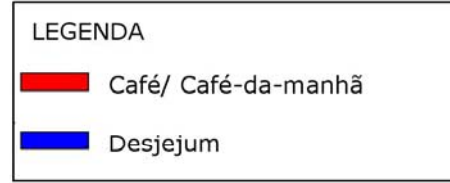


Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-3 INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Quebra torto. Fiz muito iss'aí lá no Mato Grosso, manhecê, esquentava cumida de ontem e comê de manhã cedo. INQ.- Chamava assim? INF.- Quebra torto. INQ.- Por que será que é quebra-torto? INF.- Geralmente porque você acorda com fome, né, às vezes você dorme (inint) você janta, aí no outro dia você acorda com fome, porque geralmente você trabalha em fazenda você para cinco horas da tarde e... seis horas, sete horas você já tá jantando, então você amanhece o dia, você passa a noite todinha durmino, você tá cansado, você deita na cama, você dorme, você acorda com fome, você já vai direto na panela. Então nós 'fai' o quebra-torto lá, por isso que chama quebra-torto. Aí quando dá lá, se seis horas da manhã você faz um quebra-torto, quando é lá às oito horas da manhã, nove horas você toma o café da manhã, aí é assim, por isso que fala quebra-torto.

- **Ocorrências Únicas:** 001-3 Quebra-torto; 002-6 Café-matinal
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 091 - CAFÉ-DA-MANHÃ (Coincidente com: ALS II-048)

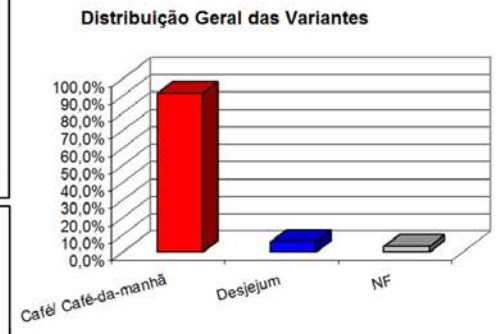


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 091

Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?



ALTOSP – CARTA 092

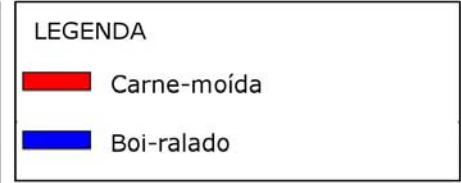
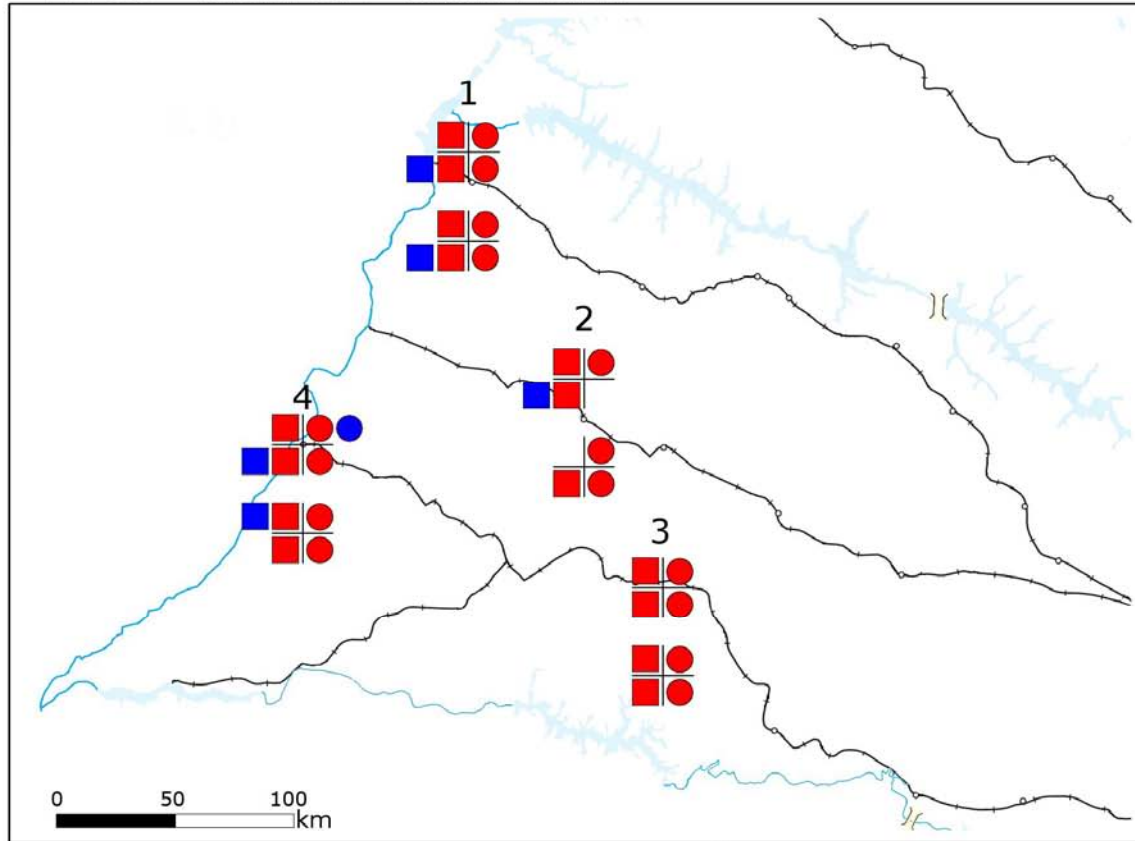
CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-7 INF.- É um termo muito comum onde eu trabalhei na barragem ali, os piões falavam isso, quando servia esse tipo de comida falava: “Hoje tem boi ralado”.

002-3 INF.- Às veiz nói’ trata se for carne em molho é boi ralado.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Carne macerada
- **Questão Não Formulada:** 002-4 e

ALTOSP - CARTA 092 - CARNE-MOÍDA

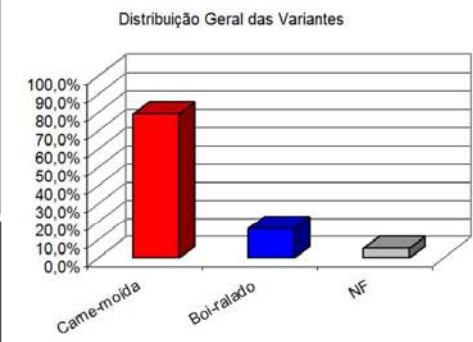


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 092

Como se chama aqui a carne depois de triturada na máquina?



ALTOSP – CARTA 093

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-2 INQ.- Como é que é o curau? INF.- Ah, rala o milho né, coa e... cozinha. INQ.- Coloca depois... no prato? INF.- Ah, na panela, dexa na travessa né.

001-3 ((A propósito da Retomada: INQ.- Já ouviu falar em cural? INF.- Ah, curau, eu tava tantano lembrá esse nome aí oh. Fala cural. Não... é feito do milho, num é? INQ.- Isso. INF.- Ralado, num é? Então, tira o cural que faiz aquele o... aquele negó', a capa do milho tamém. Então, é o cural, tem a pamonha que é feita com a paia do milho. Então, tem o cural, pamonha, isso ai memo. INQ.- Elas colocavam coco? Você lembra? INF.- Não... Ah, esse povo antigo num costumava colocá isso não.))

001-8 INQ.- O que ela coloca no curau? INF.- No curau ela costuma colocá canela, costuma colocá aquele cravo, né, é leite, eh...hoje em dia faz umas coisa mais moderna, até leite condensado é por aí, isso aí. INQ.- Ela coloca coco? INF.- Coco também. Coco ou leite de coco.

002-1 INQ.- Essa papa cremosa você vai ralar o milho... INF.- É pulenta. INQ.- E é doce ou é salgada? INF.- É doce e salgada, faiz dois tipo. INQ.- Sua mãe costumava fazer? INF.- Costumava.

002-4 INF.- Não... a gente faiz assim, é o curau, né, mais é só do milho verde. INQ.- Não põe coco? INF.- Ah muitas pessoa coloca mais... né, normalmente só faiz só do milho verde mesmo. INQ.- Aí fica uma papa? INF.- Isso.

002-6 INQ.- O curau dá pra comer com colher? INF.- Dá. INQ.- E não é aquele feito na palha, né? INF.- Não, é a pamonha que é na palha, o curau bate no liquidificador, coloca numa vasilha pra endurecer.

002-7 INF.- Curau, num é? Porque a minha mãe, curau na Paraíba é diferente daqui do Paulista, tá. INQ.- Como que é? INF.- Curau que delícia. Curau corta, né, cê corta pedaço que coisa, que sabor, na Paraíba. INQ.- E aqui já é... INF.- Eu num gosto, essa papa que cê falô aí.

002-8 Não é o que eu conheço, mas só o milho verde, tipo de um mingau é o curau. Agora não sei se na sua região usa com coco, sem coco. 003-1 INQ.- Ela fica parecendo uma polenta assim. INF.- Acho que é o curau, né? Num é o curau? INQ.- Mas é de milho né? INF.- É de milho. INQ.- Que joga a canela em cima né? INF.- É, curau que eles falam, do milho ver... (=verde), eh, milho verde não, mais tem que sê maduro (risos).

003-7 INQ.- Vocês costumam colocar coco? INF.- O pessoal daqui de São Paulo não,mas no nordeste, a minha mãe colocava muito, coco, (inint) pamonha.

003-8 INQ.- Como que é feito o curau? INF.- Aqui eles ralam, né, o milho, cõa, aí leva ao fogo com leite, açúcar, até engrossá.

004-1 Tem uma vez até uma muié que vendia curau aí. Tem um carro aí, um carro, um fiestinha verde. Ela passa vendeno: Temo curau e pamonhas.

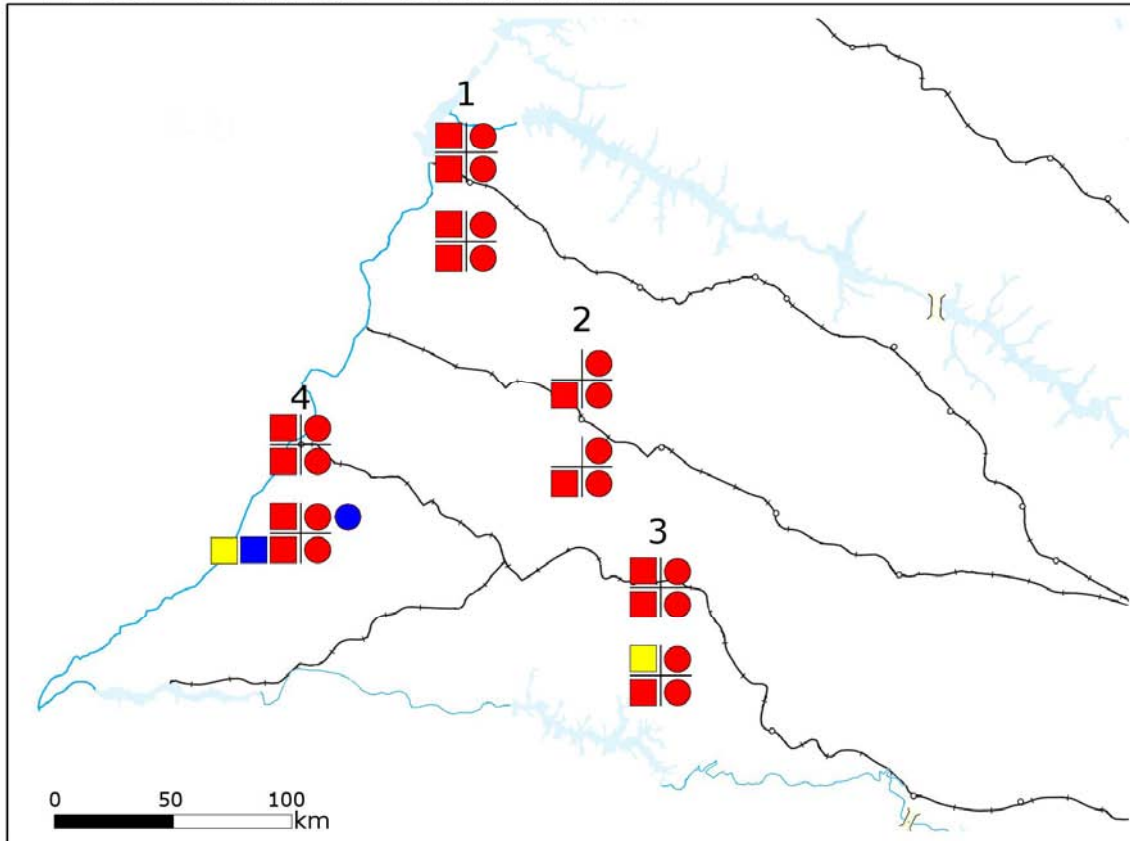
004-4 INQ.- O curau, como é que a senhora faz? INF.- Ah, eu bato, corto, bato no liquidificador, cõo e faço... o mingau.

004-6 INQ.- Vocês conhecem pelos dois nomes? INF.- Eu conheço por curau e por canjica. INQ.- Canjica já... INF.- De origem lá do... nordeste mesmo. E aqui a gente conhece como curau.

004-7 INF.- Aqui no sudeste chama-se cural, cural, de milho verde, né? No nordeste essa mesma chama... eh... canjica, que a canjica aqui já é do milho seco, canjica, é o contrário, e cural aqui.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Polenta; 002-1 Mingau de milho
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 093 - CURAU/ CANJICA



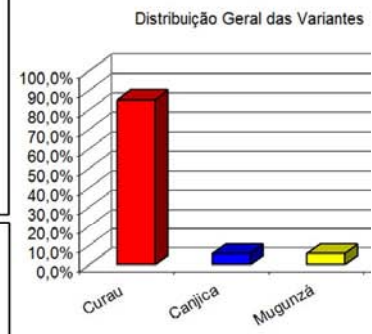
LEGENDA

- Curau
- Canjica
- Mugunzá

CONVENÇÕES:

	Inf. 1	Inf. 2	
HOMEM: □	Inf. 3	Inf. 4	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 5	Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7	Inf. 8	

QSL 093
 Como se chama uma papa cremosa, feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?



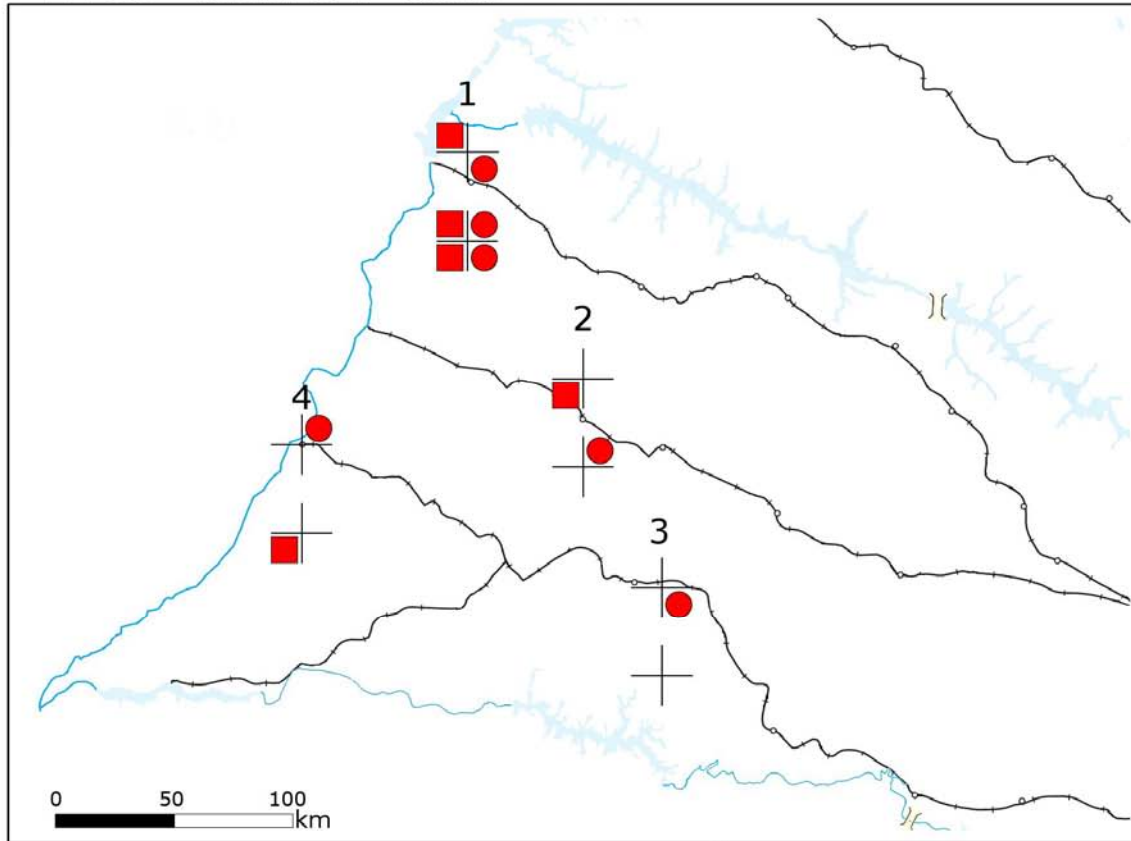
ALTOSP – CARTA 094

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

- 001-4** INF.- Curau mesma coisa.
- 001-5** INF.- Também. INQ.- Será que muda o nome se coloca coco ou não? INF.- Não, nunca vi falá que mudasse não.
- 001-6** INQ.- E chama de outro nome quando põe coco? INF.- Só de milho, né, geralmente é curau.
- 001-7** INQ.- E o cural que o senhor conhece tem coco no meio? O senhor lembra? INF.- Geralmente coloca sim, coloca. INQ.- E muda o nome se coloca coco? INF.- Não, é o mesmo nome.
- 001-8** INF.- Não, costuma sê a mesma coisa, né, o curau é mais um, um atrativo a mais, né.
- 002-1**((A propósito do QSL 093: INQ.- (...)E essa polenta, se ela for feita sem coco ela tem outro nome? INF.- Não, só tem esse aí só.))
- 002-2** INQ.- Vocês costumam pôr coco no curau? INF.- Não, mais canela.
- 002-3** INQ.- Dentro desse mesmo sistema, o senhor sabe se tem um outro nome? Se colocar coco tem um nome? Se não colocar coco tem outro nome?
INF.- Aqui tanto faz quanto tanto feiz, né, cê faz o curau do jeito que cê gosta. Com coco ou sem coco é mema...
- 002-6** INF.- Tanto faz com coco ou sem coco. INQ.- Se fizer sem coco, tem outro nome ou é curau mesmo? INF.- É curau mesmo.
- 002-8** INF.- Não sei, só o milho é curau, tem gente que polvilha coco, depois de pronto, polvilha canela, mas aí de acordo com a receita, como gosto da pessoa.
- 003-1** INF.- A minha fazia... ela colocava coco, só coco né, milho verde e coco.
- 003-2** INQ.- É a mesma papa cremosa, mas se você só deixar de colocar o coco, muda de nome? INF.- Não.
- 003-4** INQ.- Aqui pra vocês é curau? INF.- É curau, creme de milho. Mais pra nós aqui é curau. Tano c'um canela, tano sem... só o milho mesmo cozido c'a água, c'um leite, c'um açúcar é curau. INQ.- Não importa se for com ou sem coco, tem o mesmo nome? INF.- Não. É curau.
- 003-7** INQ.- E se colocar coco, muda o nome ou é a mesma coisa? INQ.- Não, mesma coisa. INQ.- Aqui o pessoal faz mais sem coco, né? INQ.- Mais sem, inclusive pamonha, nordeste usa muito colocá queijo dentro, aqui usa mais na massa mesmo.
- 003-8** INQ.- Vocês colocam coco? INF.- Coloca, eu tenho o hábito de colocá sim. INQ.- Mas pode fazer sem coco. INF.- Sem. INQ.- E o curau aqui é sempre doce ou pode ser salgado? INF.- Pode sê salgado, mas a maioria que a gente vê aqui na nossa região é doce. INQ.- Aí quando ele é salgado, tem outro nome? INF.- Eles falam polenta, né. INQ.- Aí o doce chama de curau. INF.- De curau.
- 004-1** INF.- Você fala no curau? Ponha do jeito que 'ocê quisé ela faz o curalzinho. Coco ralado...
- 004-2** INF.- De curau mesmo.
- 004-3** INF.- Não, às vezes ele... cada... cada um tem um gosto né, cada um faz d'uma forma né. Às vezes põe o coco, na panela né? Às vezes eles colocam né.
- 004-7** INQ.- E coloca coco? INF.- Coloca, quando tem coloca. INQ.- Se for sem coco tem outro nome ou não? INF.- Não.

- **Ocorrências Únicas:** 002-1 Polenta
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-2 e 3; 002-2,4,7 e 8; 003- 1,2,3, 5, 6,7 e 8; 004 – 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 8

ALTOSP - CARTA 094 - CURAU



LEGENDA

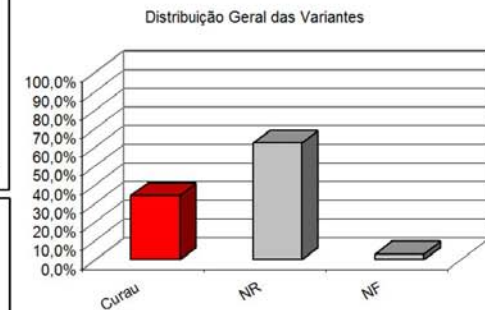
■ Curau

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 094

E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?



ALTOSP – CARTA 095

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 CIRC.2- Sua mãe faiz. O mugunzá lá. INF.- Ah, aquilo lá é otra coisa. Num é mucunzá. CIRC.2- Você cozinha milho branco, umas coisa, é mucunzá. INF.- A minha mãe chama de mucunzá. CIRC.2- Canjiquinha o povo falava. INQ.- Que faz com milho, né? INF.- Canjica. CIRC.2- Canjiquinha.

001-5 INQ.- Doce ou salgada aqui? INF.- Aqui é doce.

001-6 INQ.- Doce ou salgada aqui? INF.- Doce.

001-8 INQ.- Sua mãe faz doce ou salgado? INF.- Ela costuma fazê doce. ((A propósito da Retomada: INQ.- Costuma falar mugunzá, canjica... INF.- É canjica que o pessoal costuma falá mais, né. INQ.- Já ouviu o outro, mugunzá? INF.- Mugunzá tamém, a minha mãe, já vi a minha mãe falando.))

002-8 INQ.- A senhora conhece por outro nome? INF.- Olha aqui, aqui é canjica porque é doce. Lá no Ceará se fala mucu' mucunzá (?=mugunzá), mas é salgado. São pratos diferentes.

003-1 ((A propósito da Retomada: INQ.- Aquele feito de milho branco, canjica você já ouviu? INF.- É canjica. Eu tentei lembrá, num consegui, é canjica (inint.). A mulher lá no meu serviço faiz, entendeu? INQ.- E mugunzá? INF.- Mungunzá? Isso aí quem fala muito é meus primo (risos). INQ.- Ah, é? INF.- É.

INQ.- Sua mãe você nunca ouviu falar? INF.- Não. O meus primo falava munguzá. É que meu primo, meu primo ele grava bem as (palavras?). INQ.- (inint.). INF.- Aí fala assim: "Cê qué munguzá?" Eu falo: "Ai?")

003-2 CIRC 2.- Canjica. INF.- Canjica. INQ.- Tem outro nome? INF.- Não. INQ.- Não tem? CIRC 2.- No norte trata mucunzá. INF.- Mucunzá. CIRC 2.- Mais aqui é só canjica. INQ.- E é doce lá? INF.- É doce tamém. Com coco...

003-4 INF.- Canjica. INQ.- Conhece por outro nome? INF.- (inint) ouvi falá que chama manguzá, né? Mas pra nós aqui é canjica. INQ.- E em que lugar você ouviu falar? INF.- Isso lá, lá no Pernambuco... tá em Olinda, esses lugar assim que a gente já ouvi falá que chama manguzá.

003-7 INF.- Lá no nordeste falam mungunzá.

003-8 INQ.- Vocês costumam fazer bastante aqui? INF.- Faz, inclusive aqui na nossa merenda da escola, vem. INQ.- E você já ouviu outro nome? INF.- ... Eu não sei se a minha mãe fala cambuquira, num sei se é isso. A mesma coisa que elas falam.

004-1 INQ.- E é doce ou salgado. INF.- É doce.

004-2 INQ.- Doce ou salgada? INF.- É doce.

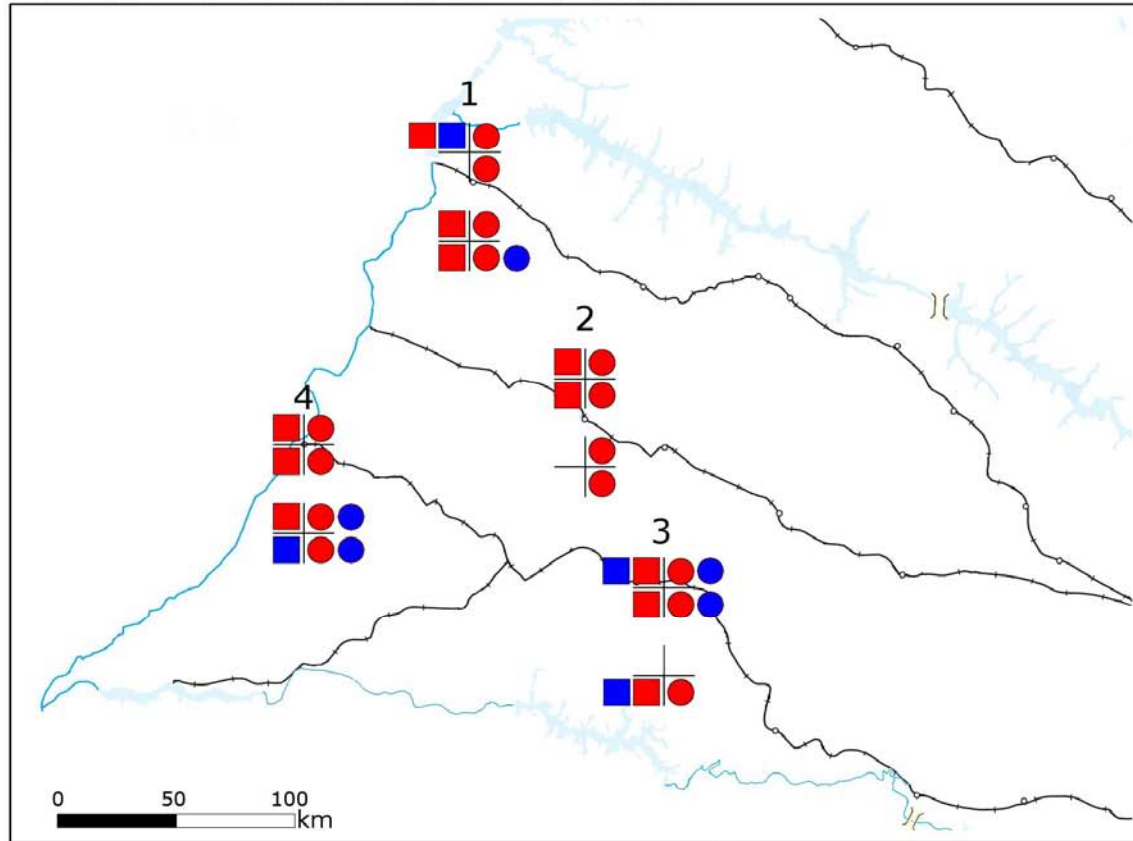
004-6 INF.- Chama... canjica aqui e lá no nordeste eles chamam muncunzá, mungunzá, muncunzá, uma coisa assim. INQ.- Doce ou salgado? INF.- Doce.

004-7 ((A propósito do QSL 093: INF.- E tem lá tem o... mucunzá, mugunzá, o nome deve sê... num sei se eu tô errano alguma coisa, mas é mugunzá. Sabe o que que é mugunzá lá? É exatamete a canjica aqui, que a canjica aqui é feita de... que a canjica lá é... INQ.- Milho com leite. INF.- É milho com leite, os caroço cuzido. Lá chama mugunzá. Só que mugunzá lá num faiz, fai' muito tamém com sal, com feijão, essas coisa, mistura muito. INQ.- Mas faz doce também? INF.- Faiz, só a maioria acho é salgada, né.))

004-8 INQ.- E é doce ou salgado? INF.- Doce. INQ.- Mungunzá vocês falam aqui ou é da região? INF.- Da região da minha mãe.

- **Ocorrências Únicas:** 002-7 Canja; 003-6 Mingau; 003-8 Cambuquira
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-3 e 003-5

ALTOSP - CARTA 095 - MUGUNZÁ/ CANJICA

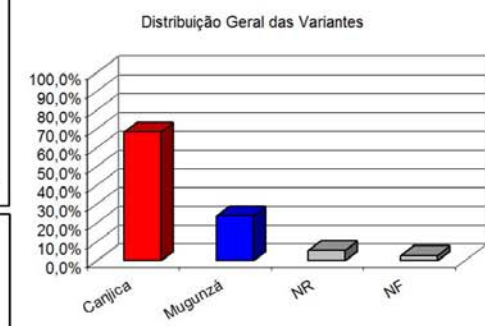


CONVENÇÕES:

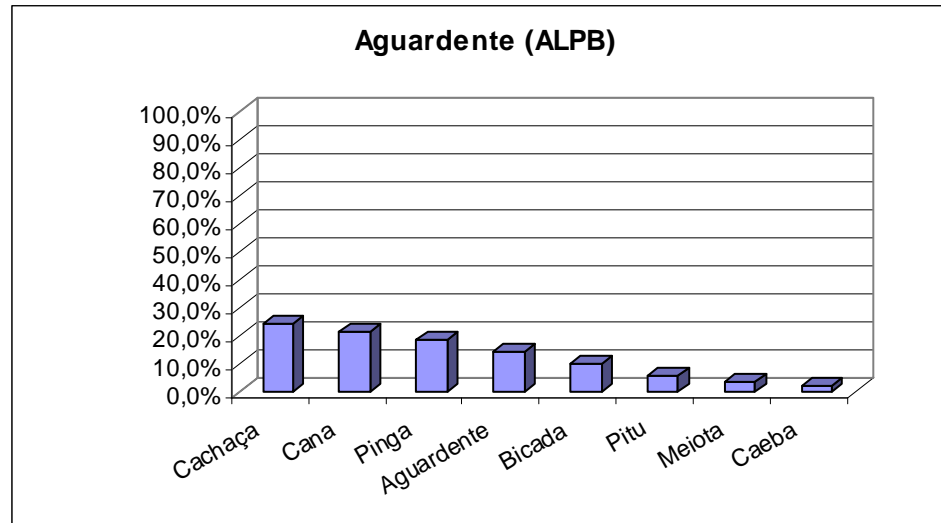
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 095

Como chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?



ALTOSP – CARTA 096

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-3 INF.- Cachaça memo, metanol , uns fala metanol.

001-5 INF.- Cachaça (rindo).

001-7 INF.- Aqui? O mais comum é pinga. Pode-se chamá de cachaça.

001-8 INF.- Ai, pede uma dose, uma dose de pinga, né.

002-7 INF.- No nordeste era aguardente.

003-1 INF.- Cachaça né, que eles fala.

003-2 CIRC 2.- Pinga. CIRC 1.- Pinga. INF.- Pinga? INQ.- Feita de cana-de-açúcar. INF.- É pinga.

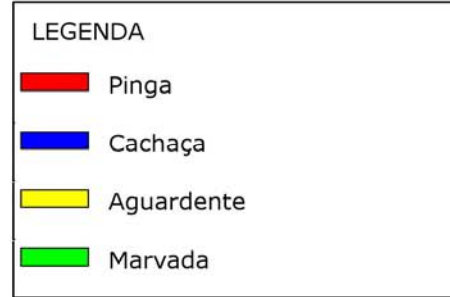
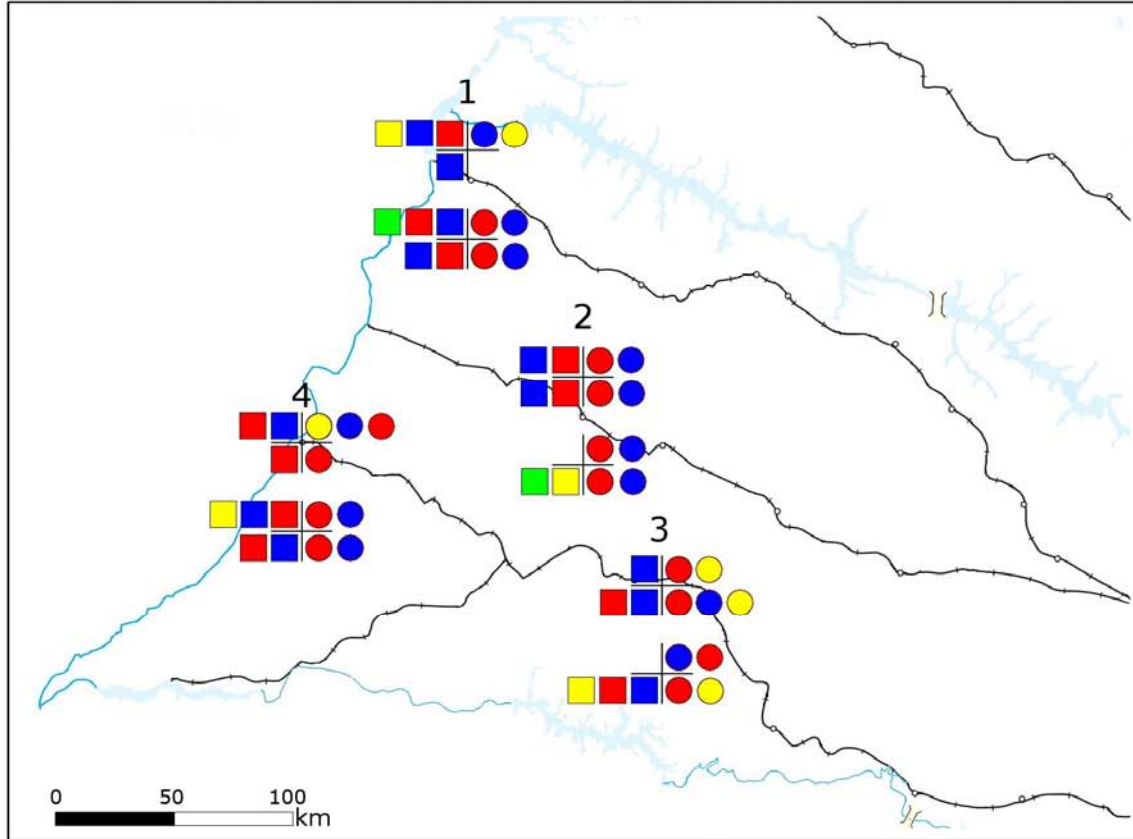
003-8 INF.- A maioria aqui chama de pinga, mas o pessoal fala água ardente também, né.

004-1 INF.- Lá na Bahia chama caribé.

004-2 A propósito do QSL 116: INF.- Tomá uma pinga.

- **Ocorrências Únicas:** 001-2 Catia; 001-3 Metanol; 002-7 Brava; 002-3 Tequila; 004-1 Caribé; 004-7 Cinquenta e um
- **Questão Não Formulada:** 002-5; 003-5
- **Resposta não obtida:** 001-4

ALTOSP - CARTA 096 - AGUARDENTE (Coincidente com: ALPB-089)

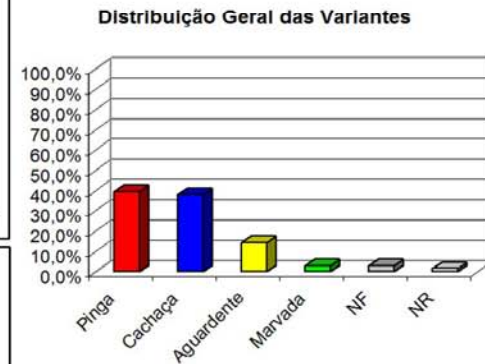


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+—+— Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 096

Que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?



ALTOSP – CARTA 097

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-7 INF.- Enfatizado, um negócio assim. Isso é negó' de baiano.

002-1 INF.- É comum falar isso aqui? INF.- É, o povo fala.

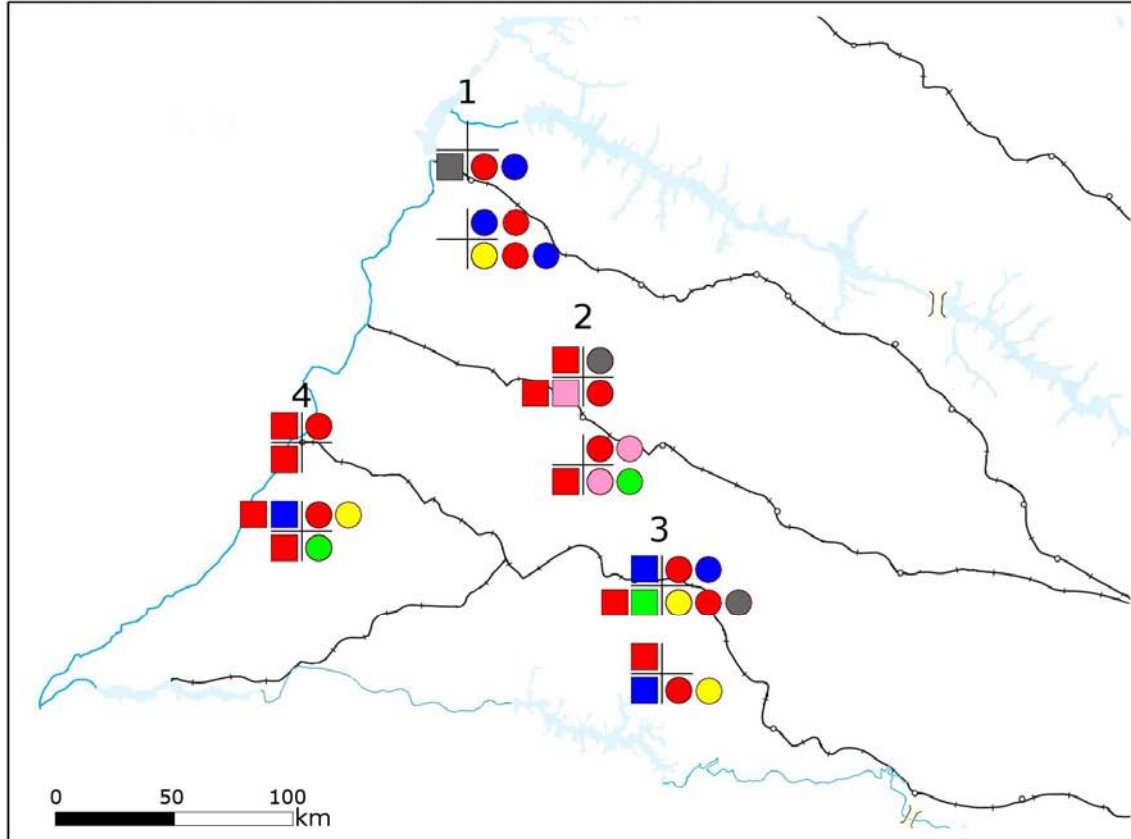
003-8 INF.- Às vezes o comum mesmo que eles fala aqui é “estou cheia” né.

Até eu brinco com a minha mãe, eu falo: “mãe, não é cheia, é satisfeita.”

INQ.- Mas comum... INF.- É comum, a gente escuta as crianças falarem, né.

- **Ocorrências Únicas:** 001-5 Fadigado; 001-7 Esfatiado; 002-1 Grávido e Vou Estourar; 002-8 Angustiada; 003-6 Enfastida
- **Questão Não Formulada:** 002-5 e 004-4

ALTOSP - CARTA 097 - EMPANTURRADO(A)

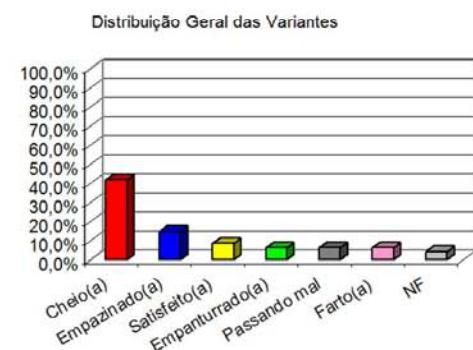


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 097

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou...



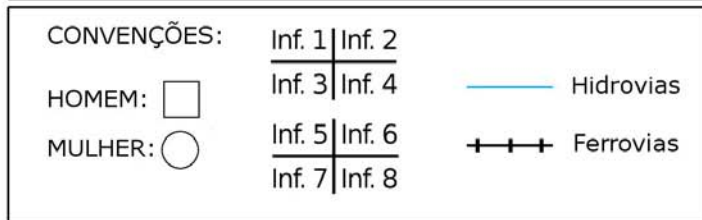
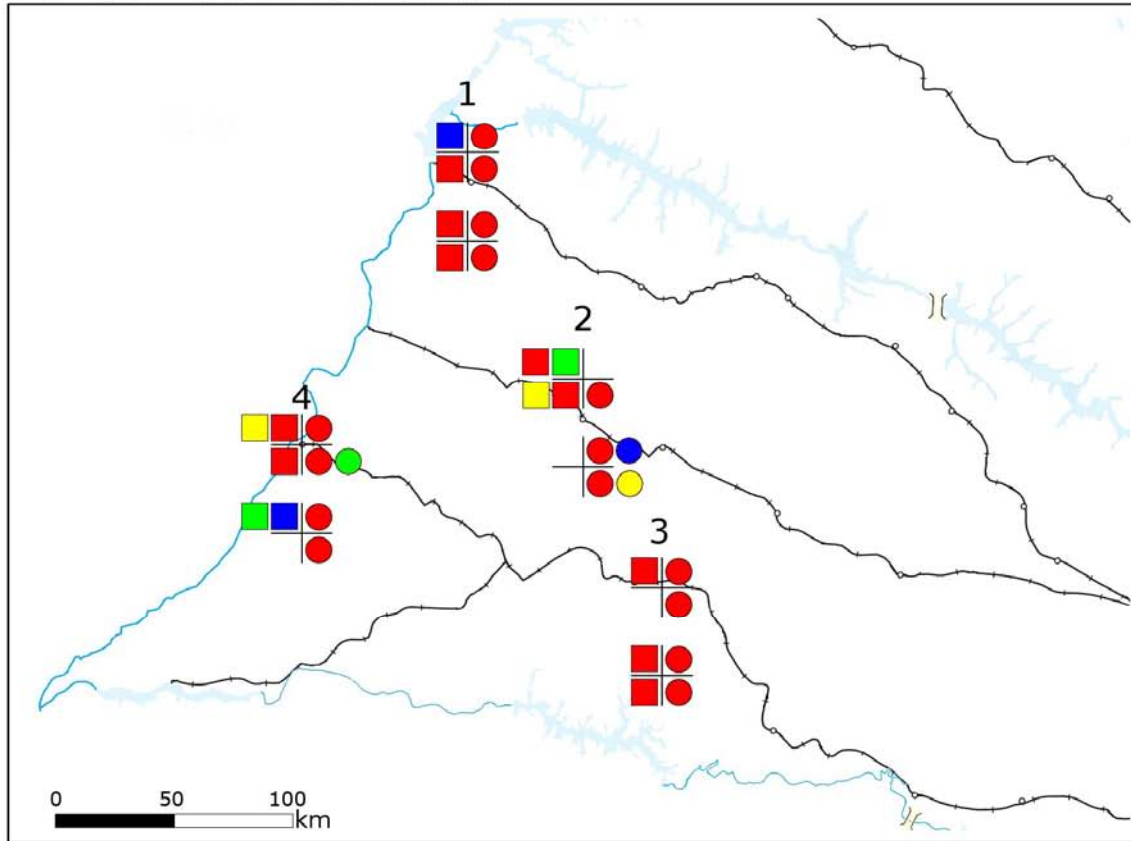
ALTOSP – CARTA 098

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

004-7 ((A propósito do QSL 097: INF.- Isso aí é a famosa, que come demais chama-se glutão, é o comedor demais, come demais.))

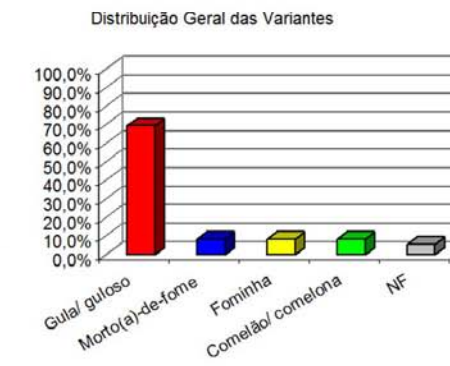
- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Olho maior que a boca; 002-2 Enxerida; 003-3 Ganancioso; 003-4 Esfomeado; 003-6 Gordo; 003-7 Esganado
- **Questão Não Formulada:** 002-5 e 7

ALTOSP - CARTA 098 - GLUTÃO



QSL 098

Como se chama aqui uma pessoa que normalmente come demais?



ALTOSP – CARTA 099

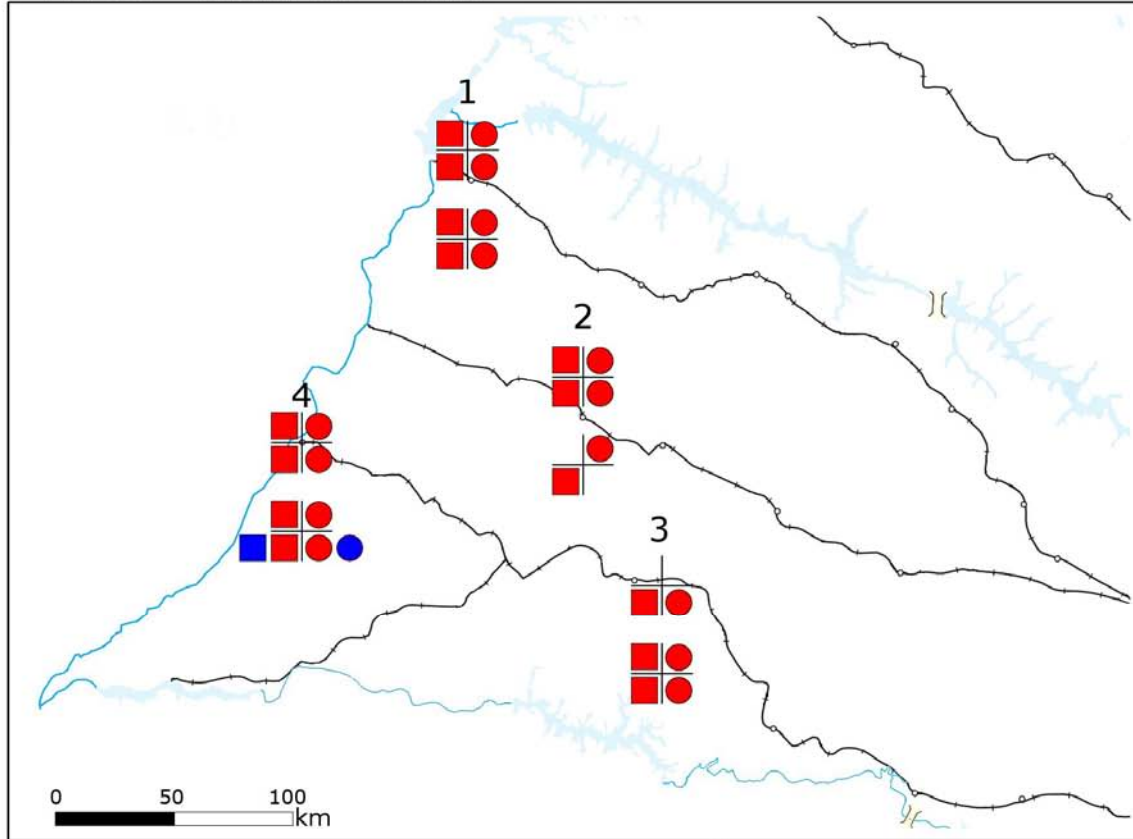
CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

004-7 INF.- Bala. Lá no nordeste chama bala e chama confeite, confeite, tem outros nomes.

004-8 INF.- Bala. INQ.- Conhece por outro nome? INF.- Confeito. INQ.- Confeito... INF.- Eh, aí minha mãe né, que falava.

- **Ocorrências Únicas:** 001-2 Goma; 002-8 Bombom
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 003-1

ALTOSP - CARTA 099 - BALA



LEGENDA

■ Bala

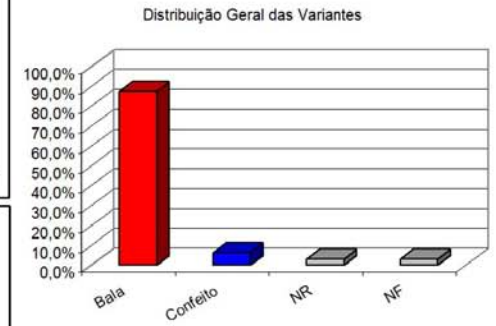
■ Confeito

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 099

Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa ou come?



ALTOSP – CARTA 100

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

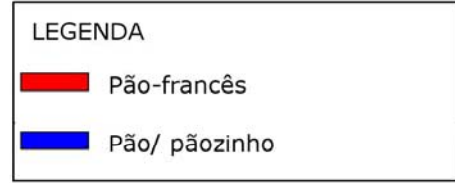
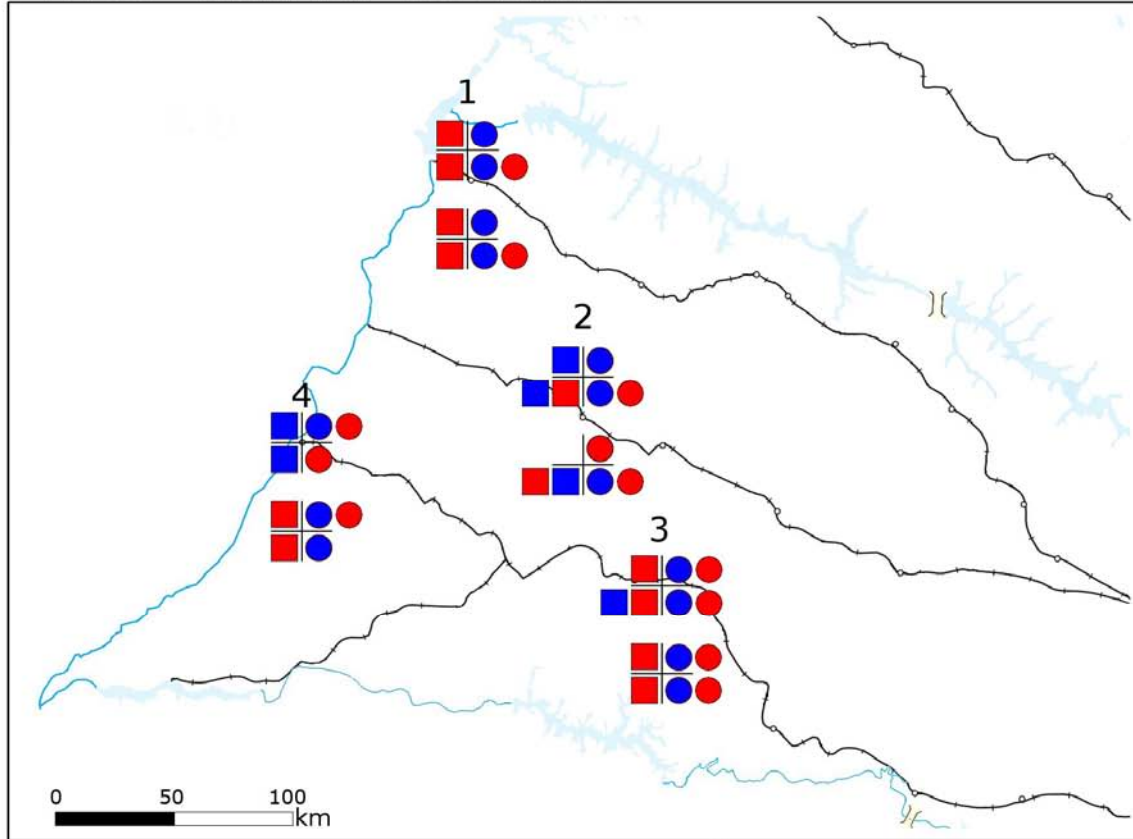
001-5 INF.- A gente num fala pão francês.

004-5 INF.- (...) Igual, lá em São Vicente é chamado de média. São Vicente (inint.), minha família era de lá né, então eu sempre ia pra lá, tal, aí eu... eu falava pão-francês, pão-francês... falava: "Vai comprá média". E vinha com o francês.

004-7 INF.- (...) Aqui pãezinho famoso aqui é o francês, né.

- **Ocorrência Única:** 004-5 Média
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 100 - PÃO-FRANCÊS

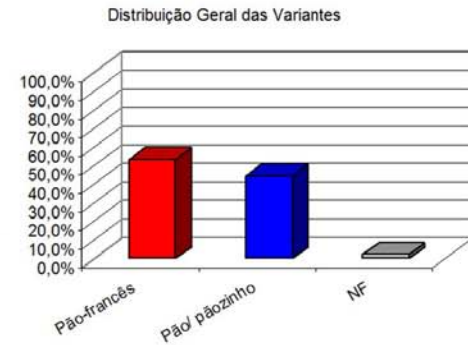


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 100

Como se chama aqui isto? (mostrar figura)



ALTOSP – CARTA 101

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-2 INQ.- Tem ainda, Nice, pra vender? INF.- Tem. Espaguete tamém hoje fala mais.

001-3 INQ.- Tem outro nome? INF.- (Eu vem comprá) desse aqui o bengala, comprei muito isso aqui quando era muleque, que num fazia desse, comprei muito isso aqui, chamava de bengala.

001-4 INF.- Ah, é... eu ouvi falá bengala, né? INQ.- É comum aqui ou as pessoas... INF.- Tem mais num é muito... como antigamente tinha bastante, né. Agora tem mais é poco.

001-7 INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Já ouvi na França. Lá chama-se baguete, só que é assim a bagueta, ela é cumprido, fino e cumprido. INQ.- E aqui tem desse ainda? INF.- Não, o mais comum é o francês. Tem esse daqui que seria o baguete. Aqui também fala baguete, viu! Mas é mais difícil de você achar.

002-8 INF.- Tem lugar que tem mais de um metro (...) Eles fala bengala, bengalão.

003-5 INF.- Eu já... eu já vi falá cacetinho, umas coisa assim, mais acho...

004-1 INF.- (...) A gente chamava de bengala. INQ.- Tem ainda? INF.- Não eles pararo de fabricá. Num faiz mais não, só faiz esse pãozinho aí. Agora dizem que esses pãozinho lá em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, chama cacetinho, né? INQ.- É. (risos)

004-2 INF.- Ai, aqui quase num tem mais né, quase num vende, vende mais o francês, mas chamava de... pão bengala.

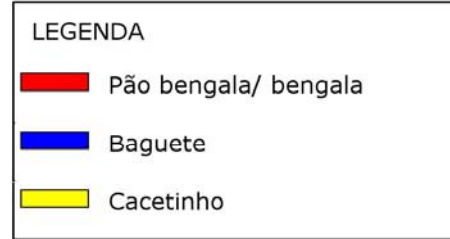
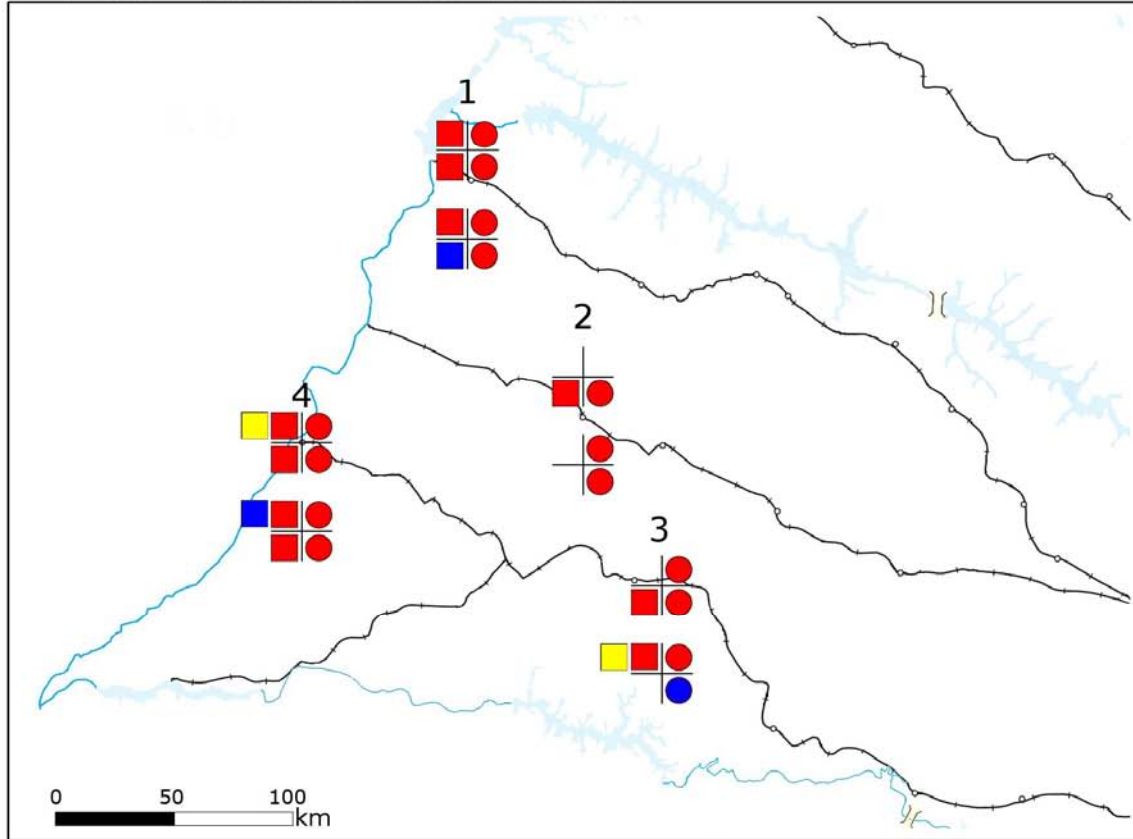
004-3 INQ.- Ainda tem aqui? INF.- ... Eh, dificilmente, mais de vem em quando ele aparece. INQ.- É? INF.- Aparece aí nos... nos mercado ou padaria de vem em quando aparece.

004-4 INQ.- Tem aqui ainda? INF.- Tem.

004-5 A gente fala pão de ... Aí depois surgiu esse bengala, na nossa região aqui. Aí ele foi esticando e virô baguete (risos). INQ.- Vocês falam os dois nomes aqui? INF.- É, baguete e bengala. A baguete ela é um pouco mais fina e mais esticada né. Mais tem gente que chama...

- **Ocorrências Únicas:** 001-2 Espaguete; 002-8 Bisnaga; 002-1 Pão
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-2 e 7; 003-1 e 7

ALTOSP - CARTA 101 - PÃO BENGALA

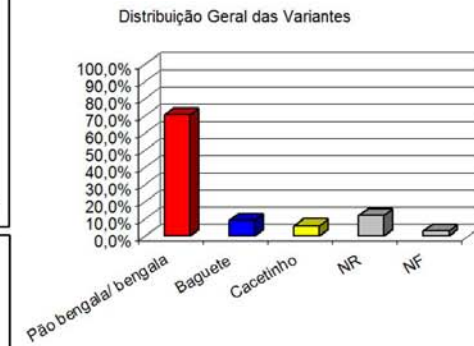


CONVENÇÕES:

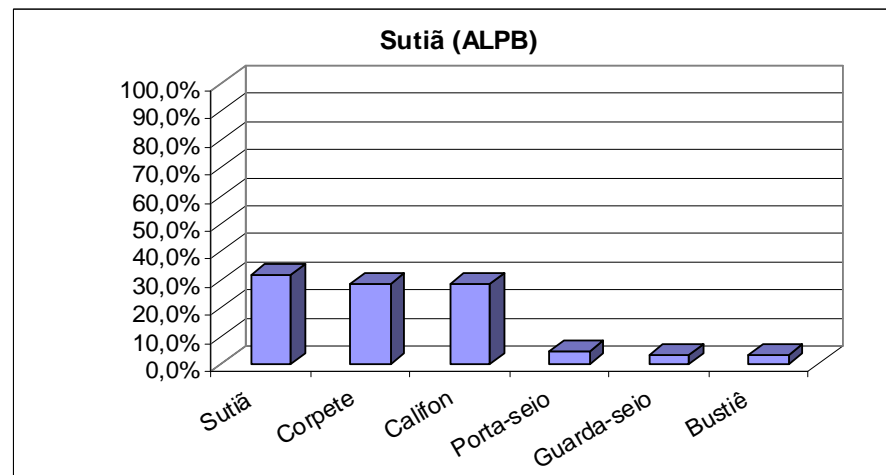
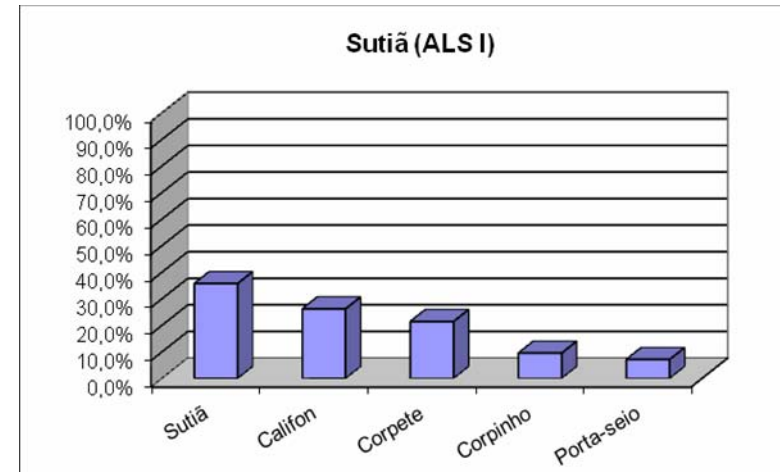
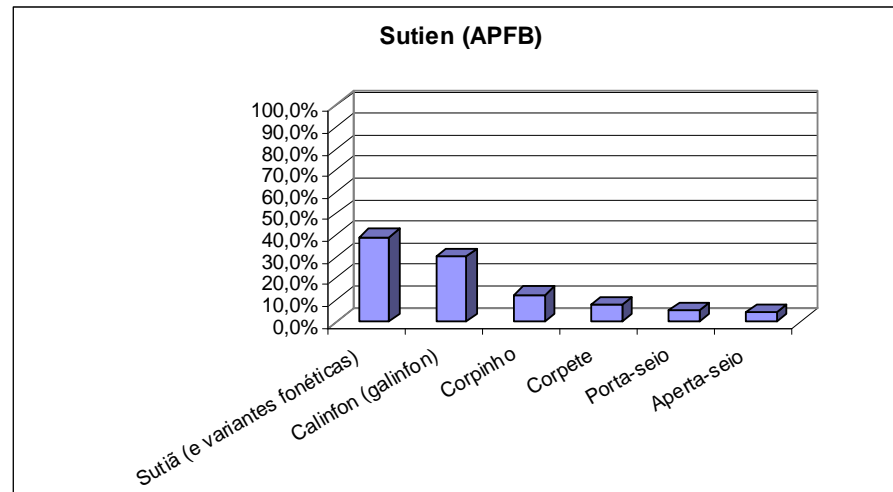
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+—+— Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 101

Como se chama aqui isto? (mostrar figura)



ALTOSP – CARTA 102

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-2 INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Como antigamente usava? Ah, num vô falá. Sutiã, vai. INQ.- Ah, lembra! INF.- Espartilho.

001-8 INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- (risos) Ai, meu Deus do céu, é tiração de sarro desse povo, né, é golero. Pronto. É uma tia minha que é nordestina que brincava muito, dizia que era golero.

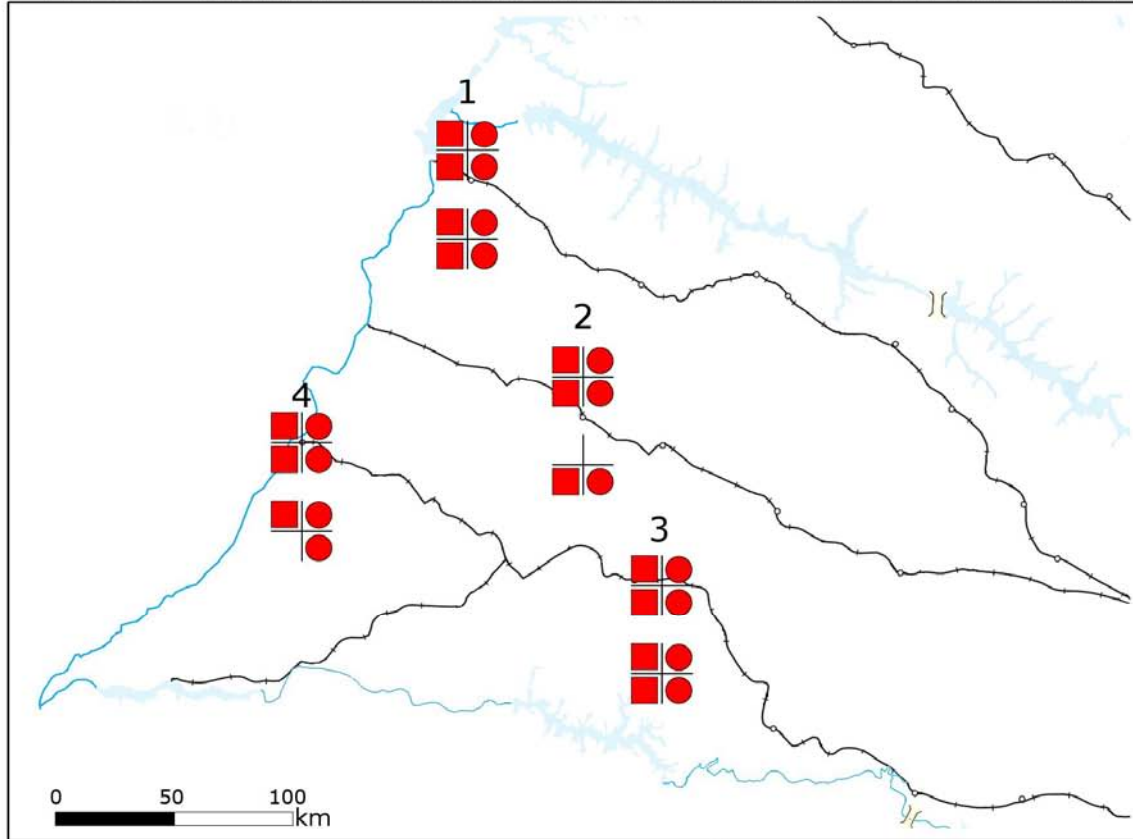
002-8 INQ.- Conhece por outro nome? INF.- Um nome meio vulgar: amarra teta

003-3 Aqui eis trata de sutiã.

004-2 INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Não. Ah, a minha mãe antigamente falava que era corpete que chamava, né. (risos). INQ.- E ela chama ainda assim? INF.- Não, tsc-tsc. Agora ela já... tá entrano mais no ritmo daqui, né. INQ.- Pegou, né? INF.- Pegô, aí ela fala sutiã mesmo.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Goleiro; 002-8 Amarra-teta; 004-2 Corpete; 004-8 Bustiê
- **Questão Não Formulada:** 002-5; 004-7
- **Falha na gravação:** 002-6

ALTOSP - CARTA 102 - SUTIÃ (Coincidente com: APFB-68; ALPB 51, 52)

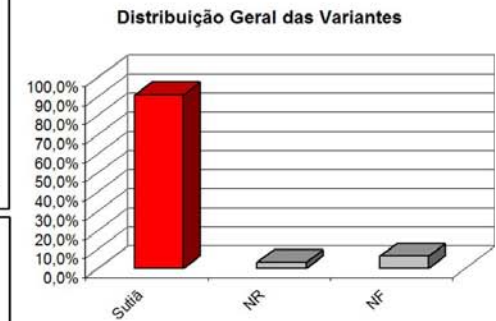


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 102

Como chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?



ALTOSP – CARTA 103

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INF.- Cueca. INQ.- Você já ouviu outro nome? Os mais antigos falarem?

CIRC.2- Samba-canção. INF.- Antigamente chamava de samba-canção.

001-2 INF.- Antigamente falava calção, né. ((A propósito do QSL 104: INF.- Cirola (risos), a cirola é pra homem, né.))

001-7 INF.- O comum aqui é cueca. INQ.- Conhece por outro nome? INF.- Tem umas cuecas diferenciadas que a gente chama de samba-canção.

001-8 INF.- Cueca. INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Já, zorba, né, tem...como é o nome daquele grandão que eles costuma falá? Samba canção que eles costuma falá.

002-3 INF.- Cueca, a zorba. Às veiz num é zorba, mas... (risos).

002-4 INF.- Cueca. INQ.- Já ouviu outros nomes? Que os antigos falavam? INF.- Ai falava assim muito zorba, né?

003-3 INF.- Aqui eis trata de zorba.

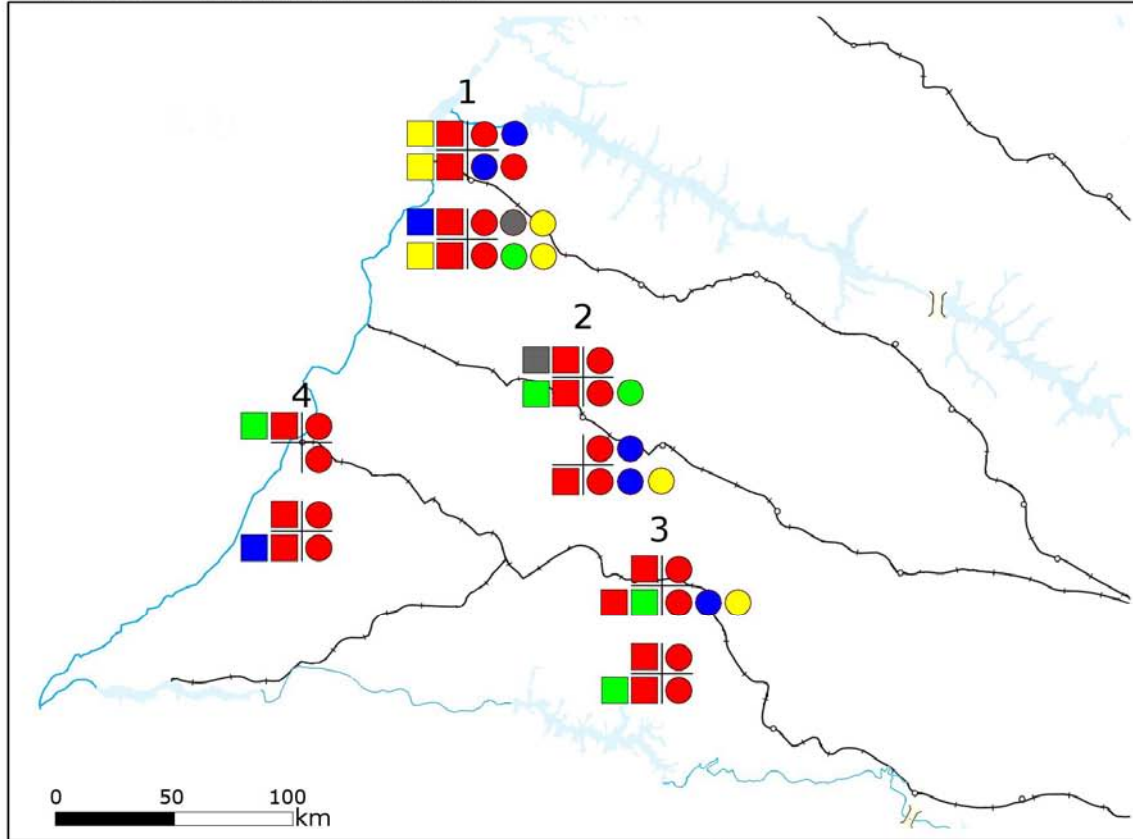
003-4 INF.- Ciroula, samba canção... mais num tem mais (risos) é bem mais antigo, né? INQ.- Seus pais falavam assim? INF.- É meu pai falava pega a cirola, né. Porque no tempo deles era né, aquelas tipo um shortinho, né. Hoje não, hoje é cueca mesmo, né.

003-5 INF.- É... tem home que usa... umas cueca cirola né, aquelas cueca, cueca normal...

003-7 INQ.- Eh, muita gente fala, usa marca zorba, zorba, mas é mais cueca mesmo, né.

- **Ocorrências Únicas:** 001-2 Calção; 003-5 Cueca-ciroula;
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 103 - CUECA

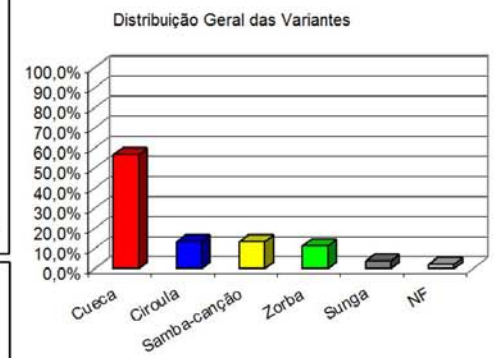


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 103

Como chama a roupa que o homem usa debaixo da calça?



ALTOSP – CARTA 104

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

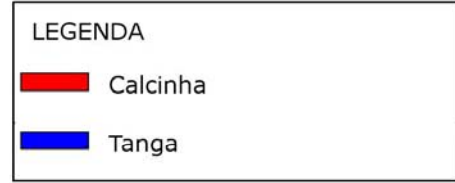
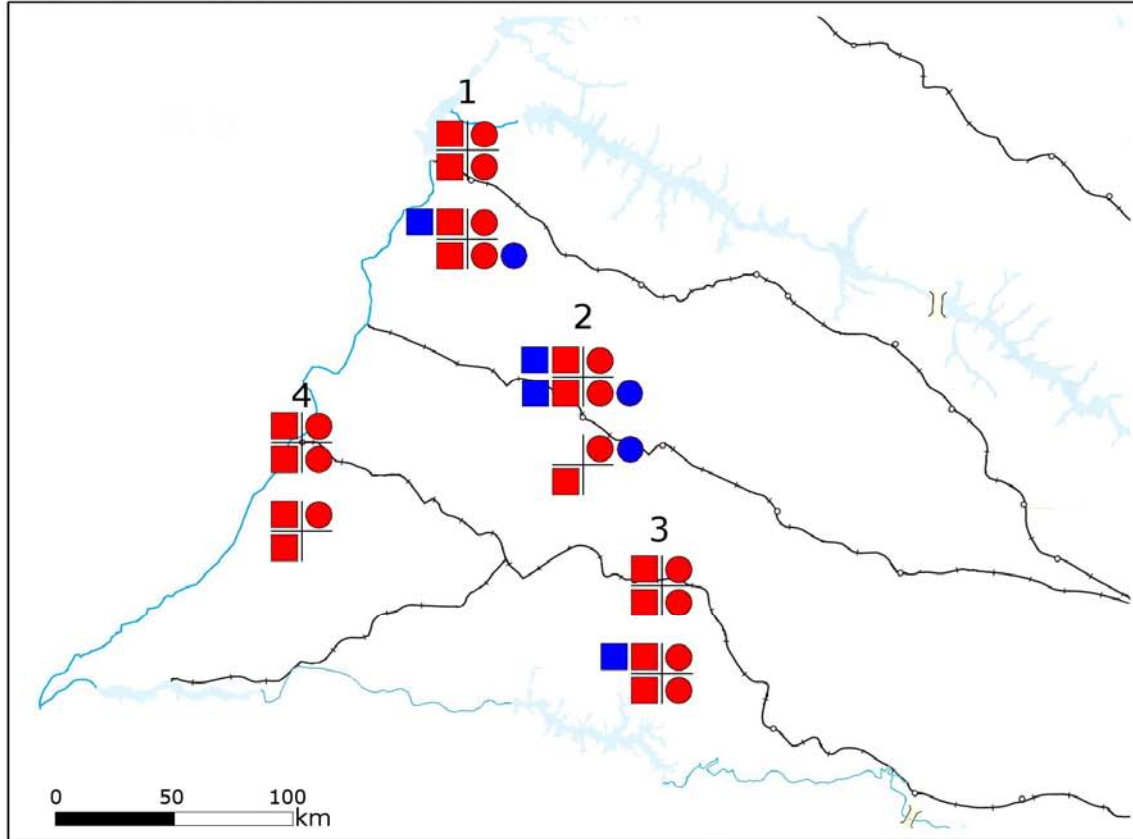
001-8 INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Hoje em dia tem, né, outros nomes... eh... tangão, que nem essas tanga que mulher tá usando, cueca feminina, tem diversos aí, né.

002-6 INQ.- Qual que é a diferença? INF.- É que calcinha é mais fina, tanga é mais grossa. (...) e fio dental.

003-5 INF.- (risos) Calcinha? (risos) INQ.- Você já falou outros nomes assim, quando é pra mulher mais velha ou... INF.- Já, já vi já. INQ.- Lembra? INF.- Tem vários, eu num, eu sei que tem de, sei que fala que... Tanga... num sei se é tanga, calçola... uma coisa assim (risos).

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Tangão, cueca-feminina; 002-3 Calçona; 002-6 Tanguinha; 003-5 Calçola;
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- 004-8: Falha na gravação no momento da resposta

ALTOSP - CARTA 104 - CALCINHA

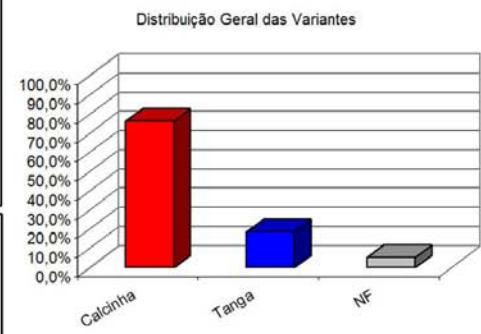


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 104

Como chama a roupa que a mulher usa debaixo da saia?



ALTOSP – CARTA 105

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-2 INF.- É pó-de-arroz. INQ.- E pra ficar mais rosada? INF.- Ai, pó, bran... não eh... base. INQ.- E isso aqui, deixa eu ver se tá no meu bolso? INF.- Arroz, pó-de-arroz, ai vem... Broche.

002-2 INF.- Pó. INQ.- Só pra ficar rosinha... INF.- Maquiage.

002-4 INF.- É... ai como que é que a gente fala...? Ai pó, né, pode sê o pó.

003-3 INF.- Eis trata de, de... ruge, né?

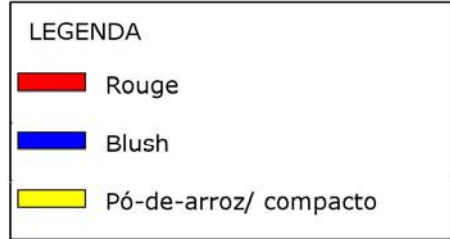
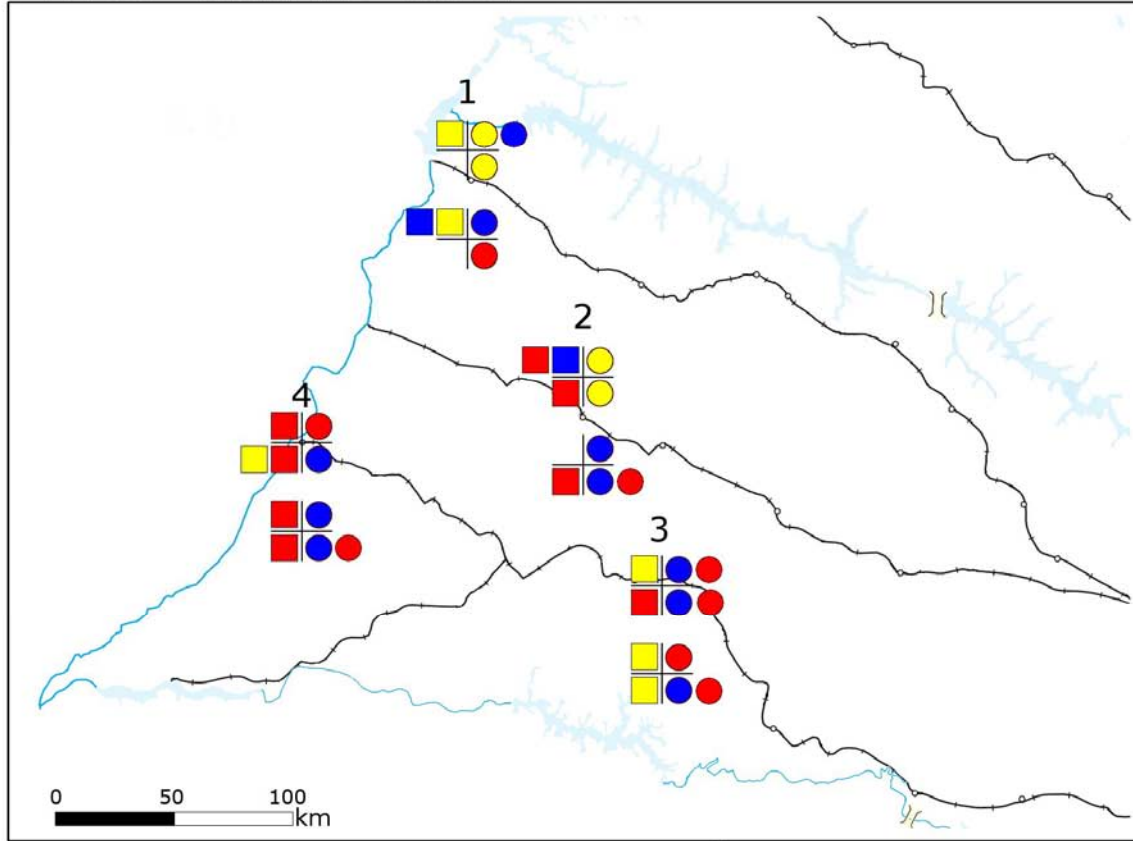
003-4 INF.- Ai uns fala blush, otros fala rouge, né? INQ.- Qual que você usa mais? INF.- Blush.

003-8 INQ.- E quando é pra deixar rosadinho? INF.- Ah, a gente fala bluche. O pessoal aqui tem um, a gente até brinca que as criança fala “ruge”

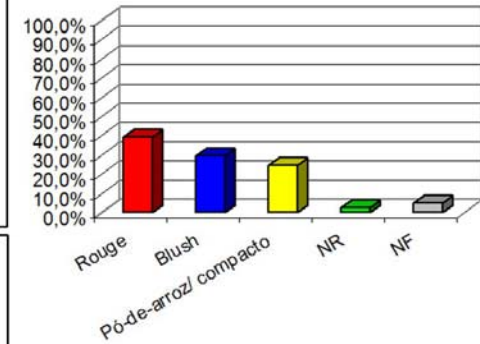
004-1 INF.- Ah, o povo falava passá ruge, né. Chama de ruge.

- **Ocorrências Únicas:** 002-2 Maquiagem
- **Questão Não Formulada:** 001-7; 002-5

ALTOSP - CARTA 105 - ROUGE



Distribuição Geral das Variantes



CONVENÇÕES:

Inf. 1	Inf. 2	— Hidrovias
Inf. 3	Inf. 4	
Inf. 5	Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
Inf. 7	Inf. 8	

HOMEM: □
MULHER: ○

QSL 105
Como se chama aqui aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

ALTOSP – CARTA 106

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-1 INQ.- Você já ouviu outro nome que sua mãe... INF.- Ramona.

001-4 INQ.- Qual que você ouviu mais aqui? Grampo ou ramona? INF.- Grampo.

001-5 INQ.- Qual que é mais usado? INF.- Ramona.

001-7 INF.- Ramona, aqui é ramona. INQ.- Já ouviu outro nome em outro lugar?

INF.- Ah, minha 'vó chamava de grampo.

002-4 INQ.- Qual que é mais comum falar aqui: grampo ou ramona? INF.- A ramona.

002-6 INQ.- Qual que é o mais comum falar aqui? INF.- Grampo.

002-8 INQ.- Quem falava? INF.- Birilo, era uma tia minha. Ela sempre falava birilo, ela é pernambucana. Eu falei: tia, isso não é birilo, isso chama grampo, ramona.

003-4 INQ.- Vocês usam os dois aqui? INF.- É o mesmo, né. Só que pra nós aqui é grampo. Grampo de cabelo. INQ.- Quem fala ramona? INF.- Isso era a minha mãe, né? Né? Que falava: “ai pega lá a ramona pra mim”, mas... aí a gente lia na caxinha que num é ramona que é grampo, né. E aí você vai mudano os costumes dele e o da gente vai prevaleceno, né. Que vai ficano pra cá, né, num volta pra lá, pa Bahia e... tudo é prevaleceno mais o... paulistano, né?

003-8 INQ.- Tem outros nomes? INF.- Ramona. Nossa, eu lembro um dia que a minha filha falô: “mãe, eu nunca vi falá isso.” Falei “é, filha, tem lugá ainda que chama”. INQ.- Na minha região é ramona. INF.- É? Ah, então, isso que eu falei “não, existe, filha” “mãe nunca ouvi dizê isso”. Eu falei “existe sim, filha, os mais antigo chama de gram’ eh, ramona.”

004-2 INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- Ah dexa eu vê... ah a minha mãe chamava de ramana, pa colocá no cabelo assim.

004-5 INQ.- Vocês falam os dois nomes aqui? INF.- Ramona e grampo. Os mais antigos falavam ramona.

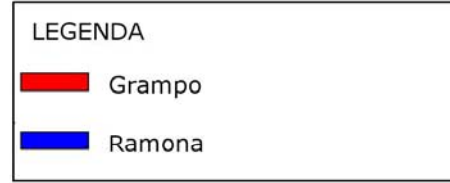
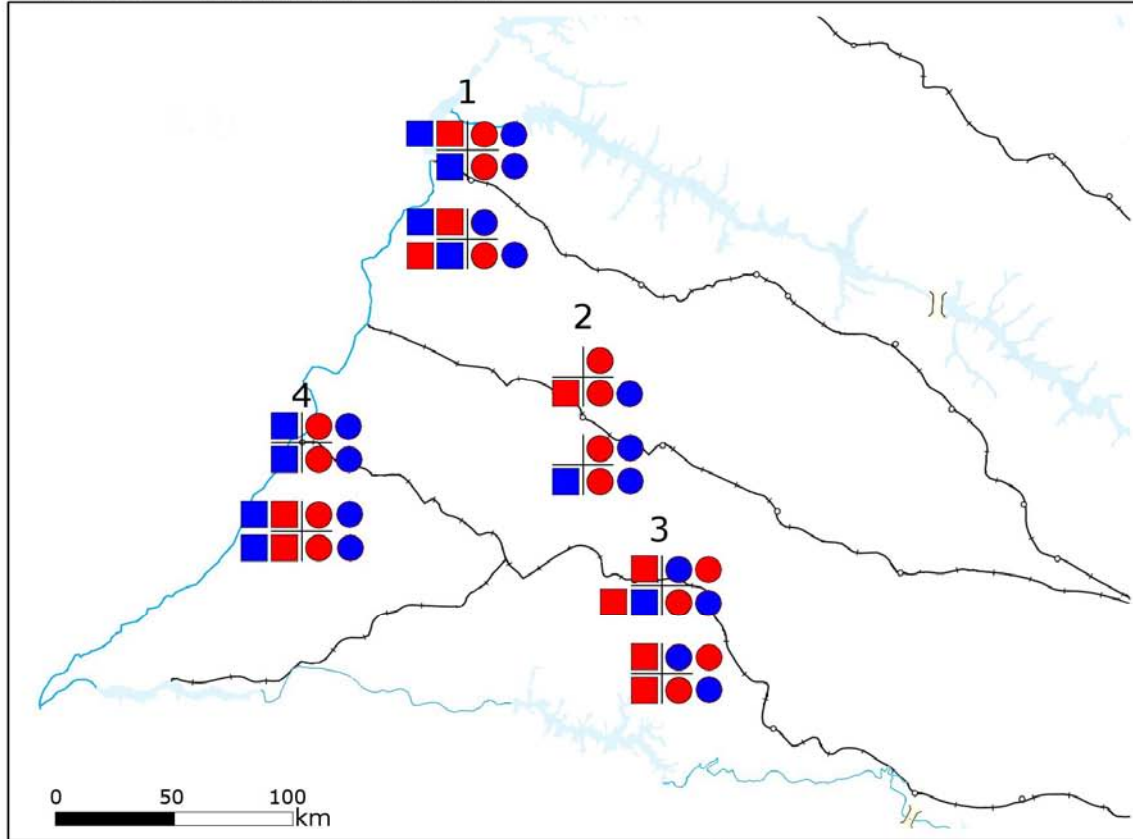
004-6 INQ.- Vocês falam os dois aqui... INF.- É. INQ.- Ou ramona já é... INF.- Eu acho que é outra origem, num é nem... no nordeste eu num sei o que que se fala lá. A gente usa aqui grampo. Grampo mesmo, é o que mais usa.

004-7 INF.- Grampo ou ramona, ramona. Eu chamo mais de grampo, né.

004-8 INQ.- Ramona é daqui ou lá da região da tua mãe? INF.- Ah, eu num sei. Num sei se é daqui ou é de lá.

- **Ocorrências Únicas:** 002-1 Misse; 002-8 Birilo e Presília
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 106 - GRAMPO

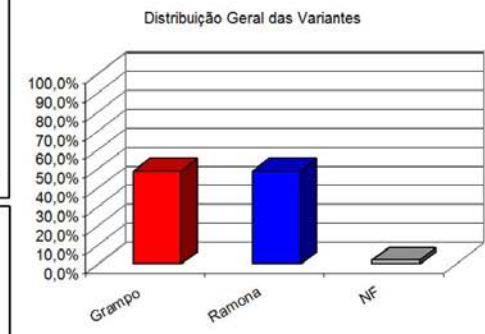


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 106

Como se chama aqui um objeto fino de metal, para prender o cabelo?



ALTOSP – CARTA 107

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

002-2 INF.- Um arquinho. Ou então, aqui fala mais tiara. INQ.- É igual arquinho e tiara? INF.- É.

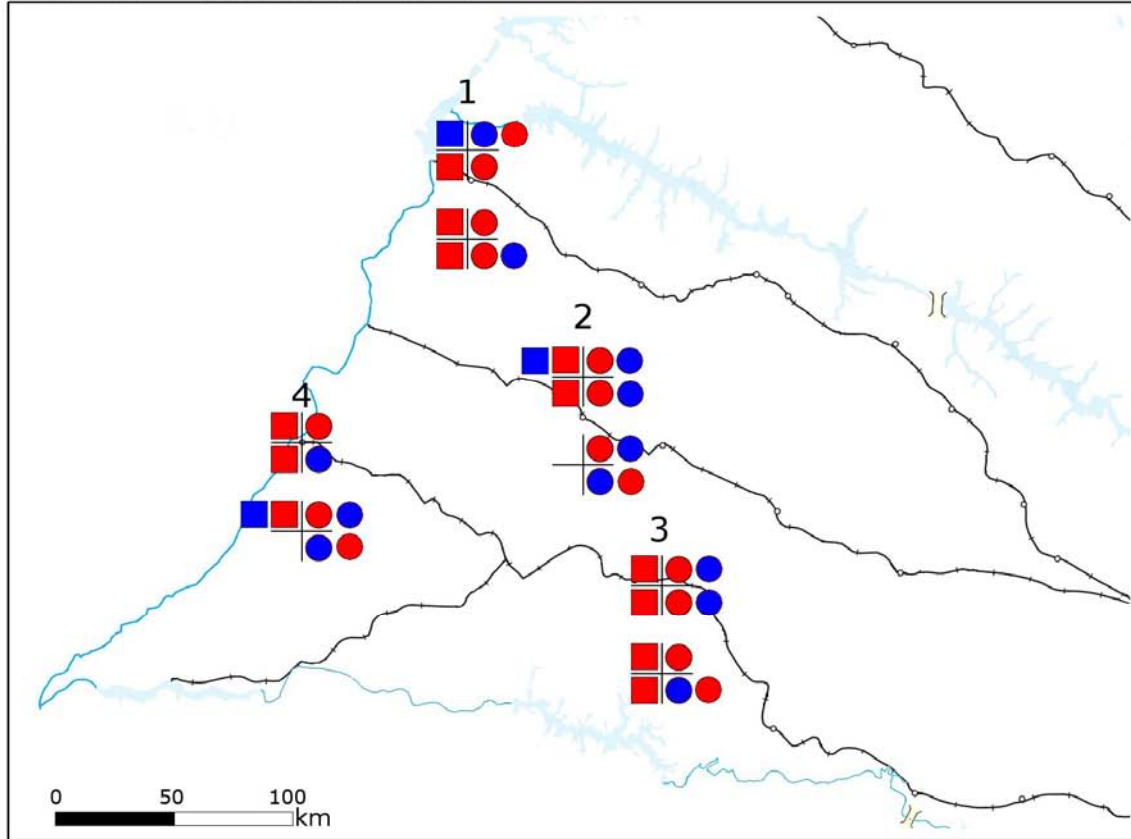
002-4 INF.- ... Se for aquela de pano, fala tiara, né. Tiara. INQ.- Ah, tá. E se não for de plástico...? INF.- Isso é o arquinho.

003-3 INF.- Aqui eis trata de arquin'.

003-8 INF.- Ah, o pessoal, as criança fala tiara. (...) Antigamente o pessoal chamava de arquinho.

- **Ocorrências Únicas:** 004-7 Tear; tearzinho.
- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 002-7

ALTOSP - CARTA 107 - TIARA



LEGENDA

■ Arco/ arquinho

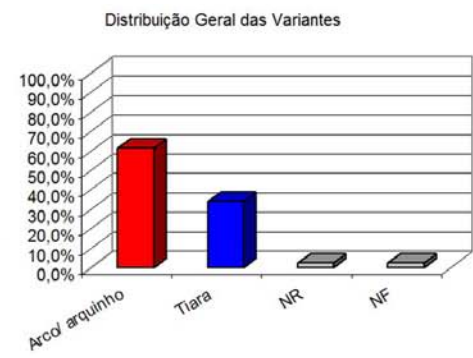
■ Tiara

CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 107

Como chama aqui o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?



ALTOSP – CARTA 108

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

003-4 INQ.- Qual você usa mais? INF.- Aqui pra nós é o farol e o semáforo que eles falam: “ah, o semáforo tá fechado.”

003-5 INQ.- Qual você usa falar mais? INF.- O semáforo.

003-8 INQ.- Quê que você acha mais comum aqui? INF.- Aqui, nós assim, habituamo falá de semáforo.

004-2 INQ.- Qual que é mais comum? INF.- Ah mais comum... a gente fala aqui semáforo.

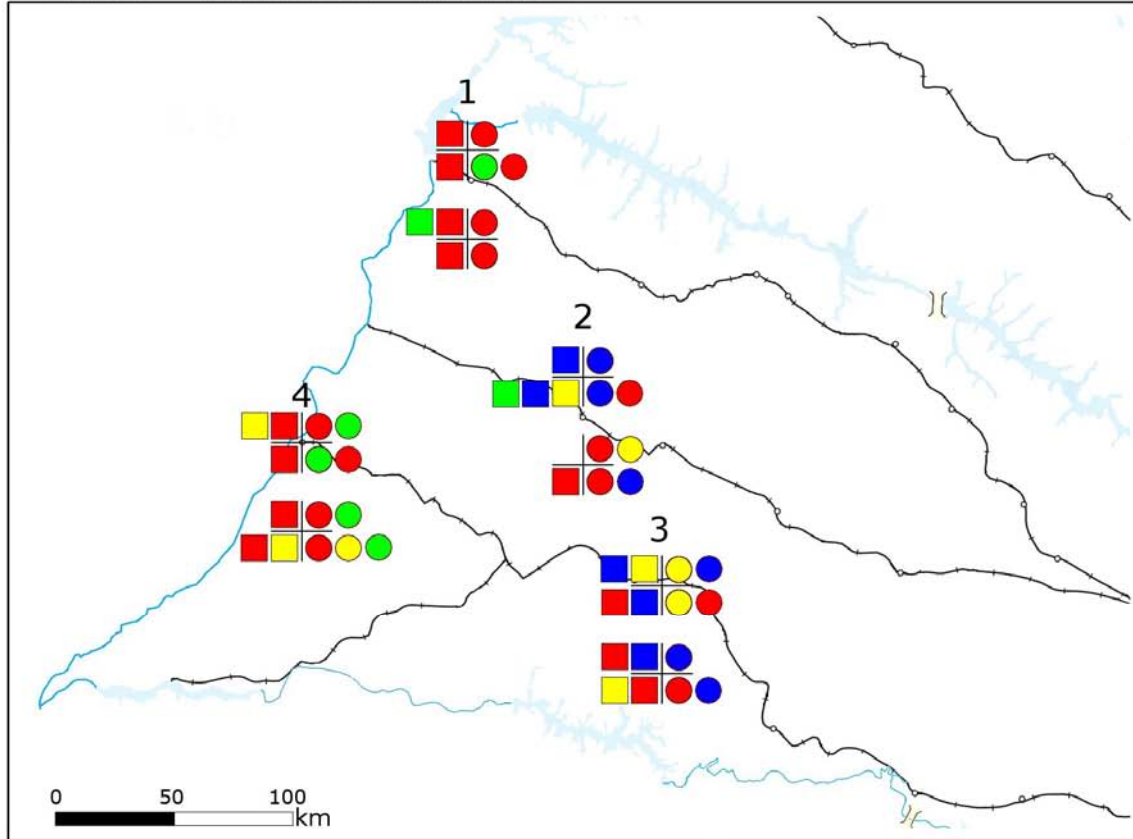
004-6 INQ.- Vocês usam os dois aqui? INF.- É.

004-7 INF.- (...) O nome correto é semáfuro. A gente chama popularmente de farol.

004-8 CIRC.- Sinal. INF.- Eh, sinal também.

- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 108 - SEMÁFORO

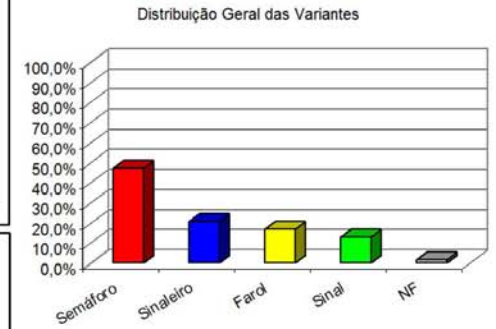


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 108

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?



ALTOSP – CARTA 109

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-3 INF.- Uns fala murundunzinho, uns fala quebra-mola.

001-7 INF.- Então, aqui eles fala muito tartaruga ou lombada, né, mas aqui é o mais comum é falá tartaruga.

002-3 INF.- Aqui nós chama de lombada, né, tartaruga. Nego fala: “Oh, um baiano deitado lá”.

002-4 INF.- Antigamente falava muito assim, tartaruga aquilo lá, né?

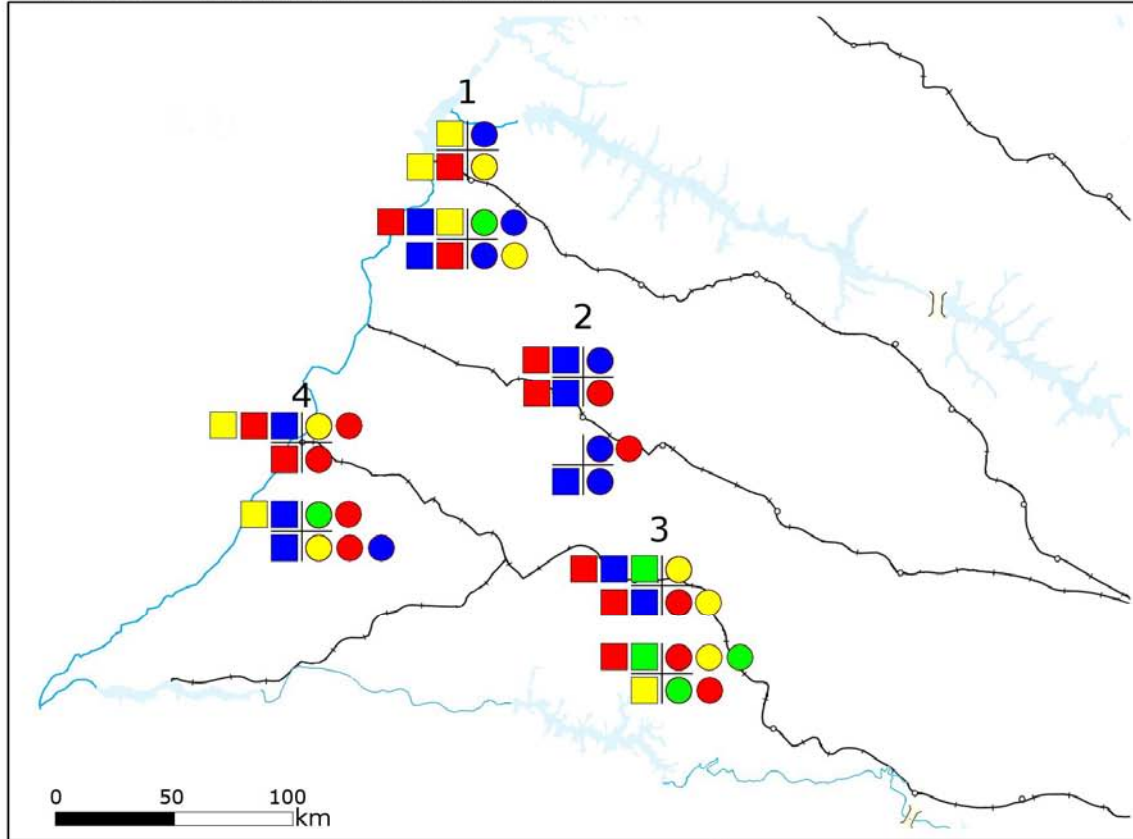
003-1 INQ.- É a mesma coisa? INF.- Aqui... pôis é tartaruga porque ela retarda, então o carro retardá vai andá devagar, pra frente, então chama de tartaruga. Lombada porque... é assim, um... tipo um... e o ‘bistáculo e um obstáculo mesmo (risos). Se ‘cê... ‘cê passá reto num vai sê mesma coisa. INQ.- E o que que você ouve falar mais assim? INF.- Mais aqui? INQ.- É. INF.- Ah, aqui o pessoal só chama obstáculo né. Num é nem lombada e tartaruga, obstáculo memo.

003-8 INF.- A gente fala obstáculo. Mas muito aqui o pessoal usa o termo tartaruga. Aqui é muito usado o termo tartaruga.

004-7 INF.- No nordeste tem uns que chama catombo. INQ.- Catombo? INF.- Catombo é um calombo assim, um calombo ou um catombo, é aquela saliência que a gente fala (risos). Lombada. Inclusive eu passei numa estrada lá no nordeste que tava a sinalização tava com outro nome que eu estranhei, num é nem lombada, diz uma lombada, né, no sinal de trânsito oficial era lombada. Lá tinha um nome estranho.

- **Ocorrências Únicas:** 001-3 Murundunzinho;; 002-2 Mata burro; 002-3 Baiano deitado; 002-8 Soldado; 004-7 Catombo
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 109 - LOMBADA

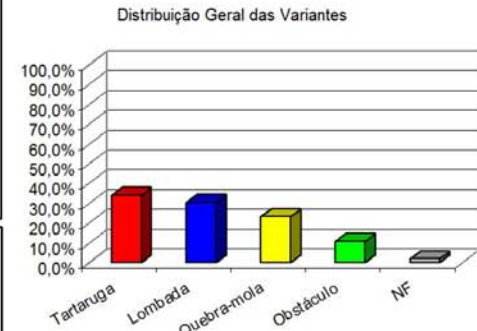


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+— Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 109

Como se chama aqui aqueles morrinhos atravessados no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?



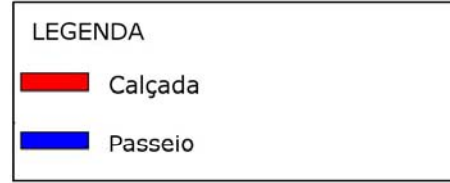
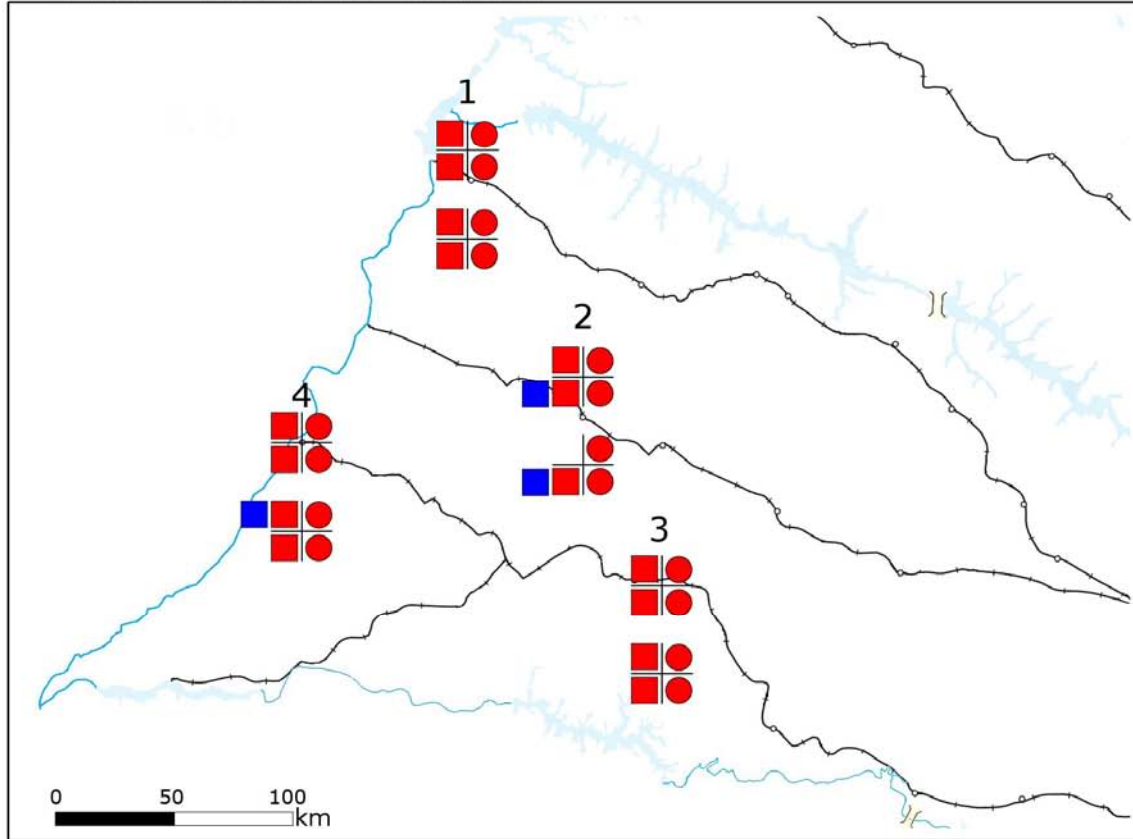
ALTOSP – CARTA 110

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

002-7 INQ.- Mas passeio fala aqui ou seus pais falavam? INF.- Às vezes fala assim hoje.

- **Ocorrências Únicas:** 001-8 Passarela
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 110 - CALÇADA

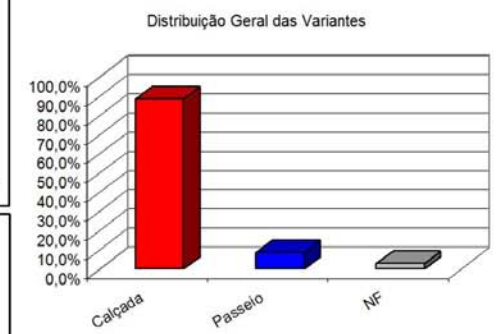


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 110

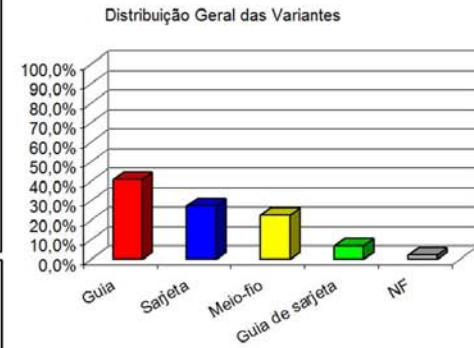
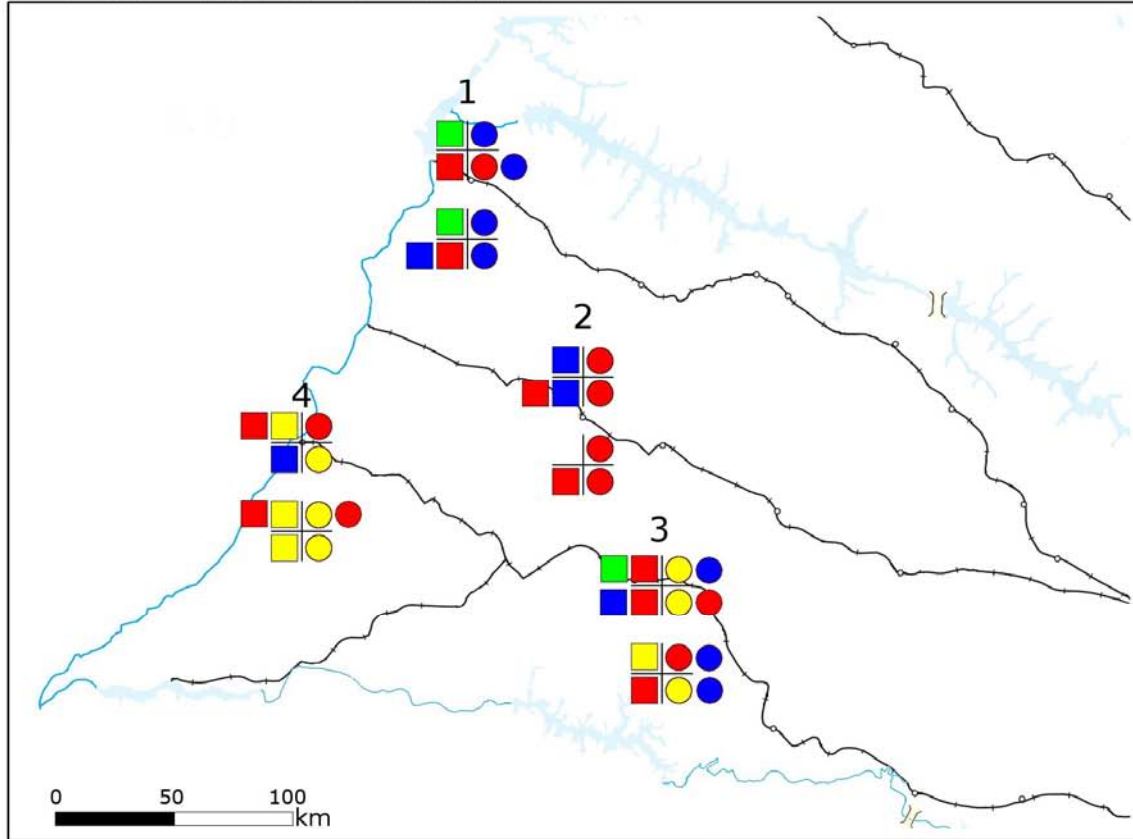
Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?



ALTOSP – CARTA 111

- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 111 - MEIO-FIO



CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 111

Como se chama aqui o que separa o (item 196) da rua?

ALTOSP – CARTA 112

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-7 INF.- Aqui usam falá muito balão ou rotatória. Balão era bem comum antigamente. Hoje usa-se mais rotatória.

002-3 INF.- Mais chama de rotatória, né, rotatória... “Você vai até na rotatória lá embaixo.” Aqui mais usado é a rotatória, né, tem a rotatória ali embaixo, “Então você vai até na rotatória”... é o mais usado. Já lá em Minas sabe com’ê que chama? O quejím. “Cê desce lá no quejo lá, cê vira...”

003-4 INQ.- Qual que vocês usam mais? INF.- Pra nós aqui a gente fala o trevo. “Ah vamo fazê o trevo aqui, óh”. INQ.- E vocês ouvem... INF.- Eu acho que a rotató... eu acho que o trevo é lá, rotatória eu num sei, né. Que eu num dirijo, né, mas acho que a rotatória deve sê (inint) velocidade, né, poquinho, né, espaço bem... INQ.- Pra você a diferença seria essa? INF.- Pra mim seria essa. Eu num dirijo, né. Então, acho eu. Mas eu sei que as duas tê quem fazê o... o contorno. ‘Cê tem o lugar certo pra você fazê. ‘Cê num pode fazê.. igual den’da cidade ‘cê tem os lugares pa fazê, ‘cê num pode fazê no meio da cidade.

003-8 INF.- Trevo, é, o pessoal aqui fala trevo. INQ.- Mesmo quando é dentro da cidade? INF.- É.

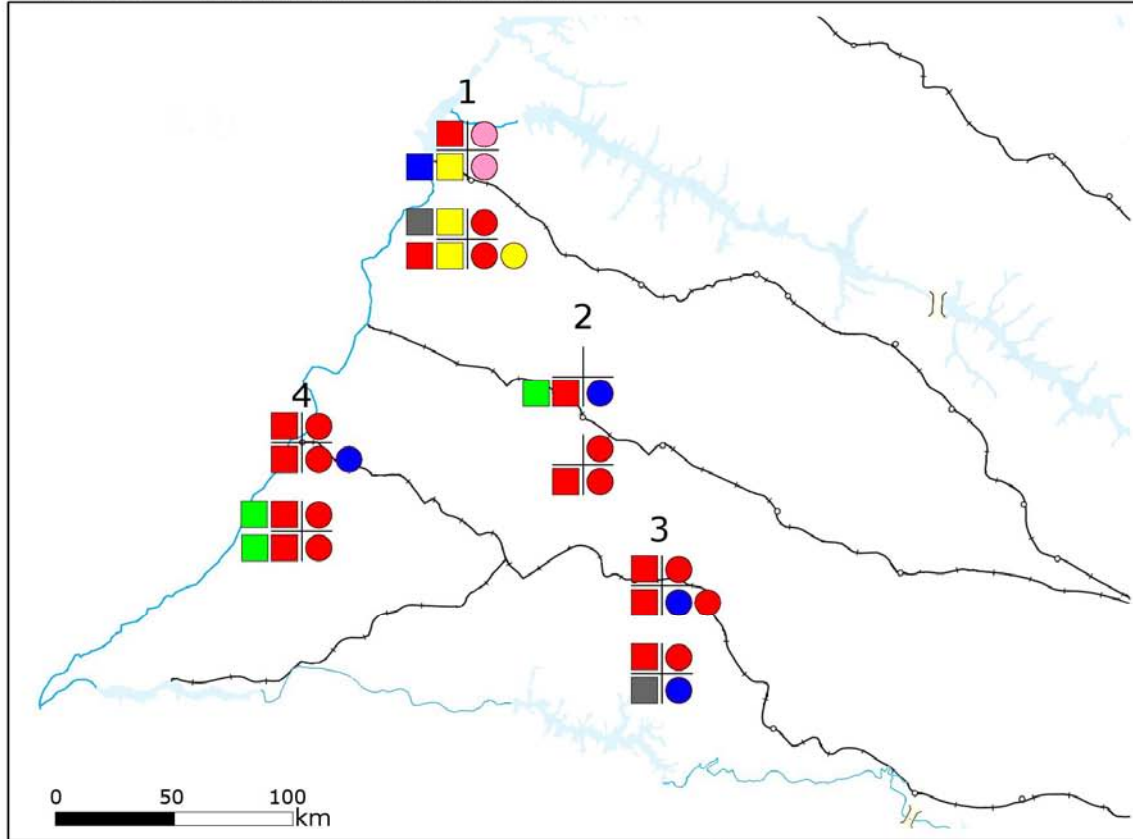
004-5 INF.- Lá em Minas é quejím. INQ.- (risos) INF.- É! Eu fui em Minas, aí... “Onde fica esse...?”, “Cê vai, tem... o quejím, se vê o quejím...”

004-7 INF.- Agora você sabe o nome daquilo lá em Belo Horizonte? Eu cheguei lá, tinha perdido na hora que o cara me falô, falô: quejím. Eu cheguei em Belo Horizonte e pedi informação da onde é que eu ia, num sei se tava procurando a igreja, Minerão, Minerim, aí o cara vem com essa daí: “Oh, o senhor passa o primero quejím, segundo quejím, no tercero quejím o senhor vira pra direita e depois tem outro quejím”, eu fiquei doido, aí eu num sabia, o cara falô desse jeito mesmo, fiquei mei’ perdido, fiquei com vergonha e num falei nada (inint.) mas que diacho de quejím é esse. Eu tive que perguntá: “Mas escuta, o quejím aqui pra virá o que que é?” “É a rotatória assim”, falei: meu Deus do céu, aí que eu vim sabê o que era quejím.

004-8 INF.- Aqui eles fa(=?falam), aqui mesmo tem o redondo. “Lá no redondo” (risos).

- **Ocorrências Únicas:** 001-2 Giratória; 002-1 Rotação; 004-8 Redondo
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 112 - ROTATÓRIA

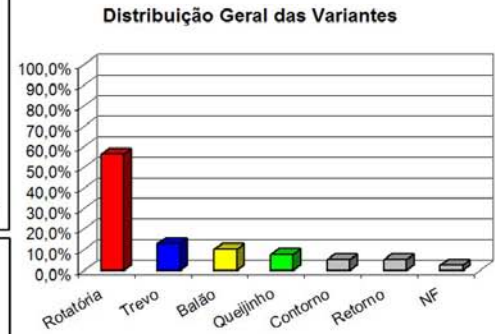


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 112

Como se chama aqui aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?



ALTOSP – CARTA 113

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-7 INQ.- Tem outro nome terreno? INF.- Aqui se falam lote também. Mas aqui lote é mais denominado pra... Então, a gente fala o lote, né, ou terreno, o mais comum é falá terreno. Lote normalmente quando é designado... uma pequena propriedade, um lote de terras. Mas na cidade mais é terreno.

001-8 INQ.- Já ouviu outro nome pra terreno? INF.- Lote, né. Costuma falar o terreno, preciso comprar um lote, coisas assim.

002-1 INQ.- É comum usarem aqui as duas coisas? INF.- Isso.

002-3 INQ.- Tem diferença? INF.- Um lote, um lote é um... o cara fala: “Tenho um lote”, né, tem uma medida que... Mais é um terreno e um lote. “Tem um lote lá na vila tal”, então é o lote ou o terreno. Uma área, tem uma área territorial de tantos metros, tal, mas o mais usado é o lote ou o terreno.

003-1 ((A propósito do QFF 002: INF.- Aqui eles chama terreno, lá é data.))

003-7 INQ.- Data, terreno, lo’ quando faz loteamento, lotes. INQ.- O que é mais comum aqui? INF.- Aqui é terreno.

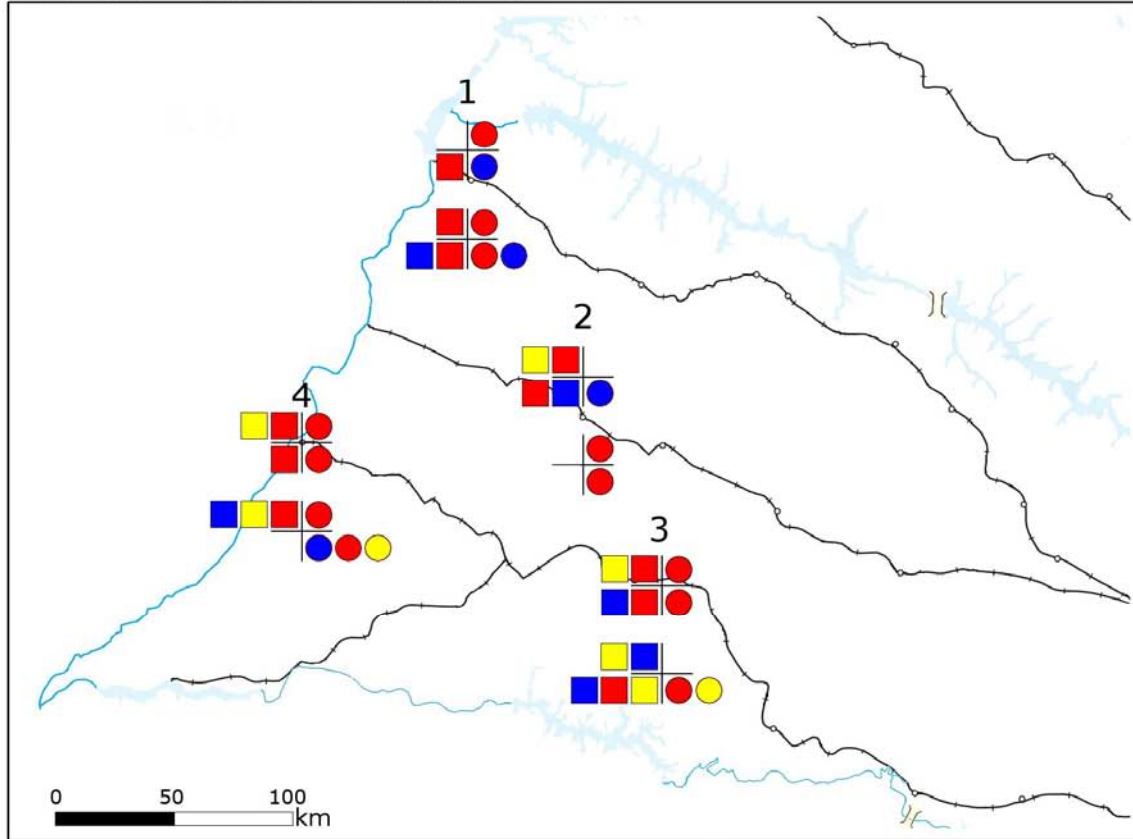
003-8 INF.- Aqui eles falam muito data. Né, “vô comprá uma data” a gente ouve aqui ainda.

004-1 INQ.- Você já ouviu outro nome pra terreno? INQ.- Ah terreno, data, essas coisa. INQ.- Fala data aqui? INF.- Fala.

004-5 INQ.- Vocês falam as três coisas? INF.- É. Antigamente fa... (=falava), usava muito data: “Ah, comprei uma data”.

- **Questão Não Formulada:** 002-5
- **Resposta não obtida:** 001-1; 002-2; 003-6 004-7

ALTOSP - CARTA 113 - TERRENO

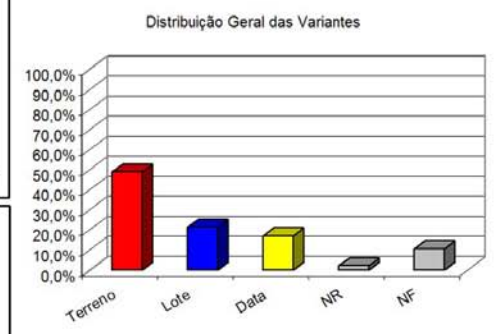


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	—+—+—+ Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 113

Como se chama aqui a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?



ALTOSP – CARTA 114

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

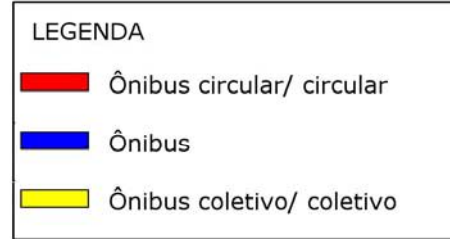
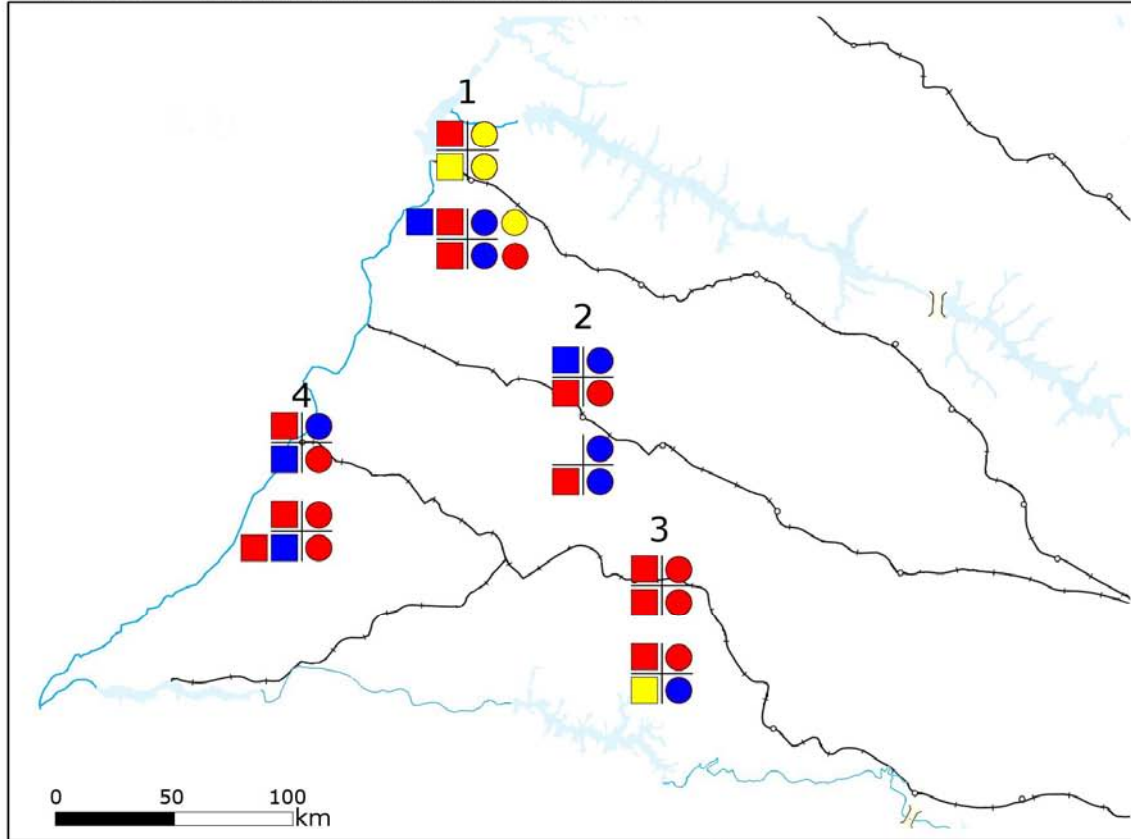
001-8 INF.- Aqui dentro costuma chamar circular, né. A gente chama eles de circular, né.

002-3 INF.- O mais usado é circular.

004-7 INF.- E no nordeste chama-se muito jardineira. INQ.- A jardineira é aberta do lado ou ela... INF.- Não. Antigamente era aberta, mas agora é tudo fechada, é ônibus, né. INQ.- Mas ainda chama de jardineira. INF.- Algum lugar chama ainda, mas é comum mais ônibus mesmo.

- **Ocorrências Únicas:** 002-3 Ônibus urbano; 004-7 Jardineira
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 114 - ÔNIBUS URBANO

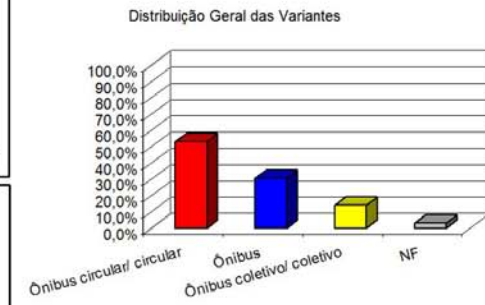


CONVENÇÕES:

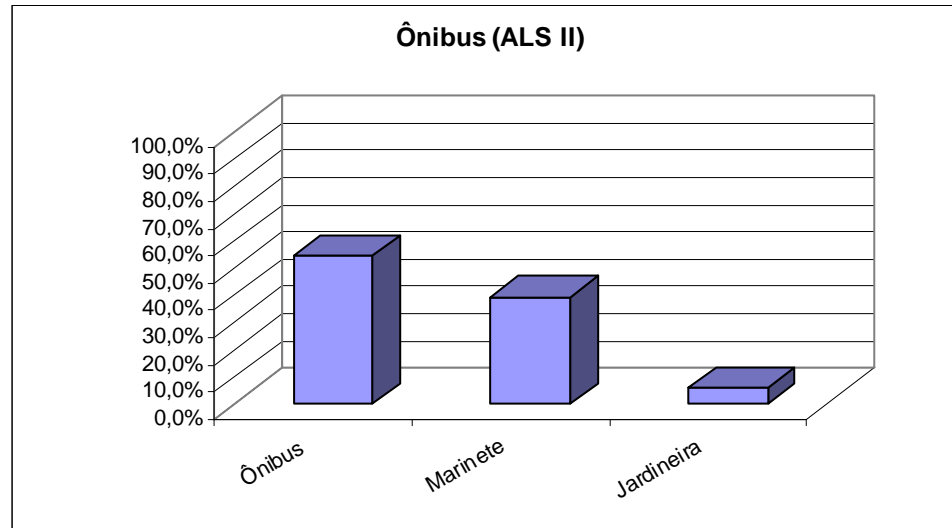
HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 114

Como se chama aqui a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?



ALTOSP – CARTA 115

Dados mapeados nos Atlas Linguísticos publicados na região Nordeste**Contexto frasal e comentários relevantes**

001-5 INQ.- E se for daqui pra São Paulo é circular também? INF.- Não, é ônibus. Pessoal fala: “ah, vô pegá o ônibus pra São Paulo, vô pra tal lugar”. Sempre se refere ao veículo, a condução como o ônibus.

001-8 Agora quando é pra levá pra uma cidade fora a gente costuma chamá é ônibus, né.

002-4 INF.- Aqui tamém se usa muito, é circular.

002-7 INF.- E quando vem, de onde você veio, de um estado pra outro, a gente fala intermunicipal.

003-4 O ônibus. É o circular é o mesmo ônibus só que assim, quando vai... “ah vamo pegá circu...” pra nós tamém aqui é circular porque a gente tem a Guerino Seiscentos, que vai aqui de Rancharia pra Prudente, pega a Guerino Seiscentos, a circular que vai pra lá agora. E dentro da cidade tamém é circular. INQ.- E o ônibus... INF.- O ônibus pra nós é quando vai (inint) é ônibus tamém, né, mais é... ai não sei se significa a mesma coisa, ônibus tamém leva trinta, quarenta pessoas que faz viagens, mais longa também, né? Que todos eles são ônibus, mas o que ‘ocê qué dizê... eu acho que circular é porque ta circulano den’da cidade, né? Aí quando pega a estrada a fora eu acho que deve sô o ônibus de viagem, de passageiro, né? Acho eu.

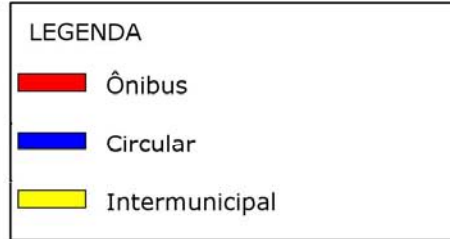
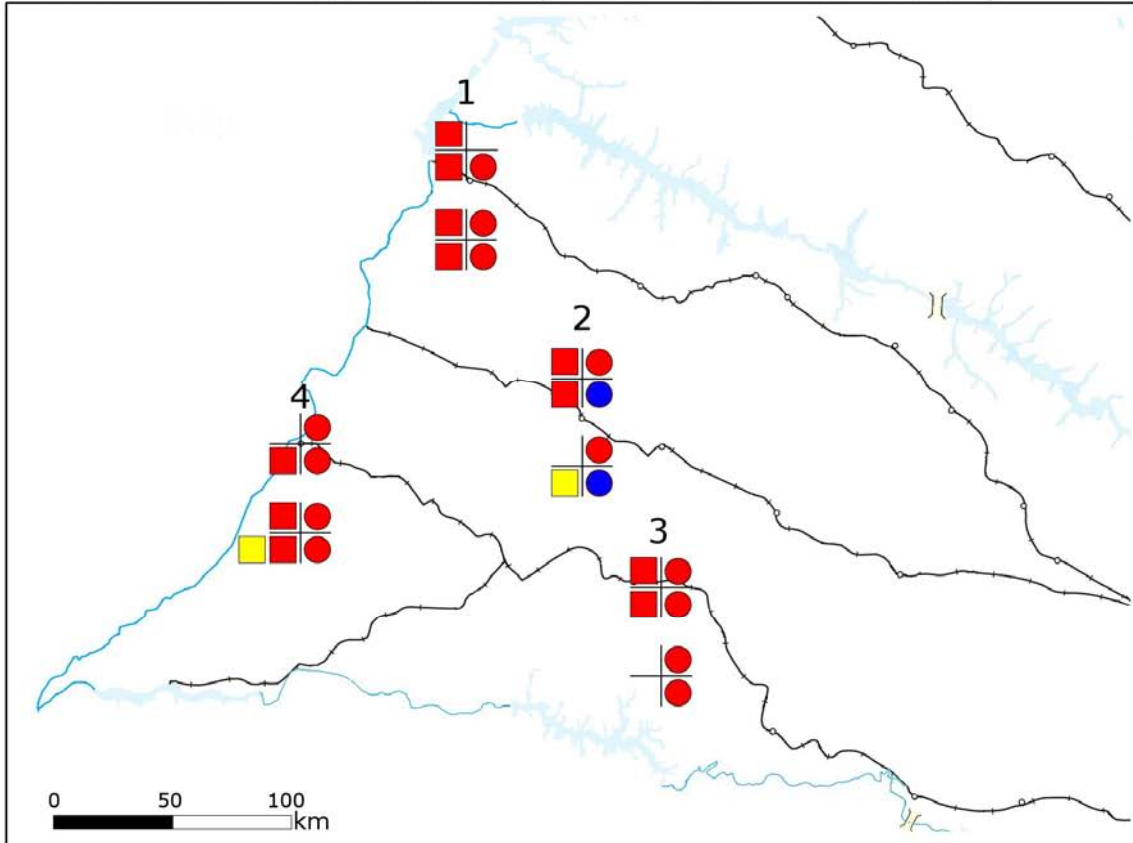
003-5 É, é... Não, é, o, o... ônibus metropolitano que é... que é fora da cidade né.

- **Ocorrências Únicas:** 001-2 Viação; 002-7 Suburbano; 003-5 Ônibus metropolitano; 003-7 Ônibus de linha; 004-1 Ônibus

rodoviário; 004-7 Interestadual.

- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 115 - ÔNIBUS (Coincidente com: ALS II-102)

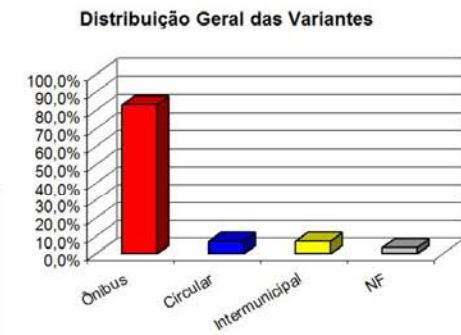


CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	+ + + Ferrovias
	Inf. 5 Inf. 6	
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 115

Como chama aqui a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?



ALTOSP – CARTA 116

CONTEXTO FRASAL E COMENTÁRIOS RELEVANTES:

001-2 INF.- Ah, cê tá ne um... butequim. INQ.- Tem outro nome? INF.- Ah, eles fala buteco, na venda, no bar, na quitanda, fala um mon'de coisa.

001-3 INQ.- E se tiver alguma coisinha pra vender lá? INF.- Chama bar ou empório.

001-5 INF.- Bar, boteco. INQ.- Já ouviu outro nome? INF.- (inint) em asa. Pessoal aqui tinha, hoje não tem mais. Empório. INQ.- Tem diferença? INF.- Empório, vamo supô é um mercado...é um minimercado, né, assim, que você faz de tudo. INQ.- Mas dá pra beber pinga? INF.- Também.

001-6 INQ.- E se ele tem alguma coisinha pra vender, lá pra comer, tem outro nome? INF.- Lanchonete?

001-7 INF.- Aqui fala boteco ou bar, mas quando é um local muito piqueno eles demonima boteco.

001-8 INQ.- Tem outro nome? INF.- As vezes lanchonete, né, mas é mais comum o bar e boteco mesmo. Botequim, umas coisa assim.

002-3 INF.- Se chama... buteco, bar, alguma conveniência, se tem... O mais usado aqui, vamo supor... um buteco, um estabelecimento. Fala: "Vô lá no bar, né, vô num buteco", o mais usado, né.

002-7 INF.- Bar. Venda, antigamente eles falava,né, mercearia, butequim. Buteco, eu tive buteco, meu pai tinha buteco.

003-7 INQ.- E às vezes você pode comprar alguma coisa... INQ.- Bar, lanchonete.

003-8 INF.- Aqui eles falam boteco. INQ.- Tem outro nome? INF.- Geralmente é boteco memo ou um barzinho, né. Eh, eles têm muito aqui assim, por exemplo, "ah, tem um barzinho da dona Chiquinha lá" é assim.

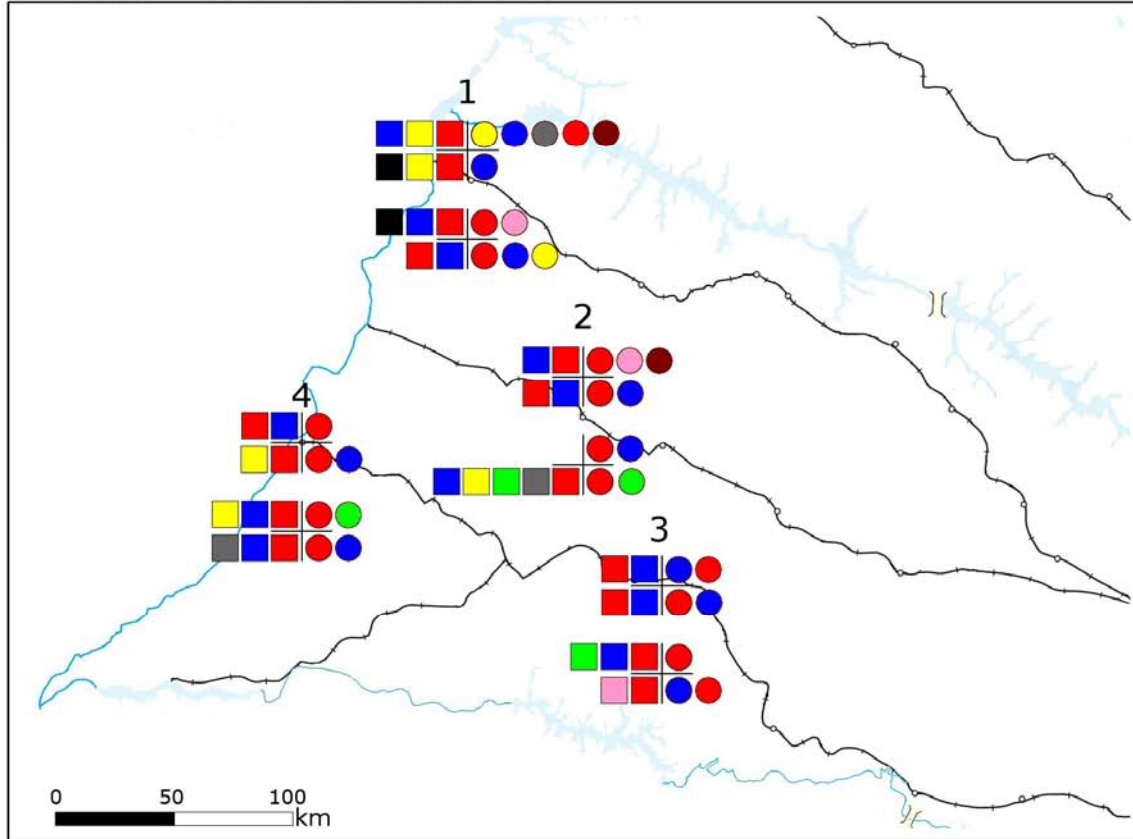
004-2 INF.- O bar? (risos) INQ.- Tem algum outro nome? INF.- Não. Meu pai falava que lá na terra dele chamava bodega, né. Bar? "Ah vô lá na bodega. Tomá uma pinga." (risos)

004-6 INQ.- Tem alguma coisa pra vender além de bebida? INF.- Mercearia. INQ.- Pode falar as duas coisas, tanto bar quanto mercearia?

004-7 INF.- Bar, bar, otros chamam de buteco, boteco, otros chama de venda, venda, assim por diante. No nordeste tem outro nome eh... lá é bodega, bodega é o lugar onde vende essas coisa assim. INQ.- E os homens vão também beber? INF.- Não, frequentam.

- **Ocorrências Únicas:** 001-1 Último gole; 001-3 Boate; 002-4 Balcão; 004-2 Bodega
- **Questão Não Formulada:** 002-5

ALTOSP - CARTA 116 - BAR/ BOTECO



0 50 100 km



CONVENÇÕES:

HOMEM: □	Inf. 1 Inf. 2	— Hidrovias
MULHER: ○	Inf. 3 Inf. 4	
	Inf. 5 Inf. 6	+ + + Ferrovias
	Inf. 7 Inf. 8	

QSL 116

Como chama aqui um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber (item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

